

'QUESTÃO JUDAICA' – Socialistas.

Leroux, Fourier, Blanc, Blanqui, Proudhon.

Pierre Leroux, precursor do anti-semitismo moderno.

Charles Fourier pretendia condenar Judeus a trabalhos forçados. Era um anti-semita, que pretendia condenar o povo Judaico a um regime de trabalhos forçados. Ou seja, a Utopia estava aberta a todos, menos aos Judeus, que apreciariam um regime de trabalhos forçados.

Louis Blanc.

Auguste Blanqui, “sufrágio universal é a vitória dos judeus”. Blanqui identificava os judeus com a burguesia, que queria derrubar violentamente. A 2 de Dezembro de 1851: «*O sufrágio universal é o entronamento definitivo dos Judeus*» [«*Le suffrage universel est une chose jugée (...) C'est l'intronisation définitive des Rothschild, l'avènement des Juifs*»]

Proudhon, o Judeu é um fraudulento parasítico e fabricante. «*est un entremetteur, toujours frauduleux et parasite, qui opère, en affaires, comme en philosophie, par la fabrication, le maquignonnage*».

Bakunin – “Povo de sanguessugas, parasita voraz, a parasítica nação judaica”.

“...an exploiting sect, a people of leeches, a voracious parasite”. [«*tout ce monde juif, formant une secte exploitante, un peuple sangsue, un unique parasite dévorant*»]

“...intelligent, scheming, agile, speculating Jews”.

Drumont funda a Liga Antisemita da França.

Édouard Adolphe Drumont, jornalista e socialista francês, nacionalista.

Publica La France Juive (1886), um bestseller onde exige a segregação dos judeus. Em 1886, publica o livro La France Juive (Jewish France), onde ataca o papel dos Judeus em França e argumenta pela sua exclusão da sociedade. O livro foi bem acolhido e vendeu 100.000 cópias no seu primeiro ano de publicação.

Funda a Antisemitic League of France em 1889.

Em 1892, foi também fundador e editor do La Libre Parole, jornal anti-judaico.

Proto-fascistas tornam-se anti-semitas.

Em França, a Action Française, proto-fascista, assume anti-semitismo.

Wilhelm Marr funda a Liga de Antisemitas na Alemanha.

Wilhelm Marr, socialista alemão e publicista.

“The Way to Victory of Germanicism over Judaism” (1879). Em 1879, populariza o termo “antisemitismo”, quando publica o seu panfleto “*Der Weg zum Siege des Germanenthums über das Judenthum*” (The Way to Victory of Germanicism over Judaism, 1879). Neste panfleto, introduziu a ideia de que Alemães e Judeus estavam embrenhados num conflito fundamental, originado por motivos raciais; e que os Judeus estavam a ganhar, tendo chegado ao ponto de controlar a finança e indústria da Alemanha. De acordo com Marr, a luta entre Judeus e Alemães só seria resolvida com a vitória de uma raça sobre a outra, numa luta racial até à morte. Uma vitória Judaica resultaria no fim do povo alemão (*finis Germaniae*).

Alemães e Judeus embrenhados em conflito racial até à morte.

Judeus estavam a ganhar a luta, que iria, portanto, aniquilar povo Alemão.

Marr funda a Liga de Antisemitas em 1879. Também em 1879, a 19 de Outubro, Marr funda a League of Antisemites (Antisemiten-Liga), a primeira organização alemã devotada especificamente a combater o povo Judeu.

Liga advoga expulsão forçada dos Judeus alemães.

Marr pede desculpas por danos feitos, censura antisemitismo pan-germânico. Pelo fim da vida, Marr renunciou ao seu anti-semitismo e e pediu desculpa pelos danos feitos. Queixou-se que o moderno anti-Semitismo estava a tornar-se fundido com o misticismo e o nacionalismo Germânico das guildas.

Von Treitschke, socialista bismarckiano.

Judeus, um grupo hostil não-assimilado, burgueses. Um outro socialista alemão, Heinrich Gotthard von Treitschke, um Bismarckiano, torna-se um crítico dos judeus, por apontar que eram um grupo hostil não-assimilado, que monopolizava a secção burguesa da sociedade.

Von Treitschke também antipatizava com os eslavos. De resto, von Treitschke também defendia uma “luta racial impiedosa” contra os Eslavos, como os Lituanos e os Polacos.

De resto, tudo isto servia para justificar a política imperial germânica.

'QUESTÃO JUDAICA' – Visão socialista habitual – estereótipos [Brenner].

Judeus russos eram sujos, cobardes, antiquados, alienados.

[*não usar citações*]

«The Jewish **burzhui** were notorious for their cowardice, always afraid that if they defended themselves they would get in trouble with the authorities and, perhaps, lose their property... Although the Jews suffered the worst oppression of the Tsar's European subjects and conversely had the most to gain from a complete revolutionary victory, the Jewish capitalists and petty bourgeoisie – Orthodox, liberal assimilationist and Zionist – were the most timid national grouping of their class throughout the entire struggle against the Tsar. They had no interest whatsoever in changing society except for the restrictions against themselves as Jews... Unlike the peasantry, most Jews could read, but not Russian or Byelorussian, which had no literature in any case. Weizmann knew only a few Russian words until he was 11 years old. They spoke Yiddish, and almost all men could at least decipher the Hebrew alphabet. The more prosperous, i.e. those whose fathers could afford to keep them in the chaders or religious schools until their teens, could make themselves understood in Hebrew... Thus, still only speaking, even after centuries, their unique immigrant tongue; economically sharply differentiated from the peasants; dressed in outlandish costume; theologically totally distinct from their neighbours, the Jews were truly a caste apart. Years later, Jabotinsky summed them up as "fanatics ... 'We are chosen ... disregarding ... the world outside, 'Pooh! to everything new'." ... Piety had taken on monster proportions and thousands competed in zeal: "Who studies Talmud 100 times is not to be compared to he who studies Talmud 101 times." The penalty was drastic: uncontrolled orality leads to personal dishevelment, and the old Jewish slums were notoriously filthy: "Two Jews and one cheese make three smells" was an old Polish proverb. Karl Marx was only being matter-of-fact when he remarked that "The Jews of Poland are the smeariest of all races." The early Jewish labour movement had to instill a desire for cleanliness into their members and insist that they clean and paint their homes and give their children clean clothing. Jabotinsky himself later referred to "the grime of the ghetto". The Yiddish language was stunted and alienated from life, lacking many ordinary farming and industrial terms... The Bible, Hebrew, eternal covenants between God and his people – these were the ideological commonplaces of life. Every Passover and Day of Atonement the Jewish world ritually exclaimed "**leshono hobo Birusholaim**" ("next year in Jerusalem"). In the midst of universal Bible-bashing and Jerusalem shouting, Zionism won adherents for the same reason other Messianic movements had previously arisen in Jewish life in the wake of persecution, it worked on what most Jews automatically accepted, in accord with the universal formula later laid down by Freud: it derived from the religious baggage of the Jewish male's super-ego. Zionism was the utopian exponential of a beleaguered caste of chrematistic religious fanatics... this most

humiliated of chosen peoples... Many, but an ever-shrinking number, continued to fill the synagogues without questioning the faith»

Lenni Brenner (1984). "The Iron Wall: Zionist Revisionism from Jabotinsky to Shamir. London: Zed Books.

“Juventude judaica começa a tornar-se revolucionária”.

[*não usar citações*]

«New ideas were abroad in Russian Jewry. Most were still followers of the traditional religion... but many of the better educated, particularly the youth, no longer accepted the rabbis as the final word... Marxism had originally been an affair of Russian language speakers, but the Jewish youth were the first of the oppressed nationalities to adopt it»

Lenni Brenner (1984). "The Iron Wall: Zionist Revisionism from Jabotinsky to Shamir. London: Zed Books.

A atmosfera revolucionária do século XIX.

A atmosfera revolucionária do século XIX. O século XIX tem um ambiente dominado por ideias revolucionárias, frequentemente combinadas com tendências totalitárias.

OBJECTIVOS – O que fazer.

→ Destruir a “ordem burguesa”. Destruição do sistema governamental e social existente.

MEIOS – Como o fazer.

→ “Os fins justificam os meios”.

Intriga, chantagem, coerção, crime. Estes são os conceitos da Revolução Jacobina de 1791. No curso desta luta, intriga, chantagem, coerção e crime podem ser usados e justificados pela necessidade de trabalhar *«for the good of the common cause»*.

Violência e terrorismo. É neste contexto que surgem ideias de violência e terrorismo como formas de destruir a velha ordem.

Revolução violenta e sangrenta.

“Direito ao crime”, destruição como “paixão criativa”. Ideias Napoleónicas e Cesarianas do “direito ao crime”. Bakunin proclama a destruição como sendo uma *«creative passion»*.

→ Ditadura “transicional” – Vanguarda – Destruição. Tirania, ditadura provisória para assegurar liberdade e democracia. Vanguarda que sabe o que é melhor para o povo e vai libertá-lo. Destruição de tudo o que estava estabelecido, ou seja, fazer tábua rasa de culturas inteiras.

FINS – O que obter.

→ Igualdade e felicidade. Igualdade e felicidade resultariam da violência e da tomada de poder. Essa é uma ideia dominante nesta fase.

→ Harmonia social, justiça, liberdade pessoal, amor e respeito mútuos. Melhoramento da condição humana, estabelecimento de uma sociedade ideal harmoniosa baseada em justiça, liberdade pessoal e amor e respeito mútuos.

→ Progresso e fraternidade universal. Esperanças utópicas pela emergência de uma fraternidade universal humana. Ideais apaixonados pela “irmandade universal do homem”, e “progresso universal”.

→ Paraíso terreno.

A atmosfera revolucionária do século XIX (2) – Programa real.

Propósito real, a pura e simples tomada de poder. É claro que são usadas como pretextos pragmáticos para capturar o poder por todos os meios possíveis e estabelecer regimes tirânicos. Expressam a luta impiedosa por poder e dominação por uma pequena e autoproclamada elite.

Legiões de provocadores e revolucionários profissionais. Que sabiam manipular e recrutar novos membros.

Recrutamento de jovens idealísticos e românticos. Para alcançar esse objectivo, os líderes revolucionários precisavam de pessoas, “homens comuns” e frequentemente recrutavam jovens idealísticos e românticos, explorando os seus ideais apaixonados pela “irmandade universal do homem”, e “progresso universal”. Apenas uns poucos destes jovens perceberam que estavam a ser enganados e que as palavras agradáveis usadas para os atrair serviam como uma capa para tirania e violência.

Adam Curtis – Cibernética, atomização, coerção – “Redes auto-organizadas”.

“Redes auto-organizadas” – Cibernética e atomização [Adam Curtis].

A ideia da “rede auto-organizada”, uma ideologia poderosa no nosso tempo.

Organização humana sem hierarquia, líderes, controlo.

Através de feedback entre todos, surge uma forma de ordem.

«...a very powerful ideology of our time. It is the idea of the "self-organising network". It says that human beings can organise themselves into systems where they are linked, but where there is no hierarchy, no leaders and no control... all the individuals in the self-organising network can do whatever they want as creative, autonomous, self-expressive entities, yet somehow, through feedback between all the individuals in the system, a kind of order emerges. At its heart it says that you can organise human beings without the exercise of power by leaders...»

No final dos anos 70, surgem ideias sobre conectividade universal.

Ideias cibernéticas sobre humanos independentes ligados em rede, sob feedback.

De Gaia até à world wide web.

Actores disto acreditam que o seu dever não é controlar, mas sim manter equilíbrio.

«...cybernetic ideas drawn from computer theory, and out of this came a vision of strong, independent humans linked, just like in nature, in a network that was held together through feedback... In the late 70s an idea rose up that we – and everything else on the planet – are connected together in complex webs and networks. Out of it came epic visions of connectivity such as the Gaia theory and utopian ideas about the world wide web. And human beings believed that their duty was not to try to control the system, but to help it maintain its natural self-organising balance»

O sistema auto-organizado não consegue lidar com poder.

Vê os humanos como todos ligados em sistema – mas exige atomização.

Alianças e coligações “comprometem autonomia individual”, desestabilizam sistema.

Logo, cada pessoa é um mero nódulo na rede.

«...the self-organising system... cannot deal with power. Although it sees human beings all linked together in a system, its fundamental rule is that they must remain separate individuals. Alliances and coalitions would compromise the precious autonomy of the

individual, and destabilise the system» [“How the 'ecosystem' myth has been used for sinister means”. Adam Curtis. The Observer, May 29, 2011]

“Redes auto-organizadas” – Ecossistemas, Holismo, Britannia [Adam Curtis].

Algumas das ideias surgem de pensamento anarquista.

Mas a ideia também assenta numa estranha e fantasiosa visão da natureza.

Esta visão emerge no Império Britânico dos 20s e 30s.

«Of course some of the ideas come out of anarchist thought. But the idea is also deeply rooted in a strange fantasy vision of nature that emerged in the 1920s and 30s as the British Empire began to decline. It was a vision of nature and – ultimately – the whole world as a giant system that could stabilise itself. And it rose up to grip the imagination of those in power – and is still central in our culture.

A teoria dos ecossistemas de Tansley.

Ao mundo complexo, subjazem sistemas interconectados de energia em fluxo.

Estes sistemas são “ecossistemas” – do micro ao macro, e tendem para equilíbrio.

“A grande lei universal do equilíbrio” – tudo tende para equilíbrio [Síntese total].

«[Tansley argued] that underneath the bewildering complexity of the natural world were interconnected systems around which energy also flowed. He coined a name for them. He called them ecosystems. But Tansley went further. He said that the world was composed at every level of systems, and what's more, all these systems had a natural desire to stabilise themselves. He grandly called it "the great universal law of equilibrium". Everything, he wrote, from the human mind to nature to even human societies – all are tending towards a natural state of equilibrium. Tansley admitted he had no real evidence for this. And what he was really doing was taking an engineering concept of systems and networks and projecting it on to the natural world, turning nature into a machine. But the idea, and the term "ecosystem", stuck»

Holismo, a filosofia de Smuts.

Mundo composto de “todos” [“wholes”], do micro ao macro.

Estabilidade encontrada em pleno ajustamento dos “todos”.

Modelo politicizado, ajustado ao Império Britânico – justifica apartheid.

Sistemismo, manipulável, para impor visões políticas do “mundo em equilíbrio”.

«But then Field Marshal Smuts came up with an even grander idea of nature... This culminated in 1926 when Smuts created his own philosophy. He called it Holism. It said

that the world was composed of lots of "wholes" – the small wholes all evolving and fitting together into larger wholes until they all came together into one big whole – a giant natural system that would find its own stability if all the wholes were in the right places... it was clear that the global self-regulating system that Smuts described looked exactly like the empire... at the same time Smuts made a notorious speech saying that blacks should be segregated from whites in South Africa. The implication was clear: that blacks should stay in their natural "whole" and not disturb the system. It clearly prefigured the arguments for apartheid. And this was the central problem with the concept of the self-regulating system, one that was going to haunt it throughout the 20th century. It can be easily manipulated by those in power to enforce their view of the world, and then be used to justify holding that power stable» [“How the 'ecosystem' myth has been used for sinister means”. Adam Curtis. The Observer, May 29, 2011]

“Redes auto-organizadas” – Comunas hippies, coerção e bullying [Adam Curtis].

Movimento das comunas inspira-se em Tansley.

Também em ideias cibernéticas sobre humanos independentes ligados em rede.

As comunas tornam-se rapidamente em espaços de bullying, sob lei do mais forte.

Coerção, intimidação violenta, opressão sexual, atomização.

Proibição de coligações ou alianças.

Auto-organização não consegue lidar com **poder**.

«Thirty years later, thousands of young Americans who were disenchanted with politics went off instead to set up their own experimental communities – the commune movement. And they turned to Arthur Tansley's idea of the ecosystem as a model for how to create a human system of order within the communes. But they also fused it with cybernetic ideas drawn from computer theory, and out of this came a vision of strong, independent humans linked, just like in nature, in a network that was held together through feedback. The commune dwellers mimicked the ecosystem idea in their house meetings where they all had to say exactly what was on their minds at that moment – so information flowed freely round the system. And through that the communes were supposed to stabilise themselves. But they didn't. In many communes across America in the late 1960s house meetings became vicious bullying sessions where the strong preyed mercilessly on the weak, and nobody was allowed to voice any objections. The rules of the self-organising system said that no coalitions or alliances were allowed because that was politics – and politics was bad. If you talk today to ex-commune members they tell horrific stories of coercion, violent intimidation and sexual oppression within these utopian communities, while the other commune members stood mutely watching, unable under the rules of the system to do anything to stop it. Again, the central weakness of the self-organising system was dramatically demonstrated. Whether it was used for

conservative or radical ends, it could not cope with power, which is one of the central dynamic forces in human society» [“How the 'ecosystem' myth has been used for sinister means”. Adam Curtis. The Observer, May 29, 2011]

“Redes auto-organizadas” – Biosfera 2 [Adam Curtis].

Experiência com Biosfera 2 resulta em caos, destruição e poder às formigas.

«At the end of 1991 a giant experiment began in the Arizona desert. Its aim was to create from scratch a model for a whole self-organising world. Biosphere 2 was a giant sealed world. Eight humans were locked in with a mass of flora and other fauna, and a balanced ecosystem was supposed to naturally emerge. But from the start it was completely unbalanced. The CO2 levels started soaring, so the experimenters desperately planted more green plants, but the CO2 continued to rise, then dissolved in the "ocean" and ate their precious coral reef. Millions of tiny mites attacked the vegetables and there was less and less food to eat. The men lost 18% of their body weight. Then millions of cockroaches took over. The moment the lights were turned out in the kitchen, hordes of roaches covered every surface. And it got worse – the oxygen in the world started to disappear and no one knew where it was going. The "bionauts" began to suffocate. And they began to hate one another – furious rows erupted that often ended with them spitting in one another's faces. A psychiatrist was brought in to see if they had gone insane, but concluded simply that it was a struggle for power. Then millions of ants appeared from nowhere and waged war on the cockroaches. In 1993 the experiment collapsed in chaos and hatred... At the end of Biosphere 2 the ants destroyed the cockroaches. They then proceeded to eat through the silicone seal that enclosed the world. Through collective action the ants worked together and effectively destroyed the existing system. They then marched off into the Arizona desert. Who knows what they got up to there» [“How the 'ecosystem' myth has been used for sinister means”. Adam Curtis. The Observer, May 29, 2011]

AMERICAN FABIAN SOCIETY – E organizações derivadas.

AFS, 1895 – “American Fabian”. Em 1895, a American Fabian Society é estabelecida, e publica um jornal chamado “American Fabian”.

Rand – ASS – ISS – LID. Algumas das organizações que surgiram deste complexo foram a Rand School of Social Science, a American Socialist Society, a Intercollegiate Socialist Society, e a League for Industrial Democracy.

American Socialist Society substitui AFS. Em 1901, a American Socialist Society é formada para substituir a American Fabian Society, que tinha cessado de publicar o seu jornal, *The American Fabian*, no ano anterior. A American Socialist Society era composta primariamente de académicos.

Rand School of Social Science. Em 1906, este grupo organiza uma escola chamada Rand School of Social Science.

Assimilação e perseguições étnicas – Notas.

Assimilação – Babilónia, Assíria – “People I Know”.

Babilónia, Assíria. Isto é o género de conversa que se poderia esperar ouvir dos cortesãos babilónicos, no Antigo Testamento.

“People I Know”. Um filme interessante para ver, o “world upside down”.

Perseguição a Judeus também se torna norma na URSS.

A perseguição e limpeza étnica de Judeus tornou-se uma norma no Império Soviético.

Autoritários acusam capitalismo de classe média de ser imoral.

E a máfia diria que bairros livres são imorais.

Capitalismo de classe média traz prosperidade e é assente em acção moral. A produção incrível de riqueza e prosperidade per capita que é proporcionada pelo capitalismo de classe média é a consequência económica da presença de liberdade individual e política, na melhor tradição liberal clássica. E comportamento moral é o pré-requisito para liberdade económica e política.

Autoritarismo vendido como “moralmente superior” a capitalismo de classe média. A justificação moral para capitalismo não é ensinada nas escolas, nem defendida na cultura. Após décadas de doutrinação nonstop, foi mais ou menos universalmente aceite que sistemas genocidas como comunismo, socialismo e capitalismo de consórcio (e, por arrasto associativo, fascismo) são “moralmente superiores” a capitalismo de classe média, mais e melhor organizados (claro, são control freak systems) e até “socialmente justos”, apesar de terem levado à morte e à escravização de milhões, e à devastação da alma humana.

Se a máfia fizesse publicidade, acusaria bairros “sem protecção” de serem imorais. E é bastante formulaico certo? Se a máfia usasse publicidade institucional para assumir controlo sobre bairros, diria que os bairros “sem protecção” e “sem diversão” são sítios *imorais*. E, depois poderia instituir o seu reino de moralidade, com chantagem, extorsão, brutalidade, narcóticos, prostituição, raptos, homicídios.

AW SMALL (AFS, 1913) – Socialismo é “democracia”.

Enuncia doutrina de luta de classes. Em 1913, Small escreve um livro, *Between Eras, From Capitalism to Democracy*, onde enunciou a doutrina socialista da luta de classes.

Substituir livre iniciativa por “democracia” – Socialismo. Usava o termo “democracia” como um véu para as suas ideias socialistas.

Albion Woodbury Small (1913). “Between Eras, From Capitalism to Democracy”.

BABEUF – Comissário feudal – Comunismo autoritário.

François-Noël Babeuf era um comissário feudal. Até ao início da Revolução, Babeuf era um *commissaire à terrier*, um comissário feudal, que disciplinava os camponeses em nome dos senhores feudais da nobreza e do clero.

Faz observação espirituosa sobre hidra aristocrática. Mais tarde, após ser acusado de abandonar a aristocracia feudal, diria que «*the sun of the French Revolution*» o tinha feito ver a sua «*mother, the feudal system*» como uma «*hydra with a hundred heads*». Uma piada subtil, provavelmente.

Agita em prol de comunismo autoritário. Com o tempo, tornou-se um agitador violento em prol de comunismo autoritário.

É executado pelo Directório em 1797. Baboeuf, Darthes e outros são condenados à morte, e outros ao exílio.

BAKUNIN e NECHAEV [Buonarroti em fundo] – Sistema Jesuítico de Anéis, Círculos.

Bakunin critica socialismo autoritário – A criação do anel.

Bakunin critica Marxismo e conceito de ditadura do proletariado. Bakunin criticou “socialismo autoritário”, que associava com Marxismo, e alegava recusar o conceito de ditadura do proletariado. Para Bakunin, a contradição fundamental é a de que, para os Marxistas, «*They say that such a yoke – dictatorship is a transitional step towards achieving full freedom for the people: anarchism or freedom is the aim, while state and dictatorship is the means, and so, in order to free the masses of people, they have first to be enslaved!*» [Mikhail Bakunin (1873). Statism and Anarchy]

O objectivo final de anarquistas e marxistas é o mesmo – anarquismo. Tanto os anarquistas sociais como os marxistas partilham o mesmo objectivo final, o estabelecimento de uma sociedade “livre” e igualitária sem classes sociais e estado.

Mas entram neste jogo dialéctico relativamente ao método. Mas discordam entre o método para estabelecer este objectivo, e é aqui que entra mais um jogo dialéctico:

- Os anarquistas acreditam que isto é estabelecido pela acção directa das massas, culminando na revolução social, e recusam qualquer fase intermediária, tal como a ditadura do proletariado, na base de que tal ditadura se tornará auto-perpetuada.
- Os marxistas, claro, querem a ditadura do proletariado.

Bakunin queria criar o círculo, “da circunferência para o centro”, para usar a sua linguagem esotérica.

Mas o desenho organizacional favorito destes movimentos era o anel.

A formação do anel implica forças opostas actuates entre centro e circunferência.

Bakunin e a ditadura invisível.

A revolução é feita pelo povo, mas é coordenada por uma organização secreta. «*The Revolution must be made not for but by the people*» mas é claro que é «*coordinated by a secret organization which will rally not a few, but all, countries into a single plan of action*»... «*In order to prepare for this revolution it will be necessary to conspire and to organize a strong secret association coordinated by an international nucleus*»

Mikhail Bakunin (1866). National Catechism.

Uma ditadura invisível, sem nome, colectiva.

É tanto mais forte porque é invisível e não oficial. Na carta a Nechaev, Bakunin diz que a revolução popular tem de ser «*invisibly led, not by an official dictatorship, but by a nameless and collective one...always and everywhere acting in support of a common aim and in accordance with a common program... the collective dictatorship of our organization will be all the mightier, the more it remains invisible and unacknowledged, the more it remains without any official legality and significance*». Esta organização teria um comité executivo e exigiria a mais pura e estrita disciplina dos seus membros. É claro que teria de entrar em vários jogos de dissimulação e manipulação.

Mikhail Bakunin, Letter to Sergey Nechayev, June 2, 1870, Locarno.

[Original] «*We are bitter foes of all official power, even if it were ultrarevolutionary power. We are enemies of all publicly acknowledged dictatorship; we are social-revolutionary anarchists. But you will ask, if we were anarchists, by what right do we wish to and by what method can we influence the people? Rejecting any power, by what power or rather by what force shall we direct the people's revolution? An invisible force – recognized by no one, imposed by no one -- through which the collective dictatorship of our organization will be all the mightier, the more it remains invisible and unacknowledged, the more it remains without any official legality and significance*».
(Letter, p. 259.)

Mikhail Bakunin, Letter to Sergey Nechayev, June 2, 1870, Locarno.

Trabalharia de modo invisível nas massas. A organização servia para funcionar como «*a sort of general staff*», que trabalhasse «*invisibly on the masses*». Exerciria uma «*collective dictatorship...without any badge, without title, without official right, and the more powerful because it lacks the appearance of power*».

Irmandade Florentina, Irmandade Internacional, Aliança Internacional. Durante os 1860s, Bakunin funda uma série de organizações secretas, como a Irmandade Florentina (Florentine Brotherhood, 1864), a Irmandade Internacional (International Brotherhood, 1866), a International Alliance of Social Democracy (1868).

Publica os estatutos destas organizações em três documentos. *The International Family*, *o Revolutionary Catechism*, e *o National Catechism*.

Um órgão para assegurar unidade de ideias e de acção.

A associação secreta e universal dos Irmãos Internacionais.

Espalhar pelas massas ideias que derivam das massas, para despoletar revolução.

«*It is... necessary for the establishment of this revolutionary alliance and for the triumph of the Revolution over reaction that the unity of ideas and of revolutionary action find an organ in the midst of the popular anarchy which will be the life and the energy of the Revolution. This organ should be **the secret and universal association of the International Brothers**... All that a well-organized society can do is, first, to assist*

at the birth of a revolution by spreading among the masses ideas which give expression to their instincts... a sort of revolutionary general staff, composed of dedicated, energetic, intelligent individuals, sincere friends of the people above all, men neither vain nor ambitious, but capable of serving as intermediaries between the revolutionary idea and the instincts of the people».

Mikhail Bakunin (1869). The Program of the International Brotherhood.

Bakunin escreve sobre o Jesuitismo de Nechayev.

Carta de Mikhail Bakunin a Nechaev, 2 de Junho de 1870, de Locarno. Nesta carta, agora famosa, Bakunin critica os métodos de Nechaev na Suíça, referindo-se às suas táticas ditatoriais e conspiratorias como “Jesuitismo” e “Maquiavelismo”. Porém, Bakunin trata Nechaev como o seu *«dear friend»* e assegura-o que não está zangado com ele.

Chantagem, subjugação, terrorismo psicológico.

Manipulação, mentiras, dividir para reinar.

Fascinação pelo sistema de Loyola e Maquiavel.

«You try to subdue them, frighten them, to tie them down by external controls which mostly prove to be inadequate, so that once they get into your hands they can never tear themselves free». (Letter, p. 243.)

«You, my dear friend – and this is a terrible mistake --have become fascinated by the system of Loyola and Machiavelli, the first of whom intended to enslave the whole of mankind, and the second to create a powerful state (whether monarchist or republican is of no importance, it would equally lead to the enslavement of the people). Having fallen in love with police and Jesuitical principles and methods, you intended to base on them your own organization, your secret collective power, so to say, the heart and soul of your whole society. You therefore treat your friends as you treat your enemies, with cunning and lies, try to divide them, even to foment quarrels, so that they should not be able to unite against your tutelage. You look for strength not in their unity but in their disunity and do not trust them at all. You try to collect damning facts or letters (which frequently you have read without having the right to do so, and which are even stolen), and try to entangle them in every way, so that they should be your slaves. At the same time you do it so clumsily, so awkwardly and carelessly, so rashly and inconsiderately, that all your deceits, perfidies, and cunning are exposed very quickly. You have fallen so much in love with Jesuit methods that you have forgotten everything else. You have even forgotten the aim which led you to them, the passionate desire for the people's liberation» (Letter, pp. 268-69.)

Mikhail Bakunin, Letter to Sergey Nechayev, June 2, 1870, Locarno.

Bakunin a Nechayev – “Os fins justificam os meios”.

Necessidade de violência, astúcia, dissimulação.

Forçar sociedades similares a serem assimiladas ou subordinadas.

Remoção de pessoas danosas “à causa”.

Métodos jesuíticos e enredamento são necessários para desmoralizar e destruir inimigo.

Mentiras, violência, astúcia, enredamento contra inimigos.

«The whole society constitutes one body and a firmly united whole, led by the C.C. and engaged in unceasing underground struggle against the government and against other societies either inimical to it or even those acting independently of it. Where there is war, there is politics, and there inescapably arises the necessity for violence, cunning, and deceit... Societies whose aims are near to ours must be forced to merge with our Society or, at least, must be subordinated to it without their knowledge, while harmful people must be removed from them. Societies which are inimical and positively harmful must be dissolved and finally the government must be destroyed. All this cannot be achieved only by propagating the truth; cunning, diplomacy, deceit are necessary. Jesuit methods or even entanglement are a necessary and marvellous means of demoralising and destroying the enemy... Thus this simple law must be the basis of our activity: truth, honesty, mutual trust between all Brothers and towards any man who is capable of becoming a Brother – lies, cunning, entanglement, and, if necessary, violence towards enemies». (Let., p. 268).

Mikhail Bakunin, Letter to Sergey Nechayev, June 2, 1870, Locarno.

O catecismo revolucionário de Sergey Nechayev.

Sergey Nechayev (1869). Nechaev's Revolutionary Catechism.

Baseado nos catecismos revolucionários Jacobinos. O catecismo de Nechaev era baseado nos catecismos revolucionários que abundavam em França na era revolucionária de 1791-94. Em vários destes, os autores tentavam definir um novo código moral baseado em princípios republicanos, materialísticos e ateísticos, por forma a substituir os antigos catecismos religiosos.

Toda a existência do revolucionário é devotada a destruição universal e revolução.

Todas as suas energias são guiadas por um objectivo, destruição impiedosa.

Tudo o que interessa é destruição total, universal, impiedosa.

Todas as emoções e ligações humanas são abandonadas.

O que fica é ódio impiedoso e devoção completa à revolução.

*«The revolutionary is a doomed man. He has no personal interests, no business affairs, no emotions, no attachments, no property, and no name. Everything in him is wholly absorbed in the single thought and the single passion for revolution... All the gentle and enervating sentiments of kinship, love, friendship, gratitude, and even honor, must be suppressed in him and give place to the cold and single-minded passion for revolution. For him, there exists only one pleasure, on consolation, one reward, one satisfaction – the success of the revolution. Night and day he must have but one thought, one aim – merciless destruction... He must hate everyone and everything in it [civilization] with an equal hatred... He is not a revolutionary if he has any sympathy for this world. **He should not hesitate to destroy any position, any place, or any man in this world...** Our task is terrible, total, universal, and merciless destruction».*

Infiltração da sociedade e da vida de pessoas.

O revolucionário é inimigo implacável da sociedade, e vive no seu seio apenas para a destruir.

Tem de dissimular a sua identidade.

Tem de penetrar em todo o lado, com o objectivo de provocar destruição.

Isto incluir recrutar mulheres que entreguem o corpo ao manifesto. Isto inclui recrutar mulheres que estejam dispostas a ser usadas para infiltrar as vidas de homens influentes; uma forma mais sofisticada de prostituição. É o que significa entregar o corpo ao manifesto.

«...he has broken all the bonds which tie him to the social order and the civilized world with all its laws, moralities, and customs, and with all its generally accepted conventions. He is their implacable enemy, and if he continues to live with them it is only in order to destroy them more speedily... The revolutionary enters the world of the State, of the privileged classes, of the so-called civilization, and he lives in this world only for the purpose of bringing about its speedy and total destruction... Aiming at implacable revolution, the revolutionary may and frequently must live within society will pretending to be completely different from what he really is, for he must penetrate everywhere, into all the higher and middle-classes, into the houses of commerce, the churches, and the palaces of the aristocracy, and into the worlds of the bureaucracy and literature and the military, and also into the Third Division and the Winter Palace of the Czar»

O anel compartimentalizado, com um sistema de iniciação.

O primeiro círculo de revolucionários é iniciado e comanda operações.

Só os membros do círculo interno conhecem a real agenda.

O segundo e o terceiro são os idiotas úteis, e são usados como capital.

Isto inclui pessoas que são chantageadas, ou grupos recrutados sob falso pretexto.

A maior parte destes grupos são eliminados, após a revolução.

«All revolutionaries should have under them second or third-degree revolutionaries – i.e., comrades who are not completely initiated. These should be regarded as part of the common revolutionary capital placed at his disposal. This capital should, of course, be spent as economically as possible in order to derive from it the greatest possible profit»

«The third category... must be transformed into slaves... ambitious office-holders and liberals of various shades of opinion. The revolutionary must pretend to collaborate with them, blindly following them, while at the same time, prying out their secrets until they are completely in his power... The fifth category consists of those doctrinaires, conspirators, and revolutionists who cut a great figure on paper or in their cliques. They must be constantly driven on to make compromising declarations: as a result, the majority of them will be destroyed, while a minority will become genuine revolutionaries»

A revolução tem listas negras, para execuções.

«The first category comprises those who must be condemned to death without delay. Comrades should compile a list of those to be condemned according to the relative gravity of their crimes; and the executions should be carried out according to the prepared order»

BAKUNIN [Bio] – Anarquistas.

Anarquistas.

Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Tolstoi. O francês Pierre Joseph Proudhon, os russos Michael Alexandrovich Bakunin, Peter Alexevich Kropotkin, Leo Tolstoi.

Estado-nação é o grande satã. Ordem coerciva do estado é a fonte da maioria, se não de todos, os males sociais. Sociedade livre e sem estado é possível e desejável.

Bakunin – Hegeliano anarquista – I Internacional.

Entusiasta de Fichte e Hegel.

Aristocrata, revolucionário, anarquista. Revolucionário russo, pai da teoria anarquista, teórico do anarquismo colectivista.

I Internacional – Estabelece ramos em Itália e Espanha – Expulso por Marx. Em 1868, Bakunin junta-se à secção de Genebra da I Internacional. Foi um membro activo, e foi instrumental em estabelecer ramos da Internacional em Itália e Espanha. Foi expulso por Marx no Congresso de Haia em 1872.

BAKUNIN – Comuna medieval, do local ao global.

Bakunin – A comuna anarquista é a comuna medieval.

Comuna tem concelho e delegados com poderes imperativos. A comuna tem *«the office of a council of the revolutionary commune», «deputies... invested with imperative, always responsible, and always revocable mandates»**

Comités executivos organizam todos os ramos da vida da comuna. Depois, *«The communal council thus organized will be able to choose, from its own members, executive committees, one for each branch of the revolutionary administration of the commune»**

A comuna é constituída pela “Aliança federativa das associações de trabalhadores”. *«...the federative Alliance of all the workers’ associations, which will constitute the commune»**

E, com tudo isto, estamos de volta à comuna medieval.

* Mikhail Bakunin (1869). The Program of the International Brotherhood.

Bakunin – O indivíduo é absolutamente livre para servir a comuna.

Indivíduo absolutamente livre para servir a comuna. Na comuna, o indivíduo é absolutamente livre, mas é claro que é regulado em quase todos os aspectos da sua vida pela comuna.

A comuna tem jurisdição sobre todas as crianças, e educa-as para “serem livres”. *«...the commune must be the tutor... Having reached the age of adulthood, the adolescent will be proclaimed autonomous and free to act as he deems best. In exchange, society will expect him to fulfill only these three obligations: that he remain free, that he live by his own labor, and that he respect the freedom of others»*

Comuna controla vida da criança, desde berço a adultícia. *«The right of every man and woman, from birth to adulthood, to complete upkeep, clothes, food, shelter, care, guidance, education (public schools, primary, secondary, higher education, artistic, industrial, and scientific), all at the expense of society»*

Na idade adulta, é absolutamente livre para trabalhar no que quiser.

Mas, claro está, até isto é capaz de ser complicado.

É a comuna que manda em todos os meios de produção... *«The commune... administers the communal property and finances»*

...e as necessidades da economia anarquista são definidas por instituições globalizadas.

A consequência natural disto é a de que o indivíduo tem de trabalhar naquilo que a comuna achar por bem. «...*equal resources and facilities in adulthood to create his own well-being by his own labor... Without expropriation, only through the powerful pressure of the worker's associations, capital and the tools of production will fall to those who produce wealth by their own labor*».

Ou seja, toda a gente tem de trabalhar nas federações.

Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”.

Bakunin – Indivíduos “antisociais” livres para morrer à fome.

Indivíduos são livres para ser decalardados “antisociais” e morrer de fome. Os indivíduos que não se sintam livres neste tipo de liberdade absoluta, são declarados anti-sociais e despidos de todos os direitos, pelas “unidades da sociedade”.

«*The units of society, each within its own jurisdiction, can deprive all such antisocial adults of political rights... everyone is free to die of hunger, or to live in the deserts or the forests among savage beasts*»

Dado que toda a terra será propriedade colectiva...

...até um metro quadrado de selva ou deserto será complicado de encontrar.

Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”.

Bakunin – Comércio mundial organizado por, e para guildas de monopólio.

As guildas são “fenómeno novo”.

Guildas vão reorganizar humanidade em grupos industriais diferentes.

Ou seja, o planeta como uma enorme colmeia de insectos especializados.

Comércio e trocas “livres”, dominados por estas companhias de monopólio.

Abolição de fronteiras e tarifas.

Uma imensa federação económica mundial.

Parlamento industrial global.

Distribuição e alocação da produção industrial global.

«*The cooperative workers' associations are a new fact in history [e isto é mentira, porque estamos a falar das guildas feudais]... may entirely reconstitute society,*

dividing it not into nations but into different industrial groups, organized not according to the needs of politics but to those of production»

«Therefore, there must be free commerce, exchange, and communication among all federated countries, and abolition of frontiers, passports, and customs duties [tariffs]»

«When the free productive associations (which will include members of cooperatives and labor organizations) voluntarily organize according to their needs and special skills, they will then transcend all national boundaries and form an immense worldwide economic federation. This will include an industrial parliament, supplied by the associations with precise and detailed global-scale statistics; by harmonizing supply and demand the parliament will distribute and allocate world industrial production to the various nations. Commercial and industrial crises, stagnation (unemployment), waste of capital, etc., will no longer plague mankind; the emancipation of human labor will regenerate the world».

CEOs, UE e OMC são reais seguidores de Bakunin. Tudo isto significa que os verdadeiros seguidores de Bakunin não são jovens de cara tapada que gostam de partir montras de classe média em manifestações anti-globalização; embora a generalidade destes, como Bakunin, também sejam provocadores de pleno direito. Não, os verdadeiros seguidores de Bakunin estão em quadros de gestão de companhias multinacionais e de ordens profissionais, estão no Parlamento Europeu, nas Nações Unidas, na Organização Mundial de Comércio.

Bakunin – Da comuna à região, ao governo planetário.

Indivíduo – Comuna – Região – Federação universal.

*«Its free individuals will form voluntary associations, its associations will form autonomous communes, its communes will form autonomous provinces, its provinces will form the regions, and the regions will freely federate into countries which, in turn, will sooner or later create the universal world federation»***

A comuna é a unidade básica de organização.

Elegem funcionários, legisladores, juízes.

Administram propriedade e finanças comunais.

Estabelecem a sua própria constituição e legislação.

Ninguém tem o poder ou o direito de interferir na vida interna da comuna. *«No one shall have either the power or the right to interfere in the internal life of the commune»**

Mas, e aqui está o mas, têm de ser reguladas pela federação provincial de comunas.

Isto implica conformar leis à constituição provincial.

Ser aceite pelo parlamento da província.

Aceitar julgamentos do tribunal provincial.

Aceitar todas as medidas ordenadas pelo governo provincial.

*«...the commune must conform its own particular charter to the fundamental principles of the provincial constitution and be accepted by the parliament of the province. The commune must also accept the judgments of the provincial tribunal and any measures ordered by the government of the province»**

A provincial é uma federação de comunas. *«The province... a free federation of autonomous communes»**

Depois há o mesmo sistema com a nação, ou a região. *«The nation... a federation of autonomous provinces»**

E, finalmente, com um governo planetário.

*Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”.

**Mikhail Bakunin (1866). “National Catechism”.

Bakunin – O governo planetário anarquista.

Federação mundial de associações, comunas e províncias. *«...federation of associations, communes, and provinces»**

*«...according to the principles of free association and federation»***

A “Federação Universal de Povos” abraça todo o planeta.

Tem um parlamento mundial e um tribunal mundial.

É governada por um comité executivo internacional.

*«The International Federation of revolutionary peoples, with a parliament, a tribunal, and an international executive committee...the future Universal Federation of Peoples which will eventually embrace the entire world»***

O estado global é “o novo estado revolucionário”, corporativo.

É um estado corporativo, composto de associações agrícolas e industriais.

Visa administrar serviços públicos...e não governar pessoas. Qual a linha de demarcação? *«...a free federation of agricultural and industrial associations, the new*

*revolutionary State, organized from the bottom up by revolutionary delegations embracing all the rebel countries in the name of the same principles, irrespective of old frontiers and national differences, will have as its chief objective the administration of public services, not the governing of peoples»**

**Mikhail Bakunin (1869). The Program of the International Brotherhood.*

***Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”.*

Bakunin – Ninguém pode sair do sistema libertário anarquista.

Todos têm direito de secessão mas ninguém o vai usar...existe unidade “indissolúvel”.
«Once the right to secede is established, secession will no longer be necessary. With the dissolution of a “unity” imposed by violence, the units of society will be drawn to unite by their powerful mutual attraction and by inherent necessities. Consecrated by liberty, these new federations of communes, provinces, regions, and nations will then be truly strong, productive, and indissoluble. ’»

Bakunin – A revolução tem de ser global.

A revolução social não pode vencer se não for global. *«No political or national revolution can ever triumph unless it is transformed into a social revolution, and unless the national revolution, precisely because of its radically socialist character, which is destructive of the State, becomes a universal revolution».**

*«This demands a worldwide program, as large, as profound, as true, as human, in short, as all-embracing as the interests of the whole world» ***

**Mikhail Bakunin (1869). The Program of the International Brotherhood.*

***Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”.*

Bakunin – Belicismo anarquista, do local ao global.

Tudo isto é muito pacífico e livre mas...

O sistema global anarquista vai travar guerra colectiva contra dissidentes.

As províncias, comunas, associações ou indivíduos que defendam “reacção”...têm a vida complicada. *«...their own provinces, communes, associations, or individuals who defend the reaction will be excluded. It is through the expansion and organization of the revolution for mutual defense of the rebel countries that the universality of the revolution, founded upon the abolition of frontiers and on the ruins of the states, will triumph»**

Federação mundial tem organizar força militar para superar a reacção. A federação anarquista mundial tem de «...organize a revolutionary force capable of overcoming the reaction»*

Parlamento Internacional vai formular política comum e fazer guerra. «...the International Parliament, which, in the name of the entire revolutionary federation, will also formulate common policy and make war, if unavoidable, against the reactionary coalition»**

Na guerra, todos os grupos se juntam em bando contra os dissidentes. «All members of the revolutionary federation must actively take part in approved wars against a nonfederated state»**

*Mikhail Bakunin (1869). The Program of the International Brotherhood.

**Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”.

Bakunin – Abolir Deus, em nome de valores “comunitários”.

Toda a moralidade e toda a ética estão em trabalhar para a comunidade e em servir a comunidade...

...sob a orientação dos corpos de gestão da comunidade, claro.

Portanto, há que acabar com esta ideia de Deus aqui pelo meio.

«Replacing the cult of God by *respect and love of humanity*, we proclaim *human reason* as the only criterion of truth; *human conscience* as the basis of justice; *individual and collective freedom* as the only source of order in society»

Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”.

Bakunin – O mote de tudo isto é “liberdade”.

«The revolution, in short, has this aim: *freedom for all, for individuals as well as collective bodies, associations, communes, provinces, regions, and nations, and the mutual guarantee of this freedom by federation*»

Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”.

Bakunin – Liberdade tem de incluir socialismo. Mas liberdade tem de incluir socialismo, porque «*Liberty without socialism is privilege, injustice; socialism without liberty is slavery and brutality*» [Mikhail Bakunin (1867). “Federalism, Socialism, Anti-Theologism”]

A natureza gradualista destes projectos.

Estas coisas poderiam ser feitas de modo institucional, gradual, sem pressas.

A revolução não precisava de ser feita de um modo hollywoodesco. E repentino, com tiros e explosões.

Ou seja, Roma e Pavia não se fizeram num dia.

BAKUNIN – Desmantelar e devastar.

Bakunin – A natureza da revolução social, desmantelamento e devastação.

A revolução social é a libertação das “más paixões” e a destruição da ordem pública.
*«What we mean by revolution is an outburst of what today is called “evil passions” and the destruction of the so-called public order»**

A revolução tem de destruir o estado e todas as suas instituições. *«The revolution as we understand it will have to destroy the State and all the institutions of the State...»**

Abolição do estado central. *«Abolition, dissolution, and moral, political, and economic dismantling of the all-pervasive, regimented, centralized State»***

Bancarrota estatal e de toda a economia. *«a. the bankruptcy of the State... b. the discontinuance of payments of private debts through the intervention of the State, leaving to each debtor the right to pay his own debts if he so desires... c. the discontinuance of payments of all taxes and of the levy of any contributions, direct or indirect»**

Abolição dos bancos e de outras instituições de crédito estatal. Ou seja, supõe-se que Bakunin só estivesse a falar de finanças públicas. *«Abolition of banks and all other institutions of state credit»***

Abolição do direito de herança. *«Abolition of the right of inheritance»***

Abolir universidades, toda a educação é comunitária ou corporativa. Um dos pontos essenciais é a *«Abolition of all state universities... public education must be administered only by the communes and free associations» ***

Dissolução de forças armadas, sistema judicial, burocracia, polícia, clero. *«d. the dissolution of the arms, the judicial system, the bureaucracy, the police, and the clergy... c. the abolition of official justice, the suspension of everything called juridically the law, and the carrying out of these laws; consequently, the abolition and burning of all titles to property, deeds of inheritance, deeds of sale, grants, of all lawsuits – in a word, all the judicial and civil red tape; everywhere and in all things, the revolutionary fact replacing the right created and guaranteed by the State»**

Abolição do sistema judicial e legal. É feita tábua rasa dos códigos legais e do sistema judicial. *«Abolition of the State judiciary: all judges must be elected by the people. Abolition of all criminal, civil, and legal codes now administered in Europe: because the code of liberty can be created only by liberty itself»***

Abolição da administração central, dos exércitos permanentes e da polícia. *«Abolition of all centralized administration, of the bureaucracy, of all permanent armies and state police»***

Coletivização de meios de produção, confiscação de toda a riqueza. *«f. the confiscation of all productive capital and of the tools of production for the benefit of workers' associations, who will have to have them produced collectively... g. the confiscation of all the property owned by the Church and the State as well as the precious metals owned by individuals, for the benefit of the federative Alliance of all the workers' associations, which will constitute the commune. (In return for the goods which have been confiscated, the commune will give the strict necessities of life to all the individuals so dispossessed, and they will later gain more by their own labor if they can and if they wish.)»**

*Mikhail Bakunin (1869). The Program of the International Brotherhood.

** Mikhail Bakunin (1866). "Revolutionary Catechism".

BAKUNIN – Estados Unidos da Europa.

Bakunin pretendia o estabelecimento dos Estados Unidos da Europa. Do local ao regional ao global, a federação global *anarquista*, compulsiva, que travaria guerra preventiva contra quem não se quisesse juntar [ver notas sobre **Bakunin, Anarquistas**]

BARUCH – Declara Socialismo, 1918.

O estado é tudo, e cada indivíduo é uma possessão do estado.

«Every man's life is at the call of the nation and so must be every man's property. We are living today in a highly organized state of socialism. The state is all; the individual is of importance only as he contributes to the welfare of the state. His property is [his] only as the state does not need it. He must hold his life and his possessions at the call of the state»

Bernard Baruch, War Industries Board chairman, August 7, 1918.

(Source: *Secret Records Revealed; The Men, the Money, and the Methods Behind the New World*, by Dennis Laurence Cuddy, Ph.D., Hearthstone Publishing, Ltd., 1999, pages 32, 34)

BAUER – Assimilação.

Na linha de Marx – “composição psicossocial errada”. Bruno Bauer apresenta um anti-semitismo na linha de Marx, i.e., o “Judeu” tem a mentalidade errada.

“The Jew has to break with his Jewish nature... perfect his religion”. «*The Jew, on the other hand, has to break not only with his Jewish nature, but also with the development towards perfecting his religion, a development which has remained alien to him*» (p. 71)

BELLAMY (1888) – Créditos e exércitos industriais – Bellamy Clubs.

Edward Bellamy. Romance utópico sobre futura sociedade socialista.

Socialismo autoritário – Propriedade comum.

Dinheiro substituído por “créditos” rastreáveis. Um sistema de créditos iguais para todos, válidos durante um ano e não-transferíveis entre indivíduos. Todos utilizariam “cartões de crédito”, através dos quais os gastos seriam rastreáveis e controláveis.

Serviço obrigatório entre os 21-40 anos, num “Exército Industrial”.

Nova religião, chamada “Religion of Solidarity”.

BELLAMY CLUBS – Proto-fascismo. São criados também os Bellamy Clubs, que funcionam como instituições proto-fascistas.

BENTHAM – Panopticon.

[Economia política imperial – no contexto da economia política britânica, com pessoas como Ricardo, os Mill, Malthus e, claro, Karl Marx, o provocador].

Bentham – De genocídio dos pobres à sociedade-prisão. Jeremy Bentham passava uma boa parte do seu tempo a exigir que os pobres fossem abandonados à fome e deixados morrer mas, nos intervalos, dedicava-se a vender a sua ideia de uma sociedade-prisão, o Panopticon.

A ideia de Bentham era ter uma sociedade de transparência total...

Um mundo sem privacidade...

Onde as actividades de todos os indivíduos fossem imediatamente acessíveis a todos...

Todos sabiam que podiam estar a ser vigiados a qualquer instante...

Logo, mudariam os seus comportamentos e passariam a ser tão boas pessoas como ele próprio, Bentham. Portanto, voilá, isto era uma ideia bastante ética.

Mas, alas!, nesta altura ainda não havia sistemas de vigilância integrados, inteligência artificial, e um público habituado a perca de privacidade e a voyeurismo.

Bentham propunha esta ideia para hospitais, escolas, fábricas, asilos, prisões.

E, finalmente para toda a sociedade.

BLANC – Guildas – Brigadas de trabalho – “Capacidades e necessidades”.

BLANC – Louis Blanc e as brigadas de trabalho “cooperativas”.

Queria o regresso ao sistema de guildas, chamando-lhes cooperativas. Socialista francês que queria o regresso ao sistema de guildas, chamando-as de cooperativas, ou *workshops*.

Projectos implementos pela Assembleia Nacional. Os projectos de Blanc para cooperativas foram implementados pela Assembleia Nacional.

Trabalhadores franceses recebem prelúdio da brigada de trabalho soviética. Os trabalhadores esperavam um ambiente de trabalho dominado por eles, a utopia laboral, mas tudo o que tiveram foi trabalho manual duro a escavar valas, em brigadas obrigatórias, em troca de baixos salários. Um prelúdio das brigadas de trabalho da URSS ou da China comunista.

BLANC – “From each according to his capacity; to each according to his...”

“...deeds” – Saint-Simonismo.

“...needs” – Louis Blanc. *L'Organisation du travail, 1839.* [«à chacun selon ses besoins, de chacun selon ses faculties», i.e., «de cada um de acordo com as suas capacidades, para cada um de acordo com as suas necessidades»]

BLANQUI – Revolução violenta – Ditadura transicional – Vanguarda.

Blanqui e a revolução de vanguarda.

Louis Auguste Blanqui, socialista francês, expresso no *Blanquism*.

Associado de Philippe Buonarroti, membro da Carbonária, tomou parte na maior parte das tentativas de golpe republicanas do seu tempo.

Vanguarda ditatorial estabelece período de transição e constrói utopia do povo.

Acreditava que a revolução devia ser levada a cabo por um pequeno grupo, que estabeleceria uma ditadura temporária pela força. Este período de tirania transicional permitiria a implementação da base de uma nova ordem, após a qual o poder seria entregue ao povo.

Blanqui e a revolução violenta.

Predilecção por métodos violentos.

Joie de vivre encontrada na destruição da burguesia. Blanqui e os Blanquistas não estavam preocupados com a sociedade socialista do futuro per se. O seu mote existencial e a sua joie de vivre eram encontrados na revolução e na destruição da burguesia.

Blanqui inspira Mussolini e o Fascismo Italiano.

Blanqui inspira Benito Mussolini e os Fascistas.

Com a ideia blanquista de revolução violenta conduzida por uma vanguarda tirânica.

BROOKINGS (1932) – Interdependência – Cooperação – Parcerias – Consenso.

Robert S. Brookings. Presidente da Brookings Institution.

“Harmonia, cooperação, parcerias” – “Interdependência”.

ITÁLIA FASCISTA – Palavras simpáticas sobre consenso e concertação social.

«Although Italy is an autocracy under the dictatorship of the Duce, every economic interest of the country is afforded opportunity for discussion and negotiation so that they may, by mutual agreement, arrive at a fair compromise of their differences. The government will not permit, however, either through lockouts or strikes, any interference with the productivity of the nation, and if, in the last analysis, the groups fail to agree among themselves, the government through its minister or the labor court determines the solution of all problems. In Italy as elsewhere, however, the autocracy of capital seems to exist, and the general feeling among the working classes is that government favors the employers» Cit. in Anthony C. Sutton (1975). “Wall Street and FDR”.

BUONARROTI – Rede de Círculos – Compartimentalização.

Philippe Buonarroti é um dos apoiantes de Babeuf.

Rede subversiva internacional, baseada em círculos concêntricos e compartimentados.

Buonarroti constrói uma rede internacional, usando instituições Masónicas e outras. Os princípios eram os mesmos da Maçonaria em si: liderança secreta; existência de graus superiores desconhecida dos iniciados; a rede tomava vantagem de, usava, outras sociedades.

Bakunin celebra Buonarroti. Buonarroti foi celebrado por Mikhail Bakunin, que o descreveu como «*the greatest conspirator of his age*».

BURNHAM – Managerial Revolution – New Machiavellians.

BURNHAM – O primeiro neo-conservador, um trotskyista de Oxford.

Trotskyista. Activista radical e líder trotskyista nos anos 30.

Princeton, Oxford. Estudou em Princeton e depois atendeu Balliol College, Oxford University.

Durante II Guerra, Burnham trabalha para OSS. Isto acontece sob a recomendação de George F. Kennan. Burnham lidera a divisão de “Political and Psychological Warfare” do Office of Policy Coordination, uma parte semi-autónoma da agência.

Depois, torna-se um intelectual para os conservadores americanos.

Burnham – A ascensão de superestados.

Política mundial para a ser dominada pela ascensão de superestados, grandes agregados políticos.

Estados-nação podem ser preservados em forma, mas sem soberania.

Passam a ser subdivisões administrativas.

«...the old system of many autonomous nations would be replaced by a small number of great political aggregates, or super-states, contending among themselves for the less developed regions of the world...»

«The comparatively large number of sovereign nations under capitalism is being replaced by a comparatively small number of great nations, or "super-states," which will divide the world among them. Some of the many nations which are eliminated in fact may be preserved in form; they may be kept as administrative sub-divisions, but they will be stripped of sovereignty. Sovereignty will be restricted to the few super-states» James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.

Burnham – Superestados lutam entre si por controlo mundial.

Luta por controlo mundial entre os três centros estratégicos. «{p. 169} The fundamental theme of the wars of the future - into one of which the second world war was already evolving by the latter part of 1940 - will be the clash among {p. 170} the three areas which constitute the three main strategic bases. Ostensibly these wars will be directed

*from each base for conquest of the other bases. But it does not seem possible for any of these to conquer the others; and even two of them in coalition could not win a decisive and lasting victory. **What will be actually accomplished by these wars will not be a decision as to who is to rule the bases** – for Americans are going to rule here, Europeans in Europe, and Asiatics in Japan and East China – **but decisions as to what parts and how much of the rest of the world are going to be ruled by each of the three strategic centres. ... This struggle among the three strategic centres for world control will be the fundamental theme of the coming wars of managerial society**» James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.*

Burnham – Guerras contra terceiro mundo.

Superestados lutam entre si por controlo das regiões menos desenvolvidas do mundo.

*«...the old system of many autonomous nations would be replaced by a small number of great political aggregates, or **super-states, contending among themselves for the less developed regions of the world...**»*

“Próximas guerras vão ser contra terceiro mundo”.

Isto porque povos de terceiro mundo vão lutar por independência, mas a ideia é agregá-los nos centros de poder.

*«The coming years will also include wars of another type - indeed, these began several years ago: **wars of the metropolitan centres against backward areas and peoples**. The backward areas, which include a majority of the territory and people of the world, are not going to line up automatically behind one or another of the three centres or merely stand aside while the three fight over them. ... **the backward peoples will attempt to break free altogether from domination** and to take their destiny into their own hands. Often such uprisings will occur in connection with wars among the chief managerial powers. However, **it is doubtful that any of the backward peoples will be able to win independence (except, perhaps, in form and title)**. They do not have the technological resources to conduct modern war successfully or to compete more or less evenly from an economic point of view - which is also necessary for independence to-day. **They will have to gravitate toward one or another of the great camps**, even if they have some temporary success in a struggle for independence» James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.*

Burnham – EUA tornam-se força hegemónica.

EUA tornam-se o receptáculo do Império Britânico.

Obtêm hegemonia nas Américas e em zonas do Extremo Oriente.

Envolvem-se numa luta pelo controlo do mundo inteiro.

«The third and grandiose stage, which, though it has already begun for the United States, will extend many decades into the future, and for which the first two stages are preparation, is **the bid for the maximum of world power against the claims of the European and Asiatic central areas**. The United States is forced to begin this third stage before the preparatory first two stages are finished. **The first great plan in the third stage is for the United States to become what might be called the "receiver" for the disintegrating British Empire**. (We are not, of course, interested in the propagandistic terms that are used in current references to this action.) The attempt is to swing the orientation of the Empire from its historical dependence on Europe to dependence on and subordination to the American central area»

«{p. 250} **Along with the United States' receivership plan for the British Empire go still broader aims in connection with the rest of South America, the Far East (including conspicuously the Far Eastern colonies of formerly sovereign European states) and in fact the whole world**. The struggle which has begun is the world struggle of the super-states of the future. This struggle, as I have remarked, is bound to be inconclusive. No one of the three central areas is able to conquer definitely the other central areas, and therefore no one state power can in fact rule the world. This will not, however, prevent the struggle from taking place. {p. 268} The new world political system based on a small number of super-states will still leave problems – more, perhaps, than a unified single world-state; but it will be enough of a "solution" for society to keep going. {end of text}» James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.

Burnham – Europa unida pós-II Guerra.

II Guerra iria resultar numa Europa unida.

Onde os estados permanecem apenas como unidades administrativas.

«{p. 232} The first part of the second world war, up to the fall of France in June, 1940, was in reality the continuation of the strategic extension begun in 1935. This phase, the consolidation of the European base, was completed with France's surrender. It is completed irreversibly and can no longer be undone whatever the outcome of the succeeding phases of the war, which are really other wars. **This consolidation fundamental to the world politics of managerial society, is not going to be dissolved, not even if the present German regime is utterly defeated. The day of a Europe carved into a score of sovereign states is over; if the states remain, they will be little more than administrative units in a larger collectivity**» James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.

Burnham – Rússia é partida em duas metades.

Rússia parte-se em duas metades.

Metade ocidental gravita para o bloco Europeu, oriental para o Asiático.

«There is every reason to believe (as we shall discuss in Chapter XIV) that Russia will split apart, with the western half gravitating toward the European base and the eastern toward the Asiatic. But even if a coalition of the future, combined with internal disturbances, should overthrow the Germany of the present, this would be secondary to the main scheme. The result of such a development would not alter the political system toward which managerial society tends. It would merely change the name and some of the leading personnel of one of the super-states» James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.

Burnham – A transição de democracia parlamentar para gestão autocrática.

Na nova forma social, soberania pertence a quadros administrativos.

Estes proclamam as regras, fazem as leis, emitem os decretos.

A transição de parlamentos para administrações ocorre à escala mundial.

A batalha já acabou, a localização de soberania em parlamentos acabou.

«{p. 141} In the new form of society, sovereignty is localized in administrative bureaus. They proclaim the rules, make the laws, issue the decrees. The shift from parliament to the bureaus occurs on a world scale. Viewed on a world scale, the battle is already over. The localization of sovereignty in parliament is ended save for a lingering remnant in England (where it may not last the next few months), in the United States, and certain of the lesser nations...»

O Parlamento era o corpo soberano do estado limitado do capitalismo.

Os quadros de administração são os corpos soberanos do estado ilimitado da sociedade gestora.

*«There is no mystery in this shift. It can be correlated easily enough with the change in the character of the state's activities. **Parliament was the sovereign body of the limited state of capitalism. The bureaus are the sovereign bodies of the unlimited state of managerial society**»* James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.

Burnham – Três tipos de sociedade gestora: Fascismo, Comunismo, Tecnocracia.

Fascismo e Nazismo.

Leninismo, Estalinismo, Comunismo, Bolchevismo.

New Dealismo, Tecnocracia.

«{p. 181} We already have examples, Fascism-Nazism and Leninism-Stalinism (communism or Bolshevism) are types of early managerial ideologies which have been given organized expression and have already had great success. In this country, **Technocracy and the much more important New Dealism are embryonic and less-developed types of primitive, native-American managerial ideologies**» James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.

Burnham – Capitalismo substituído por gestão autocrática, escravatura.

Capitalismo estava a desaparecer. «...not going to continue much longer»

A ser substituído por sociedade planeada e centralizada.

Que não era nem democrática, nem capitalista, nem socialista.

Mas manteria a aparência de democracia, e características de capitalismo e socialismo.

Os “gestores” de Burnham.

Executivos, técnicos, burocratas e soldados.

Pessoas que iriam efectivamente controlar os meios de produção.

Iriam eliminar classe capitalista, i.e., classe média.

E esmagar classe trabalhadora, que seria reduzida a um estado de semi-escravatura.

Burnham – A sociedade-máquina, gerida e regimentada.

Primazia de relações corporativas.

Elevado grau de regimentação, como no Antigo Egipto e no Império Inca. «*The primacy of corporate property relations will probably make for a greater regimentation (as in ancient Egypt or the Inca Empire) than where individual private property has a livelier role*» - James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.

Sociedade é organizada como máquina.

Logo, cada pequena secção da máquina precisa de um órgão de gestão.

Classe gestora organiza, rotiniza, empacota, rotula, classifica todos os aspectos da vida.

Subjuga-os e manipula-os através de técnica.

Burnham – A classe dos gestores, os guardiões.

Gestores controlam indústria, aparato governamental, organizações laborais, forças militares.

Exercem controlo sobre os meios de produção e distribuição.

Na URSS: comissários e subcomissários.

*«... **The managers who control the great power aggregates - big industry, the governmental apparatus, the labor organizations, the military forces** - can become, and indeed have already become in most great nations, the dominant class ...»*

*«{p. 69} **The managers will exercise their control over the instruments of production and gain preference in the distribution of the products, not directly, through property rights vested in them as individuals, but indirectly, through their control of the state which in turn will own and control the instruments of production. The state - that is, the institutions which comprise the state - will, if we wish to put it that way, be the "property" of the managers. And that will be quite enough to place them in the position of ruling class**»*

*«{p. 209} **Who are the rulers of Russia? They are, of course, the men who are running its factories and mines and railroads, the directing members of the commissariats and subcommissariats of heavy and light industry and transportation and communication, the heads of the large collective farms, the expert manipulators of the propaganda mediums, the chiefs of the dozens of "mass organizations," the managers in short: these and their bureaucratic and military and police associates. The power and privilege are under their control. For them the capitalists at home have been got rid of or reduced to impotence; and for them the capitalists abroad were fought off and forced to an uneasy truce. It is they who have curbed the masses and have instituted a social** {p. 210} **structure in which they are on top, not by virtue of private property rights in the instruments of production, but through their monopoly control of a state power which has fused with the economy. It is they who now await the contests of the future with the other sectors of the world managers**»*

James Burnham (1941/1966). The Managerial Revolution. Indiana University Press.

Burnham – Força, fraude, mythos fundacional.

Governança da elite é baseada em força e fraude. *«The rule of the elite is based upon force and fraud. The force may, to be sure, be much of the time hidden or only threatened; and the fraud may not entail any conscious deception»*

Uso de fraude é indispensável: apoio e cooperação das massas é indispensável. É preciso persuadi-las a servir a minoria dominante.

Estrutura social é sustentada e integrada por um mythos. «*The social structure as a whole is integrated and sustained by a political formula, which is usually correlated with a generally accepted religion, ideology, or myth*»

Vida política das massas e coesão da sociedade exigem aceitação de mitos.

Os líderes têm de professar crença nos mitos, têm de mentir.

Mais que isso, têm de acreditar nas próprias mentiras.

«{p. 304} *A dilemma confronts any section of the elite that tries to act scientifically. **The political life of the masses and the cohesion of society demand the acceptance of myths.** A scientific attitude toward society does not permit belief in the truth of the myths. But **the leaders must profess, indeed foster, belief in the myths, or the fabric of society will crack and they be overthrown.** In short, **the leaders, if they themselves are scientific, must lie.** It is hard to lie all the time in public but to keep privately an objective regard for the truth. Not only is it hard; it is often ineffective, for lies are often not convincing when told with a divided heart. The tendency is for the deceivers to become self-deceived, to believe their own myths. When this happens, they are no longer scientific. Sincerity is bought at the price of truth*»

James Burnham (1943/1987), *The Machiavellians: Defenders of Freedom*. Washington: Gateway Editions.

Burnham – Composição, carácter moral e perpetuação de elites.

Elites perpetuam-se de duas formas.

Forma aristocrática, baseada em nepotismo.

Forma democrática, onde a elite se auto-renova com mobilidade social ascendente.

É claro que, nesta segunda forma, celibato é um requisito. Isto é dito numa outra citação, no documento original, usando como referência o caso da Igreja Católica.

«{p. 254} 11. *Two opposing tendencies always operate in the case of every elite: (a) an aristocratic tendency whereby the elite seeks to preserve the ruling position of its members and their descendants, and to prevent others from entering its ranks; (b) a democratic tendency whereby new elements force their way into the elite from below. ...* {p. 255} 12. *In the long run, the second of these tendencies always prevails. From this it follows that no social structure is permanent and no static utopia is possible. The social or class struggle always continues, and its record is history*»

Sabedoria, altruísmo, auto-sacrifício, não são qualidades oligárquicas.

São impedimentos, estorvos.

«{p. 106} 3. *Composition and Character of the Ruling Class*

MOSCA rejects the many theories which have tried to apply the Darwinian theory of evolution directly to social life. He finds, however, a social tendency that is indirectly analogous to the process of biological evolution ...

{p. 107} The outcome of this "struggle for pre-eminence" is the decision who shall be, or continue to be, members of the ruling class. ... He finds that the possession of certain qualities is useful in all societies for gaining admittance to the ruling class, or for staying within it. Deep wisdom, altruism, readiness at self-sacrifice, are not among these qualities, but, on the contrary, are usually hindrances. ...»

James Burnham (1943/1987), *The Machiavellians: Defenders of Freedom*. Washington: Gateway Editions.

Livro de Burnham torna-se manual de referência.

Administração pública, empresarial, militar.

Dezenas de milhares leram, e colocaram em prática, estas fórmulas.

Práticas de selecção e cultura organizacional moldadas por esta obra trotskyista.

CAMPANELLA – “A Cidade do Sol” (1602).

Campanella, “A Cidade do Sol”, 1602. Tommaso Campanella, filósofo Dominicano. The City of the Sun; La città del Sole; Civitas Solis.

Inspiração – Platão. Inspirado pela República de Platão e pela descrição de Atlântida no Timeu.

Diálogo entre Hospitalário e marinheiro Genovês. Diálogo entre um Grão-Mestre dos Cavaleiros Hospitalários e um Capitão Marítimo Genovês (Grandmaster of the Knights Hospitaller, Genoese Sea-Captain).

[Encontro entre **aristocracia feudal e comércio**, para trazer globalização].

Globalização – Monarquia espanhola e Papado. Vitória da “verdadeira fé” e a sua difusão por todo o mundo. A monarquia espanhola e o Papa. Em linha com um livro anterior, “The Monarchy in Spain”, onde Campanella expõe a sua visão de um mundo pacífico e unificado, governado por uma monarquia teocrática.

A “verdadeira fé”, astrologia e cartas. Sociedade teocrática. Esta “verdadeira fé” coloca Moisés e Jesus a par de Osíris, Júpiter, Mercúrio e Mohammed. Nesta religião, as pessoas adoram as estrelas e guiam-se por elas.

Ignorância e obscurantismo. A par e passo com a “verdadeira fé”, não existem livros, apenas placards de “informação objectiva”.

Eugenia, guiada por astrologia. Os pares de reprodução são seleccionados de entre a cidadania. Não é suposto que sejam pessoas que se amem. Amor está dissociado de reprodução. A reprodução obedece a regras estritas relativas às qualidades morais e físicas dos pais, e a altura propícia para o acto sexual é determinada por um astrólogo.

Comunismo de bens, mulheres, crianças. Nenhum cidadão possui nada. Em vez disso, tudo é detido em comum, da comida às casas, da aquisição de conhecimento ao exercício de actividades, de honras a diversões, de mulheres a crianças. De acordo com isto, a posse de coisas incentiva o “amor próprio” (“self-love”), com as consequências negativas que isso gera.

Comunismo laboral. Todos estão familiarizados com todos os tipos de trabalhos e a distribuição do trabalho segue critérios de aptidão pessoal. A inactividade e a preguiça são encarados como desprezíveis. Cada pessoa trabalha apenas 4 horas por dia.

Comissários locais. Existem “oficiais” encarregados da distribuição de tudo.

CHURCHMAN e WRIGHT – Consolidação monopolista – Colectivismo.

“A Churchman” – A transição gradual e insidiosa para colectivismo.

A transição para o sistema colectivista.

Está a chegar passo a passo...

Antes disso, doutrina socialista terá permeado totalmente o povo...

Vai preceder a aceitação geral da crença socialista...

Transição da velha para a nova ordem está a acontecer...

Vai continuar, com crescente rapidez...

Vai tudo continuar “business as usual”, sem ninguém se aperceber realmente da mudança.

«...before collectivism is inaugurated the socialist doctrine will have thoroughly permeated the people... collectivism is coming bit by bit... it will precede, not follow, the general acceptance of the socialist creed...»

«The transition... from the old order to a new is now proceeding... this transition is to continue, with an extension of scope and an increasing rapidity... the required administrative changes will be so slight as hardly to cause a quiver in the industrial world... Every employee, from the lowest rank to the highest, will continue doing the same work as before and will report in the same way to the same superior; at the top the president of the concern will continue to report to the board of directors; most of the directors even will be the same men as before...»

The Collectivist Society (New York, 1902). Pamphlet No. 1: An Exposition of Socialism and Collectivism.

Col. Wright – Socialismo é introduzido por capitalismo de monopólio.

Carroll Wright, US Commissioner of Labor.

“...the most powerful force driving rapidly into state socialism is capital itself”.

“...the capitalists, when you talk with them confidentially, do not hesitate to say that this is inevitably the result of their combinations”.

“...the power of combination to kill competition”.

“These groups consolidate into greater groups, finally into one group, and then the government takes the place of the combination”.

«It must be granted that industrial conditions constitute the basis of society, and that all social reforms must hinge upon industrial conditions, and, therefore, the economic trend of these conditions toward what we popularly know as socialism constitutes a vital question... There are three forces that we must recognize in this economic trend toward socialism—the first, socialism itself, the weakest of the whole; the next strongest is organized labor; but the third and most powerful force that is driving this and other countries rapidly into state socialism is capital itself; and the capitalists, when you talk with them confidentially, do not hesitate to say that this is inevitably the result of their combinations... Socialists feel that the trust, or the industrial combination, is an evidence of the power of combination to kill competition. These groups may become consolidated into greater groups, and finally into one group, and then the government takes the place of the combination. It is one of the tendencies of the times. It belongs to the trend... If it is ever accomplished, it will come like all these other achievements of state socialism—as a matter of industrial evolution—and we shall find ourselves in the environment, and probably not quarrel with it»

Col. Carroll D. Wright, United States Commissioner of Labor.

CHURCHMAN – Socialismo como religião.

Socialismo é a religião, colectivismo é o sistema prático.

Socialismo é um sistema de crenças, uma doutrina, uma religião.

Doutrina da socialização da produção e distribuição.

I.e., produção e distribuição são funções sociais, não individuais.

“...being subject to the collective conscience and intelligence of society”.

Colectivismo é o sistema institucional que incorpora a ideia de socialismo.

«...a distinction may well be made between the two terms socialism and collectivism. In brief, then, socialism is a doctrine, a belief, a religion; collectivism is an external scheme, a proposed institutional system, embodying more or less perfectly the idea of socialism. Socialism is the doctrine of the socialization of production and distribution; it starts by recognizing that the making and distributing of commodities are functions not of the individual but of society; it perceives that these functions can be rightly carried on only by being subject to the collective conscience and intelligence of society; and it holds that the sole animating purpose of the plan by which society is to carry on industry must be the welfare of all the human beings who make up society. In brief, the idea of socialism is to apply the common sense of mankind to the common task of mankind»

The Collectivist Society (New York, 1902). Pamphlet No. 1: An Exposition of Socialism and Collectivism.

CLINTON ROOSEVELT – Um fascista em 1841.

Rejeição da Constituição, inexistência de leis. Não haveria conceitos permanentes de bem e de mal, nem leis escritas – só aquilo que é natural, consensual, interessaria. Portanto, não haveria advogados, mas apenas oradores, demagogos, que “apelariam à consciência” dos juizes.

Polícia política ubíqua. Haveria uma espécie de milícia, paga pelo estado, composta de pessoas numa certa faixa etária e com certos “poderes”, que seria paga de acordo com o seu rendimento na respectiva classe profissional.

Medicalização da dissidência. Dissidentes de opinião seriam considerados mentalmente doentes e tratados por pessoal médico, em programas de reeducação.

Manufatura de consenso, rejeição de individualismo. Nesta sociedade sem valores permanentes nem leis, haveria não obstante que criar consenso e usar o estado fascista para esmagar o indivíduo:

«...the philanthropist [should] seek to make one great and perfect mind of all the individuals of society. Individual perfection, excepting as a member of society, seems to be out of the nature of things.»

Comunitarismo, cooperação. Clinton Roosevelt é um fascista, advogando a ideia de que todos os membros da sociedade estão no mesmo barco, e que a única forma de ter uma sociedade “justa” é evitar lutas de classes (*«...recriminations of whole classes, are all useless.»*) e impor cooperação, uma “*perfect science of cooperation*”. (*«All are equally in fault, who do not seek a perfect science of co-operation.»*)

Uma sociedade dominada por proprietários de terras e corporações. O uso, trabalho, vida nas terras (no país em si) exige o pagamento de uma dívida permanente, a uma classe proprietária. Toda a economia é operada por grandes companhias de monopólio.

Divisão de trabalho, classes e ordens profissionais. Todos os indivíduos são seleccionados cedo na vida para uma determinada carreira numa classe profissional específica, num sistema rígido baseado em distribuição de privilégios. As pessoas são definidas pela sua profissão, pela sua utilidade para o sistema económico, e estão rigidamente presas à sua classe específica. Todas as profissões têm as suas ordens e classes, que são geridas de forma oligárquica, com capatazes e oficiais em cada degrau da escada: *«Each class must receive its orders only through its proper officers – those directly over them.»*

Campos de trabalho forçado para as massas. É-nos dito que as massas têm de trabalhar em campos de trabalho forçado, para as companhias de monopólio. *«Men should work*

in large companies together... they should labor together under leaders in the fields, and in factories under foremen and officers, precisely as soldiers in an army do.»

Propriedade individual, só em locais inóspitos. Como nos é dito, «*Any individual might have a site for a house and garden, and even a farm, where it might be difficult to bring large numbers to labor together, as in some mountainous regions.»*

Clinton Roosevelt – Sistema de trabalho forçado.

«Men should work in large companies together (p. 82)... Any individual might have a site for a house and garden, and even a farm, where it might be difficult to bring large numbers to labor together, as in some mountainous regions; but where large numbers might congregate, they should labor together under leaders in the fields, and in factories under foremen and officers, precisely as soldiers in an army do... Each class must receive its orders only through its proper officers – those directly over them.»

Clinton Roosevelt (1841), “*The science of government, founded on natural law*”. New York: Dean & Trevett.

COEFFICIENTS – Conclave Fabianos-RIIA.

Fabian Society associada a RIIA e Milner. Para além da casa-mãe de ambos, o SIS.

Milner, Wells, Shaw, Grey, etc. Os fabianos foram membros integrantes do conclave Milner desde o início, especialmente através de um grupo combinado chamado Coefficients (que integrava Milner, HG Wells, Bernard Shaw, Lord Haldane, Leopold Amery, Sir Edward Grey, entre outros).

COMMINTERN – Ditadura do Proletariado – Estado Soviético.

“...the most suitable form of proletarian state is the Soviet State, a new type of state”.

“...differs from the bourgeois state in class content but also in internal structure”.

Forma mais elevada de democracia – democracia proletária, ditadura do proletariado.

Porém, o Programa da Internacional Comunista declarava expressamente que «...*the most suitable form of the proletarian state is the Soviet state—a new type of State, which differs in principle from the bourgeois state, not only in its class content, but also in its internal structure. This is precisely the type of State which, emerging as it does directly out of the broadest possible mass movement of the toilers, secures the maximum of mass activity and is, consequently, the surest guarantee of final victory*»

«The Soviet form of state, being the highest form of democracy, namely, proletarian democracy, is the very opposite of bourgeois democracy, which is bourgeois dictatorship in a masked form. The Soviet state is the dictatorship of the proletariat, the rule of a single class—the proletariat»

The Programme of the Communist International, 1929.

COMMINTERN – Ditadura do Proletariado.

COMMINTERN – Ditadura do proletariado faz período de transformação.

Entre sociedade capitalista e sociedade comunista há um período de transformação, a ditadura do proletariado.

«Between capitalist society and Communist society a period of revolutionary transformation intervenes, during which the one changes into the other. Correspondingly, there is also an intervening period of political transition in which the essential State form is the revolutionary dictatorship of the proletariat»

The Programme of the Communist International, 1929.

COMMINTERN – Os propósitos da ditadura do proletariado.

Destruir o “estado burguês”.

Instituir novos órgãos de poder proletário, para suprimir “exploradores”.

Suprimir resistência dos “exploradores”.

Suprimir camponeses pequeno-burgueses.

Organizar construção socialista.

Formatar homens e mulheres para espírito do socialismo.

Eliminar gradualmente as classes.

Quebra violenta do poder burguês.

Destruição do estado burguês – exército, polícia, burocracia, parlamentos, tribunais.

«It [dictatorship of the proletariat] deprives its class enemies of political rights and, under special historical conditions, may grant the proletariat a number of temporary advantages over the diffused petty-bourgeois peasantry in order to strengthen its role of leader»

«The characteristic features of this transition period as a whole, are the ruthless suppression of the resistance of the exploiters, the organisation of socialist construction, the mass training of men and women in the spirit of socialism and the gradual disappearance of classes... The conquest of power by the proletariat is the violent overthrow of bourgeois power, the destruction of the capitalist State apparatus (bourgeois armies, police, bureaucratic hierarchy, the judiciary, parliaments, etc.), and

the substitution in its place of new organs of proletarian power, to serve primarily as instruments for the suppression of the exploiters»

The Programme of the Communist International, 1929.

COMMINTERN, Lenin e Stalin – Socialismo global – Desaparecimento do estado.

Lenin e Stalin – Socialismo global necessário para desaparecimento do estado.

Lenin e Stalin foram forçados a modificar a doutrina original ao proporem o desaparecimento do estado até à altura em que o socialismo fosse concretizado pelo mundo fora.

Apenas estado mundial socialista pode desaparecer. De acordo com a nova doutrina, será apenas o estado mundial socialista que pode desaparecer, e irá desaparecer.

Internacional Comunista: Ditadura proletária mundial.

Objectivo último da Internacional é sistema mundial de Comunismo.

Ditadura proletária mundial.

Ditadura mundial proletária estabelecida através de federalismo e regionalismo.

Depois, federações unem-se numa “World Union of Soviet Socialist Republics”.

Transição da economia capitalista mundial para a economia socialista.

Período prolongado de construção de economia socialista mundial.

«The Ultimate aim of the Communist International – World Communism. The ultimate aim of the Communist International is to replace world capitalist economy by a world system of Communism. Communist society, the basis for which has been prepared by the whole course of historical development, is mankind's only way out, for it alone can abolish the contradictions of the capitalist system which threaten to degrade and destroy the human race»

«Thus the dictatorship of the world proletariat is an essential and vital condition precedent to the transition of world capitalist economy to socialist economy... only after the proletariat has achieved victory and consolidated its power all over the world will a prolonged period of intensive construction of world socialist economy set in»

«This world dictatorship can be established only when the victory of socialism has been achieved in certain countries or groups of countries, when the newly established proletarian republics enter into a federal union with the already existing proletarian republics, when the number of such federations has grown and extended also to the colonies which have emancipated themselves from the yoke of imperialism, and when these federations of republics have grown finally into a World Union of Soviet Socialist

Republics uniting the whole of mankind under the hegemony of the international proletariat organised as a State»

The Programme of the Communist International, 1929.

Internacional Comunista: O desaparecimento do estado.

O estado é a incorporação da dominação de classe.

Desaparece quando as classes desaparecerem e, com ele, morrem medidas de coerção.

«The State, being the embodiment of class domination, will die out in so far as classes die out, and with it all measures of coercion will expire»

The Programme of the Communist International, 1929.

COMTE (1) – Educação.

Comte – Educação encoraja sentimentalidade e submissão.

O regresso aos padrões educacionais da Idade Média, incluindo o período de aprendizagem.

“Its general spirit. The supremacy of the Heart”. *«Public Instruction. Its general spirit. The supremacy of the Heart».*

“The heart rules, the intellect advises”. *«The heart rules, the intellect advises...to develop the intellect without detriment to the supremacy of the heart».*

Capacidade de pensar preterida em prol de emoção e sentimento.

“Sentimentos são mais importantes que acções”. *«The child must be taught that feelings are more important than acts... creating the fundamental habit of mind which should always put forward feelings as more important than acts, and this is effected by leading the child to judge of acts by their bearing upon feelings, be it as exercise or as result... the mother lays the synthetical basis of Positive morality by making the child feel that happiness consists above all in the gratification of our kindly affections, acts being only the means by which we satisfy and even excite them».*

Pessoas obcecadas com sentimentos vivem a fitar espelho de Narciso. Pessoas que vivem obcecadas com os seus sentimentos vivem a olhar para o espelho de Narciso, e morrem afogadas no reflexo. Ou seja, não são ameaças para déspotas, e é despotismo que Comte propõe.

E morrem afogadas no reflexo.

Não são ameaças para déspotas.

A Sociocracia tem de prevenir intelectualismo, a capacidade geral de pensar. *«...must watch against intellectualism»*

A educação Positiva encoraja submissão, não discussão. *«...it aims at producing, not barren or divergent discussion, but active and voluntary submission... Far from encouraging discussion, Positive instruction systematises submission, as the permanent basis for action, which is the real end of our being, in order to better our condition and more than all our nature».*

“No final da sua educação, o Positivista vai subordinar o intelecto individual à inteligência colectiva”. *«The noviciate will lead the Positivist to see that his individual must be subordinated to the collective intelligence... At the close of his encyclopaedic noviciate, the Positivist will feel, more strongly than before, the need of subordinating*

the individual intellect to the intelligence of the race, and of keeping speculative powers for the incidental demands of active life in its natural course. Those whom their vocation singles be subordinated to the out as destined for the priesthood will share more profoundly in these two convictions, otherwise they could never become the interpreters of the Great Being and the discipliners of human life».

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Desencorajamento de actividade intelectual, extinção da leitura.

No novo sistema, a educação desencoraja a actividade intelectual.

Leitura é um hábito desencorajado. «*Reading discouraged as a habit... The regime described, so far from encouraging the habit of reading, makes all feel to what an extent it hampers meditation, the only real aid to which is to be found in the inexhaustible study of the master-works of poetry, invariably in relation with the problem of man's existence...»*

O Positivista pode reduzir a sua biblioteca a uns 100 volumes.

Haverá uma destruição sistemática de obras de literatura. «*Guided by the hints I have given, the true Positivist may, even if a priest, reduce his library to a hundred volumes. Philosophy is condensed into ten, poetry into twenty more; another twenty will suffice for the whole of our concrete conceptions, the data required for industrial purposes, natural history, and the knowledge of the past. The second half of the collection will be devoted to the monumental works which deserve from their original merit to survive the systematic destruction of the accumulations which now compress or misdirect thought».*

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

COMTE (2) – Religião.

Comte – A nova religião, de superstição, ignorância e “utilidade social”.

União religiosa para o planeta inteiro. «...*the Positive faith, accepted as supreme by the metropolis of Humanity*».

Uma única classe sacerdotal vai dirigir os povos com uma educação uniforme, maneiras iguais, festivais comuns.

O que Comte propõe, é uma espécie de nova Ordem Jesuíta. «*Religious union... is naturally suitable to the whole human planet... when the more backward populations shall have duly reached the normal level of the West... one and the same priesthood will directly bind together all peoples by a uniform education, similar manners, and common festivals*».

“Sociolatria” é um dos nomes desta religião. «*Sociolatriy*»

“Positivism... succeeds Theologism in the spiritual government of mankind”.
«*Positivism... succeeds Theologism in the spiritual government of mankind*».

“Ideal comum, fornecido por Great Being”. «...*a common ideal, furnished by the Great Being*»

O Great Being e a deusa-mãe. A adoração é dedicada ao «Great Being», l’Humanité, uma espécie de espírito inventado que representa a totalidade da humanidade. Este culto também envolve a adoração da natureza, da deusa-mãe, e de todo este género de coisas.

Adoração de outros seres humanos e do colectivo.

Culto da natureza.

Astrologia.

Anjos da guarda. «*Our life as citizens influenced by our guardian angels... Such is the normal basis in Sociolatriy of private worship, the adoration, viz., of our own personal patrons, our guardian angels or household gods*».

Ou seja, todo o tipo de superstição e charlatanismo.

“Sê possuído pelo espírito positivo!”. Comte dedica uma série de páginas no seu livro a ensinar como fazer «*invocation*» de espíritos, a deixá-los entrar, e todo este género de coisas. Sê possuído pelo espírito positivo!

Tudo isto são demonstrações do mais rude charlatanismo.

Para “dar coesão à submissão”. A grande função da nova religião é a «grand function of fostering tenderness, and giving cohesion to submission».

“Na religião da Humanidade toda a conduta individual tem impacto colectivo”. «Under the religion of Humanity all individual conduct has a collective bearing».

O que isto quer dizer é que tudo e todos podem e devem ser policiados a todo e qualquer momento.

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Monoteísmo eliminado como individualístico.

“We eliminate Theologism, monotheistic more especially”. «...we connect directly Positivism with Fetichism, not excluding astrolatrical Fetichism; we eliminate Theologism, monotheistic Theologism more especially».

“Theologism eliminated as individualistic”.

Relação com Deus exige entrega e trabalho em prol de Deus, não das autoridades.

Ou seja, o indivíduo não está preocupado com o que é “social”, mas sim com o que é certo.

Deus não aceita necessidades sociais transitórias, como o campo de concentração.

Portanto, Deus é anti-social.

O monoteísmo só foi útil devido à habilidade temporária dos sacerdotes católicos.

«Theologism eliminated as individualistic... Then too becomes preponderant its tendency to egoism, for its Gods step between man and Humanity, binding on him a yoke he cannot shake off, a service at all times inherently of a personal character. Though created in order to extend the principle of causation to the world of man, they preclude any social conception from their incapacity to embody even the idea of solidarity, much more that of continuity. On the contrary, social life is the chosen sphere of the relative religion, and therefore it has nothing in common with a purely personal religion, which owed its great social utility, in all essential points, to the wisdom of its priesthood for the time being—the priesthood of Theocracy and the priesthood of Catholicism».

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

COMTE (3) – Política global “positiva”.

Comte – Ditadura positivista acaba com formas parlamentares.

O governo é uma Ditadura Positivista. «*Positivist Dictatorship*».

O governo ditatorial acaba com formas parlamentares.

A única assembleia que fica é uma “purely financial assembly”.

«...the advent of the dictatorship by the suppression of the parliamentary regime... *the dictatorial government can, and ought to, assert its legitimate supremacy, by emancipating itself from parliamentary forms, whereas it now tolerates them in substance... The only political assembly to be retained should have no voice in legislation... It should be a purely financial assembly, composed of three deputies from each department, one representing the agricultural, one the manufacturing, the third the commercial population of the department, its industrial population that is*».

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Extinção do jornalismo e da literatura – “informação objectiva”.

Jornalismo e literatura vão desaparecer como resultado de “liberdade espiritual”.

«*Journalism and literature will pass away, in the natural course of things, as a consequence of spiritual liberty*»

O jornalismo é uma instituição anárquica e tem de desaparecer com desenvolvimento de “liberdade espiritual”. «*The discipline advocated, should rapidly extinguish journalism*», que é uma «*anarchical institution*», e isso vai acontecer «*as a result of the full development of spiritual liberty*»

Haverá censura rigorosa.

“Um regime no qual a exposição se sobrepõe a discussão, sem dar origem a ela”. «*...a regime in which exposition will supersede discussion without giving rise to it*»

O jornalismo é substituído por “informação objectiva”, dada pelas autoridades.

É isto que é mencionado com o uso de placards.

«*But beyond every other means of freeing France from the scourge of journalism is a large use of placards, allowing addresses to the public whenever they may be thought requisite, without any connection with this or that coterie, all equally incompetent and oppressive*».

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Discurso regulado e vigiado.

Todo o discurso, em reuniões ou na vida privada será livre...

...mas, com precauções e, em adição, sob uma “vigilância respeitosa”.

«And yet Positivism must prove that it fears no meetings whatever, by claiming for speech, whether in meetings or in private life, the same freedom it claims for writings, with analogous precautions, and, in addition, a respectful surveillance».

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Banir Igreja, Universidades e Ciência.

Supressão de orçamentos da Igreja, Universidades e Ciência. *«Supression of the budgets of Theology, Methaphysics and Science».*

Classes intelectuais (jornalistas, académicos, etc) da “Revolução Ocidental” têm de desaparecer. *«All the metaphysical classes fostered by the Western revolution, are destined ultimately to disappear».*

A abolição das Universidades complementa a abolição do Parlamento.

Parlamento e jornalismo obtêm recrutas das Universidades.

Todo o ensino que fica passa a ser submetido a censura e vigilância estrita.

«Universities... A dictator of energy, disregarding their noisy opposition, may, at the present day, suppress their grants, without awakening any resistance in support of an institution which is a source of degradation and corruption. The whole of modern history teaches us to see in the abolition of the University the consequence and complement of the abolition of the Parliamentary regime, for the latter drew its recruits, as did journalism, from the colleges, the constant nursery of our philosophical and political agitators... But it is important that the freedom of teaching be proved to exist by the large increase of private undertakings, subject to a purely moral surveillance on the part of the dictatorship, through the agency of the police, more enlightened and less oppressive in its action than the judicial body...»

Banir as ciências e as sociedades científicas.

Passo final na supressão do orçamento intellectual.

Este elemento impede a regeneração medieval do Ocidente, dado que corrompe a sua inteligência na fonte.

«I have now to explain the final step in the suppression of the intellectual budget; to examine, that is, the indispensable withdrawal of all grants in aid of science and scientific societies, from which the dictatorship of Danton had wisely delivered us. Although this element in the threefold reaction is less burdensome than the preceding ones, it has really been a greater clog on the regeneration of the West, as it corrupts directly its source in the intelligence».

A ditadura Jacobina durante a Revolução Francesa é apresentada como modelo para tudo isto. O modelo citado em tudo isto é Danton, que foi o destruidor selvático da Revolução Francesa.

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Acabar com a burguesia, as classes médias.

A política doméstica da ditadura sistemática...

...visa renovação do patriciado pela eliminação da burguesia...

Que é uma barreira entre o proletariado e a aristocracia.

Só aí, as duas forças, escravos e escravizadores, podem entrar em harmonia.

É exigida a “transformation of the small capitalists”.

São absorvidos pelas grandes companhias, como trabalhadores ou como gestores.

«Extinction of the Bourgeoisie... Looked at as a whole, the domestic policy of the systematic dictatorship will have as its great object the renovation of the patriciate by eliminating the bourgeoisie, which is a barrier between it and the proletariat. But the removal of this obstacle to union requires the persistent aid of two movements, correlated and yet opposed, the one negative, the other positive: the extinction of literateurs and lawyers; the transformation of the small capitalists... the subaltern chiefs of industry as now constituted, will in the majority of instances become valuable workmen, in some instances real patricians... Regeneration of the Positivist portion of the bourgeoisie a great object... The concentration of wealth, and the transformation of the greater number of the smaller employers into simple workmen—these will be results, in the main, of the natural laws of industrial existence; which existence in a more disturbed milieu tends more rapidly in their direction, such a milieu only suitable to great strength. And yet the spontaneous movement may be aided by a wise intervention, with the aim, principally, of anticipating or remedying the disasters incident to it. The intervention consists, on the one hand, in the removal of all the checks emanating from a revolutionary legislation, on the other hand, in the due developement of the system of industrial endowments».

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Globalização e regionalização do mundo.

Comte ambiciona um regresso ao Império Germânico, a “Western Republic” da era feudal.

Os estados europeus serão decompostos, dissolvidos.

«Decomposition of the great States of the West... These violent or factitious aggregations will soon be dissolved when the reconstruction of the spiritual agglomeration shall have rendered the temporal concentration superfluous».

O precedente para esta decomposição é a própria Idade Média. O precedente para esta decomposição é a Idade Média *«this decomposition, which, in an imperfect form, was realised in the Middle Ages».*

A “Western Republic”, ou UE, um fossil feudal. *«The whole temporal and spiritual construction reserved for the last generation of the nineteenth century, has, as its grand object, the reconstruction, in a better form than in the Middle Ages, of the Western Republic, its reconstruction on the basis of the Positive faith, accepted as supreme by the metropolis of Humanity».*

Positive Republics, ou sovietes regionais. Os estados são substituídos por *«Positive Republics»*, sendo que *«Each of these Positive Republics should have a population of from one to three millions on a territory about equal to that of Belgium, Tuscany, Holland, Sicily, and Sardinia... distribution of the Western territory into seventy republics, each, as an average, comprising three hundred thousand families, each of the normal size as above laid down».*

Todo o mundo passa pelo mesmo processo, e acaba com 500 estados. *«Adopting this basis, we have five hundred states for the whole earth, and we find the task easier of their internal distribution into industrial classes».*

Aristocracia britânica tem de colocar anárquicos americanos na linha. Exige que a aristocracia britânica volte a colocar os EUA no bom caminho, uma vez que os Americanos são os mais anárquicos de todos os ocidentais, e isso é um problema para estas ideias fabulosas.

Língua comum, religião comum, governo comum.

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Aristocracia intelectual, internacional. Ou seja, a sociocracia é guiada por uma elite intelectual, internacional.

Comte – O patriciado.

A sociedade é guiada por um patriciado despótico.

Patriciado composto por bancos e monopólios industriais, e isto são as multinacionais.

Patriciado dirige e acumula todo o capital na sociedade. «*Direction being the special function of the patriciate... capital should be concentrated in the patriciate, as the directing class on which devolves the provisioning of the other classes, each in its appropriate way*».

Banqueiros organizam toda a sociedade, pela circulação de valores, desenvolvimento de crédito. «*Bankers*» fazem «*the organisation of industry... by the circulation of values and the development of credit*».

“Bankers are the only competent superintendents of industry”. «*Bankers... are only competent superintendents of industry*» [Vol. 3].

“Agricultural, Manufacturing, Commercial”. «*Three classes of patricians (1) Agricultural (2) Manufacturing (3) Commercial*»

Patrícios industriais são os Knights, e têm o seu próprio Festival de comemoração. Os patrícios industriais passam a ser conhecidos como Knights, e têm o seu próprio Festival.

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – A classe sacerdotal.

Liderança social e intelectual pertence aos novos sacerdotes.

Que seria uma trupe de técnicos, intelectuais, polícia política, trabalhadores sociais.

Comte – O proletariado.

Colectivo e homogéneo, as massas embrutecidas e estupidificadas. «*The Proletariate*» tem um «*collective character*» e uma «*inherent homogeneity, which it maintains under the continuous pressure of influences in the contrary direction*», ou seja, estamos a falar das massas embrutecidas e estupidificadas.

Nada de classe média ou liberdade individual. «*The proletariat must restrain its personal instincts*», ou seja, nada de classe média ou de liberdade individual para vocês.

Proletariado usado como arma contra a classe média. Pelo contrário, o proletariado tem de receber uma cultura amesquinhada, em que «*the proletaries will stigmatise any*

tendency to leave the class as a slur upon the dignity of the popular function, and as fatal to the just aspirations of the people, those who desert it invariably betraying it».

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – Militarização, hiper-hierarquização da sociedade.

A sociedade é organizada segundo pressupostos militares.

Sociedade autoritária e policial.

Para tudo existem hierarquias e graus de obediência.

Sociedade organizada em pequenos departamentos de especialização.

Um líder para cada degrau da escala.

Ideia aplicada por Hitler, Trotsky e cada vez mais pelas sociedades actuais.

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – “Economia social”, a economia do estado estático.

Economia social, que congela e imobiliza sociedade.

Comte – Neo-medievalismo.

Comte refere continuamente a Idade Média como era inspiradora.

E fala da sua “due reverence for the Middle Ages”. «...due reverence for the Middle Ages».

Fala da sua admiração pela ordem católica e feudal. «The Positivist, equally with the Middle-Age construction, only more directly and more unreservedly, asserts the supremacy of feeling, but without unduly hampering the intellect or activity, and as a natural result of its assertion vindicates the wisdom of Catholicism and the soundness of the feudal instinct».

Auguste Comte (London, 1876). A System of Positive Polity, Vol. 4.

Comte – “Ordem e Progresso”.

“The Positivist political formula, Order and Progress”. «The Positivist political formula, Order and Progress».

Entretanto adoptada como mote por alguns países.

Comunismo, uma excelente forma de persuadir alguém a cortar a sua própria garganta.

O melhor esquema que pode haver para explorar os pobres e mantê-los eternamente nessa condição é o de fingir que se quer ajudar os pobres e usar isso como instrumento para os persuadir a aceitar uma prisão social em pobreza. É isso que comunismo é. Um movimento iniciado e conduzido por porcos ricos no topo (proprietários de terras, banqueiros, chefes de indústria) e pelos seus inchados e mimados filhos. Usa inúmeros prostitutos académicos e sociais, especializa-se na propagação de doença mental. Procura destruir toda e qualquer forma de liberdade e de prosperidade. Visa persuadir os pobres (eventualmente, 99.9% da população) a aceitar a prisão social da comuna e do sistema totalitário.

Criação de ideologias de estado para avançar oligarquias dominantes

Sociedades humanas são geralmente dominadas por grupos sociopáticos.

Poder sobre sociedades costuma ser detido por crime organizado [Ponerologia Política]. Ao longo da história, é comum que o poder sobre as sociedades humanas seja detido por criminosos. O tipo de pessoas que quer, deseja, anseia, exercer poder absoluto sobre os outros e não tem quaisquer impedimentos morais no caminho para o topo. Tudo aquilo que pode ser feito *será* feito, desde que seja útil para obter mais e mais poder. Esta relação foi bem explorada por Lobaczewski, o psiquiatra polaco que escreveu “Ponerologia Política”, sobre o modo como o poder costuma ser assumido por sociopatas e por psicopatas. Estas pessoas organizam-se depois em fraternidades e em gangs – oligarquias – pelas quais partilham poder e controlo sobre o público. A estrutura oligárquica funciona sempre como um buraco negro, na absorção de energia vital do mundo em redor. Tudo o que possa ser explorado, saqueado, instrumentalizado em prol da oligarquia, sê-lo-á, desde que isso seja seguro; qualquer oligarquia vive sempre em pavor de alguma vez ser derrubada pelo público.

Oligarquias são estruturas medíocres e incompetentes, precisam de manter ilusões para manter poder.

O oligarca médio tem, não obstante todo o tipo de jogos de engrandecimento narcísico, a dolorosa consciência de que o seu poder sobre o público é exercido por razões puramente arbitrarias. O oligarca médio é incapaz, incompetente, e depende do aproveitar oportunista de situações para manter a sua posição no status quo. O mesmo se aplica à estrutura oligárquica em geral, que é um peso e um fardo sobre a sociedade humana, e só consegue manter o seu poder e a sua posição pela criação de intimidação (o show off de amazingpower) e/ou pelo cultivo da ilusão de que é competente, benigna e indispensável para o bem-estar do público (o mesmo tipo de fenómeno que se encontra em oligarquias mais localizadas, em máfias e em gangs de bairro). Quando a ilusão colapsa, a oligarquia desaparece de volta para o buraco negro de onde veio e que incorpora.

A criação de powerpoliticsideologies, ideologias autoritárias de estado.

Invenção de ideologias artificiais para glorificar poder, autoritarismo, arbitrariedade moral.

Inimizade para com indivíduo capaz e moral, família média, clã.

A substituição por estruturas artificiais subservientes (e.g. tribo urbana, clã ideológico).

O sonho molhado do consenso universal de hienas. Na *neverending saga* de maximização de poder sobre o público, as oligarquias vão inventar ideologias sintéticas, artificiais (às vezes ideologias políticas, outras vezes religiões, e por aí fora), que glorificam as suas próprias práticas e ambições. Autoridade de estado, o exercício de arbitrariedade moral, violência, saque, manipulação psicossocial, controlo. O grande adversário nestas ideologias é sempre o indivíduo capaz e moral, pelo simples facto de se opor sempre a práticas de crime organizado. Estas ideologias exigem que os indivíduos sejam tornados

igualmente incapazes, sujos, imorais (e depois chamam a isso pureza, perfeição e moralidade). Visa universalizar o modelo de mediocridade humana da oligarquia; transformar todas as culturevictims em pequenos oligarcas em potência. O grande consenso universal de hienas é o sonho húmido de qualquer oligarca. A família média e o clã (ou a tribo) são vistos de forma igualmente acre e negra, pelo simples facto de serem pólos de poder e organização fora do âmbito do estado organizado. Portanto, é conduzida a destruição destas estruturas. A tribo e o clã foram genericamente destruídos pela força das armas, no passado. A família média é atacada e erodida através de engenharia social e da difusão de lixo cultural; destruir a família existente e impedir a formação de novas famílias. Eventualmente, o que fica são as mais variadas estruturas de substituição, cooptadas, com “tribos urbanas”, “clãs ideológicos”, a “equipa autónoma”, e a família integrada no sistema autoritário de estado (a família que é autorizada a existir porque é subserviente às autoridades). Depois, juntemos isto ao sonho molhado oligárquico e é claro que encontramos a ideia da “família universal”, da “tribo global”, “aldeia global”, etc. O oligarca médio está ao nível de Charles Manson, o serial killer, que também formou a sua própria “Family”, que existia para o simples propósito de destruir e cooptar estruturas competidoras na sociedade.

Circunstâncias de ocorrência de “revoluções”, “reacções”, etc., em prol de oligarquia. Depois, as populações, aqui idiotas úteis, podem ser colocadas a agir com base nestas ideologias de estado, para fazer “revoluções”, “reacções”, “limpezas” e assim sucessivamente. O único propósito nestas iniciativas é, claro, o de aumentar, maximizar, o poder da oligarquia iniciadora. É raro – muito raro – que estas situações sejam protagonizadas por grupos oligárquicos *fora do poder*. Regra geral, o que acontece é que um ou mais bandos ideológicos, cultivados em fanatismo radical, são suportados por uma oligarquia pré-existente (banqueiros, sacerdotes, donos de terras, aristocratas – ou todos ao mesmo tempo) e colocado no poder social, em prol dessa oligarquia.

CROWLEY – Os 'perfeitos' e a era da serpente – Nihilismo e genocídio.

Crowley – Os “perfeitos” e a era da serpente.

Aleister Crowley, um homem bastante importante nos círculos governamentais europeus.

Crowley fala em nome da classe dominante.

Estes são os superhomens, aos quais Crowley chama de Perfeitos. «Perfect»

Um termo recorrente com este tipo de personagens, que não parecem ter algo tão vulgar como espelhos, em casa.

Isto serve para vangloriar a classe por quem Crowley falava, mas também para encher o ego a legiões de seguidores, que pensavam – e pensam – que eram eles, os “perfeitos”.

“Os meus servos serão poucos e secretos e governarão”. «Let my servants be few & secret: they shall rule the many & the known»

A antiga era estava a ser substituída por uma nova era, a era da serpente.

Crowley fala em nome da serpente.

“I am the Snake that giveth Knowledge & Delight and bright glory”.

“I hate the consoled & the consoler... there is no God where I am”.

«I am the Snake that giveth Knowledge & Delight and bright glory, and stir the hearts of men with drunkenness... I am alone: there is no God where I am... Pity not the fallen! I never knew them. I am not for them. I console not: I hate the consoled & the consoler... I am unique & conqueror... Worship me with fire & blood; worship me with swords & with spears»

Aleister Crowley. “The book of the law – Liber al vel legis”.

Crowley – Nihilismo e darwinismo social.

“Do what thou wilt shall be the whole of the Law”.

«Be strong, o man! lust, enjoy all things of sense... fear not that any God shall deny thee for this... Do what thou wilt shall be the whole of the Law»

Darwinismo social.

“Ye are against the people, O my chosen”.

“...the outcast and the unfit, let them die in their misery”.

“Sacrifice cattle, little and big: after a child”.

*«We have nothing with the outcast and the unfit: let them die in their misery...
Compassion is the vice of kings: stamp down the wretched & the weak: this is the law of
the strong: this is our law and the joy of the world... on the low men trample in the
fierce lust of your pride, in the day of your wrath... Ye are against the people, O my
chosen! I am not of the slaves that perish. Be they damned & dead! ...Therefore strike
hard & low, and to hell with them... Lurk! Withdraw! Upon them! this is the Law of the
Battle of Conquest: thus shall my worship be about my secret house... let blood flow...
Trample down the Heathen; be upon them, o warrior, I will give you of their flesh to
eat! Sacrifice cattle, little and big: after a child... Mercy let be off; damn them who pity!
Kill and torture; spare not; be upon them!»*

Aleister Crowley. “The book of the law – Liber al vel legis”.

DANIEL BELL – Managerial revolution – Tecnocracia – Pós-Industrial.

DANIEL BELL (1960) – O fim da ideologia e a entrada da tecnocracia.

“Ideologias humanistas dos séculos XIX e XX estão exaustas”.

“Vão ser substituídas por novas ideologias paroquiais”.

“Ideologia política tornou-se irrelevante entre pessoas ‘sensatas’”.

A política do futuro seria conduzida através de mera gestão tecnocrática.

A sociedade seria estandardizada e, o seu desenvolvimento, congelado.

Daniel Bell (1960), “The End of Ideology: On the Exhaustion of Political Ideas in the Fifties”.

DANIEL BELL (1973) – A sociedade pós-industrial.

Sociedade pós-industrial. Substitui sociedade industrial como sistema dominante.

Transição de manufatura para prestação de serviços.

Estratificação gestores-drones. Estratificação social entre gestores – a “elite” tecnocrática – e geridos, a enorme população de drones funcionais a baixos salários.

A sociedade “da informação” e “do conhecimento”. A sociedade de informação, alicerçada em recolha de dados, sintetização de informação, e elaboração pragmatista de conhecimento.

Daniel Bell (1973). *The Coming of Post-Industrial Society: A Venture in Social Forecasting.*

DAVIDSON (1907) – Socialismo é Feudalismo. Thomas Davidson foi um dos fundadores da Sociedade Fabiana. Ao mesmo tempo, fez uma das mais francas admissões de sempre sobre o socialismo ser, na prática, medievalismo, numa carta a Morris Raphael Cohen, socialista e professor de Filosofia no College of the City of New York.

“Socialismo não aboliria “bossism”, but would rather increase its opportunities and power”.

Não é democrático e é imposto a partir do topo.

Nações tornam-se grandes com individualismo e propriedade privada.

Socialismo daria poder imbatível a líderes.

Feudalism was socialism; that is often forgotten.

«I once came near being a socialist myself; and, indeed, in that frame of mind founded what afterwards became the Fabian Society. But I soon found out the limitations of socialism, and so I am sure will you, if you are true to yourself. We both believe that the present economic and moral condition of society is bad and needs reforming. We both believe that this can be done only through an increase of social sentiment, of brotherly relations. We both believe that economic improvement bought with moral deterioration or with loss of freedom is undesirable.

*Socialism could not abolish “bossism” but would rather increase its opportunities and power... we both hold, I trust, that any social or economic arrangements which do not carry with them the assent of the great mass of the people, but are **octroyés** from above, are enslaving. I am free in a social order only when it is the expression of my rationality, and gives me scope for the fullest exercise of all my powers.*

Historically, nations have been great, I believe, in proportion as they have developed individualism on a basis of private property. ... If socialism once realized should prove abortive, and throw power and wealth into the hands of a class, that class would be able to maintain itself against all opposition, just as the feudal chiefs did for so long. Feudalism was socialism; that is often forgotten».

Thomas Davidson, letter to Morris Raphael Cohen, May 29, 1899. In “Memorials of Thomas Davidson, The Wandering Scholar” (1907). William Knight (ed.). Boston & London: Ginn and Company, Publishers.

DOSTOEVSKY – Socialismo, sociopatia e desumanização.

Dostoevsky – Líderes socialistas são sociopatas.

Geralmente, os Nechaevs não são meros fanáticos, são criminosos.

“I am a scoundrel, not a socialist”.

São meliantes engenhosos, que estudaram a alma humana e conseguem tocá-la como um instrumento musical.

«And why do you suppose that the Nechaevs must absolutely be fanatics? Very often they are simply scoundrels. "I am a scoundrel, not a socialist," says one Nechaev. True, he says that in my novel The Devils, but I assure you that he could have said it in real life. These scoundrels are very crafty and have thoroughly studied the magnanimous aspect of the human soul – and most often the soul of youth – so as to be able to play on it as on a musical instrument»

Fyodor Dostoevsky. “One of Today's Falsehoods”, In “A Writer's Diary, Volume 1: 1873-1876” (1997, K. A. Lantz, Gary Saul Morson). Northwestern University Press.

Dostoevsky – O canto da sereia socialista.

Muitos de nós foram infectados com socialismo teórico.

Da impaciência de pessoas famintas inflamadas por teorias de paraíso futuro, surgiu socialismo político, cuja essência é o roubo universal de propriedade.

«...there were not many among us who could resist that well-known cycle of ideas and concepts that had then taken such a firm hold on young society. We were infected with the ideas of the then theoretical socialism. Political socialism did not exist in Europe at that time, and the European ringleaders of the socialists even rejected it»

«There is no doubt that from all this (i.e., from the impatience of hungry people inflamed by theories of future bliss) there later arose political socialism, whose essence, despite all the goals it proclaims, still consists only in the desire for the universal robbery of all the property-owning classes by the have-nots, and then "let things happen as they will." (For as yet they have not properly decided anything about the kind of society that will replace the current one; all they are certain of is that the present has been a total failure – and to date that is the entire formula of political socialism)»

Naqueles dias, o socialismo estava a ser comparado com a Cristandade.

Era encarado como uma correcção e melhoramento, uma actualização.

Estas ideias pareciam ser morais e sagradas, e universais, a lei futura da humanidade.

Todas estas convicções eram sobre imoralidade...

...das fundações Cristãs da sociedade...

...da família e da religião...

...do direito a propriedade privada...

...da noção de integridade nacional.

«But in those days the matter was still seen in the rosiest and most blissfully moral light. It is really true that at the time this nascent socialism was being compared – even by some of its ringleaders – with Christianity, and was taken as merely a correction and improvement of the latter, in accordance with the spirit of the age and civilization. All these new ideas of the time had tremendous appeal for us in Petersburg; they seemed to be sacred and moral in the highest degree and, most of all, they seemed to be universal – the future law of all humanity without exception. Even well before the Paris revolution of 1848 we were caught up by the fascinating power of these ideas. Even in 1846 Belinsky had initiated me into the whole truth of this coming "regenerated world" and into the whole sanctity of the future communistic society. All these convictions of the immorality of the very foundations (Christian ones) of contemporary society and of the immorality of religion and the family, of the immorality of the right to private property; of the elimination of nationalities in the name of the universal brotherhood of people and of contempt for one's fatherland as something that only slowed universal development, and so on and so forth – all these things were influences we were unable to resist and which, in fact, captured our hearts and minds in the name of something very noble»

“...gloom and horror being prepared for humanity supposedly to regenerate and resurrect it”. *«...those in general who were then infected but who later on utterly rejected all these visionary ravings, all this gloom and horror being prepared for humanity supposedly to regenerate it and restore it to life – those of us at the time still did not know the causes of our illness and therefore were still unable to struggle against it»*

Estas crenças capturam pessoas em fases de transição e incerteza. *«...in Russia one can commit the foulest and most villainous act without being in the least a villain! And this happens not only in Russia but all over the world, and it has happened since time began, in times of transition when people's lives are being thoroughly unsettled, when there are doubts and denials, skepticism and uncertainty in fundamental social convictions»*

Fyodor Dostoevsky. “One of Today's Falsehoods”, In “A Writer's Diary, Volume 1: 1873-1876” (1997, K. A. Lantz, Gary Saul Morson). Northwestern University Press.

Dostoevsky – O canto da sereia socialista – 2. Falando da sua própria experiência, Dostoevsky fala da mentalidade da época, dizendo que, já nos 1840s, *«a certain cycle of ideas and conceptions... had a strong grip upon youthful society. We were contaminated with the ideas of then prevailing theoretical socialism»*. Os jovens estavam capturados pela ideia de um mundo paradisiacamente perfeito. Contribuindo para isto, *«socialism in its embryo used to be compared by some of its ringleaders with Christianity and was regarded as a mere corrective to, and improvement of, the latter, in conformity with the tendencies of the age and civilization. All these new ideas of those days carried to us, in Petersburg, a great appeal; they seemed holy in the highest degree and moral, and — most important of all — cosmopolitan, the future law of all mankind in its totality»*. Dostoevsky notou, porém, que quando, mais tarde, muitos destes jovens entusiásticos por felicidade universal perceberam que *«under the guise of regeneration and resurrection... gloom and horror»* estavam a ser preparados para a humanidade, vieram a renunciar a *«this chimeric frenzy»*.

Dostoevsky – Crianças russas educadas para Socialismo internacional.

Ambiente cultural dos mais jovens favorece socialismo e internacionalismo.

Insolência.

Materialismo.

Ausência de verdade natural.

Ausência de amor, indiferença, à pátria, ou ao povo.

Exaltação de identidade “Europeia”, por demérito de Russa.

«Our young people of the educated classes, raised in families where one most often encounters dissatisfaction, impatience, crude ignorance (despite the level of education of these classes), and where genuine education is almost everywhere replaced by an insolently negative attitude copied from others; where material concerns hold sway over every higher idea; where children are brought up without any grounding in their native soil, with no natural truth, with that disrespect or indifference toward their native land and that scornful contempt for the People which has become so common in recent times — is it here, from this wellspring, that our young people are to draw the truth and integrity of conviction to guide them on their first steps in life? This it where the source of the evil lies: in the tradition; in the legacy of ideas; in our national, age-old stifling in ourselves of any kind of independent thought; in the notion of the high status of a European, unflinching with the proviso of disrespect to oneself as a Russian!»

Pode-se culpar crianças pequenas se são atraídas pela comuna, por emigração e pelo “homem comum Europeu”? *«Can we blame little children such as these three high-*

school students if their poor heads were turned by the grand ideas of "free work in a free country" and the commune and the common-European man? Can we blame them if all this rubbish seems a religion to them, while emigration and betrayal of one's native land seems a virtue?»

Fyodor Dostoevsky. "One of Today's Falsehoods", In "A Writer's Diary, Volume 1: 1873-1876" (1997, K. A. Lantz, Gary Saul Morson). Northwestern University Press.

Dostoevsky – Mill, Darwin, Strauss.

Mills, Darwins e Strausses, supostos líderes do progressismo.

«Keep in mind, gentlemen, that all these exalted European teachers of ours – our light and our hope – all these Mills and Darwins and Strausses sometimes have a very strange view of the moral obligations of a person of today... Can a Russian youth remain indifferent to the influence of these leaders of progressive European thought and others like them...?»

Por exemplo, Strauss é um anti-Cristão fanático.

Se estes personagens tivessem poder para refazer sociedade, resultado seria...

...obscurantismo, caos, algo incrivelmente rude, cego e desumano.

Após rejeitar Cristo, a mente humana pode fazer coisas impressionantes – este é um axioma.

«People will tell me, perhaps, that these thinkers are certainly not propagating evil notions; that, for example, even if Strauss does hate Christ and has set himself the life's goal of mocking and despising Christianity, he nevertheless worships humanity as a whole and his teaching is as elevated and noble as can be. It's very possible that all this is true and that the goals of all today's leaders of progressive European thought are philanthropic and magnificent. But what I believe to be certain is this: if you were to give all these grand, contemporary teachers full scope to destroy the old society and build it anew, the result would be such obscurity, such chaos, something so crude, blind, and inhuman that the whole structure would collapse to the sound of humanity's curses before it could ever be completed. Once having rejected Christ, the human mind can go to amazing lengths. That's an axiom. Europe, or at least the highest representatives of her thought, rejects Christ; we, as we know, are obliged to copy Europe»

Fyodor Dostoevsky. "One of Today's Falsehoods", In "A Writer's Diary, Volume 1: 1873-1876" (1997, K. A. Lantz, Gary Saul Morson). Northwestern University Press.

Ecologia, cibernética social, teoria de jogos, organização em rede.

Da ecologia a funcionamento cibernético – Uma invenção euro-oligárquica.

Na prática, estamos a falar de organização psicossociológica.

De Saint-Simon ao Império Britânico aos cyber-nerds. A nova ciência da ecologia floresce rapidamente no Império Britânico, de 1895 a 1945, com a fundação da ONU. Porém, as suas raízes são encontradas bem antes disso, em pessoas como Rousseau, Saint-Simon, Herbert Spencer.

Enclausurar humanidade em sistemas e castas.

Ciência de organização [“organicidade”] e psicossociologia. Como assegurar o estabelecimento e manutenção ad aeternum de um mega-sistema de sistemas, organizado por castas (mónadas), inteiramente integrado e unido.

Cibernética, teoria de sistemas, teoria de jogos, funcionamento em rede.

Engels – “Judeus Polacos, a mais pérfida das raças”.

“Judeus Polacos, a mais pérfida das raças, obcecada com lucro”. «...the Polish Jews» eram «...this meanest of all races...through its lust for profit»

Duas gerações depois, esta “raça malvada” seria morta aos milhões em sítios como Auschwitz e Treblinka.

Mas teriam vários momentos heróicos contra a superioridade civilizacional germânica, como o Cerco do Guetto de Varsóvia.

Friedrich Engels, “*Posen*”. Neue Rheinische Zeitung, No. 285 (2nd edition), April 29, 1849.

ENGELS e MORGAN – Aldeia Global [Lenin].

Engels – Progresso socialista para dismantelar civilização.

Retorno a comunismo pré-histórico imaginário – Rousseau. Nos seus escritos finais, Engels clamou pelo retorno a um imaginário comunismo pré-histórico sem propriedade privada, o que era uma espécie de revivalismo do bom selvagem de Rousseau.

Progresso socialista visa Idade da Pedra. A fase final do progresso socialista é devolver o homem à estaca zero de progresso, o estado idílico onde está indefeso perante animais selvagens e depende de bagas para viver.

[Friedrich Engels (1884). The Origin of the Family, Private Property and the State.]

Morgan – Dismantelar civilização [capitalismo] e impor a aldeia.

Alcançar dissolução da sociedade.

Impor “igualdade, liberdade e fraternidade” das antigas gentes.

*«Since the advent of civilization, the outgrowth of property has been so immense, its forms so diversified, its uses so expanding and its management so intelligent in the interests of its owners, that it has become, on the part of the people, an unmanageable power. The human mind stands bewildered in the presence of its own creation. The time will come, nevertheless, when human intelligence will rise to the mastery over property, and define the relations of the state to the property it protects, as well as the obligations and the limits of the rights of its owners. The interests of society are paramount to individual interests, and the two must be brought into just and harmonious relations. A mere property career is not the final destiny of mankind, if progress is to be the law of the future as it has been of the past. The time which has passed away since civilization began is but a fragment of the past duration of man's existence; and but a fragment of the ages yet to come. **The dissolution of society** bids fair to become the termination of a career of which property is the end and aim; because such a career contains the elements of self-destruction. Democracy in government, brotherhood in society, equality in rights and privileges, and universal education, foreshadow the next higher plane of society to which experience, intelligence and knowledge are steadily tending. **It will be a revival, in a higher form, of the liberty, equality and fraternity of the ancient gentes**»*

In Friedrich Engels (1884). The Origin of the Family, Private Property and the State.

Lenin – “Origin of the Family...” é fundamental.

Lenin descreve o livro de Engels como «*one of the fundamental works of modern socialism*».

ENGELS – Arianismo Comunista – O comunismo primitivo das gentes.

Engels – Do comunismo primitivo germânico à “exploração capitalista”.

Raças Teutónicas eram comunistas.

Com dissolução das tribos, sociedade começa diferenciar-se em classes antagonísticas.

[Edit] «...common ownership of land [is] the social foundation from which all Teutonic races started in history, and, by and by, village communities were found to be, or to have been, the primitive form of society everywhere from India to Ireland... With the dissolution of the primeval communities, society begins to be differentiated into separate and finally antagonistic classes»

[Original] «In 1847, the pre-history of society, the social organization existing previous to recorded history, [was] all but unknown. Since then, August von Haxthausen (1792-1866) discovered common ownership of land in Russia, Georg Ludwig von Maurer proved it to be the social foundation from which all Teutonic races started in history, and, by and by, village communities were found to be, or to have been, the primitive form of society everywhere from India to Ireland. The inner organization of this primitive communistic society was laid bare, in its typical form, by Lewis Henry Morgan's (1818-1861) crowning discovery of the true nature of the gens and its relation to the tribe. With the dissolution of the primeval communities, society begins to be differentiated into separate and finally antagonistic classes»

Friedrich Engels [footnote *In The Communist Manifesto* (Chicago, 1848/1888)].

Engels e os Germânicos Arianos.

Germânicos eram uma tribo ariana dotada e vigorosa.

Organizaram e rejuvenesceram Europa.

Porém, Engels, disputa ideias sobre carácter místico deste grupo [ponto a favor].

«The Germans... were a highly gifted Aryan tribe, and in the full vigor of development. It was not, however, their specific national qualities which rejuvenated Europe, but simply – their barbarism, their gentile constitution.»

Friedrich Engels (1884). *The Origin of the Family, Private Property and the State*.

Engels – O comunismo primitivo das gentes.

Propriedade comum de terras.

Estrutura de poder baseada em fratrias.

Matriarcalismo.

Festivais e templos comuns.

Culto de adoração da natureza.

Assembleias, que actuavam como corpos administrativos e judiciais.

«Hence, all the gentes of this phratry were literally brother gentes. The phratry still occurs in Homer as a military unit in that famous passage where Nestos advises Agamemnon: Draw up people by tribes and by phratries so that phratry may support phratry, and tribe tribe. The phratry has further the right and the duty of prosecuting for blood-guilt incurred against a phrator; hence in earlier times it also had the obligation of blood revenge. Further, it had common shrines and festivals; in fact the elaboration of the whole Greek mythology out of the traditional old Aryan nature-cult was essentially conditioned by the phratries and gentes, and took place within them. The phratry also had a chief (the phratriarchos) and, according to de Coulanges, assemblies. It could pass binding resolutions, and act as a judicial and administrative body. Even the later state, while it ignored the gens, left certain public offices in the hands of the phratry... At all earlier stages of society production was essentially collective»

Friedrich Engels (1884). The Origin of the Family, Private Property and the State.

ESCOLA DE FRANKFURT – “Democracia consensual”, Marxismo.

“Democracia consensual” é Marxismo.

Processo de consenso é guiado por valores “democráticos” (Benne). «...*the approach to human engineering which has guided the editors in compiling this volume is not a “value-free” approach. No attempt to engineer changes in people and social systems is without some value system, whether explicit or implicit. The value system which these readings on leadership and change incorporate is a democratic [Marxista] one*»
“Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development”. Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Consenso é o soviète (Lukács). Aqui, o significado de democracia é pervertido para significar marxismo. O próprio Lukács confirma-nos isto abertamente, quando fala deste processo de consenso como Marxismo, o soviète, redefinido como “democracia” – ou vice-versa.

“Democracia consensual” é Marxismo – Ditadura do proletariado (Lukács).

A redefinição de democracia e democratização (Lukács, Fromm).

“Democratização” implica socialismo – “Redefinição” (Lukács).

E, para Lukács, socialismo implica **fusão totalitária e purgas culturais**.

«*The process of democratization... requires a socialist society... Toward the Redefinition of Democracy... The Process of Democratization presumes that the continued development of democracy only takes place within socialism. Democracy only survives as a historic enterprise with the elimination of private property. A society is democratic if it increases the unity between humankind and society, the person's private and public existence... For him, a society is most democratic when it increases the sense of oneness between an individual and his species*»

“Democratização” implica os soviètes, consenso, uma PPP (Lukács). «*The institutions in socialist society which act as the facilitators between the public and the private realms are the Soviets [as mesas redondas de consenso]... The Soviets are forms of direct democracy, an everyday assembly in which political issues are debated*»

Os soviètes e a pólis, o papel do proletariado europeu (Lukács). «*Lukács' political theory conjoins the Soviets and the polis. Such a fusion is perfectly consonant with Lukács' assessment of the role of the European proletariat, for he believes that the proletarian movement can be the heir of the classical humanist tradition. The fusion of Leninist bolshevism with polis integration is perfectly consistent with the role which*

Lukács assigns to the proletariat: perpetuate the Greek and the eighteenth century German form of humanism» – Georg Lukács, Norman Levine (1991). *The Process of Democratization*. SUNY Press.

Comunitarismo socialista – Colocar indivíduo em fluxo com sociedade.

Hegel, Marx, colocar indivíduo em fluxo com sociedade (Fromm). «*Man is free from all ties binding him to spiritual authorities, but this very freedom leaves him alone and anxious, overwhelms him with a feeling of his own individual insignificance and powerlessness. This free, isolated individual is crushed by the experience of his individual insignificance... Hegel and Marx have laid the foundations for the understanding of the problem of alienation... All that matters is that the opportunity for genuine activity be restored to the individual; that the purposes of society and of his own become identical...*» – Erich Fromm (1976). “Escape from freedom”. Holt, Rinehart and Winston.

Emancipação implica socialização marxista, sense-perception (Lukács). «*Marx urged us to understand ‘the sensuous world’, the object, reality, as human sensuous activity... Marx sees... consciousness as ‘practical critical activity’ with the task of ‘changing the world’... This means that man must become conscious of himself as a social being... Society becomes the reality for man... Praxis becomes the form of action appropriate to the isolated individual, it becomes his ethics*» – Georg Lukács (March 1919). “What is Orthodox Marxism?”. In *History & Class Consciousness* (1919-1923).

Fromm e a noção de comunitarismo socialista (Bronner). «*...the central problem of democracy is not the discovery of some optimal solution or standard for ranking incommensurate values; it is instead the formation of a somewhat vaguely defined “post-conventional” identity through which everyone affected by a decision must be able to participate in reaching it [consensus]... A new emphasis on civic participation and social interaction alone seemed capable of confronting the crisis. And that is precisely what Fromm provided in his notion of “communitarian socialism.”*» – Stephen Eric Bronner (2002). *Of Critical Theory and Its Theorists*. Routledge.

O processo de “democratização” é socialismo [Lukács, Fromm].

ESCOLA DE FRANKFURT.

“Marxistas transformacionais” – Marx e Freud. Complementar Marx com Freud. Sintetizaram a ideologia de Karl Marx com a de Sigmund Freud. Com isso, deram origem ao campo da psicologia social, ou Marxismo transformacional.

James Coleman. Estudante dos marxistas transformacionais Kurt Lewin e Ralph Tyler. Ganha o seu doutoramento sob a tutorial do “Frankfurter” Paul Lazarsfeld. Tem um papel central na reestruturação da educação americana, como consultor para o Supremo Tribunal em questões educativas. Escreve The Adolescent Society, sobre a sala de aula, Public School-Private School, sobre o sistema escolar, e Equality of Opportunity, sobre o sistema político.

Norman O. Brown. Professor Americano, promove a agenda da Escola de Frankfurt nos meios académicos americanos.

Erich Fromm. Marxista transformacional, membro da Escola de Frankfurt.

György Lukács – Max Horkheimer – Theodor W. Adorno – Leo Lowenthal – Raymond Aron – Erich Fromm – Herbert Marcuse – Walter Benjamin – Ernst Krenek.

ESCOLA DE FRANKFURT – Instituições associadas (EUA).

Fundações e establishment político.

Macy, ISR, New School, etc. Macy Group – Institute for Social Research (ISR) – New School.

O exemplo do Macy Group. Josiah Macy, Jr., Foundation. Muito importante neste circuito, essencial na reformulação do panorama psico-cultural do ocidente. Trabalha com WFMH e ELMH, bem como com os restantes grupos.

Pessoas como Bertrand Russell. Trabalha com pessoas como Bertrand Russell.

ESCOLA DE FRANKFURT – Subversão e desmoralização social.

Mudança social por subversão e desmoralização. A Escola de Frankfurt devota-se a mudança social através da destruição completa da antiga cultura. Isto era feito a partir de um processo de infiltração e subversão cultural, e desmoralização social activa.

Processo lento e gradual.

Revolução Húngara – Gramsci. Esta, aliás, era a fórmula da Revolução Húngara de Lukács, bem como da doutrina de Antonio Gramsci, o marxista cultural italiano.

FABIAN ESSAYS – Abolição da família e da privacidade doméstica.

Graham Wallas deplora vida em lares privados, e quer livre acesso.

Wallas insurge-se contra famílias que querem casas e cozinhas separadas.

O resultado inevitável é desperdício e desconforto.

Organização e vida em público trariam abundância.

Pessoas insistem em ter as suas próprias mobílias, livros e fotos.

E em fazer poupanças(!).

Isto terá de continuar algum tempo até a sociedade poder absorver vida familiar, ou trabalhos domésticos serem geridos socialmente.

Até lares ingleses deixarem de ser castelos, sem livre entrada e ingresso (a este género de monstros).

Pessoas decentes não andam por aí a escrever ensaios sobre como querem entrar em casas alheias, gerir a vida de famílias.

Isso é um exclusivo de pervertidos e de ladrões.

Continua: isto é um isolamento egoísta (!).

Há que extrair as crianças desse meio.

«For instance, each family now insists on having a separate home, and on cooking every day a separate series of meals in a separate kitchen. Waste and discomfort are the inevitable result; but families at present prefer waste and discomfort to that abundance which can only be bought by organisation and publicity. Again, English families constitute at present isolated communistic groups, more or less despotically governed... but this tendency must go very much further before society can absorb the family life, or the industries of the home be managed socially. Thus, associated production of all the means of family life may be developed to a very high degree before we cease to feel that an Englishman's home should be his castle, with free entrance and free egress alike forbidden... But they certainly would at present insist on having their own crockery and chairs, books and pictures, and on receiving a certain proportion of the value they produce in the form of a yearly or weekly income to be spent or saved as they pleased... If we wish to wean the children from the selfish isolation of the English family, from the worse than savage habits produced by four generations of capitalism, from that longing for excitement, and incapacity for reasonable enjoyment, which are the natural results

of workdays spent in English factories, and English Sundays spent in English streets, then we must give freely and generously to our schools».

Graham Wallas (1889), *Property Under Socialism*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

Annie Besant – Refeitórios públicos.

Refeitório público, para “ajudar” donas de casa, economizar comida e combustível.

De algum modo, com toda esta economização, haveria maior escolha e variedade de pratos.

«...its public meal-room, saving time and trouble to housewives, and, while economising fuel and food, giving a far greater choice and variety of dishes».

Annie Besant (1889), *Industry Under Socialism*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

FABIAN ESSAYS – Consolidação monopolista – Trabalho.

Annie Besant – Reorganização autoritária do trabalho.

Com reorganização, empresas privadas sucumbem à Comuna.

Aí, desemprego vai significar morte por fome: “trabalha ou morre”.

“Fellow-workers” usados para “make him take his fair share of the work”.

Ou seja, um sistema de chantagem e ataque colectivo sobre o indivíduo.

«We shall work because, on the whole, we prefer work to starvation. In the transition to Socialism, when the organisation of labor by the Communal Councils begins, the performance of work will be the condition of employment; and as non-employment will mean starvation—for when work is offered, no relief of any kind need be given to the healthy adult who refuses to perform it—the strongest possible stimulus will force men to work. In fact, "work or starve" will be the alternative set before each communal employee ; and as men now prefer long-continued and ill-paid work to starvation, they will certainly, unless human nature be entirely changed, prefer short and well-paid work to starvation. The individual shirker will be dealt with much as he is to-day: he will be warned, and, if he prove incorrigibly idle, discharged from the communal employ. The vast majority of men now seek to retain their employment by a reasonable discharge of their duty: why should they not do the same when the employment is on easier conditions? At first, discharge would mean being flung back into the whirlpool of competition, a fate not lightly to be challenged. Later, as the private enterprises succumbed to the competition of the Commune, it would mean almost hopelessness of obtaining a livelihood. When social reorganisation is complete, it would mean absolute starvation. And as the starvation would be deliberately incurred and voluntarily undergone, it would meet with no sympathy and no relief. The next stimulus would be the appetite of the worker for the result of the communal toil, and the determination of his fellow-workers to make him take his fair share of the work...»

Pessoas fazem dois empregos por dia.

«It may be desirable for a man to have two trades...»

Os trabalhadores são enviados para onde são “necessários”.

Temos exércitos industriais.

«Many of the unemployed are unskilled laborers: a minority are skilled. They must first be registered as skilled and unskilled, and the former enrolled under their several trades... To the County Farm will be drafted from the unemployed in the towns the agricultural laborers who have wandered townwards in search of work, and many of

the unskilled laborers... It is very likely that among the unemployed some will be found whose trade can only be carried on by large numbers, and is not one of the industries of the town into which their unlucky fate has drifted them. These should be sent into municipal service in the towns where their trade is the staple industry, there to be employed in the municipal factory»

Organização do trabalho em quintas estatais e comunas industriais.

Comunas agrícolas e industriais geridas por comités.

Gestores e capatazes superintendem todo o trabalho.

Conselhos Comunais nomeiam comités para superintender ramos da indústria.

«Then can begin the rural organisation of labor on county farms, held by the County Councils. The Council will have its agricultural committee, charged with the administrative details; and this committee will choose well-trained, practical agriculturists, as directors of the farm business. All the small industries necessary in daily life should be carried on in it, and an industrial commune thus built up. The democracy might be trusted to ordain that an eight hours' day, and a comfortable home, should be part of the life-conditions on the County Farm»

«These workshops will be under the direction of foremen, thoroughly skilled workmen, able to superintend and direct as though in private employment»

«The best form of management during the transition period, and possibly for a long time to come, will be through the Communal Councils, which will appoint committees to superintend the various branches of industry».

Annie Besant (1889), *Industry Under Socialism*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

FABIAN ESSAYS – Controlo de Opinião.

GB Shaw – Estandarização de opinião pública para controlar população.

Desaparecimento da “opinião pública” permitirá fusão da sociedade numa única classe.

Essa classe única terá uma opinião pública de peso inconcebível.

Essa opinião pública permitirá controlar eficazmente a população.

«...the disappearance of a variety of classes with a variety of what are now ridiculously called "public opinion" will be accompanied by the welding of society into one class with a public opinion of inconceivable weight; that this public opinion will make it for the first time possible effectively to control the population...»

George Bernard Shaw (1889), *Transition*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

Graham Wallas – Ultrapassar “anarquia de opinião”, controlar edições.

É necessário ultrapassar “our present anarchy of opinion”.

Usar educadores publicamente escolhidos.

Se permitirmos (nós, os gestores socialistas) que um homem tenha material de publicação...

...temos de assegurar que a comunidade faz devido uso, uso inteligente, disso.

«...and it may be, when our present anarchy of opinion be overpast, the refreshment of his mind from the publicly chosen teacher... If we allow a man to own a printing press, or a plough, or a set of bookbinders' tools, or a lease of a house or farm, we must allow him so to employ his possession that he may, without injuring his neighbor, get from it the greatest possible advantage. Otherwise, seeing that the community is not responsible for its intelligent use, any interference on the part of the community may well result in no intelligent use being made of it at all; in which event all privately owned materials of industry not actually being used by their owners would be as entirely wasted as if they were the subjects of a chancery suit»

Graham Wallas (1889), *Property Under Socialism*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

Annie Besant – Imprensa controlada pela comuna.

«...how will books and newspapers be produced?... Printing, like baking, tailoring, shoemaking, is a communal rather than a national industry. Suppose we had printing offices controlled by the Communal Council. The printing committee might be left free to accept any publication it thought valuable, as a private firm to-day may take the risk of publication, the arrangement with the author being purchase outright, or royalty on copies sold, in each case so much to be put to his credit at the Communal Bank»

Annie Besant (1889), *Industry Under Socialism*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

FABIAN ESSAYS – Indivíduo, peça na máquina – Educação – Saúde social.

SIDNEY WEBB – Indivíduo é uma peça na máquina social – totalitarismo.

Organismo social.

A comunidade transcende o indivíduo, choca com ele.

Educação tem de ser **comunitária** – Servir para treinar para uma função social.

Não para desenvolver potenciais individuais.

Indivíduo é moldado por pressão social, as suas actividades pertencem ao todo.

«The New Synthesis... It was discovered (or rediscovered) that a society is something more than an aggregate of so many individual units—that it possesses existence distinguishable from those of any of its components... The community must necessarily aim, consciously or not, at its continuance as a community: its life transcends that of any of its members; and the interests of the individual unit must often clash with those of the whole... the individual is now created by the social organism of which he forms a part: his life is born of the larger life; his attributes are moulded by the social pressure; his activities, inextricably interwoven with others, belong to the activity of the whole... the perfect and fitting development of each individual is not necessarily the utmost and highest cultivation of his own personality, but the filling, in the best possible way, of his humble function in the great social machine». E tudo isto é para assegurar a «continuance and sound health of the social organism».

Sidney Webb (1889), *The Basis of Socialism – Historic*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

SIDNEY WEBB – Saúde social, higiene social.

Organismo social precisa de saúde social. *«Without the continuance and sound health of the social organism, no man can now live or thrive; and its persistence is accordingly his paramount end. The conditions of social health are accordingly a matter for scientific investigation».*

Sidney Webb (1889), *The Basis of Socialism – Historic*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

SIDNEY WEBB – Educação tem de moldar personalidade para peça na máquina.

Educação tem de ser **comunitária** – Servir para treinar para uma função social.

Não para desenvolver potenciais individuais.

Indivíduo é moldado por pressão social, as suas actividades pertencem ao todo.

Há que abandonar independência, e sujeitar mente individual ao “Common Weal”.

«...the perfect and fitting development of each individual is not necessarily the utmost and highest cultivation of his own personality, but the filling, in the best possible way, of his humble function in the great social machine. We must abandon the self-conceit of imagining that we are independent units, and bend our jealous minds, absorbed in their own cultivation, to this subjection to the higher end, the Common Weal».

Sidney Webb (1889), *The Basis of Socialism – Historic*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

FABIAN ESSAYS – Transição Social-Democrata – Economia, Sociedade.

Annie Besant – Centralização capitalista serve socialismo.

Centralização capitalista serve propósitos socialistas.

Tudo o que tiver sido organizado centralmente, pode ser apropriado pela comunidade.

«Concurrently with this rural and urban organisation of non-centralised industries will proceed the taking over of the great centralised industries, centralised for us by capitalists, who thus unconsciously pave the way for their own supersession. Everything which has been organised into a Trust, and has been worked for a time in the Trust fashion, is ripe for appropriation by the community»

Annie Besant (1889), *Industry Under Socialism*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

GB Shaw – Social-democracia visou colocar tudo sob tutela estatal.

Social-Democracia: usar democracia para colocar tudo sob poder estatal.

Terra, capital, organização da indústria nacional.

Todas as fontes de produção que são abandonadas a indivíduos irresponsáveis.

«...we have the distinctive term Social Democrat, indicating the man or woman who desires through Democracy to gather the whole people into the State, so that the State may be trusted with the rent of the country, and finally with the land, the capital, and the organization of the national industry—with all the sources of production, in short, which are now abandoned to the cupidity of irresponsible private individuals»

Transição gradual da Social Democracia significa transferência de tudo para o estado.

Não de uma só vez, mas por prestações.

«What then does a gradual transition to Social Democracy mean specifically? It means the gradual extension of the franchise; and the transfer of rent and interest to the State, not in one lump sum, but by instalments»

George Bernard Shaw (1889), *Transition*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

GB Shaw – A destruição lenta, estagnativa, da economia de classe média. Fala-nos «*of the process of the extinction of private property*». O objectivo é a destruição lenta e gradual da economia de classe média, no qual «*the less favorably situated would succumb without remedy... It would be either stalemate or checkmate*». Isto é um processo lento, com «*sections of the proprietary class successively capitulating, as the net closes about their special interests, on such terms as they may be able to stand out for before their power is entirely broken*».

George Bernard Shaw (1889), *Transition*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

GB Shaw – Um salário mínimo, por padrões medievais.

«*A minimum wage must be fixed... It will be, like medieval wages, fixed with at least some reference to public opinion as to a becoming standard of comfort*»

George Bernard Shaw (1889), *Transition*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

Hubert Bland – Guiar transição gradual para novo sistema.

Mundo move-se de sistema para sistema, através de desordem, de volta a sistema.

«*...the world moves from system, through disorder, back again to system*»

Portanto, só havia que guiar e facilitar transição para novo sistema.

Heroísmo revolucionário seria infantil e criminoso.

«*Revolutionary heroics, natural and unblameable enough in exuberant puerility, are imbecile babblement in muscular adolescence, and in manhood would be criminal folly*»

Em vez disso, processo gradual.

[**Edit**] «*...the process will be gradual... each day brings us nearer victory. Those who resist Socialism fight against principalities and powers in economic places... the bourgeois ranks themselves are dwindling*»

[**Original**] «*...the process will be gradual, we shall be able to say that we have a Socialist State on the day on which no man or group of men holds, over the means of production, property rights by which the labor of the producers can be subjected to exploitation... That, however long and wearisome the struggle, each day brings us nearer victory. Those who resist Socialism fight against principalities and powers in economic places. Every new industrial development will add point to our arguments*»

and soldiers to our ranks... The intensifying of the struggle for existence, while it sets bourgeois at the throat of bourgeois, is forcing union and solidarity upon the workers. And the bourgeois ranks themselves are dwindling. The keenness of competition, making it every year more obviously impossible for those who are born without capital ever to achieve it, will deprive the capitalist class of the support it now receives from educated and cultivated but impecunious young men whose material interest must finally triumph over their class sympathies; and from that section of workmen whose sole aspiration is to struggle out of the crowd»

Hubert Bland (1889), *The Outlook*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

Hubert Bland – Não existe razão para manter aparência de democracia.

Num momento de candura, Bland diz-nos que não há razão para manter pretensões democráticas.

Para que o simulacro de organização partidária seja mantido...

...ou para que o Parlamento não se torne uma estrutura ditatorial.

«...there remains no reason whatever, except the quite minor question of Disestablishment, why even the simulacrum of party organisation should be maintained, or why the structural arrangements of the House of Commons should not be so altered as to resemble those of a town hall, in which all the seats face the chair»

Hubert Bland (1889), *The Outlook*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

Annie Besant – Sistema de comunas regionais.

Divisão do país em áreas administrativas, autoridades locais, a comuna.

«The division of the country into clearly defined areas, each with its elected authority, is essential to any effective scheme of organisation... the Commune»

Annie Besant (1889), *Industry Under Socialism*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

FABIAN SOCIETY – Socialismo serve alta finança – PPPs

Fabian Society: Socializar o mundo para o entregar à City of London Corporation.

Redwood e Douglas, dois fabianos de topo guiam PPPs sobre planeta.

Fabian Society: Socializar o mundo para o entregar à City of London Corporation.

O projecto Fabiano para o mundo é o projecto dos banqueiros.

Ou não fosse a Fabian Society um SIS branch, criado pela Coroa e pela City.

City of London Corporation seria a proprietária e governante privada do mundo. Em essência, haveria uma única empresa mundial, representada pela City of London Corporation, que seria a dona privada do mundo, e o governo privatizado para o mundo inteiro. Os principais bens e recursos de cada país estariam na posse de bancos e empresas multinacionais sob a City.

Riqueza de cada país transferida para estado e depois para PPPs. A ideia envolvia a transferência gradual da capacidade produtiva de cada país pelo mundo fora para uma série de grandes ministérios e quadros estatais de planeamento, que seriam depois corporativizados e finalmente privatizados para a posse dos bancos e para as empresas controladas pelos mesmos.

Tudo seria alienado para interesses privados. A propriedade individual seria severamente restringida, com a larga maioria da terra, mas, pescas, rios, lagos, portos, caminhos de ferro, comunicações, media, estradas, electricidade, energia, comida, água, imobiliária, quintas, propriedade comercial, escolas, hospitais, polícia, segurança social, etc, a serem transferidos para corporações estatutárias, mutualidades ou empresas, que seriam directamente controladas pelos bancos.

“Comuns” reduzidos a estado servil, sob neofeudalismo. Os “comuns” continuariam a ter o direito de possuir as suas próprias roupas, e pequenos bens como móveis e objectos pessoais.

Governo político ONU, governos regionais – Sovietismo político. De modo similar à experiência levada a cabo na URSS, o mundo inteiro seria eventualmente transferido para o controlo da ONU, sob o qual cada país seria regionalizado e governado através de Conselhos Regionais (soviets), e o mundo seria governado por uma ditadura da ONU através de uma “Assembleia Parlamentar”, que seria apenas outro nome para um “Comité Central” Soviético.

Redwood e Douglas, dois fabianos de topo guiam PPPs sobre planeta.

“Bens estatais” de cada país a ser privatizados para interesses da City.

Hoje em dia, as câmaras municipais e os conselhos regionais estão a expandir dramaticamente os seus níveis de dívida, através de empréstimos dos bancos, para pagar programas insolventes. A consequência disto é que, depois, os “bens estatais” de cada país podem ser privatizados por bancos e corporações controlados pela City.

Sob manuais de Sir Roger Douglas e John Redwood, dois fabianos de topo. Isto está a acontecer primariamente sob a direcção de dois autores fabianos de topo, que escrevem dois livros, que são os manuais principais hoje usados pelos governos centrais e locais pelo mundo fora, para vender os bens públicos de cada nação, com os bens mais “sensíveis” a serem transferidos para parcerias público/privadas de estilo fascista.

Douglas consultor para bastantes grupos, incluindo Banco Mundial. Sir Roger Douglas escreve “Unfinished Business” e é contratado por uma série de bancos de topo, incluindo o Banco Mundial.

Redwood, ex-director da NM Rothschild, que coordena globalização. John Redwood escreve “Public Enterprise in Crisis”. É o ex-director da NM Rothschild & Sons London Global Overseas Privatization Unit, que hoje em dia coordena todo o processo global de privatização.

FABIANISMO – Estagismo e totalitarismo.

FABIANISMO – Estagismo.

Estandarização → Consolidação monopolista → Socialismo.

Diferentes abordagens para diferentes povos e territórios. Cada país tinha as suas próprias tradições e os seus próprios ritmos, e havia que jogar com isso, e ter abordagens diferenciadas para cada região.

FABIANISMO – Estagismo – Mudanças sociais a impor.

Centralização de poder no executivo. Centralizar, concentrar poder em departamentos de estado, contornar a autoridade dos tribunais e dos parlamentos.

Controlo PPP – Organização fascista da economia. Dominação da sociedade pelo estado e por corporações selectas. Um conjunto de grandes confederações controlaria cada ramo da economia. Portanto, haveria uma confederação para a produção agrícola, outra para o aço, outra para os têxteis, e por aí fora.

Ultra-taxação. Os indivíduos dariam a maior parte dos seus rendimentos ao estado, na forma de impostos.

Direitos laborais inexistentes. Seriam inteiramente abolidos, bem como os direitos de protesto sindical. Aliás, foi o que aconteceu na URSS.

Abolição de propriedade privada. A filosofia fabiana foi passada para papel em 1887 e incluía a afirmação: “*The Fabian Society acknowledges the principal tenet of Marxism the abolition of private property*”.

Destruição da família, atomização do indivíduo. A família teria largamente sido destruída, atomizada, e seria controlada por agências estatais.

FABIANISMO – Estagismo – Revolução violenta para países subdesenvolvidos.

Revolução violenta, guerra, totalitarismo. Usar socialismo revolucionário abrupto, revoluções rápidas, destrutivas e sangrentas, brutalidade de estado, purgas, etc.

Estandarizar e “actualizar”. A ideia é a de “martelar o território e a população” até à “perfeição”.

FABIANISMO – Estagismo – Fabianismo para países desenvolvidos.

Países desenvolvidos-individualistas. Países industrializados, com tradições liberais, Judaico-Cristãs e individualistas.

Propaganda, permeação, cooptação.

Gradualismo e reformismo. Avanço lento, gradual e incremental, passo a passo, com passos lentos mas seguros, por meio de reformismo.

FABIANISMO – Estagismo – Usar desenvolvimento ocidental para globalizar.

Usar capitalismo ocidental. Usar desenvolvimento capitalista ocidental para assumir controlo sobre mundo.

Depois, derrubar definitivamente individualismo ocidental.

FABIANISMO – Apoio sistemático a comunismo e fascismo – totalitarismo.

URSS, Itália Fascista, Alemanha Nazi. Enormes fãs e apoiantes de todos os sistemas socialistas, da URSS à Itália Fascista e à Alemanha Nazi.

SHAW – “Hitler, Mussolini and Stalin do stuff”. “Fabian Socialist George Bernard Shaw Praises Mussolini” – “gb shaw - while parliaments do nothing, hitler, mussolini and stalin do things”

WEBBS – Textos propagandísticos sobre Estalinismo. Os Webbs escrevem vários textos apologéticos sobre a URSS e, mais notavelmente, sobre o Estalinismo, a elogiar o sistema ao ponto de lhe chamarem um sistema livre e democrático.

FABIANISMO – Medievalismo.

Fabianos admitem livremente origens feudal-reaccionárias. Fidelidades à ordem social restringida e controlada da Idade Média.

Tanto nos EUA como na Grã-Bretanha.

FABIANISMO – “Permeação”.

Termo educado e neutro para infiltração, cooptação. Subversão ideológica e humana, por meio de provocadores, infiltradores e por aí fora. Subversão, infiltração, dissimulação, cooptação.

“Permear” todas as instituições relevantes com pessoas e ideias. Os socialistas Fabianos declararam que teriam de “permear”, com pessoas e ideias, institutos de governo, instituições educacionais, firmas editoriais e outros meios de comunicação social. Da oposição e da sociedade civil. Esconder sempre propósitos reais.

→ Ex: Permeação da opinião pública e da academia. O domínio das ideias públicas foi efectivamente “permeado”. Socialistas vivem vidas confortáveis como autores, editores, professores, palestrantes. Universidades e editoras tornam-se centros de disseminação. Doutrina torna-se embebida em universidades, discurso público, através de cursos de ciências sociais e educação.

FERRI (1909) – Nostalgia medieval – Rejeição de independência agrícola.

Ferri (1909) – Nostalgia medieval.

Admite que mundo burguês ainda mal começou. «...*this bourgeois world, only born a century ago... the end of the 19th century marks the critical phase of the bourgeois evolution started with all steam up, even in Italy, on the track of individualist capitalism*»

Sob burguesia, trabalhadores vivem pior que escravos ou servos feudais.

“Têm existência moral e física melhor, mas vivem pior – porque sim”.

«...the workmen of the contemporary period of bourgeois civilisation have generally a physical and moral existence superior to that of past centuries; but... their condition as free wage earners is inferior in more than one point to the condition of the slaves of antiquity and of the serfs of the Middle Ages... The slave of antiquity was, it is true, the absolute property of his master, of the free man, and he was condemned to an almost bestial life; but it was to the interest of the master to secure to him at least his daily bread, for the slave was part of his patrimony like his oxen and horses. Similarly, the serf of the soil, in the Middle Ages, enjoyed certain customary rights which attached him to the land and secured to him at least except in case of scarcity daily bread. The free wage earner of the modern world, on the contrary, is always condemned to labour not fit for a human being both by its length and its character» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – Nostalgia medieval – Rejeição de independência agrícola.

«Certain persons still imbued with political artificialism think that to solve the social question the system of small farming must be generalised... small farming represents the petty agricultural industry... rudimentary organs which only represent a former phase, and which have no decisive function in the economic world. They are like the rudimentary organs of the higher animals, according to the theory of Darwin witnesses to epochs for ever passed. The same Darwinian and economic law applies to small farming, itself evidently destined for the same end as handicrafts» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

FERRI – Espiral.

Ferri (1909) – Espiral (1) – A dialéctica evolucionária.

Dialéctica evolucionária aplicada à sociedade humana.

«Socialism... being the next phase of human civilisation... cannot suppress or efface what there is in the preceding phases that is vital, that is to say, what is compatible with the new social form... It is a law of natural evolution remarkably illustrated by M. Ardigo, that no subsequent phase of natural and social evolution destroys the vital and fructifying manifestations of preceding phases, but on the contrary, that it continues their existence in so far as they are vital and eliminate only the pathological manifestations... In biological evolution the manifestations of vegetable life do not efface the first dawn of life which is already seen in the crystallisation of minerals, anymore than the manifestations of animal life efface those of vegetable life... The human form of life also leaves in existence the forms and links which precede it in the great series of living beings, but much more do the later developed forms live in proportion to whether they are the product of primitive forms, and co-exist with them... Social evolution follows the same law, and this is precisely the interpretation which scientific evolutionism gives of the transition times. They do not eliminate the conquests of preceding civilisation, but, on the contrary, they preserve the vital part of them and fructify them for the new birth of a fresh civilisation... This law which governs the grand development of social life, rules equally the destiny and the course of all social institutions... One phase of social evolution in succeeding another eliminates, it is true, the non-vital parts, the pathological products of preceding institutions, but it preserves and develops the healthy and fructifying parts whilst it always raises higher the physical and moral diapason of humanity... By this natural process the great river of humanity has come forth from the virgin forests of savage life, has developed majestically in the periods of barbarism and of the present civilisation, superior in certain aspects to the preceding phases of social life, but in many others stained by the very products of its own degeneracy as I have mentioned concerning backward social selections» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – Espiral (2) – Comunismo primitivo e o homem verde.

Um novo e melhor comunismo primitivo, na grande marcha do deus do mundo.

Lei da retrogressão, síntese natural, homem verde. O homem veio da natureza, e complexificou-se com a evolução. Mas, à medida que avança no seu percurso, e integra conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo (gnose), é reconciliado com o seu

estado original, natural. Obtem uma síntese final, que é de reconciliação com a natureza. Não há nada fora da natureza e, portanto, no final da evolução do conhecimento, só existe a natureza. Portanto, o homem regressa ao estado primitivo da natureza, e o círculo é completo. Comunismo primitivo. Sob comunismo primitivo, existe escassez de comida e poliandria – vários parceiros para uma única mulher.

A espiral, ou o abraço da serpente. É o fim de um ciclo, de um “grande ritmo”. Mas não é uma repetição pura e simples. Cada fase nova de avanço dialéctico guarda características das fases precedentes. Portanto, o curso da evolução social não é o Ouroboros, mas sim uma espiral. I.e., o abraço da serpente.

«The family is at first... only a sexual communism; polyandry and a matriarchate established themselves where a scanty food supply only allowed a small increase in the population; we find polygamy and a patriarchate at the time and in the place where this fundamental economic reason does not rule tyrannically. With historic times appears the best and most advanced form, monogamy, although that still needs to be delivered from the absolutist conventionalism of the indissoluble bond...»

O «Socialism» surge então como *«the return to collective property of the land... a return to the primitive, savage stage of humanity... Socialism would then be a return to barbarism... This... contains a portion of truth which cannot be denied: it justly notes that collective property would be a return, apparently, to the primitive social organisation... The fundamental thesis of socialism is... to repeat it once more, in perfect accord with this sociological law of apparent retrogression, the natural causes of which M. Loria has admirably analysed... Primitive humanity borrows from surrounding nature the fundamental and most simple lines of its thought and life; then the progress of intelligence and complexity, increasing by a law of evolution, gives us an analytical development of the principal elements contained in the first germs of each institution; this analytical development is often, once it is finished, antagonistic to each of the elements; humanity itself, having reached a certain stage of evolution, recomposes in a final synthesis these different elements and thus returns to its primitive point of departure. [Loria, The Economic Basis of Society.]»*

«This return to the primitive form is not, however, a repetition pure and simple. So we call it the law of apparent retrogression and that takes away all value from the objection of the "return to primitive barbarism." It is not a repetition pure and simple, but the end of a cycle, of a great rhythm, as M. Asturaro recently said, which cannot but preserve the effects and conquests of the long prior evolution in what they possess of vitality and fruitfulness, and the final outcome is far superior, in its objective reality and its effect on the human mind, to the primitive embryo which it resembles... The course of social evolution is not represented by a closed circle, which, like the serpent of the ancient symbol, cuts off all hope of a better future; but according to the image of Goethe, it is represented by a spiral which seems to come back on itself but which always advances and rises» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin,

Spencer, Marx". English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

FERRI – Fascismo – Corpo social-global – Darwinismo social.

Enrico Ferri.

Enrico Ferri, criminologista, sociólogo, director da Scuola Positiva.

Deputado socialista, editor do Avanti. Membro radical da Câmara Italiana (Italian Chamber) durante uma série de anos, a começar em 1886. Eleito para o Parlamento Italiano em 1886. Em 1893 junta-se ao Partido Socialista Italiano e edita o jornal diário do partido, o Avanti.

Enrico Ferri assume-se como Fascista.

Sociólogo “evolutivo”, “ideal de harmonia”. Ferri chamava-se a si mesmo um “sociólogo evolutivo”, que procurava o “ideal de harmonia entre todas as classes sociais”.

Como tantos outros Socialistas europeus, tornou-se Nacional-Socialista, ou Fascista.

“Fascismo é subsidiário do Socialismo, traz harmonia e colectivismo”. No início dos anos 20, expressa o seu consentimento para com os Fascistas e torna-se um dos mais destacados apoiantes de Mussolini fora do Partido Fascista. Segundo Ferri, o Fascismo era um subsidiário do Socialismo, «*primarily the affirmation of the supremacy of the state against liberal individualism and even libertarianism*» e representava «*a complete and systematic solution*» para o conflito de classes. Mussolini era um “novo homem”, um líder carismático, “acumulador eléctrico”, que correspondia às aspirações do povo.

Enrico Ferri (1929). “Il fascismo in Italia e l'opera di Benito Mussolini”. “Mussolinia” edizioni Paladino. [“Fascism in Italy and the work of B. Mussolini”, p. 85]

Ferri (1909) – Metáfora biológica – Darwin, Spencer, Marx.

Darwin consagra evolução da espécie. A espécie evolui.

Spencer consagra evolução da espécie-corpo-sociedade. A espécie que evolui é um organismo, uma sociedade.

Marx descobre o percurso da evolução da sociedade-organismo humano.

Do individual ao absolutamente colectivo, social, global. [ver tópico abaixo]

«...the masterly work of Marx... now his name stands with those of Charles Darwin and Herbert Spencer... the logical consequences of Darwinism and scientific evolutionism, applied to the study of human society, lead inexorably to socialism... socialism is nothing else than the logical and vital outcome partly of Darwinism and partly of Spencerian evolution» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – Metáfora biológica – Burguesia e religião são doenças.

Sociedade burguesa é um organismo doente, que vai ser curado com socialismo, após uma febre.

“Possibly after some access of fever” – Uma pessoa pode-se perguntar se os gurus do aquecimento global leram Ferri.

«Civilisation... contains an infectious virus of enormous power... moral suicide... life without an ideal... in part, the effect of the exhaustion, or even of the degeneracy of the nervous system... socialism is exactly that breath of a new and better life which will deliver humanity possibly after some access of fever from the noxious products of the present phase of civilisation, and which in a future phase will give a new expansion to the healthy and fruitful energies of all human beings... bourgeois civilisation... has reached its decline...»

Religião faz parte da doença. *«...religious beliefs... pathological phenomena of human psychology... as useless phenomena of moral incrustation»*

Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – Metáfora biológica – Socializar indivíduo em nome da espécie.

Indivíduo e família são apenas células da espécie-organismo.

Indivíduo serve para ser socializado e servir a espécie.

“Com o século XIX, o indivíduo deixou de interessar – só o colectivo interessa”.

Indivíduo e família só interessam enquanto membros do agregado – são células.

Tudo o que o indivíduo tem de valor, é-lhe dado por socialização.

A sociedade não é feita para o indivíduo – indivíduo é formatado para a sociedade.

O agregado maior é a espécie – o indivíduo só tem significado se for um membro válido da espécie.

«The eighteenth century finished with the... glorification of the individual... at the end of the 19th century the individual, as a being in himself is dethroned in biology as in sociology. The individual exists but only in so far as he makes part of the social aggregate... the family [is] the social cell... the economic and political organisation of which he is an atom... the individual in himself... does not exist in himself but only as far as he is a member of a society... All that the individual possesses of what is best, he owes to the social life... The species that is to say the social aggregate is the great, the living and eternal reality of life, as Darwinism has shown, and as all the positive sciences from astronomy to sociology have shown... whilst at the end of the 18th century it was thought that society was made for the individual... at the end of the 19th century the positive sciences have proved quite the contrary that it is the individual who lives for the species, and that the latter alone is the eternal reality of life» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – Metáfora biológica – Socializar indivíduo em nome da espécie (2).

Coletivismo é fase disciplinadora que precede comunismo. *«...as Marx himself has declared... the formula of collectivism only represents one phase of social evolution, a period of individual discipline which must necessarily precede communism... a phase of collectivism in which individual activity, and instincts could discipline themselves into social solidarity...»*

Toda a liberdade é coletiva. *«...liberty is not, and cannot be, an end in itself... Liberty for liberty's sake... the liberty of public meeting or the liberty of thought... the worth of a platonic participation in political government, the right to vote»* são irrelevantes, sem socialismo.

Respeito por direitos individuais é oposição ao progresso. Ter de respeitar direitos individuais é *«...progress attained opposing itself to progress to come is a sort of political self pollution: it is impotence in face of the fresh necessities of life»*

Socialismo deixa indivíduo ficar com a roupa [talvez]. *«In substituting for individual property social ownership of the land and means of production, it is evident that the ownership of food necessary for the individual will not have been suppressed, nor that of clothing and objects of personal use which will continue to be articles of individual or family consumption»*

Socialização progressiva e fabiana. *«...socialism... a continuous, progressive preponderance of the interests and benefit of the species over those of the individual and consequently in the sense of a continuous socialisation of economic life and through it of juridical, moral, and political life» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.*

Ferri (1909) – Metáfora biológica – Luta pela existência e adaptação social.

Melhorismo para “separar o trigo do joio”. Haveria melhorismo [*«daily bread for body and mind being assured to each person»*], por forma a “separar o trigo do joio”.

Socialismo tem de manter a luta pela existência – Adaptação social.

Alguns homens são falhados, mesmo no regime social.

“The victims of feebleness, of disease, of insanity, of nervous disorder, of suicide”.

Aptos: “indivíduos melhor adaptados à sociedade e aos tempos”.

“The survival of those best adapted to this economic organisation itself”.

«...the social transformation which socialism aims at» vai manter «the “struggle for existence”... the struggle for existence is a law inseparable from life, and consequently from humanity itself... Socialism, understood in the scientific sense, does not deny and cannot deny that there are always among men some “losers” in the struggle for existence... even in the social regime... there will always be some vanquished in the struggle for existence, there will be the victims of feebleness, of disease, of insanity, of nervous disorder, of suicide...»

«The struggle for existence necessarily determines the survival of the individuals best adapted to the society and the time in which they live...the survival of those best adapted to this economic organisation itself... In a society physically and morally healthy the best adapted, those who will consequently survive, will be healthy» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – Metáfora biológica – O corpo global-espécie.

Internacionalismo é ciência positiva. *«...the conception of national and international federalism corresponds to the positive character of scientific socialism»*

Conversa sobre governo mundial.

Toda a vida forma uma associação, um todo colectivo, a federação das partes.

O organismo de um mamífero é uma federação de tecidos, órgãos, estrutura.

O organismo de uma sociedade é uma federação de cidades, províncias, regiões.

O organismo da humanidade só pode ser uma federação de nações.

Os órgãos desse organismo têm de ser especializados.

«Everything living forms an association, a collective whole... the federation of parts... The organism of a mammal is only a federation of tissues, organs, structure; the organism of a society can only consist of a federation of townships, provinces, regions: the organism of humanity can only consist of a federation of nations. If it is absurd to conceive of a mammal whose head, for instance, should move in the same manner as its extremities, and its extremities should all move together, there is no less absurdity in a political and administrative organism in which the province in the extreme North, or the mountainous province, for instance, should have the same official machinery, the same body of laws, the same movements as the province in the extreme South, or the province composed of plains from the simple love of symmetrical uniformity, this pathological expression of unity» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

FERRI – Processos de Transformação Social.

Ferri (1909) – MB – Processos de transformação social (1).

Processos de transformação social – evolução, revolução, revolta, violência individual.

«The processes of social transformation, as well as under different names those of every transformation in living beings, are: evolution, revolution, revolt, individual violence»

Cristais e vida biológica. Com cristais e vida biológica, o que acontece é que *«As long as the structure and the volume of the centre of crystallisation... gradually increase, we have a **steady and continued process of evolution**, to which must succeed in due time a **process of revolution more or less prolonged**, represented, for example, by the separation of the whole crystal from the mineral mass which surrounds it, or by certain revolutionary phases of vegetable or animal life, as, for example, the moment of sexual reproduction... There can equally take place in it a **period of revolt**, that is to say of associated personal violence as is often enough found with animal species that live in a society; there can also be found in it **isolated personal violence**, as in the struggles for the conquest of food or for the female with animals of the same species»* – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – MB – Processos de transformação social (2).

Evolução e revolução são fenómenos fisiológicos sociais.

Revolta e violência são fenómenos patológicos sociais.

«These same processes are found in the human world... We must first observe that whilst revolution and evolution arise from social physiology, revolt and individual violence arise from social pathology... evolution and revolution constitute the most fruitful and sure of social metamorphoses»

Evolução – Mudança diária, gradual, contínua. *«By evolution, we must understand the daily change almost imperceptible but continuous and inevitable»*

Revolução – Momento decisivo e crítico, no clímax da evolução. *«...by revolution, the critical and decisive moment, more or less prolonged, of an evolution which has reached its climax...»*

Revolta – útil para agitar as águas, quando isso é útil. *«...by revolt, the partially collective violence which breaks forth on the occasion of such or such particular circumstance, at a given point or moment...»*

Violência individual – fenómeno patológico, mas útil.

Ocasionalmente, para acelerar a mudança, as células socialistas no corpo social têm de incentivar, ou praticar, terrorismo – e isto é a teoria e a prática das células terroristas – muito literalmente.

«...by individual violence the action of an individual against one or more other individuals. This may be the effect of the explosion of a fanatical passion or of criminal instincts, or the manifestation of a defect of mental equilibrium, connected with the ideas most in vogue at a given political or religious period... As to the question of knowing if this complete transformation which is now being prepared by a slow evolution, and is thus approaching the critical and decisive moment of social revolution will be able to take place with or without the help of the other means of transformation revolt and individual violence there is no one who can prophesy» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – MB – Processos de transformação social (3) – Fabianismo.

Evolução gradual e revolução pacífica é a abordagem mais produtiva.

“É a mais social, e menos individual”.

Aposta tem de ser em reformas administrativas, subversão e por aí fora.

«Human society, forming a natural and living organism, like all other organisms, cannot undergo sudden transformations as those imagine who think we must resort only, or by preference, to revolt and personal violence to realise a new social organisation. It is to me as though one could imagine that a child or a young man could in a day accomplish a biological evolution – even in the revolutionary period of puberty– such as to immediately become adult... Scientific socialism has noticed that the power of transformation diminishes as it passes from one process to another, from evolution to revolution, from the latter to revolt, and from revolt to individual violence... because it concerns the transformation of the whole of society in its economic basis, and consequently in its juridical, political, and moral organisation, the process of transformation is all the more efficacious and the better adapted as it is more social and less individual»

«...the only efficacious and fruitful [measures] are laws of social reform and prevention which, whilst making the present safe, render less painful, as Marx said, “the birth of the new society”... So, Marxian socialism has proclaimed henceforth in all countries that the principal means of social transformation must be the conquest of public powers (in local administrations as well as in parliaments) as one of the results of the organisation of workmen in a class conscious party. The further the political organisation of the workers progresses in civilised countries, the more through an

inevitable evolution shall the socialist organisation of society be seen to realise itself first by concessions partial but continually more important wrung from the capitalist class by the working class (the law of the eight hours' day, for example), then, by the complete transformation of individual property into social property» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

Ferri (1909) – O crescimento e a emancipação do Cristal.

Ponto fixo – crescimento e transformação – diferenciação, emancipação. Os cristais consolidam-se a partir de um ponto fixo, um referencial, e daí passam por várias fases de transformação, onde crescem para todas as direcções. Crescem a partir da massa mineral onde estão incrustados e, mais cedo ou mais tarde, emancipam-se; diferenciam-se e separam-se dessa massa mineral.

Evolução – revolução – revolta – violência. Com cristais e vida biológica, o que acontece é que «*As long as the structure and the volume of the centre of crystallisation... gradually increase, we have a steady and continued process of evolution, to which must succeed in due time a process of revolution more or less prolonged, represented, for example, by the separation of the whole crystal from the mineral mass which surrounds it, or by certain revolutionary phases of vegetable or animal life, as, for example, the moment of sexual reproduction... There can equally take place in it a period of revolt, that is to say of associated personal violence as is often enough found with animal species that live in a society; there can also be found in it isolated personal violence, as in the struggles for the conquest of food or for the female with animals of the same species*» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

FICHTE – Neofeudalismo – Engenharia social – Volkerbund – Dialéctica.

Reaccionário, neo-feudal, colectivista. Fichte foi instrumental em criar o “clima de colectivismo” na filosofia alemã, um clima reaccionário, neo-feudal, anti-liberal. Neste clima, o Staat, o colectivo organizado, é a autoridade máxima, e tem o direito de fazer exactamente aquilo que quiser com os seus cidadãos.

Volkerbund. A fórmula típica do “one ring to bind them all”.

Valor individual mede-se por posto no Estado sociopático. O indivíduo não tem qualquer valor, a não ser que tenha utilidade para a comunidade, o estado sociopático.

Engenharia social – educação e mass media. Usar um vasto programa de engenharia social, por meio de educação e comunicação de massas, por forma a criar os cidadãos perfeitos.

→ “Educação tem de destruir vontade própria”. *«Education should aim at destroying free will so that after pupils are thus schooled they will be incapable throughout the rest of their lives of thinking or acting otherwise than as their school masters would have wished...»* Johann Gottlieb Fichte, the head of philosophy & psychology who influenced Hegel and others – Prussian University in Berlin, 1810

Imaginação dialéctica – A verdade é subjectiva e utilitária. A “verdade” é aquilo que o sujeito auto-intitulado declara ser verdade, independentemente de quaisquer evidências empíricas, ou outros elementos no mundo real, em contrário.

Fichte dá início à loucura subjectivista, a par de Kant.

FOURIER – Ciência social – Falange globalizada – Feudalismo.

Bonapartista. François Charles Marie Fourier (Charles Fourier, 1772-1837), um admirador de Napoleão Bonaparte.

Rejeitava completamente a Revolução Industrial.

Fourierismo – Sistema socialístico baseado em “ciência social”. Todo o mundo seria organizado por falanstérias (Phalanstère) e teria um governo mundial, um Congresso Mundial de Falanges (World Congress of Phalanxes) governado por um omniarca no topo. O sistema social e económico seria rigorosamente ordenado, hierárquico, e idêntico para todo o mundo.

Ou seja, usar “ciências sociais” para gerir populações e guiá-las para a “Utopia”.

A falanstéria como unidade de organização.

Congresso Mundial de Falanges, governado por Omniarca.

Sistema social e económico regimentado e hierárquico, baseado em “harmonia”.

Artigo de Horace Greeley sobre Fourier, “Social Science”. Em 1843, Horace Greeley escreve uma coluna para o *New York Daily Tribune*, sob o título “Social Science”.

«The object of the present article is to show to Conservatives and to the Religious World generally, that a great plan of Social Reform... is now advocated in this Country, England and France, and which from want of proper knowledge upon the subject is looked upon with distrust... The plan of reform to which we refer is that of Charles Fourier. He has discovered and made known to the World the laws and mechanism of Social Order, based upon Association and combined Action Unity of Interests, attractive Industry and Moral Harmony of the Passions--in the place of the present Social Order, based upon isolated and Individual Action, Conflict, of all Interests, Repugnant Industry, and Perversion and False Development of the Passions».

Horace Greeley, “Social Science”. *New York Daily Tribune*, Feb. 7, 1843, p. 1.

FOURIER – Feudalismo libertou os servos.

“Enfranchisement colectivo e Progressivo”. *«fournit aux cultivateurs des moyens d'affranchissement collectif et Progressif»*

Portanto, este é o real significado de “Progressivo”, nesta linguagem.

GAEVERNITZ (Lenin, 1916) – Marx, Saint-Simon, concretizados pelos bancos.

Schulze-Gaevernitz, admirador do imperialismo alemão.

“Concentração é óptima, o sonho de Saint-Simon e Marx”.

“Capital monetário é concentrado nos bancos, e os bancos concentrados em cartéis”.

“O capital de investimento da nação na forma de securities”.

“Aí, a previsão do génio Saint-Simon será realizada”.

“Organização na produção, comités centrais, harmonia entre produção e consumo”.

“Os bancos podem cumprir esta função”.

“We are on the way towards it: Marxism, different only in form from what Marx imagined”.

«Once the supreme management of the German banks has been entrusted to the hands of a dozen persons, their activity is even today more significant for the public good than that of the majority of the Ministers of State... If we conceive of the development of those tendencies which we have noted carried to their logical conclusion we will have: the money capital of the nation united in the banks; the banks themselves combined into cartels; the investment capital of the nation cast in the shape of securities. Then the forecast of that genius Saint-Simon will be fulfilled; “The present anarchy of production, which corresponds to the fact that economic relations are developing without uniform regulation, must make way for organization in production. Production will no longer be directed by isolated manufacturers, independent of each other and ignorant of man's economic needs; that will be done by a certain public institution. A central committee of management, being able to survey the large field of social economy from a more elevated point of view, will regulate it for the benefit of the whole of society, will put the means of production into suitable hands, and above all will take care that there be constant harmony between production and consumption. Institutions already exist which have assumed as part of their functions a certain organization of economic labour: the banks.” We are still a long way from the fulfilment of Saint-Simon's forecast, but we are on the way towards it: Marxism, different from what Marx imagined, but different only in form» [Grundriss der Sozialökonomik, p. 146.] Cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

GARET GARRETT – A “Managerial Revolution”.

A arte da demagogia tornou-se na ciência da dinâmica política.

Destruição tornou-se um meio opcional, não um fim.

O fim é a transferência de poder.

A revolução tornou-se uma área de conhecimento, com uma filosofia, uma linguagem, dados experimentais, escolas de método, manuais.

Elite de professores, escritores, assessores, administradores, e por aí fora – Gestores.

«Revolution in the modern case is no longer an uncouth business. The ancient demagogic art, like every other art, has, as we say, advanced. It has become in fact a science--the science of political dynamics. And your scientific revolutionary in spectacles regards force in a cold, impartial manner. It may or may not be necessary. If not, so much the better to employ it wantonly, or for the love of it, when it is not necessary, is vulgar, unintelligent and wasteful. Destruction is not the aim. The more you destroy the less there is to take over. Always the single end in view is a transfer of power. Outside of the Communist party and its aura of radical intellectuals few Americans seemed to know that revolution has become a department of knowledge, with a philosophy and a doctorate of its own, a language, a great body of experimental data, schools of method, textbooks, and manuals--and this was revolution regarded not as an act of heroic redress in a particular situation, but revolution as a means to power in the abstract case. There was a prodigious literature of revolutionary thought concealed only by the respectability of its dress... This revolutionary elite was nothing you could define as a party. It had no name, no habitat, no rigid line. The only party was the Communist Party, and it was included; but its attack was too obvious and its proletarianism too crude, and moreover, it was under the stigma of not belonging. Nobody could say that about the elite above. It did belong, it was eminently respectable, and it knew the American scene. What it represented was a quantity of bitter intellectual radicalism infiltrated from the top downward as a doctorhood of professors, writers, critics, analysts, advisers, administrators, directors of research, and so on--a prepared revolutionary intelligence in spectacles. There was no plan to begin with. but there was a shibboleth that united them all: 'Capitalism is finished.'»

GB SHAW (1930) – História, programa e táticas da Sociedade Fabiana.

GB Shaw (1930) – Definição de socialismo.

Socialismo torna pública toda a propriedade – toda – e depois gere a distribuição de recursos.

Para socialismo, propriedade privada é anátema.

«Socialism, reduced to its simplest legal and practical expression, means the complete discarding of the institution of private property by transforming it into public property and the division of the resultant public income equally and indiscriminately among the entire population. Thus it reverses the policy of Capitalism, which means establishing private or 'real' property to the utmost physically possible extent, and then leaving distribution of income to take care of itself. The change involves a complete moral volte-face. In Socialism, private property is anathema and equal distribution of income the first consideration. In Capitalism, private property is cardinal and distribution left to ensue from the play of free contract and selfish interest on that basis, no matter what anomalies it may present»

G. Bernard Shaw (1930). *Fabianism*. London: The Fabian Society.

GB Shaw (1930) – Origens e estratos sociais Fabianos.

“...professional and higher official classes: upper civil servants, stockbrokers, journalists, propertied bourgeoisie”.

Atrai...

...“critical students of the great evangelists of the movement”.

...“upper division civil servants with knowledge of government and administration”.

«The Fabian Society is the name chosen by a body of English Socialists, who, in the year 1884, came together at a series of private meetings in London... the character of the Society was determined by its origin in a group of educated persons of the professional and higher official classes, including civil servants of the upper division, stockbrokers, journalists, and propertied bourgeoisie generally... The Fabian Society gave... politically experienced... critical students of the great evangelists of the movement... [and] upper division civil servants with a practical knowledge of government and administration... just what they wanted: a nucleus for a Society of their own class, and a name which proclaimed a literate atmosphere and a sane and patient temperament»

G. Bernard Shaw (1930). *Fabianism*. London: The Fabian Society.

GB Shaw (1930) – Calculismo, permeação, manipulação, táticas fabianas.

Dissociação de romantismo revolucionário tradicional. Foi uma dissociação do típico «*revolutionary romance*» que saturava os milieus socialistas, «*at a time when Socialists were still very generally regarded as outlaws*»

O sistema de infiltração fabiano.

“Permeation, a word indicating Fabian tactics”.

“wire-pulling and tactical intrigue”.

“join every other body in order to permeate these bodies with Socialist ideas”.

Quando decidiram «*to try their hands on the House of Commons*», «*The method they adopted was that of Permeation, a word which they made current in Socialist and Labour politics as indicating Fabian tactics*»

«*...wire-pulling and tactical intrigue*»

«*Unlike the other Societies, which held aloof from and excluded from their ranks members of all ordinary political bodies, the Fabians not only placed no restriction on their members as to their activity in other quarters, but actually urged them to join every other body to which they could obtain admission, in order to permeate these bodies with Socialist ideas, and persuade them to advocate Socialist measures*»

Infiltração do partido Liberal.

“The Liberals... were first selected for permeation”.

“Liberal candidates... distributed Fabian pamphlets, made Fabian speeches”.

«*...the Liberals... were first selected for permeation. Their local associations suddenly received several active and intelligent recruits; and the National Liberal Federation presently found itself committed to a series of resolutions of an unprecedented character, which were adopted at the annual conference of that body at Newcastle in 1891, and were thenceforth known as the Newcastle Program. The Liberal candidates... hastily distributed Fabian pamphlets, made Fabian speeches...*»

G. Bernard Shaw (1930). *Fabianism*. London: The Fabian Society.

GB Shaw (1930) – Fabianismo domina socialismo europeu.

Revisionismo alemão.

“Vandervelde in Belgium, Jaurés in France, and Turati in Italy”.

“Australasia Labour parties”.

“...the Fabians were no longer pioneers: the ground they had broken was now occupied by the whole European centre of the Socialist movement”.

«...Socialism had become Fabianised throughout Europe. Edward Bernstein, exiled by Bismarck in the 'eighties for his Socialism, had taken refuge in London; and, at the strenuous early debates of the Fabians, had heard the old doctrinaire Marxism torn to pieces, and a constitutional parliamentary and municipal Socialist program elaborated. Returning to Germany, he had divided the Social-Democratic Party by heading a Fabian revolt against the old leaders, which became known as Revisionism. Vandervelde in Belgium, Jaurés in France, and Turati in Italy had become leaders of parliamentary Socialist parties which had everything in common with the once distinctive features of Fabianism, and nothing in common with the veterans of 1848-71 whom the Fabians had superseded. In Australasia Labour parties had actually achieved parliamentary majorities, forming governments, and carrying into law many projects suggested and inspired by Fabian Essays and the long series of Fabian tracts which had supplemented them. Constitutionally, the Fabians were no longer pioneers: the ground they had broken was now occupied by the whole European centre of the Socialist movement»

G. Bernard Shaw (1930). *Fabianism*. London: The Fabian Society.

GB Shaw (1930) – I Guerra maravilhosa para Fabianos.

Por estatizar produção.

Por salvar os bancos através de garantias sobre trocas externas.

Taxação sem precedente e supertaxação de propriedade.

«The war of 1914-18 affected the Society favourably by compelling the Government to supersede private commercial enterprise in several directions by direct State control, and to save the banks by guaranteeing the foreign exchanges... The unprecedented taxation and super-taxation of property for the support of the war was also in line with the Society's propaganda»

G. Bernard Shaw (1930). *Fabianism*. London: The Fabian Society.

GB Shaw (1930) – Sociedade Fabiana lança-se para Liga das Nações.

Após I Guerra...

“The Fabians turned attention to supernational law and political organisation”.

“International Agreements Committee of its Research Department”.

“...plans for a supernational legislature and tribunal”.

«The war, however, revealed the political futility of international Socialism, and the helpless nullity and ignorance of British Socialism and Labour in the sphere of foreign policy. The Fabian Society, therefore, turned its attention for the first time to the subject of what it called supernational law and political organisation, and produced, through the International Agreements Committee of its Research Department, plans for a supernational legislature and tribunal which were published as supplements to The New Statesman»

G. Bernard Shaw (1930). *Fabianism*. London: The Fabian Society.

GB SHAW – Sociedade Fabiana apoia Guerra Boer, Commonwealth.

“...to citizens and statesmen who are dominated by the morality of private property, the war must be demoralizing and shocking”.

“...a great Commonwealth can not be bound by any such individualist superstition”.

Fingem agravos com Cecil Rhodes, um “capitalista irresponsável”.

“...gold fields can’t be wielded irresponsibly by frontiersmen”.

Na prática, os Fabianos eram uma das secções da equipa.

«...to citizens and statesmen who are dominated by the morality of private property, the war must be demoralizing if they are on the side of the Empire, and shocking if they are on the side of the farmers. But it is impossible for a great Commonwealth to be bound by any such individualist superstition»

«...and it is not to those interests that such mighty forces as gold-fields, and the formidable armaments that can be built upon them, should be wielded irresponsibly by small communities of frontiersmen»

The Fabian Society (London, 1900). “Fabianism and the Empire” (G. Bernard Shaw, ed.).

GB SHAW – Vanguarda – Bolcheviques são Tories.

GB Shaw – Vanguarda para liderar público ignorante.

As pessoas raramente sabem o que querem, e nunca como o obter. *«The people seldom know what they want, and never know how to get it»*

A reconstrução da sociedade tem de ser liderada por minoria energética e conscienciosa.
«...the reconstruction of society must be the work of an energetic and conscientious minority. Both of them knew that the government of a country is always the work of a minority, energetic, possibly conscientious, possibly the reverse, too...»

Bernard Shaw (1921). *Ruskin's Politics*.

GB Shaw – “...all Socialists are Tories”.

Partido Bolchevique é herdeiro de Ruskin.

Todos os Socialistas são Tories, porque são elitistas e anti-democráticos.

Acreditam na necessidade de oligarquia educada.

Implementar mudanças e fazer reformas mesmo quando as pessoas não as querem. *«If reforms are to wait until a majority of the people are converted to an intelligent belief in them, no reforms will ever be made at all»*

As massas russas elegeram uma Assembleia; Lenin tirou-a, fuzilou-a, do caminho.

«...when we look for a party which could logically claim Ruskin today as one of its prophets, we find it in the Bolshevik party... all Socialists are Tories in that sense. The Tory is a man who believes that those who are qualified by nature and training for public work, and who are naturally a minority, have to govern the mass of the people. That is Toryism. That is also Bolshevism. The Russian masses elected a National Assembly: Lenin and the Bolsheviks ruthlessly shoved it out of the way, and indeed shot it out of the way as far as it refused to be shoved»

Bernard Shaw (1921). *Ruskin's Politics*.

GHENT (1902) – Fidelidade de grupo entre magnatas.

A oligarquia de magnatas impõe a sua vontade sobre o público.

Independentemente de rivalidades, não traem interesses de classe.

Se qualquer um deles traísse o grupo em prol das massas, as suas posses estariam ameaçadas até ao último tostão.

«Upon all the heterogeneous but coalescing units of the social mass the group of magnates imposes its collective will... Whatever the individual rivalries, they result in no deliberate betrayal of class interest; practically every magnate maintains, at all hazards, his fidelity to the group. A sense of group honor may in most instances prompt this fidelity, but a lively sense of apprehension is also influential. For should any magnate become possessed of heretical notions, and thereupon make common cause with the public against a particular interest of his class, he would by that act banish himself from communion with his fellows, and jeopard his possessions to the last dime».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

GHENT – Gradualismo fabiano – “Evolução sócio-biológica das sociedades”.

Transições graduais quase imperceptíveis produzem evolução social.

Célula-mãe produz célula-filha com pequenas variações, e por aí fora.

*«All societies evolve naturally out of their predecessors. In sociology, as in biology, there is no cell without a parent cell. The society of each generation develops a multitude of spontaneous and acquired variations, and out of these, by a blending process of natural and **conscious selection**, the succeeding society is evolved. The new order will differ in no important respects from the present, except in the completer development of its more salient features. The visitor from another planet who had known the old and should see the new would note but few changes. Alter et idem another yet the same he would say»*

Ou seja, há apenas que facilitar e acelerar as transições.

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – “Our Benevolent Feudalism”.

Ghent – Competição está morta.

A era da competição, livre ou não, está morta.

Aqueles que desejam viver têm de fazer as pazes com a classe oligárquica.

«...the era of competition, whether free or unfree, is dead...»

«In a word, they who desire to live whether farmers, workmen, middlemen, teachers, or ministers must make their peace with those who have the disposition of the livings».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Melhorismo relativo, para prevenir revoltas.

Os sindicatos vão persistir, mas sem grandes efeitos.

No entanto, por temer revoltas, a nobreza vai tornar vida suportável.

O pleno exercício de exploração é contido, e há algum melhoramento social.

A maior parte dos trabalhadores arruinados terá pão.

Aqueles que não conseguirem serão eliminados da luta, deixando de ser factor de risco.

«...despite the persistence of the unions, no considerable gains in behalf of labor are to be expected, except such as are freely given as acts of baronial grace and benevolence... A sense of the latent strength of democracy will restrain the full exercise of baronial powers, and a growing sense of ethics will guide baronial activities somewhat toward the channels of social betterment... Our nobility will thus temper their exactions to an endurable limit; and they will distribute benefits to a degree that makes a tolerant, if not a satisfied, people».

«Gradually, too, by one method or another, sometimes by the direct action of the nobility, the greater part of the displaced workers will find some means of getting bread, while those who cannot will be eliminated from the struggle and cease to be a potential factor for trouble».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Benevolente e uma evolução orgânica.

O novo Feudalismo é paternal e benevolente.

É um desenvolvimento a partir de condições presentes.

De magnata a barão, de trabalhador a vilão, de publicista a agente da corte.

Mudanças subtis de papel.

«...our new Feudalism is... a paternal, a Benevolent Feudalism».

«The new Feudalism will be but an orderly outgrowth of present tendencies and conditions...All societies evolve naturally out of their predecessors. In sociology, as in biology, there is no cell without a parent cell. The society of each generation develops a multitude of spontaneous and acquired variations, and out of these, by a blending process of natural and conscious selection, the succeeding society is evolved. The new order will differ in no important respects from the present, except in the completer development of its more salient features. The visitor from another planet who had known the old and should see the new would note but few changes. Alter et idem another yet the same he would say. From magnate to baron, from workman to villein, from publicist to court agent and retainer, will be changes of state and function so slight as to elude all but the keenest eyes».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – A nova villeinage, assalariada.

A nova villeinage está presa ao emprego, não à terra, através do sistema de salários.

O novo regime isenta-se de responsabilidade pelos seus trabalhadores.

Protege, num acto de graça, apenas aqueles que são fiéis e obedientes.

Concentração permite extensão ilimitada de listas negras.

«Bondage to the land was the basis of villeinage in the old regime; bondage to the job will be the basis of villeinage in the new... The wage-system will endure... The new regime, absolving itself from all general responsibility to its workers, extends a measure of protection, solely as an act of grace, only to those who are faithful and obedient; and it holds the entire mass of its employed underlings to the terms of day-by-day service... Moreover, concentration gives opportunity for an almost indefinite extension of the black-list: a person of offensive activity may be denied work in every feudal shop and on every feudal farm from one end of the country to the other. He will be a hardy and reckless industrial villein indeed who will dare incur the enmity of the Duke of the Oil Trust when he knows that his actions will be promptly communicated to the banded autocracy of dukes, earls, and marquises of the steel, coal, iron, window glass, lumber, and traffic industries».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Feudo de eleição, a cidade.

O feudo de eleição deixa de ser a quinta, passa a ser a cidade, onde os vilões são concentrados.

«The growth of industries has overshadowed the importance of agriculture, which is ever being pushed back into the West and into other and remote countries; and the new order finds its larger interests and its greater measure of control in the workshops rather than on the farms. The oil wells, the mines, the grain fields, the forests, and the great thoroughfares of the land are its ultimate sources of revenue; but its strong-holds are in the cities. It is in these centres of activity, with their warehouses, where the harvests are hoarded; their workshops, where the metals and woods are fashioned into articles of use; their great distributing houses; their exchanges; their enormously valuable franchises to be had for the asking or the seizing, and their pressure of population, which forces an hourly increase in the exorbitant value of land, that the new Feudalism finds the field best adapted for its main operations».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Servido por governo, justiça, forças armadas.

O aparato de estado é mantido pelos vilões, controlando-os em nome da senhoria.

Motivo e operação do estado torna-se mera função da vontade dos nobres.

«The nobles will have attained to complete power, and the motive and operation of government will have become simply the registering and administering of their collective will».

Oficiais judiciais perceberão o significado dos seus “deveres” e serão obedientes.

«From petty constable to Supreme Court Justice the officials will understand, or be made to understand, the golden mean of their duties; and except for an occasional rascally Jacobin, whom it may for a time be difficult to suppress, they will be faithful and obey».

Regime feudal protegido por tropas regulares, em vez de irregulares.

«Armed force will, of course, be employed to overawe the discontented and to quiet unnecessary turbulence. Unlike the armed forces of the old Feudalism, the nominal control will be that of the State; the soldiery will be regular, and not irregular».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Um novo sistema de castas graduadas.

No fundo da escala, os wastrels (vagabundos, desempregados, ocasionalmente empregados)...

...no topo os barões da banca e da indústria (os novos duques, condes, marqueses).

Trabalhadores rurais, mineiros e florestais.

Vilões urbanos, que fazem trabalho especializado e não-especializado.

Capatazes e superintendentes, ou gestores de baixo nível.

Empreendedores assalariados, que se tornam gestores da indústria.

Cientistas, e uma classe sicofântica de actores e artistas, que existe para entreter os barões.

Os agentes da corte, e a este nível temos...

Opinion makers: especialistas de RP, editores jornalísticos.

Maior parte dos juízes e políticos.

Académicos e intelectuais.

Durante a transição, haverá eliminação gradual dos menos obedientes da classe.

No fim, a classe estará largamente transformada.

Terão a função de legitimar regime e acalmar descontentamento público.

«At the bottom are the wastrels, at the top the barons; and the gradation, when the new regime shall have become fully developed, whole and perfect in its parts, will be about as follows:

I. The barons, graded on the basis of possessions.

II. The court agents and retainers.

III. The workers in pure and applied science, artists and physicians.

IV. The entrepreneurs, the managers of the great industries, transformed into a salaried class.

V. The foremen and superintendents. This class has heretofore been recruited largely from the skilled workers, but with the growth of technical education in schools and colleges, and the development of fixed caste, it is likely to become entirely differentiated.

VI. The villeins of the cities and towns, more or less regularly employed, who do skilled work and are partially protected by organization.

VII. The villeins of the cities and towns who do unskilled work and are unprotected by organization. They will comprise the laborers, domestics, and clerks.

VIII. The villeins of the manorial estates, of the great farms, the mines, and the forests.

IX. The small-unit farmers (land owning), the petty tradesmen, and manufacturers.

X. The subtenants on the manorial estates and great farms (corresponding to the class of "free tenants" in the old Feudalism).

XI. The cotters.

XII. The tramps, the occasionally employed, the unemployed the wastrels of city and country.

The principle of gradation is the only one that can properly be applied. It is the relative degree of comfort material, moral, and intellectual which each class directly contributes to the nobility. The wastrels contribute least, and they are the lowest. The under-classes who do the hard work lay the basis of all wealth, but their contribution to the barons is indirect, and comes to its final goal through intermediate hands. The foremen and superintendents rightly hold a more elevated rank, and the entrepreneurs, who directly contribute most of the purely material comfort, will be found well up toward the top. Farther up in the social scale, partly from aesthetic and partly from utilitarian considerations, will be the scientists and artists».

«But higher yet is the rank of the court agents and retainers. This class will include the editors of "respectable" and "safe" newspapers, the pastors of "conservative" and "wealthy" churches, the professors and teachers in endowed colleges and schools, lawyers generally, and most judges and politicians. During the transition period there will be a gradual elimination of the more unserviceable of these persons, with the result that in the end this class will be largely transformed. The individual security of place and livelihood of its members will then depend on the harmony of their utterances and acts with the wishes of the great nobles. Theirs, in a sense, will be the most important function in the State "to justify the ways of God [and the nobility] to man." They will be the safeguards of the realm, the assuagers of popular suspicion and discontent».

William James Ghent (1902). "Our Benevolent Feudalism". London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Ciências sociais e relações públicas.

Paz será o maior desiderato e cultivá-la será a ciência da era.

A prevenção do descontentamento será o principal foco de energia dos nobres e dos seus legados.

Patologistas sociais detectarão descontentamentos antecipadamente.

Opinião pública será o foco essencial de tudo isto, gerir percepções e opiniões.

Para esse fim, educação, editoriais, ficção serão talentosamente moldados.

«Peace will be the main desideratum, and its cultivation will be the most honored science of the age. A happy blending of generosity and firmness will characterize all dealings with open discontent; but the prevention of discontent will be the prior study, to which the intellect and the energies of the nobles and their legates will be ever bent. To that end the teachings of the schools and colleges, the sermons, the editorials, the stump orations, and even the plays at the theatres will be skilfully moulded... The disease of sedition is one whose every symptom and indication will be known by rote to our social pathologists of tomorrow, and the possible dangers of an epidemic will, in all cases, be provided against».

Descontentamentos serão acolhidos com uma multitude de respostas calmantes.

Das universidades, que o descontentamento é ignorante e irracional, dado que as condições melhoraram nos últimos 100 anos.

Dos jornais, que o descontentamento é anarquia.

Uma hoste de economistas e editores mostrarão que a evolução é do melhor interesse de todos e que segue uma “lei natural e inevitável”.

Que aqueles que perdem os empregos só podem queixar-se de si mesmos.

Que os que querem trabalho, conseguem arranjar-lo.

Que qualquer interferência com o regime existente trará um pânico.

Ouvindo isto, a multitude aquiescerá e acalmar-se-á.

«...and the questioning heart of the poor, which perpetually seeks some answer to the painful riddle of the earth, will meet with a multitude of mollifying responses. These will be: from the churches, that discontent is the fruit of atheism, and that religion alone is a solace for earthly woe; from the colleges, that discontent is ignorant and irrational, since conditions have certainly bettered in the last one hundred years; from the newspapers, that discontent is anarchy; and from the stump orators that it is unpatriotic, since this nation is the greatest and most glorious that ever the sun shone upon... In such a crisis as that following upon the displacement of labor a host of economists, preachers, and editors will be ready to show indisputably that the evolution taking place is for the best interests of all; that it follows a "natural and inevitable law"; that those who have been thrown out of work have only their own incompetency to blame; that all who really want work can get it, and that any interference with the prevailing regime will be sure to bring on a panic, which will only make matters worse. Hearing this, the multitude will hesitatingly acquiesce and thereupon subside».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Os que “merecem” e os que não “merecem”.

Numa sociedade feudal, as pessoas são educadas para serem ingênuas e ignorantes.

E para pensarem e se comportarem, como crianças dependentes.

Os papéis sociais tornam-se muito simples: a criança recebe uma instrução, executa-a e depois recebe uma recompensa, um doce.

Portanto, entra a linguagem que se usa com crianças, a linguagem do mérito.

Ou seja, “será que mereces?”.

Aqueles que “merecem” são os “lowly”. «The lowly, "whose happiness is greater and whose welfare is more thoroughly conserved when governed than when governing," as a twentieth-century philosopher said of them»

Esses têm pão e circo.

Cada qual tem a sua “justly appointed share”, a sua “fair share”, dos recursos da comuna feudal.

Cada qual tem o seu pequeno espaço alugado, no campo ou na cidade.

Aqueles que não merecem, estão apenas a colher as recompensas do seu orgulho e teimosia.

...e isso é a lista negra, a eliminação e outras coisas deste género.

«...each has his rented patch in the country or his rented cell in a city building. Bread and the circus are freely given to the deserving, and as for the undeserving, they are merely reaping the rightful rewards of their contumacy and pride. Order reigns, each has his justly appointed share...».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – “Paz, segurança, estabilidade”.

O mote da nova sociedade será “paz, estabilidade e segurança”.

As massas, recordando o caos e tumulto do passado, aceitarão o regime.

«Peace and stability [and security] it will maintain at all hazards; and the mass, remembering the chaos, the turmoil, the insecurity of the past, will bless its reign. Peace and stability will be its arguments of defence against all criticism, domestic or foreign».

William James Ghent (1902). "Our Benevolent Feudalism". London, NY: Macmillan.

GRIFFIN – Colectivismo.

Cidadãos são descartáveis – servem apenas para servir o estado.

ge griffin – collectivism (Collectivism is that concept where individuals are considered to be discardable, and that the group is more important, and that the ultimate group of course is the state. The state is the all important unit of society. And citizens exist only to serve the state)

HB ADAMS – Desígnios socialistas globais para América – Inter-imperialismo.

Herbert Baxter Adams. Professor de história e formador de muitos outros professores.

Inter-imperialismo – American Union, German and British Empires.

Um dia os EUA pertencerão ao “World-State”.

«American local history should be studied as a contribution to national history. This country will be yet viewed and reviewed as an organism of historic growth, developing from minute germs, from the very protoplasm of state-life. And some day this country will be studied in its international relations, as an organic part of a larger organism now vaguely called the World-State, but as surely developing through the operation of economic, legal, social, and scientific forces as the American Union, the German and British Empires are evolving into higher forms... The local consciousness must be expanded into a fuller sense of its historic worth and dignity. We must understand the cosmopolitan relations of modern local life, and its own wholesome conservative power in the days of growing centralization»

HEGEL – Bio – Herança.

HEGEL – Dados biográficos.

Discípulo de Kant, Rousseau, Fichte. O sistema de Hegel surge em sucessão imediata ao de Kant.

Napoleonista – Oficial do Estado Prussiano. Hegel era um Prussiano patriótico, leal servidor do Estado, que gozava confortavelmente da sua proeminência filosófica. Mas na sua juventude desprezou a Prússia e admirou Napoleão, ao ponto de rejubilar pela vitória francesa em Jena.

HEGEL – Herança – Difusão internacional.

Líder de opinião pelo mundo fora – UK, EUA, França – Queen Victoria. Hegel viria a tornar-se um modelo e um líder de opinião nos círculos filosóficos franceses, ingleses e americanos. No fim do século XIX, muitos filósofos académicos de topo, tanto na América como na Grã-Bretanha, eram Hegelianos. Pessoas como o Barão von Stockmar, conselheiro confidencial para a Rainha Vitória em Inglaterra.

HEGEL – Estado total.

HEGEL – Estado total – O Estado é “deus na Terra”.

“Espírito do Mundo” tem manifestações inconscientes e conscientes.

→ **Inconsciente – Natureza.** A Natureza é apenas uma manifestação inconsciente do “deus” de Hegel e, portanto, incompleta.

→ **Consciente – Estado.** O estado é a manifestação consciente de Deus. *«The state is the spirit which abides in the world and there realizes itself consciously; while in nature it is realized only as the other of itself or the sleeping spirit. Only when it [the divine spirit] is present in consciousness, knowing itself as an existing object, it is the state»*

Tudo o que existe é Racional – o Real é o Racional.

→ **...mas o Estado é “absolutamente racional”.** De acordo com Hegel, tudo o que existe é racional (o «*Real is the Rational*»), mas o estado é «*absolutely rational*».

→ **...é a “vida moral realizada”.** É a «*realized ethical idea or ethical spirit*» – «*...the State is the actually existing realized moral life*» [The Philosophy of History]

O Estado é “deus” na Terra.

→ **“A Ideia Divina na Terra – Liberdade racional – A ideia moral”.** *«The State is the Divine Idea as it exists on earth... The State is the embodiment of rational freedom, realizing and recognizing itself in an objective form... The State is the Idea of Spirit in the external manifestation of human Will and its Freedom... The State is the reality of the moral idea the moral spirit, as the visible substantial will, evident to itself, which thinks and knows itself, and fulfils what it knows in so far as it knows it»* Hegel, The Philosophy of Law

→ **Estado é a marcha de “deus” no mundo – Razão a realizar-se como vontade.** Hegel diz-nos: *«The state is the march of God in the world; its ground or cause is the power of reason realizing itself as will»*

→ **Espírito objectivo, *auto-justificativo*, Racional em e para si mesmo.**

→ **Originador de toda a verdade, realidade, moralidade, bondade.**

→ **Tem mais realidade objectiva que natureza física.** O estado tem mais realidade objectiva que a natureza física, dado ser uma realização do espírito absoluto no reino da consciência.

→ **O Estado é “deus” na Terra – Razão Absoluta – Poder absoluto.** Cada estado, seja qual for, participa na essência divina da ideia, «*this actual God*». *«The state is not a*

work of art»; apenas razão divina poderia produzi-lo. «*The nation as a state is the (divine) spirit substantively realized and directly real. Hence it is the absolute power on earth*». Isto significa que o estado é Deus na terra.

Espírito-Razão progride ininterruptamente para o estado ideal. Esta Razão progride continuamente para um estado ideal da humanidade. Ou seja, a Razão, que é este deus, torna esta teologia da história flexível, porque tudo o que a Razão é, é bom e desejável.

→ **Processo guiado pelas autoridades do estado.** É claro que este só pode ser um processo guiado, pelas autoridades do estado.

HEGEL – Estado total – “We will force you to be free”.

Indivíduo só tem objectividade, verdade e moralidade como membro do Estado. O Estado tem uma relação bastante diferente para com o indivíduo: sendo Espírito objectivo, o indivíduo só tem objectividade, verdade e moralidade na medida em que é um membro do Estado, cujo verdadeiro conteúdo e propósito é união enquanto tal. O indivíduo, afirma Hegel, existe apenas através do estado: «*he has his truth, real existence and ethical status only as being a member of the state*».

→ **“Verdade é a união da vontade do indivíduo com a vontade do Estado”.** Toda a realidade espiritual que é possuída por um ser humano é possuída através do Estado. «*For his spiritual reality consists in this, that his own essence Reason is objectively present to him, that it possesses objective immediate existence for him... For truth is the unity of the universal and subjective Will, and the universal is to be found in the State, in its laws, its universal and rational arrangements*» Hegel, The Philosophy of Law

Distinção entre membros do Estado e membros da sociedade civil. Se o Estado existisse apenas para os interesses de indivíduos, um indivíduo poderia ou não ser um membro do Estado – ou seja, entramos na suposta distinção entre membro da sociedade civil ou membro do estado.

→ **Estado existe apenas na mente dos seus *membros* – necessidade de socialização.** De um ponto de vista racional, o estado existe apenas na mente dos indivíduos que adaptam o seu comportamento à ordem social a que chamamos estado (i.e., mentes socializadas), que não é uma entidade material palpável.

→ **O mais elevado dever individual é o de ser membro do Estado.**

Liberdade para obedecer ao Estado – “vamos forçar-te a ser livre”.

→ **Estado tem os mais elevados direitos sobre indivíduo.**

→ **Indivíduo tem de obedecer cegamente ao estado, submissão incondicional.** Resulta da sua natureza «*that it has the highest right over the individual whose highest duty in turn is to be a member of the state*». Esta pertença implica obediência incondicional

para com a autoridade estabelecida do estado. Logo, submissão incondicional ao estado é o dever de todos.

→ ***Liberdade é o direito de obedecer à lei e ser integrado socialmente.*** Portanto, liberdade é o direito de obedecer à lei, e de ser integrado na Unidade do estado – “vamos forçar-te a ser livre”.

→ ***“Todos são livres”.*** «...*All are free*», no Espírito do Mundo.

→ ***Não existe liberdade sem lei, e onde existe lei, existe liberdade.*** O tratamento que Hegel dá à palavra “liberdade” (“freedom”): não existe liberdade sem lei; e onde existe lei há liberdade. Portanto, “liberdade” é pouco mais que o direito de obedecer à lei – de modo a estar devidamente integrado na Unidade.

HEGEL – Estado total – Os requisitos do “Estado livre”.

O Frei Staat – o estado que dá leis a si mesmo. Quando o Espírito dá leis a si mesmo, fá-lo livremente. Essa é a maior honra e liberdade do seu povo. «*Since in this independence the being-for-self of real spirit has its existence, it is the first freedom and highest honour of a people*»

Rejeição de liberalismo, democracia, imprensa livre. Hegel rejeita democracia, valores Liberais e imprensa livre com desprezo.

Liberdade hegeliana – Polícia política e campos de concentração. Logo, sob liberdade hegeliana, temos campos de concentração e polícia secreta, para lidar com “desarmonia”. Liberdade não significa que uma pessoa está livre de campos de concentração, de polícia secreta, ou de pelotões de fuzilamento.

Indivíduos inconformados têm de ser convertidos ou eliminados.

Divisão de classes entre ricos e pobres. Também diz que um estado real requer uma divisão de classes em ricos e pobres.

Distinção entre “vontade geral” e “vontade de todos”. Hegel elogia Rousseau pela distinção entre vontade geral e vontade de todos. Estado incorpora vontade geral, e população, vontade de todos. Hegel elogia Rousseau por distinguir entre vontade geral e vontade de todos. Supõe-se que o monarca incorpora a vontade geral, ao passo que uma maioria parlamentar incorpora a vontade de todos, e isto é uma doutrina bastante conveniente.

Monarquia é a fase onde “todos são livres”. Liberdade significa obedecer ao Estado. Poder-se-ia supor que a democracia seria a forma apropriada de governo onde todos são livres, mas este não é o caso. Democracia e aristocracia correspondem ambos à fase onde alguns são livres, e despotismo à fase onde só há um livre; monarquia corresponde à fase onde todos são livres.

O papel da fraude. Hegel admira Maquiavel, e valoriza o papel da fraude na gestão de populações, em prol do estado total.

HEGEL – Pensamento dialéctico – Gerar imaginação dialéctica.

HEGEL – Pensamento dialéctico.

Dialéctica – Lógica sintética, por oposição a lógica analítica. Por ordem a reconciliar a sua metafísica religiosa, a sua teologia da história, com a ciência racionalista, Hegel tem de inventar uma nova lógica.

Eliminação da lei da contradição. O elemento mais característico da dialéctica é a eliminação da lei da contradição, segundo a qual duas proposições contraditórias não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Hegel tenta fazer-nos crer que a exclusão da contradição, da velha lógica, é um erro fundamental. A contradição não é um defeito de pensamento: «*speculative thought consists only in this that thought holds fast Contradiction and in Contradiction itself*».

Contradição, o princípio do auto-movimento. É a contradição que coloca coisas em moção, bem como pensamentos: «*Motion is existent contradiction in itself*». A contradição é o princípio do auto-movimento. É uma lei de pensamento e ao mesmo tempo uma lei de eventos.

Verdade e falsidade fundem-se entre si – nada é totalmente V ou F. No melhor pensamento, de acordo com Hegel, os pensamentos tornam-se fluentes e fundem-se entre si. Verdade e falsidade não são opostos distintos: nada é totalmente falso, e nada que podemos conhecer é totalmente verdadeiro. «*We can know in a way that is false*».

Hegel projecta contradição, do pensamento para o ser. Ao interpretar a relação de duas forças operando em direcções opostas como “contradição”, Hegel projecta “contradição” do pensamento para o ser: «*In itself it is not, so to speak, a blemish, deficiency, or fault in a thing if a contradiction can be shown in it. On the contrary, every determination, every concrete, every concept is a union of... moments which pass over... into contradictory moments... Finite things... are contradictory in themselves*». A suposição que uma lei de pensamento pode, ao mesmo tempo, ser uma lei de eventos, é baseada, em última análise, no pressuposto que o valor ético bem como o lógico é inerente na realidade, que o Espírito está a trabalhar nos eventos históricos, que o Real é o Racional. Esta hipótese metafísica é a base da falácia fundamental na dialéctica hegeliana: a identificação da relação de forças opostas na realidade externa com a relação de proposições contraditórias no pensamento.

Descrição de eventos dialécticos na natureza **requer** lógica analítica. A relação de duas forças opostas resultando num movimento definitivo na natureza e na sociedade não tem nada a ver com contradição lógica. Os fenómenos envolvidos podem, e devem, ser descritos por afirmações não-contraditórias em completa conformidade com os princípios da lógica analítica. Aliás, é necessário usar lógica analítica para obter uma

descrição objectiva do evento dialéctico natural; um ponto de vista puramente dialéctico teria, por definição, que baralhar e distorcer a análise objectiva de eventos, segundo preceitos de capricho hiper-subjectivo. Isto é, imporia a imaginação dialéctica à análise de eventos.

[Movimentos de forças] Tese – Antítese – Síntese. Na natureza e na sociedade duas forças determinando movimentos de direcções opostas existem em simultâneo e resultam num terceiro movimento numa nova direcção.

[Pensamento] Psicose dialéctica. Para Hegel, duas proposições contraditórias no pensamento não se excluem mutuamente mas, como tese e antítese, produzem, a um nível superior, a síntese: a unidade que resolve a contradição; e isso significa tanto ultrapassar como preservar, a contradição. Ou seja, um nível superior de integração.

“Conhecimento é um Todo orgânico, sempre em crescimento”. Hegel concebe o conhecimento humano como um todo orgânico, crescendo gradualmente em todas as partes, e perfeitamente fundido em cada parte componente até que o todo seja perfeito.

Dialéctica implica “contradição eterna até ao Todo”. A lógica, como Hegel compreende a palavra, é algo de muito diferente de lógica – é dialéctica. Para Hegel, qualquer predicado ordinário, se tomado como qualificando o todo da Realidade, revela-se como auto-contraditório. Esta é a natureza da dialéctica, que consiste de tese, antítese e síntese. Primeiro dizemos A. Mas existência de A implica existência de B. *«First we say: "Reality is an uncle." This is the thesis. But the existence of an uncle implies that of a nephew. Since nothing really exists except the Absolute, and we are now committed to the existence of a nephew, we must conclude: "The Absolute is a nephew." This is the antithesis. But there is the same objection to this as to the view that the Absolute is an uncle; therefore we are driven to the view that the Absolute is the whole composed of uncle and nephew. This is the synthesis. But this synthesis is still unsatisfactory, because a man can be an uncle only if he has a brother or sister who is a parent of the nephew. Hence we are driven to enlarge our universe to include the brother or sister, with his wife or her husband»*. Desta forma podemos ser conduzidos, passo a passo, pela mera força da lógica, de qualquer predicado sugerido do Absoluto até à conclusão final da dialéctica, que é chamada de *«Absolute Idea»*. Durante todo o processo, existe uma assumpção subjacente de que nada pode ser realmente verdadeiro a não ser que seja sobre a Realidade como um todo.

Hegel demonstra a dialéctica – Todo, Nada, Tornar-se. Hegel demonstra o processo. Começa a sua argumentação com *«the Absolute is Pure Being»*; isto pressupõe que não se atribuem qualidades a este ser. Mas um ser puro sem qualidades é o nada. Daqui somos levados à antítese *«The Absolute is Nothing»*. Desta tese e antítese passamos à síntese: a união de Ser e Não-Ser é Tornar-se, e dizemos *«The Absolute is Becoming»*. Mas isto também não funciona, porque tem de haver algo que se torna algo. Desta forma, as perspectivas sobre a realidade continuam pela correcção contínua dos erros prévios, que surgiram todos a partir de abstracção indevida, ao tirar-se algo finito ou limitado como se pudesse ser o todo: *«The limitations of the finite do not come merely*

from without; its own nature is the cause of its abrogation, and by its own act it passes into its counterpart». Este processo dialéctico começa com a necessidade de conhecer a natureza de Deus, e é claro que é esse o desfecho pretendido.

Cada fase dialéctica contém todas as fases precedentes. O processo, de acordo com Hegel, é essencial para a compreensão do resultado. Cada fase posterior da dialéctica contém todas as fases anteriores; nenhuma delas é totalmente ultrapassada, mas ao invés recebe o seu lugar apropriado como um momento no Todo («*Whole*»). É portanto impossível chegar à verdade excepto pelo percorrer de todos os passos da dialéctica.

HEGEL – Pensamento dialéctico – Sujeito indistinto do objecto no Absoluto.

O real é racional, e o racional é real. Mas, quando fala do “real”, não está a falar do mesmo real que seria comentado por um empirista. Pelo contrário: factos empíricos são, e têm de ser, irracionais; é apenas após o seu carácter aparente ter sido transformado, por serem vistos como aspectos do todo, que são vistos como sendo racionais.

Razão progride gradualmente para o Todo, o Absoluto. Diz-nos Hegel: «*Reason... is the conscious certainty of being all reality*». Isto não significa que uma pessoa separada é toda realidade; na sua separação, não é completamente real, mas o que é real em si é a sua participação na Realidade como um todo. À medida que nos tornamos mais racionais, esta participação aumenta.

Percepção sensorial – Awareness – Auto-conhecimento. O conhecimento no seu todo tem um movimento triádico. Começa com percepção-sensorial («*sense-perception*»), na qual existe apenas realização (awareness) do objecto. Depois, através de criticismo céptico dos sentidos, torna-se puramente subjectivo. Por fim, chega à fase de auto-conhecimento.

Na fase de auto-conhecimento, sujeito e objecto são indistintos – Absoluto. Durante a fase de auto-conhecimento, sujeito e objecto já não são entidades distintas. Portanto, auto-consciência é a mais elevada forma de conhecimento. Isto, claro, tem de ser o caso no sistema de Hegel, dado que o mais elevado tipo de conhecimento tem de ser aquele que é possuído pelo Absoluto, e como o Absoluto é o Todo não existe nada de fora de si para conhecer [“self-contained”].

O homem é “deus”. «*Man knows about God only in so far as God knows about himself in man; this knowledge is self-consciousness of God*» Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1954). *The philosophy of Hegel*. Modern Library.

HEGEL – Pensamento dialéctico – O Absoluto, demiurgo “self-contained”.

O Todo é o Absoluto, o desenrolar da Ideia eterna. O Todo tem uma existência eterna e mais real que o processo temporal. É o Absoluto, e o desenrolar de uma Ideia eterna. As

coisas finitas não têm auto-subsistência; isso é uma ilusão. Nada é ultimamente e completamente real excepto o todo. O todo, em toda a sua complexidade, é considerado «*the Absolute*» por Hegel. Este «*Absolute*» é espiritual.

A Ideia Absoluta é o demiurgo que pensa sobre si mesmo, conhecendo-se. A Ideia Absoluta é puro pensamento a pensar sobre puro pensamento. Como Hegel diz, «*This unity is consequently the absolute and all truth, the Idea which thinks itself*». E é desta forma que a História avança. A História é o demiurgo que pensa sobre si mesmo e, à medida que o faz, se descobre e realiza a si próprio.

“Ideia é o líder de povos – Espírito, a vontade associada que dirige a História”. «*Like the soul-conductor Mercury, the Idea is, in truth, the leader of peoples and of the world; and Spirit, the rational and necessitated will of that conductor, is and has been the director of the events of the world's history. To become acquainted with Spirit in this its office of guidance, is the object of our present undertaking...*» The Philosophy of History, Introdução

“Razão é a soberana do mundo – É a Substância do universo, e Poder Infinito”. «*The only thought which philosophy brings with it to the contemplation of history is the simple conception of Reason; that Reason is the sovereign of the world; that the history of the world, therefore, presents us with a rational process. This conviction and intuition is a hypothesis in the domain of history as such. In that of philosophy it is no hypothesis. It is there proved by speculative cognition, that Reason – and this term may here suffice us, without investigating the relation sustained by the universe to the Divine Being – is **Substance**, as well as **Infinite Power**; its own **infinite material** underlying all the natural and spiritual life which it originates, as also the **Infinite Form**, that which sets the material in motion. Reason is the **substance** of the universe*» The Philosophy of History, Introdução

“A Ideia, ou Razão, é Verdadeira e Eterna”. «*That this 'Idea' or 'Reason' is the **True**, the **Eternal**, the absolutely **powerful** essence; that it reveals itself in the world, and that in that world nothing else is revealed but this and its honour and glory is the thesis which, as we have said, has been proved in philosophy, and is here regarded as demonstrated*» The Philosophy of History, Introdução

“Mundo da inteligência e da consciência não é guiado por caos, mas sim pela Ideia”. «*The world of intelligence and conscious volition is not abandoned to chance, but must show itself in the light of the self-cognizant Idea*». Isto é «*a result which happens to be known to **me**, because I have traversed the entire field*». The Philosophy of History, Introdução.

Matéria [gravidade] vs Espírito [liberdade]. A natureza do Espírito pode ser compreendida ao ser contrastada com o seu oposto, Matéria. A essência da matéria é gravidade; a essência do Espírito é Liberdade. A matéria está fora de si mesma, ao passo que o Espírito tem o seu centro em si mesmo.

“Espírito é existência auto-contida”. O Espírito, e o curso do seu desenvolvimento, é o objecto substancial da filosofia da história. *«Spirit is self-contained existence... But what is Spirit? It is the one immutably homogeneous Infinite pure Identity which in its second phase separates itself from itself and makes this second aspect its own polar opposite, namely as existence for and in Self as contrasted with the Universal»*

“O que quer que seja, está certo”. Porém, a identificação do real e do racional levam inevitavelmente a alguma da complacência que é inseparável da crença de que *«whatever is, is right»*.

Processo temporal é evolutivo e composto de partes interdependentes. O processo temporal, de acordo com Hegel, procede do menos ao mais perfeito, tanto no sentido lógico como no ético. Os dois sentidos são indistinguíveis, para o autor, na medida em que perfeição lógica consiste no ser de um todo compacto, sem pontas soltas, sem partes independentes, unido como um corpo humano, ou ainda mais como uma mente capaz de pensar... para dar origem a um organismo cujas partes são interdependentes e todas funcionam em conjunto para obter um objectivo unificado; e isto, claro, também constitui perfeição ética.

HEGEL – Gerar imaginação dialéctica.

“Filosofia começa quando impulsos internos chocam com princípios morais”. *«It may be said that Philosophy first commences when ... a gulf has arisen between inward strivings and external reality, and the old forms of Religion, &c., are no longer satisfying; when Mind manifests indifference to its living existence or rests unsatisfied therein, and moral life becomes dissolved»* (Hegel’s Lectures on the History of Philosophy Introduction B. Relation of Philosophy to Other Departments of Knowledge)

Imaginação dialéctica – conciliar princípios do prazer e da realidade. *«Feelings, joy, and pleasure [Empfindung, Lust und Genuss] are sanctioned and justified so that nature and freedom, sensuousness and reason, find their **unity** their right and their gratification»* (Hegel Vorlesungen uber die Aesthetik Volume 1)

Gerar pessoas mornas e não julgamentais, interessadas apenas em “actos positivos”. Quando um homem deixa de se ver como mais sábio que os outros, é aí que se torna indiferente e não-julgamental, e só se torna interessado nos “actos positivos”. *«When a man has finally reached the point where he does not think he knows it better than others (i.e. the patriarch "knows it better than" those under his rule, under God), that is when he has become indifferent to what they have done badly and he is interested only in what they have done right, (i.e. the matriarch is "indifferent to what they have done badly and ... is interested only in what they have done right") then peace and affirmation have come to him»* (i.e. the heresiarch finds justification in "sense perception" and purpose in commonality—"affirmation"—where peace can be found in

the fulfillment of "sensuous need" with a collective "sensuous experience")." G. F. W. Hegel, in one of the casual notes preserved at Widener.

Estado real só pode desenvolver-se para suprir *necessidades*. «...*for a real state and a real government only develop when a situation arises where a great number of people can no longer satisfy its needs in the accustomed way*» (Hegel Source: Carl Friedrich The Philosophy of Hegel)

HEGEL – “Espírito do mundo” – Dialéctica histórica.

HEGEL – O “Espírito do mundo” – Amoralidade histórica.

“Espírito do Mundo” – “Razão Absoluta” – “Divina Providência”. Hegel enfatiza que a Razão dirige o mundo, que o mundo não é abandonado ao acaso mas controlado por «*Divine Providence*», a «*Providence of God*». A vontade do «*World-Spirit*» seria a vontade de “deus”.

A filosofia de Hegel, uma teologia para descobrir o “Espírito do Mundo”. A suposta filosofia da história de Hegel é antes uma mitologia elaborada deste World-Spirit. Não é uma filosofia, mas sim uma teologia, que visa investigar o curso do Espírito do Mundo na História, e é uma “tentativa deliberada de conhecer deus” – este “deus”. Ao investigar o curso do World-Spirit na história, a filosofia de Hegel constitui a tentativa deliberada de «*knowing God*» e apresenta-se expressamente como tal.

“Espírito do Mundo” é Sabedoria com Poder infinito para realizar o seu objectivo...

...o desenho racional do mundo através do progresso histórico. Esta Providência é «*Wisdom endowed with an infinite Power which realizes its aim, viz. the absolute rational design of the world*».

História, o percurso do Espírito do Mundo no cumprimento da sua vontade.

Ações de indivíduos e estados são instrumentos e meios deste Espírito do Mundo. As acções dos indivíduos e estados do qual a história consiste, são «*the instruments and means of the World-Spirit for attaining its object*». E, todos os homens históricos, na perseguição dos seus objectivos particulares, executam, sem o saber, «*the will of the World-Spirit*».

Amoralidade histórica.

Se a História é a manifestação da vontade de Deus, então nada é bom e nada é mau.

Nenhuma fase da história é melhor ou pior que outra. O Real é o Racional, e o Racional é o Real. Se Deus é imanente no mundo, se o valor absoluto está inerente na realidade, não existe a possibilidade de julgar um evento ou fase da história como melhor ou pior que outra.

Tudo o que a Razão é, é bom e desejável.

Tudo é relativo, subjectivo, contextual – genocídios, autoritarismo, e por aí fora. Tudo é relativo, subjectivo, e contextual. E, se tudo pela sua natureza é necessariamente bom, os julgamentos de valor perdem todo o significado.

Já não há Bem ou Mal, apenas aquilo que o Espírito do Mundo ordenou sobre a Terra. Ou seja, deixa de haver bem e mal, passa apenas a haver aquilo que o espírito do mundo ordenou sobre a terra.

Todos os eventos são apenas a expressão livre do Espírito e, logo, bons e válidos. Para a nossa visão mundana, pode parecer que o Espírito que dá leis está incorporado no soberano, e que o Espírito ao qual as leis são dadas está incorporado nos seus súbditos. Mas do ponto de vista do Absoluto, a distinção entre monarca e súbditos, tal como todas as outras distinções, é ilusória – tudo o que acontece é o Espírito a manifestar-se a si mesmo livremente e é, portanto, bom e válido.

Circularidade moral – o Ouroboros. Ou seja, tudo se torna circular, deixando de haver bem e mal e passando apenas a haver uma espécie de cobra que morde a própria cauda, e isso também é uma boa imagem para o deus que Hegel tinha em mente.

HEGEL – Dialéctica histórica – Raças e nações.

Dialéctica histórica – guerra universal traz progresso. Hegel vê o mundo, a sociedade, como só progredindo através do choque constante, da guerra entre tudo e todos. Tinha de haver guerra, agressão, entre estados, entre indivíduos, entre organizações, para criar progresso.

Protagonizada por nações e raças – “génio nacional”. Hegel via a origem do conflito e, portanto, do progresso, em nações, em raças que se degladiam em conflitos de relevância histórica. O princípio do desenvolvimento histórico, diz-nos, é o génio nacional.

Germânicos lideram progresso histórico. Alemães e Anglo-Saxónicos.

HEGEL – Dialéctica histórica – Indivíduos históricos.

Mas também existem indivíduos históricos, como César e Napoleão. Mas, em adição a nações, também existem indivíduos históricos mundial (world historical individuals): homens em cujos objectivos estão incorporadas as transições dialécticas que são devidas a seu tempo. Estes homens são heróis, e têm o direito de quebrar regras morais normais: Alexandre, César, Napoleão, são exemplos.

HEGEL – Dialéctica histórica – Conflito internacional.

Guerra de todos contra todos – entre estados. Quando cada Estado, em relação com os seus súbditos, é tornado tão absoluto como Hegel o faz, existe dificuldade em encontrar qualquer princípio filosófico pelo qual regular as relações entre diferentes Estados. De

facto, neste ponto, Hegel abandona a ideia de união e volta ao estado de natureza e à guerra de todos contra todos, de Hobbes.

Progresso: guerra e obtenção de supremacia.

→ Auto-interesse – “Vontade geral nacional” – Amoralidade – Conflito armado. Em relações externas, cada Estado é um indivíduo, e é independente na medida em que está contra os outros. O interesse de cada Estado é a sua própria lei mais elevada, e os seus direitos são trazidos à realidade como exercícios da sua “vontade geral”. Não existe contraste entre moral e política, dado que os estados não estão sujeitos a leis morais normais. Conflitos entre Estados podem apenas ser decididos através de guerra.

→ Necessidade de um inimigo.

→ “Guerra essencial para saúde moral dos povos”. *«War has the higher significance that through it the moral health of peoples is preserved in their indifference towards the stabilizing of finite determinations»*

→ A paz é ossificação. A Sagrada Aliança (Holy Alliance), e a Liga para a Paz de Kant (League for Peace) são erros, na medida em que uma família de Estados requer um inimigo.

→ Crueldade, agressão externa, brigandagem internacional. Esta doutrina justifica crueldade e brigandagem internacional.

HEGEL – Dialéctica histórica – A espiral e as três etapas essenciais.

História mundial move-se em círculos – Uma espiral. Na sua Philosophy of History, Hegel diz-nos que a história mundial repete as transições da dialéctica – ou seja, circularidade.

Estabilidade → Caos → Estabilidade [Integração e complexidade aumentam]. Fases de estabilidade progressivamente mais complexas, completas, integradas, evoluídas.

Espírito do Mundo tem preferência pelo Mediterrâneo. É uma tese que procura dar sentido e unidade às revoluções em assuntos humanos. Como outras teorias históricas, requeria alguma distorção dos factos e considerável ignorância. Portanto, um processo cósmico toma lugar quase completamente no nosso planeta e geralmente na bacia mediterrânica. *«Nor is there any reason, if reality is timeless, why the later parts of the process should embody higher categories than the earlier parts unless one were to adopt the blasphemous supposition that the Universe was gradually learning Hegel's philosophy»* – Bertrand Russell.

→ Três fases essenciais, no desenvolvimento histórico do Espírito. No desenvolvimento histórico do Espírito houve três fases essenciais.

→ Orientais, Gregos e Romanos e os Germânicos. «*The history of the world is the discipline of the uncontrolled natural will, bringing it into obedience to a universal principle and conferring subjective freedom. The East knew, and to the present day knows, only that One is free; the Greek and Roman world, that some are free; the German world knows that All are free*» [Philosophy of History]

HEGEL – Dialéctica histórica – Espírito germânico – América.

Germânicos lideram progresso histórico. Alemães e Anglo-Saxónicos.

Dominação mundial germânica através de guerra. A “realização progressiva da razão”, por meio de guerra, necessariamente levará à dominação mundial do espírito Germânico.

Em cada era, há uma nação historicamente preponderante. Em cada era, existe alguma nação que é encarregue da missão de conduzir o mundo através da presente fase da dialéctica.

→ *No século XIX, essa nação era a Alemanha*. Como poderia ser esperado, Hegel atribui o papel de destaque aos Germânicos, no desenvolvimento terrestre do Espírito.

O espírito do Novo Mundo é germânico – mas Novo Mundo será americano.

Espírito germânico é o espírito do novo mundo, que será americano.

→ “...*The German spirit is the spirit of the new world... unlimited freedom*”. «*The German spirit is the spirit of the new world. Its aim is the realization of absolute Truth as the unlimited self-determination of freedom that freedom which has its own absolute form itself as its purport*»

→ [*“Unlimited freedom” significa, claro, totalitarismo irrestrito*].

→ *Mas a América, e não a Alemanha, é a terra do futuro*. «...where, in the ages that lie before us, the burden of the world's history shall reveal itself perhaps [he adds characteristically] in a contest between North and South America»

→ *...mas ainda não existe Estado real na América*. Também diz que, não existe estado real na América porque um estado real requer uma divisão de classes em ricos e pobres.

HEGEL – Dialéctica histórica – O Governo do Mundo.

Razão avança história para o Governo do Mundo. O mote do trabalho de Hegel é que «*The history of the world is not intelligible apart from a Government of the World*».

Progresso significa o percurso para o estado mundial globalizado.

HILDEBRAND (1910) – Os U.S. of Western Europe, para acção imperial.

Gerhard Hildebrand, socialista, expulso do partido comunista alemão.

Advoga estabelecimento dos “United States of Western Europe” (sem a Rússia).

Acção conjunta contra negros, islâmicos, e sino-japoneses. Para “acção” conjunta contra os Negros africanos, contra o «*great Islamic movement*», pela manutenção de um «*powerful army and navy*», e contra uma «*Sino-Japanese coalition*» – Gerhard Hildebrand, *Die Errschutterung der Industriebherrschaft und des Industriesozialismus* (*The Shattering of the Rule of Industrialism and Industrial Socialism--Tr.*), cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*”.

HILFERDING (CIT. LENIN, 1916) – Alienação do proletariado – Monopólios.

“Proletariado não pode defender mercado livre contra monopólios”.

Capitalismo de monopólio é progressista.

O proletariado não pode defender “free trade” e “hostility towards the state”.

Proletariado tem de defender Socialismo, e não liberdade económica.

A ideia de restaurar competição livre tornou-se agora reaccionária.

«It is not the business of the proletariat... to contrast the more progressive capitalist policy with that of the now bygone era of free trade and of hostility towards the state. The reply of the proletariat to the economic policy of finance capital, to imperialism, cannot be free trade, but Socialism. The aim of proletarian policy cannot now be the ideal of restoring free competition--which has now become a reactionary ideal--but the complete elimination of competition by the abolition of capitalism» [Hilferding, Finance Capital, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”].

HIRSCH – Hirsch ataca a Bíblia.

Hirsch e o seu ódio virulento para com Deus e a Bíblia.

Ataque a Deus, Judaico-Cristianismo, e figuras principais da Bíblia.

“Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, os Profetas e Jesus Cristo, eram paranóicos”. *«The description given in the Bible of Abraham, Isaac, and Jacob and Moses, as well as of the prophets and Jesus Christ, corresponds in every respect with the cases of paranoiacs which we have opportunity to observe daily, at present»*

Epítetos usados ao longo do livro, para com todos estes homens. *«...paranoiac... psychotic... insane... diseased brain... delusions of grandeur... hallucinations»*

“Bíblia é uma colecção de ilusões e alucinações, típicas de paranóicos”. *«The delusions and hallucinations are, in fact, so characteristic, that the experienced psychiatrist could not invent more typical cases of paranoia than these men, described in the Bible»*

“O Deus eterno é o produto de uma doença mental e o seu Filho, um Judeu insano”. *«...their "eternal God" was the product of a mental disease, and his "only Son" was an insane Jew»*

“Deus é uma alucinação e ilusão dos cérebros doentes de velhos Judeus insanos”.

“Sabemos que não existe Deus, nem Filho de Deus, vida após morte é impossível”. *«We know that there is no "God," that the doctrines of an "only, eternal God" originated in the diseased brain of an insane Hebrew. If there is no God, there can be no son of God... For us, the doctrine of an individual life after death is an impossibility»; «...the belief in an only eternal God, as conceived in Abraham's delusions and "revealed" in the hallucinations of insane Hebrews»; «...the hallucinations of a few insane old Jews»*

Abraão, Isaac, Jacob.

“Abraão, Isaac e Jacob eram paranóicos, e uma família degenerada”. *«The case of Jacob is one of paranoia closely resembling that of his father and grandfather. His brother Esau, since we are dealing with a degenerate family, also showed certain stigmata of degeneration. The very fact that his whole body was covered with a mass of red hair is considered a sign of degeneration. Besides, without having been actually insane, Esau seems to have had a very limited intelligence»*

“Doze filhos de Jacob na tradição dos seus antepassados”. *«Thanks to his four wives, Jacob succeeded in bringing twelve sons, worthy descendants of their paranoical ancestors, into the world»*

Moisés.

“O climax da insanidade de Moisés acontece com os Dez Mandamentos”.

“Leis tão ridículas que só poderiam ter emanado de um cérebro paranóico”.

“Incoherent babble of a lunatic”.

«delusions of grandeur»; «The climax... of Moses' insanity was reached when he led the Israelites to Mount Sinai and there received the "ten commandments" directly from "God... The laws and ceremonies which were given to the people on Mount Sinai... are partly so absurd and ridiculous that they could only have emanated from a paranoical brain»; «...incoherent babble of a lunatic»

Profetas.

“Os insanos Profetas, com os seus delírios e caos alucinatórios”. «...the insane Prophets... their hallucinatory dialogues with "God, the Lord"...»; «The endless dialogues between God and... the insane Prophets... are, of course, nothing but ordinary hallucinations of hearing...»; «...the writings of the insane Prophets... this endless chaos of delusions, these incoherent products of a hallucinatory delirium...»

Cristo.

“Cristo acreditava na sua divindade, isso prova que era insano”. «Christ believed in his own divinity... it proves that he was insane»

“Paranóico, psicótico, tinha um cérebro doente”. «But Christ offers in every respect an absolutely typical picture of a wellknown mental disease. All that we know of him corresponds so exactly to the clinical aspect of paranoia, that it is hardly conceivable how anybody at all acquainted with mental disorders, can entertain the slightest doubt as to the correctness of the diagnosis»; «Such a course of the disease, a transition from the latent to the active state of paranoia, is altogether characteristic of this psychosis»; «...such effusions can be the product only of a diseased brain»

Paulo.

“Paulo era paranóico, megalómano, tinha “ravings of insanity”, um cérebro doente”.

“Patético que se tenha tornado ideal da humanidade”. Paulo tinha «...delusions of persecution». «...in Paul we have a typical case of paranoia... His psychical efficacy was dominated by delusions and hallucinations...»«...ravings of insanity»; «...if we consider that mankind has made these manifestations of a diseased brain its highest ideal, it is really pathetic»

“A Cristandade começa por ser apenas uma modificação do Judaísmo”. «Christianity in its original form, was, therefore, only a modification of Judaism»

William Hirsch (New York, 1912). “Religion and Civilization”.

HIRSCH – Ódio para com Judeus – Assimilação.

Hirsch – “Judeus antigos viviam alienados em Deus, logo tinham de perecer”.

Os Judeus viviam “alienados em Deus”...

...logo, tinham necessariamente de perecer na luta pela existência. *«A people which devoted its greatest mental activity exclusively to the study of those holy scriptures, which were based on delusions and hallucinations, whose leading men found their highest purpose in analyzing and propounding these traditional creations of disturbed minds, a people whose leaders cudged their brains about how many rungs there were in the "ladder" which Jacob saw in his dream, and of what kind of wood these were made such a people must necessarily perish in the struggle for existence and make room for its warlike neighbors»*

William Hirsch (New York, 1912). “Religion and Civilization”.

Hirsch – “Absurdo que Cristo aparecesse na Judeia”.

Hirsch acha que é uma anedota que o Filho de Deus pudesse aparecer no seio do “povo mais desprezado” da antiguidade...

...deveria ter aparecido em Roma, Grécia, ou Egito.

«Which was the nation that could boast that to it alone of all nations was born the only Son of God? Not the proud Romans before whose power the whole world bowed. Not that ideal people, the Greeks, to whom the world owed art and science. It was not even Egypt, the cradle of the oldest culture of mankind. No! It was none of these noble peoples who produced the "Savior" of all mankind. An insignificant, subjugated people, on whom the noble Roman looked down with disdain, a people whom historians have always called the most despised nation of ancient times. It was that always hated people, the Jews, whom God had chosen from all other nations, to whom to send his “only son.”»

William Hirsch (New York, 1912). “Religion and Civilization”.

Hirsch – “A questão Judaica”.

“Judeus permanecem sempre Judeus, e isso é inaceitável e ofensivo”...

“...têm de ser assimilados, remoldados...”

...têm de perder contacto com religião e com velhas tradições...

...têm de tornar-se humanamente indistinguíveis”.

«This trait of the people has persisted to the present day. The Jews are scattered throughout the world at the present time. Everywhere they adopt the customs and habits of the country in which they happen to be; they make their living wherever they are, they are successful in every sphere of life, but they always remain Jews. Therefore, can the American be blamed for refusing to hold social intercourse with these people, or for insisting that his children shall not acquire bad manners by association with Jewish children in school? That in which the successful Jews in America entirely fail is recognition of this important fact. The Jewish business man who, in the winter, lives in his luxurious home, keeps his automobile, attends the opera and concerts, is indignant when in the spring he receives prospectuses from summer hotels in which it is stated: "We don't take Hebrews." He complains about the "unheard of prejudices against the Jews in this free country, America," where all people are supposed to be equals. He abuses the country and its people; in fact, he does everything except the one thing that he ought to do, and that is, realize that his manners, his speech, his habits, all have that specifically Jewish character which is the inherited remainder of the ancestral ghetto, and which is so repulsive to people of culture and refinement. The solution of the Jewish question lies in the removal of this evil. But in many respects Jewish women are worse than the men. If they only knew that the jargon and the manners of the ghetto are ten thousand times more disgusting when it is sought to conceal them behind silken gowns, diamonds, and pearls! Here is, indeed, a great field for philanthropic activity to arouse in these people proper self-cognition and modesty»

William Hirsch (New York, 1912). “Religion and Civilization”.

HOBSON – Alta Finança – Federalismo Regional e Global – Inter-Imperialismo.

Hobson (1902) – Impérios europeus, dominados por alta finança.

Impérios europeus, domínios da alta finança.

Os mesmos grupos financeiros controlam os vários impérios. Os grandes impérios do início do século 20 são dominados por alta finança, «*the dominance of financial or investing*», com os mesmos grupos financeiros a ter controlo sobre os vários impérios. Aquilo a que Hobson, o socialista inglês chama «*the theory and the practice of competing empires*».

É como ter duas empresas no mesmo grupo a fazer as mesmas funções, para “estimular a produtividade”.

John Atkinson Hobson (London, 1902). “Imperialism: A Study”.

Hobson (1902) – Combates coloniais levados a cabo com tropas nativas.

Uma observação interessante, de Hobson.

“A maior parte dos combates coloniais são feitos com tropas nativas”.

Surge para demonstrar o modo como indivíduos e sociedades inteiras podem muito facilmente ser usado contra os seus próprios interesses.

«One of the strangest symptoms of the blindness of Imperialism is the reckless indifference with which Great Britain, France, and other imperial nations are embarking on this perilous dependence. Great Britain has gone farthest. Most of the fighting by which we have won our Indian Empire has been done by natives; in India, as more recently in Egypt, great standing armies are placed under British commanders; almost all the fighting associated with our African dominions, except in the southern part, has been done for us by natives»

John Atkinson Hobson (London, 1902). “Imperialism: A Study”.

Hobson (1902) – Federalismo regional, e global.

Hobson concordava com imperialismo, porque podia trazer “paz mundial”.

Federalismo, do regional ao global.

“Formação de estados federais é a tendência actual”.

“Federação Britânica indica o caminho a seguir”.

Unões de estados ligados por laços comuns: sangue, linguagem, instituições.

Pan-Anglosaxonismo, Pan-Eslavismo [acontece com a URSS], Pan-Teutonismo, Pan-Latinismo.

“...a few great federal Empires, each with a retinue of uncivilized dependencies”.

“O seguimento lógico é a federação do todo... inter-Imperialismo”.

«...the democratic movement, both now and in the future, seems closely linked with the formation of federal States, and the federation of the parts of the British Empire appears to suggest, as a next step and logical outcome, the federation of the whole... a wider federation of civilised States in the future...»

«...any reasonable security for good order and civilisation in the world implies the growing application of the federation principle in international politics... [it's] only natural that the earlier steps in such a process should take the form of unions of States most closely related by ties of common blood, language, and institutions, and that a phase of federated Britain or Anglo-Saxondom, Pan-Teutonism, Pan-Slavism, and Pan-Latinism might supervene upon the phase already reached... a few great federal Empires, each with a retinue of uncivilized dependencies, seems to many the most legitimate development of present tendencies, and one which would offer the best hope of permanent peace on an assured basis of inter-Imperialism...»

John Atkinson Hobson (London, 1902). “Imperialism: A Study”.

HOBSON – Narrativa imperialista – 'Eficiência social' e argumentos marxianos.

Hobson (1902) – A narrativa imperialista – “Eficiência social” e Anglo-Saxonismo.

Slogans imperialistas.

“Raças Teutónicas, em particular Anglo-Saxónicas, são as mais eficientes”.

“Nós somos socialmente eficientes”.

“Império é uma missão civilizacional”.

“Explicar artes de bom governo e a dignidade do trabalho”.

No século 20, estes continuaram a ser usados, em conjunto com “libertação dos povos”, o argumento comunista, e “espalhar democracia”, o argumento actual.

«Some writers, American and English, such as Professor Giddings and Mr. Kidd, believe that the Teutonic races, and in particular the Anglo-Saxon branches, represent the highest order of efficiency, in which notion they are supported by a little group of Anglophil Frenchmen. This genuine and confident conviction about “social efficiency” must be taken as the chief moral support of imperialism... So runs the imperialist argument. We represent the socially efficient nation, we have conquered and acquired dominion and territory in the past: we must go on, it is our destiny, one which is serviceable to ourselves and to the world, our duty... a “mission of civilisation,” in which we are to teach “the arts of good government” and “the dignity of labour.”»

John Atkinson Hobson (London, 1902). “Imperialism: A Study”.

Hobson (1902) – O argumento marxista, socialista para imperialismo.

O argumento socialista fabiano para imperialismo.

Europeus precisam de matérias-primas dos trópicos.

Ao mesmo tempo, não podem colonizar e fazer todo o trabalho só por si.

Logo, precisam da colaboração dos nativos – com europeus como supervisores.

Mas nativos não estão dispostos a isso – não têm “necessidades civilizacionais”.

Não são povos “progressistas”.

Logo, é preciso, e moral, forçá-los a isso e civilizá-los com essas “necessidades”.

“...there is much force in this presentation... on material and moral grounds”.

Isto é puramente Marxista – forçar um povo a evoluir e expandir o seu espectro de necessidades humanas.

«This carries us on... to the real issue as ably presented by Mr. Kidd, Professor Giddings, and the "Fabian" Imperialists... The European races have grown up with a standard of material civilisation based largely upon the consumption and use of foods, raw materials of manufacture, and other goods which are natural products of tropical countries. The industries and the trade which furnish these commodities are of vital importance to the maintenance and progress of Western civilisation... In order to satisfy these growing needs... peaceful and effective trade relations with these countries must be maintained. Now... the inhabitants of these countries are not "progressive people"; they neither develop the arts of industry at any satisfactory pace, nor do they evolve new wants or desires, the satisfaction of which might force them to labour. We cannot therefore rely upon the ordinary economic motives and methods of free exchange to supply the growing demand for tropical goods. The resources of the tropics will not be developed voluntarily by the natives themselves... We cannot, it is held, leave these lands barren; it is our duty to see that they are developed for the good of the world. White men cannot "colonise" these lands and, thus settling, develop the natural resources by the labour of their own hands; they can only organise and superintend the labour of the natives. By doing this they can educate the natives in the arts of industry and stimulate in them a desire for material and moral progress, implanting new "wants" which form in every society the roots of civilisation... there is much force in this presentation of the case, not only on material but on moral grounds...»

John Atkinson Hobson (London, 1902). "Imperialism: A Study".

II INTERNACIONAL – Domínio na Europa Ocidental.

Em 1914, temos dois ramos de Socialismo Marxista.

Reformistas, ou “social-democratas”.

Revolucionários. Tipificados por Lenine e pelos bolcheviques.

Fabianismo europeu – Socialistas e social-democratas.

Partidos reformistas. Socialistas e sociais-democratas; abordagem gradualista, reformista, em vez de revolucionária.

Quatro epicentros.

Sociais-democratas alemães. O partido socialista mais importante no continente europeu, os Social-Democratas alemães, aceitavam a doutrina marxista, mas aderiram a uma abordagem evolutiva, em vez de revolucionária.

Socialistas franceses.

Socialistas suecos de Estocolmo.

Socialistas fabianos de Londres.

II INTERNACIONAL – A Internacional de 1889-1916.

Organizada na Prússia. Como Attali assevera, a Internacional Socialista (sic) começa a ser organizada na Prússia por volta de 1892.

Oficialmente formada em Paris, a 14 de Julho de 1889. Delegações de 20 países participam na conferência de Paris.

Organização de partidos socialistas e trabalhistas. Exclui os anarco-sindicalistas.

Continua o trabalho da Primeira Internacional, entretanto dissolvida.

Internacional Socialist Bureau (ISB). Órgão executivo e de informação permanente, sediado em Bruxelas, formado após o Congresso de Paris de 1900. Chefiado por Emile Vandervelde and Camille Huysmans do Belgian Labour Party, líder e secretário, respectivamente.

I Guerra e Internacional de Berna. A Segunda Internacional é dissolvida durante a I Guerra Mundial, à medida que os movimentos que a formam regressam às suas

fidelidades nacionais, durante a guerra. Um esqueleto da Internacional permanece durante a guerra, na Suíça neutral, a “Berne International”.

→ *Alguns membros proeminentes.*

Alemanha. August Bebel, Hugo Haase, Karl Kautsky, Karl Liebknecht, Wilhelm Liebknecht, Rosa Luxemburg, Clara Zetkin. **França.** Jean Allemane, Jules Guesde, Jean Jaurès, Gustave Hervé, Édouard Vaillant. **Rússia.** Vladimir Lenin, Georgi Plekhanov, Pavel Axelrod, Julius Martov, Leon Trotsky. **Áustria.** Victor Adler, Karl Renner. **Holanda.** Anton Pannekoek, Herman Gorter, Pieter Jelles Troelstra. **Bélgica.** Camille Huysmans, Emile Vandervelde. **Suíça.** Robert Grimm. **Irlanda.** James Connolly. **Itália.** Filippo Turati, Amadeo Bordiga. **Espanha.** Pablo Iglesias. **Império Otomano.** Avraam Benaroya. **Índia.** Dadabhai Naoroji

II INTERNACIONAL – Labour and Socialist International, 1923-40.

Internacional de Berna e Internacional de Viena originam a LSI. Em 1920, a Segunda Internacional é reorganizada, a chamar-se Internacional de Berna. No entanto, alguns partidos foram uma oposição, IWUSP, a Internacional de Viena, ou International Working Union of Socialist Parties, a “Second and a half International” ou “Two-and-a-half International”, influenciada por Austromarxismo. Em 1923, as Internacionais de Berna e Viena fundem-se. Em Maio de 1923, no Congresso de Hamburgo. Com a fusão da Berne International e da Vienna International, forma-se a LSI. Daqui resulta a Labour and Socialist International.

LSI dominada pelo SDP da Alemanha. LSI dominada pelo Partido Social Democrata da Alemanha.

Dialéctica com o Comintern. A marcar a LSI, a sua oposição com a Internacional Comunista, a Comintern.

II INTERNACIONAL – Sociedade Fabiana, Londres.

FS, epicentro do socialismo europeu. FS é o epicentro do socialismo europeu no pré-II Guerra.

FS incubadora da Internacional Socialista. A Sociedade Fabiana serviu de modelo para, e foi a incubadora da Internacional Socialista. A sede mundial da IS em Londres e o gabinete londrino da Sociedade Fabiana são dois dedos da mesma mão.

Surge após a II Guerra. Como continuação directa das Internacionais anteriores.

II INTERNACIONAL, GB SHAW – Imperialismo leva a Socialismo global.

Socialistas eram abertamente pró-imperialistas.

Antes da II Guerra, a Segunda Internacional (LSI) era abertamente pró-imperialista.

Pelo simples motivo que socialismo exige estandardização...

...logo, os impérios europeus podiam receber estandardização socialista.

De qualquer das formas, a ideia de Federação Mundial expressa o maior império de todos.

Esta postura geral é bem visível em “Fabianism and the Empire”.

Ideia: “O Império pode e deve ser convertido numa Commonwealth socialista”.

“...native races who must be protected despotically”, e educadas de forma socialista.

“Until the Federation of the World becomes a fact, we must accept the most responsible Imperial federations available as a substitute for it”.

«...until the Federation of the World becomes an accomplished fact, we must accept the most responsible Imperial federations available as a substitute for it»

«We are confronted there with colonies demanding democratic institutions in the midst of native races who must be protected despotically by the Empire or abandoned to slavery and extermination»

The Fabian Society (London, 1900). “Fabianism and the Empire” (G. Bernard Shaw, ed.).

Inglaterra, porto seguro para agitadores continentais.

Revolucionários foragidos em Inglaterra. Deve ser notado que era bastante fácil ser assassinado em Inglaterra, nessa altura. Era fácil fazer acidentes acontecer, nas ruas sujas de Londres.

Rousseau – Danton – Pierre Leroux – Louis Blanc – Marx – Engels – Bakunin.

INTERNACIONAL SOCIALISTA (1962) – Governo mundial socialista, a Terceira via.

Estamos numa «age of transition».

O futuro não é nem comunista nem capitalista – é socialista.

“The objective of the Socialist International is UN world government”.

«The future belongs no more to Communism than to capitalism...»

«Socialism and World Peace... The ultimate objective of the parties of the Socialist International is nothing less than world government. As a first step towards it, they seek to strengthen the United Nations so that it may become more and more effective as an instrument for maintaining peace»

“The World Today: The Socialist Perspective”. Declaration of the Socialist International endorsed at the Council Conference held in Oslo on 2-4 June 1962.

JACK LONDON – “The Iron Heel” – Castas, tecnocracia e o Povo do Abismo.

Jack London – The Iron Heel – Oligarcas, gestores, mercenários, povo do abismo.

Gestores com melhores condições, indiferentes ao povo do abismo.

Uma era de egoísmo.

«The members of the great labor castes were contented... They lived in more comfortable homes and in... cities of their own... They had better food to eat, less hours of labor, more holidays, and a greater amount and variety of interests and pleasures. And for their less fortunate brothers and sisters, the unfavored laborers, the driven people of the abyss, they cared nothing. An age of selfishness was dawning upon mankind».

Corpo de mercenários desenvolvido a partir de exército regular.

Uma raça aparte, com privilégios, moralidade e consciência de classe.

«Another great institution that had taken form and was working smoothly was the Mercenaries. This body of soldiers had been evolved out of the old regular army and was now a million strong, to say nothing of the colonial forces. The Mercenaries constituted a race apart. They dwelt in cities of their own which were practically self-governed, and they were granted many privileges. By them a large portion of the perplexing surplus was consumed. They were losing all touch and sympathy with the rest of the people, and, in fact, were developing their own class morality and consciousness».

Castas de gestores, mercenários, hordes de agentes secretos e polícia.

«The labor castes, the Mercenaries, and the great hordes of secret agents and police of various sorts were all pledged to the Oligarchy...»

Oligarcas disciplinaram-se como classe, assumiram perspectiva aristocrática.

Viam-se a si próprios como treinadores de animais selvagens.

«The oligarchs... as a class,... disciplined themselves... They were taught, and later they in turn taught, that what they were doing was right. They assimilated the aristocratic idea from the moment they began, as children, to receive impressions of the world. The aristocratic idea was woven into the making of them until it became bone of them and flesh of them. They looked upon themselves as wild-animal trainers, rulers of beasts...»

Os animais selvagens são o povo do abismo.

Novos servos feudais, brutalizado e sem qualquer tipo de liberdade.

«...the great helpless mass of the population, the people of the abyss, was sinking into a brutish apathy of content with misery... The condition of the people of the abyss was pitiable... They lived like beasts in great squalid labor-ghettos, festering in misery and degradation. All their old liberties were gone. They were labor-slaves. Choice of work was denied them. Likewise was denied them the right to move from place to place, or the right to bear or possess arms... They were machine-serfs and labor-serfs».

Jack London (1907). The Iron Heel.

Jan Smuts – Holismo e ecologia – Castas sócio-raciais, unidade global.

JAN SMUTS – Holismo – Castas sócio-raciais e unidade global.

Jan Smuts, de Cambridge a governador do Império. Na África do Sul, Jan Smuts torna-se associado de Cecil Rhodes, durante a Guerra Anglo-Boer é Marechal de Campo pelos Boer, que trai, e vem a tornar-se um dos líderes da União da África do Sul. Nessa condição é um dos mais poderosos e viciosos governantes do Império.

Racialismo e misantropia. Para Smuts, existe uma ascensão gradual da personalidade humana, de nativos africanos a brancos do tipo Nórdico. A evolução mental máxima só pode ser atingida por homens brancos – está negada a mulheres brancas e a não-brancos.

“Direitos civis são evolutivos e graduados”. Em 1891, vai estudar para Christ’s College, Cambridge University, onde escreve um pequeno tratado, intitulado “Law, a Liberal Study”. Para Smuts, os direitos legais eram o resultado de uma libertação evolutiva gradual do reino biológico – daí a utilização do termo “liberal”. Smuts coloca os direitos civis numa escada Darwiniana. Argumenta que existe um princípio de governância, ou lei natural, por detrás do desenvolvimento evolutivo dos direitos civis. A lei civil evolui da família primitiva para o estado moderno, por analogia com o crescimento do ser humano, e os direitos civis gradualmente progridem historicamente na direcção de cada vez mais respeito por liberdade individual e por maior unidade entre a humanidade.

Holismo e ecologia global. Jan Smuts cunha o termo “holismo”, escrevendo “Holism and Evolution” (1926), onde expõe uma nova visão de uma ecologia global baseada na capacidade humana de experimentar um maior e harmonioso “todo” [“whole”]. É claro que isto corresponde à ideia do império britânico.

“Castas sociais evolutivas” – o apartheid. Já na África do Sul, como associado de Cecil Rhodes, Smuts argumenta que Africanos e Indianos têm de ser colocados socialmente em castas correspondentes à sua posição na hierarquia evolutiva. A hierarquia social de Smuts manifesta este tipo de imbecilismo: portanto, homens brancos no topo, mulheres brancas a seguir, Asiáticos depois e, por fim e bem no fundo, Africanos. Smuts vai, claro, implementar a sua visão de castas racialistas na África do Sul, enquanto PM do país.

“O homem branco governa, do local ao global”. Smuts fala do modo como o homem branco eram os únicos a ter chegado ao estatuto de adultos que compreendiam o modo como o mundo funcionava. Portanto, eram os mais apropriados para organizar e governar o todo, do local ao global. Da cidade de Pretoria à Província de Cape Town, à União da África do Sul, a todo o Império Britânico, e ao mundo, através da Liga das Nações.

“Holismo” é um sucesso de PR e traz sucesso pseudo-académico a Smuts. A nova palavra, holismo, foi um sucesso de relações públicas. Smuts foi aclamado como um exemplo moral e político a seguir, tornado Fellow of the Royal Society, presidente da British Association for the Advancement of Science, chancellor da Cambridge University, entre vários outros prémios e honras.

JAY GOULD – “I can hire one half of the working class to kill the other half”.

Princípio que continua a ser válido hoje. Um destes robber barons era Jay Gould, que uma vez se gabou que “*I can hire one half of the working class to kill the other half*”... princípio que continua a ser válido hoje.

Massacre dos mineiros, por Rockefeller. Houve vários episódios deste género, como o massacre dos mineiros, por JD Rockefeller, usando a Pinkerton, uma companhia de mercenários.

JF DULLES – “Comunismo e Fascismo, com efeitos admiráveis”.

Rockefeller Foundation – Federal Council of Churches. John Foster Dulles, presidente da fundação Rockefeller e do comité executivo do Federal Council of Churches.

“Comunismo e Fascismo estão a mudar povos inteiros”.

“Milhões de indivíduos melhorados”.

“Individualismo substituído por sacrifício e disciplina”.

“Subordinação consciente do self a um propósito colectivo maior”.

«Communism and Fascism [are] changing almost overnight the characteristics of entire peoples. Millions of individuals have been made into different and, on the whole, finer people...personal prides (individualism) ... (is) replaced by ... self-sacrifice and discipline. There is a conscious subordination of self to the end that some great objective maybe furthered» (1937, Religion in Life, Vol. 6 No. p.197)

KAUTSKY (1919) – Plano de Acção Social-Democrático.

Kautsky – Dialéctica fabiana – Transformação de democracia em socialismo.

Através de socialização, a república democrática é transformada na república social.

«Socialisation will transform it [the democratic republic] into a social republic, instigating a new era in the history of humanity»

Ou seja, de democracia de classe média, liberal, para socialismo.

Gradualismo.

“Vamos ter este fascismo, mas vamos com calma – grão a grão, passo a passo”.

Preparação cuidadosa de cada passo, avanço gradual.

«...because of the importance of this task, it cannot be carried out in the blink of an eye, but only gradually, following a careful examination of actual relations and preparation of the new order» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme.

January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Kautsky – Local to global – Internacionalismo e a Liga dos Povos. *«Alongside democratisation and socialisation, a proletarian government has yet another task: internationalisation... Our foreign policy... must be aimed at establishing the league of all peoples...» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919*

Kautsky – Local to global – Sovietização territorial e urbana.

“Democratização” significa sovietação territorial.

Auto-governança relativa de municipalidades e regiões administrativas.

Estas autoridades regionais e locais têm poderes policiais, fiscais, administrativos.

Comunalização urbana.

Autoridade municipal como governo local com poderes totais, totalitários.

«Democratisation... The power of the centralised government bureaucracy must be broken by subordinating it to a national assembly elected by free and democratic suffrage, and by immediately granting the right of extensive self-government (within the framework of state laws) to the municipalities, administrative districts and provinces.

The state must also hand over policing powers to the municipalities and districts. The highest representatives of this self-government should be democratically elected assemblies in the municipalities, districts and provinces. The state can also hand over some of its functions, such as tax collection, to the administrative bodies that will be appointed and monitored by these assemblies»

«Communalisation... Finally, it falls to the municipality to socialise the production of housing, to build and manage sound and cheap housing for the masses... The municipality might have to use private contractors and ensure that they adhere to good working conditions. Or it might construct the buildings itself. Alternatively, it might instruct the organisations of construction workers to build them according to its plans and under its management... If the municipality seizes the city's monopolies; if it builds sound and cheap flats and produces cheap bread; if it builds enough schools which not only provide the children with education, but with food; if it finally provides the mass of the people with places of assembly, recreation and further education, then it can play an active part in the process of socialisation» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Kautsky – Transição – Tolerância temporária de capitalismo, classe média.

Gradualismo implica tolerância temporária de capitalismo.

“Rendimentos só vão ser apropriados se produção for adequada”.

«...these taxes will only yield a greater return if production is vibrant and delivers rich surpluses. That is the name of the game, both in the policy of socialisation and in fiscal policy... if these taxes are to provide a significant yield, then this presupposes considerable property ownership and substantial income – the precondition of which is regulated production. The basis of any sound fiscal policy is thriving production, which delivers a surplus of products» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Kautsky – Transição – Política fiscal.

Impostos progressivos sobre rendimento, propriedade, heranças.

«Tax policy... the state's most important income will have to consist of direct taxes on income, wealth and inheritance... direct, progressive taxes on property and on the wealthy classes' income...» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Kautsky – Concentração de produção – Federar, nacionalizar, fascizar.

Integrar os ramos de produção.

«...socialise production... concentrating production... The various branches of production should be brought into an increasingly systematic connection with each other»

Federação, fascização de sectores inteiros.

Federação industrial regula sector.

Representação em mesa redonda de patrões, estado, consumidores, trabalhadores.

Associar ao fim do direito de greve e ao fim da luta sindical.

«...the state syndicates all those branches of production which cannot be immediately socialised. This syndicate should procure raw materials, distribute products and oversee the conditions of production... Its elected leadership will consist of: a quarter of representatives from industry, a quarter of elected representatives from the workers' councils, and another quarter of representatives from the organised consumers of the particular branch of production. So if the branch produces the means of production, then these will consist of industrialists. If the branch produces consumer goods, then these will consist of representatives of the consumer cooperatives and districts. The final quarter will consist of representatives of the state, who represent the interest of the whole»

Nacionalização de sectores industriais. *«...whole branches of industry should be nationalised, not individual firms... each of these branches of industry could be managed by a council, in which only a third of its members are made up of representatives of the state administration. The second third should consist of the workers' representatives of this branch of production, the final third of representatives of its organised consumers... Within an individual nationalised company, production can then be regulated similarly to private companies (as described above). The only difference is that the manager is not a private owner or his representative, but an official deployed by the relevant industrial council»» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919*

Kautsky – Concentração de produção – Fechar fábricas “supérfluas”.

«...concentrating production... eliminating the costs incurred by competition between different enterprises, by closing unprofitable factories... close down superfluous or inefficient factories»» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Kautsky – Trabalho – Fim de greve e luta sindical, regulação laboral apertada.

O fim da luta sindical.

Através de socialização da produção.

“Em vez de confrontar um patrão, o trabalhador passa a confrontar a sociedade”.

«...the proletarian state... must also strive to remove the basis of this class struggle – a struggle which inhibits and disrupts production – by socialising production: instead of the worker confronting a boss who owns and controls the means of production, he confronts society, of which he is also a part...»

Banir o direito de greve.

A greve é uma arma para ser usada na guerra contra o capitalismo.

No estado socialista, não pode ser tolerada.

Afinal de contas, o estado socialista é o estado dos trabalhadores.

Porque é que os trabalhadores haveriam sequer de querer fazer greve?

O método socialista é gradual – o que se expressa em greves cada vez mais simbólicas e irrelevantes, até ao dia em que sejam simplesmente proibidas.

«In a state where authority is in the hands of the capitalist class, striking is an indispensable tool of the workers to defend themselves against capitalist oppression and to eke out better living conditions. But this tool is a destructive one – like weapons in war. A state where political power lies in the hands of the workers must strive to introduce other methods to protect workers' rights in all those branches of production where it cannot yet get rid of capital economically. These methods should not inhibit and disrupt the process of production as much as strikes do»

Fim de trabalho livre, na noção de classe média.

Vai haver uma agência de emprego [ministério].

Decide salários, horas de trabalho, condições de trabalho.

O trabalhador é forçado a trabalhar naquilo que lhe for colocado à frente.

«...an employment agency must be established alongside unemployment benefit... The agency must have the right to set minimum wages, maximum working hours and working conditions for every branch of production and every region... a worker will lose his right to unemployment benefit if he refuses – without compelling reasons – to accept a job which he is trained to do and which is carried out under the working conditions set by the employment agency» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Kautsky – Concentração de produção – Socializar terra, minas, florestas.

Socialização e sistema de concessões.

Ou seja, quem quer operar, tem de ser um rendeiro, não um proprietário.

«...nationalisation of the ownership of the means of production. Land is the most important means of production and the easiest to nationalise... Provided that it is farmed by large enterprises, land can be nationalised without further ado, and those enterprises can initially be allowed to carry on as they did before... The proprietors will simply be transformed from landowners into tenants... nothing stands in the way of nationalising all mines, forests and large estates, as well as all municipal land (excluding the houses built on it)... Enterprises operating on state land holdings would initially remain private enterprises, though they would be state tenants. Gradually they could be socialised. Forests could be socialised without further ado. Mines and large agricultural enterprises could also be socialised without much preparation. Such state enterprises would not be mere copies of the state enterprises set up by the centralised bureaucracy. Those would have to be reformed; their management must be granted the greatest independence possible»» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Kautsky – Concentração de produção – Socialização agrária.

Mais uma vez, processo gradual.

“Não seria prático expropriar agricultores à bruta, como os bolcheviques”.

Gradualmente, o estado “gradually can get all property holdings into its hands”.

Acabar com pequena e média produção.

Implementar sistema de cooperativas, comunas agrárias.

Grandes empreendimentos dominam economia agrícola.

«In agriculture we cannot quite proceed as we do in industry. It would not be practical to expropriate farmers' land. For the time being it is sufficient for the state to retain the right of first refusal when land is sold, so that gradually it can get all property holdings into its hands... Breaking up large enterprises into tiny plants would be a retrograde step and of no use at all. People are not being pulled from the town to the country. On the contrary, both large and small agricultural enterprises suffer from a lack of people. In agriculture it is urgently necessary to replace human labour with machinery, not to return to primitive working methods. The state must provide the village communities with a sufficient amount of agricultural machinery and promote its communal use»» – Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

KAUTSKY – Assimilação.

Kautsky (1914) – “A alienação Judaica”.

Muitos Judeus são “alienados”, separados do resto da humanidade. «...*those Jews who are comprised in a specific group and as such are cut off from the rest of mankind... a specific group, segregated from its environment...*»

Judeus alienados de socialismo, filosofia gnóstica, pela sua ortodoxia. «*The Jews, restricted to the ghetto by their orthodoxy... assumed a hostile position to the new philosophy*»

Judaísmo tornou-se factor reaccionário, um ghetto perpetuado na consciência. «...*Judaism has become a reactionary factor... one of the last remnants of the feudal Middle Ages, a social ghetto still maintaining its existence in the consciousness...*»

Os Judeus “alienados” da Europa de Leste.

Única bolsa de preservação de peculiaridades nacionais.

Último obstáculo a assimilação gradual.

«*Only in those regions of Eastern Europe in which the Jews were settled together in great numbers and artificially cut off from their environment, have they been able to preserve their national peculiarities... the last obstacle to... gradual assimilation*»

Karl Kautsky (1914). “Are the Jews a Race?”

Kautsky (1914) – “A desintegração gradual do Judaísmo”.

Um capítulo devotado às “últimas fases do Judaísmo”. «*Chapter XI, The Last Stages of Judaism...*»

No mundo ocidental, assimilação dos Judeus será rápida.

“Processo de desintegração do Judaísmo”.

Serão plenamente fundidos com o resto da população, tornando-se indiferenciados.

Judeus só mantinham identidade porque se mantinham próximos; isso iria desaparecer.

«*The process of the disintegration of Judaism...*»

«Even in England and America, the assimilation of the new strata of Russian Jews will proceed at a rapid pace... they will no longer live in a single section of the city, closely congested in a few sweated industries that yield but slight opportunity to live, but will spread throughout the country and find the same opportunities as the rest of the population for earning a living in the most varied occupations»

«The Jewish nation could maintain itself only by means of a living together of all the Jews in close contact with each other... »

A compra da alma Judaica.

Desaparecimento do Judeu vai ser facilitado através de bens materiais. Ou seja, abandonar Deus em troca do mundo e da matéria, e isso vai ser facilitado.

“Nação Judaica vai atingir vitória apenas para desaparecer”.

«The sooner it [Judaism] disappears, the better it will be, not only for society, but also for the Jews themselves... The disappearance of the Jews will not involve a tragic process like the disappearance of the American Indians or the Tasmanians. It will not be equivalent to a declining... but to a rising to greater strength, to prosperity and well-being, to the opening up of an immense field of activity»

«...that which we call the Jewish nation can achieve the victory only in order then to disappear...»

Karl Kautsky (1914). “Are the Jews a Race?”

Kautsky (1914) – Expressões feias de ódio e jocosidade contra Judaísmo.

Religião ter-se-á tornado algo irrelevante, e essa é a última barreira à assimilação.

Depois, chama a isto “uma profecia”. *«And religion will probably have become a matter of indifference to these Jews; thus the last barrier to their assimilation will be removed. This prophecy...»*

Aliás, ódio e a jocosidade de Kautsky são bem revelados pela sua escolha de termos.

“Só assimilação pode dar estatuto plenamente humano aos Judeus”. *«Herein only is there a possibility for the Jewish masses to achieve a truly human status... the full status of human beings...»*

“Assimilação, a única via para a salvação”. *«...assimilation, the only path to salvation that is available to them»*

“Gigantes espirituais produzidos pelo Judaísmo moderno – Marx – só o foram por oposição ao Judaísmo”. *«The spiritual giants produced by modern Judaism could bring their forces into action only after they had burst the fetters of Judaism. Their*

activities were carried on, without exception, outside of the bounds of Judaism, and within the realm of modern culture, which is as little Jewish as it is Christian, and often their activities were in complete conscious opposition to Judaism...»

“Amigos do progresso têm muito menos motivos que Judeu conservador para chorar o desaparecimento do Judaísmo”. «And the friends of human progress have far less cause than the conservative Jew to shed a tear over the disappearance of Judaism»

Com o desaparecimento do Judaísmo, é criado um novo e melhor tipo de homem.
«[The disappearance of Judaism] It will... mean... the creation of a new and higher type of man»

Karl Kautsky (1914). “Are the Jews a Race?”

KAUTSKY – Dialéctica fabiana [Adaptação gradual e conflito].

Kautsky – Dialéctica fabiana – Adaptação dos órgãos ao ambiente.

A estrada para a transformação da sociedade. «...move decisively forward on the road of the transformation of existing society»

Adaptação gradual dos órgãos ao ambiente.

Adaptação dos órgãos às exigências do ambiente.

Adaptação progressiva a todos os níveis, do indivíduo à sociedade em geral.

Quanto mais difícil e variado o ambiente, mais o progresso leva a “higher forms”.

«...the doctrine of Lamarck... the progressive adaptation of organisms to the environment as the most important factor in their development... These neo-Lamarckian ideas got a powerful hold on me... The conflict between organism and environment, the adaptation of organs to the demands of, the environment that the organism, in its struggle with the latter, either experiences or carries out, this is, according to my conception, in the last analysis the driving force of any development both in organic nature and in society. Thus sociology is brought into agreement with biology... The process of a progressive adaptation of an organism or of a species of organisms to a particular environment... If the environment becomes ever more varied and complicated, then the process of adaptation also produces ever more complicated forms of organisms. In that sense, development becomes progress to higher forms» – Karl Kautsky (1929). “Nature and Society – Natur und Gesellschaft”, Die Gesellschaft, (Berlin), VI/2 No.12 (December 1929), pp.481-505.

Kautsky – Dialéctica fabiana – Luta como factor de progresso.

Darwin e Marx.

Luta pela existência e luta de classes como factor de progresso.

*«Darwin and Marx... regarded **struggle** as the motor of development, one the **class struggle**, the other the **struggle for existence**. But there is a great difference between these two kinds of struggle! Class struggle is a struggle of masses of similarly constituted individuals who, living under the same conditions and held together by the same interests, struggle together against other masses. The struggle for existence, as Darwin conceived of it, was, on the contrary, essentially a struggle between individuals of the same species...» Karl Kautsky (1929). “Nature and Society – Natur und Gesellschaft”, Die Gesellschaft, (Berlin), VI/2 No.12 (December 1929), pp.481-505.*

KAUTSKY – Dialéctica – Gerar necessidades [ex., erotismo].

O homem tem necessidades económicas, sociais e animais, que podem ser usadas.

Usar erotismo, arte, amor pelo conhecimento.

Dialéctica necessidade-problema-solução.

Vida social incentiva e desenvolve novos impulsos individuais.

Estes, por sua vez, também condicionam a vida social, provocando novos problemas.
«new problems»

Por sua vez, isto leva a novas formas de satisfazer necessidades a partir do ambiente.

«In my investigation of the process of social development, I start out from an analysis of human nature, of the various drives that man inherited from his animal ancestors... A knowledge of the individual constitutes the precondition of a knowledge of society... Only as a social being does man exist, only as such do we know him. ...On the other hand, society cannot be understood at all except through observation of the life and activity of socialized individuals, their needs and capacities... we Marxists recognize in man not only egoistic but also social drives, not only economic but also erotic ones as well as drives seeking beauty and knowledge... Social life is a result of men's drives and needs. On the other hand, this life also conditions these drives and needs» – Karl Kautsky (1929). “Nature and Society – Natur und Gesellschaft”, Die Gesellschaft, (Berlin), VI/2 No.12 (December 1929), pp.481-505.

KAUTSKY – Proletariado e lumpenproletariat.

Kautsky – Proletariado – As três classes de proletariado.

Três classes – Lumpenproletariat, massa dos trabalhadores, vanguarda.

Em cidades de serviços, proletariado é mais reaccionário que em cidades industriais.

*«Marx differentiated sharply between the proletariat of this type, which he termed the **Lumpenproletariat**, and the **wage earning proletariat**. It was the latter type that he regarded as capable of developing, in the process of many struggles and through long experience, the requisite power and ability to emancipate itself, and thus move society forward to higher forms. Hundreds of years of struggle were required before such consciousness became possible, and even then it was confined at the beginning to a small elite, which, perceiving its social power and significance, placed before itself the aim of achieving a fundamental social change... Under certain circumstances this elite can develop rapidly in numbers, but behind this elite and the **Lumpenproletariat** there remains a mass which Marx well characterized as the “undeveloped figure” of the proletariat. Economically this mass performs the functions of the wage-earning proletariat, but intellectually and culturally it is not much above the level of the **Lumpenproletariat**. It no longer begs for alms but for work, perceiving frequently in the capitalist who employs it not the exploiter who lives upon its labor but the master, the philanthropist, upon whose good will the wage earner subsists. Occasionally, these proletarians begin to glean vaguely the real character of the situation, which in turn, leads them to manifestations of resistance. But they are not capable of continuous, systematic struggle. Only occasionally are they moved to outburst of despair, which is followed immediately by dejection and surrender. Higher aims than those of the moment are beyond the scope of the undeveloped proletariat. **This general analysis of the character and composition of the proletariat suffices to reveal its division into three big groups, each with its own mode of thinking, its own capacity for struggle, its own aims and methods**»*

«...in [luxury cities], we find more corrupt servile, reactionary elements among the workers than in the [industrial cities]»

Karl Kautsky (Various Dates). “Social Democracy versus Communism”. (Translated by David Shub and Joseph Shaplen), Rand School Press, 1946.

Kautsky – Proletariado – Vanguarda de intelectuais.

Operários precisam de ser guiados por vanguarda de intelectuais bem treinados.

«...intellectuals [are] part of a working class... the working class [can] not emancipate itself and achieve a higher order of production without the full and willing cooperation of a sufficient number of able and well trained intellectuals» – Karl Kautsky (Various Dates). “Social Democracy versus Communism”. (Translated by David Shub and Joseph Shaplen), Rand School Press, 1946.

Kautsky – Proletariado – Lumpenproletariat.

São um fardo desnecessário – vivem por caridade ou roubo.

Não conseguem vislumbrar, ou trabalhar por, uma ordem social melhor.

Vendem-se por pão e circo e tornam-se mercenários para o sistema repressivo.

«...the masses of the propertyless have but one recourse – to beg or steal. This type of proletarian is not necessary to the basis of society. On the contrary, they are an unnecessary burden. They live only upon the alms of the propertied classes or by plundering them. Such workers cannot grasp the ideal of a new, better social order, much less are they fit to fight for it. To the extent to which they are dependent upon the good will of the higher classes they become cringing and sycophantic. Individuals among them, those of stronger character, turn to violent resentment and become criminals. Such elements are easily disposed of by the state. Due to particularly favorable circumstances, proletarians of this type attained to great political power in ancient Rome, which after prolonged struggles had established a democratic constitution, but a great portion of whose citizens had become impoverished as a result of continued civil wars. Under this condition the urban proletariat obtained the power in the state, but not knowing how to utilize it found nothing better to do than to sell its votes to those who paid the most in bread and circuses, or to sell itself as hired mercenaries to successful and ambitious military leaders» – Karl Kautsky (Various Dates). “Social Democracy versus Communism”. (Translated by David Shub and Joseph Shaplen), Rand School Press, 1946.

KAUTSKY – Ultra-imperialismo e a “liga dos povos”.

I.e., os problemas do mundo seriam resolvidos pelo controlo mundial da alta finança. Ultra-imperialismo e a “liga dos povos”, para paz mundial.

“Guidelines”, 1919 – Internacionalização, a “Liga de todos os povos”.

*«Alongside **democratisation** and **socialisation**, a proletarian government has yet another task: **internationalisation**... it must be aimed at establishing the league of all peoples...»* Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Ultra-imperialismo, 1914, cartéis imperiais para paz mundial e desarmamento. *«The Next Phase: Ultra-Imperialism... from the purely economic standpoint it is not impossible that capitalism may still live through another phase, the translation of cartellization into foreign policy: a phase of ultra-imperialism, which of course we must struggle against as energetically as we do against imperialism, but whose perils lie in another direction, not in that of the arms race and the threat to world peace»* – Karl Kautsky, Die Neue Zeit, September 11, 1914.

Ultra-imperialismo, 1915.

“...the joint exploitation of the world by world finance capital”.

“...can it be achieved?”

“...disarmament and a lasting peace”.

“...era of new hopes and expectations within the framework of capitalism”.

«...the growing international interweaving between the various cliques of finance capital... the present imperialist policy [can] be supplanted by a new, ultra-imperialist policy, which will introduce the joint exploitation of the world by internationally united finance capital... Such a new phase of capitalism is at any rate conceivable. Can it be achieved? ...the war... may hasten developments for which we would have to wait a long time under peace conditions. If it does lead to this, to an agreement between nations, disarmament and a lasting peace, then the worst of the causes that led to the growing moral decay of capitalism before the war may disappear... ultra-imperialism». A nova era *«could create an era of new hopes and expectations within the framework of capitalism»* Karl Kautsky, Die Neue Zeit, April 30, 1915, pp. 144-5. Cit. in V.I. Lenin (1915). The Collapse of the Second International.

KAUTSKY – Zionismo, Israel e Palestina.

Kautsky (1914) – Zionismo e a questão Israelo-árabe.

«Zionism is not a progressive movement, but a reactionary movement... Zionism denies the right of self-determination of nations, instead of which it proclaims the doctrine of historical rights...»

«It is declared to be urgently necessary to erect Palestine into a world ghetto, in which a great number of Jews are to be confined and cut off from the surrounding world, because in this way only can the Jewish race be protected against admixture and preserved as a race... every attempt made by the... Jews in Palestine... to displace the Arabs cannot fail to arouse the fighting spirit of the latter, in which opposition to the Jews the Arabs of Palestine will be more and more assured of the support of the entire Arab population of Asia Minor, in whose eyes the Jews appear as foreign rulers or as allies of the English oppressor... one condition remains permanent: the dependence of Jewish colonisation on the victorious European great powers, and the opposition of the colonists to the Arabs... each of the two factors gives strength to the other in rapid alternation... The war immensely strengthened the nationalism of the Arabs... Arabia is now practically independent. Mesopotamia, Egypt, Syria, will become independent in the course of a few decades... There is no longer any doubt of the final victory of the Arabian people; the question merely is whether this victory is to be obtained by the peaceful method of a successive forcing of concessions, or by a period of wild guerilla warfare and bloody insurrections. The English mode of government points rather to the former, the French rather to the latter methods. In whatever way the process of transformation may be realised, the poor, weak Jewish settlers in Palestine will be the chief sufferers, during the battle of the Arabs for independence, as well as after their victory. Of all the European elements in Asia Minor, the Jews will be least able to defend themselves, as well as least capable of escape, and yet they will be treated as the worst enemies, because their colonising the country will prove that they intend to remain in it and not only make the former inhabitants dependent on them but even drive them out entirely»

Karl Kautsky (1914). “Are the Jews a Race?”

Kay Wallace (1932) – Fascismo Tecnocrático, em vez de Constituição.

William Kay Wallace, membro da entourage de Wilson, 1918. William Kay Wallace, diplomata, membro da US Peace Commission [1918].

Nova Constituição: regimentação económica sob Corporativismo Fascista. Os estados seriam substituídos por 9 regiões [hoje em dia são 10 mega-regiões], cada qual com uma igual representação num Board of Directors nacional. O Presidente seria escolhido do Board. Os novos estados teriam sistemas similares. O governo teria controlo total sobre toda a economia, mesmo durante eras de paz.

“Liberdade económica, lazer – O estado totalitário dá-te leitinho doce”. A nova constituição de Wallace incluiria garantias de “liberdade económica”, o direito à educação (STW, presume-se), “segurança económica” e lazer (para os débeis mentais educados sob “liberdade económica”).

“Individualismo, Constituição, estão obsoletos”.

“Constituição tem de ser reescrita, indivíduo já não é livre”.

“Indivíduo tem de aprender a viver eficientemente, sob Tecnocracia”.

“Liberdade política é joio por comparação com ‘liberdade económica’”.

“Capitalismo Científico tem de ser fundido com Socialismo Científico”.

“Governo terá **controlo** sobre meios de produção e troca”.

[Fascismo Tecnocrático, na linha de HG Wells, Alexis Carrel, Tech Inc, Jean Coutrot].

«The age of individualism is past... The Constitution is no longer adequate to meet the requirements of our age... the Constitution is out-of-date and must be rewritten... The individual is no longer free... but must adopt the one best way or plan which has been scientifically determined by experts. Our age demands that we learn how to live efficiently... [We need] to integrate Scientific Capitalism with the principles of Scientific Socialism, of which it is not the antithesis but the natural complement. We must be prepared to recognize that individualist principles and the older conceptions of the nature and function of government are not worth fighting for, and that political liberty is as chaff when compared with economic liberty... Thus after a generation of transition from the old system of property to the new, and a gradual extension of the system of public ownership, the state will control the means of production and exchange...» [William Kay Wallace (1932), “Our Obsolete Constitution”, John Day Company]

LENIN (1913) – Assimilação – Zionismo, uma “reacção filistina”.

Nacionalismo Judaico é anti-progressista, uma “reacção filistina”. E isto é uma frase e tanto.

“Os defensores de nacionalismo judaico são inimigos do proletariado”.

“Apoiantes e cúmplices dos rabis e da burguesia”.

“Reaccionários Judaicos filistinos que querem voltar atrás na história”.

“Os melhores Judeus, celebrados na história mundial [Marx e talvez Rothschild] nunca clamaram contra assimilação”.

«Whoever, directly or indirectly, puts forward the slogan of Jewish "national culture" is... an enemy of the proletariat, a supporter of all that is outmoded and connected with caste among the Jewish people; he is an accomplice of the rabbis and the bourgeoisie... only Jewish reactionary philistines, who want to turn back the wheel of history, and make it proceed, not from the conditions prevailing in Russia and Galicia to those prevailing in Paris and New York, but in the reverse direction – only they can clamour against "assimilation"... The best Jews, those who are celebrated in world history, and have given the world foremost leaders of democracy and socialism, have never clamoured against assimilation. It is only those who contemplate the "rear aspect" of Jewry with reverential awe that clamour against assimilation»

V.I. Lenin (1913). “Critical Remarks on the National Question”. Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

LENIN (1913) – Consolidação monopolista – Socialismo global.

Lenin (1913) – Marxismo, capitalismo, assimilação, internacionalismo (1).

“Capitalismo produz proletariado móvel e progressista”.

[A força de trabalho móvel para a economia global].

Processo capitalista de assimilação de nações é um grande progresso histórico.

Capitalismo substitui campesinato ignorante com um proletariado móvel.

As condições de vida do proletariado móvel derrubam distinções nacionais.

«*Paris and New York*» são, para Lenin, os modelos a seguir. Cidades capitalísticas, onde a assimilação é um fait accompli, com a fusão e descaracterização de diferentes culturas nacionais.

«...what is taking place on a grand, international scale in New York is also to be seen in every big city and industrial township... this process of assimilation of nations by capitalism means the greatest historical progress, the break down of hidebound national conservatism in the various backwoods... Capitalism is replacing the ignorant, conservative, settled muzhik of the Great-Russian or Ukrainian backwoods with a mobile proletarian whose conditions of life break down specifically national narrow-mindedness, both Great-Russian and Ukrainian»

V.I. Lenin (1913). “Critical Remarks on the National Question”. Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

Lenin (1913) – Marxismo, capitalismo, assimilação, internacionalismo (2).

Capitalismo é força progressiva de assimilação e internacionalização.

Capitalismo global abre as portas a socialismo mundial.

Logo, Marxismo tem de defender capitalismo global.

Marxismo avança internacionalismo, a amalgamação de nações numa unidade superior.

Essa unidade cresce com cada companhia multinacional e com cada associação internacional de trabalhadores.

Capitalismo oblitera barreiras e distinções nacionais, assimila nações.

Força que transforma capitalismo em socialismo.

O proletariado procura a maior das liberdades para comércio capitalista.

Dá as boas vindas a todo o tipo de assimilação nacional.

«In place of all forms of nationalism Marxism advances internationalism, the amalgamation of all nations in the higher unity, a unity that is growing before our eyes with every mile of railway line that is built, with every international trust, and every workers' association that is formed (an association that is international in its economic activities as well as in its ideas and aims)... capitalism's world-historical tendency to break down national barriers, obliterate national distinctions, and to assimilate nations – a tendency which manifests itself more and more powerfully with every passing decade, and is one of the greatest driving forces transforming capitalism into socialism... The proletariat... far from undertaking to uphold the national development of every nation, on the contrary, warns the masses against such illusions, stands for the fullest freedom of capitalist intercourse and welcomes every kind of assimilation of nations, except that which is founded on force or privilege»

V.I. Lenin (1913). “Critical Remarks on the National Question”. Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

Lenin (1913) – Marxismo, capitalismo, assimilação e o estado centralizado.

O grande estado central serve para refazer vida social.

Proletariado e burguesia têm de unir-se para derrubar particularismos locais, tradições.

Ao mesmo tempo, é preciso um território grande, compacto, politicamente unido.

Aí, capitalismo pode gerar forças produtivas de desenvolvimento.

Logo, é preciso um grande estado centralizado e compacto.

*«Capitalism's broad and rapid development of the productive forces **calls for** large, politically compact and united territories, since only here can the bourgeois class – together with its inevitable antipode, the proletarian class – unite and sweep away all the old, medieval, caste, parochial, petty-national, religious and other barriers... Marxists will never, under any circumstances, advocate either the federal principle or decentralisation. The great centralised state is a tremendous historical step forward from medieval disunity to the future socialist unity of the whole world, and only **via** such a state (**inseparably** connected with capitalism), can there be any road to socialism... Marxists are, of course, opposed to federation and decentralisation, for the simple reason that capitalism requires for its development the largest and most centralised possible states. **Other conditions being equal**, the class-conscious proletariat will always stand for the larger state. It will always fight against medieval particularism, and will always welcome the closest possible economic amalgamation of large*

territories in which the proletariat's struggle against the bourgeoisie can develop on a broad basis»

V.I. Lenin (1913). "Critical Remarks on the National Question". Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

LENIN (1913) – Rejeição de Estado-Nação e Constitucionalismo.

Marxismo não pode ser reconciliado com nacionalismo.

Mesmo que seja justo, puro, refinado, civilizado, constitucionalizado.

«Marxism cannot be reconciled with nationalism, be it even of the "most just", "purest", most refined and civilised brand... Consolidating nationalism within a certain "justly" delimited sphere, "constitutionalising" nationalism, and securing the separation of all nations from one another by means of a special state institution -- such is the ideological foundation and content of cultural-national autonomy»

V.I. Lenin (1913). "Critical Remarks on the National Question". Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

LENIN (1916) – A criação da “Europa Central”, Bloco de Leste.

Esta missão seria, claro, levada a cabo pela URSS nas décadas seguintes.

«...the creation of "Central Europe" is still a matter for the future, it is being born in the midst of a desperate struggle. For the moment the distinctive feature of the whole of Europe is political incohesion» Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

LENIN (1916) – Imperialismo e monopólio – Socialismo global.

Lenin (1916) dá as boas vindas a imperialismo.

Imperialismo é capitalismo de monopólio. «...*in its economic essence imperialism is monopoly capitalism*»

Necessário para estandardizar mundo e trazer socialismo mundial. E, capitalismo de monopólio, e o seu império, era necessário para estandardizar o mundo e colocá-lo sob um único sistema, socialismo mundial.

“A partir de agora, só haverá redivisões e de território”.

E a URSS iria, sem dúvida, desempenhar o seu papel neste jogo.

Primeiro com a Europa de Leste, e depois com territórios asiáticos, africanos e sul-americanos.

«*For the first time the world is completely divided up, so that in the future **only** redivision is possible, i.e., territories can only pass from one "owner" to another, instead of passing as ownerless territory to an "owner"»*

Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

Lenine (1916) – Monopólio capitalista leva ao Sistema Geral mundial.

“Saint-Simon é um génio”. «*Saint-Simon... a genius*»

Lenin fala-nos da utilidade histórica do capitalismo de monopólio.

Monopólio elimina competição e traz socialismo.

Transição para ordem social e económica mais elevada – de competição para completa socialização.

Monopólio é a transição de capitalismo um sistema melhor – socializado.

O sistema de monopólio controla força de trabalho, transportes, etc.

Imenso progresso na socialização de produção.

«*The old capitalism has had its day. The new capitalism represents... the transition from the capitalist system to a higher social-economic order... Monopoly is the transition from capitalism to a higher... social and economic system... Skilled labor is monopolized, the best engineers are engaged; the means of transport are captured...*

immense progress in the socialization of production... a new social order, a transitional one from complete free competition to complete socialization...»

Única coisa que falta é eliminar apropriação privada.

Produção torna-se social, mas apropriação permanece privada.

«Production becomes social, but appropriation remains private. The social means of production remain the private property of a few. The general framework of formally recognized free competition remains, but the yoke of a few monopolists on the rest of the population becomes a hundred times heavier, more burdensome and intolerable»

Economia mundial e um único monopólio mundial.

Rápida expansão de uma rede fechada, que centraliza capital e concentra produção.

O resultado inevitável será uma única economia mundial.

Desenvolvimento rumo a monopólio, depois um único monopólio mundial – “a single world trust...this is indisputable”.

«We see the rapid expansion of a close network of canals... centralizing all capital and all revenues, transforming thousands and thousands of scattered economic enterprises into a single... world capitalist economy»

«...the division of the world among the international trusts has begun... development is proceeding towards monopolies, hence, towards a single world monopoly, towards a single world trust. This is indisputable...» Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

LENIN (1916) – Natureza dos monopólios (1) – Estagnação e decadência.

Lenin faz algumas declarações extraordinárias.

“Capitalismo gera bens e inovação”.

“Monopólio visa controlo estático do mercado”.

“Restringe produção, limita-se a circular valores, congela inovação”.

“Todo o monopólio engendra estagnação e decadência”.

Isto é um bom prefácio para a teoria e a prática da economia socialista utópica, que Lenin estava em vias de fundar, na Rússia.

«Typical of the old capitalism, when free competition had undivided sway, was the export of goods. Typical of the latest stage of capitalism, when monopolies rule, is the export of capital...»

*«...all monopoly... inevitably engenders a tendency to stagnation and decay. Since monopoly prices are established, even temporarily, the motive cause of technical and, consequently, of all progress, disappears to a certain extent and, further, the **economic** possibility arises of deliberately retarding technical progress. For instance, in America, a certain Owens invented a machine which revolutionized the manufacture of bottles. The German bottle-manufacturing cartel purchased Owens' patent, but pigeonholed it, refrained from utilizing it... the tendency to stagnation and decay, which is characteristic of monopoly, continues to operate, and in certain branches of industry, in certain countries, for certain periods of time, it gains the upper hand» Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.*

LENIN (1916) – Natureza dos monopólios (2) – Destrói capitalismo.

“Capitalismo está moribundo” – transição de capitalismo para monopólio.

Livre competição e produção de bens, as características essenciais do capitalismo.

Monopólio é o oposto exacto de capitalismo.

Destrói pequena indústria, concentra produção e capital, reduz produção.

Concentra cartéis, sindicatos, trusts, bancos.

«...capitalism in transition... moribund capitalism... the main thing in this process is the displacement of capitalist free competition by capitalist monopoly. Free competition is the fundamental characteristic of capitalism, and of commodity production generally; monopoly is the exact opposite of free competition... forcing out small industry... carrying concentration of production and capital... cartels, syndicates and trusts, and... a dozen or so banks, which manipulate thousands of millions...» Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”

LENIN (1920) – Estados Unidos do Mundo, um superestado socialista e pós-democrático.

“US of the World, socialist unification of the world”.

“Total disappearance of the state, including the democratic”.

“Task is world proletarian revolution, creation of world Soviet republic”.

«A United States of the World... is the state form of the unification and freedom of nations which we associate with socialism—about the total disappearance of the state, including the democratic» – Vladimir Lenin, “On the Slogan for a United States of Europe”. *Sotsial-Demokrat* No. 44, August 23, 1915.

«The task is the world proletarian revolution, the creation of a world Soviet republic» – Vladimir Lenin, “Report On The International Situation And The Fundamental Tasks Of The Communist International”, Second Congress of the Communist International, July 19, 1920.

LENIN – Ditadura do proletariado.

A ditadura do proletariado, a máquina transicional de supressão.

Organização da vanguarda dos oprimidos para esmagar os opressores. «...*the dictatorship of the proletariat, i.e. the organization of the vanguard of the oppressed as the ruling class for the purpose of crushing the oppressors*».

Um aparato especial para supressão, um estado transicional. «*A special apparatus, a special machine for suppression, the “state”, is still necessary, but this is now a transitional state*»

“A very simple machine, almost no machine...”. «...*the people can suppress the exploiters even with a very simple “machine”, almost without a “machine”, without a special apparatus, by the simple organization of the armed people (such as the Soviets of Workers' and Soldiers' Deputies, we would remark, running ahead)*»

Uma organização centralizada de força e violência.

Para esmagar resistência dos exploradores e para organizar economia socialista.

«*The proletariat needs state power, a centralized organization of force, an organization of violence, both to crush the resistance of the exploiters and to lead the enormous mass of the population — the peasants, the petty bourgeoisie, and semi-proletarians — in the work of organizing a socialist economy*»

Uma forma especial de organização de violência contra burguesia. «...*the proletariat needs the state as a special form of organization of violence against the bourgeoisie*»

Visa obter supressão da “minoría exploradora” pela “maioría explorada”.

«*Furthermore, during the transition from capitalism to communism suppression is still necessary, but it is now the suppression of the exploiting minority by the exploited majority*».

Derrubar capitalistas, libertar humanidade de escravatura assalariada. Para derrubar «...*the oppressors, the exploiters, the capitalists. We must suppress them in order to free humanity from wage-slavery, their resistance must be crushed by force*».

Supressão vai ser um processo rápido.

Vladimir Lenin (1917). The State and Revolution.

LENIN – Desaparecimento do estado – Multidão em fúria.

“É possível que haja excessos por parte de indivíduos”.

As correcções serão lidadas pelo próprio público armado.

Sistema de Lenine – medievalismo. Ou seja, o sistema de Lenine é a multidão em fúria, como na Idade Média. I.e., devastar séculos de tradição legal de protecção do indivíduo.

As causas para quebras da lei são pobreza, necessidade, exploração.

Quando estes elementos são resolvidos, deixam de haver quebras da lei.

As pessoas vão simplesmente respeitar regras sociais de senso comum.

Lenin tenta lidar com o problema (comunismo sem coerção) no seu *State and Revolution*, mas tudo o que tem a dizer é isto: «*Lastly, only communism makes the state absolutely unnecessary, for there is nobody to be suppressed--“nobody” in the sense of a class, of a systematic struggle against a definite section of the population. We are not utopians, and do not in the least deny the possibility and inevitability of excesses on the part of individual persons, or the need to stop such excesses. In the first place, however, no special machine, no special apparatus of suppression, is needed for this: this will be done by the armed people themselves, as simply and as readily as any crowd of civilized people, even in modern society, interferes to put a stop to a scuffle or to prevent a woman from being assaulted. And, secondly, we know that the fundamental social cause of excesses, which consist in the violation of the rules of social intercourse, is the exploitation of the people, their want and their poverty. With the removal of this chief cause, excesses will inevitably begin to “wither away”. We do not know how quickly and in what succession, but we do know they will wither away. With their withering away the state will also wither away*»

O estado vai desaparecer apenas porque «...*owing to the simple fact that, freed from capitalist slavery, from the untold horrors, savagery, absurdities, and infamies of capitalist exploitation, people will gradually become accustomed to observing the elementary rules of social intercourse that have been known for centuries and repeated for thousands of years in all copy-book maxims. They will become accustomed to observing them without force, without coercion, without subordination, without the special apparatus for coercion called the state*» – Vladimir Lenin (1917). *The State and Revolution*.

Quais as regras da vida social que Lenin tem em mente? Quais são «elementary rules of social intercourse that have been known for centuries» que Lenin tem em mente? Os princípios da moralidade burguesa?

LENIN – Vanguarda e Ditadura.

Lenin – Vanguarda – Aristocracia socialista.

Lenin expressa o princípio da aristocracia socialista, uma elite intelectual.

Uma elite intelectual deveria dirigir a revolução proletária.

Os únicos capazes de compreender teoria; revolução marxista é baseada em teoria.

Lenin – Vanguarda – Conduz e lidera povo para amanhã cantantes.

Minoria com maior consciência de classe, melhor organizados, mais revolucionários.

Lenine diz-nos que a vanguarda é composta dos «*class conscious workers*», que são uma «*minority of all the workers*», «*the minority, representing the best organized and the most revolutionary workers, showing the way to the whole of the proletariat*».

Ainda, «*only this class conscious minority can guide the broad masses of the workers and lead them*»*

A ditadura do proletariado é a ditadura da vanguarda.

A vanguarda...

Líderes revolucionários do povo contra a burguesia.

Assume poder.

Conduz o povo para socialismo.

Dirige e organiza o novo sistema.

Ensina e guia as massas ignorantes.

«*the vanguard of the proletariat, capable of assuming power and leading the whole people to socialism, of directing and organizing the new system, of being the teacher, the guide, the leader of all the working and exploited people in organizing their social life without the bourgeoisie and against the bourgeoisie*»

«*...renounce their role as revolutionary leaders of the people against the bourgeoisie*»**

*Vladimir Lenin (1920). “The Role of the Communist Party”. Speech to the Second Congress of the Communist International.

** Vladimir Lenin (1917). The State and Revolution.

Lenin – Vanguarda – Intelligentsia burguesa dá consciência de classe a proletários.

Classe trabalhadora, per se, só consegue ter consciência sindical.

Consciência de classe dos trabalhadores tem de ser dada a partir de fora dos trabalhadores.

“...educated representatives of the propertied classes, by intellectuals”.

“...revolutionary socialist intelligentsia”, burguesa, como Marx e Engels.

«We have said that there could not have been Social-Democratic consciousness among the workers. It would have to be brought to them from without. The history of all countries shows that the working class, exclusively by its own effort, is able to develop only trade union consciousness, i.e., the conviction that it is necessary to combine in unions, fight the employers, and strive to compel the government to pass necessary labour legislation, etc.»

*«Class political consciousness can be brought to the workers **only from without**, that is, only from outside the economic struggle, from outside the sphere of relations between workers and employers. The sphere from which alone it is possible to obtain this knowledge is the sphere of relationships of **all** classes and strata to the state and the government, the sphere of the interrelations between **all** classes. For that reason, the reply to the question as to what must be done to bring political knowledge to the workers cannot be merely the answer with which, in the majority of cases, the practical workers, especially those inclined towards Economism, mostly content themselves, namely: "To go among the workers." To bring political knowledge to the **workers** the Social Democrats must **go among all classes of the population**; they must dispatch units of their army **in all directions**»*

«The theory of socialism, however, grew out of the philosophic, historical, and economic theories elaborated by educated representatives of the propertied classes, by intellectuals. By their social status the founders of modern scientific socialism, Marx and Engels, themselves belonged to the bourgeois intelligentsia. In the very same way, in Russia, the theoretical doctrine of Social-Democracy arose altogether independently of the spontaneous growth of the working-class movement; it arose as a natural and inevitable outcome of the development of thought among the revolutionary socialist intelligentsia. In the period under discussion, the middle nineties, this doctrine not only represented the completely formulated programme of the Emancipation of Labour group, but had already won over to its side the majority of the revolutionary youth in Russia»

Vladimir Lenin (1902). “What Is To Be Done?”

Lenin – Vanguarda – Povo tem de subordinar-se a vanguarda.

“Não somos utópicos, não sonhamos com fim de administração e subordinação”.

Subordinação tem de ser a vanguarda armada, ao “proletariado”.

A vanguarda assume-se como capatazes e contabilistas.

Ou seja, os comissários.

«We are not utopians, we do not “dream” of dispensing at once with all administration, with all subordination. These anarchist dreams, based upon incomprehension of the tasks of the proletarian dictatorship, are totally alien to Marxism, and, as a matter of fact, serve only to postpone the socialist revolution until people are different. No, we want the socialist revolution with people as they are now, with people who cannot dispense with subordination, control, and “foremen and accountants”.

The subordination, however, must be to the armed vanguard of all the exploited and working people, i.e., to the proletariat. A beginning can and must be made at once, overnight, to replace the specific “bossing” of state officials by the simple functions of “foremen and accountants”, functions which are already fully within the ability of the average town dweller and can well be performed for “workmen's wages”»

Vladimir Lenin (1917). The State and Revolution.

Lenine – Ditadura do proletariado significa mesmo ditadura.

“Vanguarda do proletariado” são os técnicos e os gestores dos processos de produção.

Transição durável para ditadura do proletariado.

Obediência inquestionada às ordens de representantes individuais do governo soviético durante trabalho.

Obediência inquestionada à vontade do líder Soviético, durante o trabalho. «...*durable transition to superior forms of labour discipline, to the conscious appreciation of the necessity for the dictatorship of the proletariat, to **unquestioning obedience to the orders of individual representatives of the Soviet government** during the work... We must learn to combine the ‘public meeting’ democracy of the working people— turbulent, surging, overflowing its banks like a spring nood with iron discipline while at work, with **unquestioning obedience to the will of a single person, the Soviet leader, while at work**» Vladimir Lenin “Speech On Economic Development”, Ninth Congress of the Russian Communist Party, March 31, 1920.*

LEROUX – Socialismo romântico.

Pierre Leroux, socialista romântico. Institui o termo “Socialismo”.

Liberdade vs Socialismo.

Pensamento individual → Pensamento colectivo, consensualidade

Liberdade individual → Liberdade colectiva

Liberdade de acção → Liberdade para agir no e com o colectivo

Responsabilidade individual → Responsabilidade colectiva

Direitos individuais → Direitos colectivos

Igualdade de oportunidades → Castas funcionais

Privacidade → Transparência sócio-comunitária

Propriedade → Comunidade (o que é teu é meu, e as pessoas especiais usufruem de mais que todas as outras)

Geração de riqueza → Redistribuição de riqueza

Independência e auto-suficiência → “Interdependência”, “associação”

Humanitarismo e caridade → Redistribuição de riqueza

Quinta familiar, vila, cidade → Comunidade, comuna, campo de trabalho

Governo limitado → Governo ilimitado... totalitário

Justiça moral → Justiça arbitrária, colectiva

Estado-nação soberano → União continental, e o feudo comunitário

LIEBKNECHT (1907) – LoN – Cartelização global de espaços coloniais pode trazer paz mundial.

Versão de 1907. «...a trustification of all actual and potential colonies among the colonial powers, so to speak [...] a disabling of the colonial rivalry among the states [could take place in the future], as it occurred to some extent for the private competition among capitalist entrepreneurs in the cartels and trusts» – Karl Liebknecht (1907), “Militarismus und Antimilitarismus”.

Versão de 1917. «It is certainly thinkable that a time may come when the division of the world has progressed to such an extent that a policy of placing all possible colonial possessions in trust for the colonial empires becomes feasible, thus eliminating colonial competition, as has been accomplished in regard to private capitalist competition to a certain extent by the combines and trusts. But that is a distant possibility which the economic and national rise of China alone may defer for an incalculable space of time» – Karl Liebknecht (New York, 1917), “Militarism”. B.W. Huebsch.

LIEBKNECHT – O salário socialista de Liebknecht.

Wilhelm Liebknecht, editor do Vorwärts.

Salário de 1800 dólares por ano, por comparação com \$300 para colaboradores.

Em 1892, o congresso socialista discute disparidade.

Liebknecht argumenta que igualdade no presente sistema é impossível.

Logo, congresso mantém-lhe o salário.

«Even the Social Democratic party of Germany, the sacred college of doctrinaire socialism, conceded this principle in the matter of Wilhelm Liebknecht's salary. Liebknecht was the editor of the official socialist newspaper—the Vorwärts—and his salary was eighteen hundred dollars a year, though the salary of the compositors on the same journal did not average three hundred dollars a year. In 1892 the socialist congress discussed this disparity, many of the severely orthodox demanding an equality of wages. Liebknecht, in answer, declared that equality under the present industrial and social order was impossible, and the congress decided in his favor and did not clip his salary»

The Collectivist Society (New York, 1902). Pamphlet No. 1: An Exposition of Socialism and Collectivism.

LIPPMAN – Colectivismo é reaccionário e primitivista.

Como Davidson, Lippman também eram um ex-socialista.

«And so I insist that collectivism, which replaces the free market by coercive centralized authority, is reactionary in the exact sense of the word. Collectivism not only renders impossible the progressive division of labor, but requires, wherever it is attempted, a regression to a more primitive mode of production. We can see this amply demonstrated in the totalitarian states». Walter Lippmann (1943), “An inquiry into the principles of the good society”. Little, Brown.

LUKÁCS – Ditadura do proletariado.

Ditadura do proletariado – Purgas culturais (Lukács).

A ditadura do proletariado é a luta do proletariado contra si mesmo (Lukács).

Auto-aniquilação, auto-transcendência, auto-crítica.

Programa de doutrinação e purgas culturais.

«...we must never overlook the distance that separates the consciousness of even the most revolutionary worker from the authentic class consciousness of the proletariat. But even this situation can be explained on the basis of the Marxist theory of class struggle and class consciousness. **The proletariat only perfects itself by annihilating and transcending itself, by creating the classless society through the successful conclusion of its own class struggle.** The struggle for this society, in which the dictatorship of the proletariat is merely a phase, is not just a battle waged against an external enemy, the bourgeoisie. It is equally the struggle of the proletariat **against itself**, against the devastating and degrading effects of the capitalist system upon its class consciousness. The proletariat will only have won the real victory when it has overcome these effects within itself. The separation of the areas that should be united, the diverse stages of consciousness which the proletariat has reached in the various spheres of activity are a precise index of what has been achieved and what remains to be done. The proletariat must not shy away from self-criticism, for victory can only be gained by the truth and self-criticism must, therefore, be its natural element» – Georg Lukács (March 1920). “Class Consciousness”. In History & Class Consciousness (1919-1923).

Ditadura do proletariado – O estado totalitário (Lukács).

Eliminar separação entre legislatura, administração, judiciário. «The workers' council spells the political and economic defeat of reification. In the period following the dictatorship it will eliminate the bourgeois separation of the legislature, administration and judiciary» – Georg Lukács (March 1920). “Class Consciousness”. In History & Class Consciousness (1919-1923).

Os pés de barro – Marxismo implica reificação do grupo, da totalidade. «The whole system of Marxism stands and falls with the principle that revolution is the product of a point of view in which the category of totality [pensamento de grupo, consenso] is dominant» – Georg Lukács (January 1923). “**The Marxism of Rosa Luxemburg**”. In History & Class Consciousness (1919-1923).

MAQUIAVEL e a religião do poder.

O bom governante está acima de qualquer consideração moral. Maquiavel vem afirmar que o bom governante tem de estar acima de toda e qualquer restrição moral.

Poder é o único objectivo. A expansão do poder do governante é o objectivo supremo, e tudo o que estiver no caminho do poder pode, e deve, ser sacrificado. O poder é para aqueles com a capacidade de o atingir, em competição livre. Para alcançar e manter o poder, tudo é legítimo.

Estado deve usar propaganda, fraude e enganar continuamente população. O estado deve usar de propaganda, fraude, e enganar continuamente a população, para manter o seu poder. Essas são as reais virtudes de uma classe dominante, para Maquiavel.

A aparência de virtude é essencial, perante público ignorante. Acima de tudo, é indispensável aparentar ser virtuoso, perante um público ignorante.

MARCUSE (1965) – CIA – “Tolerância repressiva”.

MARCUSE – CIA – Russian Institute, Columbia – Brandeis.

OSS/CIA – Guerra psicológica. Até 1952. Durante a guerra, trabalha como analista de intelligence para o OSS em guerra psicológica. Após a guerra, lidera a Central European Section da OSS. Colega de Otto Kirchheimer e Franz Neumann, entre outros.

Russian Institute – Brandeis – Universidade da Califórnia. Russian Institute da Columbia University (New York). Depois, Brandeis e Universidade da Califórnia.

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória.

Começa por ser um esforço de sequestrar o movimento dos direitos civis para os afro-americanos.

Tentando torná-lo violento, algo que não era, e lhe deu vantagem moral.

Mas o facto é que se tornou um dos textos sagrados dos nossos dias.

Um dos maiores trabalhos mentais que alguma vez foi feito.

O mote de todo o texto é, “podes pensar como queiras, desde que penses como nós”.

A expressão “tolerância discriminatória” surge no Post-Scriptum de 1968. «...the practice of discriminating tolerance»

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Usar violência para acabar com violência.

Vanguarda tem de usar violência e terror “para acabar com violência e terror”.

Portanto, se existe um “issue” qualquer, simplesmente usar violência.

Isto dá o mote ao terrorismo de extrema-esquerda nos EUA, nos anos 60 e 70.

«The discussion should not, from the beginning, be clouded by ideologies which serve the perpetuation of violence. Even in the advanced centers of civilization, violence actually prevails: it is practiced by the police, in the prisons and mental institutions, in the fight against racial minorities; it is carried, by the defenders of metropolitan freedom, into the backward countries. This violence indeed breeds violence... In terms of historical function, there is a difference between revolutionary and reactionary violence, between violence practiced by the oppressed and by the oppressors. In terms

of ethics, both forms of violence are inhuman and evil--but since when is history made in accordance with ethical standards? To start applying them at the point where the oppressed rebel against the oppressors, the have-nots against the haves is serving the cause of actual violence by weakening the protest against it»

Herbert Marcuse (1965), “Repressive Tolerance”.

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Intolerância é tolerância.

Censurar e bloquear liberdade de expressão e acção “para criar tolerância”.

“...certain things cannot be said, certain ideas cannot be expressed, certain policies cannot be proposed, certain behavior cannot be permitted”.

“...withdrawal of toleration of speech and assembly from groups and movements”.

Estabelecer ditadura, para obter liberdade.

“...extreme suspension of the right of free speech and free assembly is indeed justified only if the whole of society is in extreme danger”.

Pré-crime, crime de pensamento.

“...withdrawal of tolerance before the deed, at the stage of communication”.

Ou seja – podes pensar como queiras, desde que penses como nós.

Suprimir movimentos “regressivos” para fortalecer movimentos “progressivos”.

Uma vanguarda tem de se encarregar disto.

«However, this tolerance cannot be indiscriminate and equal with respect to the contents of expression, neither in word nor in deed; it cannot protect false words and wrong deeds... society cannot be indiscriminate where the pacification of existence, where freedom and happiness themselves are at stake: here, certain things cannot be said, certain ideas cannot be expressed, certain policies cannot be proposed, certain behavior cannot be permitted without making tolerance an instrument for the continuation of servitude»

«Consequently, it is also possible to identify policies, opinions, movements which would promote this chance, and those which would do the opposite. Suppression of the regressive ones is a prerequisite for the strengthening of the progressive ones»

«...the ways should not be blocked on which a subversive majority could develop, and if they are blocked by organized repression and indoctrination, their reopening may require apparently undemocratic means. They would include the withdrawal of toleration of speech and assembly from groups and movements which promote aggressive policies, armament, chauvinism, discrimination on the grounds of race and

religion, or which oppose the extension of public services, social security, medical care, etc»

«Liberating tolerance, then, would mean intolerance against movements from the Right and toleration of movements from the Left. As to the scope of this tolerance and intolerance: ... it would extend to the stage of action as well as of discussion and propaganda, of deed as well as of word. The traditional criterion of clear and present danger seems no longer adequate to a stage where the whole society is in the situation of the theater audience when somebody cries: 'fire'... true pacification requires the withdrawal of tolerance before the deed, at the stage of communication in word, print, and picture. Such extreme suspension of the right of free speech and free assembly is indeed justified only if the whole of society is in extreme danger. I maintain that our society is in such an emergency situation...»

Herbert Marcuse (1965), “Repressive Tolerance”.

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Laissez-faire é repressivo.

Tolerância em democracia liberal é laissez-faire e funciona.

Minorias têm condições ótimas para discutir, falar, reunir-se, deliberar.

Todos os pontos de vista podem ser ouvidos, e existe imparcialidade.

Mas – alas – a mudança não surge.

E, para além do mais, tolerância dá espaço a “pontos de vista estúpidos” – como o de Marcuse.

Pessoas inferiores não deviam poder pronunciar-se sobre assuntos importantes.

«Tolerance is turned from an active into a passive state, from practice to non-practice: laissez-faire... It is the people who tolerate the government, which in turn tolerates opposition within the framework determined by the constituted authorities... those minorities which strive for a change of the whole itself will, under optimal conditions which rarely prevail, will be left free to deliberate and discuss, to speak and to assemble - and will be left harmless and helpless in the face of the overwhelming majority, which militates against qualitative social change... Within the affluent democracy, the affluent discussion prevails, and within the established framework, it is tolerant to a large extent. All points of view can be heard: the Communist and the Fascist, the Left and the Right, the white and the Negro, the crusaders for armament and for disarmament. Moreover, in endlessly dragging debates over the media, the stupid opinion is treated with the same respect as the intelligent one, the misinformed may talk as long as the informed, and propaganda rides along with education, truth with falsehood... Impartiality to the utmost, equal treatment of competing and conflicting issues...»

«Universal toleration becomes questionable when its rationale no longer prevails, when tolerance is administered to manipulated and indoctrinated individuals who parrot, as their own, the opinion of their masters, for whom heteronomy has become autonomy»

Herbert Marcuse (1965), “Repressive Tolerance”.

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Laissez-faire é repressivo (2).

Impede o indivíduo de ser tudo aquilo que pode ser.

O estado fascista-comunista-globalista tem de lhe indicar o caminho para ser livre.

*«But the subject of this autonomy is never the contingent, private individual as that which he actually is or happens to be; it is rather the individual as a human being who is capable of being free with the others. And the problem of making possible such a harmony between every individual liberty and the other is not that of finding a compromise between competitors, or between freedom and law, between general and individual interest, common and private welfare in an **established** society, but of **creating** the society in which man is no longer enslaved by institutions which vitiate self-determination from the beginning. In other words, freedom is still to be created even for the freest of the existing societies. And the direction in which it must be sought, and the institutional and cultural changes which may help to attain the goal are, at least in developed civilization, **comprehensible**, that is to say, they can be identified and projected, on the basis of experience, by human reason»*

Herbert Marcuse (1965), “Repressive Tolerance”.

Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Educar para deseducar.

Na educação, usar doutrinação “para libertar a mente”.

Isto inclui dar a visão “certa” da história aos alunos.

*«Where the mind has been made into a subject-object of politics and policies, intellectual autonomy, the realm of 'pure' thought has become a matter of **political education** (or rather: counter-education)... The pre-empting of the mind vitiates impartiality and objectivity: unless the student learns to think in the opposite direction, he will be inclined to place the facts into the predominant framework of values»*

«And this oppression is in the facts themselves which it establishes; thus they themselves carry a negative value as part and aspect of their facticity. To treat the great crusades against humanity (like that against the Albigensians) with the same impartiality as the desperate struggles for humanity means neutralizing their opposite historical function, reconciling the executioners with their victims, distorting the record. Such spurious neutrality serves to reproduce acceptance of the dominion of the victors in the

consciousness of man. Here, too, in the education of those who are not yet maturely integrated, in the mind of the young, the ground for liberating tolerance is still to be created»

Herbert Marcuse (1965), "Repressive Tolerance".

MARX & ENGELS – “Libertar” Judeus e Cristãos (2) – 'Questão Judaica'.

Engels – “Judeus Polacos, a mais pérfida das raças”.

“Judeus Polacos, a mais pérfida das raças, obcecada com lucro”. «...the Polish Jews» eram «...this meanest of all races...through its lust for profit»

Cerco de Varsóvia, Auschwitz, Treblinka. Duas gerações depois, esta “raça malvada” seria morta aos milhões em sítios como Auschwitz e Treblinka; mas teriam vários momentos heróicos contra a superioridade civilizacional germânica, como o Cerco do Guetto de Varsóvia.

Friedrich Engels, “*Posen*”. Neue Rheinische Zeitung, No. 285 (2nd edition), April 29, 1849.

Marx repudia origens Judaicas.

Raízes Judaicas repudiadas pelo pai. Em nome de um cargo na função pública Prussiana.

Marx demonstra a mais granítica indiferença pela sua tribo.

Marx – “A questão Judaica”.

À semelhança dos outros socialistas, Marx reedita o preconceito medieval anti-Judaico.

Os Judeus, para Marx, são o exemplo extremo de burguesia, classe média independente.

O Judeu comporta-se para com o estado de um modo Judaico. «*But the Jew, too, can behave towards the state only in a Jewish way – that is, by treating it as something alien to him, by counterposing his imaginary nationality to the real nationality, by counterposing his illusory law to the real law, by deeming himself justified in separating himself from mankind, by abstaining on principle from taking part in the historical movement, by putting his trust in a future which has nothing in common with the future of mankind in general, and by seeing himself as a member of the Jewish people, and the Jewish people as the chosen people*»

Trata-o como algo de estranho a si.

Separa-se a si próprio da humanidade.

Tem uma identidade forte, e recusa-se a tomar parte do movimento da história.

Coloca a sua esperança num futuro exclusivo a si, que não é comum ao do resto da humanidade.

Vê-se a si mesmo como tendo identidade aparte – judaica.

Portanto, para Marx, a base do Judaísmo é “egoísmo”. *«What, in itself, was the basis of the Jewish religion? Practical need, egoism... subjectivism... self-interest»*

A tenacidade do Judeu assenta em “egoísmo”. *«the tenacity of the Jew»*

Ou seja, em toda esta ideia de liberdade individual, a que Marx chama “egoísmo”.

Empreendimento privado, liberdade individual, “são conceitos Judaísticos”. O sistema de empreendimento privado, que caracterizou como uma economia “Judaizada”. Os princípios de dignidade individual e liberdade pessoal são «*Judaistic*»

Judeus são identificados como exploradores e usurários.

Marx reaviva os velhos preconceitos da Idade Média, de modo a animar a sua entediante propaganda.

O Judaísmo continua a existir devido à história, porque existem sempre espaços de liberdade individual onde ele se pode desenvolver. *«Judaism continues to exist not in spite of history, but owing to history... The Jew is perpetually created by civil society from its own entrails»*

Os próprios Cristãos tornaram-se Judeus. *«The Jews have emancipated themselves insofar as the Christians have become Jews... Christianity sprang from Judaism. It has merged again in Judaism»*

Pela sua própria natureza, o Judeu não pode ser emancipado. *«...by his very nature the Jew cannot be emancipated»*

Portanto, no Judaísmo, há um elemento antisocial, diz Marx. *«We recognize in Judaism, therefore, a general **anti-social** element of the **present time**, an element which through historical development – to which in this harmful respect the Jews have zealously contributed – has been brought to its present high level, at which it must necessarily begin to disintegrate»*

Teoria histórica de Marx é uma doutrina anti-judaica.

Ou seja, “o Judeu”, para Marx, representa o homem que não está disponível para acompanhar o mundo.

Este elemento antisocial tem de ser desintegrado...

...e a humanidade tem de se emancipar do seu Judaísmo, para ser livre.

A emancipação social do Judeu [desjudaização] é como sociedade se emancipa de Judaísmo. *«In the final analysis, the **emancipation of the Jews** is the emancipation of*

*mankind from **Judaism**... The **social** emancipation of the Jew is the **emancipation of society from Judaism**»*

Abolir religião, e isto não é feito pela força.

É feito de modo sofisticado: tornando a religião irrelevante.

*«How is an opposition resolved? By making it impossible. How is **religious** opposition made impossible? By **abolishing religion**. As soon as Jew and Christian recognize that their respective religions are no more than **different stages in the development of the human mind**, different snake skins cast off by **history**, and that man is the snake who sloughed them, the relation of Jew and Christian is no longer religious but is only a critical, **scientific**, and human relation. **Science**, then, constitutes their unity»*

Torne-se Deus irrelevante, e o homem é “emancipado”.

«“There is no longer any religion when there is no longer any privileged religion. Take from religion its exclusive power and it will no longer exist.” (p. 66)» (cit. Bauer).

Parafraseando, tire-se de Deus a autoridade suprema sobre os homens, e o homem emancipa-se de Deus e constrói a cidade do homem.

Ao mesmo tempo: envolvendo o Judeu na sociedade em seu redor.

Agora, Stalin também falou disto, várias décadas depois.

Uma das implicações disto seria, literalmente, “usar Israel para destruir Israel”.

Karl Marx (1844). “On The Jewish Question”.

MARX & ENGELS – “Libertar” Judeus e Cristãos (1).

Marx e Engels – Emancipar humanamente Judeus e Cristãos.

Judeus e Cristãos têm de ser humanamente emancipados. Em *The Holy Family*, Marx e Engels mostram a sua preocupação por «*Jews and Christians are far from being humanly emancipated*»...

“Judeus têm de ser emancipados para se tornarem seres humanos”.

...e reclamam por «*The emancipation of the Jews into human beings*»

Marx & Engels, *The Holy Family*.

Marx – Estado tem de libertar os seus cidadãos da religião.

Marx diz-nos que religião é perversidade, capricho privado, arbitrariedade. «*specific perversity, private whimsy, and arbitrariness*»

O estado que não conseguiu libertar cidadãos da religião não é completo. «*If we find that even in the country of complete political emancipation, religion not only exists, but displays a fresh and vigorous vitality, that is proof that the existence of religion is not in contradiction to the perfection of the state... Since, however, the existence of religion is the existence of defect, the source of this defect can only be sought in the nature of the state itself. We no longer regard religion as the **cause**, but only as the manifestation of secular narrowness. Therefore, we explain the religious limitations of the free citizen by their secular limitations... It is possible, therefore, for the **state** to have emancipated itself from religion even if the **overwhelming majority** is still religious. And the overwhelming majority does not cease to be religious through being religious in private... The division of the human being into a **public man** and a **private man**, the **displacement** of religion from the state into civil society, this is not a stage of political emancipation but its completion; this emancipation, therefore, neither abolished the **real** religiousness of man, nor strives to do so... We have, thus, shown that political emancipation from religion leaves religion in existence, although not a privileged religion... The emancipation of the state from religion is not the emancipation of the real man from religion*»

Ou seja, o estado é “livre”, mas o indivíduo não é “livre”. «*The limits of political emancipation are evident at once from the fact that the state can free itself from a restriction without man being really free from this restriction, that the state can be a **free state** [pun on word Freistaat, which also means republic] without man being a **free man***»

“O homem liberta-se através do estado”. «...*man frees himself through the **medium of the state**, that he frees himself **politically** from a limitation when, in contradiction with himself, he raises himself above this limitation in an **abstract, limited, and partial way***»

Logo, este estado tem de se “libertar” das suas restrições.

Karl Marx (1844). “On The Jewish Question”.

MARX e ENGELS – Consolidação – Economia global – Socialismo global.

Marx – De centralização burguesa a sociedade comunista.

Revolução proletária só pode acontecer após plena organização burguesa.

Com centralização, monopólio, mecanização da vida.

Neste ponto, vanguarda assume controlo sobre meios de produção.

E estabelece ditadura do proletariado.

Estado “desvanece-se” e surge a sociedade comunista.

Marx – “A evolução do capitalismo” [sob banca fraccional cartelizada].

Marx diz-nos que...

Competição livre dá origem à concentração de produção.

Esta, por sua vez, acaba por levar a monopólio.

Monopólio, por sua vez, leva à utopia socialista, onde todos vivem felizes para sempre.

Programação preditiva de baixa categoria, que olvida sistema central fraccional.

Descreve a evolução inevitável de um sistema não-capitalista, dominado por bancos centrais e banca fraccional.

Cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*”.

Marx – Industrialização forçada – Consolidação – Terrorismo.

Quebra da população rural, o mais conservador e estacionário elemento social.

O proletariado surge, concentrado em grandes cidades, em redor de forças produtivas.

O passo seguinte a este pleno desenvolvimento proletário é a revolução. «*The rural population, the most stationary and conservative element of modern society, disappears while the industrial proletariat, by the very working of modern production, finds itself gathered in mighty centres, around the great productive forces, whose history of creation has hitherto been the martyrology of the labourers. Who will prevent them from going a step further, and appropriating these forces, to which they have been appropriated before — Where will be the power of resisting them? Nowhere! Then, it will be of no use to appeal to the ‘rights of property.’ The modern changes in the art of*

production have, according to the Bourgeois Economists themselves, broken down the antiquated system of society and its modes of appropriation. They have expropriated the Scotch clansman, the Irish cottier and tenant, the English yeoman, the hand-loom weaver, numberless handicrafts, whole generations of factory children and women; they will expropriate, in due time, the landlord and the cotton lord»

Karl Marx (1853). “Forced Emigration”. New York Daily Tribune, March 22, 1853.

Karl Marx (1853). “Forced Emigration”. People’s Paper, April 16, 1853.

ENGELS – Consolidação – Burguesia necessária para construir nova era.

Burguesia está a destruir últimos vestígios de Idade Média, patriarcalismo.

Está, desta forma, a construir a nova era.

Depois, ela própria será derrubada.

«...the bourgeoisie are making stupendous progress... They expect a decisive victory, and their hopes will not be disappointed»

«We are no friends of the bourgeoisie. That is common knowledge. But this time we do not grudge the bourgeoisie their triumph... We have no objection if everywhere they force through their purposes. Nay more... they are everywhere preparing the way for us... they will at most win a few years of troubled enjoyment, only to be then immediately overthrown...they are working only in our interest...»

«...fight bravely on, most gracious masters of capital! We need you for the present; here and there we even need you as rulers. You have to clear the vestiges of the Middle Ages and of absolute monarchy out of our path; you have to annihilate patriarchalism; you have to carry out centralisation; you have to convert the more or less propertyless classes into genuine proletarians, into recruits for us; by your factories and your commercial relationships you must create for us the basis of the material means which the proletariat needs for the attainment of freedom. In recompense whereof you shall be allowed to rule for a short time»

Friedrich Engels. “The Movements of 1847”. *Deutsche-Brüsseler-Zeitung*, January 23, 1848.

Civilização burguesa alcançou coisas que sociedade gentia não era capaz.

Mas é baseada nos mais baixos instintos: egoísmo, ganância.

Beneficia ciência e arte, mas isso não interessa.

Baseada na exploração de uma classe por outra.

«With this as its basic constitution, civilization achieved things of which gentile society was not even remotely capable. But it achieved them by setting in motion the lowest instincts and passions in man and developing them at the expense of all his other abilities. From its first day to this, sheer greed was the driving spirit of civilization; wealth and again wealth and once more wealth, wealth, not of society, but of the single scurvy individual—here was its one and final aim. If at the same time the progressive development of science and a repeated flowering of supreme art dropped into its lap, it was only because without them modern wealth could not have completely realized its achievements... civilization is founded on the exploitation of one class by another class, its whole development proceeds in a constant contradiction. Every step forward in production is at the same time a step backwards in the position of the oppressed class, that is, of the great majority. Whatever benefits some necessarily injures the others; every fresh emancipation of one class is necessarily a new oppression for another class. The most striking proof of this is provided by the introduction of machinery, the effects of which are now known to the whole world. And if among the barbarians, as we saw, the distinction between rights and duties could hardly be drawn, civilization makes the difference and antagonism between them clear even to the dullest intelligence by giving one class practically all the rights and the other class practically all the duties»

Friedrich Engels (1884). The Origin of the Family, Private Property and the State.

Marx e Engels – Proletariado será larga maioria da população.

Burguesia cada vez mais rica, monopolista, e restrita.

Proletariado cada vez mais pobre, numeroso, desesperado.

Na altura da revolução o proletariado seria a larga maioria da população. Na sua doutrina da revolução do proletariado, Marx e Engels tomaram por garantido que o proletariado, na altura da revolução, formaria a larga maioria do povo, e estaria unido por uma consciência de classe forte o suficiente para atribuir o poder indisputado a um único partido socialista.

I.e., população estaria colectivizada em cidades.

Teria consciência de classe suficiente para formar frente unida.

Proletariado revolta-se, assumindo controlo sobre produção. Eventualmente, o proletariado revoltar-se-ia e derrubaria a ordem social burguesa, tomando controlo sobre os instrumentos de produção e, portanto, sobre toda a sociedade.

Marx – Comunismo pressupõe globalização.

Comunismo pressupõe desenvolvimento mundializado de produção e comércio.

Proletariado pressupõe mercado mundial através de competição.

Logo, real comunismo e real proletariado têm de ser fenómenos do mundo global.

«Empirically, communism is only possible as the act of the dominant peoples “all at once” and simultaneously, which presupposes the universal development of productive forces and the world intercourse bound up with communism. Moreover, the mass of propertyless workers – the utterly precarious position of labour – power on a mass scale cut off from capital or from even a limited satisfaction and, therefore, no longer merely temporarily deprived of work itself as a secure source of life – presupposes the world market through competition. The proletariat can thus only exist world-historically, just as communism, its activity, can only have a “world-historical” existence. World-historical existence of individuals means existence of individuals which is directly linked up with world history»

Karl Marx (1845). The German Ideology.

MARX e ENGELS – Dados biográficos – Saint-Simon – Pseudociência.

MARX e ENGELS – Dados biográficos.

Marx e Engels eram Prussianos.

Karl Marx – von Westphalen – Londres. Revolucionário alemão casado na velha aristocracia prussiana, através de Jenny von Westphalen, baronesa. É exilado em Londres, onde vive no Soho, em Grafton Terrace, Kentish Town e em Maitland Park Road.

Engels – Indústria têxtil – Londres. Filho de um fabricante de algodão rico. Industrialista (capitalista industrial), na indústria têxtil de Manchester. Tornou-se um parceiro na firma em 1864. Viveu em Regent's Park Rode, Primrose Hill, Londres.

I Internacional. A primeira International Association of Workers, baseada parcialmente no manifesto comunista, foi estabelecida em St. James Hall, Londres, a 28 de Setembro de 1864, a partir dos esforços de Marx.

Marx – Saint-Simon e von Westphalen.

Von Westphalen, aristocrata, oficial prussiano, seguidor de Saint-Simon. Ludwig von Westphalen era um aristocrata prussiano, e era o Privy Councillor para o Governo Provincial Prussiano. Era descendente de uma das famílias mais aristocráticas da Europa.

Marx casa-se com filha de Von Westphalen. Marx casou-se com a filha de Ludwig von Westphalen, o patriarca de uma família aristocrática alemã.

Marx é exposto a doutrina de Saint-Simon. O pai de Marx e Ludwig von Westphalen eram amigos próximos. Ensinou o socialismo de Saint-Simon a Marx, enquanto este ainda estava na sua juventude. Um velho confidente de Marx escreveu que: «*The old von Westphalen, Marx told me, was a fervent supporter of the doctrine of Saint-Simon and one of the first to speak to the future author of Capital about it*» (Related by Karl Marx 1873), *Reminiscences of Marx and Engels*, article written by M. Kovalevsky, official Soviet Publication, printed in Moscow, p. 298.

Marx – Frenologista [Pseudociência].

Aquilo que Marx considera científico incluía as superstições mais primárias.

Frenologia é um exemplo disso. Por exemplo, Marx era um crente em frenologia. Insistia em sujeitar todos os discípulos à sua clique socialista a um exame frenológico dos relevos e formas dos seus crânios, por forma a determinar se deveriam ser aceites ou não. Karl Marx via o estudo das protuberâncias e depressões craniais como um método científico positivo, pelo qual julgar se uma pessoa estava apta para liderança no movimento socialista.

Marx herda esta superstição dos socialistas utópicos Saint Simon e Fourier.

Harold Laski. Como foi dito por Harold J. Laski, Marxista e socialista Fabiano:

«A chosen band of helpers, all fellow-exiles, used to accompany him and aid in the researches he conducted; though it should perhaps be added that they were not admitted as assistants until they had shown their agreement with Marx and passed certain craniological tests. Phrenology was not typical merely of the Utopian period of Socialism» -- Harold J. Laski. Karl Marx: An Essay.

Wilhelm Liebknecht. Wilhelm Liebknecht, um membro da clique política de Marx, escreveu que:

«Père Marx”, whom I saw for the first time, subjected me to a severe examination, looked me steadily in the eyes, and noted my head very carefully – an operation to which my friend Gustave Struve had accustomed me, because he obstinately refused to believe in my “moral earnestness”, and so took special delight in making me a victim of his phrenological studies. However, the examination passed off satisfactorily...» – Wilhelm Liebknecht. “A Bad Quarter of an Hour”. *Social-Democrat*, February 1897.

«“Pere Marx”, whom I saw for the first time, began at once to subject me to a rigid examination, look straight into my eyes, and inspected my head rather minutely--an operation to which I was accustomed through my friend Gustav Struve, who, obstinately doubting my 'moral hold' had made me the specially favored victim of his phrenological studies. However, I safely passed the examination... Marx endeavored to make sure of his men and to secure them for himself... I have already mentioned it--he not only examined me with questions, but also with his fingers, making them dance over my skull in a connoisseur's style. Later on he arranged for a regular investigation by the phrenologist of the party, the good old painter, Karl Pfaender, one of the 'oldest', who helped to found the Communist Alliance, and was present in that memorable council to whom the Communist Manifesto was submitted, and by whom it was discussed and accepted in due form... Well, my skull was officially inspected by Karl Pfaender and nothing was found that would have prevented my admission into the Holiest of Holies of the Communist Alliance».

MARX e ENGELS – Estágios – Dialéctica histórica, selecção – Comunismo global.

Marx e Engels – Evolução bio-social – Dialéctica histórica – Selecção darwiniana.

Humanidade evolui biologicamente e socialmente. Humanidade está a evoluir biologicamente, mas também socialmente. “Melhora” através da cadeia evolucionária, e o mesmo acontece à sociedade.

Portanto, surge o conceito central Marxista de “desenvolvimento da sociedade”.

Dialéctica histórica – conflito e progresso. Progresso surge de conflito, através da dialéctica.

Materialismo dialéctico e o jogo de contradições, a guerra universal. Hegel é um idealista, Marx um materialista. Mas ambos entendem por dialéctica: evolução por contradição, contradição essa que tanto Marx como Hegel acreditam ser inerente à realidade social. Incutir à evolução um carácter contraditório é um elemento essencial do materialismo histórico e dialéctico fundado por Marx. Tal como Hegel, Marx interpreta os conflitos na luta da vida, o antagonismo entre grupos, interesses opostos, a incongruência entre forças produtivas e meios de produção, como contradições lógicas.

Luta de classes → Nova fase → Novas contradições → Nova luta de classes. Marx via a origem do conflito e, portanto, do progresso, em classes. Era necessário guerra de classes, para avançar humanidade. Uma classe luta com outra, ganha força e derruba a ordem existente, estabelecendo uma nova fase na história. Esta própria fase desenvolve as suas próprias contradições internas e começa o processo dialéctico na direcção da próxima fase.

Luta de classes, de comunismo tribal até comunismo global. Estes processos marcam o avanço da humanidade, das formas mais primais de comunismo tribal, até ao comunismo na sua forma final e amadurecida.

Darwinismo social – Selecção, eliminação – Evolução social. Ou seja, darwinismo social; evolução social oblige eliminação de formas atrasadas de vida.

Marx e Engels – Quatro fases, da tribo comunista a civilização capitalista.

Cada forma se refere a um modo de produção.

Cada forma histórica tem a sua própria dialéctica de classes.

Comunismo primitivo, ou sociedade tribal (pré-histórico). [primitive communism or tribal society (a prehistoric stage)]. *Forças económicas e políticas unificadas,*

harmoniosas. Sociedades de caçadores-colectores estavam estruturadas de tal forma que as forças económicas e políticas estavam unificadas. Os elementos de força e relação operavam em conjunto, harmoniosamente.

Sociedade antiga. [ancient society] Baseada numa classe governante de proprietários de escravos e numa classe de escravos.

Feudalismo. “*Servos não estavam completamente alienados*”. Na sociedade feudal, as forças políticas de reis e nobreza tinham relações com as forças económicas das aldeias através de servitude. Os servos, apesar de não serem livres, estavam ligados a ambas as forças e, portanto, não estavam completamente alienados. Classe governante de proprietários de terras e classe explorada de servos.

Capitalismo. *Liberta o capital e, portanto, traz “alienação”*. O capitalismo, Marx diz, separa completamente as forças económicas e políticas, deixando-as ter relações através de governo limitado. O estado é um sinal desta separação; existe para gerir os enormes conflitos de interesse que surgem entre classes nas sociedades baseadas em relações de propriedade. Classe governante de proprietários de meios de produção e classe explorada de assalariados.

Marx – “the Asiatic, ancient, feudal and bourgeois modes of production”.

«In broad outline, the Asiatic, ancient, feudal and modern bourgeois modes of production may be designated as epochs marking progress in the economic development of society». – Karl Marx (1859), A Contribution to the Critique of Political Economy.

Marx e Engels – Colectivismo tribal – individualismo – colectivismo global.

Comunismo tribal → S. Antiga → Feudalismo → Capitalismo → Comunismo global.

“Stagism”, evolução por estágios.

U-turn, a serpente histórica. Pode ser representado por gráfico sinusoidal (?) – uma serpente, na prática.

→ Tribalismo leva a feudalismo, que leva a capitalismo. A sociedade tribal tem de dar origem à sociedade feudal, e a sociedade feudal à capitalista/burguesa.

→ Libertação progressiva do indivíduo. Ao longo das fases. A forma capitalista traz individualismo extremo, e desenvolve meios que resolvem “antagonismo” – centralização, controlo de massas.

→ Capitalismo consolidado, condição para socialismo. A sociedade burguesa, por sua vez, dá origem a um elevado nível de urbanização, industrialização, e a concentração de capital. Por sua vez, estas são condições para criar o estado socialista. Portanto, havia que criar capitalismo antes de assegurar a transição para socialismo.

→ Individualismo extremo segue-se de comunismo global – neo-tribalismo. Esse comunismo global desenvolve-se de volta a formas tribais.

→ A espiral é completa.

MARX e ENGELS – Selecção de povos e classes – Terror revolucionário.

Marx e Engels – Dialéctica histórica – classes e povos.

Dialéctica histórica – conflito e progresso.

Guerra de classes. Marx via a origem do conflito e, portanto, do progresso, em classes. Era necessário guerra de classes, para avançar humanidade. Apareceria uma classe mestra, em vez de uma raça mestra.

Anglo-germânicos ou húngaros **versus** eslavos ou judeus. Marx e Engels colocavam esperanças evolutivas nos povos ocidentais. Germânicos, anglo-saxónicos, húngaros. Tinham desprezo profundo pelos Eslavos ou pelos Judeus, que eram “atrasados”, apegados a formas tradicionais de pensar.

Marx – Darwinismo social – Selecção de classes e raças.

Darwinismo social – Selecção, eliminação – Evolução social. Ou seja, darwinismo social; evolução social oblige eliminação de formas atrasadas de vida.

Classes e raças atrasadas têm de sair de cena. «*The classes and the races, too weak to master the new conditions of life, must give way*»

Karl Marx (1853). “*Forced Emigration*”. New York Daily Tribune, March 22, 1853.

Karl Marx (1853). “*Forced Emigration*”. People’s Paper, April 16, 1853.

Muitas destas opiniões surgiam no “Neue Rheinische Zeitung”.

O editor-chefe era Marx.

Engels surgia para escrever artigos.

Engels, entre Impérios europeus e URSS.

Práticas de estandardização e monocultura guiada.

Comuns em Impérios Europeus, como o Britânico ou o Germânico.

E é claro, seriam prática comum de todos os regimes comunistas.

Por exemplo, os “bárbaros eslavos” seriam estandardizados sob a bota comunista.

Engels – América e México.

“É do interesse do México ser colocado sob tutela americana”.

“País é forçosamente envolvido no processo histórico”.

“Evolução da América vai beneficiar pelo domínio dos EUA sobre Pacífico”.

*«In America we have witnessed the conquest of Mexico and have rejoiced at it... It is to the interest of its own development that Mexico will in future be placed under the tutelage of the United States»**. O México iria, deste modo, ser *«forcibly drawn into the historical process»**

*«The evolution of the whole of America will profit by the fact that the United States, by the possession of California, obtains command of the Pacific»**

California tirada dos “lazy Mexicans, who could not do anything with it”.

Yankees vão desenvolver economia e dar nova direcção a comércio mundial.

É óptimo que *«splendid California has been taken away from the lazy Mexicans, who could not do anything with it... the energetic Yankees by rapid exploitation of the California gold mines will increase the means of circulation, in a few years will concentrate a dense population and extensive trade at the most suitable places on the coast of the Pacific Ocean, create large cities, open up communications by steamship, construct a railway from New York to San Francisco, for the first time really open the Pacific Ocean to civilization, and for the third time in history give the world trade a new direction?»***

* Friedrich Engels. “The Movements of 1847”. *Deutsche-Brüsseler-Zeitung*, January 23, 1848.

** Friedrich Engels. “*Democratic Pan-Slavism*”. *Neue Rheinische Zeitung* (222-223), February 15 & 16, 1849.

Engels, sobre povos “atrasados e reaccionários”.

Todos os países na Europa contêm “fragmentos residuais de povos”.

O remanescente de populações que foram suprimidas.

Toda a sua existência é um protesto contra a grande revolução histórica.

«There is no country in Europe which does not have in some corner or other one or several ruined fragments of peoples, the remnant of a former population that was suppressed and held in bondage by the nation which later became the main vehicle of

*historical development... These relics of a nation mercilessly trampled under foot in the course of history, as Hegel says, these **residual fragments of peoples** always become fanatical standard-bearers of counter-revolution and remain so until their complete extirpation or loss of their national character, just as their whole existence in general is itself a protest against a great historical revolution»**

Povos que se recusam a “evoluir”, a ser “assimilados”.

Ou seja, que mantêm velhos costumes, crenças, línguas, estruturas sociais.

Escoceses, Galeses, Bretões, Bascos, Crioulos. Os «Spanish and French Creoles» na América do Norte.**

* Friedrich Engels. “The Magyar Struggle”. *Neue Rheinische Zeitung*, 194, January 13, 1849.

** Friedrich Engels (1851). “Revolution and Counter-Revolution in Germany”.

Engels insurge-se contra povos eslavos da Áustria-Hungria.

Mas Engels dá uma atenção especial aos Southern Slavs da Áustria-Hungria. Do que era o Império Austro-Húngaro: Europa de Leste, dos Balcãs até à Polónia.

Os “bárbaros eslavos”. «Slav barbarians»*

Cecos, jugoslavos, búlgaros, romenos, etc. Czechs, Croats, Slovaks, Ruthenians, Serbs, Rumanians, Slovenes, Saxons, Bulgarians, Moravians, Illyrians, Bohemians, Illyrians, Dalmatians, Shokazians, Bosnians, Morlaks.

Povos eslavos estão em fases diferenciadas de civilização.

São genericamente pacíficos e inofensivos.

Para horror de Engels, não têm uma língua comum.

...e negligenciam literatura e cultura. Os povos eslavos «*are at the most diverse stages of civilisation, ranging from the fairly highly developed (thanks to the Germans) modern industry and culture of Bohemia down to the almost nomadic barbarism of the Croats and Bulgarians*». Estes povos eram caracterizados por um «*total neglect of all literature and the lack of culture of the majority of these peoples*» e, para horror de Engels, não têm uma língua comum: «*the Slav language of these ten or twelve nations consists of an equal number of dialects, mostly incomprehensible to one another, which can be reduced to different main stems (Czech, Illyrian, Serbian, Bulgarian)*»*

*Friedrich Engels. “The Magyar Struggle”. *Neue Rheinische Zeitung*, 194, January 13, 1849.

Engels – Na Áustria-Hungria, só Alemães, Polacos e Magiares contam.

Só Alemães, Polacos e Magiares têm vitalidade e são revolucionários. «*Among all the large and small nations of Austria, only three standard-bearers of progress took an active part in history, and still retain their vitality — the **Germans**, the **Poles** and the **Magyars**. Hence they are now revolutionary*»

Friedrich Engels. “The Magyar Struggle”. *Neue Rheinische Zeitung*, 194, January 13, 1849.

Engels – Usar ódio étnico, terror, assimilação, de Germânicos contra Eslavos, para revolução mundial.

Engels sentia-se animado quando pregava ódio e violência étnica, em nome da revolução.

Teimosos Checos e Eslovenos deveriam agradecer a Alemães, por se terem dado ao trabalho de os civilizar. Os «*stubborn Czechs and Slovenes*» deveriam estar agradecidos aos Alemães, por «*having given themselves the trouble of civilizing [them]*»*

“Nacionalidades moribundas” deveriam aceitar superioridade civilizacional germânica.

Deveriam aceitar ser absorvidas e assimiladas. «*...these dying nationalities, the Bohemians, Carinthians, Dalmatians*» deviam aceitar «*...the physical and intellectual power of the German nation to subdue, absorb, and assimilate its ancient eastern neighbors... this tendency of absorption on the part of the Germans had always been, and still was one of the mightiest means by which the civilization of Western Europe had been spread in the east of that continent... the natural and inevitable fate of these dying nations was to allow this process of dissolution and absorption by their stronger neighbors to complete itself*»**

“Prepara-te para ser assimilado; resistência é fútil”.

Há que usar a paixão revolucionária essencial dos Alemães: ódio a Russos, a Checos e a Croatas. «*...hatred of Russians was and still is the primary revolutionary passion among Germans... since the revolution hatred of Czechs and Croats has been added...*»*

Portanto, Germânicos podem ser usados numa frente revolucionária unida contra eslavos, como forma de avançar revolução.

Usar terror, aniquilação, contra povos eslavos. «*...and that only by the most determined use of terror against these Slav peoples can we, jointly with the Poles and Magyars, safeguard the revolution... Then there will be a struggle, an “inexorable life-and-death struggle”, against those Slavs who betray the revolution; an annihilating fight and*

*ruthless terror — not in the interests of Germany, but in the interests of the revolution!»**

*Friedrich Engels. “Democratic Pan-Slavism”. *Neue Rheinische Zeitung* (222-223), February 15 & 16, 1849.

**Friedrich Engels (1852). “Revolution and Counter-Revolution in Germany”.

Engels – Guerra mundial vai eliminar povos e classes reaccionários.

“A tempestade revolucionária mundial”.

Desaparecimento de classes, dinastias e povos inteiros.

Isso é um passo em frente.

Uma afirmação interessante, sobre próxima guerra mundial.

«All the other large and small nationalities and peoples are destined to perish before long in the revolutionary world storm... [A] general war will... wipe out all these petty hidebound nations, down to their very names. The next world war will result in the disappearance from the face of the earth not only of reactionary classes and dynasties, but also of entire reactionary peoples. And that, too, is a step forward»

Friedrich Engels. “The Magyar Struggle”. *Neue Rheinische Zeitung*, 194, January 13, 1849.

Marx – Terror Revolucionário.

Encurtamento, simplificação, concentração, da morte da velha sociedade.

«...there is only one way in which the bloody birth throes of the new society can be shortened, simplified and concentrated, and that way is revolutionary terror»

Karl Marx, *The Victory of the Counter-Revolution in Vienna*, *Neue Rheinische Zeitung* No. 136, November 6, 1848.

Marx – Industrialização forçada – Terrorismo sobre população rural.

Quebra da população rural, o mais conservador e estacionário elemento social.

O proletariado surge, concentrado em grandes cidades, em redor de forças produtivas.

O passo seguinte a este pleno desenvolvimento proletário é a revolução. *«The rural population, the most stationary and conservative element of modern society, disappears*

while the industrial proletariat, by the very working of modern production, finds itself gathered in mighty centres, around the great productive forces, whose history of creation has hitherto been the martyrology of the labourers. Who will prevent them from going a step further, and appropriating these forces, to which they have been appropriated before — Where will be the power of resisting them? Nowhere! Then, it will be of no use to appeal to the 'rights of property.' The modern changes in the art of production have, according to the Bourgeois Economists themselves, broken down the antiquated system of society and its modes of appropriation. They have expropriated the Scotch clansman, the Irish cottier and tenant, the English yeoman, the hand-loom weaver, numberless handicrafts, whole generations of factory children and women; they will expropriate, in due time, the landlord and the cotton lord»

Karl Marx (1853). *"Forced Emigration"*. New York Daily Tribune, March 22, 1853.

Karl Marx (1853). *"Forced Emigration"*. People's Paper, April 16, 1853.

MARX e ENGELS – Socialismo global – Desaparecimento do Estado [Bentham].

Marx – A dialéctica Hegel vs Marx, aplicada ao Estado.

Hegel adula o estado como um deus.

Marx amaldiçoa-o como um demónio.

Método dialéctico permite contradição. O método dialéctico permite que Hegel adule o estado como um deus, e que Marx o amaldiçoe como um demónio. Permite que o primeiro afirme que a “realização progressiva da razão”, por meio de guerra, necessariamente levará à dominação mundial da nação Germânica, ao passo que o outro prevê, como resultado inevitável da evolução histórica, o estabelecimento revolucionário de uma sociedade livre, comunismo mundial.

A “verdade”, uma vez mais, está no meio. Portanto, entre os dois, está a verdade, na fusão destes dois resultados. Esse é o jogo dialéctico aqui.

Engels – Anti-Dühring, o desaparecimento do estado. Em *Anti-Duhring*, Engels descreve o modo de desaparecimento do estado.

Socialização proletária põe fim a antagonismos de classe. O proletariado assume controlo sobre estado. Socializa meios de produção, coloca fim a dominação/subjugação entre classes. Com isto, coloca um fim a diferenças e antagonismos de classe.

“The state is not abolished, it dies out”. O acto anterior é o primeiro acto no qual o estado surge como iniciativa colectiva – socialização de meios de produção – é também o seu último acto como estado. Ou seja, com o fim da subjugação, deixa de haver necessidade de estado.

Administração de coisas e de processos de produção. “...the government of persons is replaced by the administration of things, and by the conduct [direction] of processes of production”.

«The proletariat seizes political power and turns the means of production in the first instance into state property. But, in doing this, it abolishes itself as proletariat, abolishes all class distinctions and class antagonisms, abolishes also the state as state. Society thus far, based upon class antagonisms, had need of the state, that is, of an organisation of the particular class, which was pro tempore the exploiting class, for the maintenance of its external conditions of production, and, therefore, especially, for the purpose of forcibly keeping the exploited classes in the condition of oppression corresponding with the given mode of production (slavery, serfdom, wage-labour)... When at last it becomes the real representative of the whole of society, it renders itself

unnecessary. As soon as there is no longer any social class to be held in subjection; as soon as class rule, and the individual struggle for existence based upon our present anarchy in production, with the collisions and excesses arising from these, are removed, nothing more remains to be repressed, and a special repressive force, a state, is no longer necessary. The first act by virtue of which the state really constitutes itself the representative of the whole of society — the taking possession of the means of production in the name of society — this is, at the same time, its last independent act as a state. State interference in social relations becomes, in one domain after another, superfluous, and then dies out of itself; the government of persons is replaced by the administration of things, and by the conduct of processes of production. The state is not "abolished". It dies out. This gives the measure of the value of the phrase "a free people's state", both as to its justifiable use at times by agitators, and as to its ultimate scientific insufficiency; and also of the demands of the so-called anarchists for the abolition of the state out of hand» – Friedrich Engels (Leipzig, 1878). Anti-Dühring.

Marx e Engels (1848) – O desaparecimento do estado.

Vasta associação global substitui o estado. Quando as distinções de classe tivessem desaparecido, e toda a produção tivesse sido concentrada nas mãos de uma vasta associação, o poder público perderia carácter político, ou seja, o estado desapareceria.

«When, in the course of development, class distinctions have disappeared and all production has been concentrated in the hands of a vast association of the whole nation, the public power will lose its political character. Political power, properly so called, is merely the organized power of one class for oppressing another. If the proletariat during its contest with the bourgeoisie is compelled, by the force of circumstances, to organize itself as a class, if, by means of a revolution, it makes itself the ruling class, and, as such, sweeps away by force the old conditions of production then it will, along with these conditions, have swept away the conditions for the existence of class antagonisms, and of classes generally, and will thereby have abolished its own supremacy as a class.... In place of the old bourgeois society with its classes and class antagonisms we shall have an association in which the free development of each is the condition for the free development of all».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Marx e Engels – A sociedade socialista utópica (1).

Comunismo mundial é sociedade livre, sem estado. Sociedade socialista do futuro não tem estado.

Governo político substituído por administração económica (Engels). Economia socialista terá funcionamento ótimo sem estado.

«...future conversion of political rule over men into an administration of things and a direction of processes of production — that is to say, the “abolition of the state”, about which recently there has been so much noise» – Friedrich Engels (Leipzig, 1878). Anti-Dühring.

Inexistência de força – felicidade máxima para todos. Logo, ordem seria mantida sem emprego de força. Sistema garantiria felicidade máxima para todos.

Portanto, esta ordem social seria do interesse de todos e, logo, não seria violada. Dado que a sociedade socialista do futuro não terá estado, a ordem será mantida sem o emprego de força. Isto será possível dado que a ordem social será naturalmente do interesse de todos, de tal modo que ninguém violará essa ordem. O sistema garantirá felicidade máxima para todos.

→ Os milagres essenciais da religião marxista.

Detentores de poder estatal abdicam voluntariamente de poder.

Seres humanos são responsáveis o suficiente para manter o suposto paraíso terreno.

Marx e Engels – A sociedade socialista utópica (2).

Economia comunista sem coerção, como? Marx e Engels nunca discutiram sistematicamente o problema de como é possível manter uma sociedade organizada sob um sistema económico altamente centralizado, sem uma ordem coerciva que puna aqueles que violem o sistema social.

Como substituir “anarquia capitalista” por anarquia comunista sem coerção? A última fase do comunismo é transferida para um futuro tão distante que mal parece valer a pena examinar seriamente a questão de se uma sociedade sem estado é realmente possível, e especialmente se a substituição da anarquia económica do sistema capitalista por uma economia planeada é compatível com a anarquia da última fase do comunismo.

Como se mantém um sistema económico altamente complexo a funcionar, sem coerção? Ao mesmo tempo, como é que se mantém um complexo aparato económico, centralizado, para produção e distribuição, sem que haja subordinação, hierarquias, grupos que imponham métodos, sistemas e tudo o resto?

A solução talvez esteja em algo como o Panopticon, de Bentham.

MARX e ENGELS – Transição – Ditadura do proletariado.

Do estado burguês à anarquia comunista. De acordo com a doutrina de Karl Marx e Friedrich Engels.

O estado é uma máquina coerciva para manter exploração burguesa. O estado é uma máquina/maquinaria/entidade violenta e coerciva necessária apenas para a manutenção da exploração capitalista.

Visa manter dominação de uma classe sobre outra. Visa apenas manter a dominação de um grupo sobre outro.

Classe de capitalistas, que possui os meios de produção.

Classes dos proletários explorados, que não possuem bens, chamados capital.

Estado e sistema capitalista desaparecem com estabelecimento de socialismo.

Consequentemente, o estado burguês desaparece com estabelecimento de socialismo.

Propriedade privada é abolida.

Meios de produção são socializados.

Tradições morais e familiares burguesas são abolidas.

Utopia sem classes não pode acontecer imediatamente após revolução. Mas esta suposta condição ideal não pode ser estabelecida imediatamente após a revolução socialista ter abolido o capitalismo.

Fase intermediária, ditadura do proletariado. Logo, entre o estado capitalista e a sociedade sem classes comunista, haverá uma fase intermediária, a ditadura do proletariado, que é o resultado imediato da revolução proletária.

Estado com governo, uma maquinaria coerciva.

Para nacionalizar meios de produção.

Para liquidar classe de “exploradores” e abolir diferenças e antagonismos de classe.

Para manter e defender socialismo contra ataques, internos e externos.

Estado proletário seria temporário e transicional – depois, anarquia comunista. Ditadura do proletariado seria fase transicional de curta duração. Revolução destrói estado burguês, instala estado proletário, que depois se autodestrói.

MARX – A tática do inimigo universal – Burguesia [Hitler].

Marx e a tática do inimigo universal.

Marx foi pioneiro na tática de inventar um inimigo universal. Um esquema de propaganda onde todos os males que afligem a humanidade são atribuídos a um bode expiatório, ao passo que uma outra classe exemplifica tudo aquilo que é bom e nobre e progressista.

Marx sobre “classe de emancipação” versus “classe criminosa”.

Emancipação de uma classe exige que todos os defeitos da sociedade sejam concentrados noutra classe...

...que se torna a incorporação das limitações gerais...

...uma esfera social particular é reconhecida como o crime notório de toda a sociedade...

...e libertação dessa esfera surge como libertação geral...

...para que uma classe seja a classe libertadora, outra classe tem de ser a classe óbvia da opressão.

*«For the revolution of a nation, and the emancipation of a particular class of civil society to coincide, for one estate to be acknowledged as the estate of the whole society, all the defects of society must conversely be concentrated in another class, a particular estate must be the estate of the general stumbling-block, the incorporation of the general limitation... a particular social sphere must be recognized as the notorious crime of the whole of society, so that liberation from that sphere **appears** as general self-liberation. For one class to be par excellence the class of liberation, another class must conversely be the obvious class of oppression»*

Ou seja, após montar burguesia/judeus como representativos de tudo o que é mau...

...depois procede para construir proletariado como repositório de tudo o que é bom.

Esta passagem demonstra que Marx reconhecia que a sua teoria era uma invenção despegada, e que estava a ser desonesto com os seus seguidores.

Karl Marx, “*A Contribution to the Critique of Hegel’s Philosophy of Right*”, Deutsch-Französische Jahrbücher, 7 & 10 February 1844.

Nazismo herda tática marxista do inimigo universal. Com os nazis, temos:

Hitler limita-se a usar herança acumulada de propaganda Marxista.

Hitler toma conta de sindicatos e grupos marxistas com bastante facilidade.

Hitler também mistura continuamente “bourgeoisie” com “o Judeu”. O conceito marxista de que os capitalistas são Judeus, combinados com Cristãos que adotaram princípios Judaicos está apenas a um passo da demagogia Hitleriana de que os Judeus e os seus agentes eram responsáveis por todas as dificuldades da nação alemã.

Marx tinha divinizado os trabalhadores alemães, Hitler chama-os Raça Mestra, o cúmulo de toda a virtude humana.

O povo alemão, das Deutsches Volk, como herói, classe de emancipação.

Hitler simplesmente inventa que Marxismo era uma invenção judaica...

...e diz que Nazismo é a nova, melhor forma de construir o paraíso na Terra.

Mein Kampf: Líder nacional concentra inimizade popular num único inimigo...

...grupos de adversários são concentrados numa única categoria.

*«As a whole, and at all times, **the efficiency of the truly national leader consists primarily in preventing the division of the attention of a people, and always in concentrating it on a single enemy.** The more uniformly the fighting will of a people is put into action, the greater will be the magnetic force of the movement and the more powerful the impetus of the blow. It is part of the genius of a great leader to make adversaries of different fields appear as always belonging to one category only, because to weak and unstable characters the knowledge that there are various enemies will lead only too easily to incipient doubts as to their own cause. As soon as the wavering masses find themselves confronting too many enemies, objectivity at once steps in, and the question is raised whether actually all the others are wrong and their own nation or their own movement alone is right. Also with this comes the first paralysis of their own strength. Therefore, **a number of essentially different internal enemies must always be regarded as one in such a way that in the opinion of the mass of one's own adherents the war is being waged against one enemy alone.** This strengthens the belief in one's own cause and increases one's bitterness against the attacker»*

Adolph Hitler (1941). “*Mein Kampf*”. New York: Reynal & Hitchcock.

Hitler insurge-se contra “burguesia depravada”. O «*petty bourgeoisism*» tem de ser ignorado. Vivemos num «*this depraved bourgeois world*», onde reinam «*the limited conception of our present bourgeois opinion*».

Adolf Hitler (1925/1941), “*Mein Kampf*”. New York: Reynal & Hitchcock.

MARX – Alienação do proletariado – Anti-classe média, burguesia.

Marx insurge-se contra tentativas “burguesas” de melhorar vida proletária.

Proletários têm de ficar de costas viradas contra burguesia.

“Socialismo burguês, melhorismo, tem de ser denunciado”.

«A part of the bourgeoisie is desirous of redressing social grievances, in order to secure the continued existence of bourgeois society. To this section belong economists, philanthropists, humanitarians, improvers of the condition of the working class, organizers of charity, members of societies for the prevention of cruelty to animals, temperance fanatics, hole and corner reformers of every imaginable kind. This form of Socialism has, moreover, been worked out into complete systems.

The socialistic bourgeois want all the advantages of modern social conditions without the struggles and dangers necessarily resulting therefrom. They desire the existing state of society minus its revolutionary and disintegrating elements. They wish for a bourgeoisie without a proletariat. The bourgeoisie naturally conceives the world in which it is supreme to be the best; and bourgeois socialism develops this comfortable conception into various more or less complete systems. In requiring the proletariat to carry out such a system, and thereby to march straightway into the social New Jerusalem, it but requires in reality, that the proletariat should remain within the bounds of existing society, but should cast away all its hateful ideas concerning the bourgeoisie».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Marx – O “burguês” tem de ser tornado impossível.

«The bourgeois...the middle class owner of property. This person must, indeed, be swept out of the way, and made impossible».

«You must, therefore, confess that by "individual" you mean no other person than the bourgeois, than the middle class owner of property. This person must, indeed, be swept out of the way, and made impossible».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Marx – As classes reaccionárias – Classe média baixa.

Pequenos e médios empreendedores são reaccionários.

O futuro é consolidação e massificação.

«The lower middle class, the small manufacturer, the shopkeeper, the artisan, the peasant, all these fight against the bourgeoisie to save from extinction their existence as fractions of the middle class. They are therefore not revolutionary, but conservative. Nay, more, they are reactionary, for they try to roll back the wheel of history. If by chance they are revolutionary, they are so only in view of their impending transfer into the proletariat; they thus defend not their present, but their future interests, they desert their own standpoint to place themselves at that of the proletariat».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

MARX – Alienação do proletariado – Guerra de classes.

Marx procura alienar classes baixas de classes médias.

O que Marx consegue é virar classes baixas contra classe média.

No movimento geral de esmagamento de ideias liberais.

O modo como o faz, é pelo uso de preconceitos de classe.

O espírito disto é um de mesquinhez paroquial contra o “novo-rico”.

Que aproveita velhos preconceitos de classe ainda mais antigos.

Ou seja, proletariado não é suposto progredir para exigir generalização de riqueza.

Pelo contrário, é induzido a lutar pelo estado massificado neo-feudal.

Marx – Guerra de classes, uma receita fútil, infantil e genocida.

Uma receita incrivelmente simples e infantil.

“Capitalistas, burgueses, reaccionários, exploradores, egoístas”.

“Proletários, trabalhadores, explorados”.

Capitalistas conspiram contra trabalhadores em “Sistema Capitalista”. De algum modo, os capitalistas burgueses agem como uma unidade, o “Sistema Capitalista”, conspirando contra os melhores interesses dos proletários. Tudo o que havia a fazer era dizer aos trabalhadores que estavam a ser roubados e escravizados por este perverso “sistema capitalista”, conspirado pela “burguesia”.

Trabalhadores precisavam de unir e liquidar burgueses. Precisavam apenas de se «unite», já que tinham «*nothing to lose but their chains*». O sistema capitalista seria derrubado, com a liquidação dos «*capitalists*» em geral e da «*bourgeoisie*» em particular, e uma nova era apareceria, sob «*the dictatorship of the proletariat*».

Bem contra o mal, proletários contra burgueses. Os proletários eram bons e correctos por natureza; não havia ódios, invejas, ressentimentos, ganância, egoísmo, entre os trabalhadores. Pelo contrário, toda a virtude residia neles; e todo o mal residia nos “burgueses”.

Esta é a doutrina da guerra de classes.

Uma fórmula simples, infantil, que garante...

...alienação proletária da classes média...

...dividir para reinar entre a população...

...genocídio contra qualquer grupo declarado “reaccionário”.

Marx – Guerra de classes – Burguesia versus proletariado.

Burgueses possuem e controlam os meios de produção, troca e distribuição. Portanto, aqueles que possuem e controlam os meios de produção, troca e distribuição são membros da classe capitalista [que obtém, acumula e investe capital], burgueses. Na prática, Marx estava a falar essencialmente da classe média, ascendente na época.

Proletários são os assalariados. Aqueles que não possuem esses meios, mas ao invés trabalham para os proprietários e controladores dos instrumentos económicos são membros da classe proletária.

Capitalistas e proletários são meros reflectores dos seus estatutos económicos. Os capitalistas, sendo meros reflectores dos seus interesses económicos, são a classe exploradora, isto é, a classe inimiga. Os trabalhadores, sendo meros reflectores de exploração, são a classe revolucionária, isto é, a classe anti-capitalista que um dia retirará o poder dos capitalistas e instituirá uma sociedade socialista cooperativa.

Portanto, burgueses capitalistas são epítome de tudo o que há de mau...

...e proletários cooperativos são epítome de tudo o que há de bom.

Marx – Exigências do Manifesto Comunista asseguram que proletariado não progride.

Com as suas propostas, Marx propõe-se a impedir que o proletariado se torne mesmo burguesia.

Abolição da propriedade privada e do direito de herança. «*Abolition of property in land and application of all rents of land to public purposes... Abolition of all right of inheritance*».

Elevados impostos sobre o rendimento. «*A heavy progressive or graduated income tax*».

Organizar o proletariado em exércitos industriais, as brigadas de trabalho forçado dos estados comunistas e fascistas. «*Equal liability of all to labor. Establishment of industrial armies, especially for agriculture*».

Redistribuir as pessoas por pequenas comunidades, comunas. «*Combination of agriculture with manufacturing industries; gradual abolition of the distinction between town and country, by a more equable distribution of population over the country*».

Confiscação da propriedade de rebeldes e emigrantes. «*Confiscation of the property of all emigrants and rebels*».

O próprio Marx era um emigrante e um rebelde. Supõe-se que isto era uma piada, tão comum nesta literatura, uma vez que o próprio Marx era um emigrante e um rebelde.

Centralização de produção, transporte e comunicações nas mãos do estado proletário. «*Centralization of the means of communication and transport in the hands of the State... Extension of factories and instruments of production owned by the State; the bringing into cultivation of waste lands, and the improvement of the soil generally in accordance with a common plan*».

Centralização de crédito com um banco central estatal. «*Centralization of credit in the hands of the state, by means of a national bank with State capital and an exclusive monopoly*».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

MARX – Economia política – Alienação e centralização de capital.

Economia política britânica serve de base para Marx. Especialmente com David Ricardo, o economista político inglês, que procura explicar a distribuição de rendimento nacional entre proprietários de terras, capitalistas e trabalhadores. Torna-se uma das bases da economia política de Marx.

Visão aristocrática de que poupanças de classe média são ilegítimas.

Todo o capital tem de estar em circulação, a uso.

Banco central e aristocracia financeira. Daí a necessidade de ter uma aristocracia económica e um banco central; que gerem a circulação de todos os capitais disponíveis, para progresso evolutivo marxiano.

MARX – Emancipação (1) – Direitos humanos, estado total, Rousseau.

Marx demonstra como se sequestra e desfigura um conceito válido – emancipação.

Marx deplora a ideia de direitos humanos e quer o estado total.

Portanto, Marx sente-se desolado quando ouve falar de direitos humanos.

Marx deplora ideias como liberdade, igualdade, segurança, propriedade privada.

Estes são os direitos do homem como egoísta, separado da comunidade. «*Above all, we note the fact that the so-called rights of man, the **droits de l’homme** as distinct from the **droits du citoyen**, are nothing but the rights of a **member of civil society** – i.e., the rights of egoistic man, of man separated from other men and from the community*»

“Liberdade” é o direito de estar isolado em si mesmo, separado. «*It is a question of the liberty of man as an isolated monad, withdrawn into himself... But, the right of man to liberty is based not on the association of man with man, but on the separation of man from man. It is the **right** of this separation, the right of the **restricted** individual, withdrawn into himself*»

A aplicação prática disto é o direito a “Propriedade Privada”. «*The practical application of man’s right to liberty is man’s right to **private property***»

“Igualdade” é igualdade na separação, e “segurança” é o seguro do egoísmo.

«*There remain the other rights of man: **égalité** and **sûreté**... Equality, used here in its non-political sense, is nothing but the equality of the **liberté** described above – namely: each man is to the same extent regarded as such a self sufficient monad... The concept of security does not raise civil society above its egoism. On the contrary, security is the **insurance** of egoism*»

Direitos humanos alimentam egoísmo, capricho, separação, burguesia.

A única ligação que fica é interesse e preservação mútua, a guerra de todos contra todos. «*None of the so-called rights of man, therefore, go beyond egoistic man, beyond man as a member of civil society – that is, an individual withdrawn into himself, into the confines of his private interests and private caprice, and separated from the community. In the rights of man, he is far from being conceived as a species-being; on the contrary, species-like itself, society, appears as a framework external to the individuals, as a restriction of their original independence. The sole bond holding them together is natural necessity, need and private interest, the preservation of their property and their egoistic selves*»

Agora, isto é inaceitável! O “egoísmo” tem de ser punido como um crime. *«It is puzzling enough that a people which is just beginning to liberate itself, to tear down all the barriers between its various sections, and to establish a political community, that such a people solemnly proclaims (**Declaration** of 1791) the rights of egoistic man separated from his fellow men and from the community, and that indeed it repeats this proclamation at a moment when only the most heroic devotion can save the nation, and is therefore imperatively called for, at a moment when the sacrifice of all the interest of civil society must be the order of the day, and egoism must be punished as a crime. (**Declaration of the Rights of Man**, etc., of 1793) This fact becomes still more puzzling when we see that the political emancipators go so far as to reduce citizenship, and the **political community**, to a mere means for maintaining these so-called rights of man, that, therefore, the **citoyen** is declared to be the servant of egotistic **homme**, that the sphere in which man acts as a communal being is degraded to a level below the sphere in which he acts as a partial being, and that, finally, it is not man as **citoyen**, but man as private individual [**bourgeois**] who is considered to be the **essential** and **true** man».*

E sem dúvida, toda a gente tem o direito a manter uma distância segura de personagens como Marx.

Mas Marx não gosta nada disso.

Marx quer poder entrar em cada casa, comer uma parte do jantar, e dar um abraço de grupo.

Quer decidir o que as crianças da casa estudam e pensam, e pretende fazer um inventário de toda a propriedade para redistribuição, em nome da comunidade.

Quer satisfazer as suas necessidades sensuais com a esposa da casa, e decidir como é que a economia familiar é organizada.

Quer reconverter cada casa no quarteirão de volta à comuna medieval.

E quem discordar de Marx é rapidamente chamado de antisocial, burguês, egoísta.

Portanto, é claro que não podem haver estas ideias burguesas de direitos humanos.

Mas é um humanista, que acredita que os seres humanos podem ser mudados.

“O homem liberta-se do seu egoísmo através do estado”. *«...man frees himself through the **medium of the state**, that he frees himself **politically** from a limitation when, in contradiction with himself, he raises himself above this limitation in an **abstract, limited, and partial way**»*

Logo, este estado tem de se “libertar” das suas restrições.

Por exemplo, democracia, que é uma ideia Cristã e burguesa, porque encara cada homem como um ser que tem este género de direitos. *«Political democracy is Christian since in it man, not merely one man but everyman, ranks as **sovereign**, as the highest*

*being, but it is man in his uncivilized, unsocial form, man in his fortuitous existence, man just as he is, man as he has been corrupted by the whole organization of our society, who has lost himself, been alienated, and handed over to the rule of inhuman conditions and elements – in short, man who is not yet a **real** species-being. That which is a creation of fantasy, a dream, a postulate of Christianity, i.e., the sovereignty of man – but man as an alien being different from the real man – becomes, in democracy, tangible reality, present existence, and secular principle... In the perfect democracy, the religious and theological consciousness itself is in its own eyes the more religious and the more theological because it is apparently without political significance, without worldly aims, the concern of a disposition that shuns the world, the expression of intellectual narrow-mindedness, the product of arbitrariness and fantasy, and because it is a life that is really of the other world»*

O estado que mantém liberdade individual é incompleto.

Liberdade individual significa instrumentalismo e degradação.

Por oposição a vida comunal.

«The perfect political state is, by its nature, man's species-life, as opposed to his material life. All the preconditions of this egoistic life continue to exist in civil society outside the sphere of the state, but as qualities of civil society. Where the political state has attained its true development, man – not only in thought, in consciousness, but in reality, in life – leads a twofold life, a heavenly and an earthly life: life in the political community, in which he considers himself a communal being, and life in civil society, in which he acts as a private individual, regards other men as a means, degrades himself into a means, and becomes the plaything of alien powers»

A revolução tem de acabar com isto, acabando com o homem egoístico. *«Egoistic man is the passive result of the dissolved society, a result that is simply found in existence, an object of immediate certainty, therefore a **natural** object... The political revolution resolves civil life into its component parts, without revolutionizing these components themselves or subjecting them to criticism. It regards civil society, the world of needs, labor, private interests, civil law, as the basis of its existence, as a precondition not requiring further substantiation and therefore as its **natural** basis. Finally, man as a member of civil society is held to be man in his sensuous, individual, **immediate** existence, whereas **political** man is only abstract, artificial man, man as an allegorical, juridical person. The real man is recognized only in the shape of the egoistic individual, the true man is recognized only in the shape of the abstract citizen... All emancipation is a **reduction** of the human world and relationships to man **himself**»*

A humanidade tem de se transformar num colectivo pleno...

...e o individuo tem de se transformar num species-being, outra forma de dizer insecto. *«Only when the real, individual man re-absorbs in himself the abstract citizen, and as an individual human being has become a species-being in his everyday life, in his*

particular work, and in his particular situation, only when man has recognized and organized his “own powers” as social powers, and, consequently, no longer separates social power from himself in the shape of political power, only then will human emancipation have been accomplished»

Isto é a criatura da colmeia, que se expressa apenas naquilo que é comum entre todos.
Este «*real species-being*» é a criatura de colmeia, que se expressa apenas naquilo que é comum entre todos.

Outra forma de dizer, o mínimo denominador comum.

Para isso, o estado tem o dever de *transformar* cada indivíduo na forma desejada.

É claro que isto implica um trabalho mental, lavagem cerebral, à larga escala.

Para além do mais, o estado totalitário tem de criar interdependência...

...em que cada indivíduo se torna absolutamente dependente da comuna para todos os essenciais da vida, enredado numa grande teia sócio-económica.

Ou seja, a peça-na-máquina.

«Whoever dares undertake to establish a people’s institutions must feel himself capable of changing, as it were, human nature, of transforming each individual, who by himself is a complete and solitary whole, into a part of a larger whole, from which, in a sense, the individual receives his life and his being, of substituting a limited and mental existence for the physical and independent existence. He has to take from man his own powers, and give him in exchange alien powers which he cannot employ without the help of other men» [Marx coloca esta citação de Rousseau para ilustrar o seu ponto]

Karl Marx (1844). “On The Jewish Question”.

MARX – Emancipação (2) – Conversão social – Socialização.

Marx – Individualidade não existe.

Individualidade destrói indivíduo – necessário socialismo. Liberdade e individualidade só são possíveis através da sociedade orgânica, socialismo.

→ “Indivíduo necessita de ser social para ser individual”.

“A individualidade é o conjunto das relações sociais do indivíduo” [Feuerbach]. «...the essence of man is no abstraction inherent in each single individual. In its reality it is the ensemble of the social relations» Karl Marx, “Thesis on Feuerbach – 6”

Marx (1842) – “Emancipação” significa conversão e doutrinação.

Verdadeira educação pública é conversão e doutrinação.

O estado educa os seus membros fazendo-os membros.

Converte objectivos do indivíduo em objectivos gerais; etc etc.

«The true “public” education carried out by the state lies in the rational and public existence of the state; the state itself educates its members by making them its members, by converting the aims of the individual into general aims, crude instinct into moral inclination, natural independence into spiritual freedom, by the individual finding his good in the life of the whole, and the whole in the frame of mind of the individual» Karl Marx, “The Leading Article in No. 179 of the Kölnische Zeitung”, Rheinische Zeitung, No. 193, July 12, 1842, Supplement.

MARX – Emancipação (3) – Abolir ideais como liberdade e justiça.

Marx – Ideias como liberdade e justiça têm de ser *inconcebíveis*.

Elemento VITAL na história do comunismo.

Comunismo tem de abolir todas as verdades eternas, como Liberdade ou Justiça...

...em vez de as reconstituir numa nova forma.

Ou seja, a ideia é que num mundo verdadeiramente comunista não fosse sequer possível CONCEBER estas coisas.

A maior das propriedades é a mente, e até isso o estado comunista tem de regular.

Marx diz-nos que «*eternal truths such as Freedom, Justice, etc.*» são elementos da «*exploitation of one part of society by the other*» e que, portanto, «*The Communist revolution is the most radical rupture with traditional property relations; no wonder that its development involves the most radical rupture with traditional ideas*», o que inclui que «*Communism abolishes eternal truths, it abolishes all religion and all morality, instead of constituting them on a new basis*».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

George Orwell, no seu 1984, demonstrou muito bem como é que isto seria feito.

...através de estupidificação sistemática e da destruição dos conceitos e, eventualmente, da própria língua.

MARX – Emancipação (4) – Relativismo moral.

Marx e Engels – Relativismo moral.

“Não existem verdades para todos os tempos e lugares”.

Teses de Feuerbach, Manifesto, etc. Isto é dito nas Teses de Feuerbach, no Manifesto e por aí fora. Uma outra referência é «*For dialectical philosophy, nothing is final, absolute, sacred*», por Engels, em “Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy”.

MARX – Materialismo histórico – Manipulação humana – Ciência dialéctica.

Marx – Materialismo dialéctico – Jogo dialéctico com Hegel.

Marx era um pupilo de Hegel.

Marx: Dialéctica materialista, em oposição dialéctica a dialéctica idealista. «*My dialectic method is not only different from the Hegelian, but is its direct opposite. To Hegel, the life-process of the human brain, i.e. the process of thinking, which, under the name of 'the Idea,' he even transforms into an independent subject, is the demiurgos of the real world, and the real world is only the external, phenomenal form of 'the Idea.'* With me, on the contrary, the idea is nothing else than the material world reflected by the human mind, and translated into forms of thought...With him [Hegel] it [dialectics] is standing on its head. It must be turned right side up again, if you would discover the rational kernel within the mystical shell» Karl Marx

Duplo feedback entre teoria e praxis – Situacionalismo. Tal como Hegel, Marx considera que o valor é inerente na realidade. Mas, em contradição com Hegel e de forma menos consistente, não identifica pensamento com ser. De acordo com Marx, dialéctica como método de pensamento “reflecte” apenas o processo dialéctico na realidade. Ou seja, com Hegel temos que as ideias formatam o material, com Marx a relação oposta; e, em si, isto é um jogo dialéctico entre as duas filosofias. O que fica é a “validação” do método dialéctico em si, mas também a noção sintética de que teoria formata praxis, praxis formata teoria, em descoberta mútua e numa relação de duplo feedback. O Real e o Racional podem ser descobertos e experienciados por acção humana, e esse percurso é feito de acordo com Teoria. Qualquer situação histórica pode ser interpretada como representando a tese, ou a antítese, ou a síntese, de acordo com a avaliação política do intérprete situacional. Portanto, o método dialéctico é aplicável a qualquer tipo de doutrina mundana.

Teoria e prática, no sentido marxista – Descrever e alterar sistema – Action research. É aquilo a que os marxistas chamam teoria e prática: não basta observar e descrever um sistema, também é preciso alterá-lo, transformá-lo. É preciso praticar a mudança que se quer na teoria, e impor a teoria à realidade.

Marx – Materialismo histórico – Humanos são pedaços de carne maleável.

“Materialismo histórico”, “interpretação económica da história”. «*historical materialism*» ou «*economic interpretation of history*»

Marx degrada ser humano a meras condições materiais. Ao declarar toda a estrutura de pensamento da sociedade como tendo «*no history, no development*», Marx tentou

deprivar os melhores conceitos da civilização humana de toda a «*semblance of independence*». Degradou-os a meras condições materiais de existência e tornou a mente humana dependente de produção.

Seres humanos são meros pedaços de carne, infinitamente maleáveis.

Coloca casaco-de-forças no espírito humano, dessacraliza vida humana. Ou seja, com isto Marx tenta colocar um casaco-de-forças no espírito criativo inato à raça humana, e lança as bases para a dessacralização da vida humana, que serve de base à liquidação de elementos indesejáveis. Os seres humanos são meros pedaços de carne refletindo o seu ambiente produtivo. São infinitamente maleáveis, e podem ser liquidados, se forem inconvenientes.

Marx – Materialismo histórico, uma ideologia anti-ideológica.

Moralidade, religião, metafísica, ideologia, etc – produtos materiais e situacionais.

Moralidade, religião, metafísica, ideologia e formas correspondentes de consciência não têm existência independente. São relativas a condições materiais de produção e relação entre homens.

Natureza individual depende apenas de condições materiais. Vida não é determinada por consciência, mas sim consciência por vida. O que homens são, é como expressam a sua vida. Isso coincide com o que, e como, produzem.

«The phantoms formed in the human brain are also, necessarily, sublimates of their material life-process, which is empirically verifiable and bound to material premises. Morality, religion, metaphysics, all the rest of ideology and their corresponding forms of consciousness, thus no longer retain the semblance of independence. They have no history, no development; but men, developing their material production and their material intercourse, alter, along with this their real existence, their thinking and the products of their thinking. Life is not determined by consciousness, but consciousness by life. In the first method of approach the starting-point is consciousness taken as the living individual; in the second method, which conforms to real life, it is the real living individuals themselves, and consciousness is considered solely as their consciousness»

«As individuals express their life, so they are. What they are, therefore, coincides with their production, both with what they produce and with how they produce. The nature of individuals thus depends on the material conditions determining their production»

Karl Marx (1845), *The German Ideology*.

Marx e Engels (1848) – Consciência humana muda com condições materiais.

Consciência humana depende de existência material e relações sociais.

«Does it require deep intuition to comprehend that man's ideas, views, and conceptions, in one word, man's consciousness changes with every change in the conditions of his material existence, in his social relations and in his social life?...intellectual production changes in character in proportion as material production is changed... ».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Marx (1859) – Existência social determina consciência.

«It is not the consciousness of men that determines their existence, but their social existence that determines their consciousness»

Karl Marx (1859), A Contribution to the Critique of Political Economy.

Marx – A “co-criação do homem natural”, necessitado – Candyman.

“Sense-perception” [Feuerbach] tem de ser a base de toda a ciência.

História prepara e desenvolve homem para se tornar objecto de consciência sensual...

...e tornar requisitos de “homem como homem” em necessidades sentidas.

Ou seja, tornar homem necessitado para melhor o controlar.

A pessoa que não consiga abdicar dessas dependências, torna-se literal escrava.

O sistema socialista é o candyman, sendo preciso obedecer-lhe para lhes ter acesso.

História é uma parte da história natural, de natureza a desenvolver-se em homem.

Só haverá uma ciência, a ciência da natureza. Ciência natural vai incorporar ciência do homem... ciência do homem vai incorporar ciência natural. Só haverá uma ciência.

*«Sense-perception (see Feuerbach) must be the basis of all science. Only when it proceeds from sense-perception in the two-fold form of **sensuous** consciousness and **sensuous** need – is it **true** science. All history is the history of preparing and developing “man” to become the object of **sensuous** consciousness, and turning the requirements of “man as man” into his needs. History itself is a **real** part of **natural history** – of nature developing into man. Natural science will in time incorporate into itself the science of man, just as the science of man will incorporate into itself natural science: there will be **one** science» Karl Marx. Private Property and Communism. Economic & Philosophic Manuscripts of 1844.*

Marx – Materialismo dialéctico – “Oughtiness”, imaginação dialéctica e capricho.

“É” e “devia ser” – a praxis e a teoria formatam-se mutuamente. O “é” é identificado com o “devia ser”. “Eu quero” significa “eu vou ter”.

Imaginação dialéctica – hiper-narcisismo. Dialéctica marxista culmina em hiper-narcisismo, pseudo-intelectualmente justificado por um método de pensamento narcísico.

Eliminar lei da contradição torna capricho e emoção em critério de verdade. Uma lógica que elimina a lei da contradição corresponde perfeitamente às necessidade de uma ideologia cujo principal propósito não é o de explicar algo de um modo racional-objectivo, mas apenas e somente justificar ou rejeitar esse algo na base de julgamentos de valor subjectivos e emocionais.

Por debaixo da postura trabalhada, charlatanismo de feira. Mas isto é um padrão comum com este género de personagens: retire-se a linguagem trabalhada e a postura sofisticada, e tudo o que se encontra por debaixo é o mais puro charlatanismo de feira.

Materialismo marxista visa re-animalização do homem.

Negação brutal de razão e de intemporalidade.

“Progresso” marxiano visa bestialização – “retorno à natureza”. Humanidade está alienada da natureza, do contacto com a sensação pura e crua. Sociedade comunista tem de reestabelecer interface homem-matéria. Progresso da civilização era marcha de volta ao contacto original com natureza. Ou seja, o homem tem de animalizar-se.

MARX – Proletariado e lumpenproletariat.

O proletariado era virtuoso e tinha consciência de classe.

Ao passo que o lumpenproletariat era a escumalha social.

A “dangerous class”, “bribed tool of reactionary intrigue”. «The “dangerous class”, the social scum, that passively rotting class thrown off by the lowest layers of old society, may, here and there, be swept into the movement by a proletarian revolution; its conditions of life, however, prepare it far more for the part of a bribed tool of reactionary intrigue».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Lumpenproletariat, uma trupe apocalíptica de malandros, afinadores de órgãos e de facas, piratas de toda a ordem, vagabundos e jogadores.

O que os franceses chamam la bohème.

Estudantes, desempregados, marginais, pobres, vagabundos, etc. Estamos no domínio de estudantes desempregados, marginais de todas as classes, bandidos, ladrões, pobres, e todos aqueles nas margens da sociedade que não foram absorvidos pela disciplina do trabalho industrial emergente.

Camada da classe trabalhadora que dificilmente alcançará consciência de classe.

Sem utilidade para revolução ou até mesmo contrarrevolucionária. Perdida para produção socialmente útil e, portanto, sem utilidade para propósitos revolucionários ou até mesmo um impedimento para a realização de uma sociedade sem classes.

Pessoas que sentem a necessidade de viver à conta do resto da sociedade. O *lumpenproletariat* é definido por Marx como «*this scum, offal, refuse of all classes*», uma espécie de trupe apocalíptica composta por «*...decayed roués with dubious means of subsistence and of dubious origin, alongside ruined and adventurous offshoots of the bourgeoisie, were vagabonds, discharged soldiers, discharged jailbirds, escaped galley slaves, swindlers, mountebanks, lazzaroni, pickpockets, tricksters, gamblers, maquereaux [pimps], brothel keepers, porters, literati, organ grinders, ragpickers, knife grinders, tinkers, beggars — in short, the whole indefinite, disintegrated mass, thrown hither and thither, which the French call la bohème... all its members felt the need of benefiting themselves at the expense of the laboring nation... rascals*».

Karl Marx (1852). The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte.

MARX – Quebra de família, religião, autoridade parental, condições sociais.

Marx e a quebra de todas as condições sociais existentes.

Família, religião, tradições culturais, paradigmas sócio-econômicos, etc.

«The Communists... openly declare that their ends can be attained only by the forcible overthrow of all existing social conditions».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Marx e a destruição de legitimidade parental e divina [Feuerbach].

“We destroy the most hallowed relations, when we replace home education by social”.

«But, you will say, we destroy the most hallowed of relations, when we replace home education by social...the hallowed co-relation of parent and child»

[Este ponto é seguido de uma série de platitudes sobre crianças serem instrumentos de produção da classe média].

Marx clarifica este ponto nas Teses de Feuerbach. *«Once the earthly family is discovered to be the secret of the holy family, the former must then itself be annihilated in theory and in practice»* Karl Marx (1845), Theses on Feuerbach – Feuerbach Thesis IV.

→ ***Parafraseando, da linguagem hermética.*** “Once parental authority is discovered to be the secret of Godly authority, parental authority must be treated as irrelevant, both in the thoughts of the individual and in the practice of the community”

Marx, “religião é o ópio do povo”.

«Religion is the sigh of the oppressed creature, the sentiment of a heartless world, and the soul of soulless conditions. It is the opium of the people» Karl Marx MEGA 1/1/1

MARX – Tomada de poder gradual – Infiltração.

MARX – Parlamentarismo → Ditadura executiva → Anarquia – A “old mole”.

A revolução é metódica, funciona por fases.

Primeiro, obtém poder parlamentar, para depois o derrubar.

Depois, gera uma ditadura executiva, que se canibaliza e auto-destrói.

Quando isto estiver completo, Europa exultará – “Well burrowed old mole”.

[I.e., infiltração – Hegel também menciona a toupeira na sua Filosofia da História].

«...the revolution is thoroughgoing. It is still traveling through purgatory. It does its work methodically... It first completed the parliamentary power in order to be able to overthrow it. Now that it has achieved this, it completes the executive power, reduces it to its purest expression, isolates it, sets it up against itself as the sole target, in order to concentrate all its forces of destruction against it. And when it has accomplished this second half of its preliminary work, Europe will leap from its seat and exult: Well burrowed, old mole!» Karl Marx (1852). “The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte”.

MARX – Transição – Tomada de poder gradual e democrática.

“...raise proletariat to position of ruling class; to win the battle of democracy”.

“...wrest, by degrees, all capital from the bourgeoisie”.

“...centralize all instruments of production in the hands of the State”.

E estado só quer dizer, “the proletariat organized as the ruling class”.

Não quer dizer que seja o estado como a maior parte das pessoas o imagina.

“...despotic inroads on rights of property and on conditions of bourgeois production”.

Alterar completamente a face da sociedade, a “old social order”.

“These measures will, of course, be different in different countries”.

«We have seen above that the first step in the revolution by the working class is to raise the proletariat to the position of the ruling class; to win the battle of democracy... The proletariat will use its political supremacy to wrest, by degrees, all capital from the bourgeoisie; to centralize all instruments of production in the hands of the State, _i.e._,

of the proletariat organized as the ruling class; and to increase the total of productive forces as rapidly as possible... Of course, in the beginning this cannot be effected except by means of despotic inroads on the rights of property and on the conditions of bourgeois production; by means of measures, therefore, which appear economically insufficient and untenable, but which, in the course of the movement, outstrip themselves, necessitate further inroads upon the old social order and are unavoidable as a means of entirely revolutionizing the mode of production... These measures will, of course, be different in different countries».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

MAZZINI – Hegelianismo – Carbonarii.

Carbonarii. Giuseppe Mazzini. Em acção em Itália; actuava através de sociedades secretas, como Buonarroti.

→ Vários dos seus colaboradores foram depois para o lado de Bakunin.

Hegelianismo – nacionalismo e racialismo. Era um Deísta do estado, cultivava a ideia de superioridade racial. Nacionalista republicano.

→ Mote – “Pela Itália, faremos até um pacto com o Diabo”. «*Noi faremo l'Italia anche uniti col Diavolo*» (For Italy we would even unite with the Devil).

→ E tinha razão, fizeram – Fascismo. E tinha razão, fizeram, e as cláusulas contratuais expressaram-se em todo o seu vigor com o Fascismo. Aliás, este mote torna-se o ícone universal dos movimentos fascistas.

CUDDY – Mazzini e Pike, “derrubar governos e religiões”.

dennis cuddy - movs revolucionários nos 1800s, mazzini & pike (rejeição de autoridade monárquica e religiosa – pike e mazzini – point of light como referência para uma grande mudança a ocorrer – mazzini queria mandar abaixo governos e religiões, e pike queria mandar abaixo a ideia de Deus)

MCCLURE'S – “Masters Of America, The Seven Men”.

Recursos fundamentais, indústrias unificáveis, a cair sob controlo de monopólio.

Centralização empresarial.

Próxima agitação popular – socialismo de estado?

Em Agosto de 1911, esta magazine publicou “Masters of America: The Seven Men”, onde apontava que *«all fundamental resources, all industries capable of forming a unit, are being drawn together toward monopoly control... And if corporate centralization of power continues unchecked, what is the next great popular agitation to be in this country? For state socialism?»*

McLuhan (1996) – A rede pós-moderna – Castas, sensação, irracionalismo.

McLuhan (1996) – O homem na rede pós-moderna: artificial, desigual, orgânico.

Mundo dominado por comunicação, um corredor de espelhos.

Pessoa vê-se continuamente fora de si – auto-externalização, projecção self-outro.

O resultado, automatização, passivização artificial – rigor mortis torna-se de rigueur.

«What happens when you see yourself outside yourself? It is disconcerting, like a hall of mirrors. A character in Dickens is a representation of a social role, but a modern movie actress who tries to play a role will seem old-fashioned. To cope with this, actresses have cooled themselves way down, become numb blanks. Thus today's stars are totally tranquilized. The smart thing for a girl nowadays is to play numb. Dumb actresses used to be in demand, now numb actresses are in demand. Rigor mortis is de rigueur»

O homem pós-industrial é um nódulo em rede, um net-ID.

Como tal, deixa de ter individualidade – passa a ter papéis de rede, definidos pela rede.

A vida torna-se teatralizada e isso torna-se o novo normal.

O medium em si, a rede de comunicação, cria a audiência, os nódulos impessoalizados.

«Postindustrial man has a network identity, or a net-ID. The role is now a temporary shift of state produced by a combination of environmental factors, like in a neural network. This possibility has always been latent in the concept of role, but in the machine age this was perceived as a danger, while today it is simply a game - we no longer see shifting roles as dangerous and taboo and therefore theatrically compelling. Rather, we follow these shifts as if we were doing a puzzle or kibitzing a chess game. Yes, the medium is the message, but this does not mean and never meant that the content of the medium is a conscious reflection on itself. The medium is the message because it creates the audience most suited to it. Electronic media create an audience whose shifting moods are as impersonal as the weather»

Anonimidade é uma ilusão – todos os nódulos num sistema têm um ID.

Interesse em privacidade, anonimidade, está obsoleto.

«Q: Do you think privacy and anonymity are being eroded in the digital age?

A: Don't be fooled by "anonymity." There is no such thing, since every node in a communication system must have an ID. Concerns about privacy and anonymity are outdated»

Igualdade é um valor ultrapassado, pertence à era industrial.

A era pós-industrial volta à organicidade social da era medieval.

Funcionamento ubíquo em rede – a rede inclui e concilia indivíduos desiguais.

Ou seja, um novo mundo, despersonalizado e totalmente integrativo, inclusivo.

Quem gere a tecnologia que o comanda é reverado como a nova classe sacerdotal.

«Q: What would you do about the inequality of the technological haves and have-nots?

A: Equality is an industrial ideal, along with voting, time clocks, and the minimum wage. Machines promote equality; that is their downfall. The organic unity of pastoral times was replaced in the machine age with fragmented individuals, who could compete with each other. This unequal competition gave a foundation to the idea of equality. The industrial age transformed millions of rural farmers into mass workers and mass consumers. Only by transforming millions of rural farmers into a mass of workers and street riffraff could machines succeed in smearing the doctrine of equality around the world. The hubbub now about equality is actually a nostalgia for machines. Our environment has been transformed into a single omnipresent network that embraces and encompasses individuals of unequal status. Machines - extended to their limit and transformed into a single omnipresent network environment - will flip into sacred and ritual environments. Recognized as an extension of ourselves and properly managed by a priestly class, technology inspires rituals, performed out of something like love. This development restores machines to their original totemic purpose. Whereas Marx recognized machines as “the dead hand” of the past, the electronic network could flip this totem (an amputated body part, you’ll notice) into a shrine for ancestors. Machines are gods not simply because they are powerful, but because they are the living embodiment of our ancestors» [“Marshall McLuhan Interview” WIRED Magazine, 4.01, January 1996]

McLuhan (1996) – Era pós-moderna, era de ineficiência, sensação, ubiquidade.

[Era de aparência e sensação, por oposição a essência e racionalidade].

A chave para o sucesso na era pós-industrial/informática é a ineficiência.

Acabou a era de produção, comercialização linear e focada.

Agora, só existem tangentes, ser vago e ambíguo o suficiente para se ser ubíquo.

Estar em todo o lado ao mesmo tempo.

Ser icónico e irónico (ambíguo, indefinido), em vez de discursivo.

“Welcome to the future - it’s broken”.

«The key to business in the aural/tactile space of the 21st century will be inefficiency, where inefficiency means a multiplicity of inputs and outputs. Tangents are key. The best businesses in the electronic age will be everywhere at once; i.e., they will be an essential part of the landscape. Their message will be vague but ubiquitous. Not discursive, but iconic and ironic. Only when there can be too many meanings and too many uses for a product will it succeed. If it works, it's obsolete, I used to say. But I heard a new slogan recently that appears to be perfect for this new economy: "Welcome to the future - it's broken"»

Isto é uma coisa feliz – estar quebrado, ser disperso, perdulário é mais produtivo.

Isto explica a mania das fusões e sinergias – combinação para ineficiência, ubiquidade.

«This is not said in a tone of despair but in a bright, happy voice. Being broken is more productive. The difference between being productive and wasting time is disappearing, and we are returning to a preindustrial configuration. Businesses that imagine themselves to be efficiently pursuing their goals will wake up one day and find themselves utterly alone, profitless, and broke. This explains the current "merger mania." The idea of "synergy" is illusionary. What these huge companies are really after in combining is inefficiency»

É por isso que a Net é o ícone da era digital – visa perder tempo com trivialidades.

A eficiência linear está acabada [i.e., a racionalidade desaparece, entra a sensação].

«That's why the Net is the premier invention of the digital era. It is not about finding anything. It is about superfluous connections and wasting time. As you know, only the young, the primitive, and the eccentric waste time. That is why all the most useful inventions come from them. They are not bound to be productive, and can thus waste time pursuing the unpromising to find the truly new. The efficiency of the machine age cannot discover anything worthwhile now» [“Marshall McLuhan Interview” WIRED Magazine, 4.01, January 1996]

McLuhan (1996) – A mensagem cria a tribo que consome o produto.

Não é a publicidade [mensagem] que promove o produto.

Talvez seja mais ao contrário, mas nem isso é bem assim.

Na prática, o produto promove o consumidor.

Publicidade dá a grupo de consumidores que pretende a sua raison d'être, identidade.

É gerado um novo grupo social que, por sua vez, se torna apelativo e inclusivo.

O consumidor torna-se incluído e saciado quando se junta à nova comunidade.

Talvez não se possa eliminar o produto.

Mas pode ser dado de graça a quem compra a publicidade.

«It would appear that instead of the advertising promoting the product, the product promotes the advertising. But that is not exactly right. Actually, the product promotes the consumer. The advertising gives the group of consumers its identity and raison d'être, and with a little bit of priming the group then begins to interact and entertain itself. The existence of the community of consumers gives other individuals (who are alerted by the advertising) an inducement to participate. The anxiety of the outsider can be overcome by consuming the product, at which point he automatically becomes part of the community. I am quite certain the product could never be eliminated entirely, but, again, it could be given away for free to people who purchase the advertising»

[“Marshall McLuhan Interview” WIRED Magazine, 4.01, January 1996]

MEDIEVALISMO – Encyclopedia of Social Reform.

Encyclopedia of Social Reform foi manual de referência durante décadas. O manual mais influente da era, para obter reforma social: a Enciclopédia de Reforma Social. Era considerada um marco na educação dos socialistas americanos. Foi, durante anos, uma referência de base na maior parte dos liceus e universidades nos EUA e na Grã-Bretanha. Eventualmente, foi suprecedida por outro compêndio esquerdista, em 15 volumes, a *Encyclopedia of the Social Sciences*.

Bliss: Guildas e ultra-especialização das ocupações.

Guildas estenderam-se por toda a Europa Germânica até ao século XIX.

A ideia de permitir acordos de mercado era impossível porque nada era deixado ao livre arbítrio das partes contratantes.

Havia uma ultra-especialização das ocupações.

Ou seja, cada um só sabia o suficiente para praticar a sua pequena actividade e era uma autoridade suprema nessa actividade. Onde se sabe quase tudo sobre quase nada.

E não era suposto tentar saber mais, sobre outros assuntos. Portanto, um casaco-de-forças para a mente.

Daí, as ocupações eram chamadas Mistérios, o que dava um certo élan a esta especialização.

É claro que Renascença acabou com esta cultura obscurantista.

Mas, hoje em dia, vemos isso a voltar, com ultra-especialização, por um lado o culto do especialista, que é uma autoridade inquestionável.

«These guilds, of one kind or another, extended all over Germanic Europe and endured in most countries till the time of the Reformation and in a few instances to the nineteenth century... The Middle Ages were a period of customary, not of competitive prices, and the idea of permitting agreements to be decided by the "higgling of the market" was an impossibility, because the laws of the market were not left to the free arbitrament of the contracting parties. The severance of occupations was imposed upon the trades, not spontaneously adopted by them, and the medieval statutes teem with provisions of this nature, as, for instance, that shoemakers shall not be tanners, brewers not be coopers, cordwainers not be curriers, butchers not be cooks, drapers not be 'listers,' while a statute of 1363 admonishes all artificers and handicraft people to use only one mystery or occupation».

“Gilds”. The New Encyclopedia of Social Reform. William D.P. Bliss (ed), 1908. New York & London: Funk & Vagnalls Company.

Bliss: Guildas, vida ordenada e hierárquica, ultra-regulação, socialismo medieval.

William D. P. Bliss, um dos fundadores do Fabianismo Americano, escreveu uma eulogia da natureza socialística das cidades medievais da Europa. Glorificou a velha cidade alemã de Nuremberga como um feudalismo socialístico ideal, e nobre, que devia ser imitado pela sociedade actual.

Competição irrestrita era impensável para qualquer Nuremberger.

Cada Nuremberger pensava em si mesmo como peça de um colectivo.

Portanto:

Indivíduo não tinha direito de decidir as suas próprias actividades, pelo contrário.

Governo imperial dava autorização a cada cidade para ter produção e comércio.

Autoridades municipais distribuíam as licenças pelas guildas, que eram monopólios.

As guildas cediam direitos comerciais a indivíduos autorizados.

Guilda regulava:

Quais e quantos materiais a comprar, e onde comprá-los.

O número de aprendizes e condições de trabalho.

Salários dos empregados.

Métodos e mecanismos de produção.

Fixava os preços, controlava o mercado.

The gild laws determined even what the artisan should wear and eat.

“No open market or free trade for them”.

They legislated in the realm of morals and behavior.

This was paternal, often socialistic in the extreme.

It was as we have seen cruel--but it was with a just cruelty.

Punished usually by death... exemplo de dois homens queimados por quebrarem regulação comercial.

«No Nuremberger ever seriously dreamed of leaving trade or art or manufacture, or indeed any portion of life, to the accident and incident of unrestricted competition.

“Competition,” the Nuremberger would have said, “is the death of trade, the subverter of freedom, above all, the destroyer of quality.” Every Nuremberger, like every medieval man, thought of himself, not as an independent unit, but as a dependent, although component, part of a larger organism, church or empire or city or gild. This was of the very essence of medieval life. According to the theory of the times, the town held the right to practise trades as a feudal tenure from the emperor, who held it from God. This tenure--the right to practise trades--the Rath, or Town council, parceled out between the gilds or groups of citizens, each gild having the right to practice only that art or subdivision of art granted it by the Rath. Finally, in its turn, the gild granted to its different individual members the right to practise the trade, conditioned, however, upon restrictions and within very definite limits. The gild determined what raw material might be bought and how much, the number of apprentices any master might employ, and the conditions under which they should work. It determined the number of journeymen in any shop, and the wages they were paid. It held the right to determine, and often did determine, the very methods and mechanism of production. Above all, it fixed the price of the finished product and scrupulously controlled the market... The gild did not allow the untrained workman or the mean-spirited trader to cut prices to spoil or steal the market. The gilds measured and weighed and tested all materials, and determined how much each producer could have. The gilds said where materials should be bought. No open market or free trade for them. They equally measured or counted, weighed and tested the finished product... As late as 1456 two men were burned alive at Nuremberg for having sold adulterated wines... The gild laws determined even what the artisan should wear and eat... Nuremberg thus saw very well that competition only served the rich and the strong. That collective trading was the hope of the poor and the plain people... Only limited amounts of material could be bought... Money was not to be lent on usury (interest)... But it was not only in economic matters that the gilds held sway. They legislated in the realm of morals and behavior... This was paternal, often socialistic in the extreme. It was as we have seen cruel--but it was with a just cruelty... Extortion, false measures, adulteration of goods, were abominations in a trading town and punished usually by death... The town government, if not by the people, was of the people, and for the people.»

“Nuremberg (Medieval)”. The New Encyclopedia of Social Reform. William D.P. Bliss (ed), 1908. New York & London: Funk & Vagnalls Company.

MEDIEVALISMO – Fabian Essays – Shaw e Webb.

GB Shaw – A Idade Média, uma era ordeira e justa, destruída pela modernidade.

“...the Middle Ages... There you find a much more orderly England”.

“Agriculture is organised on a consistent system in the feudal manor or commune”.

“...handicraft is ordered by the guilds of the towns”.

“The feudal system [has] its basis [in] communism [and] inequality of condition”.

“Every man has his class, and every class its duties”.

“Liberty and Equality are unheard of; but so is Free Competition”.

“This Social Order, did not collapse because it was unjust or absurd. It was burst by the growth of the social organism”.

Vieram a Reforma, ideias de liberdade e a Revolução Industrial... then came chaos.

«...the Middle Ages. There you find... a much more orderly England than the England of to-day. Agriculture is organised on an intelligible and consistent system in the feudal manor or commune: handicraft is ordered by the guilds of the towns. The feudal system... its basis of communism with inequality of condition... Every man has his class, and every class its duties... Liberty and Equality are unheard of; but so is Free Competition... Nobody entertains the idea that the individual has any right to trade as he pleases without reference to the rest... This Social Order, relics of which are still to be found in all directions, did not collapse because it was unjust or absurd. It was burst by the growth of the social organism... The intellectual revolt formally inaugurated by the Reformation was reinforced in the eighteenth century by the great industrial revolution... Then came chaos».

G. Bernard Shaw (1889), *The Transition to Social Democracy*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

Sidney Webb: Feudalismo desintegrado por independência, novos grupos religiosos, educação.

«The rise of the towns by the growth of trade gradually created new centres of independence and new classes who broke the bonds of innate status. The intrusion of the moneyed city classes and the Indian "Nabobs" into the rural districts tended to destroy the feudal idea. The growth of new sects in religion made fresh points of individual resistance, degenerating often into spiritual anarchy or unsocial quietism. The spread of learning built up a small but active disintegrating force of those who had detected the shams around them».

Sidney Webb (1889), *The Basis of Socialism – Historic*. In “Fabian Essays in Socialism”. London: The Fabian Society.

MEDIEVALISMO – Hyndman e Seligman.

Hyndman – A idílica Idade Média.

Hyndman ainda conseguia ir mais longe que Morris em toda esta demagogia.

Idade Média uma era de ouro, caracterizada por conforto e prosperidade.

Sistema feudal era livre e democrático.

...e não tinha problemas em chamar à Idade Média «*The golden age of the people*», uma era de «*rough plenty... comfort and prosperity*». É certo que «*The homes of the people were filthy*», mas «*much that we now hold to be necessary for health was thought quite useless*». O sistema feudal era democrático, e «*The king, the nobles, and the clergy were the leaders of a free, and, in the main, prosperous community*».

H.M. Hyndman (1883). *The Historical Basis of Socialism in England*. London: Kegan, Paul, Trench & Co.

Seligman descreve a Idade Média como idílica para o trabalhador. Outro autor socialista, o economista Seligman, fala-nos do modo como esses dias eram de ouro para o trabalhador.

Supremacia dos trabalhadores sobre o capital.

É claro que havia desafecções esporádicas contra maus tratamentos imaginários ou talvez reais...

O cinismo empregue neste tipo de literatura é sempre algo de bastante notório.

«*It was a period of supremacy of labor over capital... Naturally, however, there were sporadic cases of disaffection on the part of individual workmen against imagined or perhaps real maltreatment by the master*»

Edwin R. A. Seligman (1887). “Two Chapters on the Medieval Guilds of England”. American Economic Association.

MEDIEVALISMO – Kautsky.

Kautsky: Comunismo tem raízes medievais Cristãs.

Menus variados, para diferentes gostos. Estas coisas vinham em diferentes sabores para diferentes gostos.

Kautsky, na Alemanha, admitia que a Idade Média tinha sido má. Kautsky, o social-democrata alemão admitia que a Idade Média tinha sido má para os camponeses, e que era uma época de opressão.

Ainda assim, havia um certo entendimento entre exploradores e explorados. *«In the decline of the Middle Ages however... the rich and the poor still remained, at least, two neighbourly ones, understanding and knowing each other».*

Mas o comunismo era tão antigo como a humanidade. *«Communism dates from the childhood of the race»*

Kautsky encontra passado cristão no comunismo. Com grupos como Waldenses, Anabaptistas, Mennonitas, Lollards, Taboritas, Adamitas.

“Comunismo cristão” acaba no século XVI.

Aí começa nova era de estado burguês, com exploração do proletariado. Tinha sido apenas no século XVI que o estado moderno tinha surgido, e com ele um proletariado pobre e deprimido.

«As a real, effective force in public life, Christian communism came to an end in the sixteenth century. That century saw the birth of a new system of production, the modern State and the modern proletariat; and it saw also the birth of modern socialism. A new era was dawning for mankind».

Ou seja, após um intervalo capitalístico, o comunismo voltaria a ser a regra. Após um intervalo capitalístico de três séculos, o socialismo era um revivalismo, não uma inovação.

Comunismo cristão era passivo e apolítico.

Comunismo proletário é revoltoso e quer ditadura do proletariado.

«Early Christian communism was unpolitical and passive. Proletarian communism, on the contrary, ever since the Middle Ages, has necessarily been political and rebellious when circumstances were favourable. Like the social democracy of the present day, its aim has been the dictatorship of the proletariat, as the most efficacious means of bringing about a communistic society».

Karl Kautsky (London, 1897). Communism in Central Europe in the Time of the Reformation.

MEDIEVALISMO – Lukàcs.

Lukàcs gabava a vida das sociedades seguras feudais. Em The Historical Novel (1962), que foi escrito em 1936-7, o Marxista húngaro George Lukàcs parecia chorar o fim da vida feudal tradicional, onde havia uma “gentry” animada por valores morais tradicionais.

Comunidade – festas comunitárias – cada qual no seu lugar. Com o seu sentido de comunidade, as suas festas e bailes comunitários, e aquele sistema de coisas em que toda a gente sabe qual o seu lugar e não há atrevimentos indevidos.

Um mundo de poesia e estabilidade social. Não era uma era de rapina, caos, e morte prematura, mas sim um encantador mundo de poesia e estabilidade social.

MEDIEVALISMO – Marlo e Rodbertus.

Na Alemanha, Marlo e Rodbertus visam organização social medieval. Os dois teóricos que lançaram as fundações para o movimento socialista alemão foram Karl Marlo (Karl Georg Winkelblech, 1810-1865) e Karl Rodbertus (1805-1875). Estes homens abertamente queriam a reorganização da sociedade com base nos princípios da Idade Média.

Formas iniciais de socialismo alemão são medievalistas. As formas iniciais do socialismo alemão, às quais Karl Marx foi exposto durante a juventude, aberta e activamente procuravam um retorno aos princípios de organização social da Idade Média.

...e lançam bases para pensamento marxiano. Por exemplo, Rodbertus recebe o crédito de ter antecipado Marx na maior parte das suas supostas teorias fundamentais do socialismo.

MEDIEVALISMO – Marx e Engels.

Marx – Burguesia acabou com bons aspectos da Idade Média. No Manifesto Comunista, Marx e Engels dizem-nos que...

Os trabalhadores modernos estavam bastante pior que os seus antepassados feudais.

Burguesia tinha devastado liberdades de guilda. A burguesia tinha devastado as «*numberless indefeasible chartered freedoms*» da Idade Média.

E com isto, Marx e Engels viram a história de pernas para o ar.

Tinha substituído tudo por valores de mercado. «...*and has left remaining no other nexus between man and man than naked self-interest, than callous “cash payment.” ... the icy water of egotistical calculation... It has resolved personal worth into exchange value*».

“Até a hierarquia feudal era mais humana que a burguesia”.

“Trabalhadores feudais tinham melhores e mais livres condições que proletários”. É levada adiante a ficção dos seus predecessores socialísticos de que o capitalismo tinha degradado os seres humanos de um nível previamente superior.

Burgueses são exploradores mais desumanos e incompetentes de sempre. Marx acusava a burguesia de ser mais desumana e incompetente que qualquer outra classe escravizadora do passado.

A existência da burguesia já não é compatível com sociedade.

«...*the bourgeoisie is unfit any longer to be the ruling class in society and to impose its conditions of existence upon society as an over-riding law. It is unfit to rule because it is incompetent to assure an existence to its slave within his slavery, because it cannot help letting him sink into such a state that it has to feed him instead of being fed by him. Society can no longer live under this bourgeoisie; in other words, its existence is no longer compatible with society*» Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Marx – “Too much civilization, too much industry, too much commerce”.

«...*there is too much civilization, too much means of subsistence, too much industry, too much commerce*» Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Marx – Emancipação de vitórias parciais sobre Idade Média.

Ou seja, a emergência de individualismo e liberdade individual.

*«Germany can emancipate itself from the Middle Ages only if it emancipates itself at the same time from the partial victories over the **Middle Ages**»*

Karl Marx, “*A Contribution to the Critique of Hegel’s Philosophy of Right*”, Deutsch-Französische Jahrbücher, 7 & 10 February 1844.

Neste ponto, Karl Marx admite que a Alemanha ainda não tinha completado a sua emancipação do medievalismo. A sua principal objecção era relativamente à liberdade limitada que o povo alemão tinha tirado da aristocracia. Com efeito, a exigência de Marx de *«emancipation from the results of a partial freedom from the Middle Ages»* era inteiramente reaccionária e significava, em efeito, uma reversão ao sistema fechado de tirania colectiva.

Marx – Indústria de carácter feudal, corporativizada, é humana. Marx gosta de indústria desde que seja feudalística: *«...industry (town life) continues to bear [a] feudal character... in the form of monopoly, craft, guild, corporation, etc., within which labour still has a **seemingly social** significance, still the significance of the **real** community, and has not yet reached the stage of **indifference** to its content, of complete being-for-self, i. e., of abstraction from all other being, and hence has not yet become **liberated capital**»* Karl Marx, *Antithesis of Capital and Labour. Landed Property and Capital*. Economic & Philosophic Manuscripts of 1844.

Engels – “Servitude feudal deu a servos meios de libertação de classe”.

Estavam em melhor condição que os escravos. *«Lastly: they were able to develop and make universal the milder form of servitude they had practiced in their own country, which even in the Roman Empire increasingly displaced slavery; a form of servitude which, as Fourier first stressed, gives to the bondsmen the means of their gradual liberation as a class (“fournit aux cultivateurs des moyens d'affranchissement collectif et Progressif”); a form of servitude which thus stands high above slavery, where the only possibility is the immediate release, without any transitional stage, of individual slaves (abolition of slavery by successful rebellion is unknown to antiquity), whereas the medieval serfs gradually won their liberation as a class»* Friedrich Engels (1884). *The Origin of the Family, Private Property and the State*.

MEDIEVALISMO – Morris.

Morris indigna-se com a “representação burguesa da Idade Média”.

«...the representation of the Middle Ages put forward by bourgeois historians, whose aim was the praising of the escape of modern society from a period of mere rapine and confusion, into peace, order, and prosperity, is generally accepted».

William Morris & E. Belfort Bax (1893). Socialism: It's Growth & Outcome. London: Swan Sonnenschein & Co.

Morris sente-se encantado com o rude charme da Idade Média.

Sem dúvida havia um lado duro na Idade Média, como em qualquer época.

Mas também havia vida e progresso nela.

Que se expressavam pela ordem hierárquica da sociedade feudal.

Esta era uma época com imensa arte e coisas bonitas.

É certo que havia ignorância, mas era antes ingenuidade, e tinha charme.

A vida era aventureira, e os medievais eram muito mais duros que nós, não eram tão sensíveis, e não tinham medo de tortura e morte.

Quanto à rudeza da vida... trabalhadores actuais estão numa situação muito pior que medievais.

“...happiness and cheerful intelligence were possible sometimes and somewhere in them”.

«Doubtless there was a rough side to the Middle Ages as to every other epoch, but there was also genuine life and progress in them. This, as we have seen, expressed itself on one side in the hierarchical order of feudal society, which was so far from being lawless that, on the contrary, law received somewhat undue observance therein.

In short it is clear that such misery as existed in the Middle Ages, was different in essence from that of our times; one piece of evidence alone forces this conclusion upon us: the Middle Ages were essentially the epoch of Popular Art, the art of the people; whatever were the conditions of the life of the time, they produced an enormous volume of visible and tangible beauty, even taken per se, and still more extraordinary when considered beside the sparse population of those ages.

Let us look next at the ignorance and superstition of the Middle Ages. In the main this ignorance meant a naivete in their conceptions of the universe, which was partly a survival of the animism of the earlier world. The ignorance was not a matter of brutal choice; on the contrary, there was a keen and disinterested search after truth and knowledge: and the very fact of the region of discovery being so unknown added the charm of wonder and scientific imagination to the research.

As to the rudeness of life it must be remembered that men do not suffer from the lack of comforts which they have never had before their eyes, and of which they cannot even conceive... The sensitiveness of men adapts itself easily to their surrounding conditions, and such inconveniences as may exist in these are not felt by those who consider them unavoidable... The whole of our unskilled labouring classes are in a far worse position as to food, housing, and clothing than any but the extreme fringe of the corresponding class in the Middle Ages.

There remains the charge of violence and misery to be dealt with... Furthermore, the very roughness and adventure of life of those days made people less sensitive to bodily pain than they are now. Their nerves were not so high-strung as ours are, so that the apprehension of torture or death did not weigh heavily upon them.

...happiness and cheerful intelligence were possible sometimes and somewhere in them, even amongst that working class...».

William Morris & E. Belfort Bax (1893). *Socialism: It's Growth & Outcome*. London: Swan Sonnenschein & Co.

Morris: A vida medieval seria perfeita com melhor uso de recursos.

Para Morris, tudo o que faltava à sociedade medieval era um melhor uso de recursos.

É claro que isto inclui recursos humanos – de propriedade sobre crianças a formação contínua. Na nova sociedade feudal, «*property in children would cease to exist*». Ou seja, as crianças podem ser doutrinadas para o que os mestres socialistas quiserem. Nesta utopia, os indivíduos vão ser espremidos pelo seu trabalho até ao final da vida: «*It will become rather a habit of making the best of the individual's powers in all directions to which he is led by his innate disposition; so that no man will ever "finish" his education while he is alive, and his early training will never lie behind him a piece of mere waste, as it most often does now*».

William Morris & E. Belfort Bax (1893). *Socialism: It's Growth & Outcome*. London: Swan Sonnenschein & Co.

Morris: O feudalismo comunista global.

Comunismo só pode ser realizado quando for mundial.

No novo sistema, a parafernália de protecções e salvaguardas terá desaparecido.

Mas será uma sociedade “livre” – para quem? Para os senhores feudais, claro.

Só esses quereriam extinguir “parafernália de protecções e salvaguardas”.

E para quê? Morris diz-nos que, na nova sociedade...

“...civilisation undertakes the government of persons by direct coercion”.

Ou seja, autoridades sabem tudo sobre cada indivíduo e podem encostar-se a ele.

Civilização é organizada segundo modelo feudal, do local ao global.

Com autoridades planetárias que organizam a produção e impõem a ordem.

«Communism can never be realised till the present system of Society has been destroyed by the workers taking hold of the political power. When that happens, it will mean that Communism is on the point of absorbing and transmuting Civilisation all the world over... The present society will be gone, with all its paraphernalia of checks and safeguards; that we know for certain. No less surely we know what the foundation of the new society will be. What will the new society build on that foundation of freedom and co-operation?»

As to the political side of the new society, civilisation undertakes the government of persons by direct coercion. Socialism would deal primarily with the administration of things, and only secondarily and indirectly would have to do with personal habit and conduct. Civil law, therefore, which is an institution essentially based on private property, would cease to exist, and criminal law, which would tend to become obsolete, would, while it existed, concern itself solely with the protection of the person.

...we conceive of the township as the lowest unit; industrially, of the trade or occupation organized somewhat on the lines of a craft-guild. In many instances the local branch of the guild would be within the limits of the township.

On the other hand, the highest unit would be the great council of the socialized world, and between these would be federations of localities arranged for convenience of administration. The great federal organising power, whatever form it took, would have the function of the administration of production in its wider sense. It would have to see to, for instance, the collection and distribution of all information as to the wants of populations and the possibilities of supplying them, leaving all details to the subordinate bodies, local and industrial. But also it would be its necessary duty to safeguard the then recognised principles of society; that is, to guard against any country, or place, or occupation reverting to methods or practices which would be destructive or harmful to the socialistic order, such as any form of the exploitation of labour, if that were possible, or the establishment of any vindictive criminal law».

William Morris & E. Belfort Bax (1893). Socialism: It's Growth & Outcome. London:
Swan Sonnenschein & Co.

MEDIEVALISMO – Russell.

Romantização da Idade Média.

Bertrand Russell e o “orgulho cívico” medieval. Por exemplo, Bertrand Russell falava de uma era mais cândida, onde as pessoas tinham “orgulho cívico” nas suas pequenas comunidades.

MILNER, Socialista.

Interacções com Sociedade Fabiana – adepto dos Webbs. Lord Milner participou nas reuniões com os fabianos [por ex., Coefficients], e deu uma série de palestras sobre socialismo, antes da sua morte em 1925. Era um adepto expresso do programa de Sidney e Beatrice Webb, “*A Constitution for the Socialist Commonwealth of Great Britain*”.

Lectures On Socialism (1882). National Review, 1931 – as seis lectures de Milner, de 1882. “Socialism and state enterprise” – “Socialism and the land” – “The socialist programme” – “German socialists” – “A view of socialism” – “Robert Owen and socialism”

Sobre Marx e Das Kapital. «*Marx's great book Das Kapital is at once a monument of reasoning and a storehouse of facts*» Lord Milner, director of the London Joint Stock Bank

MILNER, Socialista – Milner's Kindergarten, virtuais bolcheviques.

Economia planeada.

Controlo totalitário por estado-consórcios. Socialismo político, com controlo estatal sobre actividades, em prol dos grandes consórcios dominantes: o estado serve para avançar os interesses da minoria dominante, e gerir as massas no processo.

Destribalização – colectivização da população – trabalho forçado. Também vital neste ponto, é a questão da destribalização dos nativos e a inserção de toda a população numa economia planeada.

MOVIMENTO CARTISTA.

WATT – “Movimento Cartista ameaçava reformular as coisas”.

(AWnewh – 9:40) O modo como pacificaram o povo foi dar-lhes a ilusão de democracia, e campeões. Sabiam do movimento Cartista, por exemplo, que tinham de reformular alguma coisa. Pela primeira vez, as pessoas pensaram que estavam encarregues da criação do seu destino. Mas nada podia estar mais longe da verdade.

MODIMENTO ROMÂNTICO.

Romantismo – Nostalgia feudalista.

Um novo movimento, inteiramente reaccionário. O movimento era composto de sacerdotes, nobres, mestres de guilda, pensadores românticos e poetas.

França – Rousseau. Este novo movimento começa com Rousseau.

Alemanha – Filosofia germânica em geral. Fichte e Nietzsche são bons exemplos.

Inglaterra – Byron, Carlyle, Shelley, Keats.

Perspectiva aristocrática das coisas. I.e., alicerçada em capricho e arbitrariedade, e repleta de confabulações sobre superioridade de casta.

Imaginação dialéctica – Rousseau – Feudalismo germânico. Decreta a primazia dos sentimentos sobre verdade factual ou moral. Rousseau é o pai do movimento romântico, o iniciador de sistemas de pensamento que inferem factos não-humanos a partir de emoções humanas. O movimento romântico deve a sua origem a Rousseau, mas começou por ser primariamente alemão, nos finais do século XVIII.

Nostalgia medieval. Nostalgia pela vida “tranquila e pura” da Idade Média, encarada como uma era de bons valores, estabilidade social e contacto com a natureza. Os tempos modernos eram os piores de todos, e havia que voltar a este era de leite e mel, e fogueiras para os hereges. Neste estado mental, a Idade Média, com a sua firme ordem social e económica, a sua organização feudal rígida, os seus claustros, as suas associações e guildas bem reguladas; tudo isto representava ordem e estabilidade bem compactada.

Rejeição de comércio e burguesia – “vulgar e mundana”.

Rejeição de indústria, ciência e tecnologia. Repulsa pelo industrialismo e pela fealdade que produzia mas, mais importante, pela hipótese de libertação e prosperidade individual que permitia acalantar.

Rejeição de liberalismo e parlamentarismo. Por exemplo, a ideia de direitos inalienáveis ou humanos é totalmente estranha a esta mentalidade. Tudo o que existe é privilégio, definido por capricho.

Forte anti-semitismo, associado ao ódio por burguesia e individualismo. Com toda esta demagogia sobre o mundo da finança e do capital ser controlado por Judeus.

Nacionalismo étnico e cultos raciais. Cada nação tem uma alma nacional, por vezes é uma raça superior, e todo este género de coisas. Na primeira metade do século XIX, nacionalismo era o mais vigoroso dos campos de acção em que esta gente se envolvia.

→ *Volkgeist, racialismo.* Uma das manifestações disto é a ideia pós-Hegelian de Volkgeist, ou “espírito racial”, em que uma raça tem um espírito peculiar, com um destino colectivo e um modo particular de sentir e agir, e por aí fora. Qualquer coisa como a frase seguinte: “A raça espiritual é um impulso em direcção a um destino colectivo”.

Romantismo – Proliferação de charlatanismo.

Todo o género de superstições. Sob romantismo, proliferam superstições, espiritismo, ocultismo, charlatanismo.

Romantismo – Napoleão e “vontade individual” – Gulliver e os Liliputianos.

Modelo para Carlyle, Prussianos, Hegel, Carbonarii. I.e., os socialistas de direita.

Culto do herói aristocrático rebelde.

Lord Byron e o Titã – Amoralidade, destruição e satanismo. Na Grã-Bretanha, Lord Byron torna o pecado e a amoralidade em virtudes. Napoleão era o herói, porque era o destruidor que conduzia a Europa ao caos e à destruição, era o titã, o homem-deus que tinha o dever de esmagar a ordem existente e estabelecer a sua própria.

Lilliput – O herói contra a burguesia, em prol de glória imperial. Temos a vontade de um homem, o herói, Napoleão, contra a classe média e a “pequenez burguesa” [Liliputianos], em prol de “glória cesariana”.

NEARING (1922) – Economia Global.

Nearing (1922) – Globalização implica controlo económico global.

Scott Nearing, auto-descrito comunista americano. Escreve sobre como estabelecer uma organização económica mundial.

OMC, GATT, FMI, Banco Mundial e ONU combinados num só.

Interdependência, um dos motes de Nearing, «interdependence».

Organização do mundo, globalização, assente em base económica. A «*organization of the world*» tem de ser assente numa «*economic foundation*», ou seja, esse é o primeiro passo para globalizar.

Liga das Nações falha porque não tem prioridades económicas. Portanto, o autor observa que «*The principal scheme recently advanced as a means of co-ordinating the life of the world—the League of Nations Covenant—violates all three of these essential principles... the... Covenant... is a political and not an economic document, devoting its attention to territorial integrity and the preservation of sovereignty, and passing over such economic problems as resource control, and the competition for raw materials, markets and investment opportunities as though they were non-existent*».

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

Nearing (1922) – Autoridade económica mundial – Competências.

Governo mundial, parlamento mundial – Controlo total da economia.

“Administration of world issues”.

“World parliament consisting of representatives from the major industrial groups”.

“And its appointees and subordinate bodies”.

Federação mundial de produtores.

“Central authority representative of interests involved... controls the disposition of economic life”.

«...world government... the administration of the world issues must be delegated to the world parliament and to its appointees and subordinate bodies... a world parliament consisting of representatives from the major industrial groups would create an

authority more powerful than that of any existing state because, in the first place, it would be more extensive than any existing state... A world parliament, organized on the basis of selfgoverning industrial groups, would be unique in two respects. First, in that it was of world extent, and second in that it was built upon the industrial affiliations of its citizenship. If such an organization were handled in a way to hold the allegiance of its constituent members, its decisions on matters of world importance would carry an immense authority»

«A world producers' federation... the economic activities of the world must be federated in such a way that all economic problems of world concern will be brought under some central authority which is representative of the various interests involved at the same time that it controls the disposition of economic life»

Competências do governo económico mundial.

Recursos – Transportes, comunicações – Crédito, finanças – Planeamento, concessões.

Controlo de recursos e matérias-primas.

Transportes e comunicações.

Trocas, crédito, investimento.

Orçamento económico mundial.

Adjudicação de disputas mundiais.

«There are a number of problems... that should... be made the subject of world administration. Among them are: (1) the control of resources and raw materials, (2) transport [and communication] (3) exchange, credit and investment, (4) the world economic budget, and (5) adjudication of world disputes. Under a world producers' federation, the administration of these five problems would be in the hands of five administrative boards selected by the executive committee of the world parliament»

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*”. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

Nearing (1922) – OMC, Banco Mundial – Reorganização económica mundial.

Adjudicação de disputas comerciais e industriais.

«The Adjudication of Disputes Board... Disputes between any of the industrial groups involving more than one division... Disputes between one of these industrial groups and the world producers' federation... Disputes between various departments of the world producers' federation and its subdivisions»

Planeamento e orçamentação da “world organization of economic life”.

«The Budget Board... On the one hand it would be charged with budgeting or planning the transactions involved in the world organization of economic life. This function would include the estimates of the requirements of the major economic groups during a given year, and the estimate of the sources from which these requirements were to be met. On the other hand, it would be responsible for preparing the budget of the world producers' federation, and of deciding upon the course that must be adopted in order to meet these necessary outlays»

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

Nearing (1922) – FMI, SDRs, “new economic order”.

Nova ordem económica. «...new economic order»

Crédito social comunitário, baseado em unidades de trabalho produtivo.

Um FMI, com a capacidade de emitir SDRs para transacções globais.

FMI – “Exchange, Credit, Investment Board”.

«The Exchange, Credit and Investment Board...»

SDRs, emitidos pelo “Exchange, Credit and Investment Board”.

«Another method would be for the world parliament to issue metal and paper money, using the labor unit instead of gold as the basis of value. In the former ease, there would be a labor check, or piece of money in the community for each unit of labor performed... a distinct step in advance, in that there would be a certificate of purchasing power in the community for each unit of goods and services that was produced. There would be still a third method of handling the problem, by having the world producers' federation issue paper currency stamped with the statement "this is a mark" or "this is a franc," and making it receivable for all legal and public obligations. If the amount of this "fiat" money were carefully regulated, it would probably serve all of the purposes for which money is needed. Whatever its character, it is essential that all money and credit should be publicly issued and under public control»

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

Nearing (1922) – O novo dinheiro – Crédito social comunitário.

O novo dinheiro – “Unidades de trabalho produtivo”.

Crédito social comunitário, baseado em unidades de trabalho produtivo.

“A system of social bookkeeping”.

“Base monetária deixa de ser ouro, passa a ser unidade de trabalho produtivo”.

“...standardized labor unit of value... a certificate for each unit of labor performed”.

«Money as a basis for credit will be superseded by a system of social bookkeeping... The money used at the present time is based on an amount of some commodity, such as gold. A producers' society will undoubtedly substitute for this commodity base some unit of productive effort—an hour's labor or a day's labor in a given industry. Such an idealized labor production period could be used as a basis for all value computations. There are a number of requirements for such a value measure: (1) It must be reasonably stable; (2) it must be generally recognized and accepted; (3) it must be the medium in which all values in all parts of the economic world are calculated... With a standardized labor unit of value once determined, there would be several methods of procedure. One would be to issue a certificate for each unit of labor performed. The pay-check would then serve as money»

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

NEARING (1922) – Transição Saint-Simoniana – Engenharia Social.

Nearing (1922) – A Nova Ordem – Revolução Industrial é a fase de transição.

Efeitos da Revolução Industrial – uma nova ordem social.

Reorganização de todas as fases da vida.

“The school, the church, the family, the home, the state”.

“Profound social revolution... tearing the fabric of the old society to tatters”.

“Forming the nucleus of a new social order”.

“Transition period... seed-ground of new order... demolition precedes construction”.

«...the industrial revolution... So far-reaching was the change that it has compelled a reorganization of virtually all phases of social life, but for the present purpose, it has been felt chiefly in four fields: manufacturing, commerce, wealth-surplus and population... The tidal wave of the industrial revolution has not stopped with the economic world. No phase of life has been exempt from the power of its magic. The school, the church, the family, the home, the state, have all felt its transforming might. The aggregate of these changes is the profound social revolution that has been for some time, and that is at present tearing the fabric of the old society to tatters, while beneath its surface-chaos is forming the nucleus of a new social order... The economic muddle in which the world now finds itself is one of many transition periods in the history of civilization,—a phase of the great revolution. Like any period of chaos, it is the seed-ground of the new order—the demolition which precedes construction...»

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

Nearing (1922) – A Nova Ordem – Construção, por elite de “engenheiros”.

A construção da “New Order”, liderada por elite de “engenheiros”.

A new order será construída com “human effort... under guidance of best wisdom”.

“The radical sees the dawn of his millennium”.

“Out of this chaos, men must bring order... new order can be successfully built”.

“This is the work of the engineers, the constructors of the new society”.

«A New Order... The results of profound changes such as those that are now occurring, must be chaos except in so far as the ingenuity and organizing capacity of man re-establishes order... How shall the new society be rebuilt? Only as the old was built—by the expenditure of human effort and under the guidance of the best wisdom that the community can muster... The radical sees, in these fundamental changes, the dawn of his millennium... Out of this chaos, men must bring order; and to do this they must discover the foundations upon which the new order can be successfully built. This is the work of the engineers, the constructors of the new society [aqui está a incluir engenheiros sociais]»

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

Nearing (1922) – A Nova Ordem – Engenharia social.

O papel do cientista social. A seguir fala do papel do «social scientist».

Necessário sistematizar os “principles of social activity”.

“Plan their activities in relation... rationally organized and wisely managed society”.

«The principles of social activity are not yet so well known as those of astronomy, physics, mechanics or biology, hut they operate none the less surely. Until these principles are understood, and until men plan their activities in relation to them, there will be no possibility of a rationally organized and wisely managed society»

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

Nearing (1922) – A Nova Ordem – Metáfora sócio-orgânica – “Harmonia”, do individual ao total.

Indivíduo só tem representatividade social se fizer parte de um grupo. *«In advanced and complex societies... each individual belongs to a number of groups—to a town, a factory, a school, a home, a political party, a fraternal order, a church... these groups are united to form the whole social structure. The individual... his membership in society is dependent upon his membership in a social group.*

Sistemas e órgãos, compostos de partes e tecidos, cada qual com diferentes funções.

A sociedade é como o corpo humano.

Máquina social tem de funcionar em **harmonia**.

«The human body consists of various systems, such as the circulatory system, the nervous system, the digestive system. Each of these systems is composed of many parts, having separate functions to perform... These various parts of each system are in their turn made up of different kinds of tissue... Muscles, nerves and blood vessels are in their turn composed of living cells, each of which contains the mechanism of a life cycle. Among the unit cells, the various tissues, organs and systems of the body, there is a working harmony. The whole complex machine functions in unison. If one of the organs fails to do its work... the whole body ceases to function or “dies” ...»

«A modern society or community consists of various systems, such as the educational system, the economic system, the political system. Each of these systems is, in its turn, composed of institutions... Like the single cell of the human body, the individual pupil is a living organism, and it is out of a multitude of such organisms variously grouped that school systems are built»

«The social machinery, like the machinery of the body, must work smoothly, otherwise misery will be the inevitable result... Society, like the human being... is a highly complex mechanism, and like them it cannot function successfully unless its various parts function in harmony...»

Scott Nearing (1922). *The Next Step: A Plan for Economic World Federation*. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

NEARING (1922) – Economia Global (2) – Neofeudalismo.

Nearing (1922) – Medievalismo.

“Mediaeval Europe... period of economic stability, golden age”.

«Mediaeval Europe had worked out a combination of herding, agriculture, craft industry and trade that made a stable life for an agricultural village a practical possibility. This period of economic stability—this golden age—was followed by a series of events that threw the fat into the fire...»

Scott Nearing (1922). The Next Step: A Plan for Economic World Federation”. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

Nearing (1922) – Medievalismo – Guildas globalizadas – Comunitarismo.

Guildas globalizadas e comunitarismo económico.

“The best principles of economic and political science”.

“Economic federation or federalism”.

“Forced to organize a local unit nearly approximating the mediaeval guild”.

“Power and control being held locally by self-directing, autonomous groups”.

“Plan for the organization of a local self-governing economic unit”.

«Economic federation or federalism, with local groups enjoying local autonomy in all local matters, and only so much centralized control as is necessary for the unified direction of the entire enterprise... Farming, hand-craft industries, and other occupations in which the worker owns his own tools, and is worker, manager and business-man combined, would be forced to organize a local unit more nearly approximating the mediaeval guild or some of the modern organizations for producers' co-operation. The general principles of organization would, be the same in the one case as in the other, power and control being held locally by self-directing, autonomous groups. This plan for the organization of a local self-governing economic unit represents an attempt to apply the best principles of economic and political science to the working out of an intelligently directed society»

Scott Nearing (1922). The Next Step: A Plan for Economic World Federation”. New Jersey: Nellie Seeds Nearing.

NEOFEUDALISMO – Abolição da Família – Marx, Kautsky.

Socialismo exige abolição do casamento.

Casamento leva a vida familiar privada. Não comunitária, portanto.

Abolição do casamento. Ponto essencial na generalidade das propostas socialistas: a abolição do casamento.

Bom amor proletário, inspeccionado por gestores sociais. Só podia ficar bom amor social/proletário, regulado por painéis de gestores e inspectores sociais.

Alternativas – Uso comum de mulheres, ou celibato.

Kautsky – Rejeição do casamento, celibato, posseção comum de mulheres.

Casamento leva a vida familiar privada.

Rejeição do casamento leva a celibato e a posseção comum de mulheres.

«The practice of individual marriage inevitably prepared the way for a reversion to private family life, for the separate interests of a man and wife were in natural opposition to the general interests of the communistic circle... These examples not only prove that aversion to marriage is necessarily connected with this primitive communism, but also that the feeling can be expressed in very different ways; by the demand for celibacy on the one hand, and by the common possession of women on the other» Karl Kautsky (London, 1897) Communism in Central Europe in the Time of the Reformation.

Marx e a abolição da família.

Família vai desaparecer com desaparecimento do capital.

Marx procura demonizar a família burguesa.

Família burguesa, classe média, é hipócrita e promíscua.

O homem de classe média vê a esposa como um mero instrumento de produção.

«Abolition of the family! Even the most radical flare up at this infamous proposal of the Communists... On what foundation is the present family, the bourgeois family, based? On capital, on private gain. In its completely developed form this family exists only

among the bourgeoisie... The bourgeois family... will vanish with the vanishing of capital... The bourgeois sees in his wife a mere instrument of production».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Marx e a abolição da família – Uso comum de mulheres.

“Uso comum de mulheres existe desde tempos imemoriais”. *«The Communists have no need to introduce community of women; it has existed almost from time immemorial».*

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

NIETZSCHE – Anticristo Global (1).

Nietzsche e o Anticristo, o homem amoral. Mais tarde, Nietzsche viria espalhar a doutrina do 'anticristo', o Übermensch, o homem que está acima de toda a moral e de toda a 'superstição'.

O Übermensch autoproclama-se deus. Autoproclama-se deus e, conseqüentemente, tem o direito de decidir sobre a vida dos outros humanos na Terra.

Arrogância, ódio, astúcia, crueldade são virtudes, para Nietzsche. Nietzsche elevava o pior na humanidade – arrogância, ódio, astúcia criminosa, crueldade – ao nível de virtudes.

Indivíduos e classes mais amorais têm direito a dominar. Os indivíduos e classes que têm mais vontade de domínio, e menos complexos em relação a exercê-la têm, apenas por isso, o direito de dominar.

O “grande homem” é utilitário, mentiroso, o seu próprio juiz.

*«The great man... asks for no compassionate “heart”, but servants, instruments; in his dealings with men his one aim is to **make** something out of them... he would rather lie than tell the truth, because lying requires more spirit and **will**... he is his own judge from whom is no appeal»*

É injusto, falso, explorador.

*«In **great men** we find the specific qualities of life in their highest manifestation: injustice, falsehood, exploitation»*

Friedrich Nietzsche, “The Will to Power: an Attempted Transvaluation of all Values” (1910). London: George Allen & Unwin Ltd.

Nietzsche – O poder é a nutrição do psicopata de elite.

A aristocracia precisa de escravatura e divisão do trabalho.

O tipo superior alimenta-se do inferior.

O sentimento de poder é a única nutrição.

Toda a acção é subordinada à obtenção de mais poder.

Nietzsche fala de um modo extático sobre «*The aristocracy in the body*», que precisa de «*Slavery and the division of labour: the higher type alone possible through the subjection of the lower to a function*»

«*Pleasure and pain, not contraries. The feeling of power*»; «*"Nutrition" only a result of the insatiable lust of appropriation in the Will to Power*»

Toda a acção tinha de ter «*Purpose*», que era ser subordinada à obtenção de «*greater power*».

Nietzsche prescreve o funcionamento psicopático.

Nietzsche – “Como poderia eu tolerar não ser deus!”.

«*Se existissem Deuses, como poderia eu tolerar não ser Deus! Logo, não existem Deuses.*»

«*If there were Gods, how could I endure it to be not God! Therefore there are no Gods.*»

Isto é, o mimo e o narcisismo como critério de lógica.

Nietzsche e a transvalorização dos valores. Nietzsche pretendia uma completa ultrapassagem de valores, a “transvalorização” dos valores: «*The aim should be to prepare a transvaluation of values...*»

Friedrich Nietzsche, “The Will to Power: an Attempted Transvaluation of all Values” (1910). London: George Allen & Unwin Ltd.

NIETZSCHE – Anticristo Global (2).

Nietzsche detestava a burguesia e desenvolvimento económico.

Nietzsche, pretendente a aristocrata, desprezava os “burgueses”. Enquanto pretendente a aristocrata, Nietzsche desprezava os “burgueses”, a classe média, com uma paixão homicida. Considerava-os o “gado”, os “inferiores”, “ofensivos” pelos seus valores humanos.

...e desenvolvimento económico. *«Readers are beginning to see what I am combating—namely, economic optimism: as if the general welfare of everybody must necessarily increase with the growing self-sacrifice of everybody. The very reverse seems to me to be the case, the self-sacrifice of everybody amounts to a collective loss; man becomes inferior—so that nobody knows what end this monstrous purpose has served. A wherefore? a new wherefore? — this is what mankind requires.»*

Friedrich Nietzsche, “The Will to Power: an Attempted Transvaluation of all Values” (1910). London: George Allen & Unwin Ltd.

Nietzsche – Governo mundial socialista, totalitário, mecânico.

Controlo geral da economia da Terra é iminente.

Usar massas como maquinaria ao serviço da economia.

Massas cada vez mais especializadas economicamente.

Dominadas por sujeitos que usam massas como base para “higher mode of existence”.

«If ever we get that inevitable and imminent, general control of the economy of the earth, then mankind can be used as machinery and find its best purpose in the service of this economy—as an enormous piece of clock-work consisting of ever smaller and ever more subtly adapted wheels; then all the dominating and commanding elements will become ever more superfluous; and the whole gains enormous energy, while the individual factors which compose it represent but small modicums of strength and of value. To oppose this dwarfing and adaptation of man to a specialized kind of utility, a reverse movement is needed —the procreation of the synthetic man who embodies everything and justifies it; that man for whom the turning of mankind into a machine is the first condition of existence, for whom the rest of mankind is but soil on which he can devise his higher mode of existence.»

He stands upon them, he lives on them.

This higher form of aristocracy is the form of the future.

A maquinaria colectiva é a forma mais extrema de exploração humana.

*«He is in need of the opposition of the masses, of those who are "levelled down"; he requires that feeling of distance from them; **he stands upon them, he lives on them.** This higher form of aristocracy is the form of the future. From the moral point of view, the collective machinery above described, **that solidarity of all wheels, represents the most extreme example in the exploitation of mankind:** but it presupposes the existence of those for whom such an exploitation would have some meaning. Otherwise it would signify, as a matter of fact, merely the general depreciation of the type man,—a retrograde phenomenon on a grand scale.»*

Friedrich Nietzsche, “The Will to Power: an Attempted Transvaluation of all Values” (1910). London: George Allen & Unwin Ltd.

Nietzsche – Uma vasta aristocracia de sociopatas e genocidas.

A economia global totalitária e socialista seria governada por sociopatas.

Uma classe governante internacionalista, criminosa. Queria uma classe governante internacionalista, os novos mestres da Terra. Essa elite cometeria actos criminosos com deleite, e só teria deveres para com os seus pares.

Aristocracia, uma casta superior... “the lords of the Earth”.

«Aristocracy represents the belief in a chosen few—in a higher caste»

«I am writing for a race of men which does not yet exist: for "the lords of the earth." In Plato's Theages the following passage will be found: " Every one of us would like if possible to be master of mankind ; if possible, a God!" This attitude of mind must be reinstated in our midst. Englishmen, Americans, and Russians»

A new vast aristocracy, artist-tyrants.

Usar Europa como base para a conquista do mundo.

“Working as artists upon man himself”.

*«From now henceforward there will be such favourable first conditions for greater ruling powers as have never yet been found on earth. And this is by no means the most important point. The establishment has been made possible of international race unions which will set themselves the task of rearing a ruling race, **the future "lords of the earth"**—a new, vast aristocracy based upon the most severe self-discipline, in which the will of philosophical men of power and artist-tyrants will be stamped upon thousands of years: a higher species of men which, thanks to their preponderance of will, knowledge, riches, and influence, will avail themselves of democratic Europe as*

the most suitable and supple instrument they can have for taking the fate of the earth into their own hands, and working as artists upon man himself. Enough! The time is coming for us to transform all our views on politics»

Uma era de guerra e genocídio. Nietzsche antecipava com deleite uma era de guerra como nenhuma antes, com milhões de mortos, e crueldade e desejo de dominação nunca antes vistas.

Genocídio sem limites, aniquilação de milhões dos “bungled and botched”.

*«The object is to attain that enormous **energy of greatness** which can model the man of the future by means of discipline and also by means of the annihilation of millions of the bungled and botched, and which can yet avoid **going to ruin** at the sight of the suffering **created** thereby, the like of which has never been seen before.»*

Friedrich Nietzsche, “The Will to Power: an Attempted Transvaluation of all Values” (1910). London: George Allen & Unwin Ltd.

O Corpo Social

Corpo Social

Totalitarismo / Der Wille zu Macht / A Máquina e o Organismo.

O Corpo Social, um grande organismo integrado com forma parahumana.

O Corpo Social é um zombie sintético e anti-humano.

As células, unidades produtivas.

Corporativismo.

“A Grande Mãe”.

A gestalt do Corpo Social como “Grande Mãe” – O sistema “matriarcal”.

O primeiro twist of lemon – controlo total.

O segundo twist of lemon – Narcisismo, destrutividade e morte.

Um window-dressing infantil para um regime de crime organizado.

Pink Floyd - Mother Lyrics

Corpo Social: Narcissus is totalitarian

O Corpo Social “é” um narcisista.

Working rationalizations do regime totalitário / dívida, infantilização, “protecção”.

Distorção de identidades de género para sociedade de dependentes domesticados.

A falha narcísica / Eros e Tanatos / Hell on Earth.

A falha narcísica / narcisista vê vida como espaço fechado onde se domina ou é dominado.

A falha narcísica / comunicação, entre a maiêutica oficiosa e a explosão histérica.

Mythos para consolidar poder, e.g. “protecção”, “unidade”, “harmonia”.

Colectivismo.

Ambiente controlado, psicológico e físico, para microgestão.

Microgestão de pessoas e relações sociais / social sorting.

O kindergarten.

Arbitrariedade e capricho.

Arbitrariedade e capricho / mindjob para narcisismo.

Irracionalismo, superstição, ignorância / pensamento particularista.

Outro tem de deslocar toda a agressividade para a defesa do narcisista.

Managerial class / cartéis epistemológicos / obscurantismo.

Managerial class, características gerais.

As subcastas no topo da managerial class.

“Eunucos” no topo incorporam o papel do “deus”/“deusa”.

Moldar homens e mulheres para typos do “deus” e da “deusa”.

Corpo Social

Totalitarismo / Der Wille zu Macht / A Máquina e o Organismo.

A mente autoritária/totalitária pretende organizar pessoas como organizaria uma casa. Alguém que arruma um quarto tende a organizar os vários objectos por categorias, espaços, posições. Isto pertence aqui, aquilo é para ali, o outro é encaixado no outro lado. Algumas coisas vão para o caixote do lixo, outras são tiradas de vista e metidas em armários fechados, e por aí fora. Agora, um quarto corresponde a um conjunto de objectos inanimados; coisas sem vida e sem opinião própria. Logo, é tudo muito bem quando alguém opta por arrumar um quarto, mas as coisas complicam-se a partir do momento em que existem personagens que tentam fazer o mesmo tipo de coisa com pessoas. É isso que acontece com a mente autoritária e com a forma mais extrema dessa mente, a mente totalitária. Aí, a ideia é a de “arrumar”, organizar, uma sociedade humana da mesma forma que se faria com um quarto.

Der Wille zu Macht / impor vontade oligárquica a cada indivíduo e a cada família. É assumido que os objectos (pessoas) não têm o direito a opinião ou a vontade própria (ou a quaisquer outros direitos), e que podem ser encaixadas, distribuídas, instrumentalizadas, moldadas, adulteradas, de acordo com a vontade suprema do organizador. É a ideia de que um grupo organizado de indivíduos pode tentar impor a sua própria visão organizacional unificada e coerciva a todos os restantes indivíduos. A este exercício chama-se totalitarismo. É um exercício em cupidez, egoísmo (de grupo, porque é sempre feito por um bando, uma vanguarda) e, claro, em usurpação e crime. Visa super-impor uma visão organizacional específica à sociedade, em preterimento da vontade soberana de cada indivíduo, criado igual e único, dotado de direitos inalienáveis; direitos que ninguém lhe pode legitimamente negar. Como este tipo de regime é aberta e assumidamente ilegítimo, o que acontece é que usurpa os direitos do indivíduo, nega-os, e impõe a vontade para o poder, a der Wille zu Macht, por todas as formas de acção criminosa, com manipulação, coerção, agressão e por aí fora.

Totalitarismo é sempre baseado em crime organizado, terror, autoritarismo.

Desumanização e bestialização são a norma, não a excepção. Totalitarismo é um exercício em arrumação e organização da sociedade humana. É claro que se baseia sempre no reino de terror, para destruir a velha estrutura da sociedade e impor a vontade específica dos indivíduos governantes sobre todos os restantes, e o seu modus operandi baseia-se sempre em gangsterismo político, exploração ilimitada do público, campos de trabalho forçado, genocídio. A economia é invariavelmente destruída e há sempre um retrocesso civilizacional a todos os níveis. Existe sempre a boot stamping on the human face forever. O ambiente psicossociológico é tornado num pântano de brutalização e desumanização. O ser humano é sempre tratado como algo mais baixo que um animal e, em todas as instâncias em que isso é possível, é reduzido a esse nível. Isso, claro, é feito por pessoas elas próprias bestializadas, animalescas. O regime totalitário é sempre baseado no uso das classes criminosas para conter e suprimir o resto do público.

Reino de terror tem sempre um PR spin, “utopia” (vs. “eutopia”).

(E, “fins justificam os meios” – **wrong**, isso **nunca** é verdade). Mas tudo isto, todo este reino de crime e terror, tem uma teoria de relações públicas, um esquema conceptual que visa racionalizar as acções do regime como actos pragmáticos essenciais para a obtenção de utopia, o putativo paraíso terrestre. Se isto fosse um exercício honesto, o termo usado seria *eutopia*, “bom lugar”, e não *utopia*, “lugar vazio”, “nada”, “the void”, i.e. um sítio puramente imaginário e inexistente que é usado para criar fábulas de encantar. Existem muitos requisitos para chegar a esta terra de Oz, e uma delas é a total e completa tiranização de tudo e de todos, por um sistema total, extremo, integrado, que tudo abarca, tudo regula, tudo policia.

Matemática vs Biologia, i.e. Máquina Social vs. Organismo Social. Isto é o domínio dos contadores de histórias de feira, portanto existem sempre imagens ilustrativas. A primeira imagem mais importante é a da Máquina Social, e a Máquina é algo que é criado com exactidão, por peritos, usando Matemática; tecnocracia extrema. Só que matemática é algo de complicado para a maior parte das pessoas, incluindo aquelas nestes circuitos, e a biologia oferece imagens mais fácil e intuitiva. Portanto, salta-se de matemática para biologia e obtém-se o Corpo Social.

O Corpo Social, um grande organismo integrado com forma parahumana.

Cérebro, órgãos, tecidos sociais, células/unidades produtivas, sistema circulatório, etc. A sociedade totalitária é conceptualizada como um enorme organismo, uma espécie de criatura parahumana, e este organismo tem de ser plenamente integrado para funcionar como *um*, sob a direcção da oligarquia no topo, no cérebro. Um corpo está organizado em órgãos, sistemas e subsistemas funcionais, tecidos especializados, e esses tecidos são compostos de células. Os indivíduos são células e têm de ser especializados para trabalhar “harmoniosamente” com o resto do organismo (i.e. são entidades regimentadas e sem vontade própria / unidades que produzem trabalho e energia). As células que se portam mal são, claro, cancro, e têm de ser mortas pelo sistema imunitário, e isso é a polícia, os militares, os gangsters locais e por aí fora (na verdade, é tudo o mesmo outfit, sob totalitarismo). Existe um sistema circulatório, com sangue e linfa, e isto é latamente traduzível por crédito, comunicações, energia, etc., aquilo que faz o sistema operar. É claro que o mecanismo circulatório que sustém realmente o corpo social é a transmissão, retransmissão, circulação de *poder*.

Funcionamento “harmonioso”, i.e. totalitário. É esperado que todo o organismo funcione de modo “harmonioso”, i.e. integrado e interdependente, onde nenhum tecido dá um passo sem interacção com os restantes e sem a ordem do sistema nervoso, que gere toda a operação.

O sistema nervoso / decision-making / intelligence. O sistema nervoso é distribuído do encéfalo às várias terminações nervosas ao longo de todos os sistemas especializados e tecidos. Em si, o encéfalo contém a única parte consciente de todo o organismo e isto, claro, são as castas de “topo” com professores, consultores, paraintelectuais, psiquiatras, e por aí fora (um conjunto bastante apocalíptico de personagens), que operam os níveis superiores de *intelligence* e

decision-making (as duas são sempre valências integradas e concomitantes), para o corpo sociedade. Todas as restantes componentes respondem a uma ou outra forma de automatização: recebem e transmitem ordens, captam informação, retransmitem-na para os níveis superiores. Toda a aparência do sistema é algo como uma rede fluida e ubíqua, pela qual o organismo social mantém controlo e coordenação sobre si mesmo. Tenhamos sempre em atenção que aqui se fala de regimes criminosos. Estas coisas tão “harmoniosas”, quase poéticas, servem para expressar os tipos mais extremos de banditismo. O “sistema nervoso” quase perfeito é aquilo que a Stasi tinha, na Alemanha de Leste. Eventualmente, todo o sistema nervoso, no corpo social, é suposto ser uma valência de *intelligence*. Esta função não tem nada a ver com a visão hollywoodesca sobre espões, agentes russas e por aí fora; da mesma forma, não é uma função adstrita a firmas especializadas em gestão de informação. Num organismo totalitário (ou sequer medianamente autoritário), *intelligence* existe para agregar e incluir todas as valências orgânicas devotadas à recolha, transmissão e gestão de informação, relativa ao funcionamento do organismo total. É claro que todo o aparato é comandado a partir de valências modulares e de funções integrativas no encéfalo, e isto são fusion centers e afins.

O Corpo Social é um zombie sintético e anti-humano. É claro que este corpo social é, na prática, um *zombie* sintético. Como Herbert Spencer fazia notar, é algo que se forma de modo inteiramente sintético, de modo comparável ao que aconteceria se fosse possível combinar colónias protozoárias ou bacterianas num único todo integrado, para criar algo aparentado, em forma, com um organismo humano. O que haveria seria uma má imitação, um *golem* sintético, uma espécie de abominação morta-viva. Uma Besta, na verdade. Esse *golem* seria comandado de forma arbitrária pelas colónias de eunucos de topo que residem no encéfalo superior.

As células, unidades produtivas.

As células produzem energia e trabalho. Aqui, cada célula é uma unidade produtiva, uma fonte de energia e de trabalho, que está organizada no seu respectivo tecido social, económico, político, etc.

Utilitarismo / especialização / mind your place / obscurantismo. Como toda a sociedade está organizada sob diferentes segmentos utilitários e especializados, o mesmo acontece para as pessoas, o que significa, mind your place; cada macaco no seu galho. Isto funciona a todos os níveis e o mais óbvio é, claro, o da repressão política. Mas está sempre associado a uma lógica platonista de divisão do trabalho por slots obscurantistas e bestializadas, onde cada pessoa recebe apenas o grau de conhecimento e de formação (por oposição a educação) que é necessário para cumprir a função orgânica para a qual foi seleccionada; e onde as pessoas são mantidas num estado de ignorância, iliteracia funcional, veneração supersticiosa dos seus superiores. O grau de

instrumentalização e de inumanidade que é imposto a este tipo de sociedade implica que todos têm de ser despersonalizados, tornados denizens mornos e insípidos.

Criminalidade organizada sobre a população. Isto é um sistema de despotismo absoluto, o que significa que toda a gente é regulada e policiada em tudo o que faz; com efeito é, por definição, um sistema criminoso.

Corporativismo.

Corpo Social = Corpore, e daqui vem **Corporativismo**.

A sociedade orgânica, i.e. totalitária, onde tudo é controlado, gerido, organizado. O corpo social é aquilo a que se chama *corpore*, e daqui vem o conceito de Corporativismo; a sociedade orgânica, totalmente organizada, autoritária, hierarquizada, regimentada por órgãos de poder, tecidos sociais, tecidos económicos, sistemas produtivos, centros executivos de decisão, unidades produtivas, e por aí fora – biologia. Aqui, toda a sociedade tem de trabalhar em conjunto, o que significa que tudo é abarcado por um aparato integrativo, o próprio aparato sistémico totalitário, que assegura o trabalho conjunto e harmonioso entre os diferentes sistemas orgânicos num único sistema corporativo, o Corpo Social.

Socialismo, Tecnocracia, Nazismo, Comunismo, Fascismo (**all the same, Corporativismo**).

Esta é a teoria e prática de Socialismo, Comunismo, Tecnocracia, Nazismo, Fascismo; é tudo a mesma coisa, variando apenas em pormenores de detalhe. Mesmo as formas actuais de tecnocracia são biológicas, sob matemática relativista aplicada ao funcionamento complexo de sistemas orgânicos.

Fascismo é o termo mais apropriado para tudo isto.

Fascii e subfascii / soviète / comunidade / etc.

O colectivo integrado, o fascii, formado à esquerda e à direita para ser jogado ao fogo. O termo mais apropriado para todas estas coisas é, na verdade, aquele que foi mais desacreditado e mal usado ao longo das décadas (porque é que terá sido) e isso é, Fascismo. Como foi dito, todas as divisões orgânicas estão unidas, *atadas* entre si, naquilo que configura um grande e gigantesco feixe social, e essa é a definição de *fascii*. Por sua vez, cada divisão orgânica é, em si mesma, um *sub-fascio*, algo que organiza, regula e regimenta todas as entidades e todas as pessoas sob a sua alçada. É claro que também se poderia usar o termo *soviète*, ou o termo *comunidade*, que significam a mesma exacta coisa; são sinónimos funcionais de *fascii*. Cada *fascio* individual (*soviète, unidade comunitária*) é, desta forma, presa e harmonizada com os restantes *fascii* (*soviètes, unidades comunitárias*), naquilo que é a totalidade do estado corporativo (o estado fascista, soviético, comunitário, etc.) Porém, *fascii* é definitivamente o termo mais apropriado, já que captura a essência exacta do que é pretendido aqui. O feixe é aquilo que existe à esquerda e à

direita, onde as pessoas de mau carácter e as pessoas de fraca vontade são atadas e amarradas entre si, para serem cortadas e jogadas ao fogo; ou, quando possível, para serem libertadas e tornadas individuais novamente; como foi dito pelo próprio filho de Deus. Nada funciona por mero acaso.

“A Grande Mãe”.

A gestalt do Corpo Social como “Grande Mãe” – O sistema “matriarcal”.

Um sistema matriarcal NÃO é um sistema governado por mulheres.

É o regime autoritário/totalitário, e usa o PR spin “feminino” para categorizar o Corpo Social.

A “deusa” é sagrada e a “mãe” dá colo, leite e amor. O erro essencial que é cometido quando se fala de matriarcalismo é a assumpção de que um sistema matriarcal é um sistema governado por mulheres, as mães da comunidade ou algo neste tipo de linha. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Aquilo que caracteriza uma sociedade matriarcal é apenas o facto de estar elaborada à volta da gestalt específica da “deusa-mãe”. Uma *gestalt* funciona sempre como um grande conjunto conceptual organizado, uma forma abstracta de ideias e de preceitos axiomáticos. Isto significa que a sociedade é organizada para ser um grande Corpo Social, mas também que esse corpo sintético recebe um spin muito habilidoso de relações públicas; para ser considerado uma *mulher* e, mais que isso, uma *deusa* e uma *mãe*. Uma deusa é algo de sagrado, algo que dança no Olimpo, no meio de toda a ambrósia e das várias nuvens de algodão. E é uma mãe. Uma mãe não faria mal a ninguém, certo? Uma mãe amamenta e protege as suas crias. Dá-lhes colinho. Uma mãe cheira bem. Uma mãe tem seios plenos de bom leite. Ou seja, pegou-se neste corpo sintético radicado em crime, e deu-se-lhe, mais que uma cara humana, uma cara maternal.

O primeiro twist of lemon – controlo total.

Segundo nível de entendimento da imagem.

A mãe tem controlo absoluto sobre os filhos / a baseline “poética” para o estado totalitário. Mas é claro que existem mais implicações a esta imagem, o twist of lemon por cima do leite doce. A

mãe tem controlo absoluto sobre os filhos. Educa-os, molda-os à sua preferência. Decide o que fazem, quando fazem, o que comem, o que lêem, o que vestem, etc. – etc. Quando é preciso, bate-lhes. E esta é uma boa baseline imagética para o estado totalitário. Isto é uma espécie de segundo nível de entendimento da ideia da deusa-sociedade, e este segundo nível é dado aos vários consultores, burocratas, fanáticos, comissários, que operam os níveis intermédios do sistema. É uma visão que torna escravatura em algo de poético, como tudo o resto na ideia do Corpo Social.

O segundo twist of lemon – Narcisismo, destrutividade e morte.

Terceiro nível de entendimento da imagem, liquor, prozac, narcissism, suicide, murder.

O e.g. ilustrativo da mãe que entra numa espiral auto e hetero destrutiva. Agora, conceba-se uma mãe que se encharca em pop culture e prozac e perde completamente a noção da realidade. Entra num estado psicótico, onde toda a noção de real, de certo e errado, de coerente e incoerente, se torna fluida e difusa. Começa a envolver-se em drogas e álcool. Estoura o dinheiro na conta com compras e jogo e depois engana o marido, a família, o patrão, os vizinhos, para obter mais dinheiro. Torna-se uma mentirosa compulsiva. Torna-se inacreditavelmente manipulativa. Destrói a relação com o companheiro, forçando-o a sair de casa. Vai ter sexo com homens que encontra ao calhas na rua, fazendo-o em frente aos filhos. Tenta afogar um dos filhos na banheira, mas ele consegue fugir e, portanto, embebeda-se e cai redonda no chão até ao dia seguinte. Sobe ao telhado da casa com os filhos pequenos e começa a retalhar-se com uma lâmina, e aos próprios filhos, perante o olhar atónito dos vizinhos. Antes de a polícia chegar, a mãe já se meteu no carro, com os filhos no banco de trás, conduz a 130 em zonas de 40, e acaba por se atirar, de propósito, por uma ponte abaixo, com o carro a cair 50m de altitude antes de acabar no fundo das águas geladas do rio. Este momento, na sua mente momentaneamente desarranjada, é uma poética declaração de justiça existencial. Este exemplo ilustrativo é uma colectânea de casos reais, sempre com mães, sempre à volta de jogos psiquiátricos, e isto passa sempre por drogas psicotrópicas, entre outros.

As duas fases essenciais: 1) mãe perde a cabeça 2) entra em espiral de destruição.

1) O sistema totalitário é narcísico e destrutivo.

2) Tem um self-destruct clock embebido em si mesmo. O exemplo ilustra duas fases da figura maternal. Numa primeira fase, a mãe perde a cabeça para ganhar uma disfunção psicótica. A partir daí, passa a assumir um registo narcísico (me me me). Este registo leva a uma interminável saga de destruição, sobre o self e sobre os outros em redor. Culmina em literal suicídio, e esse acto de suicídio é também o acto de assassinato dos próprios filhos. Tudo isto é vital para a conceptualização da “grande mãe” totalitária, e faz parte, embora de forma mais ou menos indirecta, mais ou menos obscura, dos mitos justificativos que são dados às classes de serventes

do sistema. O Corpo Social é um sistema narcísico e destrutivo. É caprichoso, arbitrário e totalitário. Tudo absorve, tudo consome, tudo destrói para preenchimento próprio. A sociedade totalitária não é (by design!) alguma forma de sociedade estática, onde haja algum estado perpétuo e auto-sustido de “harmonia totalitária”, ou qualquer coisa que o valha. Bem pelo contrário, existe um self-destruct clock.

Serve para absorver, devastar, controlar em nome dos donos / pessoas muito ricas e poderosas.

Depois, é implodido numa orgia de sangue e destruição.

Sociopatas pequenos são dispensáveis, após terem cumprido o seu trabalho. A sociedade totalitária serve como um buraco negro narcísico que absorve tudo em redor, em prol de alguém, após o que se auto-destrói e leva tudo em redor atrás. *Em prol de alguém*, e quem é este alguém? Os proprietários do sistema, that's who. Indivíduos, grupos e famílias que são extraordinariamente ricos e poderosos e montam este tipo de sistemas para roubar (literalmente) tudo o que haja de valor num território, mantê-lo sob controlo; e, quando o sistema em si se torna obsoleto, incómodo até, é implodido, numa orgia de sangue e destruição. Nenhum sociopata que se preze gosta de preservar outros sociopatas por perto, mesmo quando são subalternos, a não ser que isso seja estritamente necessário.

Um window-dressing infantil para um regime de crime organizado. Uma vez mais, nada disto tem a ver com papéis de género ou outras coisas que o valham. Isso é o window-dressing para certos tipos de fábulas narrativas que são dadas às classes inferiores de serventes. Quanto muito, para antropomorfizar isto, é preciso recorrer ao papel social que vai ser mencionado mais à frente, e esse é o da classe sociopática no topo da managerial class.

Pink Floyd - Mother Lyrics

A criança insegura que em tudo depende da Mãe; medo de incerteza, medo de agressão, medo de mulheres, medo de achievement, medo de amor, medo de castração, medo da vida. Depois, aquele momento fatídico onde pergunta «*Mother should I build the wall?*», i.e. Mãe, deveria construir uma barreira para com o mundo, e ficar inteiramente dependente de ti?

«Hush now baby, baby, don't you cry. Mama's gonna make all your nightmares come true. Mama's gonna put all her fears into you. Mama's gonna keep you right here under her wing. She won't let you fly, but she might let you sing. Mama's gonna keep baby cozy and warm. Ooooh baby, ooooh baby, ooooooh baby, Of course mama's gonna help build the wall... Hush now baby, baby don't you cry. Mama's gonna check out all your girlfriends for you. Mama won't let anyone dirty get through. Mama's gonna wait up until you get in. Mama will always find out where

you've been. Mama's gonna keep baby healthy and clean. Ooooh baby, oooh baby, oooh baby, You'll always be baby to me»

E depois é claro que também há aquele momento onde é questionado, «*Mother should I trust the government?*». Aqui a “mother” é o protector máximo, acima do próprio governo, mas é claro que o governo se pode transformar na Mãe, e é claro que é isso que todos os governos tendem a tentar fazer, mais cedo ou mais tarde.

E a canção é largamente sobre isso, quando se estuda o que Roger Waters está realmente a dizer. Quando se substitui “mother” por “governo”, obtém-se uma imagem muito claro do que está a ser dito; esta é uma canção sobre governo totalitário. Estás totalmente envolvido pelo e no sistema. Microgestão. Laços humanos são quebrados e geridos. És mantido numa condição infantil, cultivado em medo, insegurança emocional, ensinado a amar e a sentires-te protegido por aqueles que te agredem. «*She won't let you fly, but she might let you sing*». Bem, voa.

Corpo Social: Narcissus is totalitarian

O Corpo Social “é” um narcisista.

Gestalt da “deusa-mãe”/sociedade, modelada no *typos* narcísico.

Sem relação com o role model caricatural de género, criado por oligarquias doentias. A *gestalt* da deusa-mãe é modelada com base literal na figura, no eidolon, da personalidade caprichosa, da *personalidade narcísica*. Isto é o *typos* de personalidade per se; e não a “mulher caprichosa ou narcísica”, que é uma aberração caricatural criada como role model de género por oligarquias doentias. O que é dito com tudo isto é que a sociedade-organismo é, per se, uma pessoa narcísica.

Procurar prazer, fugir de dor (Escola de Frankfurt). O complexo central em narcisismo é esta relação, onde toda a vida da pessoa é centrada na procura de prazer e no evitamento do dor. Na verdade, é preciso ler pessoas como Adorno, Marcuse, Lukacz, e outros, os terroristas culturais da Escola de Frankfurt, trotskyistas pró-nazis, empregados para os banker boys em NY. É daí que vem a maior parte da teoria sobre como criar narcisismo, na pessoa e na sociedade em geral (ler dispersão de notas em *Engenharia Psicossocial*).

Egocentrismo e autoritarismo. O narcisismo começa por ser definido por egocentrismo. O narcisista vê-se a si mesmo como o centro do universo, e exige que toda a realidade se subordine à sua pessoa; autoritarismo. A sociedade-organismo é uma sociedade autoritária e, como tal, vai exigir que todos os indivíduos se subordinem à sua vontade central.

Working rationalizations do regime totalitário / dívida, infantilização, “protecção”.

“Dívida”. O narcisista sente a necessidade de controlar e dominar irrestritamente o outro, de o fazer viver para ele. Porém, *racionaliza* o seu egocentrismo autoritário pela categorização ad hoc dos alvos do seu autoritarismo. O alvo do narcisista deve-lhe algo e tem de pagá-lo de volta, e isso implica que está sujeito à arbitrariedade do credor, o narcisista [*e todos os regimes autoritários usam esta premissa essencial, dívida. Hoje, com o casamento pleno entre banca e governo, onde um é o outro e vice-versa, isto torna-se a premissa essencial. “Todos me devem e ninguém me paga, portanto vão sofrer”*].

“As crianças são incapazes, precisam de quem olhe por elas”. A pessoa é infantil e incapaz, o que significa que precisa de ser tratada de forma autoritária, para o seu próprio crescimento [*o estado autoritário regula o que tu sabes, dizes, aprendes, comes, bebes, etc etc., é um nanny state pedofílico*].

“Tenho de te proteger e controlar, para o teu próprio bem”. O anterior também significa que precisa de ser protegida e controlada de forma total; caso contrário, fará algo de errado, infligirá danos a si mesma ou a outros [*e hoje tudo isto significa o casamento de “segurança” armada, stormtroopers paramilitares, com “segurança” financeira, derivativos – ambos tornam a sociedade inteiramente insegura*]. Protecção significa sempre agressão. Pessoas normais não querem, nem precisam do tipo de “protecção” que o narcisista tem para oferecer, i.e. controlo total. Portanto, o narcisista tem de *manipular* o outro, frequentemente até a *forçá-lo*, para querer isso [*e isto é, claro, a dinâmica do estado policial – a dialéctica agressão/protecção, onde o estado autoritário vai ensinar as suas crianças a amá-lo e a sentir-se protegidas por ele, enquanto as agridem*].

Distorção de identidades de género para sociedade de dependentes domesticados. O narcisista gera uma sociedade de dependentes, pessoas que pode explorar, e usar a seu bel-prazer. O sistema montado sob estes preceitos organiza uma sociedade onde as pessoas são reduzidas ao estatuto de animais domesticados.

Homens e mulheres reais são independentes, self-reliant e responsáveis.

São protectores infatigáveis dos seus e das suas comunidades. Um homem real é alguém que é informado, moral, activo, protector dos seus e da sua sociedade, consistente, coerente. Uma

mulher real está precisamente nas mesmas linhas; é alguém que positivamente arranca à dentada a garganta de qualquer predador que tente atacar as crias, e isto não significa apenas os filhos. A mulher é a mãe e é a protectora do agregado familiar e da sociedade em redor. Ambos são pessoas com cabeça própria, self-reliant, independentes.

Tiranias precisam de desfigurar as identidades naturais de género, trocá-las por caricaturas. Estes papéis, naturais em todos os seres humanos, são incompatíveis com crime organizado, despotismo, porque lhe resistem, logo é preciso fazer mindjobs às pessoas e dar-lhes identidades artificiais de género, caricaturas daquilo que é suposto *ser*. Caricatura é o melhor termo aqui, já que é mesmo sarcasmo mesquinho que está aqui em causa, e é por isso que o público convertido a estes papéis costuma ser nomeado como gado, animais burros e maleáveis, pelos big boys. Este sistema faz sempre troça dos idiotas úteis, tolos voluntários.

Dependência, superficialidade, desinteresse, irracionalismo, vapidez. Dos homens é esperado que se tornem dependentes, macilentos, obcecados com questões de imagem e respeito social e assim sucessivamente. A autoridade acima manda. É o grupo, a sociedade, a corporação, o estado, quem manda naquilo que são e que fazem. Dependência de campo por oposição a independência de campo. Uma espécie de castratini figurativos que existem para cantar a sinfonia do sistema, em coro. O exercício de instintos masculinos é reduzido a um denominador comum absurdo. O homem pode sê-lo apenas em papéis aberrantes e em situações caricaturais, sob autorização. Pode ser um bully boy (hoje, um gangster ou um stormtrooper) e, aí, ser cultivado para a violência e para a perturbação mental. Pode ir beber cervejas, gabar-se, ir a arenas para vibrar com espectáculos vicariantes. Pode fingir que é viril porque fez estes e aqueles lucros, porque tem este ou aquele carro e dormiu com esta ou aquela mulher. É um homem respeitável se estiver interessado e preocupado apenas com o nonsense que vem de cima. A mulher é igualmente tornada numa caricatura absurda de si mesma. Por um lado, isto significa que vai ser rotinada para emocionalidade excessiva (uma distorção de instinto maternal), por exclusão de racionalidade. Ser racional será apresentado como algo que é masculino, ou não é sexy, ou é reservado a funções específicas, a trabalhar para uma grande organização. Por outras palavras, as mulheres serão rotinadas a ser superficiais e histéricas. Serão igualmente rotinadas a ser ultra dependentes de campo, pessoas que dependem do grupo (família, comunidade, organização, estado, etc.) para tudo. Isto vai significar a criação de dependência extrema de artefactos sociais, com a identidade da pessoa a ser essencialmente definida por marcas de agradabilidade social (e.g. opinião dos pares, o tipo de roupas que se usa, etc.) Serão tornadas desinteressadas do rumo geral, e do destino, da sociedade. Aprenderão a confiar na classe governante, uma classe predatorial.

Tiranos dão sempre *muita* importância ao público feminino.

“Primeiro vem a mente da mulher, depois ela trata da criança, o homem vem a seguir”. Agora, este último ponto é bastante importante, dado o poder de influência social das mulheres, que é, no agregado, significativamente maior que o dos homens. Qualquer tirano sabe que, se quer

governar, tem de cativar o apoio de uma parte bastante significativa do público feminino. Como Nero e Hitler observaram, primeiro captura-se as mentes das mulheres, depois elas tratam das crianças e os homens têm, por necessidade, de vir a seguir; caso contrário serão excluídos pelas mulheres. E é claro que a serpente foi falar com Eva, e não com Adão, para obter mudança social no Paraíso. Na prática, a classe governante tirânica sabe que tem de se casar com a maior parte do público feminino, uma espécie de contrato psicológico em massa. Isto vai dar origem a todo o tipo de medidas de exceção. E.g. na Idade Média as mulheres eram tornadas informantes para a paróquia e para o lorde feudal. Na Alemanha Nazi, Hitler criou um programa de subsídios especiais e kindergartens para mães. Na URSS havia toda a xaropada insincera e propagandística sobre igualdade de sexos; todos podiam ser tornados escravagistas de estado, o que interessava era a ausência total e completa de personalidade própria.

A falha narcísica / Eros e Tanatos / Hell on Earth.

A falha narcísica / insegurança extrema / emoções e opiniões sociais.

Dependência extrema de terceiros / sem aprovação, colapsa. A personalidade narcísica é radicada naquilo a que se chama de *falha narcísica*, e o centro focal disto é insegurança. O narcisista é extraordinariamente inseguro; vive em pavor de não ser bom, capaz, socialmente aceitável o suficiente. A sua vida interna é determinada pelo apego ao seu próprio conforto emocional e à avaliação de terceiros; ambos estão interligados. O conforto emocional advém da (boa) avaliação de terceiros e, quanto melhor esta for, tanto mais serão as probabilidades de que haja a obtenção de um paraíso sintético, uma perpetuação *ad infinitum* de conforto emocional; aí será feliz, será popular, será uma estrela, etc. Logo, o narcisista é *inteiramente dependente* dos terceiros à sua volta; sem a sua aprovação continuada, colapsa no abismo das suas próprias inseguranças.

Governo autoritário inseguro e paranóico / precisa de aquiescência para perdurar. [*E isto é um facto para governo autoritário, uma entidade ilegítima e insegura que apenas existe pela aprovação continuada dos governados. Governo não existe per se; é uma ideia que é convertida para o real por aquiescência colectiva. Para existir, é melhor que seja bom e legítimo. Agora, é claro que tal entidade é incrivelmente paranóica, e é por isso que precisa de guerra psicossocial, exércitos internos, sistemas de informação total e por aí fora*].

Desorganização, caos interno, fraqueza / opacidade, para esconder tudo isso. O grande desafio da personalidade narcísica é o de conseguir obter essa aprovação sem nunca expor a verdadeira profundidade da sua falha narcísica [*o governo autoritário é opaco, obscurantista e vive em pavor de alguma vez ser descoberto que é um enorme flop de incompetência, desorganização, fraqueza, já que aí o público deixaria de ir em cantigas*].

A ficção das múltiplas faces / e.g. dos kool aid cults das 1000 caras. Para isso, são usados dois métodos concomitantes; o narcisista tenderá a apresentar uma ficção de múltiplas faces,

nenhuma das quais é realmente verdadeira e genuína; esse lado não existe, ou melhor, nunca foi consolidado [*no passado, quando governo despótico era indistinto de kool aid cults, como a Babilónia ou o Egipto, isto era chamado o sistema das 1000 caras, as 1000 caras de Ísis e Osíris e por aí fora. Toda a operação de governo é baseada em ficção e em ilusão, e existe uma cara, uma ficção diferente para cada momento e para cada instância*].

Duas faces essenciais, agradabilidade vs. violência.

Face agradável, aparência de virtude, luz interior / mas há sempre give aways.

Visa obter respeito, devoção, afecto, etc. Porém, existem duas fases que são mais ou menos essenciais, grandes umbrellas gerais de personalidades artificiais. Uma é agradável, singela, simpática. É dialogante, vulnerável, ingénua; passará a aparência de virtude e luz interior. Aparenta até ser *demasiado* perfeita e honesta, e os grandes give aways aqui são a passividade e o excesso de ingenuidade, sempre presentes nesta face; virtude real *nunca* é passiva e ninguém é *tão* ingénuo como esta face. Esta é a face pela qual o terceiro é convidado a gostar do narcisista, a estabelecer laços de dependência para com ele, a deixar-se envolver por esses laços. O narcisista *precisa* desse envolvimento, alimenta-se disso. E, claro *precisa* também do que vem a seguir: demonstrações de afecto, respeito, devoção, etc.

Governo autoritário gostaria de se vender a si mesmo como sendo a Heidi nos Alpes. [*Governo autoritário tem sempre de organizar campanhas psicossociais ininterruptas para obter a aprovação ou, no mínimo, a apatia do público. Precisa de vender a sua virtude, as suas boas intenções, o seu amor pelas criancinhas, a sua placidez e ingenuidade. Não há nada que um governo autoritário goste mais do que apresentar-se como Heidi dos Cabelos Ruivos, aos saltinhos pelas montanhas. É claro que Heidi aqui é um pedófilo gordo de meia idade, com uma peruca ruiva e um cachecol cor de rosa. Nas séries e nos filmes, as várias organizações que exercem poder sobre o público vão tender a ser apresentadas como espaços de inovação, juventude, candura, profissionalismo em prol do público. Estas organizações compõem uma forma de “team nation”, ou algo para este efeito. E depois é claro que as autoridades vão fazer como a máfia italiana, i.e. vão montar elaborados espectáculos comunitários onde toda a gente vai lambe-lhes os pés e dizer-lhes o quão virtuosos são. Isto é normalmente feito com actores e provocadores, para as câmaras, mas o governo autoritário pleno quer sempre estar ao nível da URSS, do Nazismo ou do comunismo chinês, onde as pessoas normais vão realmente fazer estas tristes figuras*].

Face agradável: Eros / paraíso, utopia / unidade, etc. Esta face representa Eros, sedução para o paraíso existencial no aqui e no agora. É o eidolon que promete a obtenção de uma forma de equilíbrio perfeito no aqui e no agora da relação [*unidade, desenvolvimento, comunidade, utopia!*].

Eros é concomitante com Tanatos, a segunda grande face.

Após a promessa de paraíso, vem escravidão, morte e destruição. Eros é concomitante com a segunda grande face, o segundo grande umbrellar personalístico, e isto é Tanatos. Tanatos, claro, representa escravidão, morte e destruição. O outro tem de ser seduzido a almejar pelo paraíso terreno no aqui e no agora, no contexto da *relação humana*, como forma de se apegar o suficiente à *relação* para, dessa forma, poder ser escravizado nela. O processo é gradual [*a comunidade podia ser melhor, sem dúvida, mas por agora é aquilo que se pode arranjar. Vai mudar fraldas a idosos e recebe a tua lata de soja GM em troca, os teus pequenos créditos sociais. A utopia ainda está distante!, por causa daqueles terroristas, as pessoas que não gostam do governo*].

O narcisista joga sempre o jogo da corda com o outro; para o atirar para o chão. A personalidade narcísica vai encarar a relação como uma forma de jogo da corda, que só é ganho quando o outro estiver inteiramente no chão; esse é o objectivo do jogo. Isto significa que vai *puxar* o outro para si, e isto significa que vai existir uma alternância entre faces. Tanatos puxa a corda, mas Eros sorri e oferece uma recompensa, por forma a fazer com que o outro *creia* que o jogo é vantajoso para si. O jogo perdura durante um espaço de tempo e, se a personalidade narcísica levar a melhor, o que isto significa é que o outro é gradualmente puxado para fora do seu próprio pólo de independência até estar inteiramente no chão [*a destruição plena de relações humanas, o campo de trabalho forçado, o programa de eutanásia para cortar custos, etc.*]

Tanatos exige abdicação absoluta, no mental e no material. Agora, o outro perdeu toda a sua independência e tornou-se inteiramente dependente deste agressor de duas faces. A face reinante é agora Tanatos. Já não existem prémios. Tanatos exige obediência absoluta e abdicação absoluta do outro em seu nome; o outro tem de perder a sua identidade pessoal [*despersonalização, conversão social*], sentir-se feliz por abdicar das suas posses materiais em nome do narcisista [*austeridade, espartanismo*], e obedecer-lhe por inteiro em tudo [*regimentação, obediência social, disciplina augusta, escravidão, servilismo*].

Narcisista sente-se tanatizado pelo sucesso do outro e obtém Eros pela sua derrota.

Dê-se poder a isto, and hell on earth awaits. Eros e Tanatos também se expressam na própria realidade do narcisista. Antes de chegar ao patamar de domínio, o narcisista sente-se tanatizado pelo que entende como sendo o Eros do outro, pela sua estabilidade e segurança [*que horrível e detestável é ver todos estes escravos com carros, casas, rendimentos, a viver vidas confortáveis, a fazer aquilo que querem, a pensar que têm direitos, a exigirem responsabilidade!*] Depois de chegar ao patamar de domínio, obtém o seu Eros, a sua satisfação, pela tanatização do outro. A uma escala social, isto é sempre manifesto numa forma ou outra de epicurismo sadístico [*dê-se poder irrestrito a isto, e o inferno é lançado sobre a Terra*].

A falha narcísica / narcisista vê vida como espaço fechado onde se domina ou é dominado.

Nunca existe real igualdade, mas pode haver lip service para com a ideia. O narcisista tudo avalia e tudo julga de acordo com critérios de cima/baixo, dominar/ser dominado, servir/ser servido. Nunca existe um equilíbrio, ou um meio termo de sanidade; nunca existe *igualdade*, apesar de poder haver lip service por igualdade [*tens direitos, mas o teu direito essencial é o de não ter direitos*]. É a forma que tem de ultrapassar as suas próprias inseguranças. A sua vida intrapsíquica mais profunda é um caos abismal de medo, temor, insegurança. Aqueles que são mais seguros que a própria pessoa surgem como estando num patamar mais acima [*a odiosa classe média independente, e as odiosas pessoas que passam por entre as gotas da chuva da doutrinação psicossocial*]; um patamar caracterizado pela estabilidade, pelo conforto interior e pela segurança de que a própria pessoa não usufrui; por vezes, são até semi-divinizados [*a mistura doentia de ódio e de admiração que as oligarquias dominantes sentem por quem não lhes faz as vontades*].

Toda a vida é encarada como um sistema fechado entre “ego” e “alter”.

Aí, “ego” só obtém poder se “alter” o perder / interdependência, dependência. Como toda a vida é encarada como um sistema fechado entre o “eu” e o “outro” (os terceiros), eu só consigo obter poder pelo desempoderamento do outro [*there can be only one, and I wan-I wan-I wan it to be the mobster government, please please please*]. Eu só consigo melhorar o meu estado de dependência se o outro também se tornar dependente de mim; ou seja, temos de ser interdependentes.

Eros, promessas e doces, serve para chegar a Tanatos, sujeição petulante. Quando a pessoa é presenteada com demonstrações de afecto, respeito, etc, fá-lo deste ponto de vista, de cima/baixo, mestre/servo [*beija-me os pés e eu atiro-te um doce, i.e. um subsídio, uma isenção, uma concessão*]. Logo, o outro não está a demonstrar bons sentimentos; está a rebaixar-se; o ego narcísico está a assumir controlo sobre o outro. Agora a pessoa deixou de estar na posição servil; sente que assumiu a posição de domínio. Antes, sentia-se rebaixada pela superioridade do outro. Agora, vai fazer uso da sua recém-adquirida superioridade para rebaixar o outro [*o poder irrestrito do regime criminoso é sempre usado de forma extremamente viciosa e destrutiva*]. Aqui, apresenta a segunda face, e esta é uma face triunfante, auto-intitulada, jocosa e vingativa. Esta face vai exigir o rebaixamento do outro e que o outro aceite a sua “dependência” e “subsidiariedade”. Vai exigir adulação, tributos, luxo; nos domínios emocional e/ou material [*e tudo isto sintetiza o regime criminoso*].

A falha narcísica / comunicação, entre a maiêutica oficiosa e a explosão histérica.

Narcisista: comunicação entre dissimulação, subentendido e a explosão histérica. O narcisista tem uma abordagem histérica à comunicação. Quando se zanga, quando fica frustrado, explode e faz explodir o mundo em redor com ele. Mas, na maior parte do tempo, limita-se a tentar manipular o outro, de uma forma que é, em essência, passivo-agressiva; dissimulação,

subentendidos e por aí fora. Nunca existe um straight deal, um pedido directo e honesto. O outro tem de conhecer as regras do jogo (mesmo que não as conheça; ou, especialmente *quando não as conhece*, já que isso faz parte do jogo narcísico) e tem de andar por aí meio perdido, a ir continuamente kiss up ao narcisista.

Regime: explosões histéricas / códigos officiosos / maiêutica / o labirinto sufocante. Isto é reproduzido no sistema geral. Quando a ideia é intimidar e causar pânico, são enviados stormtroopers, bully boys, torturadores, comissários, etc. Mas, na maior parte do tempo, existe uma orientação maiêutica dos cidadãos. Os cidadãos não *conhecem* oficialmente as regras porque, regra geral, as coisas não acontecem por regras oficializadas. Existe o código oficial, que é irrelevante, e o código officioso, que é conhecido por pistas, por dicas, por chicanaria, através de gincanas comunicacionais e outras coisas deste género. Dicas, pistas, guiar através de elementos: you go mouse. E, sem dúvida que a sociedade inteira é transformada no tipo de labirinto sufocante que Kafka representava nos seus livros.

Mythos para consolidar poder, e.g. “protecção”, “unidade”, “harmonia”.

Narcisista cria sempre um mythos psicológico, self-serving, para relação.

Narcisista tende a crer nas suas próprias narrativas / racionalizar unilateralismo.

Limitação grave em empatia, consciência moral (e.g. por trauma, psicotrópicos).

Em governo, isto expressa ausência de consciência, megalomania, hubris. O narcisista cria sempre um mythos psicológico sobre o qual a relação assenta. Por ex., que existe amor mútuo, devoção, protecção, conforto. Sacrifícios têm de ser feitos no presente para assegurar um futuro melhor, na e para a relação. O futuro melhor surgirá, desde que os sacrifícios sejam feitos. Esta é, consequentemente, uma realidade paralela mitológica, na qual o narcisista procura colocar o outro, de forma a conseguir controlá-lo. Esta realidade é assente em falsidade e artifícios; mentiras. Isto não quer dizer que o narcisista não *acredite* nelas; embora seja nonsense puro, é bem possível que o narcisista acredite genuinamente no mythos que criou. O narcisista não é necessariamente um psicopata. As suas narrativas tendem a ser *mais ou menos sinceras*, embora sirvam sempre para racionalizar e justificar os seus rumos de acção, algo que acontece mais ou menos by default [*Em seres humanos, isto expressa uma limitação grave em termos do funcionamento cerebral para funções como empatia e consciência moral, tipicamente provocáveis pela indução calculada de trauma ou pela exposição a certos químicos, como psicotrópicos. Em termos de governo, o que isto expressa é a ausência de consciência e de empatia, associada a megalomania, corrupção, hubris*].

Mitos essenciais, coisas como “protecção”, “conciliação”, “amor”. De resto, faz sentido mencionar que os mythos essenciais costumam andar à volta de memes como “protecção” (*i.e.*

controle irrestrito e escravatura), “unidade” (regimentação, colectivização), “conciliação” (fusão de tudo no mesmo sistema para controle absoluto, i.e. fascismo, comunismo, socialismo), “harmonia” (conformidade compulsiva sob autoritarismo coercivo), e até “amor”, o regime amavos (e quando as pessoas acreditam nisto, boy are they in for a ride).

Racionalizações narcísicas são, por norma, nonsense absurdo.

Narcisista precisa de ser travado e de um sério reality check.

Outro tem de tomar iniciativa, deixando de jogar o jogo do narcisista / travá-lo. Como estes rumos de acção tendem a ser benéficos para o ego, em prejuízo do outro, os esquemas de racionalização tendem a soar ofensivos e ridículos, para o outro que é prejudicado. E, sem dúvida que o são, mas é possível que o próprio narcisista esteja tão auto-centrado que não o consiga perceber. O que isto significa é que o narcisista precisa de ser parado, o seu poder retirado, chamado à atenção e compelido a mudar numa direcção moral. O problema é que o outro tende a não compreender que toda a relação é *de facto* uma fraude e, mais que isso, que o narcisista é o elo mais fraco e mais dependente na situação. O único modo realmente consequente pelo qual preserva e assevera o seu domínio é pelo controle psicológico do outro. Quando o outro resolver tornar-se independente, toda a relação colapsa, e o narcisista colapsa com ela. A tradução de todos estes princípios para questões de governo e de sociedade são auto-evidentes, especialmente a parte em que o sistema colapsa quando as pessoas lhe retiram apoio, confiança e, especialmente, toda e qualquer forma de colaboração. O sistema só existe e persevera porque as pessoas lhe fazem a vontade e abdicam de ser indivíduos self-reliant e independentes.

Colectivismo.

Envolvência no colectivo, conformidade. Colectivismo é essencial para isto. O indivíduo tem de estar envolvido por pessoas de todos os lados; a massa, o grupo de pares. Essa envolvimento tem de preenchê-lo; tem de abdicar de personalidade, individualidade, em nome de relação social, conformidade com o grupo.

Relações vazias, utilitárias / falsidade, ausência de solidariedade. Talvez nunca lhe falte companhia física, mas as relações humanas serão essencialmente vazias e utilitárias; e certamente ninguém deve fiar-se em solidariedade dos seus pares, na proverbial situação when the big boys come for you. É suposto que o indivíduo seja deixado inteiramente sozinho, face a face com o estado totalitário; sem clã, família, ou amigos para se interporem no caminho. É assim que o narcisista faz as coisas, é uma aranha que precisa de ter a presa isolada na teia.

Colectivização e atomização, simultâneas. Logo, existe colectivização, simultânea com atomização. O indivíduo está colectivizado, mas atomizado na massa.

Moralidade sintética e socializada. Recebe uma forma sintética e socializada de moralidade, onde o superego é uma mistura especiosa e irracionalista entre as pulsões emocionais e a “voz da aldeia”, i.e., a “comunidade”, o “social”. O mote que resulta de tudo isto é algo como, “eu faço tudo o que quero, desde que seja autorizado pelo grupo, pela sociedade”. Numa sociedade criminosa, isto significa uma forma de licenciamento para narcisismo e crime, dentro dos parâmetros que são autorizados. E é claro que pessoas com princípios são sempre caçadas, em sociedades criminosas.

Autoritarismo epistemológico, follow the leader também aqui / reforço mútuo. De cima vem a visão autorizada da realidade; a sociedade é tão autoritária no domínio epistemológico como em todos os restantes. Essa visão é depois reforçada pelos pares. Todos têm de acreditar no mesmo, embora possa haver (haja) variância por diferentes segmentos e grupos sociais, custom-made para diferentes tipos de personalidade e para diferentes áreas ocupacionais.

Policimento, informantes de vão de escada, crianças recrutadas, a trash society. É esperado que todos se controlem mutuamente, que todos vigiem aquilo que todos os outros dizem e fazem; a trash society. Até as crianças são treinadas a pregar essa partida aos pais. Ou seja, envolvimento total na grande máquina social maternalística, no grande seio que dá o leite, a realidade, a “protecção” (inexistente) e, claro, a agressão.

Ambiente controlado, psicológico e físico, para microgestão.

Ambiente controlado, para microgestão. Depois, também tem de haver controlo do ambiente físico do outro; o narcisista tem de colocar a sua vítima num ambiente controlado, onde controla tudo o que seja feito pelo outro (regulações, policimento, microgestão, etc.)

O ambiente físico não é tanto físico, per se, como psicológico / relacional. É aí que está o locus da vida do narcisista. O narcisista entende todo o mundo em função de *relação* humana. É nas crenças que subjazem à, e mantêm a relação que o domínio é colocado. Logo, o outro *até pode* ser colocado num ambiente físico controlado, mas isso é lateral, acessório e, em ocasiões, dispensável.

É sobre o campo psicológico que o *real* controlo é exercido. A principal esfera de acção é sempre o campo psicológico e é aí que o domínio tem de ser exercido. Uma prisão pode ser montada sem muros nem torres, ou sequer guardas, desde que os prisioneiros, a) não queiram fugir ou b) acreditem genuinamente que não é possível fugir, portanto nem sequer tentem.

“If I say I can fly, and you and I both believe it, then I can fly!”

Controlo sobre realidade física é sempre menos importante que o psicológico. Na versão mais extrema deste tipo de sistema, tentará ser dito que o sistema tem, de facto, controlo absoluto sobre a realidade; e de que os seus fiduciários, os guardiães, têm controlo absoluto sobre o

sistema e sobre a própria realidade. A ideia é aquele momento em 1984 onde O'Brien diz, "se todos dermos um abraço de grupo e dissermos que eu posso voar, e todos acreditarmos nisso com muita força, então eu posso voar!". Porque tudo o que aqui interessa é aquilo em que as pessoas acreditam, não a realidade material. A visão da realidade é um projecto de grupo, como sempre aconteceu com este tipo de regimes. Isto não quer dizer que a oligarquia governante não tente efectivamente, controlar a realidade física em si, sob controlo genético, climático, geoengenharia, etc (no mínimo, tentarão teatralizar esse controlo). Mas o poder *real* sobre o qual o sistema se alicerça é e será sempre o poder da crença humana. As pessoas precisam de ser dissolutas o suficiente para fazer a vontade ao sistema.

Microgestão de pessoas e relações sociais / social sorting.

O narcisista é sempre muito impertinente, intrometido e deselegante.

"Dar-se com pessoas certas, nas alturas apropriadas, em moldes adequados". Como a relação é tudo o que conta, o tipo de laços que é possível atar à volta dos indivíduos para os prender, todas as relações sociais têm de ser microgeridas. O sujeito dá-se com as pessoas *certas*, nos moldes *adequados*, nas alturas *apropriadas* da sua vida.

Profiling extensivo de todos os cidadãos / social sorting.

Social sorting é uma prática Nazi e terá os mesmos resultados. Como o narcisista é incrivelmente controlador e intrometido, *tudo e todos* têm de ser abrangidos, regulados, controlados, geridos, normativizados, policiados, sob um exercício irrestrito de poder, para obter integração total, síntese universal, sob este sistema besta, o sistema despótico organizado. Aí, os cidadãos são submetidos a uma litania interminável de instâncias onde são filed, stamped, indexed, briefed, debriefed or numbered. Uma das implicações disto para os dias de hoje, é que todos são profiled, por perfis psicológicos diferenciais, por classes, grupos, etc. Todos são testados por variáveis cognitivas, conativas e comportamentais, agrupados em mónadas sociais de acordo com os resultados. Tudo isto funciona para fins de social sorting, i.e. micromanaged placement de sujeitos por posições profissionais, sociais, relacionais. Isto é aquilo a que os nazis chamavam pura e simplesmente *selecção*. Nesses tempos, os que tinham piores cut scores em tudo isto iam parar a Birkenau ou talvez até Treblinka. Hoje, tudo isso voltará, porque é precisamente para esse efeito que este tipo de sistemas são montados.

O kindergarten.

A criança dependente, insegura, supervisionada, gerida. O indivíduo tem de ser uma criança perpétua e a sociedade tem de ter a *aparência* de um kindergarten. A criança é socialmente dependente, tímida, temerosa, insegura, irresponsável pelo seu próprio destino. Está num

ambiente supervisionado e “protegido”. Pensa por princípios de imaginação dialéctica, i.e pensa com as emoções e em função da opinião social.

Os trabalhadores e os bully boys do pátio. Este kindergarten é um espaço onde as crianças correm de um lado para o outro (trabalho forçado), enquanto “os adultos”, distantes e superiores, supervisionam todo o processo. Toda a actividade no kindergarten é colectiva, já que as crianças são ordenadas a fazer tudo em conjunto. São mantidas ignorantes e desindividuais, para que nunca venham a tornar-se um problema para os “crescidos”. Estes “crescidos”, ou “adultos”, não o são na verdade. São os bully boys do pátio. Espancaram uma série de miúdos, prenderam outros na arrecadação, e exibem-se pelo pátio, com paus e correntes, para bater nos miúdos que se “portem mal”. Os miúdos são de vários géneros. Muitos deles tentam simplesmente passar por entre as gotas da chuva e tornam-se tímidos e apáticos. Outros são oportunistas, e passam o tempo a lamber as mãos dos bully boys. Outros têm carácter e são espancados e presos na arrecadação. Os miúdos que estão sempre sozinhos têm de ser integrados, e isso acontece por agressão, um sistema introduzido pelos bully boys. Esses miúdos são atacados, agredidos e, eventualmente, podem optar por beijar a mão do bully boy e juntar-se ao grupo que está a acartar terra naquele canto.

Bully boys dividem-se entre rufias e managerial bullies. Os bully boys tentam montar uma fachada pretensiosa de distância e superioridade, algo que parece funcionar bem com a maior parte dos miúdos. Alguns deles são mais “calmos”. Limitam-se a gerir as coisas e tentam não sujar demasiado as mãos. Para isso existem os menos inteligentes. Estes bully boys mais calmos são em essência a managerial class.

Depois há os big boys, que comem o almoço dos miúdos. É claro que acima de tudo isto, existem os big boys, e estes são aqueles adolescentes de 16 anos que ainda estão na 4ª classe e passam o tempo numa sala reservada, a viver à conta dos almoços que os miúdos trazem de casa.

Arbitrariedade e capricho.

O ego narcísico é definido por emoções e relações sociais.

Pensa por critérios sócio/emocionais e o seu mundo gira à volta da satisfação do ego.

Imposição de arbitrariedade moral e capricho ao outro. O mundo interno do narcisista é um de ambiguidade, onde tudo é opaco, arbitrário, incoerente, situacional. Nada é fixo, ou verdadeiro, ou falso. Isto acontece porque toda a sua vida interna revolve à volta de um espaço incoerente e ambíguo, o ego narcísico, definido por emoções e por relações sociais. Pensa com as emoções e por critérios sociais. Aquilo que me é agradável e é socialmente aceite é bom, justo, verdadeiro, mesmo quando sei que não é nenhuma destas coisas. Este é o princípio de realidade do narcisista. É um sistema de pensamento self-serving, visando maximização de lucro pessoal em adaptação

social. A seguir, o narcisista impõe a sua arbitrariedade e o seu capricho ao outro. Exige do outro que sirva as *necessidades* que lhe surgem deste complexo de realidades internas; mas também lhe exige que pense da mesma forma, à medida que é reduzido e rebaixado.

Arbitrariedade e capricho / mindjob para narcisismo.

Narcisista tentará desfazer vida interior do outro / anular independência, self-reliance.

Emiserar, desconfirmar, devastar, para depois preencher com a sua própria essência.

I.e. dependência, relativismo extremo, bootlicking. O narcisista não fica satisfeito com a mera submissão do outro. Tem de obter a sua mais completa devoção. Isto significa que tem de tirar-lhe toda a independência pessoal, a sua self-reliance. Tem de emiserar a vida interna do outro, desfazê-la, desacreditá-la – desconfirmá-la! – para depois o poder preencher com uma nova essência, e isto é a sua própria insegurança crónica; non self-reliance, relativismo extremo, dependência de superiores.

Desnormalização, por meio de choques, trauma / Remoralização. Isto funciona por desnormalização, onde os antigos normais humanos e relacionais têm de ser quebrados por meio de uma série ininterrupta de choques fabricados para o efeito. Por outras palavras, despersonalização, seguida de uma injeção em massa de novas crenças, valores e sistemas de comportamento na blankened slate (despersonalização é lavagem cerebral).

Se isto funcionar em pleno, o outro também se torna num narcisista. O outro tem de ser transformado num choninhas servil, dependente e... narcísico. O grande truque aqui é que o outro também se torna num narcisista, se for efectivamente despersonalizado e refeito à imagem do sistema, como é suposto. Como este é o standard que é aplicado aos cidadãos sob este tipo de sistema, a sociedade vai tornar-se num grande ninho de serpentes venenosas, consequentemente.

Irracionalismo, superstição, ignorância / pensamento particularista.

Manter público lento, plácido, estupidificado. O narcisista pretende sempre manter o seu servo, o seu alvo, lento e estupidificado, caso contrário teria problemas evidentes. Aqui, isto toma a forma de rotinação irracionalismo, superstição, ignorância. Vital aqui é o inculcar de racionalidade baixa, alicerçada em pensamento *elementar*, ou aristotélico, ou radical-empirista. A pessoa tem de pensar por elementos, mónadas e partículas, nunca por axiomas ou princípios gerais. Não posso tentar ou almejar integrar todas as mónadas num todo funcional e integrado; mas faço-o, em auto-contradição dialéctica típica, declarando que o todo é um espaço incompreensível e desorganizado (estou a integrar as mónadas numa gestalt integrativa). Uma economia não é um todo abstraível a analisar de um modo equidistante como um todo, mas sim

um conjunto de elementos meio dispersos e meio incompreensíveis. Quando olho para este todo, nunca presumo que posso saber compreendê-lo no seu total e, quando o analiso, faço-o pelas suas partículas elementares. Aí, sou guiado pelas minhas preferências ideológicas e emocionais, que dependem de critérios de aceitabilidade social; i.e. sou guiado por condicionamentos operantes que me foram inculcados desde pequeno.

Outro tem de deslocar toda a agressividade para a defesa do narcisista.

A protecção e defesa do sistema per se, algo obtido sob comunitarismo.

E.g. “direito” a ser morto / bicicletas / UE. O narcisista exige sempre que o servo coloque a sua vida ao seu serviço, *por inteiro*. Uma das implicações disto é que o servo tem de deslocar toda a sua agressividade para a protecção e defesa do sistema per se. Hoje, isto significa ter adolescentes imbecilizados que são tornados empowered e viciosamente agressivos em “causas” como o “direito a morrer” (“direito” a ser assassinado para redução de custos), o direito a “andar de bicicleta” (“direito” a ter cada vez mais restrições ao uso de automóveis e, eventualmente, a circular pela cidade como um escravo chinês), ou a “a UE é nossa amiga e é uma construção livre e democrática porque o meu manual da primária dizia que sim e a bandeira é azulinha” (Mao ficaria orgulhoso).

Managerial class / cartéis epistemológicos / obscurantismo.

Narcisista pretende sempre assumir-se como autoridade superior sobre outro, geri-lo.

Managerialism sobre todos os domínios da vida / Managerial class. O narcisista precisa de assumir controlo total sobre a vida do seu servo, de a gerir por inteiro. Para isso, vai assumir-se como uma autoridade superior em todos os assuntos que podem afectar essa vida. O narcisista sabe mais e melhor sobre o que é bom para o outro. Sob governo autoritário isto significa, claro, uma managerial class, com management e managerial departments para todos os domínios da vida.

Especialistas, sacerdotes, charlatães, druidas, comissários, etc.

Cartéis epistemológicos / expert knows best / conhecimento como domínio ambrosiano.

Tudo é acessível a todos, sob esforço individual e educação.

Quando não existe um straight deal, está-se perante obscurantismo, charlatanismo. Se isto for um sistema tecnocrático, a managerial class é composta de especialistas, iletrados funcionais com um grau académico, charlatães da indústria, tratantes técnicos, pessoas sem vida mas com batas brancas, e assim sucessivamente. Se for um sistema político secular, são paraintelectuais,

burocratas entediados, generais corruptos, comissários e outros gangsters urbanos e por aí fora. Se for um sistema eclesiástico, então a managerial class é composta de sacerdotes, escribas, druidas e por aí fora; e é claro que esta classe vai tender a proibir as várias crianças de ler ou interpretar os livros sagrados. Caso contrário, lá se ia o direito de cartel epistemológico. E é claro que o mesmo é válido sob tecnocracia. The expert knows best, independentemente do tipo de irracionalismo institucional que advogue; e não é suposto que a pessoa média assuma conhecimento autoritativo sobre qualquer área que não uma para a qual tenha pago por um grau qualquer. É suposto que as classes de especialistas tenham uma compreensão superior à média, alguma forma de ambrósia cognitiva que é inacessível ao comum dos mortais e que lhes dá as chaves a uma compreensão superior da língua comum em papers científicos. Isto é sempre uma marca óbvia de charlatanismo e de obscurantismo, quando uma classe corporativa qualquer assume direitos exclusivos sobre uma área de conhecimento e se apresenta como tendo uma relação que o vulgo nunca poderia ter com essa área; tratada como uma espécie de esfera sagrada da realidade etérea. Tudo é compreensível a todos, e dominável por todos, sob esforço pessoal e uma boa educação. Ou existe o straight deal, ou alguém está a capitalizar com base na credulidade alheia.

Managerial class, características gerais.

Managerial class gere público em nome dos proprietários, pessoas muito ricas.

São um bom escudo para esses mesmos proprietários, a face visível do sistema. As managerial classes existem sempre (quer o saibam quer não) para servir os big boys que são proprietários do sistema; pessoas e famílias extremamente ricas e poderosas. Gerem o público em nome destes proprietários; são um bom escudo para os mesmos, já que o público tende a atribuir culpas e agravos à managerial class; e são descartáveis quando deixam de ser necessárias.

Cultivadas por consenso de classe, MDC, conformismo. São sempre cultivadas por consenso de classe. É encontrado um mínimo denominador comum (MDC) a todos os níveis, algo de pragmático para uma classe deste género, e é isto que depois pega e fica como prática aceite, à qual todos têm de se conformar. Conformidade é muito importante aqui; não é suposto que ninguém tenha uma mente própria, e isto é particularmente verdade sob sistemas muito consolidados.

Funcionamento oligárquico, com pretensão e policiamento mútuo. A managerial class aprende sempre a funcionar como uma oligarquia; um grupo consensual que existe para praticar poder autoritário sobre o público. Aí, os vários membros políam-se uns aos outros para assegurar que ninguém sai da linha.

A “mentira nobre” para a “classe de ouro”, talvez latão pintado. Aprende sempre a funcionar numa realidade fantasiosa de grupo. Existe sempre a “mentira nobre”, de Platão. Esta é a “classe

de ouro”, que tem de ser persuadida da sua própria importância, relevância e direito ao poder, e é claro que isto funciona por meio de mitos elaborados para o propósito, “mentiras nobres”.

As subcastas no topo da managerial class.

No topo da managerial class, subcastas de pig fairy demons.

O topo da casta de “eunucos” / celibato dos funcionários, favorecido sob despotismo. No topo da managerial class, estes sistemas são sempre organizados, geridos e mantidos por irmandades de – não há outra forma de colocá-lo – pig fairy demons. E isto é válido quer estejamos a falar de sacerdotes, intelectuais de topo, gestores de topo, “irmãos” deste e daquele género, comissários, etc. São a casta de “eunucos” de topo, em essência. O estatuto de eunuco é depois generalizado ao longo de toda a estrutura managerial; em sistemas muito consolidados, toda a managerial class é composta de eunucos. Casar e ter filhos é algo que compete com a total e completa devoção ao serviço do estado, em nome dos proprietários da sociedade, que casam e têm filhos, muitos filhos.

Tipos essencial do pig fairy demon. O tipos essencial desta subcasta de topo é o homem de meia idade, gordo, macilento, uivante, espumante, uma criatura degenerada que rebola pelos cantos e se roça pelas paredes, devoluta ao mais profundo abismo existencial.

Pedofilia como norma ritual / destruição de beleza e de inocência. Aqui, pedofilia é sempre uma norma ritual, genuinamente sacralizada sob cultismo de irmandade, porque simboliza a destruição da beleza e da inocência. Destruição de beleza e inocência é o mote essencial de todo o sistema. Portanto, estes regimes têm sempre elaboradas redes de orfanatos e de tráfico de crianças, onde estes predadores podem ter os seus momentos infernais de eviscação da alma humana.

Mulheres odiadas, temidas, desprezadas / “women not allowed”, a este nível.

Depois, só fica degeneração. As mulheres são odiadas, temidas e desprezadas, pelo mesmo exacto motivo; beleza. E é um facto que, nestes níveis de topo, todos são ensinados a funcionar como eunucos. Women not allowed, o que significa que estes “eunucos” são submetidos a todo o tipo de processos e teatralizações para os fazer ganhar pavor e ódio a mulheres. Depois, estas pessoas podem satisfazer-se de outras formas, contando que sejam invariavelmente degeneradas. A profusão de degeneração porno na web, na teia, mostra, entre várias outras coisas, que este código está a ser generalizado para o resto da sociedade.

Ramos femininos, se existirem, são sempre laterais e acessórios.

Membras submetidas ao mesmo exacto tipo de desumanização.

Algumas serão usadas como prostitutas, para pessoas de topo. Nas sociedades em que os topos da managerial class incluem ramos femininos (nas ocasiões em que existem, são *sempre* laterais e acessórios) essas mulheres são submetidas ao mesmo tipo de processo que os homens; e isto inclui, nos níveis que o “justifiquem”, a descida ao mesmo género de degradação. Porém, é comum que algumas delas sejam depois usadas como prostitutas para pessoas que têm importância e que o podem pagar, na estrutura da sociedade. O e.g. do gineceu clássico, ou dos conventos de freiras que operavam como bordéis exclusivos para famílias aristocráticas europeias.

“Eunucos” no topo incorporam o papel do “deus”/“deusa”.

A imagem da deusa insana, a girar sobre si mesma para espalhar destruição. Ao longo da história, muitas sociedades totalitárias têm usado a imagem da deusa-mãe, como comentado atrás. Muitas destas sociedades (quase todas, na verdade) usam a imagem da deusa insana. A deusa dança a girar sobre si própria, o que significa que existe “desequilíbrio equilibrado”, com um ponto de equilíbrio no ego. A dança espalha destruição a toda a volta.

Autoritarismo, prepotência arbitrariedade – narcisismo extremo. É uma personagem autoritária, prepotente, arbitrária. Tem sede de sangue. Expressa narcisismo extremo por excelência.

Imagem “feminina” (caricatura de feminilidade) funciona como PR.

Mas também é fenómeno projectivo, para expressar subcasta degenerada no topo.

Doublebind, onde mulheres são objecto de ódio e devoção narcísica, projecção. Em boa parte, e como mencionado, isto é um windowdressing, uma operação de relações públicas que procura dar conotação feminina a um sistema baseado em saque, brutalidade, exploração. Mas é algo mais que isso. Em parte, é algo que reflecte um fenómeno projectivo muito importante que é cultivado nas subcastas de homens degenerados no topo da managerial class. As deusas insanas, caprichosas e uivantes, as mães sanguinárias e autoritárias, são *eles próprios*; homens macilentos, repulsivos, bêbados em poder. Pedófilos. É preciso ter consciência da degradação extrema que é cultivada a estes níveis para perceber como isso funciona. É um fenómeno incrivelmente perturbador e feio. A imagem da deusa insana é a imagem trademark do eunuco de topo. É a projecção do “what I ought to be”. As mulheres são per se odiadas e temidas, e o objecto de ódio e pavor extremo é também o objecto de devoção narcísica extrema. Compreenda-se esta pequena rule of thumb e compreende-se muito neste mundo.

“Deusa” também é o “deus” / hermafrodita / 1000 caras / Religião Perene, gnosticismo.

Expressa sempre o “eunuco” de topo, que incorpora esta personalidade. Agora, a “deusa” é sempre o “deus”. As culturas da “deusa-mãe” são sempre “governadas” por uma entidade ambígua, sexualmente ambivalente; um hermafrodita. Astarte é também Moloch. Afrodite é

também Dionísio. E assim sucessivamente. As duas contrapartes da mesma moeda hermafrodítica. Nalgumas situações, a divindade é masculina. Noutras é feminina. Na verdade, tem 1000 caras, uma para cada situação, uma para cada lugar, uma para cada público, para enganar e para iludir. Esta é a Religião Perene, a religião gnóstica, a religião das 1000 caras. A divindade é sempre a mesma criatura, um eidolon autoritário, arbitrário, sedento de sangue e de poder. No que releva a este tópico, isto é o “eunuco de topo”, apesar de significar algo mais que isto, significa a Serpente [ver notas sobre **Gnosticismo**]. O “eunuco de topo” incorpora este papel sobre a Terra. Para chegar a este ponto, é submetido a um tratamento muito severo de despersonalização e preenchimento com esta nova essência.

O “deus” é um choninhas macilento, e é também o distribuidor de violência e terror.

A “deusa” insana, um objecto de pavor, insegurança, devoção neurótica. Ao longo da história, o deus caprichoso, impertinente e vápido é também o distribuidor de violência e agressão irrestrita e uma fonte de terror; que ninguém contrariasse os sacerdotes de Moloch! A contraparte hermafrodítica disto, a deusa simultaneamente maternal, prepotente e insana tornava-se num objecto de devoção neurótica.

Moldar homens e mulheres para typos do “deus” e da “deusa”.

I.e. vapidéz, superfluidade, narcisismo mesquinho / caricaturas.

Destrutividade / objectivo de tudo isto é absorver, destruir / depois, self-destruct.

Começa com eviscação da alma humana / interrompido por regeneração. Uma sociedade moldada sob este tipo de paradigma vai sempre tentar moldar os géneros à imagem do “deus”/“deusa”. A ideia é sempre a de transpor esta essência vápida e supérflua, este narcisismo mesquinho e destrutivo, para cada pessoa em existência. Como apontado atrás, o homem e a mulher têm de ser tornados caricaturas de si mesmos. Todos têm de ser igualmente patéticos, degradados, insípidos. Coqueluches para o sistema oligárquico; pequenos brinquedos, que se mantêm enquanto são úteis e divertidos, e se descartam quando deixam de o ser. Todos têm de ser destruídos e tornados destrutivos. A ideia, convém sempre reiterá-lo, é a de usar este tipo de sistema para lançar vagas de destrutividade por toda a Terra. Absorver, destruir, estourar. Depois, self-destruct. Tudo isso começa com a destruição da alma humana e é interrompido pela sua regeneração.

ORIGENS DA SOCIEDADE FABIANA.

ORIGENS DA FS – Rose Street Club – SDF – SL – Bloomsbury [SIS].

HYNDMAN: Rose Street Club – Social Democratic Federation – ENGELS. O socialismo fabiano/social-democracia começou oficialmente em Londres em 1880 quando Henry M. Hyndman fundou o Rose Street Club, que se dedicava à destruição do Cristianismo em Inglaterra. Em 1884, o grupo mudou o seu nome para Federação Social-Democrata (Social Democratic Federation). Por detrás das cenas, o grupo era largamente controlado por Engels.

Eleanor, Aveling e Morris – Socialist League. Dado Hyndman não obedecer às ordens de Engels, Eleanor Marx e o seu marido separaram-se juntamente com William Morris e outros, e começaram um grupo de oposição a que chamaram a Socialist League. Eleanor é a filha inglesa de Karl Marx. Em 1884, junta-se à Social Democratic Federation (SDF), liderada por Henry Hyndman, e é eleita para o executivo da SDF. Depois, há uma ruptura na organização, que a leva a abandoná-la e a fundar a rival Socialist League, juntamente com Aveling. O membro mais proeminente da Socialist League seria William Morris.

→ Bloomsbury Branch – centro de espões e agentes duplos, SIS e KGB. Eleanor e Aveling trabalham com a Bloomsbury Socialist Society.

ORIGENS DA FS – Cambridge Apostles – Cambridge Fabians – Roundtable.

Philby, Blunt, Maclean, Burgess. Agentes duplos britânicos que resultam dos Cambridge Apostles: Burgess, Maclean, Harold “Kim” Philby, Sir Anthony Blunt. Tornaram-se altos oficiais para o KGB.

SIS gere Apostles e Cambridge Fabians, Fabian Society. Estes personagens provêm dos Apostles e da Fabian Society, e da instituição que os gere a ambos, o SIS. Em Cambridge, temos os “Cambridge Fabians”, precursores da Fabian Society, uma criação da Roundtable para sintetizar um aparato de esquerda para o SIS.

ORIGENS DA FS – Reunião de 1884 – Astor – SIS e RIIA.

Membros da SDF, SL, etc, criam FS (1884). A 4 de Janeiro de 1884, membros da SDF, da SL e outros criaram a Fabian Society.

→ **Pease – Eleanor – Bland – Nesbit [etc]**. A primeira reunião da Fabian Society tomou lugar na casa de Edward R. Pease, um membro da London Stock Exchange; uma das pessoas presentes foi Eleanor Marx.

→ **Edward Pease, corrector na bolsa de Londres**. No início dos 1880s, torna-se amigo de Frank Podmore e de Edith Nesbit e Hubert Bland. Em 1884, o grupo funda a Fabian Society. Em 1890, Pease é nomeado secretário da Fabian Society. Com Sidney e Beatrice Webb, é um dos fundadores da London School of Economics (LSE) in 1895.

Capital da família Astor.

Líderes iniciais: Webbs e Shaw. Os três líderes mais proeminentes dos primeiros dias foram Sidney e Beatrice Webb, e George Bernard Shaw.

Membros: Keynes, Huxley, Wells, etc. Incluía pessoas como Sidney e Beatrice Webb; HG Wells; George Bernard Shaw; Maynard Keynes; Julian e Aldous Huxley.

SIS – MI6 – RIIA. A Fabian Society é, desde o início, um aparato de esquerda gerido pelo SIS. Entre os nexos de ligação, temos os Cambridge Fabians, por exemplo.

OTTO KHAN – FED – Bolchevismo, Fascismo.

Reserva Federal. Jogador principal no sistema da Reserva Federal, através da Kuhn, Loeb & Co.

Apoio a bolchevismo e fascismo italiano.

KHAN – “You Radicals and we, agree on aims – but differ on methods”. «*What you Radicals and we who hold opposing views differ about, is not so much the end as the means, not so much what should be brought about as how it should, and can, be brought about*» Otto H. Kahn, director, American International Corp., and partner, Kuhn, Loeb & Co., speaking to the League/or Industrial Democracy, New York, December 30, 1924

JH THOMAS – “Otto Khan’s face is towards the light”. «*Otto Kahn's face is towards the light*», J. H. Thomas, socialista britânico, financiado pelos soviéticos

Owen – Friends of Association – Comunas nos EUA.

Robert Owen.

Owen, comunas e exércitos industriais. Em Inglaterra, Robert Owen pensava em organizar toda a sociedade em comunas organizadas segundo o modelo medieval.

E vai fundar algumas nos EUA, como New Harmony.

Friends of Association (1843) – Comunas, cartéis e associação universal.

Esforço individual e competição, levam a injustiça e alienação humana.

Necessário unidade, harmonia de acção, comunas familiares.

Necessário sociedade baseada em princípios de Associação.

«SOCIAL SCIENCE

(Communicated by the Friends of Association)

Society, as at present constituted, is based upon principles which in their operation misemploy, misdirect and pervert the faculties and passions of man, and defeat all the ends and hopes of life. It is based upon the principle of isolation of separation of man from his fellow-man upon individual effort, and envious, strife and anarchical competition, upon selfishness, distrust, antagonism overreaching, fraud and injustice, upon the conflict of all interests, and upon universal duplicity of action. There is no combination or capital unity, no harmony of action, of interests or of feeling; no connection or association.

Every family has, for example, a separate house, a separate interest, separate hopes and a separate welfare to maintain; it is in conflict with most of the families around it eager to detract from their prosperity to add its own, instead of seeking to unite with them to advance by their combined efforts their mutual welfare and happiness.

A Social Order, governed by such principles, must, it is evident, be opposed to capital reason, to capital justice, and to capital truth, and should be reformed. We advocate a Social Order based upon the principles of Association--...» (May 6, 1843, New York Daily Tribune, p. 1, Horace Greeley, publisher).OU, New York Daily Tribune, Feb. 7, 1843, p. 1 (?).

Liberdade política dos EUA é aproveitada para estabelecer comunas. Muitos destes socialistas europeus foram depois para um país onde podiam implementar as suas comunas livremente, os EUA.

Depois, esta gente exige fim de liberdades americanas. Este é um impressionante capítulo na história da hipocrisia, uma vez que esta gente depois exigia o final das liberdades americanas em prol de regimentação socialista.

Oneida Community, NY.

Comunidades Owenitas. New Lanark, New Harmony. [*Em 1820, Robert Owen, o filho de capitalistas ingleses ricos, estabeleceu uma comuna em New Harmony, Indiana. Essa comuna teve vários paralelos por todos os EUA*]

Comunidades Fourieristas, fundadas por Albert Brisbane e Horace Greeley. La Reunion, Texas; North American Phalanx, New Jersey, Community Place, N.Y., Sodus Bay Phalanx, N.Y.; Brook Farm; Utopia, Ohio.

Comunidades Icarianas. Corning, Iowa.

Comunidades anarquistas. Whiteway Colony; Life and Labor Commune.

PAULO FREIRE (1970) – “Pedagogia do oprimido”.

Opressão.

Educação, consciencialização social – “Todos são oprimidos”. Alterar radicalmente a educação; o professor tem de ser um facilitador e o método tem de ser inquérito. Este é o novo sistema de valores, que tem vindo a ser impingido através das escolas. Intervenção pedagógica alterar radicalmente a cultura, mudar sociedade e indivíduo. É preciso ensinar a todos, que todos são oprimidos – consciencialização social.

Emancipação no grupo, com acção colectiva, violência de grupo. Libertação equivale a emancipação social marxista. A solução é acção colectiva, com violência libertadora sobre o opressor. Mas isto não é mau, porque foi o opressor que bateu primeiro.

Dividir para reinar. As mulheres são oprimidas pelos seus maridos. Os maridos são limitados pelas suas esposas. Os filhos são oprimidos pelos pais, e todos são oprimidos por Deus e pela consciência moral. Todos oprimem a mãe-Terra e os vários animais. Esta é a fórmula para lançar toda a sociedade num caos coordenado de segregação mútua e separação. Ao indivíduo, é oferecida a promessa vaga de um futuro social melhor – existe algo bom e brilhante e colorido lá fora, na vida social. Alternativas, novos caminhos. É claro que não existe nada, numa sociedade em guerra permanente, e o resultado é a atomização do indivíduo. Tudo o que fica é uma grande e gorda viúva negra e a sua teia social, e os insectos sociais capturados na teia social. [E, se uma pessoa não concordar com Freire, está a oprimir Freire, porque demonstra ter as crenças erradas – quem não concorde com este evangelho é um opressor]

Globalismo. Intervenção externa é reproduzir este modelo, o soviete, nos quatro cantos do planeta. É preciso acção colectiva, do local ao global, para purgar todo e qualquer vestígio de opressão da sociedade humana. Isto significa a mais avançada de todas as democracias, de que Stalin falava.

Humanitarismo vs humanismo. Humanitários são opressores fingidos; como tal, têm de ser restringidos, “impedidos de oprimir”. Humanitarismo é intolerável; o caminho avante é humanismo secular. É isto que tem de reinar sobre cada alma no planeta.

Paulo Freire (1970). *“Pedagogy of the Oppressed”*.

PECK (1898) – Casta, aristocracia intelectual, para governar os simples.

Há que desenvolver “a small and highly-trained patriciate, a caste, an aristocracy”.

“A caste, an aristocracy of intellect”.

Todas as coisas grandes na história foram alcançadas por uma aristocracia.

Gente superior intelectualmente, com capacidade de governar.

Governar “os simples que são felizes quando são governados”, claro.

“...whose happiness is greater... when governed than when trying to govern”.

«...a small and highly-trained patriciate, a caste, an aristocracy, if you will. For every really great thing that has been accomplished in the history of man has been accomplished by an aristocracy. It may have called itself a sacerdotal aristocracy, or a military aristocracy, or an aristocracy based on birth and blood; yet these distinctions were but superficial, for in reality it always meant one thing alone—the community of interest and effort in those whose intellectual force and innate gift of government enabled them to dominate and control the destinies of States, driving in harness the hewers of wood and drawers of water, who constitute the vast majority of the human race, and whose happiness is greater and whose welfare is more thoroughly conserved when governed than when trying to govern. From the small, compact, and efficient body of free citizens who, amid the unfree and disfranchised, made up the aristocracies of Athens and of Sparta, and the patrician class in Rome down to the gentlemen of England, this has been always true, and not because of the ostensible reason of their domination, but because they gathered to themselves and made their own all that was best and strongest in the nation, opening the way for genius wherever it was found and working out those great results that stand as monuments of human power. A caste, an aristocracy of intellect like this, might still be bred in our American universities would they but thrust out of their precincts the faddists and the utilitarians, exclude the factories and workshops and all the polytechnic patchwork that make of the university curriculum to-day a thing of rags and tatters, and retain only the humanities and the liberal arts. Then they might once more give to the service of the nation men of high breeding and supreme attainments, who would rise above the level of the commonplace to establish justice and maintain truth, to do great things in a large and splendid way, and to illustrate and to vindicate the majesty of man»

Professor Harry Thurston Peck (1898). “The Personal Equation”. New York & London: Harper & Brothers Publishers.

PLEKHANOV (1940) – Marxismo é Darwinismo social.

“Marxismo é Darwinismo na sua aplicação a ciência social”. Darwin explicou o desenvolvimento de plantas e animais pela interação com o meio. Marx fez o mesmo com sociedades humanas. Marx pega onde Darwin ficou.

Ou seja, Darwin descreve evolução das espécies, e Marx a evolução das sociedades.

«After all that has been said it will be clear, we hope, what is the relation between the teaching of Marx and the teaching of Darwin. Darwin succeeded in solving the problem of how there originate vegetable and animal species in the struggle for existence. Marx succeeded in solving the problem of how there arise different types of social organization in the struggle of men for their existence. Logically, the investigation of Marx begins precisely where the investigation of Darwin ends. Animals and vegetables are under the influence of their physical environment acts on social man through those social relations which arise on the basis of the productive forces, which at first develop more or less quickly according to the characteristics of the physical environment. Darwin explains the origin of species not by an allegedly innate tendency to develop in the animal organism, as Lamarck did, but by the adaptation of the organism to the conditions existing outside it: not by the organism but by the influence of external nature. Marx explains the historical development of man not by the nature of man, but by the characteristics of those social relations between men which arise when social man is acting on external nature. The spirit of their research is absolutely the same in both thinkers. That is why one can say that Marxism is Darwinism in its application to social science...»

G.V. Plekhanov, The Development of the Monist View of History. [ou] G.V. Plekhanov, *The Role of the Individual in History* (New York, NY: International Publishers, 1940), 200. [verificar referência]

Pride and Prejudice – and Socialism

Possível storyline para script

*Complemento em notas sobre **Socialismo** / **Agenda 21** / **Comunitarismo** / **Feudalismo** / **Modernismo***

British East India Co., a grande potência imperial do seu tempo.

Ascensão de Razão e Liberdade torna imperialismo anacrónico.

East India Co. organiza reacção e lança bases para marxismo e neoliberalismo.

(1) Exploração extrema, comunas laborais, guarnições de Redcoats são... liberdade!

[* Um extra vital neste ponto: Exercício de soberania vs usurpação de poder.

(2) “Recursos limitados” exigem gestão autoritária, exploração.

(3) Colonizar mentes com nonsense é a melhor das insurance policies.

(4) Pride and prejudice – e darwinismo social.

(5) Thomas Malthus: Racismo de classe, pseudociência, previsões invariavelmente falhadas.

(6) Thomas Malthus: Medidas para reduzir a “surplus population” (pobres).

(7) Pilhagem da Índia e Holocausto Irlandês, modelos de sustentabilidade populacional.

Mentalidade da economia política britânica ganha hegemonia no mainstream.

Scrooge, um velho impiedoso, devotado a comunitarismo e desenvolvimento sustentável.

Socialismo Inglês: Fabian Society, o epicentro de Socialismo Global.

Socialismo internacional – Meios dominados por aristocratas e elitistas de upper middle class.

O lobo em pele de cordeiro; neo-feudalismo e racismo de classe.

A Utopia socialista fabiana é...a Idade Média!

O amor fabiano por nazismo e sovietismo.

SIS / Cambridge Fabians / Chatham House e a rede de influência global da City.

Lord Milner era um socialista progressivo / apartheid.

John Ruskin, o pai ideológico da aliança finança/socialistas.

300 anos de reacção oligárquica contra avanços Modernistas (1).

300 anos de reacção oligárquica (2) – Colectivismo, i.e. Socialismo.

Socialismo pode ser de esquerda, mas também de direita.

As formas mais extremas de Socialismo são, claro, Comunismo e Fascismo.

Regimes oligárquicos são regimes usurpatórios por crime organizado.

300 anos de reacção oligárquica (3) – Nostalgia medieval e kool aid cults.

A romantização de aristocracia, subdesenvolvimento, desigualdade perpétua [Romantismo].

Alemanha, entre modernização e rusticismo völkish.

Prússia assume controlo sobre Alemanha e “sabe como lidar com Modernismo”.

Prússia: a dança das cadeiras entre socialismo de esquerda e socialismo de direita.

Prússia: viveiros de ideólogos a recibos verdes / Fichte e Hegel.

Rousseau: Schadenfreude, subdesenvolvimento e totalitarismo.

Restauracionistas Católicos: a Aldeia Global neofeudal, sob Imperador do Mundo e Papa.

Saint-Simon inspira-se nestes simoníacos católicos.

Saint-Simon elabora reacção geral contra Modernismo / Aldeia Global.

Comte, “essencial alienar proletários de classes médias para assegurar domínio oligárquico!”

Karl Marx aprende Socialismo com Saint-Simon e responde a apelo de Comte.

Karl Marx tem o perfil típico do provocador ideológico a contrato.

Marx: estandardização do mundo por blüt und feuer, para Socialismo global.

Marx e Engels exigem a assimilação coerciva do povo Judaico.

Marx, Marlo e Hegel / O jogo dialéctico entre Comunismo e Fascismo (síntese em []).

Karl Marx, um dandy provocateur em Londres.

Trabalhadores do mundo, uni-vos para exploração internacional irrestrita comunitária!

Engels e Eleanor Marx trabalham directamente com SIS e Old Aristocracy.

Processo standard: Destruição em escala abre portas a tirano e a regime oligárquico.

Escola Austríaca junta-se a “britânicos” para subverter e cooptar mercado livre.

Chicago School: crime organizado italo-americano e “anarco-capitalismo” global.

A estrada para comunitarismo managerial global (II).

A globalização da Índia Britânica / comunitarismo managerial (II) / Red Toryism.

James Burnham explica todo o gameplan em “The Managerial Revolution”.

INGSOC.

Apontamentos sobre Modernismo.

Liberdade, desenvolvimento, classes médias, Razão.

Estado-nação clássico / Constitucionalismo liberal.

Direitos individuais / Governo constitucional.

Mercado livre de classe média.

Mercado livre de classe média – a economia natural.

Liberdade significa desenvolvimento e prosperidade / mundo ocidental.

Até as doutrinas totalitárias têm de usar imagética da liberdade individual.

British East India Co., a grande potência imperial do seu tempo.

A “mãe de todas as multinacionais”: uma potência geopolítica, comercial, militar.

Conquista / monopólio / a comuna, para trabalho forçado / Redcoats. A British East India Co. é a “mãe de todas as multinacionais”, e encarna directamente o espírito de monopólio, gestão e agressão que caracteriza os impérios coloniais europeus. A East India Co. não era uma mera companhia; na prática, era o Império Britânico – a maior parte dele, pelo menos. Era a principal driving force institucional para o Império enquanto tal e o principal interesse mercantil no planeta. Tinha exércitos e frotas próprias (incluindo, corsários e piratas), domínio feudal sobre países inteiros, o que incluía a Índia britânica. Travava guerra aberta contra países, outras companhias mercantis, outros impérios. Era uma potência per se, a maior no planeta nesse tempo. Monopólio, escravidão e agressão militar privatizada eram the name of the game. Encontra-se um território com recursos. Conquista-se, pelos canhões ou por subversão; ou por ambos. Instala-se a comuna, a

plantação, para controlo social e trabalho forçado, com os Redcoats a assegurar que ninguém sai da linha. Os shareholders em Londres ficam satisfeitos.

East India Co. organiza Hayleybury College.

Planeamento imperial / centro de estudos e decision-making. A certa altura, a companhia criou a sua própria universidade imperial, o East India College, sucedido pelo Haileybury College. Hayleybury foi organizado para funcionar como o centro de planeamento estratégico para a companhia. Era uma universidade, mas era também um centro de estudos geopolíticos, comerciais, demográficos. Não era o centro a partir do qual o Império era gerido (esse papel é sempre ocupado por round tables em Londres e em centros senhoriais) mas estava bastante perto disso. Era o principal centro de documentação e de estudos para o decision-making do Império. Era também o pólo fulcral para acções de propaganda.

Ascensão de Razão e Liberdade torna imperialismo anacrónico.

Um pouco menos de pride and prejudice, um pouco mais de sense and sensibility. As práticas da East India Co. eram um anacronismo em pleno despertar Modernista. Durante os séculos 18 e 19 temos a ascensão de independência intelectual e das classes médias na Grã-Bretanha. Esse fenómeno criava um ambiente cada vez mais inimico a estas práticas. Escravatura, consolidação monopolista, curso imperial; todas estas coisas tinham algum interesse em antigas histórias sobre Francis Drake, mas eram algo que tinha deixado de fazer sentido na era da printing press democratizada. As terras de Sua Majestade não eram tão livres ou democráticas como alegavam ser (opositores reais ao establishment seriam identificados, presos e deportados para a Austrália, talvez até enforcados) mas havia que começar a fazer as coisas com um pouco menos de pride and prejudice e um pouco mais de sense and sensibility.

Despertar intelectual, auto-educação, iniciativa / classes médias.

“Liberdade”, “mercado livre”, “democracia”, “middle class”, direitos inalienáveis.

Revolução Americana já não é uma pleb rebellion, mas o exemplo a seguir. Esta é uma fase de despertar intelectual, educação clássica e iniciativa. Dos filhos da landed gentry e dos urban retailers era esperado que fossem à vida to succeed on their own. Para muitos, isto significava, claro, ir participar em iniciativas de pirataria imperial em terras distantes. Ao mesmo tempo, esta combinação de factores é algo que cria a mentalidade apropriada para um despertar de conceitos de liberdade; não difícil, num país que apesar de todas as más práticas, dava bastante lip service aos ideais da Magna Carta. “Liberdade”, “liberalismo”, “mercado livre”, “democracia”, “middle class”, tornam-se palavras *muito bonitas e muito apetecíveis*. Esta é a era da classe média empreendedora e auto-educada, e esta classe começa a exigir direitos políticos e económicos correspondentes – afinal de contas, os direitos *inalienáveis* de qualquer homem e de qualquer mulher. A Revolução Americana, travada contra o autoritarismo imperial europeu, tende cada vez mais a ser vista como um modelo a seguir, uma vitória da liberdade e do espírito humano, e já não tanto como uma pleb rebellion, uma rebellion of the colonials. Esta é, per se, uma era extraordinariamente promissora.

East India Co. organiza reacção e lança bases para marxismo e neoliberalismo.

Usar academia para racionalizar práticas obscurantistas. É neste clima intelectual e político que o establishment britânico e a East India Co. vão tentar encontrar uma forma de legitimar e racionalizar as suas práticas anacrónicas e obscurantistas, e vão fazê-lo através da academia.

Distorcer conceitos a 180°, redefinir exploração e escravagismo como... liberalismo!

Hayleybury / Mills, Ricardo, etc. / reciclagem de spin doctoring Veneziano.

“Economia política britânica”.

A base de inspiração para neoliberalismo e marxismo. Hayleybury College, o centro daquilo que viria a ser conhecido como economia política britânica. É a partir daqui, o centro intelectual da East India Co. que o establishment vai encetar uma das suas drives essenciais de reacção contra o despertar de modernismo e de liberalismo. Fá-lo através de professores, intelectuais, decanos, cátedras. Toda a ideia era encontrar uma forma de reciclar conceitos de monopólio e escravagismo, mas fazê-lo de uma forma tal que fosse aceitável à média das pessoas; uma abordagem sensível, as opposed to wise (in the sense of *real* wisdom). O que sai daqui é a racionalização do velho mercantilismo imperial, usando as linhas académicas definidas séculos antes por outros spin doctors de exploração e escravatura, os Venezianos, mas agora vestindo tudo isto com linguagem modernista. Onde antes se lia saque e exploração, agora deveria ler-se... liberalismo!

Todo o esforço foi protagonizado por prostitutos intelectuais como David Ricardo, James Mill, John Stuart Mill, Jeremy Bentham, e outros. O resultado final é aquilo que veio a ser conhecido como economia política britânica, a base de inspiração para “neoliberalismo” e para marxismo, em igual medida.

(1) Exploração extrema, comunas laborais, guarnições de Redcoats são... liberdade!

“Liberdade de mercado” redefinido como ‘liberdade para exercer controlo absoluto’.

“Free trade”, o domínio irrestrito de mercados por megagrupos multinacionais.

Regime legal **tem de favorecer** grandes grupos, em preterimento de restante população.

Soberano dá total liberdade de governo sobre a franchise à corporação concessionada.

I.e. absolutismo, autoritarismo. Sob o reenquadramento semântico elaborado por estas pessoas, “liberdade de mercado” passava a ser a liberdade que um interesse mercantil (um cartel ou um monopólio), “deve ter” para fazer tudo aquilo que queira, em nome de coisas como “maximização de eficiência” ou “maximização de lucro”. O “mercado livre” torna-se aquilo que surge disto. O monopólio, o pool de escravos na comuna laboral, as guarnições militares em redor para assegurar que ninguém sai da linha. Desde que tudo isso esteja nas mãos de grandes concessões, e seja marketizável pelo Barclays e pelo Barings na Stock Exchange, então está tudo bem; é “liberdade”.

Mas “liberdade de mercado” é ainda mais que isso. É “free trade”! E free trade é a ideia de que um mercado *deve ser*, por opção e preferência, inteiramente controlado por grandes companhias mercantis (hoje, multinacionais) dotadas de concessões e privilégios que lhes permitem explorar irrestritamente as populações e os recursos sob a sua tutela. Essa é a parte “free” aqui; muito literalmente, you’re free to take away others’ freedom in the name of extreme profit. “*Um mercado deve ser, por opção e preferência, inteiramente controlado por grandes companhias mercantis*” – como foi dito. É defendido que este estado de controlo absoluto por multinacionais, este absolutismo de shareholders e capatazes de comuna, é *desejável* e tem de ser *promovido, acalentado*. Isto podia implicar que o soberano (hoje, o soberano “é” o povo, mas é representado pelos governos) tem de favorecer abertamente agentes de monopólio. O que isto regra geral significa é que o soberano vai dar o mais completo espaço de auto-regulação a estes agentes, i.e. eu faço o que quero sobre a franchise, o domínio que fui concessionado para explorar. Em troca, tenho de pagar um tributo ao rei, uma fair share of the loot*. Agora, why on Earth would such respectable bastions of academia promote such an advancement of tyranny on the face of this God forsaken Earth! Isto tem uma “boa explicação”, exposta já a seguir.

[* Um extra vital neste ponto: Exercício de soberania vs usurpação de poder.

Anterior codifica mercantilismo / e também comunismo, socialismo, fascismo.

Mercantilismo: corporação exerce governo absoluto sobre concessão, cedido por Soberano.

Regime autoritário: é uma corporação legal / exerce “concessão” de governo (totalitário).

Sob autoritarismo moderno, o Soberano (concessionário) é o Povo.

É claro que aqui a “concessão” (governo) é usurpada e autoritariamente imposta ao Soberano.

Porém, regimes usurpatórios listam sempre estes papéis legais / pretensa de legitimidade legal.

Tudo isto é lei mercantil, lei imperial, ainda em vigor.

Franchise sobre um domínio é exercida por entidade concessionada para efeito pelo Soberano.

A franchise de governo é cedida pelo Soberano (Povo) a um governo (servo; serviço público). (“public service”, “public servant” / a expressão “função pública” já serve para ocultar e desvirtuar esta relação)

O Soberano (Povo – indivíduos e famílias) têm autoridade sobre o governo.

O governo ilegítimo, que assume poder autoritário sobre o Soberano, pode e deve ser destituído.

Liberalismo constitucional democrático.

É o modelo que estabelece equilíbrio nestas relações.

Soberanos (indivíduos e famílias) têm direitos inalienáveis, que ninguém pode usurpar.

Governo é concessionado para arbitrar relações livres entre indivíduos e famílias.

(Prestação de serviços no domínio de todos os Soberanos, o domínio público).

Tem de ser mantido constitucional, limitado, legítimo (dentro da legis/lei vs fora da lei).

(Governo autoritário é um governo ilegítimo, fora da lei, porque usurpa espaço dos Soberanos).

Essencial compreender isto para recuperar espaço usurpado por corporações (estatais e privadas).

* Agora, isto é mercantilismo, ou “anarcocapitalismo”, onde a companhia, a corporação, é o governo sobre o seu território de concessão. Mas isto também é comunismo, socialismo, fascismo. Nestes casos, é considerado que o soberano (povo) “concede” a uma entidade corporativa (“comissões”, “representantes do povo” e afins) *liberdade total* para praticar a franchise de governo sobre todo o território. Nestes casos, é evidente que a “concessão soberana” nunca é realmente concedida, mas sim *usurpada*, por meio de derivas autoritárias, golpes, etc.; e, depois, é levada a cabo por igual autoritarismo e tirania. Mas a presunção é legal é sempre cumprida judiciosamente, e é por isso que URSS, Itália Fascista, Alemanha nazi, China comunista, etc., são sempre estados onde o regime tem a entidade legal de uma *corporação* (depois, claro, estes estados organizam-se como estados corporativos a partir dessa premissa). Os juristas no topo sabem perfeitamente que têm de seguir esta regra; mesmo quando o regime é usurpatório, tem de apresentar uma face limpa em termos legais; tem de poder alegar que o seu direito legal de existência ascende de concessão soberana popular. *Sempre* que um qualquer domínio não está sob o exercício directo de poder do soberano [com “povo”, isto são os indivíduos e as famílias que constituem o “povo”], isso significa que *terá, por força de lei*, que estar sob o poder de uma *corporação* (um *concessionário*) legalmente designado para o efeito; e essa entidade só pode exercer poder na medida em que a tal for licenciada pelo soberano. Esse espírito, claro, só pode ser preservado sob liberalismo constitucional e democrático, onde indivíduos e famílias optam por equilibrar relações entre si através de mediação por governo legítimo, limitado, constitucional (ver também notas sobre o *estado-nação moderno, democracia liberal*). Tudo isto se baseia em velha lei mercantil, a lei da marca medieval, depois transitada para os impérios marítimos. Mas é o paradigma legal que continua em vigor. Se o soberano assim o quiser, tem o *direito legal a renegar, destituir e expropriar a parte concessionada*. É por isso que este paradigma legal, que subjaz a tudo o que acontece em geopolítica, nunca é mencionado, nos dias que correm (durante os séculos 18 e 19 era de conhecimento comum, e é por isso que Rousseau, por ex., teve de fazer jogos sofisticados para deturpar o estatuto do “soberano” e tentar atribuir todo o poder de “soberania” ao estado totalitário). Este é um dos motivos essenciais pelos quais a pessoa comum tem de começar a pensar em si mesma (e a agir) como um indivíduo soberano com direitos correspondentes, inalienáveis pelo empregado que foi concessionado para o *servir* – prestação de serviços. Todos os indivíduos são *soberanos* aos olhos do Criador, e aos olhos deste tipo de lei humana, sob os actuais regimes políticos, que respondem legalmente ao soberano “Povo”.]

(2) “Recursos limitados” exigem gestão autoritária, exploração.

Limites ao crescimento / não existem recursos para todos / a vitória de um é a derrota de outro.

A visão do mundo como espaço de recursos limitados / nonsense anti-científico.

Sob escassez de recursos, criam-se novos recursos e melhores tecnologias.

Únicos limites são os que podem ser impostos à criatividade humana. O mundo é visto como um espaço de competição por recursos limitados. Simplesmente, não existem recursos suficientes para todos [*é claro que isto é mentira, como estes homens bem sabiam. Toda a história do progresso humano é baseada na invenção de novos recursos e novas tecnologias para encontrar formas de suprir possíveis limitações e possíveis estados de escassez. É assim que o Homem progride das cavernas para a agricultura moderna que os padrões destas pessoas andavam a praticar nas enclosures, neste tempo. E é assim que continua a progredir até à chegada à Lua, and beyond. O único real limite ao crescimento é aquele que pode existir na mente humana, especialmente nas noções morais de alguns, como era o caso com estes homens (sentido moral rastejante); estão a falar de si mesmos, têm mentes pequenas*].

“Limites” implicam “maximização de eficiência”, não por liberdade, mas por controlo estrito. (na verdade, e saindo do reino de quackademia e de delírio oligárquico, aquilo que realmente maximiza eficiência económica é descentralização e livre iniciativa por pequenos e médios empreendimentos, i.e. mercado livre de classe média)

Centralização de decision-making / gestão por “peritos”, i.e. representantes institucionais. Se o mundo é um espaço de limites, isso significa que a vitória de uns é a derrota dos restantes. Dessa forma, é necessário encontrar uma forma de maximizar a eficiência da exploração, da distribuição e do uso de recursos. Maximizar a eficiência de um espaço fechado e limitado é uma situação de racionamento *de facto*, mesmo que nunca seja chamado por esse nome. Isso exige centralização, e exige gestão por pessoas especializadas, peritos técnicos, na verdade, representantes de grandes instituições oligárquicas [*funcionários institucionais que têm de sobrepor o capricho dos oligarcas acima de si, os seus empregadores, a qualquer critério real de verdade científica. É isto que é tecnocracia, i.e. gestão por nerds e por iletrados funcionais com um grau académico, sob a direcção de caprichos oligárquicos*]. E é evidente que, sob este paradigma, os mais importantes de todos os “peritos” são aqueles regulam o espaço do qual todos os outros dependem, o económico: banqueiros e contabilistas financeiros.

Integração de mercado sob cartéis, monopólios directos (i.e. autoritarismo). O mercado tem de ser tornado integrado, sob a direcção desta gestão central especializada. Por outras palavras, monopólio. A forma favorita entre as oligarquias ocidentais é o exercício de monopólio por cartel. É algo que permite controlo autoritário partilhado sobre mercado (i.e. “assegura a gestão integrada do mercado”), ao mesmo tempo que preserva a ilusão de escolha, competitividade, diversidade.

Internacionalismo, sob a gestão de grandes organizações internacionais. Ao mesmo tempo, não é prático que haja diferentes países a competir e a fazer as coisas de forma diferente e descentralizada. That is unacceptable. É um desperdício de recursos e de meios técnicos. É perdulário, diz o establishment. Logo, tem de haver internacionalismo. Controlo mercantil transnacional, com os mesmos bancos e as mesmas companhias e fundações multinacionais no controlo de tudo. Império. Free trade regions, blocos, uniões regionais. Eventualmente, união global, o grande working project da City of London.

Preços elevados, consumo limitado, escassez artificial / custos de produção baixos / sustentabilidade.

Baixa qualidade de produtos / baixos custos laborais: trabalho precário e a **comuna**.

Se existe escassez de recursos e necessidade de maximizar a eficiência de cada esterlina que é investida, isso significa que é melhor que os preços sejam bastante elevados; assegurar sustentabilidade no aproveitamento de recursos implica que não pode haver muita gente a consumir muitos recursos. Escassez artificial e ambientes deflacionários sempre foram um dos favoritos of the Bank of England; e de todos os outros. Também exige que os custos de produção sejam baixos. Isso significa baixa qualidade de produtos, claro. Mas manter custos baixos significa, em especial, trabalho precário, indentured service e escravatura. O sítio de eleição para tudo isto: um no qual os trabalhadores estejam aglomerados sob as condições mais baratas e controladas que seja possível. A comuna laboral.

Monetarismo. O dinheiro não serve o homem, é o homem quem serve o dinheiro, e quem manda no dinheiro são homens que não o são, realmente.

(3) Colonizar mentes com nonsense é a melhor das insurance policies.

Exploração, imperialismo, a comuna e os Redcoats, um *dever civilizacional*. Exercer um monopólio, controlar um território, montar comunas/plantações de escravos, contratar guarnições de mercenários para os proteger, não é bárbaro e imoral – é um *dever civilizacional*. Só isso permite obter maximização de eficiência no uso de recursos e, conseqüentemente, no mercado como um todo integrado. How about that, heh?

Subverter e colonizar a mente com obscurantismo. É apenas natural que quem se dedique a colonizar, a subverter e a escravizar povos e terras procure fazer o mesmo com mentes. Preencher mentes com obscurantismo oligárquico é a melhor das insurance policies.

“Liberalismo”, “mercado livre”, sequestrados para rotular o oposto exacto destes ideais.

Disseminação de obscurantismo académico alimenta obscurantismo político.

Muitas pessoas bem intencionadas são desviadas para dead ends. Tudo isto é, muito naturalmente, o oposto exacto de liberalismo e de mercado livre. É a racionalização académica de barbarismo de estilo feudal; de saque, mesquinhez e exploração anti-humana. Mas foram esses os termos usados para rotular esta atrocidade por estes homens, por estes anjos da morte provindos de um qualquer prostíbulo infernal congelado. De repente, este tipo de lixo era “liberalismo”. E isso veio a induzir muita gente em erro; essa era a intenção, tapar bons termos e bons conceitos com camadas de lixo, para estragar e esconder. Para espalhar ignorância. É isso que este tipo de gente faz. É a única coisa que *sabe* fazer. Muitas almas bem intencionadas, que seriam liberais, acabam por desprezar o termo e nunca conhecer as ideias, por via das acções destes homens. Muitas caem no outro lado da dialéctica de obscurantismo – socialismo. E, outras almas bem intencionadas começam por aderir a liberalismo porque partem com as bases certas (compreendem as ideias de liberdade e pensam que é isso que vão encontrar) mas acabam por servir homens maus, que trabalham para este paradigma.

Muitas destas são, por questões de estudos e/ou de carreira, acabam por ser por ser imersas em obscurantismo académico e corporate, ao ponto tal em que são convertidas à força, ou tornadas desiludidas e não-envolvidas.

(4) Pride and prejudice – e darwinismo social.

O todo integrado é governado pelos “mais meritórios” / executivos financeiros e mercantis.

Globalização é a concretização, para o mundo, de todos os pontos descritos. Um último ponto, essencial, nas formulações deturpadas que surgem do East India College. Quem governa o todo integrado sócio/económico? É claro que esse todo deve ser organizado e gerido por aqueles que demonstraram *mérito e capacidade*. Este é um espaço de limites. Achievement meritocrático é o melhor dos critérios, nas estruturas de pirâmide que são construídas em espaços de limites, em cartéis e monopólios. Quais são os mais meritórios e os mais capazes? Bom, são aqueles que ascenderam ao topo da escala: os executivos mercantis. Os banker boys. Os banker boys têm de mandar em tudo. E em todos. Têm de ser os proprietários de tudo e de todos. E é isso que é globalização; a concretização de todos os pontos atrás apontados, nos nossos dias, para o todo do planeta.

Darwinismo social / vitória irrestrita dos “mais aptos”.

Todos os outros são reduzidos à comuna laboral, gestão, selecção eugénica.

Darwin, Galton e Spencer lançam bases para selecção eugénica Nazi e Comunista. Darwinismo social é um dos offshoots ideológicos de tudo isto, agora conduzido a partir do X Club na Royal Society, em Londres. A selecção dos mais fortes, dos mais “aptos”, no ambiente de recursos limitados. A redução de todos os restantes a gestão, a comuna, precariedade, indigência, selecção eugénica. Eventualmente, selecção eugénica culmina em extermínio, um axioma essencial em darwinismo social. O próprio Charles Darwin, a par de Francis Galton e Herbert Spencer foram essenciais para avançar tudo isto, no seu tempo; teriam herdeiros directos e apropriados na Alemanha e na Rússia Soviética. Eugenia para maximização monopolista de eficiência, seja ela feita com foco no sangue (Nazismo), ou com foco em variáveis ideológicas e de personalidade (Comunismo).

Thomas Malthus também vai servir de inspiração directa para Comunistas e Nazis.

(5) Thomas Malthus: Racismo de classe, pseudociência, previsões invariavelmente falhadas.

Em Hayleybury, Malthus expande doutrina do mundo de limites a variáveis demográficas.

“Existem demasiados pobres para recursos existentes” / cut down the “surplus population”.

Racismo de classe, misoginia, e obscurantismo pseudocientífico.

Outra fonte de inspiração directa para Nazis e Comunistas foi outro inglês, Thomas Malthus, outra luminária venenosa de Hayleybury College. Malthus era um charlatão e um linearista, em típica fidelidade à tradição oligárquica. Pequenez mental tem um premium, nestes meios. Malthus parte da supracitada teoria do mundo de recursos limitados (uma teoria deliberadamente corrupta, como os ideólogos de Hayleybury sabiam) para abranger população. Se o mundo é um espaço limitado, então maximização de eficiência deve ser expandida à variável demográfica. Dizer que existem poucos recursos, é similar a dizer que existem demasiadas pessoas a consumir recursos. Se existem demasiadas pessoas, a solução é simples. Faz-se com que existam menos pessoas. Limita-se drasticamente a reprodução e mata-se muita gente. É claro que isto não se aplica a *boas pessoas*. Aplica-se aos *pobres*. Existem *demasiados pobres*. Isso não é devido ao saque, à pilhagem e à monopolização da sociedade por oligarcas corruptos (esses são *boas pessoas*); é mesmo devido ao excesso de pobres per se. Criam-se e reproduzem-se como coelhos e, depois, são uma vista horrível e inquietante nos sunny green fields of England. A população (de pobres, mind you) cresce sempre mais rápido que a disponibilidade de comida, diz-nos Malthus (sem nunca comentar o facto de as classes aristocráticas estarem, na altura, a saquear terras a centenas de milhares de pequenos e médios agricultores, que se tornavam depois pobres).

Corrupção epistemológica: ausência de dados empíricos / particularismo, linearidade.

Sistemas complexos exigem estudo matricial e hipergeométrico.

Malthus desconta o factor de inovação tecnológica.

Falha **todas** as previsões que faz.

Seja como for, a relação linear população x comida que é proclamada por Malthus começa por ser um exemplo típico de empirismo radical, uma forma de autismo racionalizado, pela qual a realidade, um espaço complexo e multivariado é “reduzido” à proclamação de relações lineares ad hoc, tipicamente guiadas por motivos ideológicos (só ideólogos, por oposição a cientistas, poderiam querer impor relações lineares a realidades complexas, realidades que *têm* de ser estudadas de forma matricial e hipergeométrica). Depois, o nonsense de Malthus não é baseado em quaisquer factos científicos concretos (na edição original do seu Essay on the Principle of Population, Malthus limita-se a citar episódios anedóticos, observações pessoais, sobre esta e aquela povoação – nas versões posteriores, usa uns quantos dados soltos do censo feito à população britânica, para tentar dar uma roupagem algo mais credível a todo o seu nonsense). Por fim, é claro que Malthus falhou *todas* as previsões que fez. E.g. Malthus nunca contabilizou o factor da inovação tecnológica. Ao longo das décadas e do século seguinte, a introdução de nova tecnologia tornou a produção alimentar muito mais produtiva do que alguma vez o tinha sido, até aí.

(6) Thomas Malthus: Medidas para reduzir a “surplus population” (pobres).

Limitar drasticamente reprodução / cortar assistência social / comunas de trabalho forçado.

Criação deliberada de péssimas condições de vida / Disseminação propositada de doenças.

Muitas destas medidas são adoptadas na Grã-Bretanha, matando muitas, muitas pessoas.

Muito disto para o futuro próximo, no Ocidente.

Portanto, se existe pouca comida, e os pobres se multiplicam depressa demais, isso significa, como dito anteriormente, que os pobres têm de consumir menos, que a sua reprodução tem de ser submetida a controlo pelos seus mestres, a oligarquia de estilo hindu, e que tem de haver morte em massa de pobres. Malthus percorre todo o espectro, e faz as mais variadas sugestões para cada um destes domínios. Uma das suas propostas principais, mais tarde adoptada, é o fim da Poor Law, o fim da assistência social aos pobres. Deixá-los morrer à fome, literalmente. Foi na década que vem na sequência disso, pelos meados do século 19, que morrem 1 milhão de pessoas no espaço de uma década, por desnutrição e doença, na metrópole do império mais rico do planeta. Outra proposta essencial, reduzir os standards de vida na cidade média ao nível mais degradante que seja possível. Ainda, agregar os pobres em workhouses; comunas de trabalho forçado. Se queres uma sopa, trabalha para a companhia. Espalhar deliberadamente doenças nas comunas. Malthus deleita-se a sugerir formas de disseminar tifo entre os “hóspedes” destas instituições caritativas (muitas deste género para o mundo ocidental, nas décadas que aí vêm). Se as camas estiverem a esta distância específica, no dormitório, diz-nos Malthus, as doenças pegam-se mais rapidamente. E, construam-se estas poorhouses “by stagnant ponds”, assim é mais fácil. Os Comunistas e os Nazis foram buscar a larga maioria das suas ideias à Grã-Bretanha.

(7) Pilhagem da Índia e Holocausto Irlandês, modelos de sustentabilidade populacional.

Malthus coordena pilhagem económica da Índia no início do século 19 (mínimo de 1M de mortes). A ideologia de Malthus também serve, claro, para legitimar saque e exploração imperial em escala. Aliás, Malthus é um dos coordenadores, em Hayleybury, para aquilo que acontece na Índia britânica no início do século 19: a pilhagem económica do território pela East India Co., resultando na morte de mais de 1M de seres humanos.

Métodos de Malthus são usados na Irlanda (Holocausto Irlandês).

Blockade comercial / lei marcial, por Redcoats / expropriações e confiscações em massa.

Migrações de pânico / comunas, para trabalho forçado e eutanásia.

População da Irlanda decai em 6M.

Os métodos usados na Índia são depois usados em meados do século 19 contra a Irlanda; o Império faz uma literal blockade comercial à ilha, com o propósito *explícito* de reduzir drasticamente a população. Os redcoats colocam o território sob lei marcial, expropriam pequenos e médios agricultores em massa (toda a gente era PM agricultor) e confiscam comida, animais, ferramentas de trabalho, etc. Depois, proíbem o afluxo de ajuda humanitária da América. As opções são trabalhar na workhouse (até morrer de desnutrição ou tifo; estas workhouses eram centros de trabalho forçado, mas também casas de eutanásia) ou fugir do país, pagando sempre uma “fair share” aos shippers de Liverpool. Por fim, tudo isto é culpado numa inconsequente doença da

batata, algo que nem sequer era um alimento essencial dos irlandeses. O twist of sick humour no topo. E às vezes muito literal. E.g. na Grã-Bretanha, monstros como Carlyle (os proponentes de desenvolvimento sustentável à era) escrevem editoriais no Times e em outros sítios a celebrar a mortandade irlandesa. Ainda hoje não se sabe o número exacto de seres humanos que foram mortos durante os 6/7 anos em que isto durou, mas estimativas aproximadas com dados de censos sugerem que a população decaiu em 6 milhões de pessoas. Muitos destes fugiram para a América (a grande fase de influxo de irlandeses no país); mas milhões morreram. O Holocausto Irlandês, como é chamado hoje em dia.

Malthus: nulidade académica / benchmark para racionalização e perpetração de genocídio.

Inspiração essencial para Comunistas e para todos os restantes regimes de crime organizado.

Modelo usado sobre o Terceiro Mundo, para o tornar em tal.

Modelo para o planeta, sob Sustentabilidade Global. Os méritos académicos de Malthus são nulos, mas o seu sistema de racionalização e de perpetração de genocídio é o benchmark para todos os regimes criminosos dos últimos dois séculos. É o método que os Comunistas usam *sempre* contra as suas próprias populações e sobre territórios conquistados. É o modelo seguido por Nazis e Fascistas. É o modelo usado sobre África e sobre o Terceiro Mundo em geral, no espaço do último meio século. É o método que será utilizado, de modo igualmente deliberado, sobre todo o globo, através de Sustentabilidade Global, a corrida para o fundo de globalização mercantil.

Mentalidade da economia política britânica ganha hegemonia no mainstream. Ainda durante o século 19, com aceleração drástica a partir de meados do século 20, a mentalidade da economia política britânica ganha uma hegemonia extremamente perniciosa sobre o pensamento académico e político, para a larga generalidade dos millieus mainstream.

Scrooge, um velho impiedoso, devotado a comunitarismo e desenvolvimento sustentável.

Scrooge, o executivo neoliberal obcecado com comunitarismo e sustentabilidade monetária.

“Os pobres já têm a poor law, a workhouse e a prisão – ainda querem mais?”

“Let them die and reduce the surplus population”.

À direita, a postura geral que sai disto é aquela que Dickens tão bem retrata em “A Christmas Carol”. O rústico e auto-conceituado Scrooge fica genuinamente ofendido quando lhe perguntam se quer contribuir para melhorar o nível de vida dos pobres. Afinal de contas, responde, os pobres têm a poor law, a treadmill, a workhouse, e até a prisão. Estas pessoas ainda querem mais? Um atrevimento, para o respectable Scrooge. Os interlocutores tentam fazer-lhe ver que subsistir sob condições de escravatura é tão horrível que até a morte seria preferível. «*Bom – então que morram e reduzam o excesso de população*». E este é o ponto final do gélido Scrooge, o executivo neoliberal obcecado com sustentabilidade monetarista e com comunitarismo.

Falso “trabalho caritativo”, através das suas megafundações, ONGs, OSCs.

Generalizar death wish entre os commoners.

“Simplicidade”, “pobreza voluntária”, “acionamento energético”, “sustentabilidade”.

Se Dickens estivesse vivo nos nossos tempos, teria concebido um Scrooge bem mais sofisticado. Este velho impiedoso reservaria uma tranche dos seus rendimentos especulativos para “trabalho caritativo”, através das suas próprias megafundações e redes de ONGs e OSCs. Isso serviria para fazer alguma pequena caridade, ceder umas quantas migalhas daquele gigantesco pão que é saqueado, e isso é sempre uma boa tática. Tende a refrear ânimos e a adormecer consciências. Mas também serviria para persuadir a população a ansiar pela sua própria desgraça, com difusão de ideologias sintéticas, para romantizar “pobreza voluntária”, “a beleza da simplicidade”, “o encanto da austeridade”, acionamento energético, comunitarismo, desenvolvimento sustentável, e por aí fora.

As PPPs de Scrooge aderem a empreendedorismo social, responsabilidade social.

Trabalho comunitário / rendimento **mínimo** sustentável / soja GM, “to reduce the surplus”.

O filantropo depois puxaria a sua cartola de empreendedor social e diria, vou *conceder*, vou *inaugurar*, uma série de vagas em serviço comunitário; isto são os programas de responsabilidade social das minhas parcerias público/privadas. Os desempregados e os indigentes que venham!, alguns fazem trabalho qualificado, outros fazem trabalho degradante, e no final eu dou-lhes um rendimento mínimo sustentável. Depois, os pobres podem trocar o rendimento por umas latas de soja GM da minha agro-exploração na América do Sul e ajudam os outros pobres que trabalham lá para mim, lá na comuna agrária. Em sussurros acrescentaria, a soja GM é esterilizante e cancerígena, e é mesmo assim que funciona, a vida é complicada e alguém tem de perder o jogo, caso contrário não era um jogo. Este é um planeta de recursos limitados, são meus e dos meus colegas, e a surplus population está a mais certo?, é a surplus population porque eu não preciso de tantos recursos humanos. Downsizing is awfully good for business.

Socialismo Inglês: Fabian Society, o epicentro de Socialismo Global.

A fábula do pobre operário nas mãos de Lord Keynes e dos Webbs.

Fabian Society, o baluarte de Socialismo Inglês / Progressivo / Fabiano / Tecnocrático.

Domínio sobre um vasto complexo de instituições, incluindo a Segunda Internacional.

À esquerda, temos um quadro igualmente trágico e anglófilo, em parte protagonizado pelo perverso Lord Keynes, que dava um abraço ao operário enquanto lhe arrancava o emprego; e depois disso o relógio e a casa, após um breve interregno onde fingia dar-lhe algo de bom. Here you go chap, have all this fresh welfare cash borrowed at huge interest from the big banker boys, at the City there. Como Keynes sabia, uma economia sem produção eventualmente colapsa, e é aí que os seus colegas Sidney e Beatrice Webb entram: pegam neste operário desempregado e colocam-no a fazer

serviço obrigatório na “comunidade” em troca de “créditos sociais”. Keynes e os Webbs são as pedras angulares no pensamento económico da esquerda actual, e isto é um facto muito mau e muito cinzento. Foi no final do século 19 que estas pessoas ajudaram a organizar um dos mais poderosos e destrutivos empreendimentos de sempre. Isto é algo a que chamaram “socialismo fabiano” (ou “socialismo inglês”, ou “socialismo progressivo”, ou ainda “socialismo tecnocrático”) com o patrocínio de Lady Astor e o papel activo de Friedrich Engels e de Eleanor Marx. O núcleo ideológico deste “socialismo inglês” é a Fabian Society. A Society é organizada em Londres, e torna-se o epicentro de um movimento internacional composto de infinitudes de instituições, agências, partidos, ONGs e outras organizações. Isto inclui a famosa Segunda Internacional, organizada na sede da Fabian Society em Londres. Esta é aquela que as outras internacionais conhecem como “the yellow international”, e é provável que isso não seja tanto pelo facto de os personagens da Segunda serem cobardes, que são, mas mais por serem mais filthy rich que todas as outras Internacionais juntas, e convenhamos que isso é uma tarefa complicada. Faz-se muito dinheiro em brigandagem internacional, é o melhor de todos os negócios, após a banca. É por isso que andam sempre de mãos dadas. Hoje, este complexo, centrado na Sociedade Fabiana, é o epicentro de Socialismo Global ou, World Socialism, como os fabianos preferem chamar-lhe.

(tópicos seguintes melhor acompanhados de notas sobre *Socialismo inglês*, *Eugenia*, e outras, para muitas citações e passagens directas)

Socialismo internacional – Meios dominados por aristocratas e elitistas de upper middle class.

Obsessão com poder / pretensiosismo / misoginia anti-humana.

Meios muito doentios e muito virulentos, pessoas muito certifiável. A Fabian Society funciona desde o início como um ponto de encontro para aristocratas de topo (lordes e outros), financeiros e elitistas de upper middle class. Sempre presente em tudo isto, algo que é bem patente em todas as obras e manifestos que daqui saem, é um enorme e virulento desprezo pelo homem e pela mulher comuns, vistos como pessoas ineptas e inferiores, incapazes de tomar decisões por si mesmos, a necessitar de gestão compulsiva pelos seus pretensos “superiores”. Esta é a mentalidade do criminoso de classe, o aristocrata nihilista e pretensioso que pretende exercer poder absoluto sobre os comuns e precisa de encontrar uma forma de o racionalizar, de dar a esse exercício uma aparência de quasi-legitimidade. Este é o standard nos núcleos centrais de socialismo em todos os países. Aí, encontramos sempre este perfil. O aristocrata e o elitista pretensioso de upper middle class, gente rica, obcecada por poder, dominada por desprezo e até ódio, face à larga generalidade dos seres humanos. São meios muito pouco saudáveis, muito doentios, muito desarranjados. E depois, é claro que estas pessoas são incrivelmente mentirosas. Nos seus ensaios e livros escrevem sobre como odeiam o público e querem estabelecer totalitarismo universal; em público, falam de amor e solidariedade. Gente muito perigosa e certifiável.

HG Wells, um trendsetter para todas as eras; autoritário obcecado com purgas étnicas e ideológicas.

Snob que ascende de classe baixa para assumir ódio e desprezo para com as suas origens.

Um exemplo mais ou menos paradigmático, com efeito um trendsetter, é HG Wells, socialista fabiano, mocinho de recados da aristocracia. Herbert George era um snob, um pequeno wannabe. Nasce na classe operária, e mais tarde é adoptado pelos Huxleys, e vai viver entre a aristocracia. Desenvolve o mais profundo ódio e desprezo pelo homem comum; o mais profundo pavor de ser atirado de volta às massas operárias de onde tinha vindo, às quais chamava “Povo do Abismo”. Muito inseguro de si mesmo, o que o vem a tornar num misantropo autoritário, alguém que concebe o mundo como um espaço de superiores e inferiores, onde todos têm de ser shaped to fit – with a whip. É provavelmente o fabiano mais extremo *da sua era* (mas é o trendsetter para todas, para dizer a verdade). Nessa altura, GB Shaw tinha um módico de graça e de humor, entre todas as ramblings autoritárias. Lord Russell tinha o típico sentido de liberalidade aristocrática que o fazia não ser *tão odioso* como os capatazes abaixo (os capatazes empregam o chicote, o lorde acima mantém um ar de humanidade e até de simpatia). Os Webbs eram demasiado obcecados com mecanismos linguísticos e formalidades burocráticos para fazerem muito mais que escrever os mais entediantes e insuportáveis tractos de estilo administrativo (são a grande inspiração do estilo de escrita burocrático pós-moderno); queriam gerir pessoas, como se gere gado industrial, mas é um exercício cinzento e impessoal, sem demasiado *ódio*. E ódio é o que domina Wells. Em livros como “Anticipations”, “The Open Conspiracy”, “A Modern Utopia”, atinge níveis pré-hitlerianos de ira e despeito para com os vulgares; quer fazer limpezas étnicas sobre a larga maioria dos povos do mundo e, fazer uma razia às classes baixas e médias do mundo ocidental. Wells virá a apoiar os Nazis alemães, tanto quanto os Fascistii italianos e, claro, fará viagens à Rússia Soviética para manifestar toda a sua admiração assolapada por Stalin e pelo sistema de brutalização e escravatura lá. A Nova República que Wells descreve em “Anticipations”, em 1902, é a descrição exacta daquilo que a Alemanha Nazi viria a ser (incluindo os genocídios em escala) e é aquilo em que os seus herdeiros (executivos neoliberais, socialistas de topo, directores do fundo monetário internacional, e afins) esperam vir a transformar o mundo.

Insanidade moral / patologização de sanidade / the ride you’re into, if you give’em power. As pessoas não fazem realmente ideia da ride they’re into, quanto dão poder a estes movimentos de gente auto-conceituada e, mais que isso, profundamente perturbada. É o problema essencial aqui. Insanidade, no domínio moral e em muitos outros; e, é uma que tentará patologizar saúde e normalidade.

O perfil dos comic book villains. Um dos detalhes mais interessante em toda esta gente, é o facto de, quando se olha realmente para eles, pelo que são, todos parecerem comic book villains e, de uma forma bastante essencial, é precisamente isso que são.

O lobo em pele de cordeiro; neo-feudalismo e racismo de classe.

Fabian Essays (1889) e outras obras fabianas: manifestos de ódio anti-humano.

Neo-feudalismo e comunitarismo / consórcios privados assumem poder total sobre sociedade.

Sociedade transformada na **comuna** / trabalho forçado, microgestão, condições de vida zero.

Exército policia comuns / brutalidade / Selecção eugénica / esterilização, extermínio de “inaptos”.

Boa medicina negada a comuns [Sir Julian e a Unesco].

3º mundo é 3º mundo porque vive sob isto / em breve, 1º mundo será 3º mundo.

A Fabian Society é, desde o início, pioneira de um atípico ódio anti-humano, bem manifesto nos “Fabian Essays in Socialism” de 1889 – com destaque para os textos de George Bernard Shaw, Annie Besant, e Hubert Bland. Este manifesto inaugural exige abertamente a destruição da civilização, e a conversão da sociedade para neo-feudalismo, comunitarismo, trabalho forçado, prisões políticas, execuções. A família tem de ser desmantelada e eventualmente proscrita. Toda a economia será entregue nas mãos de grandes consórcios público/privados [*ver notas sobre Comunitarismo, que significa a tomada de poder sobre o domínio público e a sua usurpação por mãos privadas; é isso que é introduzido pelo modelo das parcerias público/privadas*] e, quem quiser viver, terá de trabalhar nos moldes miserabilistas e escravagistas que *vão ser*, é afirmado, impostos por estes consórcios. A vida do vulgo será o trabalho, e o trabalho será na comuna laboral. As cidades serão transformadas em comunas laborais. O refeitório colectivo, o apartamento/dormitório e o exército a policiar as comings and goings dos liliputianos são condições *morais*. O mesmo com um salário *universal*, que será o *salário mínimo*. Mais tarde, HG Wells, Shaw e outros fabianos acrescentam a toda esta efusão de “moralidade” a ideia de esterilizar a larga maioria da população. A reprodução é um privilégio a ser reservado a uns meros **1 a 10%**. Uma boa parte da maioria inapta tem, claro, de ser exterminada. A câmara de gás é apresentada por estes fabianos (e.g. Russell, Shaw) como uma solução particularmente *humana*. Quem for *imoral* e não aceitar tudo isto, morrerá à fome, porque o sistema totalitário público/privado se assegurará que não receberá ajuda de ninguém. Outros autores, como Lord Bertrand Russell vêm abrir a possibilidade de simplesmente prender e executar a pessoa. Lord Russell é bastante fresco. Os livros dele valem muito a pena. “The Scientific Outlook” e “The Impact of Science on Society” são manifestos indispensáveis na escala anti-humana das coisas. O mesmo para Sir Julian Huxley, outro fabiano. “Man in the Modern World” e “UNESCO, Its Purpose and its Philosophy” (Huxley, um monstro, foi o fundador da Unesco, uma instituição monstruosa) são igualmente indispensáveis. «*The lowest strata [of people]... are reproducing... too fast. Therefore... they must not have too easy access to relief or hospital treatment lest the removal of the last check on natural selection should make it too easy for children to be produced or to survive; long unemployment should be a ground for sterilization...*». Estas são as palavras deste amiguinho das crianças, em “Man in the Modern World”, 1947 (isso mesmo, após o Holocausto). O Terceiro Mundo é o Terceiro Mundo porque foi, ao longo de todo o último meio século, o playground para testar e aplicar ideologia fabiana. O 1º Mundo será Terceiro Mundo daqui a poucas décadas.

Socialismo fabiano, o lobo em pele de cordeiro (símbolo oficial!). Nestes primeiros tempos, um dos símbolos oficiais da Fabian Society, acessível aos membros internos, é um lobo vestido de pele de cordeiro – literalmente. Com efeito, “socialismo progressivo” era, e é, a forma mais adequada, de avançar neo-feudalismo e desintegração civilizacional, ao mesmo tempo que rotula esse esforço de “progressista” e “humanista” (por oposição a humanitário; porque foi *assim* que os descendentes ideológicos destas pessoas vieram a redefinir humanismo).

A Utopia socialista fabiana é...a Idade Média!

Ordem social “cívica e ordeira”, sem “atrevimentos”, todos sabem o seu lugar.

Os comuns levam “vidas simples”, sob supervisão dos mais “sábios”, como é “apropriado”.

Voltemos a 1889, aos “Fabian Essays in Socialism”. Aí, descobrimos que o ideal, a Utopia a alcançar sob socialismo internacional, é... a Idade Média! A ordem repressiva e autoritária medieval é o melhor de todos os mundos. A comuna medieval era um sítio *cívico e ordeiro*, onde todos sabiam qual o seu lugar (mind your place) e ninguém vivia *para além dos seus meios* [a comuna, a reserva para o gado humano, o modo como os commoners são vistos, é sempre o modelo essencial]. As pessoas eram felizes (ahah) porque levavam vidas *simples e desprezíveis* (sob o chicote) e é a isso que é necessário voltar. Afinal de contas, é-nos dito, é preciso voltar a ter uma ordem social “apropriada”, em “harmonia com a natureza”, onde cada qual é posto no seu lugar, e não são tolerados “atrevimentos”. Uma parte essencial da nostalgia medieval é o sistema social, muito bem organizado, muito *moral* – dizem-nos estes porcos imorais. Isto significa que a destruição totalitária da era moderna tem de incluir a mimetização desse sistema. A aristocracia feudal é substituída por financeiros internacionais e por outras castas oligárquicas de estilo hindu. Os capatazes do feudo e da comuna medieval são substituídos por comissários, burocratas, managers – gestão (gestão é um conceito vital; tudo é gerido, e tudo significa **tudo**). A vanguarda de “Samurais”, de que HG Wells falará, os escravagistas a soldo para os big boys. Depois vêm todas as outras castas, até aos intocáveis lá no fundo, aqueles que são deixados a morrer à fome ou pura e simplesmente executados.

O amor fabiano por nazismo e soviétismo.

Apoio habitual a crime organizado: e.g. Nazismo, Fascismo, URSS e outros Comunistas, etc. Os socialistas fabianos tinham parceiros de trabalho preferenciais. Durante um tempo, a “reconciliação nacional” de Benito Mussolini e o NSDAP de Adolf Hitler foram apoiados de um modo quase delambido. Mais tarde, foi percebido que isso era uma má tática de relações públicas. A partir deste ponto, o fabianismo internacional limita-se a apoiar Stalin e, mais tarde, pessoas como Mao, Pol Pot e as forças revolucionárias de Khomeini no Irão.

SIS / Cambridge Fabians / Chatham House e a rede de influência global da City.

Aliança histórica com establishment financeiro.

Raízes no SIS / Cambridge Fabians, **Apostles** / Society fundada como branch político SIS.

Porém, a grande “entente” nunca foi com ditadores internacionais, mas sim com financeiros, especuladores e outros velhos oligarcas do establishment anglo/europeu. A Fabian Society surge com o patrocínio aberto de Lord e Lady Astor e é apenas sintomático que um dos seus fundadores tenha sido um executivo da City, Edward Pease. Porém, as suas raízes são ainda mais profundas e vão dar aos Cambridge Fabians, uma das subdivisões dos Apostles, e o grupo que coloca a Fabian Society em moção. Os Cambridge Apostles são, claro, um grupo extraordinariamente importante de

establishment boys e uma secção essencial do SIS, os serviços privativos de intelligence para a Coroa britânica [*décadas mais tarde, vários Apostles são expostos como agentes duplos, teoricamente a espiar o MI6 em nome do KGB. A parte interessante aqui é que sempre foram agentes SIS, e o SIS está muito acima do MI6 e, já agora, do KGB. Neste caso, o que parece mais plausível ter acontecido, e a história o dirá, é que estavam na verdade a jogar um jogo triplo: a espiar o MI6 por conta do KGB e, mais tarde, a operar o KGB por conta do SIS; e isso seria apenas mais um elemento para explicar os vários fenómenos de entente anglo/soviética durante a Guerra Fria*]. Os SIS gerem os Apostles e os Apostles efectivamente criam a Fabian Society, que funciona desde então como um branch político e ideológico para os SIS. Este é o procedimento habitual nos países europeus; muito velhos, muito corruptos e completamente poluídos por sujidade oligárquica.

Ramo essencial para a rede de influência global da City of London.

Do Milner Group a Chatham House e à ONU.

A partir daí, a Society é adoptada, acarinhada, feita crescer, pela clique de Lord Milner, Jan Smuts e Philip Kerr, que agregava os mais influentes aristocratas e banqueiros do Império na altura. Este grupo de oligarcas financeiros ainda hoje em dia existe, tem mais poder que nunca antes, e é o plateau central de decision-making para a City of London; e a City of London é, em muitas dimensões, o epicentro do planeta, em questões económicas, sociais e políticas. Em tempos, este grupo central à City foi conhecido como Round Table, Milner Group, The Group, Cliveden Set, *Us* (“nós”). O seu principal veículo institucional é o Royal Institute of International Affairs (RIIA), i.e. Chatham House, em Londres, e Chatham House está no centro de uma vasta rede global de agências, institutos internacionais, companhias multinacionais, fundações, ONGs. O RIIA e as suas subsidiárias são determinantes, em consultoria e policy making, para todo o sistema internacional, da ONU, ao FMI, ao Banco Mundial, à União Europeia, e aos governos nacionais de muitos, muitos países. É daqui que vem o sistema de round tables e a actual conversão da economia global para o modelo das parcerias público/privadas; neofeudalismo. É um vasto complexo institucional e uma potência per se, com mais riqueza agregada que qualquer estado nacional. É aqui que está o real poder de decision-making no mundo actual. A Fabian Society e o vasto complexo organizacional que controla, incluindo a Segunda Internacional, estão integrados nesta rede de influência global e são componentes essenciais da mesma.

Fascii dialéctico entre establishment financeiro e socialistas apenas cresceu, com o tempo.

A união dialéctica entre financeiros e socialistas nunca morreu; pelo contrário, o *fascio* que os une ganha mais e mais feixes à medida que o tempo passa. Existem feixes para todos os gostos e preferências e, sob todos os pretextos possíveis e imaginários. Just come on in, be a part of *us*! Estes feixes de joio, claro, são feitos à esquerda e à direita para serem separados do trigo, cortados e lançados para o fogo para o qual foram feitos. Essa é a finalidade de todo o bravato autoritário.

Lord Milner era um socialista progressivo / apartheid.

Implementou o sistema na África do Sul; chamava-se **apartheid**. Lord Milner, mencionado atrás, o grande patrono de socialismo fabiano, é o homem que assumiu o comando do grupo após a morte de Cecil Rhodes, o fundador da Round Table. Milner era um proponente de “socialismo progressivo”, chegando ao ponto de dar várias palestras públicas sobre o assunto. Implementou os princípios essenciais da doutrina na recém-conquistada União da África do Sul; mais tarde, esse sistema seria conhecido como “apartheid”.

John Ruskin, o pai ideológico da aliança finança/socialistas.

Proto-fascista vitoriano / rústico / deificação da natureza, ódio aristocrático pelos “vulgares”.

Desmantelar a civilização burguesa para voltar a “ordem natural” (feudalismo).

Tory e Comunista – Red Tory / a comuna feudal como modelo para o futuro.

Quando Lord Milner e os seus subordinados socialistas se sentavam a uma mesa redonda em Chatham House ou nos Coefficients, falavam de vários temas. Grandes concessões de recursos, negócios à custa dos contribuintes, gestão científica de populações, redes de influência e controlo social, medidas eugénicas, e muitas outras coisas. Mas um dos temas favoritos era certamente John Ruskin, o pai ideológico desta “entente”. John Ruskin, um professor em Oxford, era um notável proto-fascista vitoriano. A sua deificação da natureza só era igualada pelo seu intenso ódio pela actividade humana e pela humanidade em geral. Nas várias colectâneas de ensaios que escreve, vocifera contra a existência de indústria, classe média, direitos constitucionais. Ruskin depois *afirma* querer arrasar Glasgow, Nova Iorque e o Parlamento, e trazer de volta a “ordem natural” da Idade Média. Declara-se como sendo simultaneamente um Tory e um Comunista – e não há nada de estranho nisto. Como Ruskin asseverava, o modelo a seguir é a comuna, e a comuna é uma estrutura medieval e feudal. Na comuna, os “comuns” são governados por uma classe “benevolente”, “mais avançada”, e “mais sábia” de lordes e de comissários feudais (hoje, isto inclui sempre “chefes-executivos”, “líderes comunitários”, e por aí fora). John Ruskin estava apenas a reiterar um dos mais populares credos entre a velha aristocracia europeia: o de que a ordem de castas da Idade Média é o sistema mais perfeito e mais equilibrado alguma vez inventado; portanto, não precisa apenas de ser reinstaurado, mas também, globalizado.

GB Shaw, socialista fabiano, esclarece nonsense esquerda/direita.

“Pessoas comuns são ineptas; precisam de quem tome decisões por elas”.

“Socialistas são classe aristocrática / são ‘os melhores’, para gerir os vulgares”.

“Bolchevismo é Toryism – o domínio absoluto da aristocracia sobre todos os outros”.

Em 1921, GB Shaw escreverá um ensaio a glorificar Ruskin, onde colocará de parte de uma vez para todas a imbecilidade direita/esquerda nestas matérias de gangsterismo político e governo totalitário: *«The people seldom know what they want, and never know how to get it... the reconstruction of society must be the work of an energetic and conscientious minority. Both of them knew that the government of a country is always the work of a minority, energetic, possibly*

conscientious, possibly the reverse, too... when we look for a party which could logically claim Ruskin today as one of its prophets, we find it in the Bolshevik party... all Socialists are Tories in that sense. The Tory is a man who believes that those who are qualified by nature and training for public work, and who are naturally a minority, have to govern the mass of the people. That is Toryism. That is also Bolshevism. The Russian masses elected a National Assembly: Lenin and the Bolsheviks ruthlessly shoved it out of the way, and indeed shot it out of the way as far as it refused to be shoved» [Bernard Shaw (1921). Ruskin's Politics]

300 anos de reacção oligárquica contra avanços Modernistas (1).

Modernismo: indivíduo tem direitos individuais inalienáveis.

Está acima de qualquer entidade colectiva / Governo tem de ser legítimo (i.e. dentro da lei). A vitória essencial do Modernismo é o reconhecimento do indivíduo per se – todos os indivíduos. Todos são criados iguais e todos têm certos direitos; e o foco central destes direitos é, precisamente, a noção de independência individual. Esses direitos não lhe podem ser negados, por *ninguém*. Nem por um tirano, nem por uma oligarquia, nem por um governo, nem por um colectivo popular despótico. O indivíduo está *sempre* acima de toda e qualquer organização colectiva. A organização colectiva pode ser criada para *servir* os indivíduos (e.g. governo). Por outras palavras, os indivíduos podem optar por nomear ou eleger representantes que arbitrem relações sociais e assegurem a protecção de direitos individuais. Porém, a organização colectiva não está no direito de inverter as proposições, de modo a poder exercer poder arbitrário sobre o indivíduo médio. Isto significa, claro, que toda a regimentação compulsiva, todo o colectivismo compulsivo, é rejeitado e *banido* – é algo que está fora da lei.

Oligarquia, um corpo colectivo que **depende de colectivismo** para exploração. Isto é intolerável para uma oligarquia, um colectivo organizado que deriva todo o seu poder da imposição de colectivismo absolutista às “massas” (aos indivíduos). O colectivo no topo, a oligarquia, organiza um sistema absolutista, pelo qual o resto da população é mantido sob dependência e *sob controlo*. O indivíduo médio e a família média não contam para rigorosamente nada. São usados, moldados, pisados, shaped to fit. São meros objectos a ser usados pelos oligarcas. Depois, a oligarquia organiza sempre inúmeros corpos colectivos de natureza coerciva ao longo da sociedade, para assegurar manutenção e expansão de controlo (e.g.1 polícia política; e.g.2 quem queira ter uma actividade económica é forçado por “lei” a trabalhar em franchise para um grande grupo, ou tem de estar integrado numa ordem profissional).

Oligarquias europeias indignadas com avanços Modernistas: dão poder aos vulgares! É esta a situação de muitos dos velhos grupos de poder na Europa, durante a ascensão Moderna. Estes grupos oligárquicos viam-se a perder o poder que até aí exerciam de forma absoluta sobre os “vulgares”, os “comuns”, o “mau sangue”. A instauração de liberdades políticas e económicas dava poder, voz, e poder de geração de riqueza a quem tinha de ser mantido dependente, temeroso, obediente, perante os “mestres”. Pelo mesmo exacto motivo, as classes médias eram inaceitáveis; eram os bourgeois, os burgessos, a plebe atrevida que pensava poder criar algo de melhor para si e para os seus. As classes médias eram pioneiras em auto-educação e em tudo o que daí advinha:

conhecimento e cultura, ideais políticos, inovação económica, descobertas científico/tecnológicas. O horror perante a emancipação intelectual das pessoas pequenas, a little people, a ralé, era algo de quase inconcebível, para pessoas sãs, e humanas. “*Eles sabem ler, e falar, e escrever, e compor, e pintar – e fazem-no melhor que nós!*”. E, claro, as classes médias eram o epicentro tectónico do Modernismo. Se alguma vez as classes baixas viessem a ser emancipadas, isso aconteceria por acção das classes médias. E estava a começar a acontecer; “*todas estas ideias novas na Europa, e a emancipação gradual de plebes nas Américas; muitos entre eles ajudam-se uns aos outros, e depois viram-se contra nós!*”. “*É preciso dividi-los! É preciso convencer os pobres de que são pobres por causa das classes médias, e torná-los inimigos de sangue, e é preciso encher as classes médias de lixo mental, falsas culturas, apatia e desinteresse!*”. O estado-nação também era inaceitável. Podia ser cooptado, sequestrado, mantido oligárquico, por uns séculos, mas o facto é que não era fiável; demasiado dado a revoluções, mesmo sob falso melhorismo, organizado pela oligarquia. A melhor organização era o velho formato imperial, onde os centros de poder são dispersos, distantes, megalíticos. Onde qualquer rebelião das plebes pode ser contida a um nível mais ou menos local, ou regional, e é possível usar depois grandes exércitos imperiais para marchar sobre as sátrapas e esmagar a rebelião. E é claro que o estado-nação é mau por outro motivo. É a única forma de organização geopolítica que permite a emancipação efectiva das massas da humanidade e a criação de liberdade e de prosperidade para todos – *se bem usado*, claro.

300 anos de reacção oligárquica (2) – Colectivismo, i.e. Socialismo.

Concebem reacção / 300 anos de acção autoritária e multivectorial contra avanços modernistas.

Cooptar aquilo que é útil para oligarquia / neutralizar, suprimir, aquilo que liberta pessoa comum.

Múltiplos movimentos convergentes, ideologias sintéticas, provocadores e ideólogos a contrato.

Selva lançada sobre humanidade, para a persuadir de que o seu habitat natural é... a selva. Ao longo do espaço dos últimos 300 anos, o Modernismo, e aquilo que está no seu epicentro, a ideia de liberdades individuais, encontrou inimigos incomparáveis nas velhas oligarquias mercantis e feudais da Europa; e em múltiplos movimentos daí derivados. O gameplan foi simples. Cooptar, sequestrar e reciclar os avanços Modernos que podiam ser usados pelas classes oligárquicas para consolidar e exercer poder; ultimamente, poder totalitário. Procurar neutralizar e apagar da memória humana todos os avanços passíveis de libertar, emancipar e trazer esclarecimento à família média e ao indivíduo médio. Para avançar tudo isto, seriam usados múltiplos movimentos diferentes, inúmeras cores ideológicas inventadas, inúmeras reciclagens da mesma ideologia oligárquica. Inúmeros caminhos que parecem traçar rotas independentes mas, voilá!, eis que vão todos convergir na mesma estrada larga, para o mesmo destino final. Em tudo isto, seriam também usados inúmeros – literalmente! – provocadores a contrato, heróis teatralizados, quackademics, ideólogos a recibos verdes – etc. A selva seria lançada sobre a humanidade, para persuadir a humanidade de que o seu habitat natural é a selva.

Doutrinar massas para ideologias oligárquicas / “Paz e segurança”. As “massas” teriam de ser persuadidas que era do seu melhor interesse não ter independência individual. Que o indivíduo

médio é per se perigoso, incompetente, e irresponsável. Que a sociedade tem, por primado de sobrevivência, de ser governada por indivíduos mais “sábios”, mais “benevolentes” e mais “evoluídos” que a média. Que *paz e segurança* só serão obtidas por organização colectiva, e que tal organização colectiva deve sobrepor-se, em nome do “bem comum”, aos direitos inegáveis do indivíduo. Paz e segurança são os grandes motes aqui; a oligarquia iria acabar com toda a paz e negar toda a segurança, mas usaria estes termos como motes de auto-glorificação universal. Esta e esta, e também esta forma de governo (“as nossas, ahah”) trarão paz e segurança. “*E é quando eles gritam paz e segurança que os melhores planos estouram, e paciência, lá se fatigaram as nações para o fogo*”, como está escrito.

Impor a ideia de que é necessário haver sistema colectivista organizado, sobreposto a indivíduo. A ideia oligárquica essencial foi a de introduzir a noção que é preciso um *sistema* social organizado dotado do poder de se sobrepor ao indivíduo. O colectivo sobre o indivíduo. Aqui, a sociedade surgiria como uma forma de empresa, ou de “máquina”, ou de “corpo”, onde todos são integrados para *usufruir* dos direitos humanos contextuais, situacionais, que o “estado” pode optar por lhes *conceder*. O “estado” é a *colectividade* de todos os cidadãos. O governo é uma *autoridade* com poder de intervenção sobre tudo (ou quase tudo) o que acontece. O seu trabalho é exercer *funções*, apesar de, por etiqueta, poder chamar-lhes *serviços*. Note-se a diferença de linguagem legal entre isto e aquilo que acontece sob governo legítimo. Aqui, está-se perante linguagem absolutista e isso é algo que só acontece quando se está perante práticas correspondentes; ninguém usa a linguagem do autoritarismo para ceder poder a seguir. Seja como for, basta observar a história dos últimos séculos para ver que é precisamente isto que está em causa. Nestes sistemas, ainda que sejam permitidas eleições democráticas, é garantido que a dança dos partidos nunca poderá (excepto nos casos de revolução, ou de regeneração) mudar o *sistema* em si. Da mesma forma, é garantido que o sistema será controlado por uma clique oligárquica que organizará as coisas em proveito próprio.

A sociedade plenamente organizada pelo estado oligárquico – i.e. Socialismo. Este foi o design essencial que as velhas oligarquias europeias adoptaram para controlar o fallout de Modernismo. Mas, a seguir, foram mais longe. Pegar neste estado colectivo e usá-lo para *organizar plenamente* a sociedade. A isso foi chamado de Sociocracia, numa primeira geração; e, depois, de Socialismo. Socialismo é a sociedade que é plenamente organizada, e controlada, pelo estado. Uma forma de estado que não faça isto no seu pleno, (ainda) não é genuinamente Socialista. É claro que pode estar a caminho; pode, e.g. ser Social-Democrática; este é um dos formatos que são definidos pela Sociedade Fabiana em Inglaterra e por Kautsky na Alemanha.

Socialismo é sempre pré-totalitário ou totalitário / visa engenharia **total** da sociedade. Todas as formas de socialismo são objectivamente pré-totalitárias ou totalitárias, no sentido em que o objectivo pretendido é a engenharia política, social e económica da *totalidade* da sociedade; *de tudo na sociedade*. Toda a sociedade tem de ser integrada entre si e feita funcionar como uma máquina de peças e de mecanismos interdependentes. Todo o processo é conduzido, claro, por uma oligarquia autoritária. Qualquer força política que pretenda alcançar este objectivo é *socialista*, e *colectivista*, independentemente do termo psicopolítico que possa usar para se categorizar a si mesma.

Socialismo pode ser de esquerda, mas também de direita.

O que interessa é a concepção do sistema integrado para engenharia da sociedade.

Os desvios do caminho *legítimo* são sempre para a direita e esquerda. Como é óbvio, um caminho baseado na ideia de desvio daquilo que é *legítimo* tem de se desviar para a direita e para a esquerda, e é isso que aqui acontece. Vamos ter socialismo de direita (ou, como é commumente conhecido, *direita*) e socialismo de esquerda (*esquerda*). Ambos subscrevem ao mesmo modelo essencial, mas discordam em pontos eventuais. Quem controla o sistema integrado, i.e. quem é a oligarquia dominante? Que agendas psicossociológicas são favorecidas? Quais os grupos sociais que vão ser favorecidos e quais os grupos que vão ser desfavorecidos? E assim sucessivamente.

As formas mais extremas de Socialismo são, claro, Comunismo e Fascismo.

Origens indistintas / os mesmos métodos / dialéctica geopolítica / diferenças apenas em retórica.

Durante século 19 e até final da II Guerra, isto era de conhecimento comum.

[Colectivismo era o termo para tudo isto].

Após II Guerra, águas são turvadas com propaganda, popularização de ideologia sintética. A forma mais extrema de socialismo de esquerda é, claro, Comunismo; e, à direita, Fascismo ou Nazismo (nacional-Socialismo). As duas formas têm origens indistintas. Ambas surgem a partir do Socialismo militante (e terrorístico) do século 19; e, regra geral, a partir dos mesmos exactos movimentos. E.g. os movimentos terroristas de Mazzini em Itália dão origem a Fascistii e a Comunistas por igual medida. Ambos os movimentos ambicionam o retorno pleno ao modelo oligárquico. O estado é totalitário e dedica a maior parte dos seus esforços a suprimir a própria população. Esse estado visa expansão internacional ilimitada, para controlo militar e civil de territórios; e para gestão mercantil, monopolista, dos processos económicos. Ambos conduzem extensas purgas sobre os seus domínios e, para ambos, essas purgas são tanto ideológicas como étnicas. Ambos são controlados por pessoas extremamente ricas e poderosas. Ambos prometem desenvolvimento económico e libertação individual, enquanto desprezam o indivíduo médio, rejeitam qualquer forma de liberdade política, e proíbem classes médias independentes e actividade económica descentralizada. E, jogam uma dialéctica geopolítica essencial. O fascismo *tradicional* subverte a ideia de estado-nação para o equacionar com “pureza racial” (e outras superstições desse género) e para o usar como plataforma de agressão militarizada. O objectivo é a construção da unidade imperial, com o uso de um ou mais “povos puros” como recursos humanos para isto. O comunismo, por sua vez, rejeita a ideia de estado-nação e vai directamente para a unidade imperial com base em “classes puras”. De resto, é ao nível da retórica que vamos encontrar as diferenças essenciais. Isso era bem reconhecido até à II Guerra (após a II Guerra, foi espalhado todo o tipo de confusão conceptual sobre o tema). Durante o século 19, e durante a primeira metade do século 20, ninguém fazia distinção entre Comunistas, Nazis e Fascistii, a não ser no que respeitava à pura e simples pragmática da luta pelo poder entre grupos competidores. Qual é o bando de totalitários que preferes, os de vermelho ou os de preto? Quais são os que falam melhor, quais são os que fazem promessas melhores? Militantes totalitários alternavam livremente entre grupos de “esquerda” e de

“direita”. Os Fascistii italianos começaram por ser um bando de esquerda e o mesmo acontece para os Nazis alemães. Depois, tanto Fascistii como Nazis mudaram o rótulo para direita, já que os distinguia melhor dos Comunistas, o principal grupo competidor [ver notas sobre ***Socialismo e URSS***, para muito sobre tudo isto].

Regimes oligárquicos são regimes usurpatórios por crime organizado.

Usurpação (i.e. roubo) dos direitos inalienáveis do homem e da mulher comuns.

Usá-los e moldá-los a bel-prazer, para projectos de grupo oligárquicos. E é claro que a nota dominante em tudo isto é o facto de todos os regimes oligárquicos serem, em essência, regimes criminosos. Toda a teoria e prática são direccionadas para um único ponto, um único objectivo comum: usurpar os direitos inalienáveis do indivíduo médio e da família média. Usá-los e a moldá-los a seu bel prazer, como objectos desprovidos de vontades próprias (estes regimes têm *sempre* de despersonalizar os seus próprios cidadãos). Usá-los e moldá-los para serem peças de construção para projectos de grupo oligárquicos.

Uma oligarquia é sempre um gang que existe por exploração do público. Uma oligarquia é, de resto, uma força de crime organizado, um gang de topo que existe por conta da exploração do resto da sociedade. Depois, cria inúmeros clones similares ao longo dos vários níveis da sociedade, para melhor a controlar.

Regimes usurpatórios e criminosos / **Inimigos do povo.** Mais que regimes usurpatórios, criminosos, estes movimentos, e os regimes que criam, o que inclui o moderno comunitarismo, são claramente distintos pelo facto de serem *inimigos do povo*. Essa é a mentalidade prevalente, e o carácter essencial de tudo o que é feito.

Aristóteles e os oligarcas que juram inimizade perpétua ao povo.

Homem e mulher comuns têm de asseverar **independência de todas** as forças de usurpação. Há 2500 anos atrás, Aristóteles explicou o modo como os oligarcas de uma cidade-estado particular tinham um rito de iniciação no qual tinham de jurar inimizade perpétua para com o povo da cidade. A oligarquia era um predador consciente e voluntário sobre as massas humanas que tinha... *ao seu dispor*. Esta é a mentalidade que genuinamente prevalece em tudo isto. É por isso que as “massas humanas” nunca podem ficar *ao dispor* de nenhum power group em particular, o mesmo se aplicando a tiranos e a “colectivos populares” (que assumem o direito de impor despotismo de grupo sobre os seus semelhantes). Cada indivíduo é criado igual a todos os restantes, e é dotado de liberdades e direitos que lhe são inalienáveis; que advêm do seu nascimento como indivíduo humano. Liberdade, vida, auto-realização. Qualquer força de autoridade que se assuma no direito de negar e de cortar estes direitos está a agir contra o indivíduo, contra a família média, contra a humanidade. Está a agir contra a Lei natural que é estabelecida e ordenada pelo próprio Criador. É, portanto, uma força de autoridade ilegítima, i.e. que age sem legis, sem lei. Uma força de autoridade sem lei, fora da lei.

300 anos de reacção oligárquica (3) – Nostalgia medieval e kool aid cults.

Idade Média!, benchmark para todos os movimentos colectivistas relevantes de últimos 300 anos.

O paraíso sustentável / a comuna medieval / os vulgares e os mestres “benevolentes” e “sábios”.

Todos conhecem o seu lugar na sociedade e fazem o trabalho que lhes é dado. Todos os movimentos colectivistas relevantes dos últimos 300 anos são iniciados por esta entente oligárquica. Todos vão usar o modelo medieval como o seu *benchmark* de Utopia. Isto é válido quer estejamos a falar de Socialismo ou Comunismo, de Tecnocracia ou de Fascismo, e Nazismo. Na esfera pública, será anunciado o paraíso sustentável, onde todos vivem vidas confortáveis, justas e igualitárias. Nos escritos internos, este paraíso sustentável assume um aspecto bastante diferente, o retorno à ordem social autoritária, violenta e regimentada da Idade Média. Alguns exemplos desta interdependência entre socialismo e feudalismo serão dados ao longo do resto do texto, muitos mais podem ser encontrados na pasta **Socialismo**, e outras. A sociedade medieval era uma na qual todos sabiam o seu lugar na sociedade – mind your place. Todos faziam o trabalho que lhes era dado; ninguém se atrevia a questionar as ordens daqueles que são “mais sábios” e “mais avançados”. A **comuna** medieval era o espaço onde esses auto-proclamados “superiores” exerciam o seu domínio; toda a sua “superioridade”.

Ordem medieval, inimica a liberdade, ao indivíduo, a desenvolvimento.

Degeneração, autoritarismo, ignorância e violência. A ordem medieval era, claro, inimica a direitos individuais e ao indivíduo em si. Da mesma forma, era inimica a desenvolvimento económico. Era um sistema degenerado e violento, alicerçado em ignorância e em maus sentimentos.

Regresso a isto implica destruição gradual da civilização, do indivíduo e da Razão.

Irracionalismo, mínimo denominador comum humano, colectivismo. Voltar a esse tipo de sistema implica a *destruição gradual* da civilização, do indivíduo independente. Implica a desfiguração da Razão, e a sua substituição por irracionalismo dialéctico. Implica a degeneração da humanidade no seu todo; a redução de cada indivíduo ao nível do mais baixo e medíocre irracionalismo hedonista. Implica que a pessoa aprenda a não ter qualquer iniciativa individual, fora da esfera do grupo, do colectivo. Isto aplica-se especialmente ao domínio das ideias; aquele que pensa pela própria cabeça e discorda do dogma colectivo será tratado como *herege*.

Kool aid cults aplicam isto a si primeiro e depois tentam generalizar a todos os outros. É tudo isto que todos estes sistemas avançam e praticam. Mind you, as pessoas envolvidas nestes kool aid cults começam por aplicar o tratamento a si mesmas, e depois vão tentar converter (por persuasão ou coerção) o resto das massas da humanidade.

Reacção anti-modernista: ataque sobre indivíduo, Razão, liberdade política e económica. Esta é a essência da reacção anti-modernista levada a cabo durante os últimos 3 séculos. Um ataque sobre o indivíduo, sobre a Razão e sobre democracia liberal e constitucional.

A romantização de aristocracia, subdesenvolvimento, desigualdade perpétua [Romantismo].

Ruskin era um Romântico e é do Romantismo que surge Nazismo e Comunismo. John Ruskin estava apenas a reiterar um dos mais populares credos entre a velha aristocracia europeia: o de que a ordem de castas da Idade Média é o sistema mais perfeito e mais equilibrado alguma vez inventado; portanto, não precisa apenas de ser reinstaurado, mas também, globalizado. Ruskin era um Romântico, e este é (ao contrário daquilo que foi vendido à vox populi) um movimento incrivelmente virulento e elitista. É daqui que sai, de modo quase directo, o Nazismo alemão e, claro, várias das falanges organizadoras dos movimentos Comunistas continentais.

Movimento aristocrático / medievalismo / pavor anti-modernista, anti-democrático. Os sentimentos dominantes, em Romantismo, são a nostalgia pela “sociedade ordeira” da Idade Média e o desprezo irrestrito pela Modernidade, com a emancipação sócio-política, económica e educacional das antigas classes servis, os “vulgares”, o “mau sangue”. Indústria, classes médias independentes e desenvolvimento económico são atrevimentos intoleráveis. A crescente democratização de literacia e de auto-educação era algo que não podia ser – eles sabem ler, e falar, e fazem-no melhor que nós! Tal era, e é, o drama existencial destes herdeiros intelectuais (e, regra geral, dinásticos) da antiga ordem feudal.

O melhor de todos os mundos é a tirania colectiva dos vâpidos / a França gnóstica. A crença essencial em Romantismo é a de que o melhor de todos os mundos é algo na linha dos principados do sul de França, durante o apogeu do gnosticismo medieval (daí “romantismo”, que vem de “romance”, a língua dessa área); controlo totalitário da plebe, troubadours, álcool, orgias de sexo e de sangue, e todos os restantes tipos de perversão, são o lifestyle ambicionado. E são feitos, ainda hoje. Mas não é preciso ir tão longe como a França albigense. Fiquemos pela comuna medieval standard, algo na linha da velha Nuremberga da Idade Média.

A comuna: cada macaco no seu galho, sob o governo absoluto dos “mais avançados”. A comuna medieval é um espaço de “vida cívica”, “coexistência pacífica e harmoniosa entre pessoas”, “harmonia com a natureza”, “estabilidade colectiva”. Tudo o que foi apontado anteriormente para o medievalismo socialista se aplica aqui. As pessoas conheciam “o seu lugar apropriado na estrutura social” e os “mais aptos para governar”, governavam, absolutamente. Os “comuns” têm as suas vidas organizadas por pessoas “benevolentes”, “mais avançadas”, “mais sábias” – “mais evoluídas”. Quando não gostam, ou não querem, serão forçados a gostar, e a querer. Como Hyndman (um dos socialistas e românticos mais proeminentes no século 19) nos diz, os homens medievais vieram a tornar-se bastante resistentes à tortura e à brutalidade, e isso é uma coisa boa.

Império Germânico / escassez forçada / desigualdade perpétua. Em tudo isto, a organização institucional do Império Romano-Germânico é o grande modelo a seguir, com as suas *marcas* militarizadas (feudos) e com a sua governância “local to global” (da comuna local ao principado regional ao Império geral). Toda a vida comercial é, claro, monopolizada por grandes empreendimentos, as companhias mercantis da oligarquia. A vida tem de ser “simples”, o que significa que ninguém (excepto a aristocracia, claro) tem muito do que quer que seja. Subprodução, escassez artificial, preços muito elevados. A produção é reduzida a um mínimo *sustentável* para a manutenção do sistema no seu todo; e em redistribuir as migalhas daquele pão que é gerado (i.e. racionamento); a oligarquia fica com o pão quase todo, mas atira umas poucas migalhas ao “mau

sangue” em redor. Trabalho muito precário, quando não simplesmente forçado, escravo. Desigualdade perpétua, irrevogável e irreversível.

Alemanha, entre modernização e rusticismo völkish.

Alemanha, sempre entre despertar de real potencial, e destrutividade feudalista e totalitária.

O lugar de nascimento do totalitarismo moderno, a par dos Domínios Britânicos. A Alemanha é um dos hot spots para revivalismo de estilo Romântico. Nesta altura um pontilhado de principados, cidades-estado, freistaats, a velha Germania não se lembra da última vez em que teve alguma forma de estabilidade. Existe imenso potencial humano construtivo à espera de ser libertado neste território [*ainda hoje, uma Alemanha realmente livre e democrática seria o motor central de uma Europa extremamente próspera*], mas o génio humano apenas consegue despontar aqui e ali, num padrão geral dominado por vagas de convulsão perpétua, guerra regional, purgas locais, autoritarismo e feudalismo. As oligarquias regionais germânicas jogam jogos ininterruptos de poder entre si, e nesta dinâmica, tentam manter os seus respectivos domínios e freistaats sob um tipo de regimentação sócio/cultural e económica que favoreça o exercício da guerra e a sabotagem do adversário do outro lado da floresta, ou do rio. A Alemanha é, a par dos domínios privatizados do Império Britânico, o lugar de nascimento do totalitarismo moderno [*o Império Britânico só descontrai no final do século 19; até aí, as coisas eram completamente run on clockwork*].

Entre modernização e industrialismo e rusticismo völkish. A Alemanha dos pré-1850s está bastante indecisa entre industrialização e os velhos costumes völkish, herdados da Idade Média, quando não das velhas marcas tribais, nos tempos em que Germania era a palavra que assombrava os pesadelos de Augusto, e ainda mais para trás.

Cultura völkish glorifica subdesenvolvimento, guerra, autoritarismo, colectivismo comunal.

Romantismo assenta bem com mentalidade völkisher / dark will be dark. A mentalidade Romântica assentava bem na mentalidade völkisher e vice-versa; obscurantismo dá-se bem com obscurantismo, tanto quanto águas pantanosas continuam a ser pantanosas quando são misturadas com outras águas pantanosas.

Atraso cultural, policiamento de costumes, congelam espírito humano. Estes costumes völkish tinham o condão de manter em atraso permanente, estagnação, as zonas que mais fiéis lhes eram. Glorificavam autoritarismo, colectivismo comunal, “simplicidade” (pobreza) e, claro, militarismo. Ser völkish era ser anti-indústria, anti classe média, anti desenvolvimento económico; a favor da aldeia comunal controlada pelos barões feudais locais. Era ser a favor de sistemas de policiamento de costumes e de ideias na comunidade, o que tinha o efeito mágico de congelar as manifestações de criatividade e de inteligência. Era querer cortar a própria garganta, em guerras perpétuas com os vizinhos do lado.

O tipo de mentalidade que é disseminada para persuadir um povo a querer cortar as próprias asas.

Assegura subdesenvolvimento, desintegração, espirais de insanidade colectiva.

Promoção histórica contínua, dos romanos a oligarcas competidores. Este tipo de mentalidade é a fórmula apropriada para manter um país em desintegração perpétua; e é por isso que foi judiciosamente incentivada desde sempre por grupos internos e, muito especialmente, externos [*os próprios romanos começam esta tradição, quando cultivam formas de tornar os germanos mais bélicos e obscurantistas, para que nunca fossem uma ameaça para o Império; porém as coisas mudam e o feitiço voltou-se contra o feiticeiro, e esse também é o standard normal*]. Nesta altura, o jogo continua a ser jogado. Para isso, diferentes oligarquias lançam demagogos e provocadores políticos, para dividir e desestabilizar as regiões competidoras – pelo incentivo a não-industrialização e a não-modernização (aquilo que hoje seria conhecido como desenvolvimento sustentável).

Rodbertus e Karl Marlo / socialismo de guilda/ base para infraestrutura humana do III Reich. É no supracitado contexto de guerra psicológica, pelo apelo a nostalgia, subdesenvolvimento, obscurantismo, que surgem Karl Rodbertus e... **Karl Marlo**. Estes personagens tornam-se bastante notórios no seu tempo (um pouco antes de Karl Marx), apelando à rejeição de Modernismo e o pleno regresso à “ordem tradicional” da antiga Alemanha Imperial, medieval, por meio de um estado totalitário *völkish*. Marlo e Rodbertus vão ser determinantes para fomentar e fortalecer os movimentos de guildas *völkish* – como vem a ser conhecido, *socialismo de guilda* – que, um século mais tarde, assumirão o poder, no *Machtergreifung* de Adolf Hitler. Estas guildas são uma das fontes essenciais para a estrutura do estado policial Nazi, das estruturas de polícia política ao cultivo de jovens hooligans, para as SA e para as SS.

Prússia assume controlo sobre Alemanha e “sabe como lidar com Modernismo”.

A oligarquia prussiana: absolutismo de classe e rusticismo místico. O grupo que mais incentiva e lucra com tudo isto (espalhar misticismo e rusticismo para manter populações atrasadas e subdesenvolvidas) é a oligarquia prussiana, o biggest fish in the pond, nesta altura. Este é um bando bastante desagradável e absolutista de pessoas; velhos aristocratas organizados numa estrutura muito regimentada de guildas e de ordens de cavalaria.

Prússia é o “pioneiro” na tática continental de “lidar com Modernismo”.

Aproveitar o que pode ser usado para exploração, autoritarismo e guerra.

Banir tudo aquilo que pode dar liberdade, emancipação e esclarecimento à pessoa média. Os prussianos têm um design bastante peculiar para lidar com o Modernismo. Antes de mais, impedir os adversários de usufruir das suas vantagens; incentivar sufoco económico, social e tecnológico para tornar a conquista mais fácil. Em casa, absorver aquilo que é útil ao estado autoritário militarizado (e.g. indústria pesada, sistemas de organização, tecnologia militar); e banir tudo aquilo que pode trazer liberdade e esclarecimento ao indivíduo e à família média.

A Prússia era um estado totalitário, a própria base para o que vem a ser a Alemanha Nazi.

O Quarteto. Nesta altura, a Prússia já é um estado totalitário, uma espécie de pré-Alemanha Nazi; só é rivalizada nesse estatuto por Hesse e por mais uns poucos estados e principados. É esta Prússia

que cooptará e absorverá todos os restantes estados, para fazer a unificação da Alemanha. É também daqui que surge o Quarteto, a formulação oligárquica essencial que controlará a Alemanha até à II Guerra: proprietários de terras (Junkers), industrialistas de monopólio (e financeiros), administradores públicos e generais.

Prússia: a dança das cadeiras entre socialismo de esquerda e socialismo de direita.

Prussianos introduzem dança das cadeiras entre partidos, método que prevalece no Ocidente.

Partidos mudam mas decisões reais são tomadas por oligarcas e representantes da indústria. Um dos mais profícuos métodos a serem introduzidos pela oligarquia Prussiana foi a ideia de, a certo ponto, fingir a democratização do país. O sistema continuaria a ser plenamente autoritário, gerido pela mesma oligarquia de sempre, mas agora haveria a opção de eleger governos dotados de poder essencialmente simbólico. É o método que foi implementado em todo o mundo ocidental, no pós II Guerra. Existe a dança das cadeiras entre partidos, mas as decisões reais são tomadas por comités tecnocráticos compostos de representantes da indústria.

Todas as forças eram socialistas, fosse isto **socialismo de esquerda ou de direita**.

A dança das cadeiras nunca ameaça o sistema integrado (socialista). Na Alemanha, a peça de teatro foi feita para incluir uma vasta diversidade de partidos e forças, with a catch: todas eram socialistas, fosse de esquerda ou de direita. Aí, vamos ter os proto-fascistas e os conversadores de direita, em competição com comunistas, socialistas de guilda, sociais democratas Kautskyanos, até anarquistas sociais, i.e. o que hoje em dia se chamaria de “radicais”. Muito importantes em tudo isto, os professores envolvidos em “socialismo Katheder”, socialismo de elite, largamente responsáveis por organizar o sistema. A dança das cadeiras acontecia, mas o sistema integrado, controleiro, monopolista, nunca era desafiado.

Prússia: viveiros de ideólogos a recibos verdes / Fichte e Hegel.

Prússia cultiva viveiros de provocadores e ideólogos a contrato / subversão e atraso intelectual. Como mencionado, a Prússia totalitária vai incentivar tudo isto, para o que contará sempre com inúmeros ideólogos e académicos a contrato (por altos comandos militares, departamentos de estado, seitas de cavalaria, etc.). Estes prostitutos intelectuais a contrato serão usados para fins de subversão e de racionalização daquilo que não pode ser racionalizado. A Prússia é bastante importante na técnica de usar castas de académicos para disseminar propaganda e lixo ideológico.

Fichte e Hegel aprendem quase tudo de Jean-Jacques Rousseau. Os ideólogos essenciais de totalitarismo de estilo prussiano, and beyond!, são dois Românticos degenerados, Fichte e Hegel, que aprendem quase tudo o que sabem com Jean-Jacques Rousseau, o Sociopata (Hegel vai bastante longe para misturar Rousseau com charlatanismo dialéctico; gnóstico, na verdade).

Rousseau: Schadenfreude, subdesenvolvimento e totalitarismo.

Rousseau festeja o Terramoto de Lisboa e anseia pelo retorno à comuna medieval. Jean-Jacques Rousseau é o autor essencial do Romantismo, é um pequeno sociopata que começa por festejar o Terramoto de Lisboa, pela mortandade e destruição que provocou; era um sinal de que o caminho em frente era o retorno à comuna medieval.

Passa o resto da sua carreira a advogar totalitarismo e a destruição da mente humana. Rousseau depois passa a sua carreira a expor um programa de reacção contra a ascensão da Razão, e a advogar a barbarização das massas europeias com doses de hedonismo e irracionalismo colectivo. Ao mesmo tempo, as massas seriam tornadas incapazes de comunicar entre si, e é claro que uma coisa acompanha a outra. É em tudo isto que consiste a ideia do “bom selvagem”, tão mal explicada às pessoas. Essencial em Rousseau, a primeira grande formulação do estado totalitário como uma imponente e monolítica estrutura que existe para esmagar o espírito humano, destruir a civilização e operar a queda, kicking and screaming, de volta à comuna feudal.

Como generalidade de obscurantistas continentais, tem porto de refúgio na Grã-Bretanha (oh why?).

Também estuda sob reaccionários católicos, Contra-Reformistas. Rousseau passou uma parte da sua vida a trabalhar com obscurantistas britânicos, como habitual nestes meios. A Grã-Bretanha funcionou como o grande porto de asilo para todo o tipo de destruidores e agitadores do Continente, de Rousseau, a Marx, a Bakunin, passando por Marat e Danton, mais tarde Blanc, e tantos, tantos outros – one can just wonder why, oh my? Seja como, antes disto, Rousseau ainda estudou durante algum tempo sob a égide de reaccionários católicos, e é plausível, que tenha aprendido uma boa parte daquilo que sabia sob esta gente.

Restauracionistas Católicos: a Aldeia Global neofeudal, sob Imperador do Mundo e Papa.

Jesuítas, um grupo gnóstico muito pervertido, anti-Cristão, surge no seio da Contra Reforma.

Antítese oficial a restantes gnósticos de guilda, para jogos dialécticos com o público. A reacção contra o Modernismo toma a sua face mais virulenta na forma da Contra Reforma, e é claro que este movimento é, a partir de certa altura, dominado por Jesuítas. Este é um movimento muito perigoso, uma falange de fanáticos anti-Cristãos, “gnósticos catolicizados”, e funciona ainda hoje como uma espécie de antítese oficial a guildas gnósticas na linha de Rosicrucianismo e outros. Grandes clubes de homens pervertidos a operar a distorção e a manipulação de sociedades por jogos dialécticos. Os Jesuítas chegaram a ser considerados um grupo ilegal e terrorista pelo Vaticano durante o século 19.

Restauracionistas Católicos: anular avanços feitos do Renascimento em diante.

A aldeia (medieval) global: comunas, blocos regionais e união global.

Mundo governado por Imperador do Mundo, a par do Papa.

“The mighty one has fallen, who will feel sorry for her?” Um dos subcultos – ou células, no sentido de intelligence – que surge a partir dos Jesuítas são os Restauracionistas Católicos, e aqui estamos a

falar de pessoas como de Maistre, La-Mennais, Bonald ou Ballanche. Estas pessoas surgem para advogar a mais virulenta e impiedosa anulação dos avanços civilizacionais alcançados durante o Renascimento e a Reforma. Isto seria feito pela instauração da “aldeia global”. A ideia era fundir os vários continentes em uniões modeladas com base no antigo Império Romano, e depois fundir essas uniões regionais num único império global autoritário, que impusesse obscurantismo e subdesenvolvimento ad aeternum. Esse império seria governado por uma “santa” aliança, entre um Imperador do Mundo e... o Papa. Quem mandaria, na verdade, seria o Papa. É fácil antecipar (até está escrito), o que aconteceria nesta possibilidade, o que eventualmente virá a acontecer. A grande estrutura de vermelho, sentada sobre as sete colinas, e o homem no topo dela, é pura e simplesmente devorada, comida, devastada, por aqueles que acreditava ir controlar. Acreditava que nunca ficaria viúva e que nunca ficaria sem filhos. Que podia fazer uso de todos os seus sortilégios e encantos e dizer, “ninguém me vê!”. Acreditava que podia agir em adultério (em divórcio até), de quem interessa, para mandar por si mesma, ter controlo total. E, de repente, pufff!

Saint-Simon inspira-se nestes simoníacos católicos.

Saint-Simon, um debutante aristocrático, angustiado com a era moderna.

É intolerável que os vulgares tenham liberdade, independência económica, educação. Estas propostas simoníacas encontram um sucessor apropriado na figura do Conde de Saint-Simon, um especulador e um aristocrata francês, que faz bastante dinheiro com a desgraça de outros aristocratas durante a Revolução Francesa. Saint-Simon vive angustiado com os avanços da era moderna. Constitucionalismo e democracia dão poder aos vulgares. Liberdade de imprensa dá-lhes voz. Desenvolvimento económico transforma-os em classe média e isso é tão intolerável; eles não dependem de *nós*! Pensamento científico desafiava o obscurantismo provincialista tão essencial ao exercício de poder das classes governantes. Irá inspirar-se assumidamente no modelo Jesuíta, para desenvolver um sistema de globalização (na verdade, limita-se a elaborar sobre o modelo Jesuíta).

Saint-Simon vê o fantasma de Carlos Magno, que lhe pede para globalizar modelo medieval.

Comte, outro alucinado / **Socialismo** institucional nasce nestas duas mentes. Uma noite, estando preso numa cela no Luxemburgo, o Conde (é isto que reporta) vê o fantasma do seu antepassado, Carlos Magno. Em voz tonitruante, o velho Imperador ordena ao seu benjamin genético que encete a devolução do mundo de volta à Idade Média. “Henri, ordena o mundo com base no meu Império”. Saint-Simon era chanfrado em mais que um sentido, e teve alucinações recorrentes ao longo da sua vida; o seu principal discípulo, Auguste Comte, também. Estes dois homens, personagens completamente alucinados, inventaram a primeira grande working definition de Socialismo, e para o caminho para lá chegar; chamaram-lhe Sociocracia.

Positivismo e Tecnocracia também surgem daqui, e isso explica muito. Também foram muito importantes em Empirismo Radical, e os formuladores de Positivismo e de Tecnocracia, o que explica muita coisa.

Séances, cartas de tarot, cornos de sapo, mapas astrais, e por aí fora.

O círculo de Saint-Simon / bancos de crédito mobiliário (e.g. Société Générale). Saint-Simon ouve o apelo do seu antepassado e concebe uma reacção geral para neutralizar os avanços do Modernismo e, mais que isso, organizar o mundo para uma ordem global baseada no velho Império Romano-Germânico. Recruta uma equipa de jovens colaboradores na aristocracia e na banca; o seu círculo, como lhe chama. Os círculos de jovens hienas, à volta da hiena crescida, são uma constante nesta gente. Em bom estilo charlatânico, estas pessoas depois organizam séances, e no meio das cartas e dos mapas astrais encontram espaço para debater geopolítica. Aliás, é assim que algumas das obras de Saint-Simon estão divididas, em vez de capítulos temos “séances”. Do círculo de Comte sai toda uma rede de bancos de crédito mobiliário, em França, Itália, Espanha e outros países. O Credit Mobilliaire e a Société Générale estão entre os mais notáveis.

Saint-Simon elabora reacção geral contra Modernismo / Aldeia Global.

Sistema Geral Global / Sociocracia Global / **Socialismo Global**.

Local to global / governo por bancos e firmas multinacionais / comunitarismo.

O modelo de Saint-Simon era assumidamente inspirado e quase idêntico ao dos Contra-Reformistas. Autoritarismo comunitário. Regionalismo, como base de construção de uma aldeia global, um regime global. O bom Conde adiciona um elemento essencial à equação, aquilo a que chama um “sistema geral de bancos”. A banca seria o primeiro sector a ser globalizado e, com efeito, guiaria o próprio processo de globalização. No final, existiria um feliz, unificado e feudal planeta Terra, organizado em múltiplas pequenas comunidades, habitadas por servos consensuais e ignorantes. Estes servos seriam ensinados desde pequenos a reverar os seus superiores, os novos lordes feudais: directores de bancos e de companhias multinacionais, secundados por comissários locais e regionais. Isto é Socialismo ou, como é chamado, Sociocracia. Os estados seriam desfeitos em regiões (o mundo ocidental teria umas centenas de regiões) e a ordenação seria de comuna, para região, para bloco continental, para global – *local to global*. A formulação de base nunca mudou, só os detalhes e a linguagem.

Polícia política, os “anjos da guarda” from hell.

Educação minimalista para “economia social” / **100** manuais “técnicos”, única literatura autorizada.

Degradação do intelecto / Congelamento da ciência e do discurso / “informação positiva”.

Deus é banido / ameaça autoridade humana, e princípios como honestidade, justiça têm de ir.

Disseminação de superstição (cartas, sinas, etc.).

A degradação da vida intelectual e científica seria alcançada por meio da substituição de ciência axiomática pela generalização de empirismo radical, um sistema aparentemente científico à superfície, mas uma colecção obscurantista de nódulos e auto-contradições no interior – dialéctica. Toda a actividade científica teria de ser *autorizada*, e teria lugar em institutos exclusivos, controlados pela oligarquia. As pessoas seriam ensinadas a comunicar com espíritos, a ler sinas e outras coisas deste género. Seriam supervisionadas por “anjos da guarda”, polícia política, anjos

infernais com botas militares. Deus, o *real*, o do AT e do NT, seria banido da praça pública por ser inaceitável; Comte assume que princípios como honestidade, verdade epistemológica e justiça não têm lugar no novo sistema. Da mesma forma, as pessoas não poderiam ter noção da existência de nenhuma autoridade acima da mera autoridade terrena. O debate público seria congelado, com polícia política colocada em todas as assembleias e locais de encontro. Comte assevera que **apenas** 100 livros de referência, **100 manuais autorizados de tópicos**, seriam tolerados no novo sistema. Depois haveria “informação objectiva”, “informação positiva”, e isto é aquilo que o próprio Comte assume ser pura e simples propaganda governamental. A pessoa média seria *treinada* ou *formada* (*não educada*) apenas e somente para fazer um trabalho rotineiro e prosaico na “economia social” (hoje isto será teclar uns botões num centro informático e ir trocar fraldas a idosos na comunidade).

Comte, “essencial alienar proletários de classes médias para assegurar domínio oligárquico!”

Carta de Comte a lord britânico: “derrota revolta dos vulgares, reestabelecer domínio aristocrático”. Auguste Comte, o discípulo de Saint-Simon, foi o grande responsável por celebrar este sistema no Continente, sob o seu Positivismo. Comte escreve uma notória carta (publicada numa das suas coletâneas, uma edição exclusiva em francês) a um lorde britânico, onde fala do modo como este programa iria permitir destronar a revolta dos vulgares e reestabelecer o prestígio e o poder absoluto da *aristocracia*, por toda a Europa. Vale bem a pena ler os documentos destas pessoas, nas edições antigas.

Acabar com a classe média / única que restará será managerial e afranchisada. Comte devotou centenas de páginas a explicar a utopia social, e como chegar lá – o 4º volume do seu Sistema de Política Positiva é imprescindível. Comte explica que um dos pontos essenciais para alcançar o “regime sociocrático” (este era o termo, na altura) era o de acabar inteiramente com a classe média independente – no final, a única “classe média” que restaria seria um ínfimo conjunto de gestores afranchisados, a trabalhar para firmas multinacionais.

Alienar as classes proletárias das classes médias.

Evitar a todo o custo que classes médias emancipem baixas, e todos se unam contra oligarquia. Mas o caminho para lá chegar ainda seria longo, e aqui era preciso tomar algumas precauções, diz-nos Comte. A precaução essencial era a de *alienar* as classes proletárias (vistas como servos ignorantes a manter nessa condição), das classes médias (vistas como potenciais emancipadoras dos proletários). Por outras palavras, *o proletário deveria acreditar que o seu real inimigo era a classe média, e não a oligarquia no topo*. Isso era a forma de assegurar que os proletários podiam ser usados pela oligarquia contra as classes médias; mas também de evitar que proletários e classes médias se unissem contra os oligarcas (como veio a acontecer nos EUA de Lincoln) e não acelerassem as reformas constitucionalistas que nascem do Renascimento. Para que estes propósitos fossem alcançados, era essencial criar uma ideologia sintética que virasse uns contra os outros, e deixasse o caminho aberto para os empreendimentos multinacionais da oligarquia.

Karl Marx aprende Socialismo com Saint-Simon e responde a apelo de Comte.

Por influência de sogro, von Westphalen / velho aristocrata prussiano, muito rico e poderoso.

Também existe a influência muito negra de Fichte e Hegel.

Manifesto Comunista é Saint-Simon em versão “proletarian friendly”.

Saint-Simon e Comte serão estudados por muitos jovens bandidos do seu tempo, e isso incluirá Karl Marx, na Alemanha [ver notas sobre Marx, com citações directas, em **Socialismo**]. Marx aprende Socialismo a partir das obras de Saint-Simon, por influência do seu sogro, Ludwig von Westphalen; um aristocrata prussiano extremamente rico, e muito poderoso no estado Prussiano. Também retira inspiração dos virulentos proto-fascistas Fichte e Hegel, o que é sempre um péssimo indício. Karl Marx começa por reeditar a ideologia de Saint-Simon numa forma “proletariat friendly”. O modelo do estado comunitário e internacionalista de Marx *é* o modelo de Saint-Simon, com a omissão cuidadosa da parte onde todo o sistema é controlado por oligarcas financeiros e industriais. Esta é a essência do Manifesto Comunista. Todo o Manifesto é Saint-Simon, de uma ponta à outra, omitindo a parte sobre elitistas ricos no topo.

Marx responde ao apelo de Comte.

Guerra de classes / Ideologia aristocrática / Cultivar dependência / A comuna.

Todo o Manifesto é uma obra muito baixa e vulgar de jocosidade / duping people.

E, Karl Marx acorrerá para responder ao supracitado apelo de Comte. Comte pede para alienar o proletariado das classes médias, de modo a impedir emancipação geral contra a oligarquia. Marx diria que a melhor forma de fazer isto é por persuadir o proletariado de que a única forma real de *emancipação* é pela rejeição total da *alienação* que é “preconizada” pelas classes médias. Isto é uma forma dialéctica de dizer que Karl começou um jogo de dividir para reinar: guerra de classes. Virar os pobres contra aqueles que eram pobres e agora têm *qualquer coisa*. Marx exige ao proletariado que se enclausure na sua própria doutrina sintética de classe, inventada por pessoas como ele próprio, e tome armas contra as classes médias; não contra a oligarquia, mas sim contra os vizinhos down the road. Com efeito, o principal alvo de Karl Marx é o *petit bourgeois*; o agricultor independente, o pequeno industrialista, o pequeno retalhista. As classes médias “são o principal obstáculo para a construção do estado socialista” (totalitarismo) e o estado socialista será a Utopia onde todos os operários viverão... bem, *como classe média* (não é suposto que isto faça sentido, apenas que engane pessoas – e enganou – e engana). Porém, o caminho até lá é longo e árduo; confiem nos mestres socialistas. Entretanto, proletários do mundo, não queiram ter uma vida independente de classe média. *Geração descentralizada de riqueza é uma coisa má*. O que funciona é tudo estar organizado em grandes grupos, grandes consórcios, grandes organizações, e a partir daí fazer-se redistribuição de riqueza. Sempre que possível, roubem à classe média. Eles merecem. Eram pobres, como vocês, mas agora *são vossos inimigos*. Contentem-se em fazer trabalho industrial, para grandes empreendimentos. Concentrem todas as vossas atenções em meras disputas por salários melhores. Anseiem pela **comuna** (o campo de escravos feudal e colonial); nunca queiram ter nada; propriedade é uma coisa *má*. Na Utopia, terão tudo, nunca passarão fome – viverão como reis. Entretanto, trabalhem na fábrica, sejam duros, and though it up!, a Utopia chegará. É *isto*, este gozo vulgar, este escarninho medíocre, que Marx dá aos seus leitores, no

Manifesto Comunista e em outras publicações panfletárias para os vulgares. As publicações reais de Marx são infinitamente mais elitistas, realistas (e até certo ponto, honestas) que isto.

Karl Marx tem o perfil típico do provocador ideológico a contrato.

O “herói proletário” casado na aristocracia imperial prussiana / Prussófilo extremo. Karl Marx é um mero oportunista, que faz um teatro público de “herói proletário” enquanto se casa na aristocracia germânica, uma das classes mais brutais e misóginas em existência. Este é o perfil típico do provocador ideológico a contrato e, sem dúvida, é bastante provável que Marx não se tenha casado apenas com a jovem Jenny von Westphalen, mas também com a estrutura “informal” do Staat prussiano – eventualmente por via do sogro, que era um alto oficial nestes circuitos.

Marx: estandardização do mundo por blüt und feuer, para Socialismo global.

Em 1848, notabiliza-se por exigir um Anschluss Prussiano sobre toda a Europa Central e de Leste.

“Prússia e Austro-Hungria têm de lançar reino de conquista, terror, limpeza étnica e ideológica”.

[O que acabaria por ser feito durante a II Guerra Mundial].

Isto era essencial para a **estandardização** forçada da Europa para gestão totalitária (Socialismo).

O mesmo programa teria de ser feito por todo o mundo. De resto, é durante as revoluções de 1848 que Karl Marx se notabiliza por exigir a imposição violenta e militarizada de supremacia Prussiana sobre toda a Europa central (aquilo que aconteceria durante a II Guerra). Nisto foi secundado pelo seu colega, Friedrich Engels, um proprietário (capitalista) fabril em Manchester. No seu Die Rheinische Zeitung, estes homens antecipam *com deleite* as torrentes de exploração, extermínio étnico e desculturalização que Prussianos, Austríacos e Magiares *teriam de lançar*, do Rühr ao Volga, do Mar do Norte aos Balcãs, para garantir a sua “evolução” para Socialismo, i.e. totalitarismo. Marx e Engels exigem a estandardização forçada da Europa, da Rússia, das Américas, e depois do planeta inteiro, sob as mais virulentas formas de imperialismo. Essa era a forma mais expediente de destruir as velhas culturas e as velhas formas de vida e estandardizar toda a população global num mesmo molde de *gestão*, para um único regime de Socialismo Global.

Marx e Engels exigem a assimilação coerciva do povo Judaico.

Ódio puro por Rússia / teria tido satisfação se tivesse visto trabalho Comunista, décadas depois. Em tudo isto, o apontado no ponto anterior, Karl Marx alimentava um ódio muito particular e muito mesquinho pela Rússia; teria ficado orgulhoso se tivesse visto o holocausto de sangue, brutalidade e escravagismo que foi lançado pelos seus discípulos sobre o território.

Duvidoso que ódio por Russos tivesse a ver com pogroms anti-semíticos.

Marx era um Judeu assimilado, ensinado a ter ódio e desprezo pelo próprio povo.

Apela a assimilação coerciva de Hebreus / o método do pogrom e de tudo o resto.

Judas Macabeu teria sabido como lidar com Karl Marx. É muito duvidoso que a antipatia de Marx para com a Rússia tivesse alguma coisa a ver com os repetidos pogroms sobre a população Hebraica, nesse país. É certo que Marx era um Judeu, e nenhum Judeu que se prezasse teria grande simpatia pelo reino de obscurantismo do Czar. Mas o facto é que Karl Marx tem tudo menos simpatia e solidariedade pelo seu próprio povo. Com efeito, Marx notabiliza-se por ser um Judeu que apela à assimilação *forçada, coerciva, violenta*, dos restantes Hebreus. O Judeu, diz Marx, tem de ser *forçado a ser humano*, e isso acontece pelo abandono compulsivo de Deus e da Torah e por aculturação forçada a standards pagãos. “Die Judenfrage”, por ex., é um ensaio que roça o hitlerianismo. É difícil encontrar algo mais triste do que um Hebreu que se coloca do lado de Antíoco e dos Caldeus, contra o próprio povo. Judas Macabeu saberia como lidar com um mocinho dos epicuristas como Karl Marx.

Os donos de Marx são a anti-semítica aristocracia Prussiana, que conduzirá o Holocausto. Em tudo isto, não será coincidência que Karl Marx tenha sido adoptado pela virulentamente anti-semítica aristocracia Prussiana. Esta é a classe que conduziria o Holocausto, menos de um século depois, e Karl contribuiu para lançar as vagas de ódio e irracionalismo que levaram a isso.

Engels: “o Judeu polaco é a mais suja de todas as raças” [Treblinka in the background]. O mesmo com o seu colega Friedrich Engels, que nos diz que o Judeu Polaco é a raça mais suja e desprezível de todas em existência; precisa de uma limpeza. O ghetto de Varsóvia, Treblinka, Birkenau, Sobibor, Chelmno.

Tudo isto é em 1845-1850, quando Marx e Engels exigem limpezas étnicas para standardização.

O que aconteceria se os dois tivessem estado na Reichswehr, nos anos 30? É de notar que todas estas afirmações sobre assimilações forçadas e tratamentos coercivos surgem por 1845-1850, na fase em que Marx e Engels estão a exigir a condução de limpezas étnicas e raciais, por toda a Europa, para standardização cultural. O que é que Marx e Engels teriam feito aos ghettos da Europa de Leste, se estivessem no comando da Reichswehr décadas depois?

[sobre tudo isto, notas e citações em *Socialismo*]

Marx, Marlo e Hegel / O jogo dialéctico entre Comunismo e Fascismo (síntese em []).

Karl Marx é um sucessor dos provocadores Rodbertus e Karl Marlo. Karl Marx é, claro, um dos sucessores dos provocadores Karl Rodbertus e Karl Marlo, na cena política alemã.

Também é um Jovem Hegeliano, i.e. terrorista e irracionalista dialéctico. Marx começa a sua carreira como Jovem Hegeliano, o que o coloca na categoria de jovem hooligan, e terrorista; e é também daí que surge a sua paixão por raciocínio dialéctico. A dialéctica é, na prática, apenas uma forma sofisticada e complexificada de pensamento mágico. É com base na dialéctica que Marx extrai as suas concepções deturpadas sobre socialização e assimilação.

Marxismo (Comunismo) surge para jogar jogo dialéctico com Hegelianismo (Fascismo). De resto, um dos motivos para a criação sintética de Marxismo é a necessidade de inventar uma antítese dialéctica para Hegelianismo. Caso contrário, o princípio de contradição não operaria, e não se estava perante real evolução dialéctica guiada. Jogar um jogo dialéctico, *spiel ein spiel mit mir*, é o propósito de tudo isto, e isso é algo que costuma passar despercebido.

Fascismo hegeliano top/down (↓) + Comunismo marxista bottom up (↑).

A síntese: totalitarismo oligárquico cristalizado / top-down/bottom-up (⌈⌋) (pés dialécticos).

Aka, comunitarismo managerial.

A dialéctica implica sempre o choque de tese com antítese para gerar síntese, e síntese é o meio-termo e a solução que *prevalece*, no mundo real. Hegelianismo é top/down (↓), Fascismo se quisermos. A oligarquia no topo cai sobre todos os restantes, impõe a sua vontade, por meio do estado totalitário. Marxismo é bottom up (↑). A teoria é a de que a “vanguarda” do proletariado “ascende” para impor a sua vontade sobre todos os restantes, por meio do estado totalitário. A solução aqui é obviamente *síntese*. A síntese é obviamente a situação onde existe a oligarquia hegeliana, fascista, cai sobre o público e é nisso acompanhada pela regimentação totalitária, marxista, das massas. O que surge daqui é aquilo que Comte exigiu. O estado totalitário onde a oligarquia comanda irrestritamente as massas regimentadas, e a classe média desapareceu por inteiro (foi esmagada no torno, a par de todos os outros elementos indesejados). A ordem social está organizada por castas funcionais regimentadas, ascendentes numa hierarquia cristalizada de postos e estações sociais, onde o topo absoluto é a oligarquia. Algo neste registo: ⌈⌋. Um bom símbolo também seria algo como um T onde a base é tão extensa como o topo, mas o símbolo anterior também é óptimo, até porque expressa um pressuposto essencial da sociedade totalitária. Tem de estar *assente sobre pés dialécticos*, sobre o jogo dialéctico, evolução guiada por choques dialécticos, em *todos* os domínios (os dois pés ali). A isto pode chamar-se de comunitarismo managerial – ver últimos pontos neste texto, sobre Red Toryism, Agenda 21, etc.

China Comunista (holding de conglomerados multinacionais), URSS, Alemanha Nazi – Agenda 21.

Pense-se na China comunista, uma gigantesca holding de consórcios multinacionais com trabalho escravo em baixo. Até certo ponto, pense-se na URSS, que dependia em pleno de bancos e de empreendimentos multinacionais (ver notas sobre **URSS** e **China**). Pense-se também na Alemanha Nacional-Socialista. E, pense-se Agenda 21; este é o modelo para o planeta. **Saint-Simon**.

Jogo deliberado por spinmeisters da dialéctica / essencial perceber para compreender mundo. Este é um jogo deliberado, ou estes não fossem os mestres da *dialéctica*; nada desta monta é arbitrário ou ocasional, em movimentos dialécticos. E é possível compreender perfeitamente tudo o que aqui é apontado sobre Karl Marx e sobre Socialismo em geral (e o mundo de hoje), quando se compreende a relação de síntese que é atrás apontada.

Karl Marx, um dandy provocateur em Londres.

Marx emigra para Londres e vive confortavelmente, ao contrário do mito urbano. A páginas tantas, Karl Marx torna-se um emigrado em Londres. Aí, e ao contrário do que é dito na lenda urbana corrente, não vai viver a vida dos condenados ao inferno terreno. Pelo contrário, Marx vai viver em apartamentos bastante confortáveis, e.g. em Kensington. Vai ter o direito a alugar grandes salões de espectáculos para as reuniões e palestras da I Internacional. Vai ter um emprego confortável como correspondente do Chicago Tribune e de um jornal de Nova Iorque.

Grã-Bretanha do século 19 não era um sítio bom para *reais* opositores ao establishment.

Reais heróis de classe popular eram identificados, presos, deportados para a Austrália.

Muitos foram executados por batalhões de Redcoats / muitos outros enforcados.

E.g. Cartistas, sindicalistas reais, e muitos outros. A Londres do século 19 *não era* uma cidade simpática para *reais* opositores ao establishment. A vida humana era muito barata e a cidade era escura, com muitas ruas apertadas e com muitos becos sem saída. Era muito fácil assassinar activistas *reais*; e isso era continuamente feito. Ao mesmo tempo, a Scotland Yard (e agências acima) geriam um elaborado sistema de espionagem, com provocadores infiltrados em todos os movimentos e sindicatos. As pessoas que eram *realmente* perigosas para a Coroa eram prontamente presas e deportadas para a Austrália, quando não enforcadas. Pergunte-se aos Cartistas, por ex. Esses eram *reais heróis de classe operária*, e foram dizimados pelo exército (batalhas campais de tiro ao alvo sobre marchas pacíficas, com o armamento pesado da era), pela polícia, caçados em massa, deportados, muitos enforcados. O mesmo aconteceu para muitos sindicalistas *reais*. Estes eram os métodos que se tornariam célebres durante a Revolução Irlandesa, no início do século 20.

Trabalhadores do mundo, uni-vos para exploração internacional irrestrita comunitária!

Marx aprende economia política com David Ricardo.

O sistema Marxiano é East India Co. em versão, uma vez mais, “proletarian friendly”.

Em Londres, Marx vai ser um ávido discípulo de David Ricardo e é partir de Ricardo que cria o seu sistema de economia política. Esse sistema é essencialmente uma tradução selectiva das ideias perturbadas dos economistas políticos britânicos para linguagem “proletarian friendly”; e isto veio prejudicar incomensuravelmente os esforços dos *reais* progressistas da era, ao dar uma nova via de expressão aos impulsos oligárquicos da ideologia britânica. Os pobres do mundo deveriam ansiar por exploração mercantil internacional irrestrita!

A destruição da civilização e o retorno à ordem medieval (“The Origin of the Family...”)

“Take it easy” era um dos ditos essenciais de Engels. É nesta mesma linha nihilista que Karl Marx acaba a sua carreira; a advogar a destruição da civilização e o retorno a uma espécie de ordem medieval idílica. Essas visões foram codificadas para uma obra de sofística medíocre, “The Origin of the Family, Private Property and the State”, pelo seu colega Friedrich Engels. O capitalista têxtil de Manchester encontrava bastantes tempos vagos para escrever nonsense. Uma das frases favoritas de Engels era “take it easy”.

[Num dos episódios do *The Prisoner* (1967), “Do Not Forsake Me Oh My Darling”, o Number 2 conduz lavagem cerebral sobre o Number 6, para lhe vender a beleza da comuna medieval pós-moderna, comunitarismo Agenda 21, e vai-lhe dizendo monotamente, “take it easy – relax, cool – you’re very aggressive – you mustn’t resist – take it easy – take it easy – it will all be one in the end – in-formation!”]

Engels e Eleanor Marx trabalham directamente com SIS e Old Aristocracy.

Socialist League – Rose Street Club (guelded morons) – Bloomsbury Group. Fast forward para alguns anos mais tarde. Durante os 1880s, Friedrich Engels e a filha de Karl Marx, Eleanor, vão trabalhar com notórios fascistas imperiais como William Morris e Henry Hyndman, em organizações como a Socialist League e o Rose Street Club. Este Rose Street Club era um grémio elitista para, como descrevê-los, gente de guilda (guelded morons). Todas as grandes cidades ocidentais têm uma “rua da rosa”, e serve sempre de sede para algum epicentro de mal anti-humano. Engels e Eleanor também trabalham com a Bloomsbury Socialist Society (BSS). A BSS, ou Bloomsbury Group era uma organização muito importante, um ponto de encontro de secções da aristocracia britânica e um branch político gerido pelo SIS, os serviços secretos da Coroa britânica.

Colaboração com SIS também se estende à Fabian Society, o braço socialista da City. A relação de Friedrich Engels e Eleanor Marx com o old establishment e o SIS não fica por estas organizações. Vai depois expressar-se na forma da supracitada Fabian Society, criada pelo SIS através dos Cambridge Fabians. Engels e Eleanor ajudam a lançar estes lobos em pele de cordeiro e nisso trabalham directamente com Lady Astor e Edward Pease.

SIS, claro, está acima de military intelligence, é uma holding da Old Aristocracy. É preciso compreender tudo o que foi escrito até aqui para perceber o como e o porquê de estes dois notáveis proletários de salon estarem a trabalhar com o *topo* de british intelligence; o SIS está acima de military intelligence (MI5, MI6, e todos os outros). E, porque é que esta relação de trabalho estaria a funcionar para criar aquilo que é, com o patrocínio da City, a *principal* força para socialismo internacional. Uma força que, como foi atrás apontado, é inteiramente subalterna e interdependente com a City of London, por intermédio do sistema Chatham House.

Processo standard: Destruição em escala abre portas a tirano e a regime oligárquico.

Fase Constitucional da Revolução Francesa sabotada e destruída pelos Jacobinos.

Depois, confiscações forçadas / genocídio / fome, doença, morte.

O meme da “saúde pública”.

Abertura de terreno para ditadura oligárquica (Directório) e para tirania (Napoleão). A fase Constitucional da Revolução Francesa é destruída pela acção dos Jacobinos, a seita terrorista que destrói metade da França e mata dezenas de milhares com o Terror. Mas é justo e *igualitário*, dizem, estamos a matar aristocratas, agricultores e soldados da mesma exacta forma; a guilhotina.

Tudo isto é feito pelo Comité de Segurança Pública, sob o mote de “saúde pública”. Ao mesmo tempo, regiões campesinas inteiras são submetidas a confiscação forçada de comida, a pequenos agricultores, provocando surtos horríveis de fome, doença e morte. A destruição causada pelos Jacobinos lança as bases para a ditadura oligárquica mercantil do Directório (uma forma de fascismo de proprietários de big business) e, mais tarde, para a ascensão de um tirano imperialista e sanguinolento, Napoleão.

Marat, Danton et al tinham refúgio garantido na Grã-Bretanha / padrão habitual com obscurantistas. Durante todo este processo, os principais provocadores jacobinos, homens como Marat e Danton, podiam simplesmente apanhar um barco para o outro lado da Mancha, de cada vez que se metiam em apuros. Lá, eram bem acolhidos, podiam passar uns tempos a descontrair nos green fields of England, with the rosy cheeked girls there, e depois voltar a França para mais acção destrutiva. Este é o padrão habitual com obscurantistas continentais, como apontado noutros sítios ao longo deste texto.

Babeuf: “A aristocracia, uma hidra versátil de 1000 cabeças”. Babeuf é um comissário feudal recrutado como provocador para ajudar a destruir a fase Constitucional da Revolução Francesa. Aí, afirma algo para este efeito: que, até ao golpe jacobino, nunca se tinha apercebido da verdadeira natureza do sistema aristocrático, uma hidra de 1000 cabeças.

Processo usado em França mimetizado em Rússia, China e outros sítios.

Destruição em escala / Terrorismo de estado / Higiene social (purgas).

Ditadura oligárquica e um tirano no topo.

Modelo para o mundo, sob Agenda 21, Sustentabilidade Global. O procedimento seguido em França viria a ser mimetizado de perto pelos Bolcheviques na Rússia e pelos Maoístas na China; tal como os resultados obtidos. É um processo. Destruição em escala, com fomes deliberadas, campanhas de terror. A ideia de saúde pública; muito importante aqui. Matar e destruir em nome de saúde. O que está em causa é *higiene social*. Limpar o “lixo social” – pessoas. Mais tarde, a isto chama-se de purgas ideológicas e eugénicas. Depois da destruição total e completa, a ascensão de ditadura oligárquica e do tirano absoluto no topo (Stalin, Mao). Pense-se nisto para o mundo, sob Agenda 21 e sustentabilidade global.

Escola Austríaca junta-se a “britânicos” para subverter e cooptar mercado livre.

Escola Austríaca, um produto de simonia Jesuíta.

Partners in crime com “britânicos” / casamento concretizado em LSE, Chicago School, etc. A reacção dos Restauracionistas Católicos é relatada mais atrás. Um dos resultados mais vis e perniciosos a sair desta rebelião Jesuíta contra, na verdade, Deus, é a Escola Austríaca, um grupo de intelectuais simoníacos que desenvolvem e aperfeiçoam o sistema britânico de economia política; neste ponto, “austríacos” e “britânicos” são uma e a mesma coisa, partners in crime. Aliás, juntam-

se e aliam-se em coisas como a London School of Economics, uma criação Fabiana, e a Escola de Chicago.

Cooptar ideias e terminologia para promover mercantilismo e comunitarismo.

Subverter e neutralizar bons ideais.

Mercado livre corporate / (sub)desenvolvimento / ~~dese~~centralização afranchisamento.

~~Independência individual~~ (inaceitável) e classes médias (dependentes).

~~Prosperidade universal~~ recursos limitados: alguns winners, muitos losers (sustentabilidade).

Toda a arte destas pessoas consiste em usar algumas boas ideias e alguma boa terminologia como iscos para depois promover o resto do programa, mercantilismo imperial e comunitarismo. Usar a linguagem do “mercado livre” para neutralizar, cooptar, inverter, apagar da memória, os *reais* ideais económicos de mercado livre. Desenvolvimento torna-se o seu oposto; crescimento limitado e controlado. A ideia de actividade económica descentralizada é subvertida para ser tornada equivalente a actividade por franchise, sob o controlo directo de grandes consórcios. Independência individual e generalização da classe média não podem ser, aí as pessoas deixam de depender de bully boys. Prosperidade universal também não dá, porque este é um mundo de recursos limitados; todos têm de ser igualmente pobres, com a excepção óbvia dos big boys at the top.

Subverter ideia de mercado livre, independência económica, para “capitalismo”.

Um **sistema** unificado e organizado / vanguarda de “ideólogos capitalistas”.

Mercado livre é mercado livre / não é um sistema organizado.

Tirando premissas atrás expostas, não há mais nada a acrescentar. Vital em tudo isto foi transformar “capitalismo de mercado livre” – na verdade, operações independentes de industrialistas e de empreendedores de classe média – precisamente nisso, em “capitalismo”, um *sistema* organizado. Isto é algo que este um real *mercado livre* não é, nem nunca poderia, por definição, ser. É claro que um sistema organizado é algo que pode ser gerido e manietado por uma vanguarda. Depois, no mesmo espírito, criar algo como “ideólogos capitalistas”, algo que nunca até aí tinha existido e, por definição, não faz sentido existir. Mercado livre é mercado livre e, para além das premissas essenciais que foram apontadas atrás, não existe qualquer factor que justifique “adições ideológicas”, quaisquer que elas sejam. O modelo é sempre o mesmo. Tudo isto serviu, obviamente, para impedir a generalização de economias baseadas em mercados livres e reciclar, dar uma cara lavada, ao velho mercantilismo.

Chicago School: crime organizado italo-americano e “anarco-capitalismo” global.

Sedeada numa capital de crime organizado italo-americano, Chicago. A Escola de Chicago é fortemente subsidiária dos dois grupos atrás apontados, e está apropriadamente sedeada numa das capitais do crime organizado italo-americano, Chicago.

Anarco-capitalismo significa comunitarismo / os privados são o governo / autoritarismo managerial.
Estas pessoas são “anarco-capitalistas” no sentido em que isso foi atrás explicado. “Anarco-capitalismo” significa, na verdade, mercantilismo. O poder de auto-regulação irrestrita de consórcios privados sobre domínios concessionados. A corporação é o seu próprio governo. Depois, torna-se o governo efectivo sob o domínio em causa; e este é um governo autoritário e controleiro, interessado em management, não em pessoas. Ler também notas sobre **comunitarismo**. Isto é a essência de governo comunitário actual.

Chicago School visa globalizar anarco-capitalismo / modelo, o Sistema Geral de Saint-Simon.
Desde os anos 30 que o propósito *declarado* da Escola de Chicago é a condução de “anarco-capitalismo” para a globalização de management comunitário; por outras palavras, governância global por megaconsórcios. A visão do Sistema Geral Global de Saint-Simon, abordado a seguir, é evocada com recorrência para ilustrar esta forma final.

A estrada para comunitarismo managerial global (II).

Free trade global é a estrada para governância global por público/privados (comunitarismo). O caminho para governância global por consórcios privados, sob comunitarismo, é *free trade* global (i.e. mercantilismo global), pelo qual as economias do planeta (e correspondentes sistemas políticos) são gradualmente dissolvidas, refeitas e integradas entre si sob a gestão de grandes bancos, companhias multinacionais, fundações e OSCs. Os slogans que surgem em tudo isto são “privatização”, “obter mais de menos”, “deslocalização”, “outsourcing”. As ferramentas essenciais: OMC/GATT, FMI, Banco Mundial, e muitas, muitas outras.

HG Wells: “países, economias, dissolvidos sob internacionalização e fragmentação interna”.

Governo assumido por conglomerados multinacionais / comunitarismo / management totalitário.
Este é o design que foi explicado pelo fabiano HG Wells: os países e as economias do planeta seriam dissolvidos sob vagas sucessivas de internacionalização – e eventualmente de caos interno – e as funções de governância seriam usurpadas por grandes conglomerados multinacionais, que estabeleceriam gestão tecnocrática (management totalitário), por substituição aos antigos regimes democráticos. No final, existiria um regime global totalitário, governado por grandes interesses privados multinacionais.

A globalização da Índia Britânica / comunitarismo managerial (II) / Red Toryism.

Neoliberalismo e neoconservadorismo (Os New Liberals de HG Wells).

Slave states como modelos a seguir – China, Angola, Indonésia, México, etc.

Comunitarismo implica entente dialéctica entre hipercapitalistas e radicais de esquerda.

Síntese em **comunitarismo managerial** (II) / o mundo Agenda 21 / **Red Toryism**.

Todos estes movimentos vão desaguar naquilo a que HG Wells chamou de New Liberals: “neoliberalismo” e “neoconservadorismo”. Aqui, é abertamente assumida a mentalidade da comuna de escravos, onde os *slave regimes* da China, Angola, Filipinas, México são o modelo a seguir. O “grand design” para o mundo é, portanto, uma globalização aperfeiçoada do modelo escravagista da Índia Britânica. Aqui, existe a entente entre hipercapitalistas e radicais de esquerda (trotskyistas, marxistas culturais), expressa em comunitarismo: gestão da economia por corporatismo oligárquico fascista, a velha aristocracia back in business, e a gestão dos processos sociais por movimentos comunistas. Aquilo a que o Deimos, um dos principais thinktanks para o governo de Cameron na Grã-Bretanha chama abertamente de **Red Toryism**. Ver o ponto anterior, sobre o jogo dialético entre Fascismo e Comunismo, com síntese em comunitarismo managerial (II). Este é o modelo britânico (adoptado por economistas políticos e socialistas na mesma medida) e é o modelo que está a ser seguido, para dar origem à utopia Red Tory de John Ruskin; o mundo Agenda 21. Ler notas sobre *Red Tories* e *Agenda 21*.

James Burnham explica todo o gameplan em “The Managerial Revolution”.

Comunitarismo / devolução social extrema / militarização / guerras tripolares constantes.

Leia-se James Burnham, um homem muito importante em tudo isto, em “The Managerial Revolution” (ver notas em *Socialismo*). Está lá tudo. As economias do planeta são social, política e economicamente desmanteladas e colocadas sob *management* público/privado – comunitarismo. A comuna laboral torna-se o sistema perversivo. Pobreza, doença e fome voltam a ser constantes naquele que se torna o ex-mundo desenvolvido. A vida “pública” (agora privatizada) é tornada num espaço repressivo e militarizado. A mentira é institucionalizada como modo de vida. O mundo é organizado em três grandes blocos que travam guerra permanente entre si.

INGSOC.

George Orwell/Eric Blair começa por ser um socialista ingénuo até perceber o gameplan aqui.

O seu 1984 é uma versão ficcionalizada das obras fabianas e do “The Managerial Revolution”.

Socialismo Inglês é o modelo para o mundo – INGSOC.

Na Eurásia, INGSOC chama-se **neobolchevismo**, i.e. radicalismo comunitário.

No Leste Asiático, chama-se **culto da morte** / o self é sempre odiado, no si mesmo e nos outros.

A aliança com a morte acaba em... **morte**. George Orwell, de nome real Eric Blair, era um socialista fabiano, embora não de topo. Durante uma boa parte da sua vida foi um homem ingénuo que, entre outras coisas, foi combater a Guerra Civil em Espanha, a dar o corpo àquilo que acreditava ser verdade; que socialismo internacional visava efectivamente a obtenção de alguma forma de coerência e de justiça em questões humanas. Quando em Espanha pôde observar os métodos estalinistas. Mais tarde, já de regresso a Inglaterra, pôde observar os métodos fabianos – para o

calar. Orwell estava a tentar avisar os socialistas ingleses da realidade sobre a URSS e era confrontado com problemas em todas as esquinas. Talvez tenha sido nesta altura que se sentou para ler a *deep literature* fabiana, para tomar consciência do modelo que estas pessoas tinham em mente para o mundo. Ler o 1984 de Orwell é ler uma versão ficcionalizada das obras fabianas, escritas por lords e sirs, e também por mocinhos presunçosos como HG Wells. Ler o 1984 de Orwell é também ler a ficcionalização de Burnham e “The Managerial Revolution”. Aí, Orwell coloca tudo em perspectiva. O sistema dominante é INGSOC, Socialismo Inglês. A versão de INGSOC para a Eurásia é *neo-bolchevismo*; algo a que hoje se poderia chamar “radicalismo comunitário” ou até “euro-comunismo”. A versão de INGSOC para o Leste Asiático é o *culto da morte*; uma parte essencial em tudo isto é ódio pelo self, em si mesmo e nos outros. Isto é, efectivamente, um culto de **morte**. Para que venham a ser cumpridas as palavras “*aliaram-se com a mentira e foram enganados por ela, e aliaram-se com a morte e foram destruídos por ela, quando pensavam que iam dominar*”.

Apontamentos sobre Modernismo.

Liberdade, desenvolvimento, classes médias, Razão.

Liberdade política e económica / desenvolvimento / ascensão de classes médias.

Classes médias: educação liberal, activismo político, inovação económica e científica.

Razão: raciocínio abstracto, criatividade e acção moral. A vitória essencial do Modernismo, a grande revitalização humana e civilizacional que surge do Renascimento em diante, é o reconhecimento crescente do valor intrínseco do indivíduo médio. Até aí, a vida individual não valia para rigorosamente nada, a não ser para ser usada, moldada, agredida, abusada, manietada, ao serviço de uma qualquer classe de patronos oligárquicos. O homem e a mulher comuns já não são bestas de carga, a ser usadas e abusadas por oligarcas e governantes absolutos. Agora começam a ter igualdade perante a lei, liberdades e direitos individuais, voz própria, a possibilidade de auto-determinação. A ordem económica ossificada e monopolística da Idade Média é lentamente desagregada. Desenvolvimento económico e o aparecimento de classes médias independentes são os resultados imediatos disso. As classes médias são uma enorme força de geração descentralizada e independente de riqueza; o factor essencial na recuperação económica da Europa, após séculos de estagnação e exploração feudal. Estas classes tornam-se pioneiras em auto-educação, e em tudo o que daí advinha: conhecimento e cultura, ideais políticos, inovação económica, descobertas científico/tecnológicas. Daí é também democratizada a ascensão de Razão. O Homem não é uma besta; é criado com um potencial quase ilimitado para a compreensão conceptual superior do mundo à sua volta, para o exercício de criatividade, e para acção moral e construtiva em prol de todos. A

educação liberal, ou clássica, como será chamada, visa despertar e desenvolver Razão; criar seres humanos completos. Os melhores aspectos da civilização ocidental moderna serão desenvolvidos por pessoas educadas sob estes moldes.

Optimismo humano e civilizacional. O Homem tem todos os motivos para ser optimista. É criado à imagem do Criador, com racionalidade, imaginação, criatividade. Tem um potencial (quase) ilimitado de concretização pessoal. Desde que assim o queira, e para isso se esforce, pode fazer tudo aquilo a que se lance, e ultrapassar todas as barreiras. Foi feito para ser um pioneiro, um construtor, um intelectual, um artista. A iniciativa e inventividade de um só indivíduo podem mudar drasticamente o mundo. Acção justa, levada a cabo por pessoas educadas para serem capazes, morais e Racionais, é a única forma de criar uma sociedade próspera e justa, para todos; esse tipo de sociedade é o ideal a almejar.

Classes médias: a necessidade de emancipar as classes baixas. As classes médias são o epicentro tectónico do Modernismo e, se alguma vez as classes baixas vierem a ser emancipadas, para criar uma sociedade justa onde o estilo de vida de classe média é universalizado, isso acontecerá por acção das classes médias. É isso que vai acontecendo ao longo do Modernismo, mas não o suficiente. É isso que tem de acontecer mais em diante; as classes médias têm de o voltar a ser e têm de reassumir aquilo que lhes foi usurpado pelas oligarquias (algumas delas de ex-classe média, já agora).

Estado-nação clássico / Constitucionalismo liberal.

Estado-nação clássico vs. bloco imperial (“local to global”). A unidade geopolítica essencial aqui é, claro, o estado-nação clássico, que ascende do período Renascentista em diante. Até aí, a Europa era “local to global”: do feudo ao império. Esse é o formato típico em autoritarismo. O poder é concentrado em centros muito poderosos, dispersos ao longo do império (ou do bloco), distantes da pessoa média. Exercem poder arbitrário sobre as sátrapas, podendo mobilizar exércitos gigantescos para o fazer – forças imperiais. O nível “local” é, depois, igualmente autoritário, em tais construções; dominado por mestres feudais, comissários, executivos neoliberais, redes de polícia política, e por aí fora. E, claro, a actividade económica ao longo de todo o império é monopolizada por grandes empreendimentos mercantis.

Estado-nação clássico: grande o suficiente para ser auto-sustentável e para se defender.

Pequeno o suficiente para ser controlável pelo povo. O estado-nação clássico, uma adopção modernizada do conceito de Israel, no AT, vem suprir estes problemas. É um espaço grande o suficiente para permitir auto-sustentabilidade económica e defesa própria contra agressores externos (e.g. exércitos imperiais). Ao mesmo tempo, é pequeno o suficiente para que os centros de poder não estejam demasiado distantes da pessoa média. Quanto maior a proximidade entre a pessoa média e o poder, tanto mais o poder pode ser responsabilizado, held accountable, perante o povo que *serve*.

Estado legítimo (dentro da lei) vs. estado ilegítimo (fora da legis, fora da lei). Este, claro, é outro conceito essencial que surge do Renascimento em diante. O poder legítimo (dentro da legis; dentro

da lei) existe para servir as pessoas, não para se servir delas. O poder ilegítimo, por outro lado (fora da legis; fora da lei), não existe para fazer *pelo* povo, mas sim *ao* povo.

Constitucionalismo liberal / Democracia / Desenvolvimento e prosperidade.

Aquilo que permitiu que mundo ocidental tivesse merecido título de **mundo livre**. O estado-nação clássico é a única forma de organização geopolítica que permite a emancipação efectiva das massas da humanidade e a criação de liberdade e de prosperidade para todos – *se bem usado*, claro. Estado-nação constitucional. A forma mais elevada, democracia liberal constitucional; a forma que virá a caracterizar o ocidente, na fase em que *podia*, apropriadamente, ser chamado de *mundo livre*.

Mesmo não sendo perfeita, esta é a sociedade que cria maiores índices de desenvolvimento e de prosperidade per capita, ao longo de toda a história moderna. Hoje, isso está rapidamente a desaparecer, e é essencial que o rumo seja invertido. É essencial, aliás, que os valores da liberdade, da geração de riqueza e do desenvolvimento económico sejam universalizados.

Direitos individuais / Governo constitucional.

Direitos individuais inalienáveis / independência individual. Todos são criados iguais, o que significa que todos têm de ser tratados de igual forma perante a lei. Todos nascem na posse de liberdades e de direitos individuais que são inegáveis, *inalienáveis*. São concedidos a cada homem e a cada mulher pelo próprio Criador. Entre os essenciais, o direito a vida, a liberdade, a auto-realização, a auto-governança, a auto-defesa. Outros direitos se seguem. O foco central destes direitos é sempre a noção de independência individual.

Homem e mulher comuns são centro da sociedade / não estado, oligarquia, colectivo.

Governo eleito para proteger liberdades, face a *usurpadores* das mesmas. Como esses direitos são inegáveis, isso significa que não podem ser questionados, ou atacados, por *ninguém*. É o indivíduo médio e a família média que são o centro da sociedade; não o governo, não o estado, não a oligarquia, não o tirano, não o colectivo popular. O governo é eleito pelo conjunto de indivíduos (o povo), precisamente para agir como protector dessas liberdades e desses direitos, face a quaisquer agressores. Agressores são *usurpadores*; negar um direito inegável é roubá-lo, usurpá-lo.

Governo serve público / não é uma autoridade sobre público / Constituição.

Arbitragem de relações. O governo também é eleito para arbitrar as relações sociais entre indivíduos. É uma entidade que não existe como *autoridade* sobre o público, mas sim como um *serviço* para o *servir* o público (um serviço prestado por *serventes* públicos). Para ordenar esta forma de governo, e limitar as suas esferas de acção, existe uma Constituição.

Constitucionalismo liberal-democrático: justiça e equilíbrio. O tipo ideal de governo que daqui surge pode ser chamada de liberalismo constitucional e democrático (ou constitucionalismo liberal-democrático), e é a forma mais avançada, justa e legítima de governo alguma vez concebida. É a única forma de governo que coloca o indivíduo médio e a família média no centro do panorama político, que é forçado, por lei, a responder perante eles; e onde a ideia não é fazer algo *ao* povo,

mas sim *pelo* povo. A única forma de governo que não está autorizada a ser autoritária, em qualquer ponto que seja.

Governo legítimo. É governo legítimo, i.e. governo dentro da Lei, da legis, por oposição a governo ilegítimo, i.e., fora da lei. Um governo fora da lei é, claro, o tipo de governo que usurpa/rouba os direitos individuais dos seus cidadãos em prol de uma qualquer agenda oligárquica.

Mercado livre de classe média.

Mercado livre e classe média / Homem e a mulher comuns são o centro. O ideal que ascende é o do mercado livre de classe média, onde o homem e a mulher comuns não estejam presos sob amarras impostas por exploradores oligárquicos, por megacompanhias mercantis (multinacionais) e por estados monolíticos.

Geração descentralizada de riqueza vs. racionamento centralizado a peso de ouro.

Liberdade e prosperidade vs. tirania, colectivismo e emiseramento. O dinheiro foi feito para servir o homem e não o homem para servir o dinheiro. Uma economia não é um espaço de limites (a exigir racionamento, redistribuição e management autoritário), mas sim uma tarte que pode ser continuamente aumentada, de tal modo a que todos possam usufruir de uma fatia progressivamente maior e melhor. Homens e mulheres livres vão encontrar ideias novas, construtivas, lucrativas e vantajosas para todos – novos recursos, novas tecnologias, novas e melhores formas de fazer as coisas. Sob o exemplo anterior, da tarte, o ideal é que todos possam aprender a fazer tartes e ser livres para as fazer; geração descentralizada de riqueza, por oposição à redistribuição a peso de ouro de uma única tarte monopolizada, pela oligarquia ou pelo estado; como era a norma sob o colectivismo redistributivo que era norma na Europa feudalista.

Mercado livre de classe média / homem e mulher comuns / independência económica. Isto significa que são o indivíduo e a família média que têm de estar no centro da economia, e não o grande grupo organizado. São o homem e a mulher médios que têm de ter a liberdade para assumir as rédeas da economia e para obter independência económica – adopção generalizada de mercado livre de classe média.

Economia à base de pequenos e médios empreendimentos / classes médias. Livre iniciativa, actividade económica descentralizada, competição. Uma economia à base de pequenos e médios empreendimentos (a quinta familiar, PMEs, coops, etc.). Generalização das classes médias empreendedoras e independentes. Para quê ter uma sociedade definida por mestres e servos, patrões e empregados, quando todos podem ser potenciais empreendedores?

Governo tem de *proteger* economia de classe média de predadores.

Antitrust / Regulação imparcial e equidistante / Tarifas alfandegárias.

Impedir acumulações excessivas de market share / firewalls contra agressões multinacionais.

Usar colecta tarifária para avançar economia. O governo tem, portanto, de proteger activamente as suas classes médias (a sua economia). Primeiro, pelo estabelecimento de barreiras à consolidação de grandes grupos – i.e. cartéis e monopólios são palavras *feias*. Isto significa legislação *antitrust*; nenhum grupo ou agente económico pode tornar-se demasiado grande, ao ponto de ganhar supremacia sobre os restantes. A ideia é sempre obter igualdade de oportunidades e, para que isso aconteça, o mercado não pode ser dominado por um interesse, ou por uma colusão de interesses. Segundo, a regulação tem de ser imparcial e equidistante, de forma a obter igualdade de oportunidades e arbitragem regulatória justa. Terceiro, o mercado livre é sempre um mercado protegido, por meio de *tarifas* alfandegárias; quem quer entrar para usufruir das condições do mercado tem de pagar pelo privilégio de o fazer. Depois esse dinheiro pode ser usado como colecta fiscal para avançar o desenvolvimento do território, e para programas de equalização de oportunidades sociais. Outra vantagem da colecta tarifária é a de que esta fonte de colecta permite aliviar bastante o peso fiscal sobre as famílias. Mas a existência de tarifas serve ainda outro propósito essencial. Se um grande grupo mercantil externo (hoje, uma multinacional) quisesse entrar sob condições desleais (e.g. produtos muito baratos, feitos por escravos), tem de pagar por isso; é algo que desincentiva essa prática, uma forma de firewall contra predadores externos.

Governo: obras públicas e iniciativas não realizáveis por PME's (trusts públicas). O governo depois assume responsabilidade por grandes obras públicas e por iniciativas económicas que não possam ser asseguradas por pequenos e médios empreendimentos (por ex., isto foi, durante muito tempo, o caso com a larga generalidade das utilidades públicas). Isto é feito através de trusts públicas criadas para o efeito, e é claro que essas organizações têm de ser inteiramente transparentes e vistoriadas pelo público e pelos seus representantes eleitos.

Mercado livre de classe média só pode existir com o estado-nação clássico. Como é evidente, estas condições só podem ser cumpridas num espaço grande o suficiente para permitir auto-sustentabilidade económica, mas pequeno o suficiente para que os centros de poder não estejam demasiado distantes da pessoa média; quanto maior a proximidade, tanto maior a responsabilização do poder, a sua accountability perante o povo que serve. A única unidade geopolítica capaz de cumprir os dois requisitos é o estado-nação clássico.

Mercado livre de classe média – a economia natural.

Pessoas comuns fazem as suas vidas livremente.

Poder legítimo protege-as / não as usa como “recursos humanos”, gado colectivo. Esta é a forma natural, justa e honesta de fazer as coisas. As pessoas comuns estão no centro da sociedade, fazem a sua vida de forma livre, e o poder está lá para as proteger de predadores. Isto não é uma ideologia, ou um paradigma, ou sequer um “modelo” per se; é liberdade plain and straight, pura e simples. É a forma natural como as pessoas e os povos fazem as coisas, até aparecerem predadores preguiçosos e manipulativos que tentam meter toda a gente a trabalhar para si.

Doutrinas oligárquicas racionalizam sempre **usurpação** de espaço pessoal (i.e. crime). Da mesma forma, é *norma* com todas as ideologias oligárquicas, venham da esquerda ou da direita, que exijam

sempre (um maior ou menor grau de) *usurpação* dos direitos pessoais do homem e da mulher comuns, e da sua instrumentalização para alguma agenda mercantil, estatal, ou multinacional. Sempre que estamos perante usurpação, estamos perante *roubo*, e isso é crime organizado. Independentemente de todos os títulos sonantes e racionalizações e que possam ser atachados por cima.

Liberdade significa desenvolvimento e prosperidade / mundo ocidental.

Liberdade gera Razão, desenvolvimento, prosperidade, emancipação social e política. Ao longo da história, sempre que houve alguma aproximação aos ideais de liberdade, isso produziu Razão, prosperidade, emancipação social e política, desenvolvimento científico e tecnológico. Sempre que houve um afastamento desses ideais, o produto, foi o exacto oposto; o pântano civilizacional onde o espírito humano vai para morrer.

Princípios que mais avanço civilizacional produzem em TODA a história humana.

O mundo ocidental foi o mundo livre devido a aproximação a estes ideais.

Prosperidade / desenvolvimento / classes médias / educação e literacia / medicina.

Solidariedade e caridade. A liberdade per se, sob estes moldes gerais de fazer as coisas, é aquilo que mais avanço civilizacional produziu em toda a história humana. Foi a adesão (mesmo que apenas parcial) a estes princípios que deu ao mundo ocidental o honroso título de *mundo livre*. Essa é a sociedade que acaba com a pobreza dentro das suas fronteiras. É a sociedade que alcança os melhores índices de prosperidade per capita e de desenvolvimento a todos os níveis. É a sociedade que universaliza o estilo de vida de classe média, com as utilidades e os confortos correspondentes. É a sociedade que universaliza a literacia e onde qualquer um pode aceder a qualquer obra que queira, para se auto-educar. É a sociedade que cria a melhor medicina alguma vez em existência e que cria melhores índices gerais de saúde e de longevidade. É a sociedade mais solidária e caridosa de sempre, aquela cujas classes médias respondem continuamente a apelos para contribuir para levar liberdade, democracia e melhoria do nível de vida a todo o mundo subdesenvolvido; infelizmente, são nisso enganadas, de modo gélido, por governos, firmas multinacionais, fundações e ONGs.

Libertem-se e universalizem-se estes princípios.

OU vá-se na cantiga da sereia oligárquica e acabe-se encalhado nos baixios.

(Baixios pantanosos à esquerda e à direita). Mesmo sob o ataque pesado da alta finança multinacional, e dos inúmeros grupos provocatórios adidos, é uma sociedade que ainda se aguenta de pé, o que é quase milagroso; e tem um grande caminho para percorrer após conseguir levantar-se por inteiro. Libertem-se e universalizem-se os princípios que subjazem a tudo isto e o mundo será um lugar livre, próspero e fantástico para se viver. Caiam-se nas cantigas de sereia da oligarquia e o futuro reside naquelas massas de navios encalhados, destroçados, repletos de cadáveres humanos, nos baixios pantanosos à esquerda e à direita.

Até as doutrinas totalitárias têm de usar imagética da liberdade individual.

... para vender as suas neverending stories de perpetuação de desigualdade!

Utopia inventada é sempre o espaço de concretização imaginário de liberdade individual. Estes princípios são inerentemente justos e válidos. São a forma sã e equilibrada de fazer as coisas. Até os sistemas totalitários, consagrados à perpetuação da desigualdade, são forçados a moldar os seus slogans, a sua retórica e a sua imagética propagandística à volta destas ideias. A Utopia imaginária que é prometida inclui sempre e invariavelmente a concretização de uma boa parte destas ideias, quando não mesmo de todas elas.

PROUDHON – Anarquismo – Anti-capitalismo – Estado administrativo.

Socialista e auto-proclamado “anarquista”; o primeiro a usar o termo. Pierre-Joseph Proudhon.

Frase mais conhecida: “Propriedade é roubo”. Em ‘*What is Property?*’.

Criticou os socialistas autoritários do seu tempo, como Louis Blanc. «*Let me say to M. Blanc: you desire neither Catholicism nor monarchy nor nobility, but you must have a God, a religion, a dictatorship, a censorship, a hierarchy, distinctions, and ranks. For my part, I deny your God, your authority, your sovereignty, your judicial State, and all your representative mystifications*».

Associações e cooperativas em vez de nacionalização e propriedade privada. Queria associações, cooperativas e “possessão” colectiva de meios de produção por trabalhadores e camponeses. Preteria hipóteses como nacionalização ou propriedade privada, apesar de se ter contradito nestes pontos em escritos posteriores. Considerava que a revolução social podia ser alcançada de modo pacífico.

“Lucro leva a instabilidade social e a guerra”. Pela criação de ciclos de dívida.

Estado federal descentralizado. Em *The Principle of Federation* (1863), defende a existência de um estado, argumentando por «*the balancing of authority by liberty*» e elaborou uma «*theory of federal government*» descentralizado.

Uma federação agro-industrial, que protegeria estados-membro de capitalismo. Chama ao seu sistema económico uma «*agro-industrial federation*», argumentando que providenciaria «*specific federal arrangements to protect the citizens of the federated states from capitalist and financial feudalism, both within them and from the outside*».

Estado apolítico, baseado em transacções e trocas. Neste livro também define anarquia como «*the government of each by himself*», que significava «*that political functions have been reduced to industrial functions, and that social order arises from nothing but transactions and exchanges*».

Proudhon – “What is government?”

«*To be GOVERNED is to be watched, inspected, spied upon, directed, law-driven, numbered, regulated, enrolled, indoctrinated, preached at, controlled, checked, estimated, valued, censured, commanded, by creatures who have neither the right nor the wisdom nor the virtue to do so. To be GOVERNED is to be at every operation, at every transaction noted, registered, counted, taxed, stamped, measured, numbered, assessed, licensed, authorized, admonished, prevented, forbidden, reformed, corrected,*

punished. It is, under pretext of public utility, and in the name of the general interest, to be place[d] under contribution, drilled, fleeced, exploited, monopolized, extorted from, squeezed, hoaxed, robbed; then, at the slightest resistance, the first word of complaint, to be repressed, fined, vilified, harassed, hunted down, abused, clubbed, disarmed, bound, choked, imprisoned, judged, condemned, shot, deported, sacrificed, sold, betrayed; and to crown all, mocked, ridiculed, derided, outraged, dishonored. That is government; that is its justice; that is its morality».

Pierre Joseph Proudhon, "What Is Government?", *General Idea of the Revolution in the Nineteenth Century*, translated by John Beverly Robinson (London: Freedom Press, 1923), pp. 293-294.

PRÚSSIA – Quarteto – Totalitarismo – Fraude e agressão.

PRÚSSIA – Brutalidade feudal e anti-humana – Guerra universal e amoralidade.

Estado Prussiano alicerçado em brutalidade feudal germânica. A Prússia era dominada por uma senhores feudais particularmente brutais e, durante muito tempo, esta foi uma terra onde a única lei era a lei do mais forte. Com o passar do tempo, isto tornou-se uma espécie de filosofia oficial, encarnada no estado prussiano.

“Guerra de todos contra todos” – A lei **natural** do mais forte. A filosofia prussiana era baseada nesta ideia: a Natureza estava em competição constante, e nessa competição só ganham os mais fortes. O Homem não escapa a esta regra: os mais fracos podem, e devem, ser dominados e esmagados pelos mais fortes.

Único propósito da existência – obter poder, dominação, subserviência. O único objectivo da existência é acumular poder, riqueza e influência. Toda a realidade é baseada em sangue, fogo, e conquista. Os mais fortes têm o direito de exercer poder absoluto sobre os seus inferiores, que têm de ser completamente controlados e subservientes.

AMORALIDADE – Fins justificam os meios – Utilitarismo moral.

Código moral de um povo guerreiro de avanço rápido. [a fast moving warrior people]
A liderança reserva-se o direito de mentir, enganar, trair, e fazer o que quer que seja para vencer e subjugar os seus oponentes.

Valores: conquista, subjugação, indulgência, privilégio, classe, hierarquia.

O “mais forte” é o sociopata moralmente arbitrário. Os mais fortes são aqueles que não têm escrúpulos, e estão dispostos a tudo em nome da aquisição de poder. Inventam as suas próprias regras morais e agem de acordo com elas.

Bons princípios são “fraquezas”. De acordo com esta lógica, tudo se subordinava ao princípio do poder e da dominação; a caridade e a decência humana eram fraquezas.

Mentira, infiltração, subversão, manipulação, traição, falsos pretextos.

Só é verdadeiro e moral aquilo que aumenta o poder do Staat. Tudo o que possa aumentar o poder do estado deve ser usado. Só é verdadeiro e moral aquilo que interessa ao estado. Tudo o resto é falso e imoral. Os fins justificam os meios, e os fins são dominação completa.

PRÚSSIA – Quarteto – Estado totalitário – Supremacismo de classe.

A Prússia define a praxis do estado totalitário.

A teoria justificativa é inventada depois – Frederico o Grande. «I begin by taking. I shall find scholars afterwards to demonstrate my perfect right», Frederick the Great

QUARTETO.

→ Composição. Junkers-financeiros-industrialistas; militares; oficiais de Estado. Os grupos são interconectantes. O Quarteto representava o real poder na sociedade alemã, dado que representava as forças da ordem pública (exército e administração/burocracia) e da produção económica (proprietários de terras e industrialistas-financeiros).

→ O Quarteto funciona com esprit de corps. É uma oligarquia muito unida e coesa, fomentada por laços familiares e mobilidade individual – era comum que o mesmo indivíduo pudesse ser encontrado simultaneamente em vários dos grupos. Por exemplo, Franz von Papen era um nobre da Westphalia, um coronel no exército, embaixador, e um homem com vastas holdings industriais.

→ Poder absoluto sobre sociedade. É pressuposto que os aristocratas e administradores têm poder absoluto sobre a sociedade, para fazer com ela precisamente o que queiram.

→ Corrente despótica e totalitária. O Quarteto representa a corrente despótica, kaiserista e supremacista na vida alemã. É a herança da administração aristocrática do Staat de linha prussiana, e será determinante para a ascensão do Nazismo e do actual Euro-Fascismo.

TOTALITARISMO – A oligarquia em guerra contra sociedade.

→ Controlo total. Estado totalitário, que controla todo e qualquer aspecto da vida do povo.

→ Estado público-privado para a oligarquia dominante. I.e., o estado que é usado como veículo de poder absoluto para a oligarquia.

→ Privilégio, em vez de direitos. A licença para participar no sistema vem da Cabeça Imperial, e da sua oligarquia governante.

→ O homem, peça na máquina. Ninguém pode ser livre, ou independente; toda a sociedade tem de trabalhar em nome do “estado”. O indivíduo não tem qualquer tipo de direitos; só o direito de obedecer e de servir o estado; de ser uma unidade produtiva que desempenha uma função económica em nome do 'colectivo'.

→ Eliminação de dissidência, censura, repressão.

SUPREMACISMO DE CLASSE.

→ Criação deliberada de pobreza e dependência, domesticamente. Os Prusso-Teutónicos deliberada e sistematicamente provocaram o empobrecimento da Alemanha, por forma a facilitar a imposição da sua governação no país.

→ Reinar sobre desertos e cemitérios. O último objectivo no qual estão interessados é em reinar sobre o maior território possível, mesmo que isso signifique reinar apenas sobre desertos e cemitérios. «*The only aim in which they are interested is to reign over the largest possible territory even if it means reigning simply over deserts and cemeteries*»

PRÚSSIA – Política externa – Subversão, infiltração e agressão.

O símbolo – A Águia de duas cabeças – talvez até mais. A águia de duas cabeças tem duas faces, por vezes até mais, e essas faces mudam constantemente ao longo dos séculos.

“Estado mais forte tem o dever de esmagar outros estados, e dominar o mundo”. Do mesmo modo, o estado mais forte tinha o direito de esmagar e dominar os estados mais fracos, até se assumir como a única potência no mundo. O estado mais capaz de assumir poder sobre os seus próprios cidadãos e sobre os outros estados merecia, portanto, governar o mundo inteiro.

Prússia adquire dominância regional. A Prússia tornou-se o estado mais poderoso da região.

Oligarquia prussiana torna-se a mais poderosa e influente da Europa. Até ao ponto em que viria a dominar as casas reais e os paços aristocráticos da Europa.

Infiltração e subversão. *Sempre evitando confrontações* procuram subjugar nações calmamente (infiltração e subversão), roubando os seus recursos naturais.

Dominância global. Esta é uma fórmula extraordinariamente antiga, com imenso sucesso, que foi agora projectada à escala global, à medida que a águia de duas cabeças descende sobre todas as terras.

PRÚSSIA – Frederico II ilustra mentalidade – Violência e fraude académica.

“From now on, I shall be the hammer”. Frase de Frederico II, a partir do momento em que assume a sua vontade de adquirir poder absoluto e de esmagar o poder papal. Mais tarde, Frederico II seria excomungado pelo Papa. Mas a sua frase seria ecoada, obviamente, pelos comunistas mais tardios.

“I begin by taking. I shall find scholars afterwards to demonstrate my perfect right”. Frederick the Great

PRÚSSIA – Socialismos germânicos.

PRÚSSIA – Unificação prusso-germânica sob pressão socialista.

Revolucionários socialistas alemães lideram carga por Prussianismo. Os revolucionários socialistas alemães foram uma das principais forças de pressão para unificação alemã sob liderança Prussiana.

PRÚSSIA – Socialismos germânicos.

Prússia é um sistema socialista. Exemplifica bem a forma final do socialismo, i.e., totalitarismo.

Alemanha torna-se universo fechado, dominado por Socialismo. Na Alemanha, surge esta situação onde os vários tipos de socialismo coexistem num universo fechado ao exterior. Os socialistas de estado combatem os socialistas radicais e vice-versa, e por vezes estes grupos até se aliam entre si.

Socialismo Marxiano.

Socialismo Lasalleano. [*Lasallean socialism*]

Social-democratas. Combinação de socialismo Marxiano e Lasalleano, reflectida no partido Social-Democrático alemão.

Socialismo de Estado [Bismarck]. Advogava uma monarquia socialística com o Kaiser como líder titular [*Bismarckian state socialism*].

Catedrismo [Fabianos]. Socialismo de cátedra [*Katheder socialism*, socialism of the Chair, “*Katheder-Socialisten*”, académicos]. Concordavam com os Sociais Democratas nos pontos principais. Estes socialistas da Katheder tiveram bastante influência no exterior, e desenvolveram a técnica subtil de advogar socialismo sem que isso compromettesse a sua própria respeitabilidade. Foram os precursores dos posteriores socialistas Fabianos.

PRÚSSIA – Socialismos alemães exportados pelo mundo fora.

Exportados para Europa e América do Norte.

Herdeiros de Hegel dividem-se em esquerda e direita – dialéctica. Em bom velho estilo hegeliano, os dois campos assumiram controlo sobre o panorama político.

Esquerda e direita representam dominância doutrinária germânica. Isto acontece até ao ponto onde as pessoas não têm noção de que as actuais divisões esquerda/direita não são uma coisa natural – representam a dominância desta particular doutrina alemã.

EUA – Bolsas de estudo para a Alemanha – Fundações. Académicos americanos que vão estudar para a Alemanha voltam aos EUA com a nova doutrina e adaptam as teorias adquiridas a uma linguagem apropriada aos EUA. Diga-se que existem centenas de bolsas de estudo para estudar na Alemanha nesta época, pelas grandes fundações.

QUIGLEY – Morgan e a Esquerda – New Republic – Wall Street Reds.

Quigley – JP Morgan infiltra a Esquerda.

Associação entre Wall Street e a Esquerda, institucionalizada pelo Morgan Bank.

JP Morgan resolve infiltrar a esquerda nos EUA.

O propósito era manter o pulso nas actividades destes grupos.

Não havia nada de novo nisto, outros financeiros já o tinham tentado fazer antes.

«The associations between Wall Street and the Left... are really survivals of the associations between the Morgan Bank and the Left... More than fifty years ago the Morgan firm decided to infiltrate the Left-wing political movements in the United States. This was relatively easy to do, since these groups were starved for funds and eager for a voice to reach the people. Wall Street supplied both. The purpose was not to destroy ... or take over but was really threefold: (1) to keep informed about the thinking of Leftwing or liberal groups; (2) to provide them with a mouthpiece so that they could "blow off steam," and (3) to have a final veto on their publicity and possibly on their actions, if they ever went "radical." There was nothing really new about this decision, since other financiers had talked about it and even attempted it earlier» Carroll Quigley (1966). Tragedy and Hope: A History of the World in our Time.

Quigley – JP Morgan infiltra a Esquerda – New Republic.

A New Republic, o melhor exemplo da aliança entre Wall Street e a Esquerda.

Foi um meio para subverter isolacionismo e sentimentos anti-britânicos.

Ao mesmo tempo, dar a progressistas meio de expressão.

A New Republic demarca-se por apoio a intervencionismo e à Grã-Bretanha.

*«The best example of this alliance of Wall Street and Left-wing publications was **The New Republic**... **The New Republic** was simply a medium for advancing certain designs of such international bankers, notably to blunt the isolationism and anti-British sentiments so prevalent among many America progressives, while providing them with a vehicle for expression of their progressive views in literature, art, music, social reform, and even domestic politics... The chief achievement of **The New Republic**, however, in 1914-1918 and again in 1938-1948, was for interventionism in Europe and support of Great Britain» Carroll Quigley (1966). Tragedy and Hope: A History of the World in our Time.*

Quigley – Os Wall Street Reds – Do IPR a NY a Londres.

Financeiros americanos deram poder aos comunistas domésticos.

Nos anos 50, face a investigações do Congresso, bastou descartar “Red sympathizers”.

Jerome Greene é um bom exemplo desta relação: de Wall Street ao IPR...

...mas também de Londres a Wall Street.

É esta estrutura de poder que Direita ataca, pensando estar a atacar Comunistas.

«It was this group of people, whose wealth and influence so exceeded their experience and understanding, who provided much of the framework of influence which the Communist sympathizers and fellow travelers took over in the United States in the 1930's. It must be recognized that the power that these energetic Left-wingers exercised was never their own power or Communist power but was ultimately the power of the international financial coterie, and, once the anger and suspicions of the American people were aroused, as they were by 1950, it was a fairly simple matter to get rid of the Red sympathizers»

«There Is a Very Real Power Structure in Existence... Jerome Greene is a symbol of much more than the Wall Street influence in the IPR. He is also a symbol of the relationship between the financial circles of London and those of the eastern United States which reflects one of the most powerful influences in twentieth-century American and world history. The two ends of this English-speaking axis have sometimes been called, perhaps facetiously, the English and American Establishments. There is, however, a considerable degree of truth behind the joke, a truth which reflects a very real power structure. It is this power structure which the ... Right in the United States has been attacking for years in the belief that they are attacking the Communists. This is particularly true when these attacks are directed, as they so frequently are at "Harvard Socialism," or at "Left-wing newspapers" like The New York Times and the Washington Post, or at foundations and their dependent establishments, such as the Institute of International Education» Carroll Quigley (1966). Tragedy and Hope: A History of the World in our Time.

Quigley – Frederick Vanderbilt Field e o grupo de Manhattan.

FV Field, o “Wall Street Red”, tinha um “Communist research group”.

Encontravam-se na casa de Manhattan de Field.

Elaboraram plano comunista para reconstrução Europeia.

«During the winter of 1947-1948, Lew Frank... joined a "Communist research group" which met in the Manhattan home of the wealthy "Wall Street Red," Frederick Vanderbilt Field. The chief members of this group, probably all Communists, were Victor Perlo and David Ramsay. This pair drew up for Wallace an attack on the Marshall Plan and an alternative Communist plan for European reconstruction...»
Carroll Quigley (1966). *Tragedy and Hope: A History of the World in our Time.*

Quigley – Família Lamont e extrema-esquerda – FSU, NCASF.

Tom Lamont, Flora e Corliss, financeiros da extrema esquerda, incluindo CPUSA.

Corliss no topo de várias organizações, como a Friends of the Soviet Union (20s).

Reorganizada como National Council of American-Soviet Friendship (40s).

Corliss, um dos porta-vozes de topo para ponto de vista soviético na América.

Um dos protagonistas entre “fellow travelers”.

«The chief evidence, however, can be found in the files of the HUAC which show Tom Lamont, his wife Flora, and his son Corliss as sponsors and financial angels to almost a score of extreme Left organizations, including the Communist Party itself. Among these we need mention only two. One of these was a Communist-front organization, the Trade Union Services, Incorporated, of New York City, which in 1947 published fifteen trade-union papers for various CIO unions. Among its officers were Corliss Lamont and Frederick Vanderbilt Field (another link between Wall Street and the Communists). The latter was on the editorial boards of the official Communist newspaper in New York, the Daily Worker, as well as its magazine, The New Masses, and was the chief link between the Communists and the Institute of Pacific Relations in 1928-1947. Corliss Lamont was the leading light in another Communist organization, which started life in the 1920's as the Friends of the Soviet Union, but in 1943 was reorganized, with Lamont as chairman of the board and chief incorporator, as the National Council of American-Soviet Friendship»

«Corliss Lamont Was One of the Chief Spokesmen for the Soviet Point of View in America... During this whole period of over two decades, Corliss Lamont, with the full support of his parents, was one of the chief figures in "fellow traveler" circles and one of the chief spokesmen for the Soviet point of view both in these organizations and also in connections which came to him either as son of the most influential man in Wall Street or as professor of philosophy at Columbia University. His relationship with his parents may be reflected in a few events of this period»
Carroll Quigley (1966). *Tragedy and Hope: A History of the World in our Time.*

Reaccionismo britânico – Ataque a classe média e a individualismo.

Ataques a classe média – Carlyle, Maurice, Kingsley, Ruskin.

“Corpo social” – Ataque a individualismo – Mill – Spencer – Darwin. [John Stuart Mill, Herbert Spencer]

Reinvenção de esquerda e direita para Red Toryism – Neocons

Oligarquia financeira transatlântica decide reinventar esquerda e direita.

Nova esquerda e nova direita encontram síntese em Red Toryism.

O jogo dialéctico na América, trendsetter para mundo transatlântico.

Trotskyistas de Chatham House, Langley / Precedente de Trotsky, o Provocador.

Grupos de coordenadores e operadores no ground level.

O case study dos neocons americanos / Trotskyistas e Red Tories.

Neocons: Revolução permanente e a guerra de terror, à escala global.

Seymour Hersh (2004) – “Paul Wolfowitz, the greatest Trotskyite of our time”.

Oligarquia financeira transatlântica decide reinventar esquerda e direita.

Oligarquia financeira transatlântica: reinventar esquerda e direita / cooptação.

Globalização (aquisição hostil) / integração totalitária gradual do mundo desenvolvido.

Ao longo do pós II Guerra e durante o início da Guerra Fria, a oligarquia financeira transatlântica avança um programa (entretanto inteiramente cumprido) para a plena reinvenção da esquerda e da direita, ao longo de todo o mundo desenvolvido. A ideia foi a de reorganizar em pleno o panorama político/partidário para o colocar por inteiro sob o controlo dos centros de capital financeiro. A esquerda e a direita seriam refeitas como movimentos para o avanço de dois propósitos essenciais: a) globalização, a aquisição do planeta por interesses multinacionais; b) a integração totalitária *gradual* de todas as sociedades no planeta, sob o controlo desses mesmos interesses.

Reorganização dialéctica / a dança das cadeiras e a pretensão de oposição.

Agenda dos big boys continua ininterruptamente. Esquerda e direita teriam de ser organizadas em moldes plenamente dialécticos, para fazerem, daí em diante, uma dança teatral de troca de cadeiras, na qual seria oferecida a aparência de oposição e de legitimidade democrática. Porém, a agenda seria a mesma e, prosseguiria de forma ininterrupta. É claro que o militante normal, e a própria larga generalidade dos líderes e

executivos partidários, não fariam a mais pequena ideia que isto estava a acontecer, ou do modo como estava a operar.

Reconversão efectuada por agentur financeiros / papel fulcral das grandes fundações.

O mesmo tipo de cooptação estava a acontecer com governos nacionais. Toda a reconversão seria coordenada por pequenos núcleos de agentur financeiros – células ideológicas e de acção –, estrategicamente colocados em nódulos fulcrais nas várias estruturas partidárias. Aqui, seriam essenciais as tax-free foundations dos grandes centros financeiros, enormes conglomerados de capital, detentores de vasta influência social, económica e política; algumas destas fundações, como a Rockefeller, a Ford, ou o World Wildlife Fund, são maiores e mais importantes que qualquer governo nacional. As fundações assumiriam controlo sobre os partidos através de sponsorships estratégicas e do placement de assessores, consultores, executivos e outros agents provocateurs ao longo das estruturas. O mesmo processo estava a acontecer para os próprios governos nacionais. Tudo isto se enquadra de forma vital na dinâmica de aquisição da sociedade por interesses privados.

Nova esquerda e nova direita encontram síntese em Red Toryism.

Diferenças esquerda/direita tornam-se puramente retóricas / só existe management. Em tempo, o que surge daqui é uma situação onde a “direita” e a “esquerda” executam as mesmas exactas agendas, enquanto a dança das cadeiras acontece. Toda a diferença real reside em questões de retórica e de supinismo paraideológico (forma anula substância). Depois, a população geral é mantida a acreditar no mito ideológico, esquerda/direita. Já não existem diferenças ideológicas. Agora só existe management, essa é a ideologia.

Direita faz papel hegeliano (fascii/top down) / esquerda faz teatro marxista (bottom up).

Na dialéctica histórica deliberada, a actual direita faz o papel de hegelianos (fascistas, top-down), contra a actual esquerda, que faz o teatro marxista (bolchevismo, bottom-up).

Síntese em fascismo corporativo internacional – **Red Toryism**. A síntese é sempre *no meio* – é assim que a dialéctica funciona e é para isso que é organizada. O meio significa, claro, fascismo corporativo internacional, controlado por oligarcas financeiros, com a gestão comunística das massas abaixo. O real paradigma é **Red Toryism**, também vagamente descrito como neoliberalismo, neoconservadorismo e socialismo progressista; todos são a mesma coisa, independentemente do aspecto exterior e da roupagem retórica. (ver notas sobre *Socialismo Inglês, Red Tories, New Liberals, Agenda 21*).

O jogo dialéctico na América, trendsetter para mundo transatlântico.

Democans vs Republicrats. “Esquerda” e “direita” (no mundo anglo-saxónico, “liberais” e “conservadores”) mantêm os títulos, mas passam a ser puros e simples corporatistas. E jogam a supracistada dialéctica entre si. O jogo dialéctico na América é um dos mais interessantes e, sob alguns parâmetros, é o trendsetter para o resto do mundo ocidental. De um lado, existem os novos democratas, conhecidos como “foundation-run left”. Do outro, existem os novos republicanos, a “CIA-run right”. Em tudo isto, muitas pessoas iludidas e bem intencionadas, que ainda acreditam estar a defender as tradições de Kennedy e Lincoln, respectivamente. Mas o Partido Republicano já não é o partido de Lincoln, ou sequer de Reagan, tal como o Partido Democrata já não é o partido de FDR ou JFK. São entidades fusionais, dominadas por capital financeiro, guiadas por agents provocateurs, e motivadas por ideologia sintética com ímpetos totalitários e militaristas.

Trotskyistas de Chatham House, Langley / Precedente de Trotsky, o Provocador.

Muito importantes em toda esta dinâmica de subversão e reconversão, são dois tipos de grupo de acção:

Trotskyistas de Chatham House, Langley. Ideólogos Trotskyistas (!) recrutados no pós-II Guerra, para serem pontas de lança em núcleos de subversão, paradigm setting, decision-making. Aqui, estamos a falar de pessoas como James Burnham, Leo Strauss, Herbert Marcuse, Theodor Adorno e muitos outros. Estas pessoas são induzidas no pós Guerra pelo eixo Chatham House/MI6/OSS. Chatham House é, claro, o centro de operações da oligarquia transatlântica, sedeada no epicentro da vida financeira global, a City of London (ver notas sobre *Cecil Rhodes, Milner, RIIA*). O MI6 e o OSS (mais tarde CIA), são criações do SIS, o serviço de intelligence da Coroa britânica. Este é, objectivamente, o eixo privativo de intelligence para a City of London (e para a própria Coroa britânica). Os ideólogos Trotskyistas recrutados foram-no por um conjunto de motivos essenciais. Estes homens eram quackademics, professores, propagandistas. Ideólogos de algibeira, bons spin doctors. Eram paraintelectuais dialécticos, mestres na arte de retorcer e de inverter palavras e conceitos. Muito viajados, com conhecimento profundo de línguas e culturas. Tinham históricos pessoais em intelligence, influência social. Muitos deles eram agentes duplos, e.g. para comunistas e fascistas. Vários outros tinham tido responsabilidades em regimes comunistas, especialmente na Hungria. O carácter aqui presente era essencialmente nulo. Estamos a falar de homens que eram sociopáticos, autoritários, imbuídos de desprezo oligárquico pelo homem comum e pelas classes médias; algo a roçar o ódio puro. Eram totalitários; e não interessa se a oligarquia dominante sob totalitarismo é composta de oligarcas financeiros ou de oligarcas de classe alta tornados putschistas (o standard habitual sob comunismo). Sabiam implementar totalitarismo; e, melhor que isso, sabiam como subverter gradualmente uma sociedade para a transição para totalitarismo. São estes homens que vão ser responsáveis por criar os paradigmas ideológicos que vão guiar a transição (a

este respeito, ler também notas sobre em ***Engenharia Psicossocial*** sobre a Escola de Frankfurt e sobre os processos de reengenharia psicocultural da sociedade).

Trotskyistas para os big banker boys seguem pisadas de Trotsky. Num sentido muito real, estes homens estavam apenas a seguir as pisadas do seu fundador ideológico. Leon Trotsky era um provocador de baixo nível, mais tarde convertido num mero gangster de uniforme, e num genocida, *pessoalmente* responsável pela morte de milhões de russos. Começou pessoalmente o Terror antes do Terror e depois definiu todo o programa para... o Terror. A Cheka era o domínio privado de Trotsky. Stalin foi mau, mas um Trotsky na chefia da URSS teria rivalizado directamente com Pol Pot para o estatuto de maior genocida da história. Na sua autobiografia, fala-nos sobre como viveu a vida de um dandy em Nova Iorque, com apartamento bom, chauffeur, salões de chá e todo o tipo de requintes. Em Abril de 1917, é enviado a bordo do Kristianafjord com uma série de revolucionários russos e executivos de Wall Street para a Rússia, para ajudar a despistar a revolução russa e a cooptá-la para o golpe totalitário bolchevique. Lenin também estava a caminho, numa carruagem fechada protegida pelo Alto Comando Alemão e ouro dado pelo governo alemão. Fazia-o depois de passar uns tempos a viver a high life em Genebra, como mocinho para os banqueiros lá. A primeira revolução trotskyista de sempre é aquela que foi feita no México em 1915, conduzida no terreno por gente como Carranza, com financiamento JP Morgan, armas Remington, etc. A nova “república do povo” era uma holding de Wall Street e financeiros assorted europeus, de uma ponta à outra. Já na URSS, Trotsky faria fortunas privadas com os negócios de concessões e chefiaria o instituto de relações internacionais, onde teria negociações directas com os banqueiros ocidentais. O instituto era, de resto, o braço soviético da rede de Institutes of International Affairs e Pacific Councils organizados por Lord Milner na City of London (notas sobre ***Rhodes, Milner, RIIA***). Era também um apêndice do Ruskombank, ou Vneshtorg, o banco de investimento privado que comandava o banco central em Moscovo, e era comandado no terreno por representantes de bancos ocidentais. Para mais sobre todos estes provocadores teatrais de classe alta, ver notas sobre ***URSS***.

Grupos de coordenadores e operadores no ground level.

Profissionais, fanáticos políticos, hienas, etc. Depois, ao nível do terreno, ao groundlevel, temos grupos de infiltração e operações especiais, consultores que **coordenam e operam** actividades de infiltração e de subversão. Ou seja, aqui está-se a falar de coordenadores, operadores, facilitadores, gente ao nível de agentes duplos, para as fundações bancárias, e não de toda a gente que está activamente envolvida na subversão de estruturas (muitas dessas pessoas são idiotas úteis, outras almas iludidas, pessoas ingénuas, etc.) Muitos destes grupos são meros consultores a contrato; profissionais e sociopatas sem qualquer envolvimento por motivos ideológicos. Mas é sempre útil usar grupos com envolvimento ideológico, por they work double time. Portanto, existem sempre muitos grupos compostos de fanáticos de esquerda

(trotskyistas, maoístas, leninistas, marxistas utópicos, e outros lemmings deste género) que acreditam estar a jogar com os hipercapitalistas “para depois os enforcar com a corda que eles próprios vão ceder”, a velha linha de duping que Lenin vendeu ao Politburo. Estes agentur de esquerda são os idiotas úteis essenciais. Mas dê-se também um enorme destaque a grupos na linha Die Spinne, a rede de influência Nazi que surge no pós II Guerra. Estes agentur fascistas são liberalmente absorvidos no pós-guerra pelas estruturas de operações negras da alta finança; surgem no próprio topo dessas estruturas, a par de outras hienas, mercenários e desesperados. São devotados ao propósito de trazer o Reich global sob o comando de oligarcas financeiros, dão sempre bons empregados.

O case study dos neocons americanos / Trotskyistas e Red Tories.

Cooptação de... bem, Democans e Republicrats.

Os neocons são Trotskyistas.

IV Internacional + Fabianismo / linguagem Midwest para sugarcoating.

Fascismo imperialista hegeliano, reciclado, é o resultado. Um case study interessante é o modo como as fundações usaram os já mencionados Trotskyistas para cooptar e reelaborar os dois partidos americanos. O processo foi similar para os dois partidos e enquadra-se no modelo geral explicado atrás. Vamos olhar para o Partido Republicano, submetido desde a era Reagan a uma literal tomada de poder interno, um mini-Machtergreifung! Iso é protagonizado pelos “neo-conservadores”, um termo muito enganador. Os neo-conservadores são neo-Trotskyistas. Os pais ideológicos do movimento são pessoas como James Burnham, Leo Strauss, Daniel Bell, Samuel P. Huntington, entre outros. Esta gente faz parte (alguns de modo directo, outros não) do movimento geral de absorção de agentes duplos Trotskyistas pelo eixo MI6/OSS no pós-II Guerra. Os protagonistas em tempos mais recentes são os discípulos directos de Leo Strauss. Gente como Michael Ledeen, William Kristol, Donald Rumsfeld, Dick Cheney – e, muito especialmente, Paul Wolfowitz, o ideólogo essencial do movimento para as últimas décadas. O Partido Republicano é lentamente conquistado a partir de dentro por esta facção. O que estes Trotskyistas fizeram, foi criar uma ideologia totalitária reciclada, e depois superimpor-lhe um sugarcoating de retórica Midwest. Pegaram em conceitos hegelianos, no rationale e nos métodos da IV Internacional e depois juntaram o pragmatismo imperial da ideologia Fabiana. Isto não foi difícil, já que Trotskyismo e Fabianismo ambos derivam de fascismo imperialista hegeliano.*

Brigandagem e autoritarismo vendidos com a linguagem da mom’s apple pie. A partir daqui, programas totalitários podem ser vendidos sob rótulos como “free market”, “economic development”, “keeping the homeland safe”. O drive para criar imperialismo fascista global pode ser nomeado de “project for the new american century”. A fusão gradual Mex/USA/Can, para regionalismo imperial (como na Europa), pode ser

chamada de “security and prosperity partnership” e até “fortress America”. Agressão imperialista torna-se “true patriotism”, “defending America”, “keeping the world safe for democracy”.

Red Toryism é o real paradigma.

América usada para o “New American Century” das multinacionais, depois descartada. O Partido Republicano que daqui surge usa a retórica da mom’s apple pie mas é uma combinação entre os Tories imperiais britânicos e os bolcheviques russos – o Red Toryism de John Ruskin! O programa é a aquisição total da sociedade por interesses privados, por meio de conversão plena para mercantilismo público-privado (controlo total por interesses privados multinacionais). É também a mudança radical de todas as condições sociais vigentes, no planeta inteiro, para o futuro utópico global, o futuro do “New American Century”. Aqui, a América é *usada*, pelo seu poderio económico e militar, para standardizar o planeta sob privatização global. Finalmente, é descartada, enquanto país e potência, para se fundir em pleno no novo sistema global, um que é governado por privados, e não por países; um onde os países *desapareceram*, para dar lugar a domínios privatizados e cidades estado.

Mistura ideológica neocon também pode ser considerada – Nazismo.

A indistinção entre esquerda totalitária e direita totalitária, na história.

Totalitarismo é totalitarismo, i.e. governo por crime organizado oligárquico. * A mistura ideológica resultante ainda é mais complexa do que o mencionado, porque é uma forma de socialismo nacionalista ou, nacional-socialismo. O modelo a implementar é a gestão integrada e autoritária de toda a sociedade (Socialismo), sob o comando de uma oligarquia financeira (“socialismo de direita”, i.e. corporatismo/fascismo). O “povo americano” tem o dever de assumir a responsabilidade pela organização do mundo para a Utopia global (é tornado numa espécie de novo Volk). A obtenção de Utopia global implica imperialismo agressivo, seja na frente mercantil, seja pelo uso de meios militares. Isto é aquilo de que Leo Strauss teria gostado. Strauss era um Trotskyista, mas também um Nazi confesso; até ser forçado a fugir da Alemanha por ser Judeu. Isto pode parecer estranho nos dias de hoje, sob a confusão retórica que foi colocada à volta de questões ideológicas no pós-II Guerra, mas o facto é que esquerda totalitária e direita totalitária são a mesma exacta criatura, com o mesmo exacto programa para a sociedade. Totalitarismo *é* totalitarismo. É a organização *total* da sociedade – *de tudo na sociedade* – sob uma oligarquia autoritária. Durante o século 19, e no século 20 antes da II Guerra, ninguém fazia distinção entre Comunistas, Nazis e Fascistii, a não ser no que respeitava à pura e simples pragmática da luta pelo poder entre grupos competidores (qual é o bando de totalitários que preferes, os de vermelho ou os de preto? Quais são os que falam melhor, quais são os que fazem promessas melhores?) Militantes totalitários alternavam livremente entre grupos de “esquerda” e de “direita”. Os Fascistii italianos começaram por ser um bando de esquerda e o mesmo acontece para os Nazis alemães. Depois, tanto Fascistii como Nazis mudaram o rótulo para direita, já que os distinguia

melhor dos Comunistas, o principal grupo competidor [ver notas sobre **Socialismo** e **URSS**, para muito sobre tudo isto].

Neocons: Revolução permanente e a guerra de terror, à escala global.

Wolfowitz, Ledeen e a “revolução permanente”, para mudança radical global.

Ledeen: A Nova América [Trotskyista] / destruição criativa / desestabilização constante.

A essência disto: aquisição privada hostil, governo por crime organizado, pobreza, guerra sectária – **Iraque** é o modelo. A prioridade neo-conservadora para o mundo é a instauração da “revolução permanente” de Paul Wolfowitz (e este, claro, é o termo usado por Leon Trotsky), para a “mudança de todas as condições sociais vigentes”. Michael Ledeen chama-lhe “revolução democrática”. É, em essência, aquilo que tem sido visto no Médio Oriente, onde os estados são colapsados sob vagas de aquisição privada, pobreza, balcanização sectária, violência. O Iraque é o modelo para o mundo. *«Creative destruction is our middle name, both within our own society and abroad. We tear down the old order every day, from business to science, literature, art, architecture, and cinema to politics and the law... We do not want stability in Iran, Iraq, Syria, Lebanon, and even Saudi Arabia.... The real issue is not whether, but how to destabilize. We have to ensure the fulfillment of the democratic revolution»* Michael Ledeen, American Enterprise Institute, 2002 – The War Against The Terror Masters (New York: St. Martin's, 2002, 2003), pp. 172, 216

Paul Wolfowitz, Michael Ledeen ou William Kristol não são George Bush. George Bush talvez acredite que “democratização” significa Pizza Hut, Nokia e eleições livres. O círculo interno ideológico sabe que o real significado do termo é a entrega irrestrita dos países a aquisição privada hostil, com o poder a ser depois entregue a grupos totalitários, sectaristas, terroristas, criminosos (versões culturalmente adaptadas dos bolcheviques russos). A ideia é saquear e privatizar tudo o que tenha algum valor e depois estourar completamente a sociedade em redor em espirais de violência, terror e morticínio.

“Revolução permanente” exige **guerra de terror** sobre o público.

Trotsky e o reino de terror (teoria): esmagar e eviscerar para trazer Utopia. A “revolução permanente” para a “mudança de todas as condições sociais vigentes” exige uma **guerra de terror** sobre o público. A guerra de terror, o reino de terror, tem uma teoria e uma prática. A teoria foi explicada por gente como Marx (ver notas em **Socialismo**) e, claro, Leon Trotsky, o grande ideólogo do terrorismo moderno (e.g. Leon Trotsky, Terrorismo e Comunismo, 1920). Na teoria, isto significa o uso contínuo de terrorismo sobre a população, pela “vanguarda”, e tudo isto é, na realidade, por “amor”. A ideia é trazer a utopia. Só o uso continuado de terror, diz-nos Trotsky, possibilita a extinção de todas as condições sociais em existência, e a sua substituição gradual por um novo mundo de esclarecimento tecnocrático em prol do “povo” (vamos

matar-te à fome e cometer genocídio sobre ti porque te amamos). Esclarecimento tecnocrático implica a desumanização contínua da população, para eliminar artefactos não-pragmáticos e prejudiciais como a consciência moral, empatia, sentimentos humanos. Aí, todos serão “proletários” iluminados como Trotsky, um traidor e um agent provocateur de baixo nível. É claro que tudo isto implica a escalada progressiva de brutalidade e de violência, onde cada passo é o prelúdio do passo seguinte, numa espiral de terror e morticínio cujo registo foi bem demonstrado durante as eras bolchevique e estalinista. Esta é a teoria.

Trotsky e o reino de terror (prática).

Esmagar e eviscerar porque sim / propósito de crime é crime.

Esmagar e eviscerar para criar castas de criminosos para gerir sistema esclavagista.

A prática é a pura e simples boot stamping on a human face forever. Em termos muito pragmáticos, escravizar totalmente a larga maioria da humanidade em prol dos *poucos*. E, de modo ainda mais profundo que isso, esta é uma racionalização cuidada do instinto do traidor e do homicida, para destruir, torturar, massacrar, eviscerar, pelo puro e simples deleite nihilista de o fazer. As pessoas normais não conseguem conceber que existam seres humanos que *incorporem* este papel em si – e existem. E esta foi a praxis normal durante muitos períodos da história da humanidade. E.g. é assim que muitos barões feudais europeus se comportavam. Totalitarismo moderno é neo-feudalismo. A ideologia contém e racionaliza os mesmos exactos instintos. Em paralelo, existe a preocupação em criar cadres de novos putativos barões feudais. Um sistema totalitário não pode ser organizado sem os exércitos de sociopatas que o vão operar; é tão simples quanto isso.

A guerra de terror sobre o público, para século 21, começa com as Torres.

Cheney, Bush, Blair – let us reorder this world, in the 100 years war. A “revolução permanente” exige uma ***guerra de terror*** sobre o público. É precisamente isso que começou com as Torres, o início do “new american century program”. Como Cheney disse, esta é uma guerra de 100 anos para mudar radicalmente a face do planeta inteiro. E, como Bush disse (ou leu do teleprompter), quem não estiver a bordo connosco, é um terrorista. Pela mesma altura, Blair estava a dizer que “the pieces are in flux – *let us reorder this world around us*”, citando Cecil Rhodes e HG Wells.

A guerra de terror será a boot stamping on the human face just because.

Guerra de 100 anos sobre o público não trará nada no fundo do túnel (ou, trará o **nada**).

Aquisição hostil privada de tudo e de todos, sistemas de vigilância total, managerialism inumano. Pobreza, migrações forçadas. Balcanização, atentados, guerra sectária. Trabalho forçado. Tortura, rendition, prisão secreta, execução. Genocídio. Sistemas eugénicos, com a esterilização gradual da larga maioria da população; e o aborto, infanticídio e eutanásia da “vida que não merece vida”. Também, o ataque deliberado ao sistema nervoso central humano. Tudo isto é o standard pretendido para o século do

terror, a guerra de 100 anos sobre o planeta. Os standards são morte e nihilismo, na verdade; não há *nada* de bom, para quem quer que seja, no fundo deste túnel.

Seymour Hersh (2004) – “Paul Wolfowitz, the greatest Trotskyite of our time”.

Seymour Hersh, o lendário jornalista político de Washington D.C., fez bem quando apelidou o círculo interno neocons de «cultists»; depois disse que não eram «Charles Manson cultists» e fez mal, porque são, estão na mesma exacta linha. Observou que eram um bando autoritário e vicioso, conduzido por noções de «Utopia», e disse que «Paul Wolfowitz is the greatest Trotskyite of our time». Hersh não parece dizer isto num tom de finalidade absoluta, mas, numa pessoa da craveira dele, a questão essencial é se não o está a dizer no registo de “a word to the wise”. Se o estiver a fazer, está a dizer a verdade, embora de modo tímido e lamentável. Caso contrário, e mesmo sem o saber, acertou em cheio no jackpot.

Citação. *«The question we have to say to ourselves is, ok, so here's what happens, a bunch of guys, 8 or 9 neoconservatives, cultists — not Charles Manson cultists, but cultists — get in and it's not... about oil... it's about a Utopia they have, it's about an idea they have... in a sense, I would say Paul Wolfowitz is the greatest Trotskyite of our time, he believes in permanent revolution... they got together, this small group of cultists... They've taken the government over. And what's amazing to me, and what really is troubling, is how fragile our democracy is. Look what happened to us... [In the press, there is] self-censorship... you know there is a corporate mentality out there, but there's also a tremendous amount of self-censorship... It's like a disease... they took away the edge from the press, they also muzzled the bureaucracy, they muzzled the military, they muzzled the Congress, and it's an amazing feat. We're supposed to be a democratic society, and all of those areas of our democracy bowed and scraped to this group of neocons who advocated a policy... And so you have a government that basically has been operating since 9/11 very successfully on the principle that if you're with us you're a genius, if you're against us... you're a traitor. They can't deal with you... So what does that mean? That means no dissent»* [Seymour Hersh, July 8, 2004, Keynote Speech at the American Civil Liberties Union (ACLU), 2004 Membership Conference.]

RESTAURACIONISTAS CATÓLICOS.

Restauracionistas Católicos – Lançam bases para socialismo.

Produto da Contra-Reforma Jesuítica – Influencia Saint-Simonianos. Alguns dos primeiros socialistas admitiram de modo franco que o seu modelo político era o internacionalismo autoritário da Igreja Católica medieval. Entre estes estavam os Saint-Simonianos, que admitiram livremente a influência dos tradicionalistas de Restauração Católica [Catholic Restoration traditionalists] sobre o seu pensamento.

Restauracionistas – A reacção colectivista jesuíta. O espírito da era feudal tinha sido expresso para os Saint-Simonianos pelos teocratas pós-Revolucionários, os pensadores Católicos do início do século XIX – Bonald, Ballanche, Lamennais, de Maistre.

COLECTIVISMO.

→ ***“O indivíduo não conta para rigorosamente nada”.*** Assevera a supremacia de forças históricas sobre a acção deliberada, da sociedade sobre o indivíduo, de fé colectiva sobre razão individual.

→ ***“Necessidade de autoridade e de hierarquia”.***

→ ***“Individualidade e razão causam anarquia”.*** Acção deliberada baseada em razão perturbava a harmonia da sociedade e resultava em anarquia.

→ ***Colectivismo unitário – não há distinção entre corpo político e corpo social.*** Face às novas filosofias que surgem, os tradicionalistas Católicos desenvolvem uma concepção autoritária das sociedades. Deixava de haver uma distinção entre corpo político e corpo social. O estado só podia ser compreendido a partir de forças históricas e sociais. A realidade básica da vida social era a sociedade como um todo integral, um organismo, em vez de uma colecção de indivíduos basicamente independentes e distintivos.

UNITARISMO intelectual e político. A concepção de estado e de Igreja era, no caso de Maistre, mais moderna-burocrática do que medieval. Sem uma autoridade na vida intelectual e política da sociedade, o erro e a dissensão levariam à anarquia. A crise da era moderna derivava de individualismo na religião, na razão e na política. E a Revolução Francesa era a consequência inevitável da Reforma, que tinha engendrado a filosofia crítica do século XVIII.

HIERARQUIA – Castas, autoritarismo e absolutismo. Por forma a justificar o Antigo Regime e o poder da Igreja, de Maistre e os outros tradicionalistas Católicos tiraram a conclusão de que a sociedade, pela sua própria natureza, exigia gradações e hierarquias de comando. Uma sociedade não era apenas a interacção de todas as partes, mas

também unidade, uma doutrina comum aceite por todos os membros, e uma autoridade governante comum. Esta autoridade tem um âmbito total e tem de estar acima de toda a crítica. Para de Maistre e de Lamennais, o governo do rei tem de ser absoluto em termos materiais, sujeito apenas ao governo espiritual da Santa Sé.

GLOBALISMO. Com a quebra da ordem feudal na Europa para o fim do século XVIII, certos pensadores católicos começaram a agitar para a formação de um governo internacional colectivista, que teria uma estrutura semelhante à da Igreja Católica. Tinham o ideal de um governo mundial secular, com um aparato e poderes comparáveis aos da Igreja.

→ Forma romana de governo. Estes Restauracionistas advogavam a adopção da velha forma Romana de governo.

→ Unões continentais e império global. para organizar a Europa, a Ásia, o Norte de África e as Américas. Desejavam um império gigante, controlado por um único governo. Os primeiros socialistas resgataram este conceito, de organizar o mundo com base num degenerado Império Romano.

George Iggers, sobre Restauracionistas Católicos. «...the spirit of the medieval social order was expressed for the Saint Simonians by the post-revolutionary theocrats, the early 19th century Catholic thinkers--Bonald, Ballanche, La-Mennais--but above all by de Maistre, who in defense of the modern Church and the modern monarchy expounded a unitary collectivism quite different from medieval particularism. The Christian-Feudal or perhaps more correctly the Catholic-Restoration legitimist idea asserted the supremacy of historical forces over deliberate action, of society over the individual, and of collective faith over individual reason, and the need for authority and hierarchy. Deliberate action based upon abstract reason disturbed the harmony of society based on traditional forces and inevitably had to result in anarchy»

REVOLUÇÃO FRANCESA.

Fase Constitucional da Revolução Francesa.

A Revolução Francesa começa por ser uma Revolução Constitucional.

Vários partidos compõem a Assembleia Nacional Constituinte. The Legislative Assembly consisted of about 165 Feuillants (constitutional monarchists) on the right, about 330 Girondists (liberal republicans) and Jacobins (radical revolutionaries) on the left, and about 250 deputies unaffiliated with either faction.

Sob Constituição de 1791.

França iria funcionar como monarquia constitucional.

O Rei iria partilhar poder com a Assembleia Legislativa eleita.

Haveria julgamentos por júri.

Consequências da fase Constitucional da revolução – o bom e o mau.

Aboliu os títulos feudais, de nobres, guildas, corporações, cidades, clero.

Todas as barreiras internas ao comércio e a práticas económicas são abolidas.

Instalou ideias de esquerda e direita.

Reduziu a Igreja a um departamento de estado salariado.

Propriedade da Igreja serve de base a nova moeda, o Assignat.

Alterou a geografia do país para 83 departamentos.

Sistema colectivista de gestão, padronizado, centralizado, burocrático.

Ascensão dos Jacobinos.

Clubes Jacobinos, Clube Cordelier começam a ganhar preponderância.

Com pessoas como Marat, Danton, Robespierre.

Jacobinos, apoiados em gangs de sans-culottes, tomam o poder com golpe parlamentar. Os Jacobinos chegaram ao poder através de um golpe parlamentar, suportado pela insurreição dos *sans-culottes* parisienses.

Destrõem todo e qualquer resultado positivo que a fase constitucional poderia ter tido.

...e devastam França.

Revolução Francesa – Aliança entre banqueiros e jacobinos. A estranha aliança entre comunismo e capitalismo remonta pelo menos à revolução francesa, numa altura em que uma parte da aristocracia e da banca francesa tentou ajudar os Jacobinos a estabelecer uma sociedade comunal.

A criatura que come as suas crias: de 1789 à execução de Robespierre.

Forças “de direita” são eliminadas gradualmente.

Jacobinos eliminam oposição Girondina.

Jacobinos de destaque (Danton, Marat, etc.) são eles próprios purgados.

Robespierre torna-se o ditador inquestionável até ser, ele próprio, guilhotinado.

As religiões da Revolução Francesa.

Hébert e Chaumette tentam instituir o novo Culto da Razão, também chamado do Materialismo.

A deusa Razão é adorada na Catedral de Notre Dame.

Robespierre substitui o Culto da Razão pelo Culto do Ser Supremo.

Robespierre organiza a sua festa do Ser Supremo.

La Fête de l’Etre Suprême, recebida com frieza pelos Parisienses.

Acompanhado de esforços extremos de des-Cristianização, durante Reino de Terror.

Prisão e massacre de padres.

Destruição de igrejas e imagens religiosas.

Substituição de festivais religiosos por festivais cívicos.

Estes eventos levam a desilusão com Revolução e contra-rebeliões, França fora.

Voltaire – “Believe absurdities, commit atrocities”.

«Those who can make you believe absurdities can make you commit atrocities. As soon as one faculty of your soul has been dominated, other faculties will follow as well».

«Certainement qui est en droit de vous rendre absurde est en droit de vous rendre injuste... Une faculté de votre âme étant une fois tyrannisée, toutes les autres facultés doivent l'être également».

Voltaire (1765). Questions sur les miracles.

Comité de Segurança Pública.

Estabelecido em 1793. O governo francês, Jacobino, estabeleceu o Comité de Segurança Pública (*Comité de salut public*), com 12 membros, em Abril de 1793.

Suprimir actividades “contra-revolucionárias”, gerir aparelho militar.

Comité de Segurança Pública torna-se órgão executivo ditatorial.

Foi o governo executivo da França durante o Reino de Terror.

Perseguição e saque dos camponeses.

Acontece durante o Terror, mas continua a partir daí.

Jacobinos instituem Lei do Máximo. Começaram uma política de controlo de preços, a “Lei do Máximo”, que teve resultados catastróficos, provocando escassez artificial e fomes.

Resultados catastróficos, com escassez artificial e fomes.

Comité de Segurança Pública reage.

Estabelece forças paramilitares de sans-culottes, os exércitos revolucionários. Sob o Comité, foram estabelecidas forças paramilitares compostas de *sans-culottes*, os exércitos revolucionários, para saquear a produção dos camponeses.

Estes gangs são enviados para o campo para prender camponeses e confiscar colheitas.

Confiscações alimentam Paris à custa do resto de França.

O resultado foi a quebra drástica da produção. E, no ano seguinte, as confiscações já nem eram suficientes para alimentar Paris.

O Terror Revolucionário.

Reino de Terror entre 1793 a 1794. De 5 de Setembro 1793 a 28 Julho 1794.

Repressão mais intensa entre Junho de Julho de 1794, o Grande Terror. A repressão acelerou em Junho e Julho de 1794, um período chamado “la Grande Terreur”.

Dezenas de milhares são levados perante Tribunais Revolucionários. O principal destes é o Tribunal Revolucionário de Paris, perante o qual comparecem dezenas de milhares de suspeitos.

O objectivo, execuções e purgas políticas em massa.

Execuções sumárias de dezenas de milhares de pessoas. Os Tribunais Revolucionários condenou sumariamente milhares de pessoas à morte por guilhotina, ao passo de as multidões espancaram outras vítimas até à morte. Entre 16.000 e 40.000 pessoas são mortas durante o Terror. 16,594 são executadas por guilhotina (2,639 em Paris). Mas cerca de 40.000 prisioneiros acusados podem ter sido sumariamente executados sem julgamento, ou ter morrido enquanto esperavam julgamento.

Maioria dos condenados eram trabalhadores e camponeses. Entre as vítimas dos tribunais revolucionários, cerca de 8% são aristocratas, 6% clero, 14% classe média, e 72% eram trabalhadores ou camponeses, acusados de esconder grão das autoridades, de evadir-se à recruta obrigatória, de deserção ou rebelião.

Repressão política alicerçada em expediente, paranóia e farsas processuais. No auge do Terror, a menor pista de pensamentos ou actividades contra-revolucionários colocavam a pessoa sob suspeita, e isso dava direito a julgamento pelos Tribunais Revolucionários, que tratavam os processos como farsas. As pessoas morriam por acções ou opiniões políticas. Muitas delas eram mortas por poucas razões que não meras suspeitas, ou porque eram inconvenientes a alguém.

Reacção do Thermidor resulta na execução de Robespierre. Acabou com a Reacção do Thermidor, no qual vários protagonistas do Reino de Terror, como Robespierre e Saint-Just são executados.

Repressão brutal nas províncias revoltosas. Nas províncias revoltosas, os representantes governamentais tinham liberdade ilimitada e tornaram-se notórios por extremas repressões e abusos. Por exemplo, Jean-Baptiste Carrier tornou-se conhecido pelas *Noyades* ("afogamentos") que organizava em Nantes.

Guerra no Vendée faz cerca de 170.000 mortos. Isto não inclui as dezenas de milhares de mortos que resultaram das perseguições religiosas e dos saques aos camponeses. Por exemplo, a Guerra no Vendée, uma insurreição de camponeses, resultou entre 117.000 e 250.000 mortes (170.000 são estimativas mais recentes).

Militarização acompanha Revolução Francesa.

Exército do Ancien Regime é completamente reconfigurado.

Terror Revolucionário expande o tamanho do exército.

Crescimento na base de recrutamento obrigatório.

...e de gangs de sans culottes Jacobinos.

Durante todo este processo, torna-se máquina de comer doméstica – dessensibilizada.

Directório.

O Directório é um governo oligárquico. A Constituição de 1795 estabelece o Directório (*Directoire*) e a primeira legislatura bicameral da história francesa, com um parlamento composto pelo Conselho dos Quinhentos (*Conseil des Cinq-Cents*), com 500 representantes, e o Conselho dos Anciões (*Conseil des Anciens*), com 250 senadores. O Conselho dos Anciões nomeava anualmente os cinco “Directores”, a partir de uma lista submetida pelo Conselho dos Quinhentos. Para além disso, a nova constituição acabava com o sufrágio universal masculino de 1793 e instituía sufrágio limitado a propriedade.

Gere a França revolucionária de 1795 até à ascensão de Napoleão em 1799.

Era um regime obviamente tirânico, corrupto, e militarista.

Napoleão Bonaparte.

Instala o Consulado e declara-se Imperador. Napoleão Bonaparte chega ao poder com o golpe de 18 de Brumário, que instalou o Consulado. Em 1804, Napoleão é proclamado Imperador (*Empereur*), e com isso acaba a fase especificamente republicana da Revolução Francesa.

Leva Revolução ao nível seguinte, organizando povo e exército para guerras de expansão. Napoleão deu lei e ordem à Revolução e levou-a ao nível seguinte. O país tinha sido desfigurado e militarizado, agora podia ser usado para devastar o resto da Europa.

ROUSSEAU – Barbarização – Destruição da civilização – Contrato Social.

ROUSSEAU – Um hedonista e um charlatão. Rousseau parece ser, de modo genérico, um hedonista sociopático, com um largo historial de induzir prejuízos alheios para ganho próprio. Faz toda uma vida à base de charlatanismo – charlatanismo *sensible*, diga-se –, tanto na esfera pessoal como na esfera da proliferação de ideias.

ROUSSEAU – Destruir civilização para reencontrar “bom selvagem”.

O mito do bom selvagem. Rousseau admirava o “nobre selvagem”, e defendia que *«man is naturally good, and only by institutions is he made bad»*.

O “estado puro da natureza”. Tal como a maior parte dos teóricos políticos da sua era, falou de um estado de natureza, apesar de hipoteticamente, como *«a state which exists no longer, perhaps never existed, probably never will exist, and of which none the less it is necessary to have just ideas, in order to judge well our present state»*.

Lei natural deduzida a partir de “homem natural”. A lei natural devia ser deduzida desse estado da natureza, mas enquanto somos ignorantes do homem natural é impossível determinar a lei originalmente prescrita ou melhor aplicável a ele.

Deplorava desenvolvimentos tecnológicos, científicos e industriais. Diz-nos que uma revolução deplorável tinha introduzido a metalurgia e a agricultura, bem como todas as outras marcas da civilização que nos afastava do ideal, o “bom selvagem”, o “homem natural”.

Propriedade privada e civilização são perversões. Dizendo que *«The first man who, having enclosed a piece of land, bethought himself of saying 'this is mine,' and found people simple enough to believe him, was the real founder of civil society»*.

Impossível conciliar ciência com virtude.

Educação e arte da impressão são algo de deplorável.

Tudo o que distingue o homem civilizado do indígena é mau e perverso.

Devastar e abandonar civilização. A solução para os problemas da civilização reside em *destruir*, a civilização.

Deliberadamente ou não, oferece a fórmula para a destruição da civilização, o seu Contrato Social.

ROUSSEAU – Contrato social para o colectivo uniforme.

“Du contrat social” é publicado em 1762. E expõe a teoria política de Rousseau.

Autoridade do estado é baseada num “Contrato Social”.

Isso significa o consentimento dos indivíduos.

Portanto, ideia legítima revolução contra poderes sem consentimento legalista.

O estado é o proprietário de todos os bens. «*The State, in relation to its members, is master of all their goods*».

Isto significa, por exemplo, que o estado pode taxar tudo. Só se pode taxar algo do qual se é proprietário.

Contrato social baseado em associação orgânica e totalitária. O Contrato Social pode ser expresso nas seguintes palavras: «*Each of us puts his person and all his power in common under the supreme direction of the general will, and, in our corporate capacity, we receive each member as an indivisible part of the whole*».

ESPARTA. Modelo de inspiração, a Esparta totalitária de Licurgo.

Todos os indivíduos são fundidos no Estado, ou Soberano. Este acto de associação gera um corpo moral e colectivo, que é chamado o Estado, quando passivo, o Soberano, quando activo, e um Poder em relação a outros corpos como si mesmo.

Corpo político recebe poder absoluto sobre todos os seus membros.

Inexistência de liberdade individual, em nome de igualdade estrita. Do mesmo modo, rejeição da doutrina dos direitos do homem.

Vontade do Soberano equivale sempre a vontade dos súbditos. O Soberano não dá quaisquer garantias aos seus súbditos uma vez que, dado ser formado pelos indivíduos que o compõem, não pode ter quaisquer interesses contrários aos deles. «*The Sovereign, merely by virtue of what it is, is always what it should be*».

Vontade do Soberano é “vontade geral” e está sempre certa. A vontade do Soberano (comunidade, ***corpo legislativo, o estado totalitário***), que está sempre certa, é a “vontade geral”. O conceito de “vontade geral” joga uma parte muito importante no sistema de Rousseau. A vontade geral não é idêntica com a vontade da maioria, nem sequer com a vontade de todos os cidadãos. É concebida como a vontade do corpo político como tal. Está sempre certa e tende sempre para a vantagem pública. Mas quase sempre existe um grande grau de diferença entre a vontade de todos e a vontade geral.

Vontade do Soberano é sempre suprema, inquestionável e não tolera dissensão.

Liberdade ou verdade são aquilo que o estado define como tal.

E depois, indivíduo independente é “forçado a ser livre”. Cada cidadão partilha nesta “vontade geral”, mas pode também, como indivíduo, ter uma vontade particular contrária à vontade geral. O Contrato Social implica que alguém que recuse obedecer à vontade geral será forçado a fazê-lo. *«This means nothing less than that he will be forced to be free».*

Hegel segue o doublespeak de Rousseau. Mais tarde, Hegel imita esta deturpação da palavra “liberdade” e definiu-a como o direito de obedecer à polícia, ou algo deste género.

O estado total tem de proibir todas as associações concorrentes. Para Rousseau, o que interfere com a expressão da vontade geral é a existência de associações subordinadas dentro do Estado. Cada qual destas terá a sua própria vontade geral, que poderá entrar em conflito com a vontade da comunidade no seu todo.

«It may then be said that there are no longer as many votes as there are men, but only as many as there are associations... It is therefore essential, if the general will is to be able to express itself, that there should be no partial society within the State, and that each citizen should think only his own thoughts: which was indeed the sublime and unique system established by the great Lycurgus».

Ou seja, ninguém pode interferir com acção doutrinária do estado. Ou seja, não pode haver nada que interfira com a acção doutrinária do estado. O estado dá a “informação adequada”, promove “deliberações” e assegurar que os cidadãos não comunicam entre si, de modo a promover o surgimento de “boas decisões”.

«If, when the people, being furnished with adequate information, held its deliberations, the citizens had no communication one with another, the grand total of the small differences would always give the general will, and the decision would always be good.»

O estado totalitário, no qual o indivíduo não tem qualquer poder. Este tipo de sistema iria proibir igrejas (excepto uma Igreja de Estado), partidos políticos, sindicatos, e todas as outras organizações de homens com interesses religiosos, económicos, sociais ou ideológicos similares. O resultado é evidentemente o estado corporativo ou totalitário, no qual o indivíduo não tem qualquer poder.

Democracia seria apropriada para deuses, não homens. Quando Rousseau usa o termo “democracia”, está a falar da democracia directa da antiga Cidade-Estado. Esta, como aponta, nunca pode ser completamente realizada, dado que as pessoas nem sempre podem ser reunidas e dedicadas a assuntos públicos.

«Were there a people of gods, their government would be democratic. So perfect a government is not for men» – Rousseau, *Du contrat social*, III

Rousseau – O estado total implica coletivização mental e sócio-económica.

Para estabelecer estado, é preciso transformar todos os indivíduos.

Têm de deixar de estar separados para fazer parte do todo.

Isto implica lavagem cerebral a larga escala...

...e interdependência, a teia sócio-económica...

...onde o indivíduo se torna na peça-na-máquina.

«Whoever dares undertake to establish a people's institutions must feel himself capable of changing, as it were, human nature, of transforming each individual, who by himself is a complete and solitary whole, into a part of a larger whole, from which, in a sense, the individual receives his life and his being, of substituting a limited and mental existence for the physical and independent existence. He has to take from man his own powers, and give him in exchange alien powers which he cannot employ without the help of other men.»

Rousseau: Pai da Revolução Francesa, da Alemanha Nazi, da URSS. É claro que toda esta insanidade é melhor expressa no Directorado da Revolução Francesa, no Politburo soviético, ou no governo da Alemanha Nazi.

Contrato Social de Rousseau codifica um despotismo de estilo oriental.

TARPLEY – “Rousseau, individual counts nothing, Reign of Terror”.

(WT2 – 13:45) The late Rousseau, the collective will, the individual counts nothing compared to the collective will. This is essentially the philosophy of the Reign of Terror in the French Revolution.

(1) O contexto intelectual e sócio-económico de Rousseau.

Rousseau surge como ponta-de-lança do movimento romântico.

O mundo do século XVIII. A Europa continua imersa numa estrutura sócio-económica essencialmente feudal mas, um pouco por todo o lado, esta a estrutura ossificada é abalada por novas tendências modernistas e reformistas, de origem “burguesa”. A primeira vitória destas novas tendências acontece no Novo Mundo, com a Revolução Americana.

O movimento romântico – reaccionismo feudal aristocrático. Por toda a Europa, surgem movimentos de reacção contra as novas ideias e concepções. Um dos mais destacados é o movimento romântico, que surge para defender a ‘estável e pacífica’ ordem feudal, contra as reformas e inovações emergentes.

Rousseau insere-se no movimento romântico.

Os ideais românticos [ideais medievais]. O movimento romântico vem exigir a eliminação de quaisquer elementos não-feudais e a perpetuação do feudalismo

Divisão da população entre superiores e inferiores. Ou seja, no topo temos a hierarquia de príncipes, lordes, bispos, duques, e por aí fora, que têm poder irrestrito sobre as vidas das infinitudes de servos/escravos.

O feudo e o império – “local to global”. A organização sócio-política oscila entre o local (comuna, feudo privatizado) e o internacional (autoridade imperial). Ou seja, centenas/milhares de comunas e feudos são organizadas numa federação imperial (e.g., o império germânico de Carlos Magno e Frederico).

Comunitarismo e hierarquia. Toda a gente faz tudo em conjunto – como acontece com insectos sociais – segundo um regime bem definido de papéis hierárquicos. Não pode existir algo como uma classe média independente, ou pensadores independentes – isso é anátema.

Controlo social. A ideia que as massas da humanidade são, essencialmente, infantis e inferiores, e não podem, nem quereriam, ser edificadas e desenvolvidas. Pelo contrário, têm de ser mantidas pobres, vigiadas, controladas, ignorantes – para seu próprio bem, e para bem da “paz social” – no caso, os privilégios dos feudatários.

Arbitrariedade moral e intelectual. As regras morais e intelectuais são definidas por feudelistas prepotentes e são, portanto, um reflexo dessa mentalidade geral. A postura geral de base é “eu quero, posso, mando”. Em termos morais – da definição de bem e mal, certo e errado – isso é expresso em ética situacional. Ou seja, aquilo que é bom e certo é aquilo que me dá jeito, nesta e naquela situação. Portanto, posso criticar e punir

outros por tomarem uma atitude que considero errada, mas eu próprio posso tomar essa atitude quando ela me dá jeito. O mesmo é expresso no domínio intelectual, que depende do conceito de verdade – a verdade objectiva dos factos é o fiel da balança para todos os esforços intelectuais frutíferos. Na mentalidade feudal/romântica, o conceito de verdade é negado e tornado inteiramente subjectivo. Ou seja, é verdade aquilo que me dá jeito que seja verdade. Sou eu, o sujeito, que defino o que é verdade. O objecto é secundário. Portanto, posso alegar que a terra é plana, ou que os meus escravos são bem tratados, mesmo que saiba que isso não é “verdade”. Verdade é aquilo que eu decido que seja, é aquilo que me dá jeito a mim ou à minha irmandade de oligarcas feudais. Ou seja, tudo isto expressa o domínio do mais rude capricho e narcisismo. Estas posturas feudais relativas ao domínio moral e intelectual são tornadas “respeitáveis” com os românticos, e depois tornam-se o epicentro tectónico de toda a filosofia germânica dos últimos dois séculos, de Fichte, Kant e Hegel, a Marx, Nietzsche, Rosenberg, Heidegger, e por aí fora. É a filosofia que justifica todas as formas de exploração, manipulação, atrocidade e genocídio que sejam concebíveis, em nome de cliques auto-intituladas de “homens sábios” e oligarcas. Ou seja, o sistema de valores feudalista pode ser sintetizado em “nós superiores, vencemos; vocês, inferiores, trabalham 14h/dia, comem lama e morrem”.

Os alvos do movimento romântico.

As ideias e tendências que estavam a desafiar a ordem feudal no século XVIII. Todos os aspectos seguintes são odiados, até aos dias de hoje, por reaccionários pró-aristocráticos como Rousseau e os seus sucessores (à esquerda e à direita).

A ideia constitucional e liberal de estado-nação independente. Uma ideia judaico-cristã, inspirada no conceito de Israel, no Antigo Testamento. O estado-nação é um espaço protegido de agressões e interferências externas. Depois, é um regime constitucional, guiado por princípios como liberdade, igualdade perante a lei, igualdade de oportunidades. O homem comum deixa de ser um servo, um ser inferior, para passar a ser um cidadão de pleno direito. Nesta concepção, é um sistema liberal, na medida em que coloca o indivíduo e a família média como protagonistas da vida económica e social. Ou seja, capitalismo de classe média: a pequena e média empresa, a quinta familiar, a indústria cooperativa. A ideia é a de que, sob este sistema, o indivíduo e a família média estejam protegidos de feudais autoritários, internos e externos.

Classe média e desenvolvimento económico. A ideia geral de obter o máximo de prosperidade per capita. A economia é centrada em empreendimentos de classe média, e isso dá-lhe uma vitalidade e taxa de inovação impossíveis de igualar. O governo funciona como um árbitro, que impede acumulações excessivas de poder, e estabelece a regulação equitativa do mercado. Ao mesmo tempo, também intervém o suficiente para assegurar serviços e infraestruturas públicas necessárias – desde vias de comunicação até serviços de assistência aos desfavorecidos. Estes são os conceitos que vamos encontrar em pessoas como Jefferson ou Hamilton.

Valores Judaico-Cristãos. O pilar sobre o qual todos os outros pontos assentam. São os valores que derivam da adopção dos Mandamentos; valores como responsabilidade individual, determinação, honestidade, respeito e amor pelo próximo, justiça, espírito de iniciativa. São os valores ordenados pelo Criador, que geram pessoas responsáveis, fortes e solidárias entre si, e que dão poder ao homem comum para assumir controlo sobre a sua própria vida. São os valores que subjazem a sociedades de iguais, por oposição a sociedades de mestres e escravos. Portanto, são intoleráveis para autoritários, da antiga Caldeia, à Idade Média, e à sociedade global pós-moderna.

A crítica reaccionária – atrevimento, poluição, excesso de riqueza, etc. Todos estes aspectos estão em oposição directa à visão feudalística do mundo. Portanto, o reaccionário do século XVIII (e daí em diante) olha para a aplicação destas tendências no mundo, e não vê a promessa de um mundo melhor, que pode e deve ser alimentada e reforçada. Pelo contrário, vê desordem, poluição, excesso de produção, “excesso de riqueza”, atrevimento de classe (é intolerável que os “comuns” tenham direitos, poder de compra e poder de decisão), excesso de estudos e de conhecimento individual. O reaccionário exige o retorno à sociedade medieval – onde existe “comunidade”, ordem, previsibilidade, austeridade, hierarquia. Cada qual sabe o seu lugar, e cada macaco fica no seu galho. Sabe aquilo que é estritamente necessário para exercer a sua pequena função sócio-económica, e nada mais. Cada vida que nasce, nasce para ocupar uma posição económica específica no feudo, ou na guilda, e é ajustada e moldada para isso. As pessoas são austeras, rijas, habituadas a viver com pouco, e a viver para pouco. Têm respeito e amor pelos seus – semi-divinos e “sábios” – governantes aristocráticos, porque o respeitinho é uma coisa muito bonita – ou então.

O pântano intelectual do qual saiem todas as formas modernas de totalitarismo. Este é o pântano intelectual do qual saiem os principais reaccionários do século XVIII e início do século XIX, com destaque para Rousseau e para o Conde de Saint-Simon, os homens que originam os paradigmas totalitários dos últimos 200 anos. Estes paradigmas surgem como reacções anti-liberais e anti-constitucionais – essa era, e é, a real revolução. A seu tempo, as formas de reacção ganharam linguagem revolucionária – da revolução vermelha comunista, à revolução castanha/preta fascista.

(2) Rousseau e o “estado da natureza”.

O mito do bom selvagem. Rousseau admirava o “nobre selvagem”, o homem hipotético que nunca foi exposto à “influência corruptora da civilização”. Defende que «*man is naturally good, and only by institutions is he made bad*». Rousseau encontra vestígios deste “bom selvagem” no homem tribal do Novo Mundo, e propõe que este é o ideal a atingir: a tribo de “bons selvagens” no seio da selva. É essencial deixar claro que o “bom selvagem” não é “bom” porque ajude as velhinhas da tribo a atravessar de uma clareira para a outra. Rousseau redefine “bem” e “mal”. O que é “bom” é aquilo que é

“natural”. O que é “mau” é aquilo que não é “natural”; ou seja, aquilo que é gerado por mãos humanas, artificial – civilização. O nativo tribal é potencialmente “bom” apenas porque está mais próximo da natureza que o europeu médio.

O “estado puro da natureza”. O que “é natural é bom”. O ideal de Rousseau é um estado puro e virginal de natureza, «*a state which exists no longer, perhaps never existed, probably never will exist, and of which none the less it is necessary to have just ideas, in order to judge well our present state*». Ou seja, esse hipotético estado puro e virginal é a balança pela qual devemos avaliar a nossa própria condição civilizacional.

Por “civilização”, Rousseau entende o modelo atacado pelos neo-feudalistas. Ou seja, o modelo liberal, constitucional, “burguês”, baseado em valores Judaico-Cristãos.

A “civilização” é a pior de todas as coisas. Se Rousseau tivesse sistematizado graficamente a sua ordem de ideias, teria colocado o “estado puro” no topo pristino de uma escala que desceria precipitosamente por aí abaixo com cada inovação económica ou tecnológica, até chegar ao fundo, e este fundo seria uma espécie de inferno civilizacional distópico *. Portanto, temos a rejeição total e completa de desenvolvimento industrial e económico, ciência e tecnologia, educação “burguesa”, imprensa, e por aí fora. Todas estas coisas são marcas de corrupção.

“Lei natural” deduzida a partir de “estado puro da natureza”. Há que estudar o “estado puro da natureza”, diz-nos Rousseau, e a partir desse estudo deduzir a “lei natural”, i.e., as leis “puras” deste funcionamento pristino natural. Depois torna-se possível aplicar a “lei natural” à sociedade humana, de modo a devolvê-la ao “estado natural”, tornar a sociedade humana em algo “natural”. Desta forma, é possível pegar em seres humanos e transformá-los em “bons selvagens”, “homens naturais”. **

A solução – devastar e abandonar civilização.

Rousseau celebra o Terramoto de Lisboa, 1755. A destruição total da cidade e a morte de dezenas de milhares de pessoas teriam sido vitórias brilhantes da natureza sobre a corrupção civilizacional humana. Neste momento, Rousseau afirma-se como o primeiro “deep green activist”, o primeiro eco-fanático, eco-terrorista, eco-hiena. Se estivesse vivo hoje, é provável que usasse termos como “a vingança de Gaia”, e atribuísse o terramoto à “interferência com a mãe-Terra”.

O Contrato Social é a fórmula para a destruição da civilização. Deliberadamente ou não, Rousseau veio oferecer a fórmula para a destruição da civilização, o seu Contrato Social.

* [Como qualquer inferno, teria de ser ardente e, neste ponto, talvez não seja uma mera coincidência que tenham sido os discípulos de Rousseau a introduzir as primeiras concepções fraudulentas e anti-científicas sobre “aquecimento global” – aquecimento global provocado por desenvolvimento económico. Esta é uma das marcas dos rousseauvianos, de Fourier no século XIX, a Enrico Ferri, na Itália fascista. Este mythos ganha um novo ímpeto nos anos 70, onde é avançado por oligarcas financeiros

euro-americanos em documentos como “Global 2000”, “Global Future”, ou “Mankind at the Turning Point”, que promovem esta ideia de aquecimento global como resultado inevitável de desenvolvimento económico (a “ciência” veio depois, para justificar este “consenso” oligárquico de partida). A solução seria, naturalmente, bloquear desenvolvimento económico, fazer a corrida global para fundo, e montar um mundo “sustentável”. Nesse mundo, o benchmark para 99% da população é, em essência, a “competitiva” comuna chinesa – um inferno dickensoniano de ignorância, austeridade, trabalho escravo, fome, doença, sob o policiamento canibalístico de mercenários e “gestores sociais”. Os restantes 1% fazem fortuna a partir da liquidação da capacidade produtiva global, através de especulação selvagem com pirâmides globais de derivativos. Tudo isto foi codificado para lei global em 1992 na ONU através da Agenda 21 – literalmente, “a agenda para o século 21” –, hoje em dia a ser implementada mundo fora sob o slogan de “desenvolvimento sustentável”]

*** [Tudo isto soa muito bem, até ao ponto em que se percebe que a natureza é um espaço determinado por violência, brutalidade, competição selvagem por território e recursos. “A guerra de todos contra todos é o estado natural”, como Hobbes disse, e Rousseau sabia. Um dos melhores predicados da condição humana é precisamente a capacidade de ascender **acima** das leis da natureza, por forma a instituir uma sociedade justa e... humana. A passagem das “leis da natureza” para a sociedade humana só pode expressar-se na bestialização dos seres humanos e, consequentemente, da sociedade em geral. Na aplicação prática, é feudalismo, ou neo-feudalismo. Uma sociedade onde os “mais avançados” alcançam supremacia “natural” pelo esmagamento da competição, i.e., todos os outros. Não é coincidência que todos os sistemas neo-feudais e totalitários dos últimos 200 anos (comunismo, fascismo, nazismo, hipercapitalismo global) tenham surgido a partir das ideias advogadas por Rousseau e outros autores nesta linha]*

Rousseau – A bestialização do ser humano (1).

O “bom selvagem” é o homem animalizado. O ideal de Rousseau é o homem que vive de acordo com as “leis da natureza”, e não é “desviado” desse caminho por “perversões civilizacionais” como a racionalidade ou um sentido moral – à semelhança dos animais. Os animais são seres de puro instinto. A sua acção, toda a sua existência, são determinadas pela tentativa de colocar em acção as suas necessidades instintivas, num dado contexto ambiental. Ou seja, a pura acção animal só é delimitada por duas coisas – a extensão dos seus instintos, e as barreiras impostas pelo ambiente. Os seres humanos, pelo contrário (e para desgosto de Rousseau), têm a sua acção delimitada por regras de acção moral (“não farás isto”, “farás aquilo”), e pela sua própria racionalidade. Portanto, a ideia de Rousseau é eliminar isto – só assim é que o “homem natural” pode surgir. Uma criatura rousseauviana será alguém que terá eliminado a sua própria consciência moral, e anulado a sua própria racionalidade superior. Fará tudo aquilo que quer e deseja, ao nível instintivo, enquanto o ambiente o permitir. Para dar um exemplo, é

alguém que não hesitará em trair outra pessoa para ganho pessoal, desde que não seja punido por essa traição a seguir. Será alguém que roubará, mentirá, manipulará, destruirá – se isso lhe trouxer alguma vantagem egóica – desde que, a seguir, não seja preso pela polícia. “*Faz tudo aquilo que queiras, desde que seja autorizado pela aldeia, pela comuna*”. Ou seja, será uma criatura puramente oportunística, desumanizada, o homem animalizado e bestializado. Terá perdido daquilo que o distingue dos animais – a sua consciência moral e a sua racionalidade superior. Só preservará a medida de racionalidade estritamente necessária para fazer juízos de utilidade e cálculo sócio-probabilístico (“*o que me acontece se fizer isto?*”). Terá a sua visão inteiramente obstruída por duas divindades – a primeira é o seu próprio umbigo, a segunda é a vontade do grupo, da aldeia, da comunidade. Esta é a essência da doutrina psicossociológica de Rousseau – a destruição da alma humana e, consequentemente, da civilização. O que fica a seguir é o pântano existencial do feudo comunitário.

Doutrina aristocrática. Isto é uma doutrina puramente aristocrática e feudal. Esta bestialização do ser humano justifica por inteiro a existência de um sistema social dividido entre animais superiores (lordes feudais arbitrários e barbáricos) e animais inferiores (os “comuns”, as “bestas de carga”).

Rousseau procurava adoptar o seu modelo em si mesmo. Ao longo de toda a sua vida, Jean Jacques Rousseau pareceu adoptar, de modo genérico, a postura de um hedonista sociopático, com um largo historial na indução de prejuízo alheio para ganho próprio. Faz toda uma vida à base de charlatanismo – ele, com toda a probabilidade, chamar-lhe-ia charlatanismo *sensible* –, tanto na esfera pessoal como na esfera da proliferação de ideias.

Pessoas animalizadas são fáceis de manipular. Deve ainda ser chamada atenção a este ponto. Quando tudo o que está no campo de visão da pessoa é o cumprimento dos seus próprios desejos, e a exequibilidade social desses desejos, então a pessoa é incrivelmente fácil de manipular. Basta acenar com um isco (objecto de desejo) e guiar o “rato social” pelo labirinto fora, de estação em estação. Este princípio (usar as necessidades sentidas do indivíduo para o moldar e guiar) está na essência de todas as modalidades sérias de engenharia social. É o princípio essencial de todo o marketing, e de todas as mais sofisticadas técnicas de manipulação sócio-cultural existentes no mercado. O único antídoto para isto é a existência de racionalidade e de uma consciência moral forte – aquilo que dá ao indivíduo (ou ao grupo de indivíduos) a capacidade de tomar decisões e manter fidelidade a elas, independentemente dos estímulos que sejam colocados ao longo do percurso. Oligarcas detestam que se fale de consciência moral e de racionalidade, porque querem poder usar os servos neste registo de “ratos sociais”; e também porque ficam ofendidos quando lhes é apontado que estão a funcionar no mesmo exacto registo, e que isso é uma prova de estupidez.

Rousseau e o Contrato Social.

“Du contrat social” (1762) – modelado em Esparta. O modelo de inspiração para Rousseau é a Esparta totalitária de Licurgo, onde a vida humana per se não vale para rigorosamente nada, a não ser pela sua utilidade para com o “estado”, a oligarquia dominante. Esparta era um sistema comunista, ou fascista, dependendo do modo como se olhe para ele. Portanto, vida comunitária, redes de informantes, brutalidade, autoritarismo. Uma sociedade canibalística, onde só os “mais aptos” (aqueles mais úteis à oligarquia dominante) sobrevivem e prosperam. É isto que Rousseau pretende para o mundo, com o seu Contrato Social.

O “Contrato Social” dá total poder ao estado. A partir do momento em que os indivíduos aceitam o “contrato social”, dão poder total às autoridades. Tudo o que é preciso é esse acto de consentimento inicial. O estado é encarado como sendo um corpo colectivo resultante de associação. Quando é passivo, chama-se Estado. Quando é activo, é o Soberano. Quando encarado por relação com todos os outros corpos sociais, é um Poder. Ou seja, o Estado é também o Soberano sobre a terra e o Poder máximo. Ao mesmo tempo, o estado pode ter várias formas – pode ser um estado público, pode ser um estado privatizado, etc. O “estado” é a autoridade legislativa e regulatória sobre o território, independentemente da sua forma exterior.

Vontade do estado é a “vontade geral” e está sempre certa. A vontade do Soberano, do Estado, está sempre certa, e é chamada de “vontade geral”. Este conceito joga uma parte muito importante no sistema de Rousseau. A “vontade geral” não é a “vontade da maioria”, por exemplo. É a vontade do corpo político enquanto tal.

Está sempre certa, é suprema, inquestionável, e não tolera dissensão.

Vontade do estado equivale sempre a vontade dos súbditos. O Soberano não dá quaisquer garantias aos seus súbditos uma vez que, dado ser formado pelos indivíduos que o compõem, não pode ter quaisquer interesses contrários aos deles. Por outras palavras, *«the Sovereign, merely by virtue of what it is, is always what it should be»*. É com este tipo de falácias e absurdos que Rousseau expõe a doutrina do estado totalitário.

“Democracia seria apropriada para deuses, não para homens”. A ideia de auto-governo, para Rousseau, parece estar reduzida a democracia directa ateniense (onde todos os cidadãos autorizados – a maior parte da população eram escravos – têm direito a voto directo na pólis). Mas, diz-nos Rousseau, não é fácil envolver toda a gente na vida política do estado (isso seria possível entre os vários deuses do olimpo, mas não com seres humanos), portanto, esqueçam-se este género de ideias sobre democracia.

«Were there a people of gods, their government would be democratic. So perfect a government is not for men» – Rousseau, *Du contrat social*, III

Inexistência de direitos humanos, proibição da liberdade individual. O único direito é o de estar em linha com o estado, a única liberdade é a de obedecer à “vontade geral”.

O estado total tem de proibir todas as organizações concorrentes. A existência de organizações competidoras é um perigo que interfere com a expressão da “vontade geral”. Ou seja, estas organizações têm as suas próprias “vontades gerais”, e podem entrar em conflito com a “vontade geral da comunidade”, a vontade do estado. Este tipo de sistema iria proibir igrejas (excepto uma Igreja de Estado), partidos políticos, sindicatos, e todas as outras organizações de homens com interesses religiosos, económicos, sociais ou ideológicos similares. O resultado é evidentemente o estado corporativo ou totalitário, no qual o indivíduo não tem qualquer poder.

«It is therefore essential, if the general will is to be able to express itself, that there should be no partial society within the State, and that each citizen should think only his own thoughts: which was indeed the sublime and unique system established by the great Lycurgus».

Ninguém pode interferir com acção doutrinária do estado. O estado dá a “informação adequada”, promove “deliberações” públicas e politicamente correctas, e assegura que os cidadãos não se organizam e não comunicam entre si. Dividir para reinar, do macro ao micro. Assim, as massas separadas e doutrinadas podem tomar “decisões apropriadas”, i.e., precisamente aquelas que as autoridades pretendem.

«It is therefore essential, if the general will is to be able to express itself, that there should be no partial society within the State, and that each citizen should think only his own thoughts... If, when the people, being furnished with adequate information, held its deliberations, the citizens had no communication one with another, the grand total of the small differences would always give the general will, and the decision would always be good»

O estado é o proprietário de todos os bens. *«The State, in relation to its members, is master of all their goods».* Isto dá ao estado poderes de uso e taxação de tudo. Só se pode usar e taxar algo sobre o qual se é proprietário.

O estado totalitário é o sistema canibalístico que destrói a civilização humana. Ou seja, o que temos aqui é um sistema fechado que, por definição, tem de destruir a liberdade de opinião, a liberdade de aprender e comunicar, a liberdade económica, a liberdade de inovar. Não é tanto um sistema como um buraco negro, algo que, para existir, tem de destruir tudo o resto, e alimentar-se dessa destruição – a destruição da sociedade, da economia, da comunicação entre pessoas, da própria alma humana. O lema é, inevitavelmente, *ditesco mori*, “eu cresço à base de morte”. A civilização é morta, bem como o ser humano (enquanto criatura dotada de alma e liberdade de acção). A lei da natureza triunfa – a lei da selva, a guerra de todos contra todos, a lei do mais forte. Tudo o que fica é este sistema natural, uma estrutura decrépita que se move por mover, com o propósito único de preservar a sua própria estrutura e o seu próprio status quo. Quando já não resta mais nada para devorar e canibalizar, este górgon zombie tem, inevitavelmente, de fazer isso a si mesmo – o acto final de canibalismo é também um acto de suicídio.

O sistema totalitário tem de ser global, como era, certamente, a pretensão de Rousseau, e é a pretensão assumida de todas as suas falanges de seguidores, nos vários espectros político-económicos dos últimos 200 anos. HG Wells, o socialista, chegou ao ponto de assumir que, se não fosse global, o sistema nunca venceria, uma vez que era demasiado inepto e incompetente para fazer frente à competição de sistemas livres. O actual percurso de globalização é conduzido por oligarcas que pensam em moldes rousseauvianos, e os frutos óbvios disso têm de ser a corrida para o fundo, liquidação global da produção, especulação selvagem, e o estabelecimento de uma infraestrutura autoritária de governância global. Estruturas neo-feudais autoritárias como UE, FMI, Banco Mundial, OMC, ONU, GEF são, em tudo, expressões de pensamento rousseauviano, tanto quanto o são os uivos por “sustentabilidade global”, significando a imposição global do mesmo sistema de crescimento negativo, genocídio economicamente perpetrado, e a comuna colectivizada. África e algumas partes da América Latina e do Sudeste Asiático são a vanguarda da globalização – o sonho de Rousseau tornado realidade. Rousseau olharia para a Angola actual e não veria a vítima óbvia de uma catástrofe civilizacional. Veria vastas extensões rurais desabitadas e aprovaria – a natureza pristina livre de interferência humana –, e devotaria a mesma aprovação a uma empacotada e desumana Luanda – a lei da natureza tornada realidade, a vitória da guerra de todos contra todos.

Rousseau – A bestialização do ser humano (2).

A “naturalização” do ser humano é forçada pelo estado social. Em (1), vimos que a “naturalização” do ser humano é um fenómeno moral e intelectual. O estado social de Rousseau vai generalizar essa “naturalização”, através de doutrinação em massa.

“Vamos forçar-te a ser livre” (1). Liberdade é aquilo que o estado define como sendo liberdade. É função da “vontade geral” do estado. Como a vontade geral do estado é suprema, e não tolera dissidentes (dissidentes são pessoas anti-sociais, que se atrevem a fazer frente à “vontade da comunidade”), aquilo que o estado declara ser “liberdade”, é mesmo liberdade – ou então. A vontade e as opiniões particulares do indivíduo não contam para rigorosamente nada; aliás, são elementos de perversão, se forem contra a “vontade geral”. O indivíduo será forçado a ajustar-se e a incorporar em si mesmo, com o fanatismo de um verdadeiro crente, tudo aquilo que for declarado pelo estado como sendo certo, apropriado, e livre. A maior forma de liberdade é estar em linha com a vontade geral do estado, a “vontade da comunidade” – ou seja, ser uma célula colaborativa no grande organismo social, cumprindo alegremente o papel que lhe é destinado, sem qualquer reticência ou questão. Portanto, este é um vector essencial de ser “forçado a ser livre” – o indivíduo é condicionado e preparado desde tenra idade para “cumprir livremente” o seu “papel livre” no “estado livre”. Esta forma de psicose é bem auto-expressa na seguinte citação: *«Each of us puts his person and all his power in common under the supreme direction of the general will, and, in our corporate capacity, we receive each member as an indivisible part of the whole... This means*

nothing less than that he will be forced to be free». Ou seja, o que esta demonstração de insanidade intelectualizada pretende expressar é que, para se ser livre, é preciso deixar de ser livre, e matar a própria individualidade, em nome de integração social. O indivíduo torna-se livre quando faz plenamente parte do “todo” [*em linguagem pós-moderna, quando é “integrado socialmente”*]. Portanto, liberdade é ser formatado para “pertencer”.

“Vamos forçar-te a ser livre” (2). O forcing exige o recurso de escala a ciências sociais. Estas têm de ser empregues para moldar o indivíduo aos requisitos da “vontade geral”. O indivíduo não é mais que uma espécie de animal que pode, portanto, ser manipulado, moldado, ajustado, às vontades arbitrárias dos mestres – os homens mais “sábios”. Aqui, Rousseau deu especial atenção ao papel da educação. Os seus sucessores foram muito mais além. Em Saint-Simon e Comte, encontramos a formalização do conceito de “ciência social”, como um corpo unificado de ciências, a aplicar num vasto programa de engenharia social. O objectivo, dar ao estado socialista a capacidade de moldar as crenças, valores, e comportamentos da cidadania, do berço à cova. De resto, este domínio sofreu uma imensa expansão nos últimos dois séculos, até ao ponto actual, onde engenharia social e memética são, em essência, realidades ubíquas. Mas tudo se baseia nesta visão barbárica da condição humana, a ideia de que o homem é uma forma de animal (hoje em dia um recurso, um activo de carteira), que pode e deve ser formatado e “otimizado” com uma essência predefinida por decision-makers.

“Vamos forçar-te a ser livre” (3). Ser formatado para pertencer não significa necessariamente o cenário nazi/soviético de milhares de clones de braços estendidos a marchar com precisão mecânica – apesar de esse tipo de degeneração também fazer parte. No mais puro sentido rousseauviano, temos de integrar isto com a ideia de produzir o “bom selvagem”. A sociedade ideal de Rousseau seria uma onde o indivíduo médio estivesse essencialmente bestializado, i.e., agiria mais como um animal que como um homem; mas estaria em plena harmonia com o grupo e com a sociedade. Uma boa imagem metafórica disto é dada pelo ambiente de discoteca na MTV-generation. Cada indivíduo dança no seu canto, do modo mais pulsional e instintivo que consegue; mas o ambiente geral é colectivo, onde tudo é feito em conjunto, com o grupo. A descoordenação é apenas aparente. A dinâmica geral que existe é algo como aquilo que se observa quando se olha para um enxame de abelhas, ou para uma colónia de formigas. Individualmente, cada qual parece fazer a sua “own thing”; mas tudo é operado dentro de uma disciplina colectiva.

Rousseau – A bestialização do ser humano (3) – Citação.

“Necessário mudar natureza humana, transformar todos os indivíduos”.

“Indivíduo tem de ser formatado para se ajustar ao todo”.

“Passa a receber a sua vida e existência do todo”. Por outras palavras, é o estado totalitário – que preside sobre o “todo” – que dá a cada indivíduo o direito *a viver e a existir* (ou não), e depois define os moldes dessa vida e existência.

“Tirar-lhe capacidades para independência, torná-lo dependente do todo” [i.e., interdependente].

«...changing, as it were, human nature, of transforming each individual, who by himself is a complete and solitary whole, into a part of a larger whole, from which, in a sense, the individual receives his life and his being, of substituting a limited and mental existence for the physical and independent existence. He has to take from man his own powers, and give him in exchange alien powers which he cannot employ without the help of other men» Rousseau, Contrato Social.

RUSKIN – Educação rosacruciana – Comunas Lebensreform.

John Ruskin, “Mont Rose” e educação rosacruciana.

Mont Rose, comunas ao melhor estilo Lebensreform. John Ruskin queria ter uma companhia educacional chamada «*Monte Rosa... “Mont Rose”*», e esta companhia iria coordenar e gerir uma série de comunas ao melhor estilo Lebensreform, com o melhor obscurantismo que a educação rosacruciana tem para oferecer.

Educação, o ponto central na agenda destas comunas medievais.

A ideia fulcral aqui é a de que todo o mal no mundo advém de haver conhecimento, nas mãos dos comuns.

“...practical arts and patient obedience”.

“...but not at all, necessarily, either arithmetic, writing, or reading”.

“...taught gentleness, courtesy, speak truth, obey orders with precision of slaves”.

“Educate, or Govern,—they are one and the same word”.

“Education does not mean teaching people to know what they do not know—it means teaching them to behave as they do not behave”.

“It is not teaching the shapes of letters and the tricks of numbers”.

«...they are to be entirely devoted... first to the manual labour of cultivating pure land... and secondly... they are to carry on the thoughtful labour of true education, in themselves, and of others... to learn, and teach all fair arts, and sweet order and obedience of life; and to educate the children entrusted to their schools in such practical arts and patient obedience; but not at all, necessarily, in either arithmetic, writing, or reading. That is my design, romantic enough...» – John Ruskin, Fors Clavigera. Letter XVII, 1st May 1872.

«...the labourers shall be paid sufficient, unchanging wages... their children educated compulsorily in agricultural schools inland, and naval schools by the sea, the indispensable first condition of such education being that the boys learn either to ride or to sail; the girls to spin, weave, and sew, and at a proper age to cook all ordinary food exquisitely; the youths of both sexes to be disciplined daily in the strictest practice of vocal music; and for morality, to be taught gentleness to all brute creatures,—finished courtesy to each other,—to speak truth with rigid care, and to obey orders with the precision of slaves. Then, as they get older, they are to learn the natural history of the place they live in,—to know Latin, boys and girls both,—and the history of five

cities; Athens, Rome, Venice, Florence, and London» – John Ruskin, Fors Clavigera. Letter VIII, 1st July 1871.

«Educate, or Govern,—they are one and the same word. Education does not mean teaching people to know what they do not know—it means teaching them to behave as they do not behave. It is not teaching the youth of England the shapes of letters and the tricks of numbers, and then leaving them to turn their arithmetic to roguery and their literature to lust. It is, on the contrary, training them into the perfect exercise and kingly continence of their bodies and souls,—by kindness, by watching, by warning, by precept, and by praise,—but above all, by example» – John Ruskin, Fors Clavigera. “Letter XCIV, Retrospect”, 31st December, 1883.

RUSKIN – Red Tory – Neofeudalista – Oxford e Cecil Rhodes.

RUSKIN – O socialismo de John Ruskin.

Lê diariamente A República, de Platão.

Socialista – proto-fascista – “Red Tory”. Descrevia-se a si mesmo como Tory e Comunista.

Encontramos todas as propostas que encontramos em Socialistas e Comunistas.

Mas surgem como propostas neo-feudalistas.

Hierarquia e regresso a “valores salutareis”.

Programa de regresso a natureza, à comuna e às guildas medievais.

“Sou um Comunista da velha escola, mais vermelho dos vermelhos”. «I am myself a Communist of the old school—reddest also of the red» – Fors Clavigera Vol. I, Letter VII, 1st July 1871.

“Sou um Iliberal violento”.

“Muito a destruir: Parlamento, National Gallery, East End, NYC, Edimburgo”.

Ensinar simplórios a cortejar professores universitários e outros dignitários.

«I am a violent Iliberal... there are many things I should like to destroy. I should like to destroy most of the railroads in England, and all the railroads in Wales. I should like to destroy and rebuild the Houses of Parliament, the National Gallery, and the East end of London; and to destroy, without rebuilding, the new town of Edinburgh, the north suburb of Geneva, and the city of New York... I want... to keep the fields of England green, and her cheeks red; and that girls should be taught to curtsy, and boys to take their hats off, when a professor or otherwise dignified person passes by...» – Fors Clavigera Vol. I, Letter I, January 1871.

Doutrina hierárquica, que venera aristocracia e liderança.

“Alguns homens são eternamente superiores a outros”.

“Tais pessoas devem guiar, liderar e até forçar os seus inferiores, com base na sua superioridade”.

«My continual aim has been to show the eternal superiority of some men to others, sometimes even of one man to all others; and to show also the advisability of appointing more such persons or person to guide, to lead, or on occasion even to compel and

subdue, their inferiors, according to their own better knowledge and wiser will» - John Ruskin. *Unto This Last*. Glasgow: The Grant Educational Co. Ltd.

RUSKIN – “Government must have incredible authority over people”.

«...the Government must have an authority over the people of which we now do not so much as dream» John Ruskin (1867), “Time and Tide”: Letter XIII.

RUSKIN – Oxford, 1870s – Cecil Rhodes.

“Vocês são a aristocracia natural – tomem o poder”. Na Universidade de Oxford, durante os 1870s, John Ruskin ensinava aos seus alunos que deveriam ser os líderes definitivos da humanidade, e que o mundo inteiro beneficiaria se estes homens fossem os governantes. É das palestras do bom professor que surge Cecil Rhodes.

RUSSELL (1920) – Subversão fabiana para países ocidentais.

Miséria generalizada necessária para inauguração de Comunismo.

A não ser que haja métodos pacíficos e mais ou menos constitucionais.

“If Communism is to have a fair chance, it must be inaugurated in a prosperous country”.

“It is necessary, in a prosperous country, to lay stress on hope rather than despair”.

“All this requires more patience and constructive propaganda”.

*«A condition of widespread misery may, therefore, be taken as indispensable to the inauguration of Communism, unless it were possible to establish Communism more or less peacefully, by methods which would not... destroy the economic life of the country. (p. 23) It is necessary to have a great body of opinion favourable to Communism, and a rather weak opposition, before a really successful Communist state can be introduced either by revolution or by more or less constitutional methods. (p. 181) **If Communism is to have a fair chance, it must be inaugurated in a prosperous country.** But a prosperous country will not be readily moved by the arguments of hatred and universal upheaval which are employed by the Third International. **It is necessary, in appealing to a prosperous country, to lay stress on hope rather than despair, and to show how the transition can be effected without a calamitous loss of prosperity. All this requires less violence and subversiveness, more patience and constructive propaganda, less appeal to the armed might of a determined minority.** (p. 185)»*

Bertrand Russell (1920), The Practice and Theory of Bolshevism. London: George Allen & Unwin.

RUSSELL (1922) – Bloco Asiático dominado pela URSS.

«The hegemony of Russia in Asia would not... be in any way regrettable... an Asiatic block, if it could be formed, would be strong for defence and weak for attack, which would make for peace.»

Bertrand Russell, “*The Problem of China*” (1922). London: George Allen & Unwin, Ltd.

RUSSELL (1922) – Totalitarismo é mais seguro para a banca.

«There are many arguments for State Socialism, or rather what Lenin calls State Capitalism... it is easier for the State to borrow than for a private person... it is easier for the State to engage and employ the foreign experts who are likely to be needed for some time to come... many foreign capitalists [are] willing to lend on good security.»

Bertrand Russell, “*The Problem of China*” (1922). London: George Allen & Unwin, Ltd.

RUSSELL (1931-54) – “The Scientific Outlook”.

Sociedade científica

Russell (1931/54) – Sociedade científica – A negação de liberdade e igualdade.

A sociedade científica será oligárquica, mesmo sob formas democráticas.

Especialistas terão o poder real.

No Estado socialista, dado o seu poder e organização, a assimetria é intensificada.

“Igualdade, tal como liberdade, não é mais que um sonho do século XIX”.

«The scientific society will be just as oligarchic under socialism or communism as under capitalism, for even where the forms of democracy exist they cannot supply the ordinary voter with the requisite knowledge, nor enable him to be on the spot at the crucial moment. The men who understand the complicated mechanism of a modern community and who have the habit of initiative and decision must inevitably control the course of events to a very great extent. Perhaps this is even more true in a socialistic State than in any other, for in a socialistic State economic and political power are concentrated in the same hands, and the national organization of the economic life is more complete than in a State where private enterprise exists. Moreover, a socialistic State is likely to have more perfect control than any other over the organs of publicity and propaganda, so that it will have more power of causing men to know what it wishes known, and not to know what it wishes unknown. Equality, therefore, like liberty, is, I fear, no more than a nineteenth-century dream» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Sociedade científica – URSS, Japão, Alemanha Nazi.

Mundo sintético, onde tudo é artificial e controlado por técnica científica.

Modelos de sociedades científicas – URSS, Japão Imperial, Alemanha Nazi.

«During the present century there have been three Powers which illustrate the possibility of artificial creation. The three Powers in question are Japan and Soviet Russia and Nazi Germany» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Sociedade científica – Modelo oligárquico soviético.

O governo soviético e a religião comunista são pioneiros no uso de propaganda.

A Experiência Russa pode suceder ou falhar – mesmo que falhe, será seguida de outras.

Estas outras também vão tentar o direccionamento unitário de toda uma nação.

Isto depende de propaganda – educação, média, cinema.

Como Rússia demonstra, é possível a minoria enérgica manter poder contra maioria.

Logo, veremos cada mais governos a cair nas mãos de oligarquias de opinião.

Países acostumados a democracia vão manter aparência democrática.

Governo oligárquico essencial para a sociedade científica.

Haverá conflitos entre diversas oligarquias.

Uma acabará por tomar o poder, construir sistema mundial tão elaborado como URSS.

«On the whole, the Soviet Government and the Communist religion are those which hitherto have best understood the use of advertisement. They are, it is true, somewhat hampered by the fact that most Russians cannot read; this obstacle, however, they are doing their best to remove... The Russian experiment may succeed or may fail, but even if it fails, it will be followed by others which will share its most interesting characteristic, namely, the unitary direction of a whole nation's activities. This was impossible in earlier days, since it depends upon the technique of propaganda, i.e. upon universal education, newspapers, the cinema, and the wireless... As the example of Russia has shown, it is now possible for men of energy and intelligence, if they once become possessed of the governmental machine, to retain power even though at first they may have to face the opposition of the majority of the population. We must therefore increasingly expect to see governments falling into the hands of oligarchies, not of birth but of opinion. In countries long accustomed to democracy, the empire of these oligarchies may be concealed behind democratic forms, as was that of Augustus in Rome, but elsewhere their rule will be undisguised. If there is to be scientific experimentation in the construction of new kinds of societies, the rule of an oligarchy of opinion is essential. It may be expected that there will be conflicts between different oligarchies, but that ultimately some one oligarchy will acquire world dominion, and will produce a world-wide organization as complete and elaborate as that now existing in the U.S.S.R.» Bertrand Russell (1931/1954), "The Scientific Outlook". London: George Allen & Unwin Ltd.

Governância global

Russell (1931/54) – Governo global.

Governo central pode mudar de tempo a tempo, mas maquinaria será estável.

O governo central proibirá, claro, a propaganda de patriotismo.

Em troca, propagandeará a lealdade ao Estado mundial. «*The central government may be changed from time to time by a palace revolution, but this will only alter the personnel of the figure-heads, not the essential organization of government. The central government will, of course, forbid the propaganda of nationalism, by means of which at present anarchy is maintained, and will put in its place a propaganda of loyalty to the world State*»

Controlo e racionamento de recursos. «*...they ought to belong to a world authority which would ration them to those who had the most skill in utilizing them*»

Controlará a agricultura e o próprio clima. «*Of agricultural mentality, as it has been known since ancient times, nothing will survive, since the soil and even the climate will be subject to human control*»

Controla propaganda e educação – tornará patriotismo em alta traição. «*The society of experts will control propaganda and education. It will teach loyalty to the world government, and make nationalism high treason*»

Governo oligárquico – Submissão para maioria da população – Iniciativa para oligarcas.
«*The government, being an oligarchy, will instil submissiveness into the great bulk of the population, confining initiative and the habit of command to its own members*»
Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – “Free trade” leva a organização GATT da produção.

Concentração monopolista de produção.

Primeira tarefa de governo mundial – organização internacional da produção.

Produção deixará de ser uma iniciativa privada.

Por concentração e eliminação da competição, desperdício será evitado.

«*There would be one place for making pins and needles, another place for making scissors and knives, another place for making aeroplanes, and yet another for agricultural machinery. When, if ever, the world government that we have considered*

comes into being, one of its first tasks will be the international organization of production. Production will no longer be left, as at present, to private enterprise, but will be undertaken solely in accordance with government orders... The industrial plant at present existing in the world is in many directions far in excess of the world's needs. By eliminating competition and concentrating production in a single concern, all this waste could be avoided» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Isto quase foi alcançado, através de regionalismo económico. Através de processos supostamente capitalistas, como o GATT, NAFTA, etc., com centros especializados de produção, do local ao regional.

É claro que isto deixaria imensa gente desempregada, os “useless eaters”.

Russell (1931/54) – Trabalho na economia científica.

Cada homem disposto a trabalhar terá conforto – os outros, a prisão.

Despedimento por obsolescência implica re-treino, estado assegura vivência.

«Every man willing to work will be kept in comfort, and every man unwilling to work will be kept in prison. When owing to any circumstances the work upon which a man has hitherto been employed is no longer required, he will be taught some new kind of work, and will be adequately maintained while he is learning his new trade» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Máquina de guerra global.

Haverá uma máquina de guerra única, altamente eficiente.

Usará aviões e guerra química – não será resistida.

«...there will be, one must suppose, a single highly efficient fighting machine, employing mainly aeroplanes and chemical methods of warfare, which will be quite obviously irresistible, and will therefore not be resisted» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

A classe oligárquica – A utopia

Russell (1931/54) – O tratamento de crianças oligárquicas.

Crianças destinadas à oligarquia seleccionadas antes dos seis anos.

Eugenia, tratamento químico e térmico do embrião, etc.

As crianças não podem desenvolver afecto especial por nenhum adulto.

*«Those children... who are destined to become members of the governing class will... be selected, some before birth, some during the first three years of life, and a few between the ages of three and six. All the best-known science will be applied to the simultaneous development of intelligence and will-power. Eugenics, chemical and thermal treatment of the embryo, and diet in early years will be used with a view to the production of the highest possible ultimate ability... There would be professional nurses in **crèches**, and professional teachers in nursery schools, but they would be considered to be failing in their duty if they felt any special affection for special children. Children who showed any special affection for a particular adult would be separated from that adult»* Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Crianças inteligentes, recrutadas ou gaseadas.

Crianças inteligentes são recrutadas para a oligarquia, ou executadas.

Revolta contra o sistema, punida com a câmara de gás.

«On those rare occasions when a boy or girl who has passed the age at which it is usual to determine social status shows such marked ability as to seem the intellectual equal of the rulers, a difficult situation will arise, requiring serious consideration. If the youth is content to abandon his previous associates and to throw in his lot whole-heartedly with the rulers, he may, after suitable tests, be promoted, but if he shows any regrettable solidarity with his previous associates, the rulers will reluctantly conclude that there is nothing to be done with him except to send him to the lethal chamber before his ill-disciplined intelligence has had time to spread revolt. This will be a painful duty to the rulers, but I think they will not shrink from performing it» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – O treino físico e social do pequeno oligarca.

Exercícios exigentes, para desenvolver “dureza” física.

«At the same time he will be taught physical toughness; he will be encouraged to roll naked in the snow, to fast occasionally for twenty-four hours, to run many miles on hot days, to be bold in all physical adventures and uncomplaining when he suffers physical pain»

Dos 12 para cima, aprenderá a organizar outras crianças.

«From the age of twelve upwards he will be taught to organize children slightly younger than himself, and will suffer severe censure if groups of such children fail to follow his lead.

Treino triplo – intelecto, auto-disciplina, e comando sobre terceiros.

O pequeno oligarca que falhe em qualquer um destes, será despromovido à ralé.

Condenado a um resto de vida em associação com inferiores.

O medo disto bastará para produzir indústria nestas crianças.

«Every youth will thus be subjected to a threefold training: in intelligence, in self-command, and in command over others. If he should fail in any one of these three, he will suffer the terrible penalty of degradation to the ranks of common workers, and will be condemned for the rest of his life to associate with men and women vastly inferior to himself in education and probably in intelligence. The spur of this fear will suffice to produce industry in all but a very small minority of boys and girls of the governing class» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – O treino “científico” do pequeno oligarca.

A criança será doutrinação desde pequena com a “visão científica”.

Será protegida de contacto com os ignorantes e não-científicos.

Será especializada nas ciências para as quais demonstra maior aptidão.

Serão encorajadas a discutir com os seus professores.

Não lhes será permitido questionar a ordem social.

Ou achar que poesia e amor são mais válidos que “ciência”.

Ideias nesse sentido serão acolhidas com uma fria indiferença.

«The scientific outlook will be instilled from the moment that a child can talk, and throughout the early impressionable years the child will be carefully guarded from contact with the ignorant and unscientific. From infancy up to twenty-one, scientific knowledge will be poured into him, and at any rate from the age of twelve upwards he will specialize on those sciences for which he shows the most aptitude... As those upon whom all progress depends, they must not be unduly tame, nor so drilled as to be incapable of new ideas. Unlike the children destined to be manual workers, they will have personal contact with their teacher, and will be encouraged to argue with him. It will be his business to prove himself in the right if he can, and, if not, to acknowledge

his error gracefully. There will, however, be limits to intellectual freedom, even among the children of the governing class. They will not be allowed to question the value of science, or the division of the population into manual workers and experts. They will not be allowed to coquette with the idea that perhaps poetry is as valuable as machinery, or love as good a thing as scientific research. If such ideas do occur to any venturesome spirit, they will be received in a pained silence, and there will be a pretence that they have not been heard...» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Hubris, petulância e lealdade de gang.

Lealdade de gang, para com a oligarquia e o Estado.

Rirão depreciativamente de qualquer truísmo desconfortavelmente verdadeiro.

Terão maneiras fáceis e agradáveis e terão sentido de humor.

Serão encorajados a ser aventureiros e cheios de iniciativa.

«...loyalty towards his order will be so axiomatic that it will never occur to him to question it... loyalty to the world State and to their own order... They will turn off with a deprecating laugh any too portentous remark that puts into explicit words what they will all believe in their hearts. Their manners will be easy and pleasant, and their sense of humour unfailing... members of the governing class will be encouraged to be adventurous and full of initiative...»

Terão um sentido de destino e dever público.

Serão ensinados a sentir que a humanidade, os desafortunados, dependem deles.

«A sense of his high destiny will be constantly set before him... A profound sense of public duty will be instilled into boys and girls of the governing class as soon as they are able to understand such an idea. They will be taught to feel that mankind depends upon them, and that they owe benevolent service especially to the less fortunate classes beneath them...» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Oligarcas, forçados a ter corações de pedra.

Todos os sentimentos privados serão vistos com suspeita, como coisas más.

Amizades entre colegas serão cortadas, caso se tornem demasiado fortes.

Censores ouvirão as conversas por microfones.

Todos sentimentos profundos serão frustrados, excepto devoção por trabalho e Estado.

«The psychology of the governors... Among the governors, one must suppose, all private sentiments would be viewed with suspicion. A man and woman who showed any ardent devotion to each other would be regarded as they are at present regarded by moralists when they are not married... They will be expected to display an arduous and hard-working devotion to the ideal of the scientific State, and to sacrifice to this ideal all the softer sentiments such as love of wife and children. Friendships between fellow-workers, whether of the same or of different sexes, will tend to become ardent, and will not infrequently overstep the limits which the public moralists will have fixed. In such a case the authorities will separate the friends, unless in doing so they will interrupt some important research or administrative undertaking. When for some such public reason friends are not separated, they will be admonished. By means of governmental microphones the censors will listen-in to their conversations, and if these should at any time become tinged with sentiment disciplinary measures will be adopted. All the deeper feelings will be frustrated, with the sole exception of devotion to science and the State»
Bertrand Russell (1931/1954), "The Scientific Outlook". London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Oligarquia gera um mundo sem amor, alegria, ou beleza.

Em tal mundo, poderá haver prazer, mas não alegria.

Um mundo governado por conhecimento sem amor, poder sem deleite.

O homem bêbado de poder não tem sabedoria – tirará toda a beleza e alegria ao mundo.

«In such a world, though there may be pleasure, there will be no joy... a world governed by knowledge without love, and power without delight. The man drunk with power is destitute of wisdom, and so long as he rules the world, the world will be a place devoid of beauty and of joy...»

Haverá uma língua universal – Esperanto ou Inglês vulgar.

Arte e literatura não poderão florescer em tal mundo.

As emoções que lhes subjazem não serão autorizadas.

A literatura do passado será essencialmente censurada e banida.

Temas de amor serão desencorajados – o amor é anárquico, tolo, perverso.

Tudo isto tornará a vida muito agradável para os virtuosos.

«There will, of course, be a universal language, which will be either Esperanto or pidgin-English... I do not see how art or literature could flourish in such a world, nor do I think that the emotions from which they spring and to which they appeal would meet with governmental approval... The literature of the past will for the most part not be translated into this language, since its outlook and emotional background will be

considered unsettling: serious students of history will be able to obtain a permit from the Government to study such works as Hamlet and Othello, but the general public will be forbidden access to them on the ground that they glorify private murder; boys will not be allowed to read books about pirates or Red Indians; love themes will be discouraged on the ground that love, being anarchic, is silly, if not wicked. All this will make life very pleasant for the virtuous» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Oligarquia → Tortura em massa → Holocaustos → Colapso.

O resultado, ascéticos duros, inflexíveis e cruéis.

Preparados para acreditar que infligir sofrimento é necessário para o bem público.

Não haverá punições por pecado, porque o único tabu será a insubordinação ao Estado.

Os impulsos sádicos deste asceticismo serão libertados em experimentação científica.

Pretexto do avanço do conhecimento servirá de base para muita tortura.

Ao mesmo tempo, cada vez mais oligarcas interessados nisto.

A religião solar azteca exigia a morte anual de milhares.

A nova religião científica também exigirá os seus holocaustos de vítimas sagradas.

O mundo tornar-se-á cada vez mais negro e terrível.

No fim, o sistema quebrará numa orgia de sangue, ou na redescoberta da alegria.

«The result will be a type displaying the usual characteristics of vigorous ascetics. They will be harsh and unbending, tending towards cruelty in their ideals and their readiness to consider that the infliction of pain is necessary for the public good. I do not imagine that pain will be much inflicted as punishment for sin, since no sin will be recognized except insubordination and failure to carry out the purposes of the State. It is more probable that the sadistic impulses which the asceticism will generate will find their outlet in scientific experiment. The advancement of knowledge will be held to justify much torture of individuals by surgeons, biochemists, and experimental psychologists. As time goes on the amount of added knowledge required to justify a given amount of pain will diminish, and the number of governors attracted to the kinds of research necessitating cruel experiments will increase. Just as the sun worship of the Aztecs demanded the painful death of thousands of human beings annually, so the new scientific religion will demand its holocausts of sacred victims. Gradually the world will grow more dark and more terrible. Strange perversions of instinct will first lurk in the dark corners and then gradually overwhelm the men in high places. Sadistic pleasures will not suffer the moral condemnation that will be meted out to the softer joys, since, like the persecutions of the Inquisition, they will be found in harmony with the

prevailing asceticism. In the end such a system must break down either in an orgy of bloodshed or in the rediscovery of joy»

Holocaustos – Russell lista Alemanha Nazi como modelo de sociedade artificial.

«During the present century there have been three Powers which illustrate the possibility of artificial creation. The three Powers in question are Japan and Soviet Russia and Nazi Germany» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Engenharia psicossocial

Russell (1931/54) – Status quo escudado por ignorância e entretenimento.

Entretenimento das “classes irrelevantes”, dado por governos ou grupos económicos.

Os defeitos do status quo só se tornam conhecidos a uma pequena minoria.

Aqueles que gastam o seu tempo em mais que entretenimento.

«It is undoubtedly an important fact in the modern world that almost all the pleasures of the poor can only be provided by men possessed of vast capital or by Governments... the result is that any defects in the status quo become known only to those who are willing to spend their leisure time otherwise than in amusement; these are, of course, a small minority, and from a political point of view they are at most times negligible»

Para os que controlam publicidade, credulidade é uma vantagem.

O Estado não procura produzir hábitos mentais científicos.

Exceptuando minoria de peritos, bem pagos e, portanto, apoiantes do status quo.

Na escola, crianças ensinadas a acreditar no que ouvem, punidas se tiverem descrença.

Desta forma, estabelece-se um reflexo condicionado pró-figuras autoritativas.

Eu e o caro leitor somos imunes a espoliação graças a esta precaução governamental.

*«To those who control publicity, credulity is an advantage, while to the individual a power of critical judgment is likely to be beneficial; consequently the State does not aim at producing a scientific habit of mind, except in a small minority of experts, who are well paid, and therefore, as a rule, supporters of the **status quo**. Among those who are*

not well paid credulity is more advantageous to the State; consequently children in school are taught to believe what they are told and are punished if they express disbelief. In this way a conditioned reflex is established, leading to a belief in anything said authoritatively by elderly persons of importance. You and I, reader, owe our immunity from spoliation to this beneficent precaution on the part of our respective Governments» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Mídia, educação e Hollywood – armas de lavagem cerebral.

A técnica moderna, com mídia e educação, consegue produzir mais uniformidade.

Maioria dos jovens ocidentais derivam ideias de amor, moda, etc, de Hollywood.

Os produtores de Hollywood são os altos sacerdotes de uma nova religião.

É uma poderosa arma de lavagem cerebral, para moldar percepções sobre o mundo.

É provável que os produtores sejam os pioneiros do imperialismo americano do futuro.

«Modern inventions and modern technique have had a powerful influence in promoting uniformity of opinion and making men less individual than they used to be... in the modern world there are three great sources of uniformity in addition to education: these are the Press, the cinema, and the radio... The great majority of young people in almost all civilized countries derive their ideas of love, of honour, of the way to make money, and of the importance of good clothes, from the evenings spent in seeing what Hollywood thinks good for them. I doubt whether all the schools and churches combined have as much influence as the cinema upon the opinions of the young in regard to such intimate matters as love and marriage and money-making. The producers of Hollywood are the high-priests of a new religion. Let us be thankful for the lofty purity of their sentiments. We learn from them that sin is always punished, and virtue is always rewarded. True, the reward is rather gross, and such as a more old-fashioned virtue might not wholly appreciate. But what of that? We know from the cinema that wealth comes to the virtuous, and from real life that old So-and-so has wealth. It follows that old So-and-so is virtuous, and that the people who say he exploits his employees are slanderers and troublemakers. The cinema therefore plays a useful part in safeguarding the rich from the envy of the poor... In the American imperialism of the future it may turn out that the producers of cinemas have been the pioneers» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – “Governing class to interfere more and more with individual”.

Interferirá cada vez mais com indivíduo, saberá cada vez melhor como obter aceitação.

À medida que adquire mais e mais conhecimento e confiança.

«And this governing class, as it acquires increasing knowledge and confidence, will interfere more and more with the life of the individual, and will learn more and more the technique of causing this interference to be tolerated» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Bioquímica usada para produzir conformidade.

Talvez os homens sejam felizes “neste Paraíso”.

Meios bioquímicos, dieta apropriada, injeções, drogas, químicos.

Apaziguar instintos selvagens, aceitar do que seja decidido pelos mestres oligárquicos.

«Whether men will be happy in this Paradise I do not know. Perhaps biochemistry will show us how to make any man happy, provided he has the necessities of life... it may be that by wise education and suitable diet men may be cured of all their unruly impulses, and all life may become as quiet as a Sunday school... Perhaps by means of injections and drugs and chemicals the population could be induced to bear whatever its scientific masters may decide to be for its good» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Desportos e arenas.

Desportos perigosos organizados para dissipar potenciais anarquistas.

Desportos cada vez mais violentos, com morte e destruição.

Válvula de segurança para instintos humanos anárquicos.

«...perhaps dangerous sports will be organized for those whom boredom would otherwise turn into anarchists; perhaps sport will take over the cruelty which will have been banished from politics; perhaps football will be replaced by play battles in the air in which death will be the penalty of defeat. It may be that so long as men are allowed to seek death, they will not mind having to seek it in a trivial cause: to fall through the air before a million spectators may come to be thought a glorious death even if it has no purpose but the amusement of a holiday crowd. It may be that in some such way a safety valve can be provided for the anarchic and violent forces in human nature...» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – School-to-work, “cooperativismo”, aulas por Internet.

Muito tempo gasto ao ar livre.

Muito pouca aprendizagem livresca – educação largamente vocacional.

Aprenderão a ser “cooperativos” – i.e., a fazer exactamente aquilo que todos fazem.

Iniciativa desencorajada – insubordinação não é punida, mas cientificamente eliminada.

Aulas por “cinema ou rádio”, para países inteiros [hoje em dia isto é a Internet].

«They will spend much time in the open air, and will be given no more book-learning than is absolutely necessary. Upon the temperament so formed, docility will be imposed by the methods of the drill-sergeant, or perhaps by the softer methods employed upon Boy Scouts. All the boys and girls will learn from an early age to be what is called "co-operative," i.e. to do exactly what everybody is doing. Initiative will be discouraged in these children, and insubordination, without being punished, will be scientifically trained out of them. Their education throughout will be in great part manual, and when their school years come to an end they will be taught a trade. In deciding what trade they are to adopt, experts will appraise their aptitudes. Formal lessons, in so far as they exist, will be conducted by means of the cinema or the radio, so that one teacher can give simultaneous lessons in all the classes throughout a whole country» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – O homem comum, tolo, frívolo, facilmente contentado.

Pessoas comuns – Desencorajadas de pensamentos sérios e descontentados.

Tornadas confortáveis, com torrentes de entretenimento.

Dóceis, industriosas, pontuais, descerebradas, contentadas.

Contentamento será a prioridade – usando psicologia e bioquímica.

Serão tolos e frívolos.

Terão uma reverência supersticiosa pelos oligarcas, através de educação e propaganda.

«As for the manual workers, they will be discouraged from serious thought: they will be made as comfortable as possible, and their hours of work will be much shorter than they are at present; they will have no fear of destitution or of misfortune to their children. As soon as working hours are over, amusements will be provided, of a sort calculated to cause wholesome mirth, and to prevent any thoughts of discontent which otherwise might cloud their happiness... Ordinary men and women will be expected to be docile, industrious, punctual, thoughtless, and contented. Of these qualities probably contentment will be considered the most important. In order to produce it, all the researches of psycho-analysis, behaviourism, and biochemistry will be brought into play... The manual workers may, I think, be fairly happy. One may assume that the rulers will be successful in making the manual workers foolish and frivolous; work will not be too severe, and there will be endless amusements of a trivial sort. Owing to

sterilization, love affairs need not have awkward consequences so long as they are not between a man and woman who are both of them unsterilized. In this way a life of easygoing and frivolous pleasure may be provided for the manual workers, combined of course with a superstitious reverence for the governors instilled in childhood and prolonged by the propaganda to which adults will be exposed» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Eugenia, controlo populacional

Russell (1931/54) – Promiscuidade e desamor incentivados entre os esterilizados.

Não serão colocados obstáculos a relações entre esterilizados.

No entanto, reprodução será um exclusivo estatal.

Sexo será encarado como questão privada, desde que não interfira com o trabalho.

Sexo entre esterilizados não será impedida por lei ou opinião pública.

Porém, será casual e temporária, sem sentimentos profundos ou afecto real.

«No obstacles will be placed upon... the relations of sterile men and women with each other, but reproduction will be regarded as a matter which concerns the State, and will not be left to the free choice of the persons concerned... sexual intercourse apart from children will be regarded as a private matter so long as it is not allowed to interfere with work... Love-making among the sterilized will be subjected to no restrictions either of law or of public opinion, but it will be casual and temporary, involving none of the deeper feelings and no serious affection...» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Injecções químicas in utero para alterar embrião.

Injecções químicas no útero tornam possível moldar a criança.

Torná-la num matemático, poeta, biólogo, ou até político.

«Perhaps by a suitable choice of chemicals to be injected into the uterus it may become possible to turn a child into a mathematician, a poet, a biologist, or even a politician, and to ensure that all his posterity shall do likewise unless prevented by counterirritant

chemicals» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Controlo populacional – Esterilização de “inaptos mentais”.

Quantidade e qualidade da população serão reguladas pelo Estado.

Esterilização de defeituosos mentais como primeiro passo.

Cada vez mais pessoas serão vistas como mentalmente inaptas para parentalidade.

Será argumentado que estão a prejudicar a comunidade – e impedidas de o fazer.

«We may, I think, assume that both the quantity and the quality of the population will be carefully regulated by the State... Quality as well as quantity of population is likely to become a matter for public regulation. Already in many States of America it is permissible to sterilize the mentally defective, and a similar proposal in England is in the domain of practical politics. This is only the first step. As time goes on we may expect a greater and greater percentage of the population to be regarded as mentally defective from the point of view of parenthood. However that may be, it is clear that the parents who have a child when there is every likelihood of its being mentally defective are doing a wrong both to the child and to the community. No defensible principle of liberty therefore stands in the way of preventing them from such behaviour» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Controlo de quantidade – motivações económicas.

Quantidade – População ideal determinada por estatísticos do Estado.

Níveis populacionais estacionários – regulados através de motivações económicas.

«As regards quantity, the State statisticians will determine as carefully as they can whether the population of the world at the moment is above or below the number which leads to the greatest material comfort per head. They will also take account of all such changes of technique as can be foreseen. No doubt the usual rule will be to aim at a stationary population, but if some important invention, such as artificial food, should greatly cheapen the production of necessities, an increase of population might for a time be thought wise. I shall, however, assume that, in normal times, the world government will decree a stationary population... Economic motives will be employed to regulate population, which will probably be kept stationary» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Russell (1931/54) – Controlo de qualidade.

A cada geração, 25% de mulheres e 5% de homens seleccionados para parentalidade.

O resto será esterilizado.

As mulheres seleccionadas serão meras parideiras.

Haverá um pai para cada cinco mães, mas por técnica artificial.

O vínculo parental será prevenido, talvez até extirpado.

«If the simultaneous regulation of quantity and quality is taken seriously in the future, we may expect that in each generation some 25 per cent, of women and some 5 per cent, of men will be selected to be the parents of the next generation, while the remainder of the population will be sterilized, which will in no way interfere with their sexual pleasures, but will merely render these pleasures destitute of social importance. The women who are selected for breeding will have to have eight or nine children each, but will not be expected to perform any other work except the suckling of the children for a suitable number of months... Fathers would, of course, have nothing to do with their own children. There would be in general only one father to every five mothers, and it is quite likely that he would never have even seen the mothers of his children. The sentiment of paternity would thus disappear completely. Probably in time the same thing would happen, though to a slightly less degree, in regard to mothers. If birth were prematurely induced, and the child separated from its mother at birth, maternal sentiment would have little chance to develop» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Obscurantismo científico

Russell (1931/54) – Obscurantismo e congelamento da ciência.

Arcana – Muito conhecimento científico será oculto a todos, menos a uns poucos, leais.

Investigação, muito mais técnica que fundamental.

Qualquer campo será dominado por uma oligarquia de velhos professores.

Estes não tolerarão rupturas com o status quo.

A atmosfera de autoridade e organização será favorável a investigação técnica.

Porém, será inimica a inovações subversivas – como as da Física, no século 20.

A longo termo, o progresso científico diminuirá, e será morto pelo respeito à autoridade.

«A great deal of scientific knowledge will be concealed from all but a few. There will be arcana reserved for a priestly class of researchers, who will be carefully selected for their combination of brains with loyalty. One may, I think, expect that research will be much more technical than fundamental. The men at the head of any department of research will be elderly, and content to think that the fundamentals of their subject are sufficiently known. Discoveries which upset the official view of fundamentals, if they are made by young men, will incur disfavour, and if rashly published will lead to degradation. Young men to whom any fundamental innovation occurs will make cautious attempts to persuade their professors to view the new ideas with favour, but if these attempts fail they will conceal their new ideas until they themselves have acquired positions of authority, by which time they will probably have forgotten them. The atmosphere of authority and organization will be extremely favourable to technical research, but somewhat inimical to such subversive innovations as have been seen, for example, in physics during the present century. There will be, of course, an official metaphysic, which will be regarded as intellectually unimportant but politically sacrosanct. In the long run, the rate of scientific progress will diminish, and discovery will be killed by respect for authority» Bertrand Russell (1931/1954), “The Scientific Outlook”. London: George Allen & Unwin Ltd.

Pragmatismo sociopático

Russell (1931/54) – “Cristandade é apolítica” – Pragmatismo sociopático orgânico.

Religião individualística será substituída por religião de devoção ao colectivo.

Entre comunistas russos isto já aconteceu.

A ética Cristã enfatiza a importância do indivíduo e direitos humanos.

É, portanto, apolítica.

A nova ética vai olhar para sociedade e não para indivíduo.

Vai ter pouco uso para a superstição de culpa e punição.

Fará indivíduos sofrer sem inventar razões para demonstrar que devem sofrer.

Será implacável [ruthless] e, por ideias tradicionais, imoral.

A mudança terá vindo com a visão orgânica da sociedade – o corpo social.

O homem que pensa nestes moldes não terá consideração pelo bem estar do indivíduo.

«...the individualistic religion to which we have been accustomed is likely to be increasingly replaced by a religion of devotion to the State. Among Russian Communists this has already happened... Christian ethics is in certain fundamental respects opposed to the scientific ethic which is gradually growing up. Christianity emphasizes the importance of the individual soul, and is not prepared to sanction the sacrifice of an innocent man for the sake of some ulterior good to the majority. Christianity, in a word, is unpolitical, as is natural since it grew up among men devoid of political power. The new ethic which is gradually growing in connexion with scientific technique will have its eye upon society rather than upon the individual. It will have little use for the superstition of guilt and punishment, but will be prepared to make individuals suffer for the public good without inventing reasons purporting to show that they deserve to suffer. In this sense it will be ruthless, and according to traditional ideas immoral, but the change will have come about naturally through the habit of viewing society as a whole rather than as a collection of individuals. We view a human body as a whole, and if, for example, it is necessary to amputate a limb we do not consider it necessary to prove first that the limb is wicked. We consider the good of the whole body a quite sufficient argument. Similarly the man who thinks of society as a whole will sacrifice a member of society for the good of the whole, without much consideration for that individual's welfare» Bertrand Russell (1931/1954), "The Scientific Outlook". London: George Allen & Unwin Ltd.

RUSSELL (1953) – População e eugenia – Subdesenvolvimento, neomedievalismo, castas – Crueldade e tortura.

RUSSELL (1953) – Birth control, infanticide or wars, general misery.

«There are three ways of securing a society that shall be stable as regards population. The first is that of birth control, the second that of infanticide or really destructive wars, and the third that of general misery except for a powerful minority. All these methods have been practiced... the third in Soviet Russia and in the world as some Western internationalists hope to make it» Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – População: subdesenvolvimento e neomedievalismo.

“População mundial a aumentar 58.000 por dia. Resultados serão vários”.

“Quebra do nível de vida, da produção industrial, miséria, malthusianismo”.

“Centros urbanos derelictos, habitantes de volta a um estilo de vida medieval”.

*«At present the population of the world is increasing at about 58,000 **per diem**... What is the inevitable result if the increase of population is not checked? There must be a very general lowering of the standard of life in what are now prosperous countries. With that lowering there must go a great diminution in the demand for industrial products. Detroit will have to give up making private cars, and confine itself to lorries. Such things as books, pianos, watches will become the rare luxuries of a few exceptionally powerful men-notably those who control the army and the police. In the end there will be a uniformity of misery, and the Malthusian law will reign unchecked. The world having been technically unified, population will increase when world harvests are good, and diminish by starvation whenever they are bad. Most of the present urban and industrial centers will have become derelict, and their inhabitants, if still alive, will have reverted to the peasant hardships of their medieval ancestors»* Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Autoridade mundial para controlar distribuição de comida.

«To deal with this problem it will be necessary to find ways of preventing an increase in world population. If this is to be done otherwise than by wars, pestilences, and famines, it will demand a powerful international authority. This authority should deal out the world's food to the various nations in proportion to their population at the time of the establishment of the authority. If any nation subsequently increased its population it

should not on that account receive any more food. The motive for not increasing population would therefore be very compelling. What method of preventing an increase might be preferred should be left to each State to decide» Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Medidas eugénicas na República Global.

Esterilização de todos, menos 5% de homens, 30% de mulheres. «...except possibly in the governing aristocracy, all but 5 per cent of males and 30 per cent of females will be sterilized. The 30 per cent of females will be expected to spend the years from eighteen to forty in reproduction, in order to secure adequate cannon fodder»

Inseminação artificial, crianças retiradas à família. «As a rule, artificial insemination will be preferred to the natural method... Children will, as in Plato's Republic, be taken from their mothers and reared by professional nurses...»

Família, uma relíquia do passado. «To those accustomed to this system, the family as we know it would seem as queer as the tribal and totem organization of Australian aborigines seems to us...»

Classes baixas tornam-se meros escravos. «The laboring class would have such long hours of work and so little to eat that their desires would hardly extend beyond sleep and food» Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Guerra como método para eliminar excesso de população.

«...whenever other ways of disposing of the surplus fail, there is always war» Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Os guardiães, obcecados com poder e crueldade.

«The upper class, being deprived of the softer pleasures both by the abolition of the family and by the supreme duty of devotion to the State, would... care only for power, and in pursuit of it would not shrink from cruelty» Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Crueldade e tortura como normas sociais.

«By the practice of cruelty men would become hardened, so that worse and worse tortures would be required to give the spectators a thrill» Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Pragmatismo.

Russell – “Pragmatism, admirably worked out in Orwell’s 1984”.

«This philosophy has two aspects, one theoretical and the other ethical. On the theoretical side, it analyzes away the concept "truth," for which it substitutes "utility" ...to say that your belief is "true" is another way of saying that you will find it more profitable than the opposite belief... a belief may be "true" at one time and "false" at another. In 1920 it was "true" that Trotsky had a great part in the Russian Revolution; in 1930 it was "false." ... The... attraction of pragmatism... is love of power... it gives you the godlike power of making truth. You cannot make the sun cold, but you can confer pragmatic "truth" on the proposition "the sun is cold" if you can ensure that everyone who denies it is liquidated... The results of this view have been admirably worked out in George Orwell's" 1984."»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Psicologia de massas, educação, controlo de informação.

RUSSELL (1953) – Psicologia de massas e educação.

«I think the subject which will be of most importance politically is mass psychology... Although this science will be diligently studied, it will be rigidly confined to the governing class. The populace will not be allowed to know how its convictions were generated»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Destruir vontade própria, “snow is black”.

«...education should aim at destroying free will». Desde que se apanhasse a criança nova o suficiente, seria possível persuadi-la para a vida, usando slogans e várias outras técnicas psicológicas, de que *«snow is black»*, ao ponto em que, quem acreditasse que neve é branca seria um excêntrico anti-social.

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Controlo de informação, através de educação, media.

Controlo de educação e media para difundir versões oficiais.

«Where all children go to school, and all schools are controlled by the government, the authorities can close the minds of the young to everything contrary to official orthodoxy».

Media. Do mesmo modo, era possível controlar os media de forma tal que só as versões autorizadas seriam difundidas.

RUSSELL (1953) – Controlo de informação – Redes de espionagem.

Portanto, *«The only remaining possibility of unauthorized propaganda is by secret whispers from one individual to another. But this, in turn, is rendered appallingly dangerous by improvements in the art of spying»*. Do mesmo modo, *«All this is not imaginary; it is daily and hourly reality. Nor, given oligarchy, is there the slightest reason to expect anything else»*.

Bertrand Russell (1953), "The Impact of Science on Society". Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Totalitarismo científico global.

RUSSELL (1953) – Ditadura científica só será duradoura se for à escala global.

«For these various reasons, I do not believe that dictatorship is a lasting form of scientific society-unless (but this proviso is important) it can become world-wide»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Uma dificuldade psicológica sobre governo global.

«There is... a psychological difficulty about a single world government. The chief source of social cohesion in the past, I repeat, has been war: the passions that inspire a feeling of unity are hate and fear. These depend upon the existence of an enemy, actual or potential. It seems to follow that a world government could only be kept in being by force, not by the spontaneous loyalty that now inspires a nation at war.»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – “Many people like the system when it’s Russian”.

«For some reason which I have failed to understand, many people like the system when it is Russian but disliked the very same system when it was German. I am compelled to think that this is due to the power of labels; these people like whatever is labeled "Left" without examining whether the label has any justification»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – A teoria e prática do totalitarismo.

Na prática é oligárquico e hiper-regulatório.

«Totalitarianism has a theory as well as a practice. As a practice, it means that a certain group, having... seized the apparatus of power, especially armaments and police, proceed to exploit their advantageous position to the utmost, by regulating everything in the way that gives them the maximum of control over others.»

Na teoria faz o discurso do “bem comum”.

«But as a theory it is something different: it is the doctrine that the State, or the nation, or the community is capable of a good different from that of individuals, and not

consisting of anything that individuals think or feel. This doctrine was especially advocated by Hegel, who glorified the State, and thought that a community should be as organic as possible. In an organic community, he thought, excellence would reside in the whole. An individual is an organism, and we do not think that his separate parts have separate goods: if he has a pain in his great toe it is he that suffers, not specially the great toe. So, in an organic society, good and evil will belong to the whole rather than the parts. This is the theoretical form of totalitarianism.»

Baseia-se em hipocrisia e poder arbitrário.

«In concrete fact, when it is pretended that the State has a good different from that of the citizens, what is really meant is that the good of the government or of the ruling class is more important than that of other people. Such a view can have no basis except in arbitrary power.»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Técnica científica torna governo mais opressivo.

Propaganda e contrapropaganda.

«It is possible nowadays for a government to be very much more oppressive than any government could be before there was scientific technique. Propaganda makes persuasion easier for the government...» e a «counterpropaganda» é «more difficult»

Revolta armada torna-se impossível – Controlo de polícia e forças armadas.

«...the effectiveness of modern armaments makes popular risings impossible. No revolution can succeed in a modern country unless it has the support of at least a considerable section of the armed forces. But the armed forces can be kept loyal by being given a higher standard of life than that of the average worker, and this is made easier by every step in the degradation of ordinary labor. Thus the very evils of the system help to give it stability.»

«When the government controls the distribution of food, its power is absolute so long as it can count on the police and the armed forces. And their loyalty can be secured by giving them some of the privileges of the governing class. I do not see how any internal movement of revolt can ever bring freedom to the oppressed in a modern scientific dictatorship.»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Técnica científica torna a sociedade orgânica, e o indivíduo, peça na máquina.

“Scientific societies are as yet in their infancy”.

«*Scientific societies are as yet in their infancy*»

“Scientific technique makes society organic, and individuals, cogs”.

«*Scientific societies are as yet in their infancy...scientific technique... makes society more organic, in the sense of increasing the interdependence of its various parts... Scientific technique, by making society more organic, increases the extent to which an individual is a cog [in the machine].*»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

RUSSELL (1953) – Cidadão urbano mais social, e sociável, que agricultor rural. O cidadão urbano é muito mais social, e sociável, que o agricultor. Vive rodeado de pessoas e de veículos mediáticos, está dependente de múltiplas organizações para viver, e sobreviver. Por outras palavras, cada vez mais reproduz o padrão de um insecto de colónia, por oposição ao comportamento de um indivíduo.

«*...a much larger percentage of the population live in towns than was formerly the case. The town dweller is a more social being than the agriculturist, and is much more influenced by discussion. In general, he works in a crowd, and his amusements are apt to take him into still larger crowds. The course of nature, the alternations of day and night, summer and winter, wet or shine, make little difference to him; he has no occasion to fear that he will be ruined by frost or drought or sudden rain. What matters to him is his human environment, and his place in various organizations especially.*

Take a man who works in a factory, and consider how many organizations affect his life. There is first of all the factory itself, and any larger organization of which it may be a part. Then there is the man's trade union and his political party. He probably gets house room from a building society or public authority. His children go to school. If he reads a newspaper or goes to a cinema or looks at a football match, these things are provided by powerful organizations. Indirectly, through his employers, he is dependent upon those from whom they buy their raw material and those to whom they sell their finished product. Above all, there is the State, which taxes him and may at any moment order him to go and get killed in war, in return for which it protects him against murder and theft so long as there is peace, and allows him to buy a fixed modicum of food.»

Bertrand Russell (1953), “The Impact of Science on Society”. Simon & Schuster, Inc.

Russell (1956) – Os Webbs e Socialismo Fabiano

[Bertrand Russell (1956), “Portraits From Memory and Other Essays”. New York: Simon and Schuster]

Beatrice, a aristocrata – Os Webbs, propagandistas SIS.

“They devoted their lives to research and the higher branches of propaganda” (i.e. SIS).

[E aqui a Fabian Society é vital, já que era o braço socialista do SIS, serviços da Coroa].

A LSE também conta – epicentro para mercantilismo socialista britânico.

“Beatrice had the mentality of the governing class”.

“The cleverest member of one of the cleverest families in the cleverest class”.

“Beatrice was addicted to fasting, to be more spiritual, to have visions”.

“Her use of ‘we’ was one of the delights of their friends”.

«Webb had been entirely dependent upon his earnings, whereas Beatrice had inherited a competence from her father. Beatrice had the mentality of the governing class, which Sidney had not. Seeing that they had enough to live on without earning, they decided to devote their lives to research and to the higher branches of propaganda. In both they were amazingly successful. Their books are a tribute to their industry, and the School of Economics is a tribute to Sidney's skill. I do not think that Sidney's abilities would have been nearly as fruitful as they were if they had not been backed by Beatrice's self-confidence. I asked her once whether in her youth she had ever had any feeling of shyness. "Oh no," she said, "if I ever felt inclined to be timid as I was going into a room full of people, I would say to myself, 'You're the cleverest member of one of the cleverest families in the cleverest class of the cleverest nation in the world, why should you be frightened?' ...For a number of years Mrs. Webb was addicted to fasting, from motives partly hygienic and partly religious... She nevertheless believed that starvation made her more spiritual, and once told me that it gave her exquisite visions. "Yes," I replied, "if you eat too little, you see visions; and if you drink too much, you see snakes." I am afraid she thought this remark inexcusably flippant... Mrs. Webb sent a message by the maid, "we do not have butter for Sidney's breakfast." Her use of "we" was one of the delights of their friends»

Worship of the State – Mussolini, Hitler, Soviet Russia.

“The worship of the State, of the essence of Fabianism”.

“It led the Webbs and Shaw into an undue tolerance of Mussolini and Hitler”.

“And ultimately into a rather absurd adulation of the Soviet government”.

«...I disagreed with her about religion, about imperialism, and about the worship of the State. This last was of the essence of Fabianism. It had led both the Webbs and also Shaw into what I thought an undue tolerance of Mussolini and Hitler, and ultimately into a rather absurd adulation of the Soviet government»

“Both, fundamentally undemocratic... to bamboozle or terrorize the populace”.

«Both of them were fundamentally undemocratic, and regarded it as the function of a statesman to bamboozle or terrorize the populace. I realized the origins of Mrs. Webb's conceptions of government when she repeated to me her father's description of shareholders' meetings. It is the recognized function of directors to keep shareholders in their place, and she had a similar view about the relation of the government to the electorate»

Webbs, like the Benthamites.

“Webbs did a great work in giving intellectual backbone to British Socialism”.

“Like the Benthamites with the Radicals – coldness, dryness, no place for emotions”.

«The Webbs did a great work in giving intellectual backbone to British Socialism. They performed more or less the same function that the Benthamites at an earlier time had performed for the Radicals. The Webbs and the Benthamites shared a certain dryness and a certain coldness and a belief that the wastepaper basket is the place for the emotions»

Técnicas de facilitação, manipulação.

Sidney usava técnicas de facilitador pós-moderno (Fabian Society introduz muitas).

Esquemas para manipular públicos e eleitorados.

«Sidney had no hesitation in using wiles which some would think unscrupulous. He told me, for example, that when he wished to carry some point through a committee where the majority thought otherwise, he would draw up a resolution in which the contentious point occurred twice. He would have a long debate about its first occurrence and at last give way graciously. Nine times out of ten, so he concluded, no one would notice that the same point occurred later in the same resolution»

RUSSELL (1922) – Bloco Asiático comunista.

Bloco asiático dominado pela Rússia soviética.

«The hegemony of Russia in Asia would not... be in any way regrettable... an Asiatic block, if it could be formed, would be strong for defence and weak for attack, which would make for peace» Bertrand Russell, “*The Problem of China*” (1922). London: George Allen & Unwin, Ltd.

RUSSELL – Fabian worship of the State – Hitler, Mussolini, Soviet government.

“Beatrice had the mentality of the governing class”.

“...undue tolerance of Mussolini and Hitler, and of the Soviet Government”.

«Beatrice had the mentality of the governing class... I disagreed with her about religion, about imperialism, and about the worship of the State. This last was of the essence of Fabianism. It led both the Webbs and also Shaw into what I thought an undue tolerance of Mussolini and Hitler, and ultimately into a rather absurd adulation of the Soviet Government»

Bertrand Russell, “The Autobiography of Bertrand Russell, 1872-1914”

RUSSELL – Os Webbs, “to bamboozle or terrorize the populace”.

“Anti-democratic – the function of the state, to bamboozle or terrorize”.

“They did a great work for British Socialism”.

«Both of them were fundamentally undemocratic, and regarded it as the function of a statesman to bamboozle or terrorize the populace... The Webbs did a great work in giving intellectual backbone to British Socialism» Bertrand Russell, “The Autobiography of Bertrand Russell, 1872-1914”

RUSSELL – Vanguarda na URSS.

“Proletariado” é a parte “consciente” do proletariado.

Pessoas com as crenças certas.

Os outros proletários são “lacaio da burguesia”.

«When a Communist speaks of the proletariat, he means the “class-conscious” part of the proletariat, i.e., the Communist Party. He includes people by no means proletarian (such as Lenin) who have the right opinions, and he excludes such wage-earners as have not the right opinions, whom he classifies as lackeys of the bourgeoisie.» (p. 27)

Bertrand Russell (1920), *The Practice and Theory of Bolshevism*. London: George Allen & Unwin.

RUSSELL – “For collective action, individual must be turned into machine”.

«No good thing is achieved without fighting, without ruthlessness and organization and discipline...for collective action the individual must be turned into a machine.»

Bertrand Russell, “The Autobiography of Bertrand Russell, 1914-1944”

RUSSELL – “O estado totalitário é mais seguro para a banca”.

É mais fácil emprestar a um Estado que a uma pessoa privada.

Um governo estável e ordeiro [totalitário] é uma condição para negócios bancários.

Numa outra instância, no seu “The Problem of China”, Russell diz-nos que o estado totalitário goza de algumas vantagens junto da banca internacional, nomeadamente que «*it is easier for the State to borrow than for a private person*» e que, um «*stable and orderly government*» é uma condição essencial para que «*foreign capitalists would be willing to lend on good security*».

SADE – Utopia baseada em sexo – Colectivização corporal.

Sade também era um utopista.

O Marquês de Sade, o pornógrafo, também contribui para este deboche geral. Em “*Yet Another Effort, Frenchmen, If You Would Become Republicans*”, em ‘Philosophy in the Bedroom’.

Utopia alicerçada em sensualismo e bestialização. Escreve sobre uma utopia baseada na libertação das paixões sexuais. Uma sociedade de género feudal onde toda a gente passaria o tempo a ter relações sexuais.

Marquês de Sade – Aldous Huxley (1946).

De Robespierre a Babeuf a Sade.

A revolução vai do político, ao económico, ao corporal e sensual.

“Sade, a lunatic, goal of his revolution was universal chaos and destruction”.

«Living as he did in a revolutionary period, the Marquis de Sade very use of this theory of revolutions in order to rationalize his peculiar brand of insanity. Robespierre had achieved the most superficial kind of revolution, the political. Going a little deeper, Babeuf had attempted the economic revolution. Sade regarded himself as the apostle of the truly revolutionary revolution, beyond mere politics and economics--the revolution in individual men, women and children, whose bodies were henceforward to become the common sexual property of all and whose minds were to be purged of all the natural decencies, all the laboriously acquired inhibitions of traditional civilization. Between sadism and the really revolutionary revolution there is, of course, no necessary or inevitable connection. Sade was a lunatic and the more or less conscious goal of his revolution was universal chaos and destruction»

Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

SAINT-SIMON (2) – New Age – Saint-Simonianos – Influência.

Saint-Simon e a New Age.

Saint-Simon: Le Nouveau Christianisme [acessório]. Na sua última obra, *Le Nouveau Christianisme (The New Christianity)* (1825), Saint-Simon recorreu a ideias de renovar a sociedade através de amor fraterno. Morreu brevemente após a sua publicação.

Um culto de chanfrados místico-religiosos. Sob a influência de Enfantin, os Saint-Simonianos tomaram gradualmente um aspecto de culto místico-religioso. No auge desta fase, Enfantin foi até preso por “ofender a moralidade pública”. Enquanto estava na prisão, um bando dos seus discípulos partiu para o Egipto para procurar o novo Messias nas margens do Nilo, e este novo Messias seria uma mulher, a Messias Feminina. Quando Enfantin saiu da cadeia, também foi na mesma demanda, e não consta que tenha encontrado alguma pastorinha preparada para actuar nos salões de Paris.

Até lançou vários slogans populares nos dias que correm. Como *«la loi universelle d'attraction»*

Saint-Simonianos: Socialistas – Crédito mobiliário – Monopólios.

Socialistas.

Lista parcial. A lista de discípulos de Saint-Simon inclui pessoas como Thierry, Comte, Bazard, Chevalier, Enfantin, e os Pereires, Emile e Isaac.

Le Globe. Tiveram como jornal oficial o *Le Globe*, editado por Michel Chevalier.

Negócios de monopólio e bancos de Crédito Mobiliário. Envolveram-se em todo o tipo de negócios que avançavam esta Grande Obra: bancos, companhias de monopólio, fusões, “free trade”, caminhos-de-ferro, energia (carvão, gás), sal. Entre os bancos, temos o exemplo mais notável dos Pereires, que fundaram o Credit Mobilier, em França. Depois, temos o Darmstadter Bank, o primeiro dos grandes bancos da Alemanha. O Credito Mobiliario Español e o Credito Mobiliare Italiano. Na Rússia, temos a Great Russian Railway Company, e na Áustria temos a Austrian State Railway Company e o Credit-anstalt. Outros bancos fundados com base nas ideias do grupo foram o Comptoir d'Escompte e o Credit Foncier. Estes bancos iriam assegurar algumas obras Saint-Simonianas, como caminhos de ferro, a juros relativamente baixos, ao mesmo tempo que reservavam para si mesmos a direcção geral de toda a indústria em causa. Estavam preocupados com eliminar crises resultantes de “excesso de produção”.

Saint-Simon: Influência vital nos últimos 2 séculos.

Teórico do estado totalitário e da globalização.

Dialéctica direita-esquerda é resolvida. Esta doutrina é onde a questão da esquerda/direita é resolvida. A doutrina integra as exigências conservadoras por ordem, organização hierárquica e aristocracia, com a exigência socialista por igualdade de oportunidade e planeamento social e económico, em nome da comunidade.

Influencia Comte, Mill, Marx, Lenin. As ideias de Saint-Simon influenciaram Comte, John Stuart Mill, Karl Marx e muitos outros pensadores e teóricos sociais. Lenin aprovava os planos de Saint-Simon, ao ponto de lhe atribuir o raro privilégio de ser tratado como génio: «*Saint-Simon... a genius*», Vladimir Illyich Lenin (1916), “*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*”.

Origina tiranias modernas. Saint-Simon, como pai da sociologia moderna, definiu os princípios gerais que encontraram a sua expressão máxima em tempos modernos nos sistemas fascistas, nazi e soviético. Tragicamente, as sementes semeadas pelos fundadores dementados destas doutrinas, deu início ao desenvolvimento dos movimentos comunista e nazi, que destruíram centenas de milhões de vidas humanas.

É o pai fundador informal do moderno sistema de globalização. Um guru de banqueiros centrais, burocratas ONU e UE, FMI, Banco Mundial, etc.

É vital conhecer os Saint-Simonianos para perceber o mundo actual.

Saint-Simon: Igreja-Sociedade (3) – Engenharia social.

Um miserável destroço de ciência, para controlo social. A única coisa que restaria seria um miserável esqueleto, para exercer controlo social.

“Ciências sociais” nascem na mente desarranjada de um charlatão. O conceito de “ciências sociais” foi concebido no cérebro perturbado de um aristocrata que era motivado por alucinações fantasmagóricas.

“Ciência social” visa apenas reorganizar sociedade segundo moldes socialistas. O impulso original para estas doutrinas não teve nada a ver com progresso ou ciência. Mas sim com as mentes desarranjadas de Saint-Simon e Comte. O impulso original veio da alucinação de um homem com um antepassado que tinha morrido 1000 anos antes.

Ideia era criar uma ciência de governação da sociedade, do individual ao macro-global.

SAINT-SIMON – Sistema Geral Global.

Saint-Simon, o aristocrata especulador. Claude Henri de Rouvroy' Comte de Saint-Simon (1760-1825) era um aristocrata e especulador francês. Durante a Revolução Francesa, as energias de Saint Simon foram devotadas à compra de propriedade confiscada a outros aristocratas.

Saint-Simon (e Comte) – Perturbações mentais recorrentes.

Saint-Simon e Comte, com perturbações mentais recorrentes. Durante a sua vida, Saint-Simon foi afligido por desordens mentais recorrentes. Os séculos seguintes foram literalmente concebidos no cérebro perturbado de um aristocrata que era motivado por alucinações fantasmagóricas. Saint-Simon reclamou que a inspiração original para as suas ideias socialistas e sociológicas lhe surgiu na forma de uma visão do seu antepassado Carlos Magno. Tanto Saint-Simon como Auguste Comte foram sujeitos por perturbações mentais ao longo das suas vidas.

Saint-Simon – As queixas – Desordem, caos, anarquia.

Uma era de anarquia em todas as áreas da vida – Libertação burguesa. Saint-Simon achava que a sua era uma era de anarquia moral, intelectual, científica, económica, política. Caos, desordem, fluxo.

Economia. Desenvolvimento, “anarquia” produtiva, laissez-faire, industrialismo, o desafio da ordem medieval fechada.

Problemas económicos provocados por liberdade económica.

Industrialismo limitado, nesta fase. Em 1814, apenas dois anos antes do aparecimento do “Indústria”, de Saint-Simon, apenas 15 motores a vapor eram usados em França, e em 1830 apenas 600. Ou seja, isto não teve nada a ver com a Revolução Industrial propriamente dita.

Política. Liberdade individual e Direitos do Homem. Constitucionalismo. Instituições liberais e democráticas, como o Parlamento. Liberdade de opinião e diversidade ideológica.

Ciência e tecnologia. Debates científicos abertos e liberdade de inquérito (diversidade de opiniões). A existência de nova tecnologia é lamentada.

[**Saint-Simon, um ignorante científico.** Após a sua “visão”, Saint-Simon, agora com 38 anos de idade, começou a estudar “ciência”, relativamente à qual ainda era bastante ignorante. É uma ironia da história que as “ciências sociais” tenham nascido de uma mente completamente ignorante em formação científica.]

Diversidade intelectual. A maior expressão da crise dos tempos, para os Saint-Simonianos, estava no reino intelectual. Estas pessoas eram incapazes de admitir uma pluralidade de perspectivas, e consideravam que a falta de unanimidade era um sintoma de crise. Tal como os Restauracionistas Católicos, viam a Revolução como o resultado político das forças libertadas pela Reforma Protestante e pela subsequente revolução intelectual, que deu origem ao espírito céptico da filosofia do século XVIII.

Saint-Simon e Comte elaboram reacção (1).

Contrariar libertação e iluminação humana. Saint-Simon e o seu discípulo Auguste Comte (então um adolescente) projectaram uma filosofia destinada a contrariar os efeitos libertadores do individualismo e da Revolução Industrial.

Usar ‘elementos de crise’ para trazer nova era orgânica. Instrumentos no processo histórico de destruição de uma ordem insuficiente, a medieval, mas como tal eram elementos de crise que teriam de desaparecer com a inauguração de uma nova ordem social.

Obter unanimidade ideológica, organização social total. O estado final seria um sistema *«sans crises...un monde on la religion et la philosophie, le culte et les beaux-arts, le dogme et la science, ne seront plus divisés; oh le devoir et l'intérêt, la théorie et la pratique, loin d'être en guerre, conduiront à un même but, l'élévation morale de l'homme...»*

Saint-Simon e Comte elaboram reacção (2): Alucinação com Carlos Magno.

Necessidade de “ordem e progresso”, sob feudalismo. Estas coisas ameaçavam a harmonia que uma gestão feudal da sociedade tinha proporcionado, durante a Idade Média, e que podia ser reavista, numa nova era de ordem universal.

Carlos Magno encoraja descendente a encontrar nova fórmula de governação. Foi aos 38 anos de idade, durante a revolução francesa, e enquanto estava temporariamente encarcerado no Luxemburgo, que Saint-Simon desenvolveu visões de um novo sistema social, baseado em princípios científicos e não em ideias políticas. O seu antepassado Carlos Magno apareceu-lhe uma noite numa visão e encorajou-o a encontrar uma nova ideia para governar a humanidade.

«Since the world existed, only one family enjoys the honor of producing a hero and a philosopher of the first rank. This honor is reserved for my family. My son, your success as philosopher will equal that which I reached as soldier and politician».

Chambers Encyclopedia, Vol. VII, p. 30:

«Depuis que le monde existe aucune famille n'a joui de l'honneur de produire un heroes et un philosophe de premiere ligne. Cet honneur etait reserve a ma maison. Mon fils, tes succes comme philosophe egaleront ceux qu'j'ai obtenu comme militaire et comme politique.»

A ideia era, obviamente, o modelo do antepassado, feudalismo.

Saint-Simon: Eras orgânicas e críticas – Feudalismo orgânico definitivo.

História alterna entre eras “orgânicas” e eras “críticas”. Saint-Simon imaginava a história como alternando entre épocas “orgânicas” e épocas “críticas”. As “orgânicas” eram caracterizadas por unidade social e harmonia, as “críticas” por anarquia, confusão, e desordem social.

Império Romano, Idade Média. A primeira era orgânica tinha sido a era do politeísmo Greco-Romano. A segunda, a Idade Média, a Cristandade pré-Luterana.

Gradual libertação humana traz eras críticas. Mas cada era orgânica tinha sido erodida pela gradual iluminação da humanidade.

Nova era seria feudalismo invencível – Estado orgânico global. Agora, no século XIX europeu, a história estava envolta da terceira e final era crítica. Saint-Simon anunciou uma “nova ordem”, um “novo mundo” que teria todos os homens unidos numa irmandade universal. O Estado Orgânico final seria um estado industrial à escala global. Seria autoritário e socialístico.

Saint-Simon: Indústria limitada – Cartéis multinacionais.

Industrialização limitada e fim de produção individual.

Cartéis multinacionais. Indústria iria desenvolver-se, mas seria nos termos destes banqueiros socialistas, ou seja, sob monopólios centralizados.

Regulação uniforme por um comité central – organizado em redor dos **BANCOS**.

Organização unitária da produção, sob os bancos.

«The present anarchy of production, which corresponds to the fact that economic relations are developing without uniform regulation, must make way for organization in production. Production will no longer be directed by isolated manufacturers,

independent of each other and ignorant of man's economic needs; that will be done by a certain public institution. A central committee of management, being able to survey the large field of social economy from a more elevated point of view, will regulate it for the benefit of the whole of society, will put the means of production into suitable hands, and above all will take care that there be constant harmony between production and consumption. Institutions already exist which have assumed as part of their functions a certain organization of economic labour: the banks» – Saint-Simon, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

Saint-Simon: SGB (1) – Sistema Geral de Bancos.

Sistema Geral de Bancos. «*système général de banques*» [«*general system of banks*»]

Banqueiros têm vista de topo sobre economia. «*For the bankers, because of their knowledge and connections, are much more in a position to appraise the needs of industry and the ability of the industrialists than are idle and isolated individuals*».

Vista total, controlo de toda a vida sócio-económica. Os bancos são o topo de um sistema geral, com «*total view*» sobre a economia global que controla, portanto, a totalidade da economia e da vida social, para todo o planeta.

SGB – Intermediário e organizador – Regula e controla toda a economia global.

Seleccção de projectos a apoiar.

Recolha de necessidades, planeamento, alocação de crédito. «*Aux banques, supérieures convergeraient tous les besoins; d'elles divergeraient tous les efforts: la banque générale n'accorderait aux localités des crédits, c'est-à-dire ne leur livrerait des instrumens de travail, qu'après avoir balancé et combiné les opérations diverses; et ces crédits seraient ensuite répartis entre les travailleurs par les banques spéciales, représentant les différentes branches de l'industrie*»*

Alocamento de RH. Bancos ficam numa posição de «*determine the selection of projects and the destiny of the workers*».

Alocam meios de produção. O sistema bancário teria a responsabilidade de alocar os meios de produção, servindo como «*intermediaries between the workers, who are in need of the instruments of work, and the owners of these instruments who either cannot or do not want to use them*».

Interdependência, planeamento e microgestão.

Interdependência e planeamento. Ou seja, no estado final «*everything is interlocked and all is planned*», no «*interest of all*»

Contabilização de TODAS as unidades económicas. Isto exige controlo, classificação e contabilização completos de todos os factores económicos: cada prego e cada motor,

cada trabalhador e cada departamento, teriam de ser conhecidos, classificados, hierarquizados, numerados, rotulados.

*«Septième Séance (March 11, 1829): Constitution de la Propriété – Organisation des Banques» [Seventh Session: The Constitution of Property and the Organization of the Banks]

Saint-Simon: SGB (2) – Organização do Sistema Geral de Bancos.

Banqueiros, agricultores, fabricantes, vendedores. «*banquiers... cultivateurs... négociants... fabricans*»*

Banco Mundial.

Banco central mundial – É o governo “na ordem material”. O banco central mundial iria representar o «*government in the material order*». «*Ce système comprendrait d'abord une banque centrale représentant le gouvernement, dans l'ordre matériel*»*

Vista total sobre economia global. Com uma «*total view*» da economia global.

Dirige e organiza Sistema Geral de Bancos.

Banco unitário directivo, com os “mais talentosos banqueiros”.

Primeira linha de distribuição de crédito para toda a economia mundial.

«*la centralisation des banques les plus générales, des banquiers les plus habiles, en une banque unitaire, directrice, qui les dominât toutes, et pût balancer, avec justesse, les divers besoins de crédit que l'industrie éprouve dans toutes les directions*»*

[«...most skillful bankers into a unitary and directing bank dominating them all... bring the needs for credit in all areas of industry into exact balance »]

Bancos regionais/continentais.

Bancos de segunda ordem, secundários. Abaixo do banco central na hierarquia de bancos estariam os «*banks of the second order... secondary banks*».

Bancos regionais de ligação e intermediação. Cada um destes seria o meio pelo qual «*the central bank would keep in touch with the principal localities to know their needs and productive power*».

«*De cette banque centrale dépendraient des banques de second ordre qui n'en seraient que le prolongement, et au moyen desquelles elle se tiendrait en rapport avec les principales localités, pour en connaître les besoins et la puissance productrice; celles-ci commanderaient encore, dans la circonscription territoriale qu'elles embrasseraient, à des banques de plus en plus spéciales, embrassant un champ moins étendu, des rameaux plus faibles de l'arbre de l'industrie...*»*

Bancos particulares/especializados. Na sua área territorial, os bancos secundários iriam controlar todo um número de «*specialized banks*», bancos particulares dedicados à direcção de um único tipo de indústria.

Especializados em indústrias específicas. Estes iriam supervisionar as operações gerais e as necessidades de crédito das várias firmas numa dada indústria. Portanto, haveria um banco especializado para cada indústria no território.

Vigilância, protecção e direccionamento de indústrias específicas. «*d'une autre part, la spécialisation de plus en plus grande de banques particulières, de manière à ce que chacune d'elles fût affectée à la surveillance, à la protection, à la direction d'un seul genre d'industrie*»

Centralizar bancos gerais, especializar bancos particulares. Ou seja, duas direcções: centralizar os bancos gerais e especializar os bancos particulares, e ligá-los hierarquicamente uns com os outros: «*centraliser les banques générales, de spécialiser les banques particulières, et de les lier hiérarchiquement les unes aux autres*».

*«Septième Séance (March 11, 1829): Constitution de la Propriété – Organisation des Banques» [Seventh Session: The Constitution of Property and the Organization of the Banks]

Saint-Simon: SGB (3) – Centralização de riqueza – Privilégio e alocações.

Banco Mundial detém toda a riqueza e propriedade no planeta. Torna-se depositário de todas as riquezas, de todos os fundos e meios de produção – resumidamente, de toda a propriedade no mundo: «*...cette banque serait dépositaire de toutes les richesses, du fonds entier de production, de tous les instruments de travail, en un mot, de ce qui compose aujourd'hui la masse entière des propriétés individuelles*» [«*depository of all the riches... trustee of all instruments of production; in brief, of that which today composes the entire mass of individual properties*»].

Privilégio, usufruto e alocações. Tudo é baseado em privilégio. As pessoas e organizações que não sejam aceitáveis, para os novos senhores feudais, teriam a sua vida bastante dificultada. Ao mesmo tempo, os novos senhores feudais *não precisam de ter propriedade privada*. No novo mundo socializado, têm o usufruto de toda a outra propriedade, e isso basta. Um mundo de “alocações justas”, “fair shares”, em que cada um teria apenas a sua parte do bolo, e as pessoas realmente importantes têm a parte de gigante.

Harmonia – Ordem social rígida. «*Harmonia*». Sociedade trancada por uma ordem social rígida, um medievalismo tecnológico.

*«Septième Séance (March 11, 1829): Constitution de la Propriété – Organisation des Banques» [Seventh Session: The Constitution of Property and the Organization of the Banks]

Saint-Simon: Governo planetário, ou “Associação Universal”.

Um “feudalismo benevolente universal”. Os socialistas iniciais admitiram francamente que *«We have no doubt that our doctrine will dominate the future more completely than the beliefs of antiquity ever dominated their epoch and more completely than Catholicism dominated the Middle Ages. More powerful than its predecessors, its benevolent influence will extend to the whole world.»*

Em Saint-Simon, isto começa com uma Europa unida. Saint-Simon e um dos seus discípulos, Auguste Comte, exigiram a criação de uma Europa unida, com um parlamento europeu e um desenvolvimento conjunto de comunicações e transportes.

Parlamento europeu.

Rede conjunta de transportes e comunicações.

Interdependência: associação de TODA a Humanidade em TODAS as esferas da vida.

«The goal is Universal association which is to say, the association of all men on the entire surface of the globe in all spheres of their relationships» p. 58.

«The entire world is progressing toward unity of doctrine and action. This is our most general profession of faith. This is the direction which a philosophical examination of the past permits us to trace. Until the day when this great concept, born of the genius of our master, together with its general development, can become direct object of the endeavors of the human spirit, all previous social progress must be considered as preparatory, all attempts at organization as partial and successive initiation to the cult of unity and to the reign of order over the entire globe, the territorial possession of the great human family. However, when these preparatory labors, this provisional organization of families of castes, of races and of past nations are studied in the light of a new day, they will show evidence of the goal at which we are aiming and of the means by which to attain it» p. 71. [Saint Simon, passagens compiladas em 1829 pelos seus seguidores. In George G. Iggers, *The Doctrine of Saint Simon*]

Saint-Simon: Autoritarismo – Grande Líder – Parlamento cerimonial.

Oligarquia autoritária – Banqueiros, industrialistas e administradores, técnicos. Isto seria uma sociedade totalitária governada por banqueiros, industrialistas e administradores, e cientistas.

O “grande líder”, o “pai”, o “símbolo vivo”. Na doutrina de Saint-Simon, a ligação entre o povo e o estado era representada pelo líder, ‘o pai’, ‘o grande homem’, ‘o símbolo vivo’. O líder não seria escolhido por votos mas sim pelo reconhecimento espontâneo da sua grandeza pelas massas, representadas pelo estado e, enquanto possuía poder absoluto, agia em nome das massas e com a sua aprovação. Isto é Napoleão, Lenine, Hitler, Stalin, Mao.

Parlamento – Câmara cerimonial, sem poderes reais. Continuará a existir um parlamento, mas apenas para manter uma aparência de democracia. Na prática, o parlamento não teria quaisquer poderes reais. O Parlamento não era abolido, mas transformado de um convénio de debate para um corpo que ouviria peritos científicos e, como o Reichstag Nazi, o Soviète Supremo, ou qualquer Parlamento moderno nas últimas poucas décadas,... votaria a aprovação destas propostas técnicas.

Saint-Simon: Igreja-Sociedade (1) – Controlo cultural e de opinião.

Religião e cultura tradicionais são abolidas. Ou seja, controlo de todas as esferas de actividade cultural.

Controlo estrito de crenças autorizadas – “Igreja-Sociedade”, de técnicos e especialistas.

Autoritarismo técnico/profissional, sem espaço para divergência. Um sistema autoritário, governado por especialistas técnicos e profissionais, submissos a uma única versão das coisas, sem espaço para corpos separados, associações voluntárias, ou divergências de opinião.

“Fé” em dogmas técnico-políticos “objectivos”.

Uniformidade, consenso, harmonia – Diferenças de opinião são tabu. As diferenças de opinião são consideradas tabu e a ideia de partidos separados está completamente excluída.

Saint-Simon: Igreja-Sociedade (2) – Controlo científico.

Ciência substituída por dogma e autoritarismo.

Dogma autoritário, oligárquico, consensual. Crenças “objectivas”, aceites numa base de fé, que são originadas a partir de superiores e de consensos de grupo. *«le dogme et la science, ne seront plus divisés».*

Inexistência de inquérito científico independente. Não haveria espaço para inquérito científico, uma vez que desafiar a crença “objectiva” seria tabu.

A ciência e o desenvolvimento seriam mortos pelos seus próprios representantes.

Ciência autorizada: ciência de gestão de massas [súbditos feudais].

Termos ilusivos – “ciência”, “progresso”. Para legitimar deturpação reaccionária da actividade científica. Saint-Simon e os seus seguidores, como Comte, sempre gostaram de usar este género de termos, para camuflar a sua ideologia reaccionária, e de se auto-intitular como “progressistas”, “positivistas”, “científicos”, quando são o grupo mais autoritário e dogmático de todos.

ROUSSEAU – SAINT-SIMON – COMTE.

ROUSSEAU – Barbarização – Destruição da civilização – Contrato Social.

Bio. Hedonista. Um charlatão consumado, na vida pessoal e também no campo das ideias.

Festeja terramoto de Lisboa.

Bom selvagem, destruição da civilização.

Contrato Social. Fórmula para barbarizar e eventualmente destruir civilização.

Inspirado em Esparta.

Interdependência total – a Colmeia. Indivíduo é a peça na grande máquina.

Estado totalitário. “Vontade geral” é a vontade do Estado, autoridades sociais, e é inquestionável. Democracia só serviria para semi-deuses, nunca para homens. Múltiplas organizações e grupos, fundidos no Estado.

Indivíduo fundido no Estado. Atomizado e sem qualquer poder. “Forçado a ser livre”, sob contrato social – lavagem cerebral a larga escala. Liberdade é o que o estado define (tal como em Hegel).

Tarpley. Filosofia do Reino de Terror.

Jacobinos, Nazis, Soviéticos, etc. Rousseau é o pai inspirador de todos eles.

SAINT-SIMON – Sistema Geral Global.

Bio. Aristocrata especulador. Perturbações mentais recorrentes (como Comte).

Reaccionismo. Liberdade, democracia, constitucionalismo, burguesia. Liberdade científica e tecnológica, liberdade intelectual.

Saint-Simon e Comte elaboram reacção.

Alucinação com Carlos Magno.

Usar “elementos de crise” para trazer nova era orgânica.

Obter nova era unânime, com organização social total – Feudalismo global.

Eras orgânicas e críticas. Obter feudalismo orgânico final.

Feudalismo global.

Indústria limitada. Cartéis e monopólios multinacionais, globais.

Sistema geral de bancos. Interdependência, microgestão, organização total, alocação, privilégio.

Governo planetário, “Associação Universal”. Uniões regionais (UE) e uma união global.

Oligarquia autoritária.

Grande Líder.

Parlamento cerimonial.

Igreja-Sociedade.

Controlo cultural e de opinião.

Controlo científico.

SAINT-SIMON (2) – Saint-Simonianos.

Socialistas. Com lista e dados relevantes.

Envolvidos em negócios de monopólio, como bancos de Crédito Mobiliário.

SAINT-SIMON (3) – New Age.

Misticismo Saint-Simoniano.

Culto.

SAINT-SIMON (4) – Influência vital nos últimos 2 séculos.

Influência COMTE, MARX, MILL, LENIN, etc.

Socialismo e estado totalitário. Origina tiranias modernas.

Dialéctica direita-esquerda resolvida em Saint-Simon.

Globalização. Pai fundador da globalização. ONU, UE, FMI, BM, GATT, etc.

Vital conhecer Saint-Simon.

COMTE (1) – Educação.

Cultivar narcisicismo, emocionalidade. Tornar sentimentos mais importantes que acções e raciocínio.

Anti-intelectualismo, consensualidade, submissão.

Extinção gradual da leitura.

Ensino comunitário-corporativo.

COMTE (2) – Religião.

União religiosa mundial. Sociolatria – Grande Mãe e superstições. Classe sacerdotal.

“Dar coesão à submissão”.

Comunitarismo.

Monoteísmo eliminado como individualístico.

COMTE (3) – Política global positiva.

Globalização e Regionalização – Microestados.

Língua comum, religião comum.

Governo comum.

UE: Western Republic.

Micro-estados. Decomposição dos estados ocidentais em soviets. 500 estados para mundo inteiro.

Neomedievalismo. Fonte de inspiração é a Idade Média. Ordem católica e feudal.

Hiperhierarquização – Organização Oligárquica.

Patriciado. Banqueiros e industrialistas multinacionais.

Classe sacerdotal. Técnicos, assistentes sociais, intelectuais, polícia política.

Economia social – Duas classes. A economia do estado estático. Duas classes, Aristocracia e proletariado.

Extinção de Jornalismo e Literatura. “Informação objectiva”. Censura. Discurso vigiado e regulado.

Banir Igreja.

Banir Universidades e institutos científicos. Só fica ciência para controlo social.

Banir formas Parlamentares. “Ditadura Positiva”.

“Colocar anárquicos Americanos na linha”.

Acabar com Burguesia, classes médias.

Alienar Proletariado da Burguesia.

“Ordem e Progresso”.

Jacobinismo. Assume-se como um continuador de Danton.

MEDIEVALISMO.

FOURIER.

“Feudalismo libertou servos”.

HYNDMAN & SELIGMAN.

Hyndman. Idade Média, uma era de ouro, de conforto e de prosperidade. Sistema feudal era **livre e democrático**.

Seligman. Idílica para o trabalhador.

RUSSELL.

Orgulho cívico medieval.

ENCYCLOPEDIA OF SOCIAL REFORM.

Manual de referência. Durante décadas. William D.P. Bliss, um dos fundadores do Fabianismo americano.

Guildas. Até século XIX. Ultra-especialização. Mistérios.

Ultra-regulação. Monopólios e um complexo sistema de licenças.

Vida ordenada e hierárquica. Visão orgânica e mecânica da sociedade.

O exemplo de Nuremberga.

FABIAN ESSAYS.

Shaw.

“Era ordeira e justa”.

Sem Livre Competição, Liberdade, Igualdade.

Comunismo e desigualdade de condição.

Guildas.

Destruída pela Modernidade: Reforma, Liberdade, Revolução Industrial.

Webb.

Feudalismo desintegrado por independência, novos grupos religiosos, educação.

MORRIS – Medievalismo – Socialismo feudal global.

Indignado com representação burguesa da Idade Média.

Idade Média, esse rude charme.

Época difícil.

Mas com vida e progresso, arte, e outras coisas bonitas.

Medievais muito mais duros, sem medo de tortura e morte. E sem dúvida que os antepassados de Morris não-de ter infligido estes tratamentos a muita gente.

Trabalhadores actuais piores que na Idade Média.

Vida medieval seria perfeita...

Com melhor uso de recursos, incluindo RH.

Solução: Feudalismo comunista global.

Socialismo tem de ser global – Mundo organizado segundo modelo feudal... local ao global.

Sem parafernália de protecções e salvaguardas.

Autoridades planetárias organizam produção, impõem ordem.

Governo de pessoas por coerção directa.

FERRI – Nostalgia medieval – Rejeição de independência agrícola.

Nostalgia medieval.

Admite que mundo burguês ainda mal começou.

Sob burguesia, trabalhadores têm melhor existência física e moral, mas vivem pior.

Rejeição de independência agrícola.

MARLO & RODBERTUS.

Iniciadores do socialismo alemão. Aliás, Rodbertus lança as bases para a teoria de Marx.

Exigem retorno a Idade Média.

MARX & ENGELS – Era burguesa bastante pior que Idade Média.

Marx & Engels.

Crimes anti-medievais da burguesia. Burguesia devastou liberdades de guilda. Trabalhadores modernos em piores condições que servos feudais. Substitui tudo por valores de mercado. Existência de burguesia já não é compatível com sociedade.

Demasiada civilização, demasiada indústria, demasiado comércio.

Hierarquia feudal mais humana que burguesia.

Marx. Necessário obter emancipação de vitórias burguesas.

Marx. Indústria feudal corporativizada é **humana**.

Engels. Servos feudais tiveram meios de libertação de classe.

KAUTSKY – Comunismo-Individualismo-Comunismo.

Menus variados.

Idade Média. Entendimento entre exploradores e explorados. “Comunismo Cristão”.

Burguesia inaugura nova era de exploração.

Comunismo [Estado humano normal] → **Individualismo** [“Intervalo burguês”] → **Comunismo** [“Futuro brilhante”].

LUKÀCS.

Estabilidade e ordem social.

Cada qual sabe qual é o seu lugar.

SUDRE – Socialismo e apriorismo.

Socialismo revisto. De Platão a Thomas More a Proudhon.

Obstáculo despótico a progresso.

Socialismo significa regressão.

Despotismo, igualdade de degradação, promiscuidade, ignorância.

Progresso só é possível com liberdade e bons valores. Humanidade avança com liberdade, propriedade, igualdade de direitos, ciência, literatura e artes.

Todas as grandes revoluções alcançadas fora de socialismo.

Apriorismo. Absolutista. Imposição arrogante de teoria à realidade.

DAVIDSON – Socialismo é feudalismo.

Socialismo e feudalismo.

Feudalismo foi socialismo.

Socialismo aumenta “bossism”.

Dá poder imbatível aos líderes.

*Socialismo é **anti-democrático**, imposto a partir do **topo**.*

Nações tornam-se grandes com individualismo, propriedade privada.

LIPPMAN – Colectivismo: reaccionário e primitivista.

“Como amplamente demonstrado nos estados totalitários”.

Lippman era um ex-socialista.

WATSON – Raízes aristocráticas e reaccionárias do socialismo.

Socialismo é doutrina Tory e reaccionária.

Favorece ricos e privilegiados.

SOCIALISTAS SÉCULO XIX.

REVOLUÇÃO FRANCESA.

1789-1791. Fase Constitucional.

Ascensão Jacobina. Danton, Robespierre, Marat. Destruição de Constitucionalismo.
Apoio de gangs, bem como vários grupos de aristocratas e banqueiros.

Tentativas de alterar religião. Cultos da Razão e do Ser Supremo. Des-Cristianização.

Voltaire: “Believe absurdities, commit atrocities”.

Terror, Comité de Segurança Pública.

Saques aos camponeses.

Execuções e purgas em massa.

A criatura que come as próprias crias.

Militarização do país.

Directório. Governo oligárquico.

Bonaparte.

BABEUF.

Comissário feudal.

“Hidra aristocrática”.

Comunismo económico autoritário. Ou seja, medievalismo.

BUONARROTI – Rede de círculos.

Rede subversiva internacional. Círculos concêntricos, compartimentados.

Bakunin.

LEROUX – Socialismo romântico.

Institui o termo “socialismo”. Como tentativa de instalar romantismo político.

FOURIER – Ciência social e falange globalizada.

Bonapartista.

Falansteria/Comuna. Hierarquia e harmonia. Globalização.

“Ciência social”. Para gestão de massas.

*Artigo de **HORACE GREELEY**.*

BLANC.

Brigadas de trabalho. A escavar valas.

Cooperativas/guildas.

Mote comunista. “De cada um...”

BLANQUI – Revolução violenta, Ditadura transicional, Vanguarda.

Associado de Buonarroti. E membro da Carbonária.

Golpista reincidente.

Ditadura transicional [da Vanguarda].

Revolução violenta, destruição da burguesia.

Inspira...

Marx e os Comunistas.

Mussolini e os Fascistas.

PROUDHON.

Socialista “anarquista”. “What is government”.

Cooperativas.

Revolução pacífica.

Anti-capitalismo/Anto-burguesia.

Federação mundial. Descentralizada, anti-capitalista, apolítica, baseada em transacções e trocas.

BAKUNIN – Desmantelar e devastar.

“Libertar más paixões”.

Destruir estado e ordem pública.

Bancarrota económica.

Dissolução de todas as forças estatais.

Dissolução do sistema judicial e legal.

Dissolução do clero.

Colectivização, confiscação.

BAKUNIN – Comuna medieval, do local ao global.

Comuna anarquista → Comuna medieval.

*“Liberdade inclui **socialismo**”*.

Vida ultra-regulada, dominada por comités executivos.

Colectivização total.

“Abolir” Deus.

Indivíduo absolutamente livre para servir a comuna.

Indivíduos “anti-sociais” são livres para morrer à fome.

Indivíduo – Comuna – Região – Federação universal.

Revolução tem de ser global.

Ninguém pode sair do sistema libertário anarquista.

Belicismo anarquista, do local ao global. Liberdade é anarquismo, e quem não acredite nisso tem de ser “libertado”.

Guildas de monopólio globais.

Comércio e trocas feitas por monopólios globais.

CEOs, OMC, GATT, UE, são os reais seguidores de Bakunin.

BAKUNIN E NECHAEV – Sistema Jesuítico de Anéis, Círculos [Buonarroti em fundo].

Bakunin – Jogo dialéctico com Marx.

Objectivo final de tanto comunistas como anarquistas é “anarquia”.

Opõe-se a ditadura do proletariado. Evolução e revolução têm de ser espontâneos.

No entanto, há que haver uma “Ditadura Invisível”.

Bakunin – Ditadura Invisível. Coordena evolução e revolução. Trabalha de modo invisível nas massas.

Irmandade Florentina, Irmandade Internacional, Aliança Internacional. Bakunin estabelece três círculos principais [Buonarroti].

Bakunin – Métodos Jesuíticos. Violência, astúcia, dissimulação. Assimilar e subordinar outras organizações. Remover pessoas danosas à causa. Desmoralizar e destruir inimigo.

Fica frustrado com traições de Nechaev. Terrorismo psicológico, chantagem, dividir para reinar. Fascinação pelo sistema de Maquiavel e Loyola.

NECHAEV.

Destruição social universal e impiedosa. Infiltração da sociedade e da vida de pessoas, para destruir.

Anel compartimentalizado, com iniciações. Idiotas úteis, fanáticos, pessoas chantageadas, pessoas recrutadas sob falso pretexto. Maior parte dos grupos são eliminados após a revolução.

BENTHAM – Panopticon e “utilidade racional”.

Anti-humanitarismo. Bentham tinha um notório ódio pelos pobres.

Utilidade racional. “Certo” e “errado” são decididos por uma elite com base em critérios arbitrários, pelo que é considerado “bem comum”.

Panopticon, transparência total. Está praticamente aqui e as pessoas subscrevem-no de boa vontade, a pensar que é para sua libertação – **não é** para sua libertação.

RUSKIN – Educação rosicruciana e Comunas.

Comunas Lebensreform.

Educação minimalista.

Comportamento, obediência.

Treino profissional de guilda.

Iliteracia (aritmética, leitura, escrita).

RUSKIN – Red Tory.

Bio.

Leitor diário de Platão.

Mentor de Cecil Rhodes.

Medievalista – Red Tory.

Hierarquia, “valores salutareis”, aristocracia, liderança.

“Iliberal violento”.

“Comunista da velha escola”.

Autoritarismo de estado.

Comunas. [Em “Educação rosicruciana”].

MARX & ENGELS.

MARX – Materialismo Histórico – Ciência dialéctica e manipulação humana.

Inexistência de verdade. Tudo é contextual, transitório, material. Incluindo esta afirmação de verdade, supõe-se [oxímoro].

Ser humano é pedaço maleável de carne – contextualmente determinado. Consciência humana muda com condições materiais e sociais. Vida dessacralizada, meramente material e contextual. Mudar o homem → mude-se o ambiente.

CANDYMAN: criar “necessidades naturais”. Estimular consciência sensual e dependência material. Isto favorece controlo.

MARX – Alienação do proletariado – Anti-burguesia, classe média.

Anti-melhorismo.

Classe média. Reaccionária. “O burguês tem de ser tornado impossível”.

Futuro é consolidação e massificação.

MARX – Alienação do proletariado – Guerra de classes.

Recurso a preconceitos e mesquinheza. “O novo rico”, o “Judeu”.

Guerra de classes. Só existem classes, não existem pessoas.

Duas classes – a virtuosa e a odiosa.

“Sistema capitalista”. Burgueses conspiram com “sistema capitalista”.

Alienação do proletariado. Alienar proletariado de classes médias e torná-los forças de ataque “contra-reaccionárias”. Dividir para reinar.

Uma receita fútil, para dividir e destruir.

MARX – Alienação do proletariado – Manifesto comunista.

[Manifesto impossibilita ascensão proletária].

Abolição propriedade privada & direito de herança – Elevada taxação.

Exércitos industriais.

Comunas forçadas.

Centralização. Crédito, produção, transportes, comunicações.

Confiscações. Burguesia. Emigrantes e rebeldes [certamente uma piada marxiana].

MARX & ENGELS – Quatro fases – Colectivismo-Individualismo-Colectivismo.

Evolução social.

Fases.

Comunismo tribal/primitivo.

Sociedade antiga.

Feudalismo.

Capitalismo.

Fase final → Comunismo global tribal.

PLEKHANOV – Marxismo é Darwinismo social.

Explica evolução das sociedades.

MARX – Consolidação monopolista – “Evolução” de capitalismo para socialismo.

Competição livre → Monopólio [centralização, standardização] → Ditadura do proletariado → Utopia Social.

[NOTA: olvida sistema fraccional]

MARX – Consolidação monopolista – Mercado global para comunismo global.

Globalização produtiva e comercial → Comunismo global.

ENGELS – Consolidação monopolista – Burguesia usada para construir nova era.

Burguesia é essencial.

Alcança coisas que sociedade gentia comunista nunca conseguiria.

Está a construir nova era.

Após o que será derrubada.

MARX – Consolidação monopolista – Selecção de classes e povos “atrasados”.

Selecção de classes e raças. Classes e raças atrasadas têm de desaparecer. Darwinismo social.

Consolidação monopolista.

Quebra da população rural.

Industrialização forçada, centralização.

Urbanização forçada.

Consolidação monopolista → Monopólio → Revolução.

MARX & ENGELS – Selecção, avanço e eliminação de povos e classes.

Raças e classes evolutivas. Germânicos, Anglos, Húngaros – e as classes certas.

Estandarização, monocultura, centralização, desenvolvimento. Engels, entre o Império Britânico e a URSS.

Engels, sobre povos atrasados e reaccionários.

América, México.

Povos reaccionários recusam-se a “evoluir”, ser “assimilados”.

Escoceses, Galeses, Bretões, Bascos, Crioulos, Eslavos húngaros.

Superioridade Alemã, Polaca, e Magiar. “Nacionalidades moribundas” deviam aceitar superioridade civilizacional germânica.

Usar terror, ódio étnico, assimilação – Guerra mundial.

Usar frente unida Germânica contra Russos, Checos e Croatas [observação sobre Judeus Polacos].

Terror e aniquilação.

Próxima guerra mundial. “Tempestade revolucionária mundial”.

MARX – Transição – Tomada de poder gradual e democrática.

Gradualismo-Flexibilidade. I.e., diferentes características e velocidades para diferentes países.

Reorganizar estado – ditadura do proletariado. Torná-lo socialístico.

Alterar completamente sociedade.

MARX & ENGELS – Transição – Ditadura do proletariado.

Estado “burguês”. Máquina coerciva. Visa dominação de burguesia sobre resto da sociedade.

Ditadura do proletariado.

Temporária, transicional.

Maquinaria coerciva.

Socialização. Abolição da propriedade privada, socialização dos meios de produção.

Alteração radical da cultura (família, tradição).

MARX & ENGELS – Socialismo global – Desaparecimento do estado [Bentham].

Após ditadura do proletariado. Após liquidação da sociedade burguesa e reconversão da sociedade.

Vasta associação global.

Estado desvanece-se.

Administração de coisas e processos de produção.

Estado socialista sem coerção, como?

Ordem mantida sem necessidade de força → Felicidade geral → BENTHAM
[Panopticon; utilidade racional, “bem comum”]

ENGELS – Arianismo comunista – Comunismo primitivo.

Os germânicos arianos. Raças Teutónicas eram uma dotada sociedade tribal ariana. Organizaram e rejuvenesceram Europa.

Comunismo primitivo das gentes. Propriedade comum de terras. Matriarcalismo. Festivais e templos comuns, adoração da Natureza. Fratria e assembleias legislativas.

De comunismo primitivo à “exploração capitalista”. Com dissolução tribal, começa diferenciação antagonística de classes.

Voltar a este comunismo primitivo.

ENGELS & MORGAN – Aldeia global tribal [Lenin].

Desmantelar civilização capitalista.

Aldeia global tribal. Comunismo tribal. Igualdade, liberdade, fraternidade das *gentes*.

Lenin. “Origin of the Family” é fundamental.

ABOLIÇÃO DA FAMÍLIA.

ABOLIÇÃO DA FAMÍLIA – Marx, Kautsky.

Socialismo exige abolição da família. Só podia ficar bom amor social/proletário, regulado por painéis de gestores e de inspetores sociais.

Kautsky. Rejeição do casamento. Partilha de mulheres.

Marx. Família é instância da produção burguesa. Uso comum de mulheres.

VANGUARDA – PROLETARIADO – LUMPENPROLETARIAT.

MARX – Proletariado e Lumpenproletariat.

Proletariado. Virtuoso e informado, a classe digna.

Lumpenproletariat. Classe perigosa, subornável, para intriga revolucionária.

KAUTSKY – Proletariado e Lumpenproletariat.

Vanguarda. Vanguarda intelectual guia operários.

Massa dos trabalhadores.

Lumpenproletariat. Fardo desnecessário. Vivem por caridade ou roubo. São mercenários para o sistema repressivo, a troca de pão e circo.

LENIN – Vanguarda e Ditadura.

Aristocracia socialista. É a intelligentsia socialista revolucionária burguesa.

Vanguarda tem de educar proletários (1902). Dar-lhes consciência de classe, uma vez que operários costumam limitar-se a sindicalismo.

Lidera e conduz povo para amanhã cantantes (1917/20). A ditadura do proletariado é a ditadura da vanguarda.

Povo subordina-se a vanguarda (1917). A vanguarda são os gestores, capatazes, e comissários. Administram e esperam subordinação. Têm autoridade total na sociedade e no trabalho.

GB SHAW – Vanguarda – Bolcheviques são Tories.

Vanguarda, minoria energética que lidera público ignorante.

Bolcheviques são tories, herdeiros de Ruskin. Elitistas e anti-democráticos. Oligárquicos. Forçam mudanças e fuzilam opositores.

RUSSELL – Vanguarda na URSS.

“Proletariado” é a porção consciente do proletariado. Os restantes são os lacaios da burguesia.

LENIN, STALIN, COMINTERN: Ditadura do proletariado – Socialismo Global – Desaparecimento do estado.

LENIN (1917) – Ditadura do Proletariado.

Estado transicional.

Aparato/máquina especial de supressão burguesa. Organização centralizada de força e violência. Esmagar burguesia. Supressão vai ser um processo rápido.

Organizar economia socialista.

LENIN (1917) – Desaparecimento do estado – Multidão em fúria.

[MEDIEVALISMO] Correção de “maus” indivíduos por multidão armada.

Pessoas vão respeitar regras de senso comum.

STALIN (30s) – Socialismo vitorioso na URSS [Desaparecimento do estado].

Produção socialista, aniquilação da pequena-burguesia. Empreendimentos gigantes. Eliminação dos kulaks, insignificância dos pequenos produtores.

Sociedade soviética alcançou socialismo. Pode agora avançar para comunismo [desaparecimento do estado].

STALIN (30s) – Desaparecimento do estado – URSS.

“Is it not time to throw away this rubbish of a state?”

Ainda não – “ameaças externas”. Espiões, sabotadores, assassinos [talvez dentro de caixotes GE]

COMMINTERN (30s) – Ditadura do Proletariado.

Faz período de transição.

Violência e supressão sócio-económica. Destruir estado burguês. Suprimir burgueses e pequeno-burgueses (camponeses).

Novo homem. Reeducar população, eliminar gradualmente as classes.

COMMINTERN (30s) – Ditadura do Proletariado (2) – Estado soviético.

Estado soviético. Um novo tipo de estado.

“Democracia mais elevada”. [A ditadura do proletariado]

LENIN, STALIN, COMMINTERN - Socialismo global - Desaparecimento do estado.

LENIN & STALIN. Socialismo global necessário para desaparecimento do estado.

COMMINTERN.

Socialismo global [ditadura global] necessário para desaparecimento do estado.

Período prolongado de construção da economia socialista mundial.

Federalismo – Regionalismo. União Mundial das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

FABIANISMO.

KAUTSKY – Plano de Acção Social-Democrático 1919.

Transformação gradual de democracia em socialismo.

Internacionalismo. Liga dos Povos.

Sovietização do território. Organização do território segundo regiões administrativas, comunalização urbana.

Transição gradual.

Toleração temporária de classe média e capitalismo.

Política fiscal progressiva.

Trabalho. Fim de greve e luta sindical. Regulação laboral apertada. Agência central de emprego.

[Centralização monopolista].

Concentração de produção e propriedade – indústria. Federar, nacionalizar, fascizar. Fechar fábricas “supérfluas”.

Concentração de produção e propriedade – Florestas, minas. Socialização e concessões.

Concentração de produção e propriedade – Agricultura. Socialização agrária gradual – acabar com pequena e média produção.

KAUTSKY – Dialéctica.

Adaptação gradual dos órgãos ao ambiente. Progressiva. Quanto mais difícil e variado o ambiente, tanto mais elevadas as formas.

Luta e choque como factor de progresso dialéctico. **Darwin** [luta pela existência] e **Marx** [luta de classes].

KAUTSKY – Dialéctica – Gerar necessidades [ex., erotismo].

Gerar necessidades → Problema → Oferecer solução, pela alteração do ambiente.

FABIAN ESSAYS – Transição social-democrática – Economia, sociedade.

Centralização monopolista [Besant].

Economia social-democrática [Shaw].

Usar gradualismo.

Centralizar e estatizar.

Destruição lenta e estagnativa da economia de classe média.

Salário mínimo mantém equilíbrio relativo e guia transição.

Transição política [Bland].

Processo gradual.

“Lutar contra isto é lutar contra potestades económicas”.

Impor ditadura, sem aparência democrática.

Comunas regionais [Besant].

FABIAN ESSAYS – Consolidação monopolista – Trabalho.

[Besant].

Destruição económica da classe média.

Conselhos e federações superintendem ramos da indústria.

Autoritarismo laboral.

Dois empregos por dia.

Exércitos industriais.

Alocação nacional de RH.

Quintas e comunas estatais.

Gestores e capatazes.

FABIAN ESSAYS – Família.

Wallas. Deplora “vida egoísta” em lares privados, e quer acesso.

Besant. Refeitórios públicos.

FABIAN ESSAYS – Controlo de opinião pública.

Shaw. Estandardização de opinião pública para controlar população.

Wallas. Ultrapassar “anarquia de opinião”, controlar edições, comunitariamente.

Besant. Imprensa controlada pela comuna.

FABIAN ESSAYS – Indivíduo, uma peça na máquina social.

[Sidney Webb].

Socializar, ajustar.

Abdicar de responsabilidade individual.

RUSSELL – Bloco asiático comunista (1922).

Dominado pela URSS.

GB SHAW – História, programa e tácticas da Sociedade Fabiana.

Colectivização socialista. Propriedade privada é anátema, sob Socialismo. Toda a propriedade privada é colectivizada. Redistribuição de riqueza.

Origens e estratos sociais fabianos.

Calculismo, permeação, manipulação.

E cooptação/infiltração de todos os outros corpos.

Infiltração do Partido Liberal.

Fabianismo domina Socialismo Europeu.

Alemanha, Bélgica, França, Itália.

[E também Australásia].

I Guerra. Maravilhosa para Fabianos.

Estatiza produção.

Salva bancos.

Taxação sem precedente.

Liga das Nações. Fabianos instrumentais para fundação.

RUSSELL – Webbs.

“To bamboozle or terrorize the populace”.

HG WELLS (1932) – Liberal Fascisti.

“A greater Communist party”.

Fascistas liberais, Nazis iluminados.

Resposta ocidental à Rússia.

Para planeamento científico do mundo.

[E não é isso que existe hoje em dia, com as várias mesas redondas e agências globais?]

HG WELLS (1940) – “The new world order”.

“Sistema capitalista nunca existiu”.

Desconfirma dogma marxiano.

Exige Sistema Global Socialista.

Individualismo e empreendimento livre, a doença do mundo.

Movimento para ordem mundial, hidra de muitas cabeças.

Socialismo global: Revolução mais profunda que Russa.

Revolução política e social.

“Outright world socialism” – Necessário fazer estandardização global no pós-guerra.

Reformas e vastas quantidades de propaganda.

*Controlo da vida **económica** e **biológica** da Humanidade.*

UK e USA – Reforma gradual.

Tecnocracia e “All-Party National Governments”.

“Countless people will hate the new world”. Neste ponto, é útil lembrar que Wells disse que as **forças policiais** socialistas estão empacotadas de criminosos.

PROCESSO DIALÉCTICO.

GHENT – Dialéctica Fabiana.

Sociedades evoluem, complexificam-se.

Acelerar, facilitar transições.

*Exercer **selecção** consciente.*

SPIRKIN – Dialéctica Evolutiva.

Evolução e revolução.

“Salto na revolução social”.

Salto evolutivo. Com fases intermédias, combinando novos e velhos elementos.

Salto revolucionário. Reorganização plena de uma única vez.

IMPERIALISMO, MONOPÓLIO E SOCIALISMO GLOBAL.

GB SHAW – Commonwealth Socialista – Milner – Educar os nativos.

Império tem de ser convertido em Commonwealth socialista.

Nativos têm de ser educados e protegidos despoticamente.

Federação do mundo. Até se tornar realidade, impérios europeus têm de ser substitutos temporários.

GB SHAW – Sociedade Fabiana apoia Guerra Boer, Commonwealth.

Fingem agravos com Cecil Rhodes. “Um capitalista irresponsável”.

Commonwealth socialista – não capitalista. A “superstição” da propriedade privada tem de desaparecer.

II Internacional – Pró-imperialista.

Socialismo exige standardização imperial. Impérios europeus são o veículo para que tal aconteça.

Objectivo final – Federação mundial. O maior império de todos.

KAUTSKY – Ultra-imperialismo.

Ultra-imperialismo e Liga dos Povos. “Para paz mundial”.

Controlo por alta finança. Cartéis financeiros imperiais.

HOBSON – Imperialismo e Alta Finança – Federalismo Global e Regional.

Impérios europeus, dominados por alta finança.

“The theory and practice of competing empires”. Impérios como franchises competidoras.

Combates coloniais – Tropas nativas. I.e., toda a gente é usada.

Inter-imperialismo – Federalismo global e regional. “Paz mundial”. Blocos regionais, imperiais.

HOBSON – Narrativa imperialista – “Eficiência social”; Argumentos marxistas.

“Eficiência social”. Bem como “missão civilizadora” e outros slogans. Dão origem aos slogans do século 20, para o 21.

Argumento socialista. Forçar nativos a adquirir **necessidades** civilizacionais. I.e., a tornarem-se progressistas.

[LENIN cita Hobson com prazer].

IMPERIALISMO, MONOPÓLIO E SOCIALISMO GLOBAL – LENIN.

LENIN (1913) – Rejeição de estado-nação e de constitucionalismo.

LENIN (1913) – Consolidação monopolista – Socialismo global.

Estado central “burguês” – Estandarização e monopolismo.

Altera vida social.

Gera produção e desenvolvimento, com monopólios.

Proletariado e burguesia derrubam tradições e particularismos locais.

Internacionalismo, assimilação.

Assimilação de nações – derrubar distinções nacionais.

Capitalismo de monopólio substitui campesinato com proletariado móvel – a força de trabalho internacional, móvel.

Monopólio → Socialismo global.

Capitalismo global abre portas a socialismo global.

Logo, socialistas têm de defender monopólios.

LENIN (1916) – Imperialismo e monopólio – Socialismo global.

Imperialismo é capitalismo de monopólio.

“Marcha imperialista”. A partir de agora só haverá redivisões de território [A URSS participaria nestas redivisões, em sítio como África, Índia, América do Sul].

Utilidade histórica.

Estandardização e socialização do mundo. Centralização e socialização de tudo, incluindo força de trabalho.

Economia mundial e um único monopólio mundial.

Ordem sócio-económica mais elevada → SOCIALISMO GLOBAL.

Sistema geral de Saint-Simon.

LENIN (1916) – Natureza do monopólio (1) – Estagnação.

Capitalismo livre gera bens/ inovação.

Monopólio gera estagnação.

Circular valores, congelar inovação.

Restringir produção.

Controlo estático do mercado.

Lenin, o maior advogado do mercado livre.

LENIN (1916) – Natureza do monopólio (2) – Destrói capitalismo.

Destrói capitalismo.

Erradica competição e livre produção de bens.

Destrói pequena indústria.

Concentra produção e capital.

Monopólio é o oposto exacto de capitalismo.

HILFERDING (CIT. LENIN, 1916) – Alienação do proletariado – Monopólios.

Capitalismo de monopólio é progressista.

Proletariado tem de opôr-se a competição livre. E a hostilidade para com o Estado e com os monopólios.

SCHULZE-GAEVERNITZ (CIT. LENIN, 1916) – Marx e Saint-Simon concretizados pelos bancos.

SOCIALISMO EUA – 1850-1940.

CHURCHMAN & WRIGHT (séc. XIX) – Consolidação monopolista – Colectivismo.

Churchman.

Transição gradual e progressiva para colectivismo.

Permeação.

Transição vai ser quase imperceptível.

Wright.

Capitalismo de monopólio traz socialismo.

Cartel destrói competição.

Capitalistas assumem que socialismo é o resultado.

THEO ROOSEVELT (1901) – Unitarismo Socialista-Fascista.

Unidade de propósito e acção – comunitarismo.

Usar leis para implementar “agir em combinação”.

GHENT – “Our Benevolent Feudalism”.

[Ghent, importante socialista americano, com raízes aristocráticas europeias].

[O novo feudalismo, capital-socialista].

“Competição está morta”. Quem quiser viver, terá de fazer as pazes com os oligarcas.

Melhorismo relativo. Com “fair shares” e pão e circo, para as crianças que “merecem”. As que “não merecem” são colocadas em listas negras, ou eliminadas.

Evolução orgânica para feudalismo. Transição subtil de papéis “actuais” para papéis feudais.

Castas laborais e sociais. A nova villeinage é assalariada, os novos barões são banqueiros e industrialistas.

O feudo de eleição, a cidade.

Governo, tribunais, forças armadas, são propriedade feudal.

Ciências sociais e relações públicas. Gerir percepções e opinião pública.

“Paz, segurança, estabilidade”.

JACK LONDON – “The Iron Heel”.

[O novo feudalismo, capital-socialista].

Fidelidade inter-oligárquica. Disciplinou-se a si mesma, aristocraticamente, e vê-se a si mesma como domadora de animais selvagens.

Castas profissionais. Várias, com cidades especializadas.

Castas de mercenários. Uma raça aparte.

Hordes de agentes secretos e polícia política.

Povo do Abismo.

HOWE (1906) – “Confessions of a Monopolist”.

A natureza corrupta do monopólio.

BARUCH – Declara Socialismo, 1918.

SOCIALISMO EUA – ECONOMIA GLOBAL (20s).

WZ FOSTER – Economia global – Globalismo e Regionalismo.

Economia global.

Planeamento económico global.

Ausência de barreiras tarifárias.

Globalismo e regionalismo.

União Soviética Mundial.

Unões continentais.

NEARING (1922) – Economia global (1).

Globalização tem de ser económica.

Autoridades económicas mundiais. OMC, GATT, FMI, BM.

SDRs. “New economic order”.

Crédito social comunitário.

NEARING (1922) – Economia global (2) – Medievalismo.

O medievalismo de Nearing.

Guildas globais, para a economia global.

Comunitarismo, do local ao global.

NEARING (1922) – Transição Saint-Simoniana – Engenharia social.

Revolução Industrial é fase de transição. Para nova, “melhor” ordem social global.

Nova ordem, construída por elite de engenheiros.

Engenharia social – Corpo social.

Ajustar indivíduo a “Organismo Social”.

Gerir crenças e percepções.

NRA, NEW DEAL.

STUART CHASE (1932) – “A New Deal”.

É premiado por este livro com uma posição na Administração de FDR. A ajudar a implementar o... New Deal.

Mais tarde, UNESCO.

“A Better Economic Order”. “...is worth a little bloodshed”. “Red revolution...constructive”.

Uma nova religião, materialística. As pessoas vão substituir consciência individual por consciência social.

“Why should the Russians have all the fun?”

WALL STREET REDS.

QUIGLEY – Wall Street Reds.

Do IPR a Wall Street à City of London. A Direita ataca Wall Street, quando pensa estar a atacar os Comunistas.

O exemplo de Jerome Greene.

ENTENTE ARISTOCRÁTICA NA VIRAGEM DO SÉCULO.

NIETZSCHE – “O anticristo global” (1).

Übermann: amoral e totalitário.

Proclama-se a si mesmo deus.

Arrogância, ódio, crueldade, astúcia, injustiça, falsidade, exploração.

O poder é a nutrição do psicopata de elite. Toda a acção é subordinada à obtenção de mais poder.

“Como poderia eu tolerar não ser deus!”.

Transvalorização dos valores.

NIETZSCHE – “O anticristo global” (2).

Ódio a burguesia. E a desenvolvimento económico.

Governo mundial socialista, totalitário, mecânico.

Maquinaria colectiva.

Dominada por Aristocracia de sociopatas.

Era de guerra e genocídio.

Aristocracia global.

De sociopatas e genocidas.

Classe internacionalista criminosa.

“The Lords of the Earth”, provindos da Europa.

Artistas sobre o próprio ser humano – Engenharia sócio-biológica.

CROWLEY – Os “Perfeitos” e a era da Serpente.

Um homem bastante importante no seu tempo. Acesso a governos, altas instâncias europeias. Serviços secretos britânicos. Montou vários grupos bastante importantes, ainda hoje ou, especialmente, hoje.

Classe dominante, era da serpente.

Anti-Cristianismo.

Darwinismo social, nihilismo.

MAQUIAVEL.

MAQUIAVEL – A religião do poder.

Amoralidade. Poder é o único propósito.

Propaganda, fraude, dissimulação.

Manter sempre aparência de virtude.

ENRICO FERRI.

FERRI – Fascismo – Corpo Social/Global – Darwinismo Social.

Ferri – Bio – Fascismo.

Sociólogo, positivista.

Socialista.

Assume-se como Fascista. Expressa a continuidade lógica entre Socialismo e Fascismo.

Darwinismo social: Darwin – Spencer – Marx.

Evolução da Espécie – Corpo – Sociedade.

Do individual ao global.

Adaptação social e luta pela existência. Socialismo tem de manter luta pela existência, para separar trigo do joio.

Corpo Social.

Doenças. Burguesia, religião, ciência burguesa, liberdade individual.

Célula. Indivíduo serve para ser socializado e servir o “corpo social”.

Socialismo – Colectivismo progressivo.

Corpo Global-Espécie.

Internacionalismo – Federativismo.

Órgãos especializados.

FERRI – Processos de Transformação Social.

Evolução.

Revolução.

Revolta.

Violência terrorista.

- O exemplo do Cristal.

FERRI – Espiral.

A dialéctica evolucionária – **Seleccção** discriminativa.

Cada nova fase mantém bons elementos das fases anteriores e adiciona novos elementos.

Eliminação de partes patológicas.

Comunismo Primitivo.

Lei da retrogressão natural.

“Homem verde”.

Poliandria.

Espiral – Abraço da Serpente.

ALTIERO SPINELLI.

SPINELLI – Técnicas de Propaganda – Redes.

Explorar pontos comuns, pontos críticos.

Gerar círculos de simpatizantes vs círculos internos.

SPINELLI – Contesta guildas, luta de classes.

Guildas são entidades totalitárias. Aparato policial e totalitário, para regimentar massas sob lideranças autoritárias. Não podem ter poder legislativo.

Luta de classes – dividir para reinar. Sectariza proletariado. Trabalhadores ficam à mercê da reacção.

SOCIALISMO COMO RELIGIÃO.

SOCIALISMO COMO RELIGIÃO – Churchman, Consciência colectiva.

Socialismo é a religião. Doutrina, consciência colectiva.

Colectivismo é a praxis.

SOCIALISMO COMO RELIGIÃO – Fabianos.

Várias expressões semânticas.

URSS.

BAUER & KAUTSKY – URSS, Regime obscurantista.

Bauer.

Despotismo. Pior que Czarista, estado policial absolutista.

Obscurantismo científico.

Kautsky.

Despotismo, comparável ao Nazi. Sociedade de castas. Espiões, carreiristas, informadores. Purgas.

Economia penitenciária. “Sacrifício”. Escravidão.

***Entente** com capitalistas de monopólio.*

ASCENSÃO DO FASCISMO EUROPEU.

KAUTSKY – Ascensão do Fascismo – Divisionismo comunista.

Divisionismo vermelho destrói democracia e movimentos operários.

Abre portas à reacção. Hitler e Mussolini têm muito a agradecer a comunistas.

KAUTSKY – Ascensão do Fascismo – Anti-Parlamentarismo.

“Melhorar imagem partindo o espelho”.

O resultado é Fascismo.

Socialismo: o particular da formação mental.

A peça na máquina, célula no organismo.

Socialismo é um sistema oligárquico. Visa a organização plena, total (totalitária) de toda a sociedade, sob o comando de uma oligarquia (aqui conhecida como vanguarda). O conceito de Socialismo surge com o “cercele” do Conde de Saint-Simon, no início do século 19, como uma tentativa de combater as reformas modernistas através da reedição aperfeiçoada do sistema compacto e organizado da era medieval (a inspiração de Saint-Simon para este exercício foi Carlos Magno e o seu sistema de integração de todos os domínios da vida no mesmo sistema feudal/imperial). Ao longo da história dos últimos 200 anos, Socialismo adquiriu várias formas. Algumas são nacionalistas, i.e., o sistema total é imposto ao nível nacional e depois exportado por conquista imperial: a isto, chamamos Fascismo ou Nacional-Socialismo. Outras formas são Internacional-Socialistas, visando a internacionalização/globalização do sistema totalitário. Muito poucas diferenças existem entre cada forma – o sistema, os métodos e os objectivos finais são os mesmos. Regra geral, a diferença essencial é que Socialistas de direita usa motivos nacionalistas/raciais, ao passo que Socialistas de esquerda falam de “irmandade universal”, “pontes de cooperação entre povos” e outras platitudes deste género.

Sob Socialismo, o indivíduo é convertido a *gostar* de ser a peça na máquina. A teoria Socialista, como explicada por Saint-Simon ou Karl Marx, começa por exigir a total conformidade do indivíduo ao aparato ideológico da comunidade, conforme definido pelos engenheiros sociais que gerem a máquina social. Mas mera conformidade não basta; é preciso conversão completa. O propósito é o de assegurar a regimentação psicológica da sociedade – não basta ter obediência ao sistema Social, é preciso *amá-lo*.

A peça-na-máquina é formatada durante toda a vida para a sua função na colmeia Social. A sociedade Socialista é a sociedade totalmente organizada: tudo é arrumado, catalogado, gerido, planeado em avanço [é isso que significa “socialismo científico”]. Isto inclui a própria composição cognitiva e conativa dos denizens. Cada denizen socialista tem de pensar da forma desejada, ver o mundo de forma adequada, albergar um conjunto desejável de crenças [hoje em dia, “memes”], e sentir de uma forma pré-concebida. Sob Socialismo [regimentação total da sociedade, seja sob socialismo de esquerda ou de direita – fascismo], o estado total assume o direito e o dever de regular opiniões, pensamentos, sentimentos. Todos os cidadãos têm de ter o *software* mental [encarado enquanto tal] adequado para funcionalismo na economia planeada estacionária. I.e., um engenheiro *pensará e sentirá* como é útil e pragmático que um engenheiro *pense e sinta*; e existem moldes de formação específicos para essas coisas. Daí o investimento em massa em formação, doutrinação, média, engenharia social que caracteriza qualquer sistema Socialista. Um sistema deste género pode não ter produção real, mas tem sempre inúmeros “especialistas educacionais e psicológicos” preparados a exercer funções de “formação”, “comissariado psicológico”, “reeducação”. O indivíduo é, portanto, formatado, catalogado, acompanhado, corrigido, para ajustamento sócio-económico adequado à sociedade Totalitária. Esse esforço é realizado durante toda a vida, do berço à cova, e hoje em dia, a Unesco chama a esse exercício “lifelong education” ou, noutras instâncias, e de modo mais apropriado, “lifelong training” – estamos a falar de “training”, algo que se faz com animais, e não de educação.

“Emancipação” marxiana, a conformidade compulsiva da comuna medieval. A tudo isto, Marx chamou “emancipação”: o conjunto de circunstâncias pelas quais o indivíduo é despidido da sua individualidade e coagido (o elemento de coerção social é essencial em Marx) a ser reeducado e “psicologicamente integrado” na Sociedade, o colectivo unitário Social. Com este truque retórico tipicamente dialéctico, Marx procura destruir e inverter a 180º o real significado de emancipação, i.e., o acto pelo qual o indivíduo se liberta de coerção socialmente imposta. “Emancipação” marxiana é apenas e somente o retorno à conformidade compulsiva da comuna medieval.

Formatação e engenharia social.

Funções de formatação e engenharia social. Por virtude do destaque que atribui à vida mental dos seus súbditos, o sistema Socialista investe em doutrinação de massa tanto como desinveste em produção real – a sociedade Socialista tem o mínimo exigido de fábricas, mas nunca lhe faltam “centros de formação”, “centros psicológicos”, “departamentos de educação”, i.e., centros especializados em forma(ta)ção, despersonalização, reeducação [lavagem cerebral]; bem como os exércitos de “especialistas sociais” que são necessários para operar essas funções.

Formação vs Educação. A sociedade Socialista não tem *educação*, per se, no real sentido de uma actividade que visa estimular o máximo desenvolvimento cognitivo individual para acção individual num mundo de expansão e possibilidades abertas. Tem *formação*, que é algo muito diferente, uma função que visa formatar o indivíduo para funcionalismo despersonalizante na economia planeada estacionária.

O “serás” de Socialismo.

Socialismo prescreve um “serás” normativo, mental e comportamental. Socialismo prescreve sempre um “serás”, algo que o indivíduo tem de “ser”. Isto inclui os pensamentos correctos, os sentimentos correctos, o discurso correcto, as acções normativas. Tudo no indivíduo tem de ser “correcto”, “alinhado” e “normativo”, sob Socialismo. Para isso, há que o lavar (mentalmente) de todas as crenças, valores, comportamentos, emoções, etc., que sejam “incorrectos”, “não-ortodoxos”, “excêntricos”. É um sistema muito vicioso, este.

Consensualidade, pobreza mental, apatia humana, ausência de carácter. Sob socialismo, o produto humano desejado reúne um conjunto de pré-requisitos. Consensualidade, num patamar comum de conformismo, homogeneidade, mediocridade, a todos os níveis: intelectual, emocional, moral, comportamental. Moralidade social; o sistema diz, salta e a pessoa salta. Ausência de independência intelectual; criatividade empobrecida. Pobreza mental genérica. Dissociatividade epistemológica: aquilo que é dito por fontes autorizadas é verdadeiro; aquilo que é dito por quaisquer outras fontes é relativo, no melhor dos casos, reportável à polícia, no pior. O *denizen* socialista deve ser desligado de outros seres humanos, atomizado no mundo; estabelece relações temporárias de utilidade e de auto-gratificação e nada mais. Ao mesmo tempo, é claro que tem de ser uma criatura colectiva, e fazer tudo em conjunto. Deve ter ausência de carácter e de personalidade própria; o tipo de criatura que venderia os próprios filhos em troca de mais-valias. Tais criaturas podem ser adquiridas e mantidas no bolso, são instrumentalizáveis.

Socialismo odeia e teme pessoas íntegras, honestas, inteligentes, limpas. Acima de tudo, o sistema socialista detesta, odeia e teme o ser humano que é limpo, íntegro e inteligente. Tal pessoa reconhece aquilo que o rodeia e, opõe-se-lhe. Sob socialismo todos têm de ser tornados igualmente sujos, obscurecidos, ignorantes, mesquinhos. A configuração favorecida sob Socialismo é, na prática, a manada de hienas.

A hiena. Hienas são criaturas medíocres, cobardes e sujas. Fazem tudo em conjunto mas, na verdade, não gostam umas das outras. São necrófagas e riem-se bastante. Este é o ambiente do Politburo, da II Internacional, da taberna comunal, do laboratório da grande concessão do Plano de Cinco Anos.

SOCIALISMO COMO RELIGIÃO – Semântica Fabiana.

Semântica Fabiana – “Socialismo é sagrado”, com “artigos de fé”, etc.

Na literatura fabiana...

Líderes socialistas tornam-se «evangelists», «divines», «prophets». Talvez, falsos profetas seja o termo adequado.

Uma crença política torna-se num «article of faith» e temos coisas como «the socialist faith».

A salvação é «social salvation».

O Socialismo é um imperativo sagrado. [«sacredly imperative»], diz-nos Bernard Shaw, nos Fabian Essays.

Moral e imoral são conceitos comunitários. Aquilo que é «moral» é aquilo que os líderes da comuna decidem que é bom; «immoral» é aquilo que decidem que é mau. É uma criação puramente humana, ou seja, em certos contextos pode ser correcto cometer assassinato ou roubos, e todo este género de coisas.

Socialismo de esquerda e fascismo – Pontos de divergência.

Sociocracia dá origem a socialismo e a fascismo.

Teorias socialistas são todo-o-terreno. Um bom exemplo disto é Proudhon. Ao longo da história, Proudhon foi citado como inspiração por grupos anarquistas, comunistas, social-democratas, e fascistas, e sem dúvida que as suas teorias são vagas e auto-contraditórias o suficiente para se adequarem a todos estes movimentos.

Etnicismo vs internacionalismo.

→ **Internacional-socialistas.** À esquerda, temos os hegelianos de esquerda, promotores do socialismo científico – figuras como Marx e Engels. Estes viriam a dar origem ao comunismo e ao socialismo, e que vão tentar criar o estado mundial hegeliano numa perspectiva internacionalista.

→ **Nacional-socialistas.** À direita, encontramos os Hegelianos de direita, nacionalistas extremos, como os militaristas prussianos, pessoas como o Barão von Bismarck, que dão origem à unificação da Alemanha e à ascensão de Hitler. Estes viriam a dar origem ao fascismo. Os hegelianos de direita realçam a onipotência do estado e de castas nacionais e raciais específicas.

Abordagem a indústrias-chave – Propriedade vs controlo e gestão. Indústrias-chave: caminhos-de-ferro, comunicações, utilidades, banca, etc. Sob socialismo, o estado é proprietário de indústrias-chave. Sob Fascismo, o estado controla estas indústrias, através de quadros regulatórios.

Abordagem sócio-económica geral.

→ **Fascismo – controlo público-privado da economia.**

→ **Socialismo – Estagismo.** Onde existe a fase fascista, mas o objectivo é a fusão final de todos os agentes económicos numa única unidade megalítica, o estado global total.

Disputas dialécticas entre facções socialistas.

→ **Ex., nazis vs comunistas.** Os Nazis eram apenas uma facção de hegelianos, socialistas, a lutar por ascendente contra uma outra facção, os Comunistas, que também estava a competir pelo poder na altura.

→ **Hitler e Mussolini tornam-se concorrentes de socialistas e comunistas.** Competem com socialistas fabianos e comunistas russos. Pelo controlo do mundo ocidental. Disputas eram essencialmente tácticas e pseudo-ideológicas.

Socialismo – A Utopia estacionária – Singularidade

Socialismo – A Utopia estacionária, de Saint-Simon à Singularidade transhumana.

Socialismo visa sociedade estacionária. A doutrina socialista visa dois propósitos essenciais. O primeiro é a construção de um sistema integrado unitário, pelo qual a sociedade seja congelada e tornada estática numa época específica. Chega ao sistema final integrado, congela nesse ponto e, a partir daí, é auto-gerido como uma máquina de moção perpétua. A Utopia é um sítio estático.

Isto exige a destruição da alma humana – “flexible cogs for the static beast machine”. Como Saint-Simon e Marx tornaram explícito, a conquista da mente individual é o segundo grande propósito do sistema socialista, sem o qual o primeiro não pode ser atingido. A Utopia socialista não é um sítio humano; a alma humana não foi feita para a morgue estacionária, mecânica, auto-gerida. Portanto, a alma humana tem de ser destruída e colocada de fora da equação. Tudo o que tem de ficar são seres pós-humanos, gelatinosos, funcionalmente incompetentes e mentalmente interdependentes, facilmente ajustáveis aos horrores existenciais da Utopia.

Socialismo aplica gestão científica de plantação a todos os novos escravos. Com estes propósitos em mente, os intelectuais socialistas trabalharam no desenvolvimento de sistemas de gestão colectiva e micro-gestão individual, passando por aspectos de desenvolvimento psicológico, psicossocial e cultural (como queremos que os denizens pensem, e o que queremos que tenham na cabeça), nutrição, dinâmicas sociais, e assim sucessivamente. Em muitos aspectos, este trabalho é uma continuação directa dos estudos de micro-gestão de escravos, levados a cabo nas plantações coloniais.

“Slavery is freedom”. Com efeito, a doutrina socialista surge como uma doutrina aristocrática, conduzida por sequazes como Saint-Simon, Comte, Hegel, Fichte e outros e é uma reacção anti-modernista, que visa reabilitar como “progressista” os modelos concomitantes do feudo medieval e da plantação colonial. Em essência, os novos servos vão ser colocados em comunas tão degradantes e autoritárias como eram os casos da comuna medieval ou da plantação/reserva colonial, mas têm de acreditar que é para o seu próprio avanço e “progresso”.

Todos os sistemas socialistas (da esquerda à direita) são reedições feudais. Os frutos disto são, claro, o facto de todos os sistemas socialistas terem sido reedições brutais do sistema feudal/colonial. Isto é válido quer estejamos a falar de Nacional-Socialismo (Fascismo) ou Internacional Socialismo. E, sob Internacional-Socialismo não podemos apenas incluir as versões Comunistas do sistema, mas também as versões Social-Democráticas, ou Fabianas, baseadas em mercantilismo multinacional.

A Utopia Social.

As características da Utopia Social. Consolidação, coerção, genocídio, autoritarismo, comunitarização, standardização populacional; estes são os frutos da Utopia. Aqui utiliza-se o exemplo da Utopia de esquerda que é bastante generalizável às restantes formas. Todas chegam ao mesmo formato final, com uma ou outra variação de pormenor.

Corporativização. Toda a sociedade trabalha em conjunto, sob integração coerciva; i.e. tudo está corporativizado. Tal como sob o sistema feudal, o exercício de qualquer tipo de trabalho ou função exige integração compulsiva na estrutura corporativa respectiva. Este sistema de feudalização do poder é avançado até ao extremo.

Exercício público-privado (feudal) do poder – domínio oligárquico. O conceito modernista de domínio público é usado como slogan e estendido a toda a sociedade. A realidade, porém, é bastante diferente. O “domínio público” é um grande bolo que é partido em múltiplas subdivisões feudais, inúmeros domínios privatizados de poder, detidos pelas cliques oligárquicas que gerem o regime, da comuna local até ao comité central federativo.

A comunidade Social é a reedição da comuna medieval e da plantação colonial. A unidade elementar da sociedade é a organização comunitária, como a comuna. Aí, os novos servos vivem tão mal como os seus antecessores do feudo medieval e da plantação colonial. São micro-geridos, abusados e dominados pelos novos capatazes.

A ausência de personalidade tem um premium. Tal como no sistema colonial, o servo oportunista com baixos escrúpulos pode tentar esfaquear e cortar gargantas no caminho para se tornar, ele próprio, capataz; e assim sucessivamente.

Só existem direitos colectivos, corporativos. A Constituição é uma formalidade, uma brincadeira dialéctica elaborada de tal forma a negar toda e qualquer noção de direitos individuais ou humanos. Sob socialismo, só existem direitos colectivos, comunitários, corporativos; tal como sob os regimes feudais.

Justiça de carácter medieval – o inimigo ubíquo e universal. A sofisticação da justiça é similar: os inquisidores partidários exercem o mesmo grau de honestidade intelectual e processual que os seus antecessores medievais. O “estado popular” é o estado mais anti-popular de todos. Destrói, desfaz, explora a graus nunca antes imagináveis ou concebíveis. Para manter o seu domínio de poder, institui o mais repressivo aparato policial de sempre. Esse aparato devota-se à caça constante de inimigos inventados: “burgueses”, “capitalistas”, “terroristas”, “sabotadores”. É inventado o mito de que existem sempre inúmeros “agentes estrangeiros” e/ou “sabotadores”, que atrasam e comprometem o desenvolvimento da grande colectividade.

Perseguições, purgas, genocídio. O resultado de tudo isto são purgas intermináveis, crueldade, genocídio. O retrato eloquente da URSS de 1941, humanamente destruída e militarmente

incompetente, porque a generalidade dos oficiais tinham sido purgados pelo regime. Os Nazis não fizeram o mesmo aos seus, mas cultivaram uma cultura de tal incompetência ao longo das chefias que, após a Blitzkrieg, só conseguiram arrastar-se de modo patético e essencialmente simbólico, protagonizar asneira após asneira no Leste e construir a muralha Atlântica, para corrigir o erro militar crasso de declarar guerra aos EUA.

A sociedade Social é um espaço quadrado, subdesenvolvido, auto-canibalizado. Na prática, a grande colectividade é um espaço de desenvolvimento estritamente controlado, incompetente, incapaz de inovação ou criatividade, dependente do influxo constante de ciência e tecnologia das “potências capitalistas”, auto-canibalizado pelo regime oligárquico totalitário. A filosofia do mundo limitado, ou quadrado, pela qual a realidade é vista, é imposta aos próprios processos sociais e define-os de um modo eloquentemente medíocre.

Singularidade (síntese humano/animal/mineral).

O propósito final de Socialismo é o Demiurgos humano, a Singularidade. A forma final da Utopia socialista, nunca até aqui alcançada, é, em essência, o Demiurgos humano, o sistema Único, no qual tudo e todos estão fundidos na mesma gigantesca framework sócio-política-económica-natural e, eventualmente, mental. Como Karl Kautsky disse, a Singularidade; ou, em linguagem mais pós-moderna, o Borg. A grande Cidade do Homem, fundida e integrada em Um.

Da revolução económica ao “mind meld” transhumano. Portanto, a revolução económica colectiviza todos os meios económicos e a revolução política colectiviza todos os processos de decisão, transformando a sociedade na Pólis. A revolução corporal, por sua vez, colectiviza o corpo. Essa revolução é apenas uma das dependências de uma revolução bastante mais lata, perpetrada através de múltiplos passos sequenciais, e essa é a revolução cultural (ou, “emancipação” cultural/mental marxiana). A revolução cultural colectiviza a mente. É um processo intergeracional muito lento. Hoje em dia, é essencialmente levada a cabo por meio das mais variadas formas de forma(ta)ção, levada a cabo através do sistema escolar, media, prompting cultural e assim sucessivamente. Eventualmente, a colectivização mental será alcançada por meio da Singularidade plena de Kautsky, aquela que funde os domínios mineral, animal e humano num só.

Denizen utópico será uma célula no Borg Singular, humano/animal/mineral. O denizen do futuro Singular será necessariamente uma expressão desta fusão. Terá sido geneticamente modificado e estará integrado com componentes minerais (silicone e outras). O seu funcionamento mental manterá resquícios humanos mas estará essencialmente centrado ao nível dos impulsos animais e dependerá de componentes minerais para estar ligado *online* a todo o restante *panopticon* mental/AI do Singular. A fusão (coerciva) entre todas as mentes será o novo Demiurgos. Este Demiurgos, se alguma vez for alcançado, será uma máquina de absorção e destruição que, pela sua própria natureza, se destruirá a si mesma. A sua natureza foi particularmente bem capturada

pela imagem conceptual do Borg: o cubo mineral, que age sob pressupostos animais, e é a própria negação da alma humana. Em essência, a pessoa reduzida a húmus, morto e enterrado.

SOCIALISMO – Reaccionismo e neofeudalismo.

Socialismo é nostalgismo neo-medieval.

Aristocratas exumam a sua própria múmia. Os aristocratas, na prática, limitaram a exumar a sua própria múmia, retocada e cosmetizada, para retornar a humanidade a uma tirania colectivista, e é assim que nasce o moderno socialismo “científico”.

Saint-Simon, Fourier e Marx procuram regresso à Idade Média. Estes homens, os principais originadores do socialismo, simplesmente procuraram obter um retorno à Idade Média.

Socialismo, um movimento nostálgico. Um apelo para voltar atrás no tempo, a um tempo de “estabilidade e harmonia social”, “vida em comunidade”.

Socialismo, uma relíquia pré-industrial.

Período pré-capitalista e medievalista.

Influência medieval ainda era onnipresente pela Europa. Isto foi um período durante o qual os benefícios do empreendimento privado e da livre competição mal tinham entrado em cena. A influência da Idade Média ainda era onnipresente, pela Europa fora.

“Industrialismo impele socialistas e progressistas”. Na larga generalidade dos casos, os manuais geram a impressão que as teorias socialísticas surgiram das condições resultantes da revolução industrial. As pessoas são levadas a acreditar que o socialismo é algo de novo e moderno, que evoluiu a partir dos presentes níveis técnicos de produção. Os socialistas asseveram que as suas teorias são progressivas, e que foram desenvolvidas como resultado da Revolução Industrial.

“Industrialismo que impele socialistas” ainda não existe. E, curiosamente, a suposta revolução industrial que é suposto ter impelido os primeiros socialistas a desenvolver os seus credos, não ocorreu em nenhum país até muito depois da proclamação destes credos.

Ossificação medieval – economia estacionária – subdesenvolvimento. A sociedade estava apenas a renascer de séculos de ossificação social e economia estacionária, e a vida diária ainda era caracterizada por transporte a cavalo, sanitação primitiva, agricultura atrasada e quase nenhuma medicina no sentido moderno.

→ **França.** Saint Simon e Charles Fourier promulgam as suas teorias 27 e 15 anos antes de a Revolução Industrial começar em França, em 1830.

→ ***Alemanha – exemplo típico de medievalismo.*** As principalidades alemãs, em particular, continuavam saturadas de motivos e costumes medievais. A Alemanha de Karl Marx estava a começar a desenvolver o embrião do moderno sistema de fábricas.

→ ***EUA.*** A revolução industrial nos EUA começou depois da Guerra Civil. A denúncia do capitalismo americano ocorreu 22 anos antes.

Fundamentos do socialismo definidos entre 1803 e 1848. Porém, todos os fundamentos básicos do socialismo foram desenvolvidos entre os anos 1803 e 1848. Na prática, os elementos socialísticos básicos foram delineados num período no qual a sociedade estava a livrar-se das correntes do medievalismo.

Fundadores do Socialismo só conheciam duas fases da ordem social.

→ ***A sociedade ossificada da Idade Média.***

→ ***O embrião de uma sociedade de classe média.*** Este é o período de gestação do sistema de empreendimento privado, com mercado livre e uma classe média empreendedora.

Aquilo que impele socialistas é, na prática, misantropia anti-burguesa.

Ataque a capitalismo de classe média.

Escolha de slogans: “capitalismo” em vez de “liberdade individual”. O que estava em causa era mesmo “liberdade individual”. Ou seja, em vez de encetar um ataque impopular, contra o indivíduo, o slogan usado foi “capitalismo”.

Capitalismo é um termo muito vago e lato.

→ Existe capitalismo feudalista – cartéis, monopólios, concessões. Capitalismo é uma entidade muito vaga. Existe capitalismo de cartel e monopólio, onde o proprietário tem poderes feudais. A generalidade destes aristocratas nostálgicos afluíram em massa para “capitalismo”, desde que pudessem usufruir de monopólios, cartéis, emissão fictícia de crédito, especulação com derivativos, e todo este tipo de coisas, que eram e são formas de feudalismo. Os problemas nunca foram com esse tipo de capitalismo; aliás, muitos aristocratas adoptaram este tipo de capitalismo para si mesmos.

→ Esse era incentivado, como prática imperial, continuação das guildas mercantis. Incentivado pelos Impérios europeus, como o Britânico, o Francês, ou o Prusso-Germânico.

→ O alvo era o capitalismo de classe média – um “atrevimento”. O alvo era com capitalismo de classe média, o mercado livre onde o homem e a mulher comum são livres de montar o seu próprio negócio e tornar-se independentes. Isso era atrevimento e despeito. Portanto, o alvo sempre foi esse tipo em particular de capitalismo, e a “burguesia” que gera.

→ Burguesia, termo insultuoso usado por nobreza contra classes médias. O termo “burguesia” foi adoptado a partir da nobreza, que usava a palavra como um termo insultuoso contra as classes médias. A aristocracia considerava que a burguesia tinha pouco tacto, cultura e refinamento.

→ Indignação snobista perante “atrevimentos liliputianos”. Ou seja, os socialistas não eram snobs apesar de serem socialistas; eram socialistas porque eram snobs. Ficavam horrorizados com a vulgaridade de ter os liliputianos a tomarem as suas próprias decisões, e a terem poder de compra, e de decisão. E atrevimento é o tema do capitalismo, porque pode dar poder aos vulgares.

→ “Liberdade individual é anarquia e auto-intitulação”. Era intolerável que antigos servos se emancipassem da sua servidão e comesçassem a tomar decisões individuais, sem pedir autorização ao senhor feudal ou ao mestre da guilda. Isso era um sinal de egoísmo e auto-intitulação.

→ “Lucros são roubo” – “Propriedade é roubo” – “Demasiada produção”. Queixas comuns destes socialistas feudais

PROF. HARBISON – Doutrina medieval sobre propriedade. *«It is essential to the understanding of utopian socialism to remember that when it first appeared in European history as a fairly consistent theory, it was very largely a reactionary protest against a new, 'progressive', and poorly understood economic movement, an appeal to turn the clock backward... Early modern socialism... was essentially a conservative critique of a new and strange individualism felt to be excessive... essentially good medieval doctrine on the ownership of property applied to and shaped by contemporary problems»* – Professor Harbison

Ataque a desenvolvimento e industrialização.

“Trabalhadores feudais tinham melhores e mais livres condições que proletários”. É levada adiante a ficção dos seus predecessores socialísticos de que o capitalismo tinha degradado os seres humanos de um nível previamente superior. Os propagandistas socialistas, como Marx, escreveram como se os patrões industriais tivessem pegado em pessoas com excelentes níveis de vida e os tivessem brutalizado através do processo de industrialização, o que é uma fraude histórica.

Industrialismo inicial era herdeiro do feudalismo.

→ Problemas industriais eram continuação de desumanização feudal. A pobreza, ignorância, sujidade e doença associados ao início da Revolução Industrial eram um produto directo da natureza pós-feudal da sociedade. Isto eram continuações do estilo de vida feudal, não algo de novo. O sistema industrial foi tanto um produto de miséria rural pré-existente como um produto de maus costumes de gestão. A maior parte da opressão,

da brutalidade, da avarice e do abuso de poder era meramente um desprezo feudalístico pelo valor da vida humana.

→ Primeiros industrialistas comportam-se como feudais. Quanto muito, o problema estava em que os primeiros industrialistas ainda se comportavam como senhores feudais.

Ataque a estado-nação, governo parlamentar e liberalismo político.

Parlamentarismo e liberalismo. Parlamentarismo é um fracasso, liberalismo é anarquia.

Estado-nação. Substituído por unidades imperiais.

Necessário gestão autoritária de estado. O governo parlamentar era um completo fracasso que deveria ser substituído de imediato por gestão de estado.

MARX – Ataca capitalismo enquanto este ainda mal existe.

Marx teoriza na primeira metade do século XIX. Marx desenvolve os seus teoremas em meados do século XIX, quando as forças do empreendimento privado e da iniciativa individual estavam ainda na sua infância.

Marx escreve e teoriza sob condições ainda feudais. Foi sob essas condições, ainda feudais, que Marx fez a acusação que o capitalismo já tinha perdido utilidade, e estava pronto para ser derrubado pela revolução. De alguma forma, Marx e Engels conseguiram proclamar a queda do capitalismo antes do seu real nascimento.

Revolução industrial alemã começa apenas cerca 1850. Marx delineou toda a superestrutura elementar das suas teorias no espaço de 26 meses, começando em 1844. Tinha 26 anos de idade. Passou 25 desses 26 anos na Alemanha, e o seu programa estava orientado para a situação alemã. A revolução industrial na Alemanha não começou até seis anos depois, com a formação do Império Alemão, sob liderança Prussiana (cerca 1850).

Marx representa Europa como plenamente industrializada. Quem leia o Manifesto Comunista, imagina que toda a sociedade europeia estava imersa em burguesia e indústria.

Declara sentença de morte da burguesia. «*The conditions of bourgeois society are too narrow to comprise the wealth created by them...The weapons with which the bourgeoisie felled feudalism to the ground are now turned against the bourgeoisie itself. But not only has the bourgeoisie forged the weapons that bring death to itself; it has also called into existence the men who are to wield those weapons—the modern working-class—the proletarians*».

Esta demagogia era direccionada a classes médias, não a indústria.

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels]

BAKUNIN – Ódio por capitalismo de classe média.

Bakunin, como bom aristocrata, odiava a ideia de capitalismo de classe média.

Classe média: corrupta, debochada e desonesta. «*The same goes for the bourgeois: this dear child of capital and idleness will waste his leisure in dishonesty, corruption, and debauchery, or serve as a brutal force to enslave the working class, who will eventually unleash against him a retribution even more horrible than that of 1793*»

“A escravidão durará até ao capitalismo ser derrubado”. «*This slavery will last until capitalism is overthrown by the collective action of the workers*» Mikhail Bakunin (1866). “Revolutionary Catechism”

Programa – Regionalismo e governo mundial [Babilónia, Roma].

→ Ideia imperial de “harmonia” monolítica (Babilónia, Roma). Num sentido lato, as características essenciais do socialismo – a escravização monolítica do povo abaixo – são tão antigas como os primeiros despotismos orientais, na aurora da história. Mas o progenitor da ideia de Estado Mundial, propriamente dito, é o velho e reaccionário Império Romano. Desde o início do movimento socialista que os mesmos ecoam um apelo nostálgico pelo retorno do Império Romano.

→ Inspiração “progressista”: autoritarismo, conquista militar, escravidão, circo. Uma ordem social baseada em autoritarismo, conquistas sangrentas e escravidão, onde espectáculos bárbaros com sacrifícios humanos é a inspiração original deste movimento supostamente progressista.

→ Programa esclerosado, bafiento e reaccionário. Estamos aqui a falar de um velho conceito imperial e autoritário, sob a máscara de propaganda moderna.

→ Na bagagem socialista há mais de 200 anos. A ideia de governo mundial é uma ideia antiga, um programa esclerosado e bafiento, carregado na bagagem socialista há mais de 200 anos. A cada geração sucessiva, os socialistas renovaram o seu apelo por um superestado global e reclamaram sempre que as condições “contemporâneas” tornavam o Estado Mundial imperativo.

Programa – Feudalismo industrial.

Monopólios, concessões, guildas mercantis. Reorganizar a produção sob um feudalismo paternalístico.

Economia controlada e estacionária. Trancar economia a níveis predefinidos.

Programa – Escravatura – “Voluntariado obrigatório”, “trabalho comunitário”.

Tema recorrente. Voluntariado obrigatório universal é um tema recorrente nesta literatura. De Clinton Roosevelt e Edward Bellamy, a William James e HG Wells.

William James – Dever e obrigação para com o Estado Global. William James, o psicólogo, queria “universal conscription” para o estado global. No seu livro “The Moral Equivalent of War”. Todos os cidadãos, homens ou mulheres, teriam um sentido pessoal de obrigação ao Estado Global (World State), e cumpririam funções desagradáveis durante um período de tempo, como forma de cumprirem o seu “papel social”.

HG Wells (1940) – Voluntariado obrigatório universal.

“...universal conscription for a certain period of the adult life”.

“...a multitude of necessary services, irksome tasks”.

Isto incluía as tarefas mais arriscadas, como experimentação e exploração.

«...universal conscription for a certain period of the adult life. The young will have to do so much service and take so much risk for the general welfare as the world commonwealth requires... a multitude of necessary services which by no sort of device can be made attractive as normal life-long occupations», como por exemplo, «irksome tasks as the prison warder’s, the asylum attendant’s; the care of the aged and infirm, nursing generally, health and sanitary services, a certain residuum of clerical routine, dangerous exploration and experiment» H.G. Wells (1940). The New World Order.

Programa – Engenharia humana.

Engenharia humana para criar “harmonia social”. O ser humano tem de ser mudado, alterado, adulterado, para se ajustar à ordem social totalitária.

Castas funcionais. Na utopia, todos têm um lugar fixo, na sociedade, determinado pelo grupo.

Predicados individuais reservados a intelligentsia. A ambição e a iniciativa pessoal não são bem vindas, a não ser que se seja uma pessoa especial, na classe superior de pessoas especiais.

Intelligentsia – Paternalista ou terrorista. Outro ângulo nisto é que são sempre exercícios de imposição de uma dada visão de como a sociedade deve ser, por uma auto-proclamada intelligentsia. É um tropismo que, quando este tipo de condições surgem, a intelligentsia vai ser, na melhor das hipóteses, paternalista e, na pior das hipóteses, terrorista.

Programa – Terrorismo de estado.

Uniformidade → engenharia humana → terror. Dado que tentam sempre criar uma sociedade uniforme, de uma maneira ou de outra, têm de mudar o ser humano, e isso implica sempre terror – seja para lidar com dissidentes, ou para impor conformidade na massa dos cidadãos.

Soft power – Censura, co-optação, “conversão social”. I.e., lavagem cerebral.

Hard power – Tortura, assassinatos, campos prisionais, genocídio. Os socialistas recomendavam abertamente o recurso a violência sangrenta para estabelecer e preservar a ditadura socialista, com campanhas de assassinatos, genocídio, campos, e todo este género de coisas.

COFFMAN – Utopia leva sempre a distopia.

coffman - utopia always ends up in dystopia (É sempre o mesmo, vai-se de Roma à URSS e à Alemanha Nazi, e há a ideia de que se vai criar a utopia para o indivíduo médio, e em todos os casos acontece sempre o exacto oposto)

SPINELLI – Contesta guildas, luta de classes.

Spinelli contesta corporativismo, guildas.

Spinelli contesta comunistas que querem salvar corporativismo.

Corporativismo foi essencial para Fascismo.

Câmaras corporativas são fraude para controlo policial sobre trabalhadores.

São órgãos para acumulação de poder e privilégio entre categorias com representação sindical mais forte.

Este tipo de organizações não podem ter poder legislativo.

Corporativismo só pode ser expresso concretamente em estado totalitário.

Serve para regimentar trabalhadores sob líderes autoritários.

«The house of cards that Fascism built with its corporativism will collapse together with the other aspects of the totalitarian State. There are those who hold that material for the new constitutional order can be salvaged from this wreck. We do not agree this. In totalitarian States, the corporative chambers are the crowning hoax of police control over the workers. Even if the corporative chambers were a sincere expression of the will of the various categories of producers, the representative bodies of the various professional categories could never be qualified to handle questions of general policy. In more specifically economic matters, they would become organs for the accumulation of power and privilege among the categories having stronger union representation. The unions will have broad collaboration functions with State organs which are appointed to resolve those problems directly related to these categories, but it is absolutely excluded that they will be given any legislative power, since this would create a kind of feudal anarchy in the economic life of the country, leading to a renewed political despotism... Many of those who ingenuously were attracted by the myth of corporativism, can and must be attracted by the task of renewing structures. But they must realise the absurdity of the solution they might vaguely desire. Corporativism can only be concretely expressed in the form given by totalitarian States: that is to regiment the workers beneath leaders who might controlled every movement in the interests of the ruling class»

Altiero Spinelli (1941). *Ventotene Manifesto*.

Spinelli – Luta de classes torna proletariado em força sectária.

O princípio da luta de classes, instrumento para isolar o proletariado.

Trabalhadores ficam trancados na sua própria classe, ou anseiam por ditadura proletária.

Portanto, deprivam outras forças progressistas de apoio.

E ficam à mercê da reacção inteligentemente organizada.

Isto torna trabalhadores em elemento sectário, enfraquecendo forças progressistas.

Forças reaccionárias têm oficiais capazes e treinados.

Já no passado, paralisaram, deflectiram e transformaram movimentos populares no seu oposto.

«The principle according to which the class struggle is the condition to which all political problems are reconducted... becomes an instrument to isolate the proletariat, when the need to transform the entire social organisation is imposed. The workers, educated in the class system, cannot see beyond the claims of their particular class, or even category, without worrying about how to connect these with the interests of other social strata. Or they aspire to a unilateral dictatorship of the proletariat in order to achieve the utopian collectivisation of all the material means of production, indicated by centuries of propaganda as the panacea for all evils. This policy attracts no other strata, but the workers, who thus deprive the other progressive forces of their support, or it leaves them at the mercy of the cleverly organised reaction so as to break up the worker's movement»

«This attitude makes the Communists, during revolutionary crises, more efficient than the democrats. But their maintaining the workers separate as much as they can from the other revolutionary forces – by preaching to them that their "real" revolution is yet to come – turns them into a sectarian element which, in decisive moments, weakens the sum of the progressive forces. The progressive front would be quickly shattered in the brawl between economic classes and categories. The most probable result is that the reactionaries would benefit more than anyone else»

«The reactionary forces have capable men and officers who have been trained to command and who will fight ruthlessly to preserve their supremacy. When circumstances are very hard, deceitfully they will show themselves as the lovers of liberty, of peace, of general wellbeing, of the poorer classes. Already in the past we have seen how they made use of popular movements, and they paralysed, deflected and transformed them into exactly the opposite of what they were. No doubt they will be the most dangerous forces to be faced»

Altiero Spinelli (1941). *Ventotene Manifesto*.

SPINELLI – Técnicas de propaganda – Redes.

Ponto de partida da propaganda: problemas sentidos como mais agudos.

Depois, mostrar como esses problemas estão relacionados com outros.

Daí, apresentar “soluções”.

É formado círculo de simpatizantes, mas só um grupo restrito é recrutado para actividades mais sérias.

Deste modo, é gerada uma rede sólida de trabalhadores.

«The revolutionary party knows that only at this point its real work will begin. It must therefore be made up of men who are in agreement on the basic future problems. Its methodical propaganda must penetrate everywhere there are people oppressed by the present regime; it must use as its starting point the problem which is the source of greatest suffering to individuals and classes and show how it is related to connected with other problems, and what the real solution might be. But from this gradually increasing circle of sympathisers, only those who have identified and accepted the European revolution as the principle purpose in their lives are to be recruited into the movement. Day by day, with discipline, the work must go on; its continuous and efficacious safety must be provided secretly, even in those most dangerously illegal situations. Thus the more solid network of workers will be set up to give consistency to the more fragile sphere of sympathizers»

Altiero Spinelli (1941). *Ventotene Manifesto*.

STALIN (1913) – Regionalismo, sovietismo.

Stalin favorece regionalismo.

Permite dividir para reinar – em vez de solidariedade nacional, caos cultural.

Este é, claro, o modelo do soviete.

“Regional autonomy is an essential element in the solution of the national question”.

“Each (region) is interspersed with national minorities”.

*«The advantage of regional autonomy consists, first of all, in the fact that it does not deal with a fiction bereft of territory, but with a definite population inhabiting a definite territory. Next, it does not divide people according to nations, it does not strengthen national barriers; on the contrary, it breaks down these barriers and unites the population in such a manner as to open the way for division of a different kind, division according to classes. Finally; it makes it possible to utilize the natural wealth of the region and to develop its productive forces in the best possible way without awaiting the decisions of a common centre – functions which are not inherent features of cultural-national autonomy. Thus, **regional autonomy is an essential element** in the solution of the national question.*

Of course, not one of the regions constitutes a compact, homogeneous nation, for each is interspersed with national minorities.

*To unite locally the workers of all nationalities of Russia into **single, integral** collective bodies, to unite these collective bodies into a **single** party – such is the task. It goes without saying that a party structure of this kind does not preclude, but on the contrary presumes, wide autonomy for the **regions** within the single integral party.*

*Thus we are confronted by two **fundamentally** different types of organization: the type based on international solidarity and the type based on the organizational "demarcation" of the workers according to nationalities»*

Joseph Stalin (1913), “Marxism and the National Question”.

STALIN – Assimilação.

“Ritos petrificados e relíquias psicológicas podem ser mudados ambientalmente”.

«But how can it be seriously maintained that petrified religious rites and fading psychological relics affect the "destiny" of these Jews more powerfully than the living social, economic and cultural environment that surrounds them? And it is only on this assumption that it is possible to speak of the Jews as a single nation at all»

Joseph V. Stalin (March-May, 1913). “Marxism and the National Question”.
Prosveshcheniye, 3-5.

STALIN – Desaparecimento do Estado – URSS.

Stalin: “Is it not time to throw out all this rubbish of a state?”

“Is it not time to throw out all this rubbish of a state?”.

“Socialism has been built in the main; we are advancing towards Communism”.

“Why then do we not help our Socialist state to die away?”.

«It is sometimes asked», diz Stalin, «We have abolished the exploiting classes; there are no longer any hostile classes in the country; there is nobody to suppress; hence there is no more need for the state; it must die away. Why then do we not help our socialist state to die away? Why do we not strive to put an end to it? Is it not time to throw out all this rubbish of a state? ...The exploiting classes have already been abolished in our country; Socialism has been built in the main; we are advancing towards Communism. Now, the Marxist doctrine of the state says that there is to be no state under Communism. Why then do we not help our socialist state to die away? Is it not time we relegated the state to the museum of antiquities?»

Stalin: “Estado não pode desaparecer devido a ameaças externas”.

Espiões, sabotadores, assassinos, enviados por potências capitalistas. O estado não podia ser desmantelado porque, diz Stalin, havia uma multidão de inimigos domésticos, ligados aos capitalistas de todo o mundo:

«...the enemies at home are not isolated individuals. They are connected in a thousand ways with the capitalists of all countries who support them by every means and in every way. We are a country surrounded by capitalist states. The internal enemies of our revolution are the agents of the capitalists of all countries». [cit. por Hans Kelsen]

E estas potências agressivas enviavam legiões de assassinos, espiões e sabotadores:

«...which send spies, assassins and wreckers into our country and are waiting for a favorable opportunity to attack it by armed force» – Joseph Stalin, Leninism: Selected Writings (1942). New York: International Publishers.

Talvez os sabotadores e assassinos viessem em carregamentos GE ou Ford.

STALIN – Regionalismo supra-étnico resolve a “national question”.

A base teórica dos soviets regionais. Stalin diz-nos que «*regional autonomy is an essential element in the solution of the national question*» [J. Stalin (1912), “Marxism and the National Question”]

Regionalismo supra-étnico para eliminar fidelidades nacionais. Stalin observou que a forma de eliminar fidelidades nacionais seria a de estabelecer entidades regionais vagas, supra-étnicas.

STALIN – Socialismo vitorioso na URSS. No seu relatório sobre o esboço de constituição para a URSS, Stalin caracterizou a situação em 1936 como se segue.

Capitalismo foi banido em prol de produção socialista.

Em vez de oceano de pequenas quintas, empreendimentos gigantes.

Os kulaks foram eliminados, os pequenos agricultores são insignificantes...

A completa vitória do sistema socialista em todas as esferas da economia nacional.

Agora há economia socialista que não conhece crises, desemprego, pobreza, ruína.

Classe exploradora foi eliminada, portanto já não há diferenças de classe.

Sociedade soviética alcançou primeira fase do comunismo, socialismo.

Está agora a avançar para comunismo.

Proletariado foi transformado na classe trabalhadora.

Classe trabalhadora partilha meios de produção com resto do povo.

«But the most important thing is that capitalism has been banished entirely from the sphere of our industry, while the socialist form of production now holds undivided sway in the sphere of our industry... In the sphere of agriculture, instead of the ocean of small individual peasant farms, with their poor technical equipment, and a strong kulak influence, we now have mechanized production, conducted on a scale larger than anywhere else in the world, with up-to-date technical equipment, in the form of an all-embracing system of collective farms and state farms... the kulak class in agriculture has been eliminated, while the sector of small individual peasant farms... now occupies an insignificant place... Thus the complete victory of the socialist system in all spheres of the national economy is now a fact. And what does this mean? It means that the exploitation of man by man has been abolished, eliminated, while the socialist ownership of the implements and means of production has been established as the unshakable foundation of our Soviet society. As a result of all these changes in the sphere of the national economy of the U.S.S.R., we now have a new, socialist economy, which knows neither crises nor unemployment, which knows neither poverty nor ruin, and which provides our citizens with every opportunity to lead a prosperous and cultured life... In conformity with these changes in the economic life of the U.S.S.R., the class structure of our society has also changed... all the exploiting classes have now been eliminated... The proletariat is a class exploited by the capitalists. But in our country, as you know, the capitalist class has already been eliminated, and the instruments and means of production have been taken from the capitalists and transferred to the state, of which the leading force is the working class. Consequently,

there is no longer a capitalist class which could exploit the working class. Consequently, our working class, far from being bereft of the instruments and means of production, on the contrary, possesses them jointly with the whole people... And since it possesses them, and the capitalist class has been eliminated, all possibility of the working class being exploited is precluded.... can our working class be called the proletariat? Clearly, it cannot.... the proletariat of the U.S.S.R. has been transformed into an entirely new class, into the working class of the U.S.S.R. which has abolished the capitalist economic system, which has established the socialist ownership of the instruments and means of production and is directing Soviet society along the road to communism... the working class of the U.S.S.R. is an entirely new working class, a working class emancipated from exploitation, the like of which the history of mankind has never known before. Our Soviet society has already, in the main, succeeded in achieving socialism; it has created a socialist system, i.e., it has brought about what Marxists in other words call the first, or lower, phase of communism. Hence, in the main, we have already achieved the first phase of communism, socialism... we are advancing towards Communism»

Joseph Stalin, *Leninism: Selected Writings* (1942). New York: International Publishers.

STUART CHASE – A New Deal (1932).

Stuart Chase, “A better economic order is worth a little bloodshed”.

“I am not alarmed by the restrictions on freedom, nor even by the bloodshed of the transition period... A better economic order is worth a little bloodshed”.

“We need a new religion... It will be materialistic”.

“Red revolution is a creed, dramatic, idealistic and, in the long run, constructive”.

“Why should Russians have all the fun of remaking a world?”

«I am not seriously alarmed by the sufferings of the creditor class, the troubles which the church is bound to encounter, the restrictions on certain kinds of freedom which must result, nor even by the bloodshed of the transition period. A better economic order is worth a little bloodshed... Finally, revolution can give what no other road promises to give so directly and forcibly — a new religion. It will be based not on rewards in the Hereafter, but on peace, goodwill and plenty on earth today. It will be materialistic... We need a new religion. The elder faiths have followed the economic secular trend downward. The system called capitalism, for all its sprinkling with holy water in the Nineteenth Century, is at heart irreligious, without internal unity... Red revolution is a creed, dramatic, idealistic and, in the long run, constructive.... A nation of 160 million people, occupying one-sixth of the landed area of the planet, has adopted this religion, ... balanced production, the demolition of pecuniary standards, an exciting series of careers, a new religion, ... Groups are actually beginning to form. As yet they are scattered and amorphous; here a body of engineers, there a body of economic planners. Watch them. They will bear watching. If occasion arises, join them. They are part of what HG Wells has called the Open Conspiracy. Why should Russians have all the fun of remaking a world?»

Stuart Chase (1932), A New Deal. New York: The Macmillan Company.

Stuart Chase – Administração FDR e UNESCO.

Após o livro – oficial New Deal, consultor UNESCO. Após escrever este livro, Chase fez parte do grupo interno da administração Roosevelt, como membro da New Deal Resettlement Administration, e tornou-se consultor da UNESCO em 1949.

SUDRE – Socialismo e apriorismo.

De Platão a Thomas More a Proudhon. Alfred Sudre, um francês, recebeu um prémio da Academia Francesa pelo seu livro *Histoire du Communisme* (1849), onde recapitula a história da ideia, de Platão a Sir Thomas More a Proudhon.

Socialismo é obstáculo despótico ao progresso. Conclui que, desde o tempo de Platão, o socialismo sempre tinha sido «*an obstacle to progress*», por substituir liberdade individual com o governo de déspotas. O Socialismo, escreveu, tem sempre sido: «*...an obstacle to progress, has slowed its pace and harnessed itself backwards to the chariot of civilization. Humanity has advanced not because of socialism but in spite of it, developing rather by the gradual extension of property and liberty, of equality of rights and legal enactment, by the progressive enhancement and purification of the principles of marriage and the family; by science, literature and the arts*».

O comunismo significa necessariamente regressão. Na sua história, «*...tried to suppress all those elements of progress and in their place set despotism, equality of degradation, promiscuity and ignorance. All the great revolutions have been achieved outside communism: the abolition of slavery [...] the liberation of the human spirit that mankind owes to the Reformation, to Galileo, Bacon and Descartes; the abolition of feudalism and of inequalities before the law achieved on the night of 4th August*». (pp. 478 - 9)

...ou seja, quando títulos e direitos feudais foram abolidos pela Assembleia Nacional Francesa em 1789. Sudre estava inteiramente convencido de que o socialismo era uma ideia reaccionária, e tinha toda a razão.

Livros surgem na sequência das Revoluções de 1848. Estes protestos surgem na sequência da revolução de 1848, contra o efeito previsivelmente conservador das teorias socialistas. Sudre tinha sido activo pela causa parlamentar na recente revolução, no derrubar da monarquia de Julho em Fevereiro de 1848, e tinha escrito o seu livro como um aviso contra a agitação socialista que tinha sido motivada pela ascensão violenta da Segunda República Francesa.

Sudre critica apriorismo absolutista. Cinco anos depois, numa sequência sobre soberania, Sudre condenou a influência clássica Grega na mente moderna pela sua dedicação fatal ao pensamento a priori – o que Sudre chamou «*its fierce determination to realize, at whatever cost, the conceptions of arrogant theorizing*» .

SUMNER (1902) – Concentração de riqueza permite darwinismo social.

Concentração de riqueza, poder e controlo, mais disciplina, melhor integração.

Ou seja, existem estas pessoas especiais, a oligarquia, que sabe organizar a sociedade.

Concentração de riqueza passo essencial para evolução societal.

«Stated in the concisest terms, the phenomenon is that of a more perfect integration of all societal functions. The concentration of power (wealth), more dominant control, intenser discipline, and stricter methods are but modes of securing more perfect integration. When we perceive this we see that the concentration of wealth is but one feature of a grand step in societal evolution».

Se ao menos nos conseguíssemos livrar destes ideais de liberdade e igualdade...

...abraçaríamos organização e darwinismo social.

«If we could get rid of some of our notions about liberty and equality, and could lay aside this eighteenth-century philosophy, according to which human society is to be brought into a state of blessedness, we might get some insight into the might of the societal organization: what it does for us and what it makes us do...»

William Graham Sumner, "The Concentration of Wealth: Its Economic Justification".
The Independent, 54 (April-June, 1902).

SÍMBOLOS FABIANOS.

Fabian Window – Por vezes, uma imagem vale mais que mil palavras.

Reservada ao círculo interno. Comissionada por George Bernard Shaw em 1910.

Durante 3 décadas, só foi acessível ao círculo interno do movimento socialista.

LOBO. Cota de armas, com o “wolf in sheep’s clothing”. A cota de armas Fabiana descaradamente representa o Socialismo como um lobo com pele de cordeiro.

MEDIEVALISMO. Cenário medieval, trajes medievais. Ou não fosse este um grupo devoto à ideia de retornar o mundo à era medieval.

MARTELAR – “Remould it nearer to the heart’s desire”. G.B. Shaw e Sidney Webb martelam o mundo “into perfection”.

PEASE, o financeiro, alimenta a fornalha fabiana. Edward R. Pease foi membro da London Stock Exchange, e era secretário da Sociedade Fabiana.

ADORADORES CEGOS. Em baixo, os seguidores são adoradores cegos que rezam perante a imagem de propaganda.

WELLS conduz este espectáculo decadente. HG Wells, o propagandista fabiano.

Tartaruga – O princípio fabiano de gradualismo e habituação gradual.

Gradualismo. Reforma, dissimulação, subversão.

Adoptam tartaruga, como símbolo do movimento. Para enfatizar a importância do gradualismo, adoptaram o símbolo da tartaruga, como símbolo fabiano.

Gradualismo – O sapo, a panela e o inferno. Quando se atira um sapo para uma panela de água a ferver, o animal vai imediatamente saltar para fora. Ao passo que, quando a água é aquecida gradualmente, o sapo não reage, e é cozido vivo. As pessoas podem ser transicionadas para o Inferno e acharem que é um sítio bom, desde que a transição seja feita de modo gradual, passo a passo.

Fabius Maximus.

General romano. Que combate Aníbal durante a II Guerra Púnica.

Guerrilha, dissimulação, terrorismo, atraso. Lutava usando táticas de guerrilha, com táticas de dissimulação e terrorismo, e batalhas curtas e debilitantes, evitando batalhas

decisivas. Quintus Fabius recusava travar combates frontais, e atrasava o confronto, cansava o oponente, utilizando táticas de atraso.

THEO ROOSEVELT (1901) – Unitarismo Socialista-Fascista.

Criar unidade de propósito e acção.

Usar a lei para forçar combinação – cartéis, monopólios e tudo o resto.

“...action by the community as a whole”.

“...act in combination...its most effective form comes in shape of law”.

«We cannot possibly do our best work as a nation... unless all of us know how to act in combination as well as to act each individually for himself. This acting in combination can take many forms, but, of course, its most effective form must be when it comes in shape of law—that is, of action by the community as a whole through the law-making body. No hard and fast rule can be laid down as to where our legislation shall stop in interfering between man and man, between interest and interest. All that can be said is that it is highly desirable, on the one hand, not to weaken individual initiative, and on the other hand, that in a constantly increasing number of cases we shall find it necessary in the future to shackle cunning as in the past we have shackled force... It is not only highly desirable, but necessary that there should be legislation which shall carefully shield the interests of wageworkers, and which shall discriminate in favor of the honest and humane employer by removing the disadvantage under which he stands when compared with unscrupulous competitors, who have no conscience and will do right only under fear of punishment. Nor can legislation stop with what are termed labor questions. The vast individual and corporate fortunes, the vast combinations of capital, which have marked the development of our industrial system, create new conditions and make necessary a change from the old attitude of the state and nation toward property»

Theodore Roosevelt, Vice-President of the United States, Speech at Minneapolis, September 2d, 1901.

TROTSKY (1935) – “The Socialist US of Europe, a step toward the US of the World”.

«To the madhouse of capitalist Europe it is necessary to counterpose the program of the Socialist United States of Europe, as a step toward the United States of the World»

Leon Trotsky, “Open Letter for the Fourth International”. *New Militant* [New York], August 3, 1935.

TROTSKY – Ditadura do proletariado – “The road to Socialism”.

Período de intensificação extrema do princípio do Estado.

Antes de desaparecer, Estado assume forma de ditadura do proletariado.

A forma mais virulenta e mais autoritária de Estado.

«The road to Socialism lies through a period of the highest possible intensification of the principle of the State. And you and I are just passing through that period. Just as a lamp, before going out, shoots up in a brilliant flame, so the State, before disappearing, assumes the form of the dictatorship of the proletariat, i.e., the most ruthless form of State, which embraces the life of the citizens authoritatively in every direction» Trotsky, Terrorism and Communism

VANGUARDA.

A ideia de vanguarda, sob socialismo – um conceito aristocrático.

Intelectuais, profissionais, gestores. Gestão da sociedade por intelectuais e profissionais. Peritos, profissionais, tecnocratas, gestores, guardiães, samurais, vanguarda, elite. Os capatazes para gerir população na plantação de servos.

→ Uma casta aparte. Uma casta que gere todas as outras. Mas é ela própria gerida, uma vez que a principal mentira nobre é para os guardiães.

→ HG Wells – A classe dos “samurai”. Uma classe dissociada das restantes, como os samurai no Japão, e daí Wells ter escolhido esse termo em “A Modern Utopia”.

Vanguarda, um conceito aristocrático – aristocracia social. Vanguarda é o próprio conceito de aristocracia.

→ “Pessoas especiais”, “os melhores homens”. A ideia dos “melhores homens para governar”. Toma nos seus ombros “o fardo da governação do homem”. “Pessoas especiais”, mais avançadas, evoluídas, naturalmente qualificadas.

→ Crença aristocrática de divisão entre iluminados e crianças ingénuas. O aristocrata europeu, tipificado no Tory britânico, é alguém que acredita que aqueles que existem pessoas mais avançadas, qualificadas por natureza e formação, para dirigir a massa da sociedade para o futuro. O homem e a mulher comum são demasiado simples para tomar decisões por si próprios e devem até ser mantidos num estado de cândida ingenuidade. Isto também é Bolchevismo.

Planeamento central exige necessariamente uma intelligentsia. Socialismo significa necessariamente governo por intelligentsia privilegiada.

→ Teoria e prática. O governante socialista tem de ser capaz de compreender teoria, uma vez que tem a tarefa de a tentar impor para a prática.

→ Economia planeada exige educação privilegiada. O socialismo tinha de ser baseado em privilégio, dado que apenas o privilégio educa para o devido exercício de poder e planeamento central numa economia socialista.

URSS – A vanguarda bolchevique, aristocrática.

Comité Central composto por elite intelectual, intelligentsia. Comité Central do Partido Comunista, que era composto de intelectuais emigrados que voltam à Rússia após a Revolução de Março.

Socialismo russo atraía aristocracia rural. 1/5 dos bolcheviques era “gentry” aristocrática. Não é uma surpresa que tanto os partidos Bolchevique como Menchevique atraíssem uma proporção excessivamente elevada de “gentry”, patrícios: cerca de 1/5 (22%) do número total, por comparação com uns meros 1.7% da população do Império Russo. O Socialismo atraía naturalmente a mente patrícia.

Poder económico ilimitado. Poder económico ilimitado, que significa poder ilimitado, estilo de vida de magnatas ocidentais, que não pagam impostos, podem viver em palácios e em daschas no campo, ser guiados em limusina, ter acesso a comida de qualidade, iates, lugares na ópera, cuidados médicos, servos.

Socialistas tornam-se casta imperial, nos regimes do povo.

Privilégios de casta dominante. E, sem dúvida, Socialistas tornam-se casta dominante, com poder de tipo oriental. De Lenin, a Ceausescu e a Mao, e à larga generalidade da intelligentsia marxista. Elites governantes do mundo socialista com os devidos privilégios de uma casta dominante.

Poder económico ilimitado. Poder económico ilimitado, que significa poder ilimitado, estilo de vida de magnatas ocidentais, que não pagam impostos, podem viver em palácios e em daschas no campo, ser guiados em limusina, ter acesso a comida de qualidade, iates, lugares na ópera, cuidados médicos, servos.

Deificação após a morte, nos casos de pessoas como Lenin e Mao. Depois, a conclusão majestosa de tudo isto residia na deificação de Lenin e Mao após as suas mortes.

O social é, e sempre foi, o negócio mais lucrativo de todos.

VÍDEO – Gradualismo – Socialismo fabiano.

GRIFFIN – O poder do gradualismo.

Colectivismo melhor instaurado com gradualismo.

ge griffin - step-by-step towards collectivism (Uma das coisas debatidas pelos elitistas na viragem do século quando falavam de, como transformar os EUA num sistema colectivista, era o facto de que não se podia fazer depressa. É preciso deixar as pessoas habituar-se às mudanças gradualmente. Caso contrário, mudanças radicais seriam rejeitadas)

Pessoas aceitam qualquer coisa, se for feito gradualmente.

ge griffin - step-by-step towards collectivism2 (Dessa forma, é possível habituar as pessoas a este processo, e até pensar que é uma coisa boa. As pessoas vão aceitar o gradual aumento do estado, a gradual perda do seu poder de compra, qualquer coisa, se for feito gradualmente)

GRIFFIN – Socialismo fabiano.

“The system we live under, nome vem da fabian society”. *fabianism1 - the system we live under, nome vem da fabian society*

“Quintus Fabius”. *fabianism2 - quintus fabius*

“Gradualism”. *fabianism3 – gradualism*

“Working quietly behind the scenes”. *fabianism4 - working quietly behind the scenes*

“Fabianism & Leninism”. *fabianism & leninism*

VÍDEOS – Comunismo bancário – Socialismo americano.

RUSSO, AJ – Comunismo bancário – Socialismo americano.

(AR – 23:35) *"We talk about America being a capitalist country but at the same time we have a central bank planning everything"*

(AR – 1:25:00) Este já não é um sistema de mercado livre, capitalista.

(AR – 23:30) *"Central banking is one of the major planks of the communist manifesto, and the graduated income tax is another plank of the communist manifesto"*

(AR – 33:40) A América é um país socialista/comunista, hoje em dia. (AR – 37:20)
Hoje em dia, a América é um país socialista, com um banco central.

(AR – 34:00) AJ: comunismo bancário. A ideia deste sistema é usar o dinheiro da classe média para domesticar a classe trabalhadora, e gradualmente erradicar a classe média e acabar com um sistema neo-feudal de duas classes, controlado pelos banqueiros.

WAGNER – “The Jews in music”.

Aparência física desagradável.

Incapazes de produzir boa música.

[O critério de comparação é a brutalidade Wagneriana, de peças como as Valquírias].

Richard Wagner procura demonstrar que o Judeu é incapaz de produzir boa música, num ensaio, *The Jews in Music*. Neste ensaio, argumenta que a aparência física do Judeu tem uma «*unpleasantly foreign quality we involuntarily feel that we desire to have nothing to do with a person who has this appearance*». Depois continua: «*Far more important – in fact, of decisive importance – is the nature of the influence of the Jew’s pronunciation upon us; particularly, this is the essential point of departure in a study of the Jewish influence on music. Particularly repulsive to us is the purely sensual manifestation of the Jewish language. Civilisation has not succeeded in surmounting the peculiar stubbornness of the Jewish character in the matter of the Semitic mode of pronunciation, in spite of their two thousand years of contact with European nations. Our ear feels the absolutely foreign and unpleasant sound of a certain hissing, strident, lisping and choking pronunciation in the Jewish speech; a distortion and peculiar rearrangement of the words and of phrase constructions, entirely foreign to our national language, finally imparts to this pronunciation the character of a confused babbling, to listen to which causes our attention to dwell rather on this repulsive manner of the Jewish speech, than on the substance it conveys. The exceptional importance of this circumstance in explaining the impression made upon us by the musical works of modern Jews must be recognised and emphasised from the outset. If the quality of his mode of speech makes it almost impossible for a Jew to acquire the ability of an artistic expression of his feelings and views through speech, his capacity for manifesting such moods and thoughts in song must be even far inferior, etc*»

WALL STREET REDS – Anos 40 e 50, Lamont, Vanderbilt Field.

O “Wall Street Red”, Vanderbilt Field. Os anos 40 e 50 são uma fase pitoresca, onde temos o “Wall Street Red”, Frederick Vanderbilt Field, que recebe reuniões comunistas na sua penthouse de Manhattan, e até faz parte do quadro editorial do Daily Worker.

Thomas Lamont, da Itália Fascista à Alemanha Nazi ao partido comunista. Wall Street é um microcosmos de vida selvagem onde encontramos algumas vidas fascinantes, como é o caso de Thomas Lamont, o número 2 de JP Morgan. Nos anos 20, Lamont aparece a avançar créditos cruciais aos Fascistas italianos de Mussolini, e é vital no saque financeiro da Alemanha, com os planos Dawes e Young. Nos anos 30, está envolvido no financiamento da indústria de guerra nazi, e nos anos 40 e 50 aparece como um dos principais contribuidores financeiros para o partido comunista americano.

Thomas, Flora e Corliss Lamont financiam a extrema-esquerda. Temos a família Lamont (Thomas, Flora e Corliss) a servirem como os principais financiadores de organizações de extrema-esquerda na América, incluindo o próprio partido comunista.

Corliss era presidente do Friends of the Soviet Union. O próprio Corliss era presidente do Friends of the Soviet Union (mais tarde, National Council of American-Soviet Friendship), e tornou-se o mais célebre patrono do partido comunista americano.

WALL STREET – Socialismo empresarial – Corporativismo.

WALL STREET – Banqueiros pró-socialistas.

Simpatia genérica de figuras de Wall Street em relação a socialismo.

Alguns nomes de destaque.

Andrew Carnegie.

JP Morgan e Thomas Lamont. Apoiava todos os grupos políticos, fiel à tradição estabelecida por Whitney e Peabody. Thomas Lamont apoiou fortemente comunistas e fascistas. O seu filho, Corliss Lamont, viria a tornar-se um dos líderes dos comunistas em NY.

Rockefeller.

Sidney Warburg.

Bernard Baruch.

WALL STREET – Progressive Party – New Republic.

Progressive Party – Fundado com dinheiro JP Morgan.

→ *Plataforma marxista-monopolista.* Plataforma semi-marxista. Exige a regulação dos grandes negócios mas, ao mesmo tempo, não diz que os negócios de que fala são os da classe média.

New Republic – financiada por Morgan.

→ *Publicita a nova América socialista.* E também temos a The New Republic, a revista que publicita a nova América socialista.

WALL STREET – X Club, NY.

Expoente máximo socialista em NY. Estabelecido em 1903.

Junta financeiros e comunistas. Juntava lado a lado comunistas (como Lincoln Stephens), socialistas (como William English Walling), o banqueiro comunista Morris Hillquit, John Dewey, James Shotwell, Charles Edward Russell, Rufus Weeks e George Perkins (estes dois últimos, da New York Life Insurance Company).

→ George Perkins – “Os males da competição – necessidade de cooperação”. Fundador da New York Life Insurance Company (dominada por Morgan) é um dos maiores denunciadores dos males e desperdícios da competição e das grandes vantagens da cooperação nos negócios.

WALL STREET – Individualismo vs Harmonia.

Dois temas comuns nos esforços literários saídos de Wall Street.

(1) Hostilidade para com laissez-faire – Competição é um pecado. Individualismo, a competição, esforço e iniciativa individual. A filosofia destes financeiros era tudo menos competição laissez-faire. O individualismo tinha de ser excluído do panorama humano, e a competição era imoral.

→ *Desactualizados.*

→ *Desperdício de recursos.*

→ *Destrutivos para sociedade e ideais humanos.*

(2) Cooperação, harmonia, parcerias, consenso. Alternativa: substituir individualismo e competição por cooperação, harmonia, parcerias. Por planos cooperativos e construtivos.

→ *Cooperação voluntária, imposta pelo Estado.* Para estes financeiros, toda a sociedade tem de “*cooperar voluntariamente*” entre si. E o Estado tem de policiar todos os aspectos da vida económica e social, para se assegurar de que existe, de facto, cooperação voluntária.

→ *Slogans: “bem comum”, “boas obras”, “serviço público”.* Sob o disfarce de “serviço público”, “bem comum”, “objectivos sociais”, “safeguard the public interest”, “boas obras”, “o interesse público”, e outras expressões agradáveis ao ouvido.

→ *Face real: legitimação de monopólios e cartéis.*

WALL STREET – A vanguarda empresarial.

Vanguarda empresarial. Financeiros, empresários de cartel, directores-executivos, e enxames de planeadores, burocratas, técnicos, académicos, especialistas de relações públicas, militares, e outros afiliados.

Assume controlo sobre planeamento central. Gere a operação de planeamento estatal centralizado, por forma a estabelecer harmonia, parcerias, cooperação.

Baruch – Brookings – Perkins. E outros.

WALLAS (1889) – US of the British Empire, Federal Republic of Europe.

Em 1889, Graham Wallas escrevia sobre o futuro da Inglaterra estar nos «*United States of the British Empire*» ou na «*Federal Republic of Europe*».

Graham Wallas (1889), *Property Under Socialism*. In “Fabian Essays in Socialism”.
London: The Fabian Society.

WATSON – As raízes aristocráticas e reaccionárias do socialismo.

O socialismo favoreceu os ricos e os privilegiados porque era suposto fazê-lo.

Caracterizado por tradições Tory e reaccionárias.

Os socialistas não lêem os escritos dos seus pioneiros – e os opositores também não.

«It is still widely assumed that socialism...began with nothing but high ideals...one seldom hears its first intentions seriously questioned. The subtext reads 'We meant well'. Hardly anyone seems ready to admit that if socialism favored the rich and the privileged, it may have done it because it meant to do it... I want to ask here why, in defiance of the evidence, the name of socialism still sounds benevolent, why its Tory and reactionary traditions, explicit as they once were, have been so soundly forgotten, and why there are still parties that preserve the name when the thing itself is widely rejected even by its disciples... It seems fair to suspect that socialists do not dare to read the writings of the pioneers; and their opponents, more surprisingly, do not read them either».

Prof. George Watson. The Lost Literature of Socialism.

WELLS (1905) – Estado global – Ouro e energia – Bubble bursts – Darwinismo social.

WELLS (1905) – “The final World State” – Organismo global.

Um êxtase estranho sobre o Estado mundial. HG Wells entrava num êxtase estranho de cada vez que falava na criação do estado do mundo, e dizia coisas como

“A Utopia moderna exige um planeta inteiro”.

“The final World State... a synthetic wider being, where everyone is a cell in the body”.

«No less than a planet will serve the purpose of a modern Utopia... out beyond Sirius, far in the deeps of space... in the twinkling of an eye we are in that other world! ...this infinite world must needs be flattened to get it on one retina. The picture of a solid thing... the final World State... the scheme of a synthetic wider being, the great State, mankind, in which we all move and go, like blood corpuscles, like nerve cells, it may be at times like brain cells, in the body of a man»

H.G. Wells (1905). “A Modern Utopia”.

WELLS (1905) – Utopian Economics – Ouro e créditos energéticos.

A Utopia moderna é global.

“Dinheiro de ouro: Lions, Crosses, sistema duodecimal”.

“Créditos medidos em unidades de energia – Pagamentos em unidades energéticas”.

“Energia obtida a partir de vento, ondas, combustão”.

«No less than a planet will serve the purpose of a modern Utopia... out beyond Sirius, far in the deeps of space... in the twinkling of an eye we are in that other world!

They have money... it is of gold... the inscription declares it one Lion, equal to "twaindy" bronze Crosses... we have come upon that most Utopian of all things, a duodecimal system of counting.

It has been suggested that it is possible to use as a standard of monetary value no substance whatever, but instead, force, and that value might be measured in units of energy. An excellent development this... In my Utopia this has been done... they generate electricity by water power, by combustion, by wind or tide or whatever other natural force is available... Utopian local authorities [make] contracts in which payment [is] in thousands or millions of units of energy»

H.G. Wells (1905). “A Modern Utopia” – “Chapter the Third: Utopian Economics”.

WELLS (1905) – “The bubble bursts – Paper scattered about the world”.

«The Bubble Bursts... What a lot of filthy, torn paper is scattered about the world!... Were there not two men in green sitting on a marble seat?»

H.G. Wells (1905). “A Modern Utopia” – “Chapter the Tenth: The Bubble Bursts”.

WELLS (1905) – Critérios para procriação eugénica.

Rejeição de individualismo procriativo.

Procriação tem de ser regulada pelo estado para melhorar a raça.

Estado monta pré-condições: salário mínimo, ausência de defeitos genéticos.

Ir contra isto é uma conspiração: criança é sequestrada por ‘nós’, e indivíduos são colocados sob dívida compulsiva, eventualmente esterilizados ou mortos.

«...to the modern thinker individuality is the significant fact of life, and the idea of the State, which is necessarily concerned with the average and general, selecting individualities in order to pair them and improve the race, an absurdity... In the initiative of the individual above the average, lies the reality of the future, which the State, presenting the average, may subserve but cannot control. And the natural centre of the emotional life, the cardinal will, the supreme and significant expression of individuality, should lie in the selection of a partner for procreation. But compulsory pairing is one thing, and the maintenance of general limiting conditions is another, and one well within the scope of State activity. The State is justified in saying, before you may add children to the community for the community to educate and in part to support, you must be above a certain minimum of personal efficiency, and this you must show by holding a position of solvency and independence in the world; you must be above a certain age, and a certain minimum of physical development, and free of any transmissible disease. You must not be a criminal unless you have expiated your offence. Failing these simple qualifications, if you and some person conspire and add to the population of the State, we will, for the sake of humanity, take over the innocent victim of your passions, but we shall insist that you are under a debt to the State of a peculiarly urgent sort, and one you will certainly pay, even if it is necessary to use restraint to get the payment out of you: it is a debt that has in the last resort your liberty as a security, and, moreover, if this thing happens a second time, or if it is disease or imbecility you have multiplied, we will take an absolutely effectual guarantee that neither you nor your partner offend again in this matter» H. G. Wells (1905). “A Modern Utopia”.

WELLS (1905) – Condições de vida para a maioria da população.

Dormitórios colectivos – Trabalho a salário mínimo – Comida dada pelo estado.

Salário é gasto em seguros e dívidas.

Premium de seguros contra doença, morte, deficiência, velhice.

Dívidas à comunidade (como, paternidade).

«There will need to be, in the place of the British casual wards [também é feita comparação com as poorhouses], simple but comfortable inns with a low tariff – controlled to a certain extent no doubt, and even in some cases maintained, by the State. This tariff will have such a definite relation to the minimum permissible wage, that a man who has incurred no liabilities through marriage or the like relationship, will be able to live in comfort and decency upon that minimum wage, pay his small insurance premium against disease, death, disablement, or ripening years, and have a margin for clothing and other personal expenses. But he will get neither shelter nor food, except at the price of his freedom, unless he can produce money... in a modern Utopia a man will be free to be just as idle or uselessly busy as it pleases him, after he has earned the minimum wage. He must do that, of course, to pay for his keep, to pay his assurance tax against ill-health or old age, and any charge or debt paternity may have brought upon him» H. G. Wells (1905). “A Modern Utopia”.

WELLS – A influência de HG Wells no seu tempo.

Acesso aberto a vários presidentes americanos. Teddy Roosevelt, Harding, Hoover, FDR.

Apoio Chase Bank. O Chase Bank financiava as estadias de Wells em NY.

Foi uma estrela dos seus tempos.

WELLS (1940) – “The New World Order”.

HG Wells – “The capitalist system never was... Socialism wants a world system”.

Num momento de candura, Wells diz-nos que toda a conversa sobre o sistema capitalista foi mera demagogia, e que a ideia de montar um sistema global coeso é, na verdade, um projecto socialista.

O “sistema capitalista” é um mito, nunca existiu.

A ideia de montar um sistema global é um projecto socialista.

«There never has been anything on earth that could be properly called a Capitalist System. What was the matter with his world was manifestly its entire want of system. What the Socialists were feeling their way towards was the discovery and establishment of a world system»

H.G. Wells (1940). The New World Order.

HG Wells – “...individualism and un-coordinated enterprise, the world’s disease”.

Individualismo e iniciativa descoordenada são a doença do mundo.

Todo o sistema tem de ir, para obter paz mundial.

«It is the system of nationalist individualism and un-coordinated enterprise that is the world’s disease, and it is the whole system that has to go. (...) World peace means all that much revolution.» (p.7)

H.G. Wells (1940). The New World Order.

HG Wells – Movimento para ordem mundial, uma hidra de muitas cabeças.

“The reorganization of the world has to be mainly the work of a "movement"”.

Propósito comum, acção partilhada.

“This movement must be, and it must remain, many-headed”.

«The reorganization of the world has at first to be mainly the work of a "movement" or a Party or a religion or cult, whatever we choose to call it. (...) And to begin with they will do all they can to spread and perfect this conception of a new world order, which they will regard as the only working frame for their activities, while at the same time they will set themselves to discover and associate with themselves, everyone,

everywhere, who is intellectually able to grasp the same broad ideas and morally disposed to realize them... This movement must be, and it must remain, many-headed.»

H.G. Wells (1940). The New World Order.

HG Wells – “Revolução mais profunda que russa – Socialismo mundial”.

“...not merely a political but a profound social revolution”.

“...profounder even than the revolution attempted by the Communists in Russia”.

“It is outright world-socialism, scientifically planned and directed”.

Vai exigir reforma e vastas quantidades de propaganda.

“...collective control of the economic and biological life of mankind”.

«Political federation, we have to realise, without a concurrent economic collectivization, is bound to fail. The task of the peace-maker who really desires peace in a new world, involves not merely a political but a profound social revolution, profounder even than the revolution attempted by the Communists in Russia.» (p.21)

«This new and complete Revolution we contemplate can be defined in a very few words. It is (a) outright world-socialism, scientifically planned and directed, plus (b) a sustained insistence upon law, law based on a fuller, more jealously conceived resentment of the personal Rights of Man, plus (c) the completest freedom of speech, criticism and publication, and sedulous expansion of the educational organization to the ever-growing demands of the new order.» (p. 77)

«The distribution of this essential conception one may call propaganda, but in reality it is education. The opening phase of this new type of Revolution must involve therefore a campaign for reinvigorated and modernized education throughout the world» (p. 73)
(aqui está a falar da UNESCO)

«Now it has to be made clear that these two things, the manifest necessity for some collective world control to eliminate warfare and the less generally admitted necessity for a collective control of the economic and biological life of mankind, are aspects of one and the same process.»

H.G. Wells (1940). The New World Order.

HG Wells – UK e USA tornam-se Socialistas.

«Great Britain, like America, may become a Socialist system with a definitive Revolution, protesting all the time that it is doing nothing of the sort.» (p. 77)

H.G. Wells (1940). The New World Order.

HG Wells – Tecnocracia e “All-Party National Governments”.

Em eras de stress e crise, o jogo partidário pode ser suspenso.

Administração não-partidária, socialista, substitui governo partidário.

“All-Party National Governments and suspension of electoral contests”.

“It would be quite easy to excite a cry for "Competence not Party"”.

«In such times of extensive stress and crisis as the present, the baffling slowness, inefficiency and wastefulness of the party system become so manifest that some of its worst pretenses are put aside. The party game is suspended... why we should not go ahead from where we are to a less impromptu socialist regime under a permanent non-party administration, to the reality if not to the form of a permanent socialist government?» (p. 81)

«It is a logical but often disregarded corollary of the virtual creation of All-Party National Governments and suspension of electoral contests, that since there is no Opposition, party criticism should give place to individual criticism of ministers, and instead of throwing out governments we should set ourselves to throw out individual administrative failures. (...) It would be quite easy now to excite a number of anxious people with a cry for "Competence not Party"» (p. 84)

H.G. Wells (1940). The New World Order.

HG Wells – “Countless people will hate the new world order”.

«Countless people will hate the new world order, and will die protesting against it. When we attempt to estimate its promise we have to bear in mind the distress of a generation or so of malcontents, many of them quite gallant and graceful-looking people.» (p. 111)

H.G. Wells (1940). The New World Order.

HG Wells – Forças policiais compostas de criminosos.

HG Wells queria recrutar os criminosos para as forças policiais. O pretexto dado era de que seria preferível tê-los do lado das autoridades do que contra as mesmas. Na prática, a razão é a mesma que em qualquer sistema comunista, ou fascista, i.e.:

Criminosos não têm problemas em cumprir ordens ilegais ou imorais.

Uma polícia criminosa impõe autoritarismo e a lei do mais forte.

«A sturdy and assertive variety of the new young will be needed for the police work of the world. They will be more disposed for authority and less teaching or creative activities than their fellows.»

Portanto, havia que pegar neste *«this type of temperament»* e *«employ it, win it over, trust it, and give it law behind it to respect and enforce. They want a loyalty and this loyalty will find its best use and satisfaction in the service of world order.»*

H.G. Wells (1940). The New World Order.

WELLS – “Liberal Fascisti, enlightened Nazis, a greater Communist Party”.

“The world is sick of parliamentary democracy”.

“A greater Communist Party, for scientific world-planning”.

«I am asking for a Liberal Fascisti and for enlightened Nazis. The world is sick of parliamentary democracy. The Fascist party is Italy. The Communist is Russia. The Fascists of liberalism must carry out a parallel ambition of a far grander scale. I am proposing that you consider the formation of a greater Communist Party, a Western response to Russia, a party for scientific world-planning» HG Wells, address to the Liberal Summer School, Oxford, July 30, 1932, [The Liberal magazine, Vol. 40].

“H.G. Wells, Liberal Fascist, Enlightened Nazi”.

WILSON e HOUSE – “New Freedom” e “Philip Dru”.

Wilson e a “New Freedom”, feudalismo industrial. Wilson escreveu sobre o novo sistema, a que chamou "new freedom". Seria, na prática, um sistema dominado por banqueiros e pelos seus tecnocratas; em que a população seriam recursos humanos para os capitães da banca e da indústria.

Mandel House, “Philip Dru, Administrator” (1912). Esta 'new freedom' foi o tema da administração de Wilson. Na prática, o real poder era exercido pelo Col. Mandel House, que em 1912 escreveu Philip Dru: Administrator, que advogava socialismo como sonhado por Karl Marx ("socialism as dreamed of by Karl Marx"). House concluiu que o protagonista do romance «*was all that he himself would like to be*».

→ ***Abolição da Constituição.***

→ ***Banco central, IRS.***

→ ***Neo-feudalismo, controlado por uma casta de administradores.***

→ ***Socialismo Marxiano.***

→ ***Destruição de governos existentes, instituição de regimes socialistas.*** No livro, House descrevia um processo, em que os eventos eram manipulados de modo a destruir governos existentes e a estabelecer regimes socialistas no seu lugar.

Politicamente, estes eram os dois homens mais importantes do seu tempo.

House e Wilson são instrumentais para o estabelecimento da Liga das Nações.

WOODROW WILSON – “New Freedom”.

WOODROW WILSON – Domínio por corporações.

Competição individual está démodé.

Daqui para a frente, o mercado pertence a grandes corporações.

«The old time of individual competition is probably gone by... It may come back; I don't know; it will not come back within our time, I dare say... We will do business henceforth when we do it on a great and successful scale, by means of corporations»
Inaugural address as Governor of New Jersey, 17 Jan 1911, PPWW, 2, p. 271; “The Tariff and the Trusts”, 24 Feb. 1912, *ibid.*, pp. 410-411.

WOODROW WILSON – The New Freedom – Business in bed with government.

Na nova ordem, negócios e governo têm de estar proximamente associados.

Estamos na véspera de uma grande reconstrução – revolução silenciosa.

[**Edit**] *«In the new order, government and business must be associated closely... We stand in the presence of a revolution... a silent revolution... We are upon the eve of a great reconstruction... Revolution will come in peaceful guise»*

[**Original**] *«We are in a new world, struggling under old laws... in the new order, government and business must be associated closely... We stand in the presence of a revolution, — not a bloody revolution; America is not given to the spilling of blood, — but a silent revolution, whereby America will insist upon recovering in practice those ideals which she has always professed, upon securing a government devoted to the general interest and not to special interests. We are upon the eve of a great reconstruction... Revolution will come in peaceful guise, as it came when we put aside the crude government of the Confederation and created the great Federal Union which governs individuals, not States, and which has been these hundred and thirty years our vehicle of progress. Some radical changes we must make in our law and practice. Some reconstructions we must push forward, which a new age and new circumstances impose upon us. But we can do it all in calm and sober fashion, like statesmen and patriots»*
Woodrow Wilson (1913), *The New Freedom*

House e Wilson – “Mr. House is my second personality”. Mandel House e Wilson chegaram ao ponto de desenvolver um código privado para que pudessem comunicar

livremente pelo telefone. O próprio Wilson escreveu: «*Mr. House is my second personality. He is my independent self. His thoughts and mine are one*»

WZ FOSTER (1932) – Economia Global – Globalismo & Regionalismo.

William Z. Foster – Mundo soviético será planeado e não terá barreiras tarifárias.

William Z. Foster era o chairman do CPUSA.

O comunismo vai trazer a construção de um mundo novo. «*Communism will inaugurate a new era for the human race, the building of a new world...*»

“URSS traça linhas gerais de nova ordem social para o mundo”.

“As linhas gerais de desenvolvimento para a futura América Soviética”.

“A Communist world will be a unified, organized world”.

“The economic system will be one great organization, based upon planning”.

“...there will be no tariffs or the many other barriers erected by capitalism against a free world interchange of goods”.

«...the Soviet Union now forecasts the general outlines of the new social order that the world is approaching... It foreshadows the broad lines along which the future Soviet America will develop... A Communist world will be a unified, organized world. The economic system will be one great organization, based upon the principle of planning now dawning in the U.S.S.R. The American Soviet government will be an important section in this world organization. In such a society there will be no tariffs or the many other barriers erected by capitalism against a free world interchange of goods...»

William Z. Foster (1932). “Toward Soviet America”.

William Z. Foster – Globalismo e regionalismo.

“Mundo comunista será unificado e organizado”.

“Todos os governos serão unificados numa União Soviética Mundial”.

“Também haverá uniões continentais”.

«*A Communist world will be a unified, organized world. The American Soviet government will join with the other Soviet governments in a world Soviet Union. There will also be, very probably, some form of continental union...*»

William Z. Foster (1932). “Toward Soviet America”.

Leo Strauss – Neoconservadores – Escrita esotérica.

Neoconservadores, discípulos de Leo Strauss.

A administração Bush em peso. Richard Perle – Paul Wolfowitz, “Wolfowitz of Arabia” – William Kristol (Weekly Standard' Chief Editor) – Gary Schmitt (Chairman and director of PNAC) – Dick Cheney – Donald Rumsfeld – Abram Shulsky

Shadia Drury – “They have no use for liberalism and democracy”

«They really have no use for liberalism and democracy, but they're conquering the world in the name of liberalism and democracy»

Shadia Drury [autora de “Leo Strauss and the American Right”], In “*Strong Must Rule the Weak, said Neo-Cons' Muse*”, by Jim Lobe, May 7, 2003, Inter Press Service.

Leo Strauss.

Trotskyista – Pró-nazi – Pai do neoconservadorismo.

Elitismo. Tal como Platão, Strauss acreditava que em cada sociedade, havia aqueles que estavam aptos a liderar, e outros que estavam feitos para ser liderados.

Amoralidade e darwinismo social. Aqueles que estão aptos a liderar são aqueles que percebem que toda a moralidade e ética é relativa ou inexistente, e que só existe um direito natural, o direito dos mais fortes sobre os mais fracos.

Inventar adversários. Uma ordem política só pode ser estável se for mantida unida contra uma ameaça externa. Tal como Maquiavel ou os prussianos, Strauss defendia que, na ausência de uma ameaça externa real, há que manufacturar uma.

Guerra perpétua. De acordo com Strauss, é necessário que haja guerra perpétua, beligerância, hostilidade, maus sentimentos – essa é a precondição para a evolução da humanidade. É isso que permite separar os fortes dos fracos, alcançar níveis progressivamente superiores de força e complexidade. A paz leva à decadência, de acordo com este humanitário.

Dissimulação em tudo, sobre tudo. O engano perpétuo dos cidadãos por parte dos governantes era crítica, dado que o homem comum precisava de ser guiado pelos seus governantes, os “fortes e sábios”, que sabiam o que era “bom” para o homem comum.

Leo Strauss ilumina o motivo de escrita esotérica.

Codificar coisas que impronunciáveis por qualquer homem decente. O próprio Leo Strauss lançou alguma luz sobre o motivo deste tipo de escrita impenetrável e altamente codificada, ao dizer que o esoterismo linguístico é uma abordagem estratégica para quando «*there are basic truths which would not be pronounced in public by any decent man*»

Strauss, Leo (1952) *Persecution and the Art of Writing* (Chicago: University of Chicago Press), p. 36.

“New Liberals”.

“NEW LIBERALS” – Neo-liberais e neo-conservadores.

Os New Liberals de HG Wells.

Separação dialéctica – A dialéctica esquerda-direita. Seguem o sistema dialéctico de Hegel. Ou seja, dividem-se em dois grandes grupos, um para a esquerda e o outro para a direita.

Marxistas culturais. Subversão intelectual e cultural.

Neo-conservadores e neo-liberais. Subversão política, sanções, guerra.

“NEW LIBERALS” – Trotskyistas e marxistas culturais são absorvidos.

Trotskyistas como Burnham, Strauss, Bell, Lewin, Frankfurters.

“Marxistas anti-comunistas”.

Porto seguro nas mais altas esferas, no ocidente. Encontram porto seguro a trabalhar nas mais altas esferas estatais, no ocidente. Tavistock, OSS, MI6, Sorbonne, etc, são alguns exemplos. Universidades, fundações, conselheiros governamentais.